

Universidade Estadual de Campinas  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Doutorado em Ciências Sociais

**MARIA GABRIELA HITA**

**AS CASAS DAS MÃES SEM TERREIRO**

**Etnografia de modelo familiar matriarcal em bairro  
popular negro da cidade de Salvador.**

Campinas  
Janeiro de 2004

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

Universidade Estadual de Campinas  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Doutorado em Ciências Sociais

**MARIA GABRIELA HITA**

**AS CASAS DAS MÃES SEM TERREIRO**  
**Etnografia de modelo familiar matriarcal em bairro**  
**popular negro da cidade de Salvador.**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Ciências Sociais, sob orientação da **Profa Dra. Mariza Corrêa**.

Este exemplar corresponde a versão final da tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 12/03/2004

Banca examinadora:

Dra. Mariza Corrêa (Orientadora)

Dr. Antônio Sérgio Guimarães (USP)

Dr. Russel Parry Scott (UFPE)

Dra. Maria Coleta (UNICAMP)

Dra. Guita Grin Debert (UNICAMP)

---

Campinas  
2004

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	T11/unicamp H63c
V	EX
TOMBO BCI	59016
PROC.	16-117-04
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 41,00
DATA	15/03/04
Nº CPD	

CM00198475-4

Bib, id: 317723

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

H63c

Hita-Dussel, Maria Gabriela

As casas das mães sem terreiro: etnografia de modelo familiar matriarcal em bairro popular negro da cidade de Salvador / Maria Gabriela Hita-Dussel. - - Campinas, SP : [s. n.], 2004.

Orientador: Mariza Corrêa.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Famílias negras - Bahia. 2. Etnografia - Trabalhos de campo. 3. Hermenêutica. 4. Parentesco. 5. Parentesco - Aspectos sociais. 6. Parentesco - Aspectos sociológicos. 7. Parentesco - Bahia. I. Corrêa, Mariza. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Dedico esta tese a seis pessoas muito queridas:

A Camila Hita de Aguiar, minha pequena. A meu pai, Carlos Armando Hita, homem exemplar e grande amor da minha vida. A minha mãe, Maria Magdalena Dussel de Hita, mulher forte, amorosa e decidida, protótipo de matriarca. E a *três* fortes mulheres *in memoriam*, as minhas respectivas avós: Gabriela Juana Champeau de Hita, com a que convivi e me *criei* boa parte da infância; Elsa Ambrosini de Dussel, que não tive o privilégio de conhecer; e a sua irmã Juana Ambrosini Sifreddi, madrinha e avó materna *de criação*.

200409748

## AGRADECIMENTOS

Aos integrantes das duas famílias analisadas, pela disponibilidade para me receber e contar suas vidas durante minhas indiscretas visitas a suas casas, tarefa tão agradável quanto iluminadora; pela amizade lograda com alguns e por tudo o que aprendi ao longo destes anos, de forma especial a Mãe Dialunda, D. Cida (*in memoriam*), Dina, Neneca e Dalva.

A Camila, minha filha de 11 anos, que passou mais da metade da sua vida convivendo com as agruras de uma mãe fazendo doutorado e que foi quem mais vibrou no dia em que coloquei o ponto final nesta “tese”. Agradeço todo seu amor, companheirismo, sua alegria de viver, bom humor e paciência, especialmente suas inúmeras mensagens e desenhos animadores diretamente dirigidos à conclusão deste trabalho.

A meus pais, assíduos leitores e comentadores de tudo o que escrevo e desta tese nas suas distintas versões. Pessoas carinhosas, inteligentes e  *muito especiais* com os quais sempre dialoguei trocando livremente idéias e sentimentos e das quais tenho recebido todo tipo imaginável de apoio. Agradeço a eles o imenso amor. A meus irmãos agradeço o afeto e todo o apoio recebido.

A orientadora da tese, Mariza Corrêa, colega de feminismos e utopias de gênero, agradeço por sua presença constante neste trilhar e por me permitir trabalhar com muita liberdade, sem a qual não teria logrado construir meu objeto de estudo. Ela soube sempre me indicar, com seus certos comentários, por vezes duros, os melhores caminhos a adotar. Foi a antropóloga que me iniciou no fascinante mundo da etnografia. Com Mariza constatei que o verdadeiro mestre não é aquele que se impõe entre o aluno e seu saber, mas aquele que o induz, a descobri-lo por si mesmo.

Aos meus colegas de pesquisa do ECSAS e do departamento de Sociologia da UFBA, amigos de sempre, da vida, de trabalho e dos momentos de prazer: Miriam C. Rabelo, Paulo César Alves e Iara M. Souza, com os quais tenho vivido momentos de incontáveis alegrias e divertidas parcerias – outras nem tanto – na construção de saberes. A eles toda minha gratidão pela enorme parcela de

cada um nos resultados que aqui apresento. A Miriam, especialmente, pelo seu brilho, atentos, meigos e estimulantes comentários a todos meus escritos ao longo dos anos juntas e pela disposição em ler, editorando, a totalidade desta tese, corrigindo as mais visíveis falhas de minha deficiente expressão escrita em português. A Paulo pelos seus sempre agudos e por vezes – não desta vez - angustiantes comentários metodológicos. A Iara, a delícia e tormento da vivência comum de ter que concluirmos em tempo nossos doutorados. A todos os outros integrantes e amigos achegados ao ECSAS – pelo que significa para mim participar de um grupo de pesquisa com as características e peculiaridades do mesmo, especialmente as gratificantes e consagradas tardes de estudo das sextas de muitos anos, onde lemos autores como Heidegger, Sartre, Schutz, Bourdieu, Giddens, entre outros.

A CAPES, pela concessão da bolsa PICDT, sem a qual teria sido impossível me dedicar quatro anos exclusivamente ao estimulante período intelectual de doutoramento.

Aos colegas do Departamento de Sociologia da UFBA, pela liberação de afastamento por mais de quatro anos consecutivos e pela solidariedade na distribuição aliviada de disciplinas quando foi necessário voltar à ativa.

A Unicamp, pelos diversos apoios financeiros para a participação em congressos, trabalho de campo na Bahia, contatos e cursos proporcionados.

A Angelo Sampaio, meu bolsista de iniciação científica pelo PIBIC/CNPq entre 2002 e 2003 – ano da escrita da versão definitiva desta tese e de todo tipo de peripécias no ECSAS, na coleta e análise de dados do IBGE e SEI – que habilmente organizou os genogramas, fotos, tabelas, plantas, apêndices, anexos, bibliografias e formatações finais da tese. Angelo foi outro importante leitor da totalidade desta tese. Espero que sua primeira experiência como jovem pesquisador frutifique e continue a desenvolver sua elevada capacidade intelectual.

A Fátima de Souza Hita, da equipe Hita-Engenharia, pelas detalhadas plantas arquitetônicas das casas das duas famílias, que demandaram dias de trabalho e um conhecimento especializado sem

os quais não seria possível contar com plantas tão fidedignas e precisas da proporcionalidade do espaço ocupado pelos cômodos das casas.

A Ana Maria Goldani, orientadora do primeiro projeto de pesquisa na Unicamp sobre esterilização, e as equipes do Nepo e Cemicamp que muito influíram no amadurecimento daquele projeto de pesquisa nos dois primeiros anos de doutorado – 1997 a 1999 – idéias que espero algum dia retomar. De forma muito especial, agradeço o contato com as professoras Elza Berquó, Maria Coletta de Oliveira e Maria Isabel Baltar da Rocha, no Nepo, e do Dr. Aníbal Faúndes e Ellen Hardy, no Cemicamp, pessoas com as quais tenho desenvolvido valiosos intercâmbios.

A outros professores, alguns hoje bons amigos, cujos cursos, diálogo estimulante, conselhos, distintos intercâmbios acadêmicos e momentos compartilhados nos últimos anos contribuíram no meu amadurecimento intelectual. Estão especialmente guardados no meu coração: Gabriel Cohn, Otavio Ianni, Suely Koffes, Robert Slenes, Guita Grin Debert, Maria Filomena Gregori, Heloísa Pontes, Renato Ortiz, Vanessa Lea e Maria Moraes, que conheci na Unicamp; a Elena Urrutia (do México); Claudia Fonseca, Parry Scott, Ondina Fachel Leal e Cynthia Sarti, de outros centros de pesquisa, com os quais tenho tido algum diálogo e compartilhado algumas perspectivas de análise.

Ao grupo de colegas do doutorado do IFCH-UNICAMP, em especial ao grupo de estudos de alunos da pós-graduação sobre Gênero e Família formado na Unicamp entre 1998 e 2001 que produziu a coletânea *Gênero em Matizes* – projeto coletivo que demandou bastante fôlego e gerou estimulantes debates. Em especial às(os) amigas(os): Osvaldo Fernández, Martha Ramires, Ana Paula Uziel, A. Mércia Silva Roberts, Ana Claudia Pacheco, Flavia Motta, Paula Camboim e Elisiane Pasini.

Aos novos e velhos amigos do peito, pela solidariedade, força e afeto com que me brindaram durante meus quatro anos na cidade de Campinas e nos seguintes na Bahia. Meus principais agradecimentos a Carola Rapp – amiga da Bahia desde o ginásio – (e a sua filha Marina); aos latino-americanos: Juan Guillermo Figueroa, Patricia, Ines e Verónica Dussel, Nelson Moreno Salazar, Edgar Mendoza; aos nordestinos: Rogério Proença (assim como a Francila e o pequeno

Cauê), Cláudio Luiz Pereira, Alex Fiúza; e à minha melhor amiga de Campinas, a simpática Cris (assim como a Jorge, Daniel e as pequenas Verônica e Carolina) que tão amigos e presentes se fizeram nesse período, especialmente no difícil momento do acidente automobilístico em Outubro de 1999.

A muitos outros amigos, conhecidos e pessoas queridas que mesmo sem as nomear também fazem parte da minha vida na minha passagem pela Argentina, México e Brasil e que de uma forma ou outra participaram do meu trilhar e que parcialmente aqui apresento neste momento.

*'Pensamento', diz meu dicionário (que, dada a ocasião, e, bastante apropriadamente, o American Heritage) tem dois significados principais: (1) 'o ato ou processo de pensar; cogitação', e (2) 'o produto do pensar; idéia; noção'. Para esclarecer o primeiro, amplia-se o conceito de 'processo' listando uma série de, como diríamos, fenômenos psicológicos internos: 'atenção', 'expectativa', 'intenção' e até mesmo 'esperança', dando a entender que a lista poderia incluir desde a memória e o sonho, até a imaginação e o cálculo, ou seja, tudo aquilo que, de alguma forma, possa ser definido como um 'ato mental'. Para esclarecer o segundo, dá-se o significado de 'produto'; nesse caso, temos pomposa e indiscriminadamente, quase tudo aquilo que chamaríamos de cultura: 'a atividade ou produção intelectual de uma época ou grupo social específico'. Pensamento é o que acontece dentro de nossas cabeças. E pensamento, principalmente quando vários deles são agrupados, é também o que sai de nossas cabeças. (GEERTZ, 1998, p.220).*

## RESUMO

*A Casa das Mães sem terreiro: etnografia de modelo familiar matriarcal em bairro popular negro da cidade de Salvador* é um estudo descritivo e longitudinal – realizado entre os anos de 1992 e 2003 – em duas extensas redes de parentesco matriarcais chefiadas por duas avós. Esta “etnografia familiar” foi desenvolvida através da interpretação hermenêutica das múltiplas narrativas elaboradas por seus membros, de observação das relações intra-grupo e das transformações impressas ao longo dos anos no próprio espaço de suas respectivas casas. *Casa*, como em Lévi-Strauss, é entendida enquanto espaço físico e geográfico, mas também como categoria social, isto é, como identidade grupal, pois a casa é o lugar por excelência onde se constroem e posicionam os distintos corpos que a ocupam e fundam. Com e através da *casa* os indivíduos constroem representações de si e do mundo, mediante a relação que estabelecem com outros, dentro e fora dela. No estudo do modelo familiar matriarcal interessou especialmente compreender a modalidade da chefia feminina em questão, o que levou à re-atualização do conceito de “*matriarcado negro*” através da idéia de “*matriarcalidade*”, entendida nesta tese como uma das formas adotadas pela *matrifocalidade*.

**Palavras chaves:** Casa, etnografia espacial, etnografia familiar estudo do espaço, relações de parentesco, modelo matriarcal de família, chefia feminina, famílias negras, família extensa matriarcal, redes sociais e de parentesco, estudo hermenêutico de narrativas, família e pobreza no Nordeste brasileiro, chefia feminina em famílias de classe trabalhadora nordestinas.

## ABSTRACT

*The House of Mothers with no “terreiro\*”: ethnography of matriarchal family model in black popular neighborhoods in the city of Salvador* is a descriptive and longitudinal study – realized between 1992 and 2003 – in two large family networks led by two grandmothers. This “family ethnography” was developed from the hermeneutic interpretation of many family members’ narratives, and from the observation of intragroup relationships and the transformation of the houses over the years. *House*, as in Lévi-Strauss, is taken to mean a physical and geographical space, but also a social category, similar to a group identity, since the house is the place where bodies who founded and live in it also get “constructed” and occupy specific spaces themselves. With and through the house, individuals construct representations of themselves and of the world, establishing relationships with others inside and outside house. In the study of the matriarchal family model, there was a special interest in comprehending the modality of female leadership itself, which brought about a revision of the concept of Black Matriarchy (or *The Black Family*) through the idea of *matriachality*, intended in this thesis as one of the forms adopted by the *matrifocality*.

\*Terreiro: Area for Afro-Brazilian religious rituals.

**Key words:** House, Spatial Ethnography, Family Ethnography, Spatial Study, Kinship, Matriarchal Family Model; Matriarchal Female Leadership, Matriarchal Black Family, Large Matriarchal Family, Networks and Kinship; Hermeneutic Narrative Study, Family and Poverty in Brazilian Northeast, Female Leadership in the Northeast Brazilian Family Working Class

# SUMÁRIO

<b>Apresentação .....</b>	<b>1</b>
<b>Introdução: modelos familiares extensos chefiados por mulheres: uma volta à noção de matriarcalidade? .....</b>	<b>5</b>
Consangüinidade, afinidade, consideração e co- residência em definições de parentesco; modelo universal x alternativos de famílias .....	5
Matriarcado, matrifocalidade ou matriarcalidade?.....	11
Desenho da pesquisa.....	20
<b>Capítulo I – Entrando em contexto: trajetórias, narrativas e hermenêutica: uma elucidção da área de estudo .....</b>	<b>29</b>
Estudos de contexto e fenomenologia .....	29
A ocupação do espaço e a pobreza urbana em Salvador .....	35
Descrição da área: o Nordeste de Amaralina .....	37
Identidades, diferenças e estilos de vida no Nordeste de Amaralina .....	44
A violência no Nordeste de Amaralina .....	52
Famílias e trajetórias femininas .....	57
O modelo extenso de família .....	66
Composição familiar no Nordeste de Amaralina em estatísticas .....	69
Famílias chefiadas por mulheres (FCM) .....	76
Representações e práticas .....	85
<b>Capítulo II – Mãe-vó-bisa na casa de Mãe Dialunda: chefia feminina em arranjo matriarcal extenso .....</b>	<b>91</b>
Apresentação do cenário .....	91
Atos e principais personagens desta saga familiar .....	100

Primeiro ato: vida de Mãe Dialunda no passado .....	100
Primeira personagem central: Mãe Dialunda .....	105
Segundo ato: vida de Mãe Dialunda e Dalva - passado recente .....	121
Segunda personagem central: Dalva .....	124
Terceiro ato: desfecho familiar no presente .....	134
<b>Capítulo III - “Só eu que sou avó, mãe e pai” na casa de D. Cida Parteira: outro modo de</b>	
<b>chefia feminina .....</b>	<b>139</b>
Apresentação do cenário .....	139
Atos e principais personagens desta saga familiar .....	148
Primeira personagem central: Dona Cida .....	148
Primeiro ato: Neneca e Dina no passado .....	160
Segunda personagem central: Neneca .....	166
Segundo ato: Neneca e Dina em passado recente .....	177
A circulação de bens .....	183
Terceira personagem central: Dina .....	186
Terceiro ato: os netos de D. Cida: nova fase do conflito .....	200
<b>Capítulo IV – A casa na reprodução da vida, do corpo e do espaço: lugar e ethos de famílias</b>	
<b>matriarcais extensas .....</b>	<b>207</b>
Descrição do espaço das casas em meio popular urbano baiano .....	213
<i>Casa</i> de Mãe Dialunda .....	226
Breve história da casa com principais transformações espaciais .....	226
Circulação de pessoas no uso da casa: idas e vindas de moradores .....	234
Novas casas no tempo: estabelecidos e excluídos .....	237
Negociação Nívea (N) – Etiê (e) .....	247
Casa Dona Cida Parteira .....	250
Breve história e descrição da planta original da casa .....	250
Circulação de pessoas no uso da casa: idas e vindas de moradores .....	256
Principais transformações espaciais e surgimento de novas casas .....	260

<b>Conclusão: Qual é o lugar do homem no modelo matriarcal? .....</b>	<b>283</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>301</b>
<b>Apêndices .....</b>	<b>313</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>325</b>



## APRESENTAÇÃO

Quando postulei o doutorado da Unicamp, tinha em mente desenvolver um projeto de pesquisa muito específico: explorar a relação existente entre esterilização feminina (campo da saúde reprodutiva) e saúde mental em mulheres pobres do Nordeste brasileiro, supondo ser o arrependimento da ligadura tubária o campo por excelência para desenvolver minhas hipóteses sobre o tema. Distintos motivos, que não cabe aqui explicitar detalhadamente, levaram à modificação profunda desta proposta inicial. Considero importante, entretanto, situar essa trajetória da pesquisa para entender como o objeto de estudo nasceu e se conectou com outros temas abordados em pesquisas anteriores (duas sobre saúde mental, outra sobre saúde reprodutiva), realizadas na mesma área de estudo e com pessoas dos grupos domésticos selecionados para esta tese. Questões prioritárias àquele projeto focado na esterilização e reprodução feminina foram se transformando, readaptando, ficando em segundo plano, e algumas até sendo excluídas. O contexto no qual seriam estudadas essas questões – a família pobre em um bairro negro da cidade de Salvador – era, naquela pesquisa<sup>1</sup>, um pano de fundo, uma temática secundária a ser desenvolvida. Esse contexto familiar foi o aspecto que passou a ser o objeto de estudo desta tese.

A decisão de ampliar o campo de observação e enfrentar a temática familiar em dois arranjos extensos dessa comunidade foi um estimulante desafio, o modelo familiar matriarcal popular tornou-se eixo de novas indagações. Durante o trabalho de campo as dimensões analíticas de “espaço” e “tempo” ganharam peso e foram diretrizes fundamentais em momentos de observação e análise de dados de pesquisas anteriores e de novos construídos sobre duas famílias ao longo de mais de dez anos de contato e visitas continuadas a informantes de ambas redes de parentesco. Trata-se de um estudo etnográfico longitudinal sobre dois grupos de parentesco matriarcais extensos em camadas pobres e negras da cidade Salvador, desenvolvido através da observação das relações intragrupo e das transformações manifestas no próprio espaço de suas respectivas “casas”<sup>2</sup> (*casa* entendida enquanto espaço físico e geográfico, mas também como categoria

---

<sup>1</sup> Ver Hita (2000).

<sup>2</sup> Para estudos sobre a correlação entre espacialidade e pobreza, ver Niemeyer (1985), Caldeira (1992) e Marcellin

social, i.e., como identidade grupal), pois elas são um lugar onde se constroem e posicionam os distintos corpos que a ocupam e fundam. Com e através da *casa* os indivíduos constroem representações de si e do mundo, mediante a relação que estabelecem com outros, dentro e fora dela. Neste modelo familiar matriarcal interessou especialmente explorar a questão da chefia feminina. A especificidade do tipo de chefia feminina observada levou-me a re-atualizar a idéia de “matriarcado” através do conceito de “matriarcalidade”.

A centralidade da figura feminina e o papel exercido pelas mulheres, além de ser colocado por vários autores como um traço característico da sociedade baiana e um dos principais legados re-inventados de tradições afro-religiosas<sup>3</sup>, parece-me ser um eixo “estruturador-estruturante” do modo de ser e de reproduzir-se deste modelo familiar, atualizado pelos dois arranjos estudados.

O corpo da tese, situado no campo de estudos de gênero e família, está composto por quatro capítulos de teor predominantemente etnográfico, antecedidos por uma introdução e seguidos de uma conclusão.

Na Introdução, com o título “Modelos familiares extensos chefiados por mulheres: uma volta à noção de matriarcalidade?”, se apresentam os principais objetivos, hipóteses e estratégias metodológicas adotadas para abordar o tema da matriarcalidade entendida aqui basicamente como uma forma específica de matrifocalidade.

A partir de diversas fontes de dados e num esforço articulado de triangulação metodológica, o Capítulo 1 apresenta uma visão do contexto em que estão inseridos os dois grupos de parentesco estudados, com dados quantitativos e qualitativos sobre o bairro, famílias e mulheres da comunidade, dando especial destaque à temática da chefia feminina na sociedade brasileira.

Os Capítulos 2 e 3 apresentam os primeiros dados e narrativas da nossa “etnografia familiar”, construídos a partir das vozes dos próprios informantes das duas famílias matriarcais estudadas:

---

(1996, 1999).

<sup>3</sup> Ver trabalhos de Bastide (1961); Harding (2000); Landes (1967); Lima (1977, 1998, 2003); Segato (1985); Silverstein (1979); Woortmann (1987); entre tantos outros, onde se recuperam teses sobre matrifocalidade/matriarcalidade na Bahia.

uma chefiada por uma parteira e outra por uma mãe-de-santo. O modelo matriarcal característico destas duas famílias vai sendo demonstrado na descrição das distintas personagens e suas interações. Descrevem-se os personagens centrais da trama e suas relações para resgatar o curso de vida de cada grupo familiar, a fim de caracterizar cada grupo e a forma de manifestação da “matriarcalidade” em cada um deles ao longo do tempo.

O Capítulo 4, também de teor etnográfico, é um capítulo que sintetiza uma série de questões da tese. Desenvolve o argumento de que o exercício da matriarcalidade está diretamente atrelado ao uso e transformações do próprio espaço físico, a casa, ao longo do tempo, ilustradas através de distintos mapas das diversas estruturas e modos de ocupações da mesma. Aqui se retomam, em parte, as histórias descritas nos capítulos anteriores desde o olhar da trajetória espacial e se introduzem novos “personagens” (membros) de ambos grupos nas suas multifacetadas relações pela posse de um lugar na casa e na família.

Na Conclusão se retomam elementos centrais abordados ao longo dos capítulos etnográficos sobre a especificidade e particularidade deste tipo de modelo matriarcal descrito, explicitando elementos para sua definição, e se lançam algumas indagações que emergiram a partir do estudo sobre o lugar que nele ocuparia o homem.

# INTRODUÇÃO: MODELOS FAMILIARES EXTENSOS

## CHEFIADOS POR MULHERES: UMA VOLTA À NOÇÃO DE MATRIARCALIDADE?

[...] *The crucial question, therefore, is not Who is doing anthropology? But What kind of anthropology is being done?* (MADAN, 1994 apud MARCELIN, 1996, p.1).

CONSANGÜINIDADE, AFINIDADE, CONSIDERAÇÃO E  
CO-RESIDÊNCIA EM DEFINIÇÕES DE PARENTESCO;  
MODELO UNIVERSAL X ALTERNATIVOS DE FAMÍLIAS

Se admitirmos que o estudo da cultura, sistemas simbólicos e sentidos que preocupam a antropologia é o estudo dos termos fundamentais pelos quais as sociedades se vêem, se pensam e situam no mundo, conceitos como os de família, parentesco, casa, grupo doméstico, para citar apenas alguns deles, só fazem sentido quando permitem dar conta das significações que carregam nas relações sociais dos seus próprios portadores. Este é o postulado mais amplo do qual parte esta pesquisa.

“Família” e “relações de parentesco” são considerados entre os mais importantes princípios organizadores em quase todas as sociedades. Na brasileira, em particular, esses termos têm sido associados com frequência ao da “*casa*” (DAMATTA, 1978, 1985, 1987b; FREYRE, 1933; MARCELIN, 1996, 1999; WOORTMANN, 1987). Uma família ou rede de parentesco se define muitas vezes pela sua correlação com a residência. No Ocidente, as palavras casa (*maison*), grupo doméstico<sup>1</sup> (*maisonnée* ou *household*), lar (*demeure* ou *home*), família, entre outras, têm sido freqüentemente tratadas como sinônimos de “família”, para dar conta da diversidade de experiências sociais referentes ao tipo de interações íntimas e domésticas que têm lugar em

---

<sup>1</sup> O termo *household* consagrou estudos associados às idéias de grupos de pertença, ciclo de desenvolvimento, consumo e produção de grupos domésticos. De forma muito geral esse termo associa estudos de parentesco ao critério de co-residência.

variadas sociedades humanas. Além do critério da co-residência (que nem todas abordagens utilizam), os de consangüinidade, afinidade e “consideração” também são utilizados para definir parentesco.

Mas o que são exatamente relações de parentesco? Qual a sua relação com a noção de família e a de grupo doméstico? Depende de como são concebidas e entendidas essas categorias por cada autor, disciplina ou corrente? Pode-se, de fato, tratá-las como sinônimos? Haverá alguma característica universal que identifique o que seja “a família” no Ocidente e em culturas não ocidentais? Trata esta idéia de um modelo único e flexível que abarca e permite a realização de diferentes soluções contingentes? Pensar numa multiplicidade de tipos e sub-tipos de organizações domésticas e familiares concretas coloca em questão o que se entende por “a família”? Como definir objetivamente o que seja de fato “a família” no passado e na atualidade, se, argumentam certas posturas, temos nos deparado com um conjunto diverso de composições e organizações domésticas ao longo da história em todas as sociedades passadas e as atuais? Seria mais útil falar de “famílias” no plural? Como proceder para defini-la(s) e medi-la(s) precisamente?

Estas, entre outras, são algumas preocupações que mobilizaram estudos de parentesco da Antropologia Clássica ao observar estilos de vida de outras culturas, e que continuam ocupando a Antropologia contemporânea no estudo das nossas sociedades atuais, assim como à Sociologia, à História, à Demografia e disciplinas correlatas. A forma de definir parentesco e família tem variado no tempo e segundo distintas perspectivas<sup>2</sup>. Não é o meu objeto desenvolver aqui estas questões. Pretendo apenas apontar para a complexidade destes temas e para alguns dos dilemas que têm sido levantados neste campo de estudo, que até dias atuais continua sendo acometido de imprecisões e confusões conceituais, teorizações as mais diversas.

Um dos mais importantes critérios usado para definir e classificar aqueles indivíduos designados como parentes é o do “sangue”. A idéia de parentesco está associada em grande medida aos laços de consangüinidade, à ascendência materna e paterna, à colateridade e à descendência. O

---

<sup>2</sup> Ver a respeito Lasch (1991), Marcelin (1996), Schneider (1984) e Woortmann (1987), que fazem um detalhado levantamento analítico sobre a literatura dos estudos de parentesco e da instituição da “família”.

princípio de sangue é um princípio classificatório que aciona mecanismos sobre a visão do si, do nós e dos outros; do próximo e do afastado; do igual e do outro na família, no parentesco e na sociedade em geral; mas também opera como um princípio classificatório moral informado pelos contextos sócio-culturais produtores de diferenças em toda e cada sociedade.

Se a essência do parentesco passa pelo sangue<sup>3</sup>, a sua efetividade, entretanto, pareceria só dar-se pela *consideração*, afirmam certos autores como Marcelin (1996) e Woortmann (1987), valorizando o caráter do parentesco social ou fictício, para além do físico-biológico. Isto é, o parente só é parente quando reconhecido como tal. Pela *consideração* se pode tornar um parente consanguíneo mais próximo que outros (excluindo outros), ou até tornar uma pessoa não consanguínea em parente, num tipo de “parente fictício”, mediante adoção ou compadrio.

Entre grupos populares brasileiros as concepções de família e de parente passam tanto pelo princípio da bilateralidade do sangue, como pelo da consideração (DAMATTA, 1987a; MARCELIN, 1996; WOORTMANN, 1987). O “sangue” remete a uma substância comum partilhada por indivíduos originados dos mesmos pais e mães, e que pela bilateralidade distinguem seu lado paterno e materno. Já o princípio da consideração, aciona mecanismos de seleção, integração e exclusão, mediando relações de afinidade, amizade, vizinhança, apadrinhamento ou pertencimento a um grupo, transformando o parentesco fictício em efetivo ou operante. Ele torna relativa a eficácia do princípio do sangue ao instituir a modalidade da escolha, através da qual o parente *em princípio* pode tornar-se um parente *efetivo* ou pode também ser excluído por este mecanismo. É esta uma idéia próxima àquela de parentesco social ou fictício discutido por Schneider (1984). De forma mais explícita encontramos esta noção em Ayres Machado (1998), Marcelin (1996), Stack (1974), Woortmann (1987), e no contexto de estudos sobre grupos negros. DaMatta (1987a) também recupera a idéia de “consideração”. Este princípio de parentesco é essencial no entendimento da matriarcalidade, do qual tratarei adiante, e que por isso é aqui rapidamente retomado.

---

<sup>3</sup> Segundo Schneider:

A idéia da sociedade baseada no parentesco, o idioma do parentesco, a idéia de que o parentesco e família são a base de toda vida social, de que o parentesco é um sistema especialmente privilegiado, que o parentesco era a primeira, ou uma das primeiras formas da vida social – todas essas idéias não fazem sentido sem a suposição fundamental de que *o Sangue é Mais Denso do que a Água*. Não há dúvida de que seja qual for o modo como forem ordenadas, tanto a reprodução física como a social serão funcionalmente pré-requisitos para qualquer forma de vida social. (1984, p. 15).

Nos estudos clássicos de parentesco pode-se observar o debate que se estabelece entre duas correntes que se apresentaram por vezes como antagônicas. Uma delas defendia a prioridade de laços de aliança (relação matrimonial entre esposo-esposa) na formação ou origem de uma nova família sobre os laços consangüíneos ou de descendência (relação de sangue entre pais-filhos). A outra vertente postulava o oposto, ou seja, priorizava o domínio da descendência ou filiação sobre os laços matrimoniais, indicando não ser este último aspecto condição suficiente para se pensar em um núcleo familiar completo. Radcliffe-Brown foi o principal expoente das teorias de descendência. Lévi-Strauss, por sua vez, deu maior atenção aos laços matrimoniais, fazendo das significações do casamento e aliança o centro da sua teoria. Em seus estudos sobre a *casa* (*maison*), entretanto, Lévi-Strauss buscou ultrapassar a oposição do par filiação/aliança, pois *casa* é um termo que cobre uma série de práticas familiares, da domesticidade e do parentesco, que inclui, muitas vezes ambos princípios. O espaço doméstico e privado da casa tem sido privilegiado por várias perspectivas teóricas no estudo das regras do afeto e de valores familiares e é a categoria central deste estudo para compreender a matriarcalidade, modelo familiar centrado na díade mãe-filhos, em que os laços de consangüinidade e os da descendência/ascendência têm prioridade sobre os de afinidade e alianças.

Durante décadas o modelo nuclear isolado de família norte-americana desenvolvido na teoria de Parsons (1956) – que foi altamente influenciado pelas perspectivas de Malinowski (1963) e Radcliffe-Brown (1973) – foi tratado pela literatura especializada em família como “o modelo universal” e o mais desenvolvido em sociedades modernas. Este modelo articula poderosamente a idéia de afinidade e consangüinidade, mas tropeça no etnocentrismo ao defender a sua universalidade e hegemonia em sociedades modernas industrializadas e ocidentais e ao encobrir as diferenças encontradas ao entendê-las como formas incompletas do modelo tido como ideal.

A partir dos anos 60 e 70 do séc. XX, surgiram novos olhares no campo de estudos da família advindos da História, da Demografia e das Ciências Sociais, com novas propostas metodológicas e epistemológicas de estudar o passado e o presente. Passou-se a revisar a visão que se tinha do passado questionando a tese de ser o modelo de estirpe e de famílias tronco da Europa “pré-transicional” o modelo hegemônico ou único daquela fase histórica, assim como a idéia de que o

processo de transição para sociedades modernas tivesse respondido sempre a um mesmo padrão (ANDERSON, 1984; LASCH, 1991)<sup>4</sup>. No presente se passou igualmente a criticar o paradigma americano de família nuclear como padrão hegemônico, único e estágio superior da modernidade.

Nesta direção, o revisionismo sócio-antropológico das últimas décadas se centrou em três questões básicas: a) a re-descoberta da família extensa, b) o renascimento do amor romântico (fortemente estigmatizado por patologistas sociais), e c) um ataque liberal à família nuclear, considerada a fonte de grande parte das patologias da sociedade contemporânea, propondo a supressão da socialização (famílias de casais sem filhos) e maior flexibilidade nas relações de conjugalidade (LASCH, 1991). A partir daí um novo olhar sobre o campo passou a repensar as formas como se tratavam e definiam as principais categorias de análise. Caminhou-se na direção de ver a família no plural e não mais através de um único modelo. Assim enquanto os trabalhos anteriores tendiam a tomar modelos distintos e alternativos de família – quando estes eram detectados – como formas desviantes, incompletas ou parciais do modelo aceito como padrão, a nova leva de estudos desenvolveu um olhar mais aguçado para perceber os diferentes tipos de arranjos e a interpretá-los sem subsumi-los a uma matriz hegemônica. Dos três tipos de críticas citadas por Lasch é a primeira delas, a re-descoberta da família extensa, a que está diretamente relacionada com o tema que aqui nos interessa abordar.

Atacando a idéia de isolamento da família nuclear defendida no modelo parsoniano, diversos estudos mostram que o papel do parentesco em várias sociedades foi, e é ainda hoje, mais

---

<sup>4</sup> Estudos da Demografia Histórica e da Nova História sobre o tema apontam resultados variados e levantam distintos aspectos do debate. Alguns trabalhos questionam a representatividade da família de estirpe no passado europeu procurando demonstrar uma certa tendência anterior à formação de famílias pequenas e de caráter nuclear. Laslett (1984), por exemplo, trata o tema da “ilegitimidade” e de “quedas da idade ao casar” como sendo indicadores de crise de emoções tradicionais, apontando estes indicadores como uma mudança de valores patriarcais e uma passagem para um modelo mais individualista e moderno que estaria presente em sociedades pré-transicionais. Aborda o surgimento dos afetos, do amor romântico, supondo que em modelos anteriores essas manifestações de afeto fossem bem menores. Outros estudos, pelo contrário, questionam esse tipo de resultados e conclusões apontando a necessidade de considerar aspectos referentes aos distintos estágios e processos pelos que passam as famílias ao longo dos seus  *cursos de vida* – passando por períodos extensos e outros nucleares (BERKNER, 1972, 1975). Este autor combina diversos tipos de fontes de dados em seus estudos – desde as demográficas, literárias, aos documentos sobre sucessão de propriedades (herança) – para tentar identificar os tamanhos das famílias. Na sua abordagem sobre a importância de levar-se em conta o momento do curso das famílias utiliza o controle importante da idade do chefe. Observa nos seus estudos que 60% das unidades domésticas com chefes jovens tem pais morando juntos e como isto vai se modificando ao longo do tempo. Berkner chega à interessante conclusão – implícita nos estudos de cursos de vida (para isto ver também Hareven, 1978) – de que a família extensa é parte de um momento na vida das pessoas.

importante do que se pensava, especialmente em bairros operários e de baixa renda, onde a maior dificuldade econômica impede que filhos adultos (em início de vida conjugal ou familiar) criem seus próprios lares, sendo muitos deles forçados a continuar vivendo com seus respectivos pais, mediante a co-residência de distintos núcleos e gerações em uma mesma casa. Isto é em certa medida o que nesta tese denomino de arranjo familiar extenso. O modelo extenso de família que descrevo adiante pode estar correlacionado com atuais políticas habitacionais e às conseqüências da pobreza, e não ser somente resultado de uma herança cultural africana na Bahia. Não o entendo como um modelo remanescente de estruturas arcaicas de um passado patriarcal extenso. Considero que o fator estrutural associado às dificuldades da pobreza, no que toca a falta de recursos e espaço para novos casais iniciarem suas vidas em casas separadas, é fundamental para compreender o fenômeno. Entretanto, nos casos e contexto aqui estudado, considero também que o aspecto cultural (de heranças de tradições africanas re-criadas depois da experiência da escravidão) também é um importante elemento a ser considerado, o que possivelmente esteja atuando na especificidade da conformação destes grupos em um modelo tipicamente matriarcal, e que este aspecto cultural é o que melhor elucida o prestígio e aceitabilidade que a chefia feminina das mulheres idosas adquire neste contexto em particular.

Estudos sobre redes sociais e de parentesco no mundo inteiro (especialmente na pobreza) apontam que muitas famílias procuram se estabelecer e viver muito próximas de sua parentela; particularmente, que as filhas mulheres tendem a viver muito perto de suas mães, desenvolvendo complexas redes de interações, trocas e ajuda mútua, fundamentais para a uma melhor sobrevivência de cada grupo familiar.

Durante algum tempo essa tendência, denominada por alguns de “matrifocalidade”, foi identificada como padrão vigente em famílias negras, segundo estudos realizados no Caribe e nos Estados Unidos (CLARKE, 1972; MARCELIN, 1996; SLENES, 1999; SMITH, 1973; STACK, 1974; WOORTMANN, 1987). Entretanto, conforme vem sendo apontado por extensa bibliografia a partir de 1970 a matrifocalidade extrapola o reino de ação de grupos e famílias negras<sup>5</sup> (BOTT, 1976; DURHAM, 1978; FONSECA, 2000; SEGALLEN, 1981).

---

<sup>5</sup> Lasch (1991) refere que o fenômeno do “momismo” se apresenta também na forte imagem da mãe judia, em estudos de esquizofrenia de Bateson e em estudos sobre redes sociais em diversas classes sociais (não apenas entre negros).

Estudos contemporâneos têm resgatado, também, o papel exercido pelas redes de parentesco nos contextos de pobreza. Das suas redes de parentesco, os pobres<sup>6</sup> podem obter apoio material e moral em momentos de crise, troca de serviços e cuidado com crianças. Nas redes sociais através das quais se desenvolve essa importante estrutura de solidariedade e reciprocidade, carregada por sua vez de intensos conflitos, as mulheres têm sido vistas como as peças centrais. A literatura aponta que são as mulheres as principais agentes a cultivar e manter vivas as relações com seus parentes e vizinhos mediante visitas e troca de pequenos favores em uma proporção superior à dos homens. Essa maior tendência à proximidade de relações entre mães e filhas/os é o que por sua vez alguns pesquisadores identificam com certa tendência à “matrifocalidade” em estudos sobre pobreza.

#### MATRIARCADO, MATRIFOCALIDADE OU MATRIARCALIDADE?

As primeiras referências à noção de matriarcado aparecem, em estudos de Morgan e Engels, associadas a uma idéia de sociedades matriarcais primitivas. No século XIX, uma polêmica importante e, ao que parece, superada, foi sobre a origem e evolução da família que opôs a corrente patriarcalista e teóricos do matriarcado. Se no início da controvérsia os matriarcalistas se apoiaram na suposição da precedência histórica de sociedades “matriarcais”, este argumento foi habilmente deslocado e desacreditado pela corrente contrária ao defender a universalidade do casamento monogâmico (e do tabu de incesto, combatendo com estas teses as idéias de promiscuidade sexual entre primeiros grupos humanos sobre as quais a outra corrente se baseava) em teorias iniciadas por Westermack por volta de 1891 e em teses da Antropologia Funcional dos anos 20 (LASCH, 1991; MALINOWSKI, 1963 [1913]; RADCLIFFE-BROWN, 1973; VALE DE ALMEIDA, 1995).

Estas teses patriarcais são retomadas no modelo parsoniano dos anos 50. No livro de Parsons e Bales (1956) *“Family, Socialization and Interaction Process”*, Zelditch (1956) (cap. VI) procura

---

<sup>6</sup> E as classes médias também, como mostram os trabalhos de Segalen (1981) na França, Miriam Lins de Barros (1987), Jeni Vaitsman (1994) e Gilberto Velho (1986) no Brasil.

defender a tese da universalidade do modelo familiar nuclear, mesmo em sociedades de descendência matrilinear como as citadas nos estudos de Malinowski. Examinando-se a literatura etnográfica, argumenta Zelditch (1956), é possível verificar que nos sistemas matrilineares descritos por Malinowski, Radcliffe-Brown, Mead e outros, a autoridade do marido é subordinada à do irmão da mãe quando se considera um segundo sistema social (a família extensa ou a linhagem); entretanto, ao interior da família nuclear o marido atuaria como provedor e líder instrumental. Para autores desta vertente o papel expressivo da mãe, e o instrumental do pai – mesmo que se trate do pai social e não biológico – em todas as culturas conhecidas, seria inquestionável<sup>7</sup>, postura bastante similar às defendidas por Malinowski no extrato a seguir e por Radcliffe-Brown na sua definição de família elementar:

Nenhuma criança teria sido posta no mundo sem que um homem, e só ele, assumisse a posição de pai sociológico, quer dizer, a de guardião e protetor, de laço masculino entre a criança e o resto da sociedade. [...] Um grupo constituído de uma mulher e seus filhos é uma entidade legalmente incompleta. (Malinowski, em L. Vallée. *A propos de la légitimité e de la Matrifocalité*, 1965: 164,166 *apud* MARCELIN, 1996, p 125).

A unidade da estrutura a partir da qual se elabora um sistema de parentesco é o grupo que denomino família elementar. Ele consiste em um homem, sua esposa e seus filhos [...]. A existência da família elementar cria três tipos especiais de relações sociais, a relação entre pais e filhos, a relação entre os filhos de um mesmo leito e a relação entre marido e mulher enquanto genitores. [...] Os três tipos de relação que existem na família elementar constituem o que denomino como primeira linha. (Radcliffe-Brown. *Structure et fonction dans la société primitive*, 116-117, *apud* MARCELIN, 1996, p.125).

Estas duas importantes citações sintetizam uma matriz comum e bastante poderosa que funda a concepção tradicional e dominante sobre família e parentesco nas sociedades contemporâneas e que é bastante generalizada tanto no senso comum quanto nas ciências humanas, tomada como parâmetro desde o qual se analisaram outros modelos de família. Tal matriz repousa sobre o postulado estrutural da universalidade “da família” e da união monogâmica, constituída pela presença da figura dos dois pais e respectivos filhos, onde cada um dos componentes exerce funções definidas com variação de sexo e geração.

---

<sup>7</sup> Postura que vem sendo criticada por ser etnocêntrica e por continuar construindo as categorias de “sexo” e “papéis sexuais” de forma naturalizada e dissociadas das relações de parentesco. A análise cultural de Schneider (1984) teria sido pioneira na Antropologia no seu âmago de “desnaturalizar” alguns destes conceitos. Também produções do feminismo das últimas décadas avançam na mesma direção. As fronteiras analíticas entre as categorias de sexo e as relações de parentesco se diluíram e revolucionaram as formas de conceber e entender-se como são construídas essas relações entre os grupos sociais (ALMEIDA et al., 2002; BUTLER, 1990; HARAWAY, 1991; LAQUEUR, 1994; STRATHERN, 1986, 1995; VALE DE ALMEIDA, 1995; YANAGISAKO; COLLIER, 1987).

Radcliffe-Brown (1973) buscando esclarecer certas confusões do seu tempo com termos como o de “matrilinealidade” e o de “matriarcado” oferece, entretanto, uma clara e bastante útil distinção de alguns desses conceitos que recupero a seguir e retomo adiante na re-definição da noção de matriarcalidade:

Em todas as sociedades, primitivas e adiantadas, o parentesco é necessariamente bilateral. O indivíduo é relacionado a certas pessoas através de seu pai ou para com outros através de sua mãe, e o sistema de parentesco da sociedade revela o que seria o caráter de seu trato com os parentes paternos e maternos respectivamente. Mas a sociedade tende a dividir-se em segmentos (grupos locais, linhagens, clãs, etc.) e quando o princípio da hereditariedade é admitido, como o é no mais das vezes, como o meio de determinar a comunidade de um segmento, então é preciso escolher entre descendência materna ou paterna. Quando uma sociedade é dividida em grupos com uma norma de que os filhos pertencem ao grupo do pai temos a descendência patrilineal, ao passo que, se os filhos sempre pertencem ao grupo da mãe, a descendência é matrilineal. Há, infelizmente, grande liberdade no emprego dos termos matriarcal e patriarcal, e por este motivo, muitos antropólogos recusam-se a empregá-los. Se não podemos absolutamente passar sem eles, devemos em primeiro lugar dar definições exatas. Uma sociedade pode ser chamada patriarcal, quando a descendência é patrilineal (isto é, os filhos pertencem ao grupo do pai) o casamento é patrilocal (isto é, a mulher muda-se para o grupo local do marido); a herança (ou propriedade) e a sucessão (hierárquica) são em linha masculina, e a família é patripotestal (isto é, a autoridade sobre os membros da família está nas mãos do pai ou seus parentes). **Por outro lado, uma sociedade pode ser chamada matriarcal, quando a descendência, herança e sucessão estão na linha feminina, quando o casamento é matrilocal (o marido muda-se para a casa de sua mulher), e quando a autoridade sobre os filhos é exercida pelos parentes da mãe.** (Radcliffe-Brown, 1973, p. 35, grifo nosso).<sup>8</sup>

O tema do “matriarcado” é retomado também em debates dos anos 40 sobre a especificidade, ou não, de famílias negras nos EUA, Caribe e Américas. Vale citar o polêmico debate entre Frazier e Herskovits<sup>9</sup>, e as controvérsias sobre o relatório de Rustin Moynihan de 1956 publicado em 1967<sup>10</sup>.

O debate sobre família negra nos EUA se polarizou nesse período em dois tipos de respostas frente ao seguinte tipo de questão: qual é a parte da herança africana na constituição do negro das Américas? O primeiro tipo de respostas, desde uma postura estrutural funcionalista ergueu-se em torno das teses do sociólogo negro norte-americano, Franklin Frazier (1939). Esta postura defendia que a família matriarcal (centrada na díade mãe-filhos e marcada pela ausência do pai)

---

<sup>8</sup> Ver também Radcliffe-Brown e Forde (1960[1950]).

<sup>9</sup> Tanto Herskovits como Frazier – assim como a também americana Ruth Landes, que escreveu “Cidade das mulheres” nessa mesma época – fizeram trabalho de campo no Brasil e visitaram Salvador. Eles foram contemporâneos e do mesmo círculo de relações de Arthur Ramos e Edson Carneiro, importantes pensadores do tema no Brasil. Parte desta polêmica remete a trabalho de campo desses autores na Bahia (ver, por ex., Healey [1996]).

<sup>10</sup> Debatia-se naquele momento sobre a existência ou não do “matriarcado negro”, e se seria este modelo matriarcal de família uma característica própria de grupos negros ou da pobreza (LASCH, 1991).

dos negros americanos seria uma clara expressão de uma “desorganização” familiar resultante da experiência da escravidão. Preocupado com o problema da assimilação dos negros na sociedade americana<sup>11</sup>, Frazier procurou opor-se a discursos racistas do final do século XIX e princípio do XX nos seus estudos de práticas familiares negras, explicando-as como “disfunções” do sistema de parentesco e como uma conseqüência da expressão da desorganização proveniente do sistema escravocrata e não de uma essência da raça negra. Para ele, se o negro está “sem família” hoje, é por causa de seu passado escravo. Durante a escravatura ele teria sido assimilado pela família do senhor, e por isso as condições da escravatura o teriam impedido viver as dimensões de uma família “normal”, com pai, mãe e filhos. Ele analisou negativamente o passado escravo desde um modelo de família nuclear branco atual.

A segunda postura, baseada nas teses de herança negra e na re-interpretação culturalista do antropólogo Melville Jr. Herskovits (1941), enfatizava a especificidade do passado africano dos negros americanos, e, ao contrário de Frazier, defendia que a família matriarcal é uma expressão das sobrevivências ou heranças africanas. Herskovits, herdeiro de Franz Boas, procurou revalorizar o passado escravo e africano ao apontar a necessidade de se remontar à África para apreender os sentidos das práticas familiares dos negros americanos. Ele foi um dos maiores propulsores da área de estudos “afro-americanos”. A “instabilidade conjugal” ou famílias centradas na relação “mães-filhos” de grupos negros foi vista por Herskovits como sendo motivada pela herança dos costumes africanos e por Frazier como aculturação e rompimento com valores culturais. A tradição culturalista dedicou-se ao estudo das práticas culturais (religião, folclore etc.), enquanto o tema da organização familiar dos negros foi um terreno quase que exclusivo, até os anos 70/80, do funcionalismo estrutural, que entendeu os temas de “matriarcado negro”, isto é, a ausência do pai, a centralidade da díade mãe-filhos e instabilidade conjugal (variáveis tidas como características marcantes de grupos familiares matriarcais negros em várias das pesquisas de campo), como marcas de desorganização familiar e desvio do “modelo tido como padrão e universal”: o nuclear de tipo parsoniano. Por isso, durante muitas décadas, nenhuma cultura própria a comunidades negras nem seus modos de habitar e estar no mundo foram tomados em sua positividade. As teses de Herskovits não tiveram impacto inicial, e

---

<sup>11</sup> - Ver também Parsons (1993).

dominaram durante muito tempo no imaginário geral as teses de Frazier, que impugnavam à idéia de “matriarcado” significados de patologia social, carência e anomia.

Talvez também por isso, creio, houve posteriormente uma demarcada e nova rejeição ao uso do termo “matriarcado”, impregnado de significados negativos provenientes tanto desse debate quanto dos anteriores. Por outro lado, ao evitar-se essa terminologia, alguns autores esperavam estar fugindo também de certa tendência “essencializante” de se pensar em um tipo de família que fosse própria e típica de grupos negros. Optou-se por falar em matrifocalidade, o que, conforme procurarei mostrar, conduz a novas ciladas teórico-metodológicas por tratar-se de uma terminologia muito ampla e difusa, utilizada na definição ou para descrição das mais variadas situações domésticas nas quais estão inseridas as mulheres.

A virada epistemológica observada nos estudos sobre família nos anos 70, conduz também a importante constatação de que o padrão descrito da relação centrada na díade “Mãe-filhos”, ressaltado nos estudos de “matriarcado negro”, também se encontrava em outros grupos associados à pobreza. É notória a preferência nas últimas décadas pelo uso do conceito “matrifocalidade” e o abandono do de “matriarcado”, associado agora à importância e ressurgimento de teses sobre famílias extensas e centralidade das redes sociais e de parentesco nos estudos sobre pobreza, em que as mulheres mostravam ter papéis essenciais<sup>12</sup>. O termo

---

<sup>12</sup> Muitos estudos sobre pobreza tenderam a reforçar estereótipos populares de classes baixas e de famílias negras nos EUA como desviantes, matriarcais e desorganizadas. Devido a esses vieses, poucos estudos antes dos anos 70 conseguiram observar as famílias negras como elas eram e reconhecer as interpretações que os próprios negros faziam de seus próprios padrões culturais e experiências de vida. Trabalho importante sobre a pobreza foi o de Oscar Lewis (1975 [1966]) em porto Rico, que explicou sua noção de “Cultura da Pobreza” em termos de presumidas qualidades negativas ao interior da cultura: associando-a a desorganização familiar, desintegração grupal, desorganização pessoal, resignação e fatalismo. Nela se presumia que a “sub-cultura” da pobreza desapareceria sem a cultura, ou quando fossem anuladas a totalidade de suas qualidades negativas. Muitas foram as críticas elaboradas contra um certo racismo implícito de teorias apoiadas na noção de cultura da pobreza culpando as vítimas de sê-lo. Os ensaios de Hannerz (1969), Liebow (1967) e Valentine (1968), entre outros, teriam mudado o conceito de cultura da pobreza de O. Lewis, questionando se uma cultura que se auto-perpetua da pobreza existiria entre negros pobres dos EUA. Eles demonstraram que muitos dos aspectos eleitos para caracterizar a cultura da pobreza – como desemprego, baixos salários, quartos super lotados – são simplesmente definições de pobreza em si mesma e não de uma cultura distinta. A principal crítica erguida por Carol Stack (1974) à maioria dos estudos sobre famílias negras e pobreza nos EUA é de que muitos deles preocupados em analisar correlações entre baixos empregos, qualificações e indicadores econômicos mais baixos com os de comunidades pobres e negras norte-americanas, não se perguntavam, por exemplo, qual o papel que cumpriam as redes de parentesco ou vizinhança nessas comunidades negras, ou quem socializava as crianças nascidas no gueto, ou como eram definidos os critérios sobre a qualificação da mulher para procriar ou criar seus filhos, ou qual era a função adaptativa de uniões sexuais e múltiplas redes de parentesco na casa, etc. É porque não se olhou para as respostas a essas questões, considera Stack, que muitos desses estudos se permitiam apologizar sobre os modos de suas vidas, sem reconhecer o verdadeiro conteúdo da vida cotidiana dos

“matriarcado” caiu em desuso e passou a se preferir o uso da idéia de “matrifocalidade” (ou uxerolocalidade) no lugar do de “matriarcado”, com algumas importantes variações semânticas (MARCELIN, 1996; SARDENBERG, 1998; SLENES, 1999; STACK, 1974; WOORTMANN, 1987), podendo até ser expandido para além de grupos negros (BOTT, 1976; FONSECA 2000; LEAL; FACHEL, 1998; SEGALLEN, 1981;). O termo “matriarcado” ou organização familiar matriarcal aparece em estudos mais clássicos dos anos 40, como o livro de Ruth Landes (1967) escrito em 1947, e na literatura de estudos sobre a família-de-santo e o mundo do candomblé, na Bahia. No restante da Antropologia e Sociologia há uma clara preferência pelo uso de termo “matrifocal” em detrimento do de matriarcado, usados ambos, por vezes, como sinônimos, de forma algo ambígua, ou indiferenciada, em alguns desses autores.

Leal e Fachel (1998) definem a “matrifocalidade” ou lares “uxorilocais” como aquelas unidades domésticas localizadas preferencialmente na casa da esposa ou terreno familiar desta, referindo-se a um tipo de rede de parentesco onde predominam os laços com a rede familiar feminina (no sentido da matrilinearidade/ matrilateralidade). A idéia de “matrifocalidade” é também associada e recupera a noção de relações focadas na “mãe”, a centralidade da mulher no grupo doméstico pela unidade básica da “mãe com seus filhos”. Woortmann (1987) a expande até mesmo para arranjos nucleares completos, na Bahia pobre que ele estudou, em que a instabilidade conjugal faz com que as relações se organizem e reproduzam a partir e através das mulheres, aquelas que ficam sempre com as casas e filhos enquanto os homens são os que tendem a circular. Na visão de Woortmann, desde aqui, nem sempre um lar “matrifocal” seria chefiado por uma mulher (em um momento nuclear ou de grupo extenso pode estar sendo chefiado por um homem), e todos aqueles lares chefiados por mulheres seriam classificados, em princípio, como matrifocais, associados por muitos estudos da demografia à idéia da mulher sem companheiro ou mães solteiras. Mas não todos eles são, necessariamente, matriarcais. Muitas vezes o termo matrifocalidade é utilizado para ambos os casos (mães solteiras ou matriarcas) e isto precisaria

---

pobres ou das instituições adaptativas desenvolvidas no gueto para lidar com a pobreza. Ela sugere que uma das vantagens da análise do estudo das redes sociais é a que o pesquisador pode rejeitar a mera categorização de sistemas sociais como “desorganizados”. O modelo de redes pode explicar um conjunto particular de relações desde vários pontos de vista. A perspectiva de redes sociais é usada por Stack para interpretar a base de laços interpessoais entre aqueles indivíduos mobilizados para resolver seus problemas domésticos cotidianos, e vista como uma importante e estável estratégia de sobrevivência na pobreza.

voltar a ser melhor definido e distinguido. Woortmann define a matrifocalidade da seguinte forma:

Por ‘matrifocalidade’, ou sistema matri-centrado, quero dizer que as mulheres em geral, e as mães em particular são os pontos focais do sistema de parentesco. Essa ‘matrifocalidade’ pode ser estrutural, cultural ou ambas, tal como sugerido por Tanner: ‘Por estruturalmente central quero dizer que a mãe tem algum grau de controle sobre os recursos econômicos da unidade de parentesco e é criticamente envolvida em processos de tomada de decisões relacionados ao parentesco. O componente estrutural da matrifocalidade relaciona-se ao poder econômico e político dentro do grupo de parentesco’ (Tanner, 1974: 132). [...] É mais do que certo que a família matrifocal não se restringe aos pobres-negros do Novo Mundo. Nem, por outro lado, são todas as famílias negras matrifocais. Mas, parece plausível que a escravidão configurou a vida familiar durante séculos, e que se registrou um certo continuum de privação social e material da escravidão até a pobreza marginalizante atual. A matrifocalidade na Bahia parece ser um fenômeno secular, e **esta profundidade de tempo pode muito bem ter contribuído para a consistência do sistema ideológico, isto é, para o desenvolvimento de uma ideologia alternativa, adaptativa, coerente** [grifo nosso]. [...] O ponto aqui não é o de que os ‘africanismos’ *causaram* a matrifocalidade, mas o de que os elementos culturais africanos, particularmente a organização do grupo de culto e a ideologia correspondente contribuíram pra a legitimação dos padrões culturais da classe pobre, **ajudando a transformar uma matrifocalidade estrutural numa centralidade cultural** [grifo do autor].<sup>13</sup> (WOORTMANN, 1987, p. 288, 296, 297)

O Brasil é um país de longa experiência escravocrata com forte tradição e cultura Afro-brasileira, entretanto, pesquisas sobre “famílias propriamente negras” foram escassas antes de 1970<sup>14</sup> quando um novo olhar sobre a história e o papel do negro na sociedade como agente criativo e sujeito (não apenas no lugar exclusivo de vítima) passou a ser observado. Processo similar a este, no campo das idéias e tratamento ao tema, ocorreu nas pesquisas sobre famílias negras nos EUA e Caribe, com a diferença que naqueles lugares a produção foi mais extensa e precoce que no Brasil.

---

<sup>13</sup> Em idéias próximas e articuladoras das posturas do debate Frazier x Herskovits, tem sido re-significado os sentidos e estabelecido paralelos entre a experiência familiar dos escravos negros baianos em torno do culto à família-de-santo (de modelo matriarcal) com o de famílias matrifocais (ou parciais) do mundo profano. O reagrupamento ao redor do culto dos orixás e aos ancestrais é tido como um dos pilares, através do qual se re-uniam os africanos e seus descendentes desde época colonial, em práticas que se exerceram em um misto de resistência, religiosidade, re-organização e re-significação da situação e identidade do negro no Novo Mundo (HARDING, 2000; LANDES, 1967; LIMA, 1977; MARCELIN, 1996; WOORTMANN, 1987). Nesta literatura se reconhece um lugar e centralidade às mulheres que parece ter sido conquistado pelas “matriarcas” na sociedade baiana, com um destaque, força superior e caráter diferenciado (maior autonomia, determinação e independência), que a exercida pelas mulheres em sociedades matrilineais africanas. Ao que parece a experiência da escravidão teria permitido aos negros brasileiros re-atualizar e construir novos e diferentes significados a suas tradições trazidas da África. É também a partir destas observações e debates que proponho re-atualizar e recuperar a idéia de “matriarcado” no conceito de “matriarcalidade” para estudos de família negra em contexto baiano.

<sup>14</sup> Ver Corrêa (1982); Marcelin (1996); Mattoso (1988); Samara (1983, 1987); Slenes (1988, 1999); e Woortmann (1987).

Durante muito tempo, sob o predomínio do paradigma freyriano de família patriarcal dominante no Brasil agrário colonial como um todo, a família escrava e negra (liberta e livre)<sup>15</sup> foi vista ora como “inexistente” e subsumida na categoria dos “agregados” da casa grande patriarcal do senhor branco, ou então vista negativamente e associada a características como às de instabilidade, falta de autonomia, ilegitimidade e promiscuidade nas uniões entre escravos ou negros em um olhar muito próximo ao de Frazier. Assim, ao longo da história brasileira o tema da família negra teria ficado subsumido na análise dos modelos hegemônicos de família, à patriarcal no passado e a de classe trabalhadora no presente, não tendo se desenvolvido uma visão própria e positivada sobre a especificidade e alteridade de tipos distintos de famílias negras até muito recentemente.

É desde aqui, de um tipo de olhar que busca resgatar a noção e importância do estudo da família extensa matriarcal como um modelo alternativo e contraponto ao modelo nuclear, visto na sua positividade, que proponho resgatar o termo de “matriarcalidade”, no lugar de “matriarcado” ou “matrifocalidade”. Resgato nesse novo termo alguns indicadores descritos no conceito de “matriarcado negro” (instabilidade conjugal e relação centrada na díade mãe-filhos) desenvolvido nos anos 50 nos EUA, mas destituídos aqui e agora do etnocentrismo e caráter negativo que lhes era atribuído a este modelo naquele paradigma. Não rejeito a idéia de matrifocalidade, mas a considero muito ampla e abarcadora do que entendo por matriarcalidade, que seria no meu entender, uma forma específica e particular de manifestação da “matrifocalidade”. Busco neste resgate da idéia de “matriarcalidade” distinguir, por exemplo, famílias chefiadas em arranjos matrifocais (díades maternas em terminologia de Woortmann) ou de “mães solteiras” de certos estudos da demografia, de famílias chefiadas por “velhas” e poderosas “matriarcas” como as que descrevo adiante, que apresentam uma modalidade particular e diferenciada.

O meu estudo sobre modelo familiar matriarcal extenso aborda grupos pobres e negros da cidade de Salvador. Não defendo que o modelo matriarcal seja específico ou único de grupos negros, nem que seja este modelo o que caracteriza este grupo étnico ou classes sociais empobrecidas como um todo, pois venho observando a existência de uma multiplicidade de modelos familiares na pobreza em geral e entre grupos negros em particular (HITA, 1999). Considero, entretanto,

---

<sup>15</sup> Importantes são os trabalhos do historiador baiano João José Reis citados por autores como Harding (2000), Marcelin (1996), Sansone (2004), Slenes (1999), entre outros. Ver especificamente Reis (1986).

que a associação deste modelo matriarcal extenso a uma matriz cultural afro-americana extensamente debatida por estudiosos do candomblé na Bahia e da família negra é elemento importante na compreensão dos achados desta pesquisa. É essa relação, tratada em ampla literatura, um objeto de estudo em si mesmo que mereceria um novo projeto de pesquisa e maior aprofundamento, o que espero poder fazer futuramente<sup>16</sup>. No momento, apenas permito-me pensar que essa matriz cultural afro-brasileira explica conforme observa Woortmann ao menos o peso, prestígio e legitimidade que este modelo aqui descrito tem na sociedade baiana.

Porque o modelo matriarcal negro foi visto, comparado e interpretado a partir do padrão de modelos brancos em décadas anteriores é que se associaram algumas de suas características e indicadores fundamentais ao caráter semântico de “falta” e “negatividade”. É postulado desta tese que ao analisar a “instabilidade conjugal” e “ausência paterna” desde um outro olhar interpretativo, associando-os à importância da mulher na sua operação das redes sociais de parentesco, e a centralidade estruturante da díade mãe-filhos, estes elementos adquirem um outro significado, que nada tem a ver com o olhar patológico e de desvio que lhe era atribuído por estudos anteriores. Assim, a “matriarcalidade” não é entendida aqui como um “desvio” ou “desorganização” do modelo tido como padrão de “família conjugal ou elementar”, mas como uma forma própria de organização familiar na direção descrita nos trabalhos com os quais esta tese se identifica como os de R. Landes (1967[1947]), E. Clarke (1972[1957]), C. Stack (1974), K. Woortmann (1987) e Marcelin (1996).

A idéia de matriarcalidade nesta tese designa esse conjunto de relações centradas na figura da “mãe”, onde a mulher-mãe-avó é o centro das interações da sua rede consanguínea, por onde passa a descendência e herança e é quem exerce o poder sobre a casa e a família, um importante foco-difusor a partir do qual se multiplicam as relações entre todos os outros membros da sua rede de parentesco, e que geralmente extrapola os limites físicos da unidade doméstica enquanto local específico de residência (uma casa). Neste tipo de configuração familiar as funções, atividades e papéis destas mulheres são imprescindíveis para a sobrevivência grupal, e sua forma peculiar de operar é uma característica que diferencia este modo de *estar no mundo* daquelas

---

<sup>16</sup> Para tanto, seria necessário revisar uma ampla literatura nacional sobre problemas étnicos. Para citar apenas alguns: Sansone (2004), Maio e Santos (1998), Stolke (1991).

outras disposições e papéis desempenhados por mulheres em modelos patriarcais tradicionais ou nucleares de tipo mais igualitários. Elas têm a posse da casa e dos principais recursos para a manutenção do seu grupo doméstico, são chefes da casa e do grupo familiar.

## DESENHO DA PESQUISA

Diferentemente da maioria de estudos sociológicos sobre chefia feminina em famílias populares, a chefia analisada na etnografia familiar desta tese – referente a duas bisavós, uma parteira e a outra mãe de santo e vendedora de acarajé – não está diretamente associada à idéia de grupos mais “fracos” e/ou “carentes” do ponto de vista da sobrevivência econômica no meio popular no qual estão inseridas. Os casos aqui estudados são atípicos neste sentido: eles demonstram trajetórias de ascensão social de duas mulheres que podem ser identificadas como autênticas representantes de um “matriarcado negro”, figura tão presente na cultura popular baiana e em comunidades negras de outros contextos e países. Estas duas mulheres analisadas na minha etnografia são as verdadeiras “chefas da casa” e “do seu extenso grupo familiar” onde não é raro encontrar vários homens adultos que trabalham (seus companheiros, filhos, parentes, ou não).

As duas “matriarcas” concentravam e veiculavam um poder e força que poderia ser entendido como um *dom* ou tipo de “força simbólica circulante” (FSC) – no sentido maussiano – que se fundamenta no prestígio, poder e posses por elas conquistadas em algum momento de suas trajetórias. Este poder se traduz, em concreto, na propriedade da sua casa e em suas fontes de renda estável. A casa é um bem que será herdado pelos seus descendentes, mas cuja distribuição antecede parcialmente à morte das matriarcas que cedem terrenos ou pedaços da casa durante suas vidas. O poder econômico baseado nas rendas é fruto do salário no caso da baiana de acarajé e, no caso da parteira, das suas distintas pensões (a própria, a do marido como viúva e a pensão de invalidez do filho que era doente mental). O prestígio que elas adquiriram na sua comunidade assinala o status das suas profissões entre grupos de baixa renda e das posses por elas conquistadas. As duas “matriarcas” possuem o estatuto de “Mães”, podendo ser vistas como “mães de todos”, uma mãe coletiva ou social, criando netos e crianças de outras mulheres, introduzindo-os na sua família pela consideração. Também são mães simbolicamente falando

pelas suas trajetórias e pelo tipo de funções por elas desempenhadas: a de parteira no caso de D. Cida, prestando diversos serviços no campo da saúde, tendo sido uma das responsáveis de trazer ao mundo, com suas próprias mãos, boa parte das gerações, jovem e madura, da vizinhança. A outra matriarca, uma das mais antigas “baianas de acarajé” do abrigo de Amaralina e “mãe-de-santo” de candomblé, é vista como uma mãe também, no campo espiritual, pelos seus poderes e prestação de serviços religiosos, sendo chamada por muitos de “Mãe Dialunda”.

O prestígio, poder e posses alcançadas por estas mulheres não as excluem de serem classificadas como indivíduos pertencentes aos estratos mais baixos e carentes da sociedade baiana. Muito pelo contrário, suas trajetórias, e o modo de vida dos distintos membros do seu grupo doméstico são forte indicativo das graves restrições econômicas e sociais por elas sofridas, nas suas infâncias, distintas conjunturas vitais e principalmente na velhice, quando foi realizado o estudo. Elas pertencem ao conjunto de famílias nordestinas de baixa renda que se encontram em condições de existência bem abaixo das faixas normais de pobreza, em níveis de extrema miséria. Mas é o prestígio que elas têm dentro da comunidade e a condição de certa autonomia econômica por elas conquistada o que lhes concede, antes que aquela posição de “vulnerabilidade” descrita na literatura sobre chefias femininas, uma posição de destaque entre os seus e a vizinhança na qual residem, e que aqui indico como “força simbólica circulante” (FSC). As duas matriarcas são as principais depositárias dessa FSC que pode ser traduzida em vários elementos como o bem e posse da casa, o nome da casa ou grupo familiar, o prestígio e status como membros desta estirpe, etc. Mas esta FSC é uma riqueza coletiva, da qual todo seu grupo de parentesco se beneficia, antes que um bem de posse individual, mesmo quando ela esteja concentrada nas mãos das “matriarcas”, e seja em boa medida controlada e distribuída por elas, pois foram elas, com seu esforço individual e trabalho, nas suas bem sucedidas trajetórias de vida, as principais criadoras desse bem, hoje coletivo. A FSC é, portanto um “bem” coletivo e um legado que sua descendência tem a responsabilidade de reproduzir e manter (e como o dom em Mauss, circula). A FSC de um grupo doméstico ou de parentesco é aquilo que dá identidade ao grupo e indica o pertencimento dos seus membros a ele: é o nome da *casa* (aqui no sentido dado ao termo por Lévi-Strauss, como grupo familiar e não apenas espaço físico); o ser filho, neto, ou alguém da família de tal ou qual *casa* (i.e. estirpe, mãe, ou determinado “nome”). Tudo isso é uma manifestação do que aqui procuro chamar “força simbólica circulante”, que é desigualmente

distribuída por estas matriarcas entre seus descendentes, disputada por eles nas suas relações cotidianas e negociada com as respectivas matriarcas, ainda em vida, mediante o sentido dado a suas trajetórias e pelas interações estabelecidas com elas, se aproximando ou afastando das suas expectativas, ganhando ou perdendo o direito a parte maior ou menor do seu legado.

No setor popular o parentesco entre dois indivíduos passa, afirmam certos autores como Woortmann (1987) e Marcelin (1996), principalmente pelas mulheres, pelo ventre materno. O cordão umbilical é o símbolo que une os iguais, que constrói o outro como irmão através da mãe. É pela mãe que o parentesco entra no mundo e é pela mãe que dele sairá o novo indivíduo. A mãe é a junção entre a casa e as redes de parentesco que ao redor dela se constroem. Reconhecer a centralidade da mãe e das redes de parentesco produzidas através dela não significa, entretanto, afirmar que nas famílias como as aqui estudadas se produza uma falta de homens e abundância de mães. Os homens existem e ocupam posição privilegiada neste modelo: a de filhos. Os arranjos matriarcais de família são sociedades nas quais os laços são possíveis somente se eles transitam por um lugar assinalável: o da mãe. A mãe no modelo estudado é vista como esse lugar, e a pessoa através da qual se ingressa na participação de um grupo. A mãe é para o indivíduo o que a casa é para a família.

O que caracteriza o arranjo matriarcal de família é essa força centrípeta, centralidade e papel primordial desempenhado pela mãe. A Matriarcalidade é definida neste estudo, basicamente, a partir da centralidade da relação “Mãe-Filhos”<sup>17</sup>. Por isso a análise deste estudo se centra principalmente na descrição das relações dessa díade nas relações de gênero e geracionais, onde o foco central está no papel da “Mãe” e “Avó” com seus filhos e netos. Para isso foi preciso ver como estas relações se traduziram na circulação constante de pessoas pelas distintas casas das suas redes de parentesco e como os distintos movimentos estruturais e físicos das próprias casas imprimiram e marcaram a presença desse princípio, que atua sobre a vida dos membros destas casas. Ele é fundamental na constituição da identidade e do curso de vida de cada um deles.

O modelo “matriarcal” estudado é apenas “um” entre outros dos arranjos empíricos que se encontraram na realidade estudada. É um dos casos em que se atualiza o “princípio relacional da

---

<sup>17</sup> Esta relação é amplamente discutida na literatura sobre matrifocalidade e família negra citada. Mas também em autores como Simmel (1993 [1895]) e Weber (1983 [1922]).

matrifocalidade”, que seguindo Woortmann entendo como princípio ideológico mais amplo subjacente a um conjunto de arranjos familiares, entre os quais estão os arranjos matriarcais. Definição da matrifocalidade remete a idéia do sistema onde as mulheres, e mães em particular, são os pontos focais do sistema de parentesco. Portanto, considero “matrifocalidade” como um princípio de organização de relações de parentesco amplamente compartilhado e interiorizado no imaginário popular baiano e de outras regiões do país e do mundo.

Para identificar e explicar as principais características do princípio relacional da matrifocalidade, entender como opera, que tipo de pessoas produz e como se reproduz no cotidiano dos membros das redes domésticas na qual está inserido, se escolheram dois grupos (redes) de parentesco extenso matriarcal, para fazer sobre eles um estudo em profundidade. Estas famílias são as “exemplares” para a análise da matriarcalidade, que por suas características e presença explícita da figura “matriarcal” consideramos ser o modelo ideal para captar e estudar o princípio relacional da matrifocalidade (conjunto de representações, modelo ideológico correspondente ao modelo).

Não ter como mensurar a representatividade estatística deste princípio não significa desconhecer a sua importância e a forma como ele opera. Por isso o estudo do arranjo matriarcal de família é o lugar por excelência para melhor compreendê-lo. Durante os dez anos de pesquisas e familiaridade com a área de estudo, circulando pelas distintas ruelas e visitando a casa de diversas famílias, percebeu-se ser este tipo de arranjo doméstico bem aceito na comunidade; ele não é visto como “estranho” ou “atípico”. Nunca foi ouvida nenhuma fofoca ou comentário pejorativo na comunidade em relação a este tipo de família, por vezes a um ou outro indivíduo em particular, mas não aos grupos familiares de que participavam e muito menos às chefes que são pessoas muito respeitadas na sua comunidade<sup>18</sup>. Por isto creio ser este um modelo mais comum do que se supõe e de ser tão bem aceito quanto outros, como um modelo que não escapa ao padrão de moralidade relacional esperado no contexto, e que não fere as regras de convívio pacífico com outros modelos. Sem afirmar sua generalidade se parte do suposto de uma certa

---

<sup>18</sup> A fofoca, o desprezo, o julgamento negativo são mecanismos de coesão social muito presentes e utilizados em comunidades como esta, operando normativamente ao estigmatizar àqueles que fogem dos comportamentos tidos como padrão ou aceitáveis, excluindo, julgando ou procurando marcar um afastamento (muitas vezes mais simbólico do que real) da forma adequada ou esperada de se atuar (supostamente a de quem está falando).

representatividade deste modelo de família no meio estudado, como se analisa no capítulo 1 desta tese, onde se descreve estatística e etnograficamente a área de estudo, procurando fazer alguma inferência sobre a possível representatividade de famílias extensas chefiadas por mulheres. Parto da hipótese, que precisaria ser comprovada, de que em famílias extensas há uma maior propensão à formação de arranjos de tipo matriarcal como o descrito adiante e na direção de achados de Klass Woortmann sobre ciclos vitais domésticos. Para Woortmann (1987) as mulheres maduras e idosas, mais estabilizadas economicamente que na juventude e no mais das vezes já sem parceiros, tendem a assumir a chefia de suas casas e famílias, em amplas e extensas redes de parentesco. É também o que dados do IBGE 2000 parecem começar a visualizar um pouco mais, como se analisa adiante no Capítulo I.

A pesquisa em amostra reduzida nos permitiu aprofundar a observação e tratamento de questões que de outra forma não teriam sido tão visíveis. Somente pelo estudo intenso das práticas familiares destes grupos foi que se conseguiu apreender, a partir dos discursos dos agentes sobre suas experiências de vida e pela observação participante de sua cotidianidade, os processos de construção, transmissão e reprodução do modelo familiar matriarcal, as relações de poder e de desigualdade no domínio familiar, a construção de gêneros e gerações que lhes é particular; assim como a importância das redes sociais centradas ao redor de certas figuras femininas para uma adequada operacionalidade deste sistema. No tempo de contato que se teve com estas *casas* se conseguiu apreender e acompanhar boa parte da história, dos projetos, discursos e expectativas de vários dos seus integrantes como parte de um continuum temporal, produzindo-se uma extensa base de dados, complexa e difícil de sistematizar, mas que permitiu mostrar como as casas matrizes observadas transitaram por distintos estágios e tipos de configuração, passando por momentos de arranjos nucleares, nucleares incompletos, compostos, até chegar aos arranjos extensos descritos. É em grupos de tipo extenso onde o princípio de matrifocalidade pode ser mais visível e operante, o que dificilmente seria captado sem uma estratégia metodológica adequada ou similar à da presente pesquisa<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> O estudo realizado foi de tipo longitudinal, isto é, associou o olhar diacrônico ao sincrônico na observação das vidas e trajetórias destes dois grupos de parentesco ou *casas*, pois foi mantido contato extenso e quase diário durante longos períodos de tempo com estes grupos – entre os anos de 1992 e 2003 – tempo de contato suficiente para permitir ao pesquisador superar certas barreiras intransponíveis em estudos quantitativos ou de entrevistas realizadas em períodos mais curtos. Para alcançar o grau de profundidade das observações realizadas e uma efetiva conquista de certo grau de amizade e confiabilidade com os informantes foi necessário a intensificação das relações

Dois elementos são fundamentais para entender os arranjos familiares matriarcais extensos observados. Em primeiro lugar, considero importante analisar e procurar entender os fundamentos da matriarcalidade expressos na prioridade das relações estabelecidas entre “mães e filhos” (laços de consangüinidade) sobre aquelas que se estabelecem entre “marido-esposa” (laços de afinidade). Em segundo lugar, e associado ao anterior, a presença constante e a tendência a estabelecimento de relações de conjugalidade bastante instáveis, com mudanças freqüentes de parceiros e parceiras, com paridade de distintos homens ou mulheres no curso vital dos entrevistados. Mas para que um grupo familiar, e uma mulher em particular, possuam essa “força simbólica circulante” da que falei acima, não é suficiente, ao meu ver, a presença da relação Mãe-filhos, ou da presença do princípio da matrifocalidade que se demonstra na etnografia adiante. A possibilidade de uma mulher se tornar “matriarca” em seu grupo de parentesco vai depender da força e importância simbólica que sua *casa* logra conquistar na comunidade e dos bens materiais e simbólicos que ela (mais do que seu grupo familiar) consegue acumular. A força que estas “matriarcas” têm sobre seus filhos ou netos depende do “poder simbólico da sua *casa*. Por isso, para analisar o princípio de matrifocalidade é necessário analisar e estudar a trajetória da *casa*, pois ela é o que dá sustentabilidade à matriarcalidade neste contexto de pobreza urbana estudado.

A categoria *casa*, como aqui é entendida, incorpora tanto a noção de espaço físico estrutural – que para fins puramente analíticos quando for necessário denominarei casa sem itálico – quanto a de grupo familiar (clã, linhagem, grupo doméstico) – que em geral denominarei *casa* em itálico e que abarca ambos sentidos simultaneamente. Por isso as noções de processo cultural e de prática social lhe são intrínsecas. A casa – espaço físico – é o registro por excelência para o estudo das relações de parentesco, pois na sua observação se detectam os distintos momentos de articulação e de mobilização de alianças e conflitos entre seus integrantes e é nas suas próprias transformações estruturais e espaciais que se expressa o curso de vida (trajetória, as distintas

---

“pesquisador-pesquisado” nos dois grupos escolhidos, desenvolvendo relações com muitos dos membros de cada um destes dois grupos familiares. Um estudo assim desenhado ganha em profundidade de informação e pode perder em capacidade de generalização, o que não foi uma preocupação desta pesquisa. Trabalhar com vários grupos familiares teria impossibilitado, pelo tempo exigido e diversidade de perspectivas e sujeitos a acompanhar, o aprofundamento e detalhamento de informação que se pretendia lograr. A pesquisa, centrada numa minuciosa descrição etnográfica das duas famílias, priorizou a perspectiva antropológica, mas o uso de outras técnicas complementares de pesquisa e o olhar sociológico da pesquisadora projetam neste estudo um caráter multidisciplinar enquadrado na linha de estudos mais amplos de “ciências sociais” que procura colocar em diálogo distintas disciplinas e romper com os enquadramentos disciplinares tradicionais.

fases do curso vital) do grupo doméstico como um todo e dos indivíduos em particular. No Capítulo 4 desta tese se descrevem estes processos e movimentos nas duas *casas* estudadas.

Com o objetivo de melhor compreender como opera a relação “mãe-filhos” e o princípio relacional da matrifocalidade que lhe é subjacente nas vidas e nas concepções de mundo dos nossos informantes, buscou-se descrever detalhadamente o tipo de chefias destas matriarcas em suas distintas relações com sua rede de parentesco e vizinhança. Um vínculo muito forte percebeu-se existir entre, tanto homens quanto mulheres em sua condição de filhos e suas mães, vínculo indestrutível que sempre se aciona em qualquer fase da vida, seja ela crítica ou não.

No modelo estudado observou-se que as relações de gênero e geração são bem distintas daquelas geralmente assumidas em modelos conjugais nucleares típicos de classes médias, em que a maior equidade entre gêneros e gerações tem sido apontada como uma característica central. Esse princípio de equidade não parece ser o que caracteriza os modelos nucleares de classe trabalhadora brasileira. Nos grupos matriarcias estudados os princípios da hierarquia e autoridade materna estão tão interiorizados que tendem a produzir modos de ser, masculinos e femininos, muito específicos. Pela importância que a relação mãe-filhos assume, pareceria ser apenas possível para as mulheres conseguir superar sua condição inicial de “filhas” para ascenderem à condição de mães. Os homens são tratados eternamente como “filhos”, posição complexa e altamente privilegiada nesta díade, ainda que em situação de eterna dependência enquanto a mãe é viva, pois na lógica de funcionamento do modelo o lugar do filho homem é um lugar privilegiado, até muito mais que o da filha (os papéis de esposo ou pai, que obviamente existem, não são operacionais ou suficientemente valorizados como em outros tipos de arranjos). Quando dentro deste tipo de grupo de parentesco acontece que o papel do pai ou do esposo passa a ocupar maior centralidade que o do filho – o que pode ser desejado por muitos homens e mulheres da comunidade – tem-se geralmente indicada uma transição e ruptura com o modelo anterior do arranjo matriarcal em direção a um modelo de tipo nuclear ou extenso baseado no princípio patriarcal (autoridade paterna), o que geralmente só é possível quando o homem está bem empregado e consegue exercer um papel esperado de provedor, condição cada vez mais difícil de se sustentar em nossas sociedades atuais, agravado em situações de extrema pobreza e elevado desemprego ou sub-emprego.

Para me aproximar a um entendimento do *processo* constitutivo de cada *casa*, detectar alguns valores que conformaram a identidade dos distintos integrantes e identificar a forma específica de ser de cada grupo doméstico foi preciso combinar distintas técnicas metodológicas bem como alguns anos de pesquisa. O ponto de partida da minha reflexão sobre famílias e unidades domésticas em setores populares urbanos foi a elaboração, em 1992, de um extenso “survey” sócio-demográfico aplicado a 120 domicílios no bairro do Nordeste de Amaralina (entre os quais os das duas famílias selecionadas) e estudos etnográficos sobre o Nordeste de Amaralina (dados do Capítulo 1 sobre o contexto). Mas a principal fonte de informação foi resultado do processo de uma observação etnográfica minuciosa, quase cotidiana e sistemática das interações entre os distintos membros que compunham cada um destes dois grupos domésticos e suas respectivas “configurações de casas”. Estas observações foram realizadas mediante inúmeras visitas feitas aos seus domicílios em distintos anos, meses, horários e dias desde o primeiro contato em 1992, e de forma mais sistemática ou constante depois de 1997, registradas em distintos cadernos de campo. Associado à observação etnográfica se aplicou a técnica de reconstruções de histórias de vida, com entrevistas em profundidade gravadas e criteriosamente transcritas – de acordo a técnicas de estudos de narrativas da equipe de pesquisa da que faço parte – assim como a realização de entrevistas focalizadas em temas específicos, quando emergiam do contato com membros de cada casa, compondo um universo de 33 transcrições de entrevistas nos dois grupos domésticos ao longo dos dez anos de pesquisa. O material gravado da pesquisa só foi produzido depois de longo período preparatório do mesmo pelas sistemáticas visitas às casas, caracterizadas pela conversa solta e aleatória, visando mútuo conhecimento, estabelecimento de necessária empatia e identificação dos pontos centrais a recuperar nas gravações, com guias bastante abertas de entrevistas. Procurou-se conversar com a maioria dos membros de cada grupo familiar, contrastando e comparando o discurso erguido entre eles sobre temas específicos de modo a compor uma visão de conjunto mais rica e complexa do contexto analisado, com a preocupação de outorgar o maior espaço possível às próprias narrativas e voz dos informantes, ainda que irremediavelmente mediada pela seleção e interpretação do entrevistador.

Para melhor compreender a “especificidade” e “unicidade” do modelo familiar matriarcal, o método mais profícuo é justamente o que evita a comparação com grupos de classes médias e

procura elucidar as suas próprias regras e normas de funcionamento. As ideologias dominantes, sem dúvida presentes no contexto de estudo, penetraram as representações dos agentes, mas o fazem em domínios limitados. Isto exige um duplo cuidado do pesquisador para perceber que essas ideologias dominantes, entretanto, não anulam a coexistência e operação simultânea de “diversas matrizes culturais” populares com normas, práticas e representações, senão autônomas, ao menos distintas. E foi sobre estas últimas que recaiu o interesse principal do meu estudo.

O estudo etnográfico que se apresenta adiante é resultado de um esforço de problematizar pré-  
noções e de engajar-se em um diálogo junto aos informantes. O arranjo matriarcal aqui descrito não é tratado como um modelo “a-priorístico”, que existe fora ou anterior à experiência familiar que lhe deu sentido e forma. Ao contrário disso, ele é entendido como resultado e produto de certas trajetórias de vida e experiências específicas (e portanto, não uma característica a priori, étnica ou de classe), que só quando captadas e compreendidas em sua complexidade e dinamicidade nos permitem aceder ao entendimento deste outro modelo familiar como independente e autônomo do tido como hegemônico e padrão, com o mesmo direito de ser daquele outro, como mais um entre a diversidade dos presentes no mesmo contexto.

# CAPÍTULO I – ENTRANDO EM CONTEXTO: TRAJETÓRIAS, NARRATIVAS E HERMENÊUTICA: UMA ELUCIDAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

*As palavras, com as quais uma coisa chega à linguagem, são, elas mesmas, um acontecer especulativo. O que nelas se diz é aquilo no que consiste a sua verdade, não uma opinião qualquer encerrada na impotência do particularismo subjetivo. Recordemos aqui, que compreender o que alguém diz não é produto de empatia, que adivinha a vida psíquica do falante. É claro que em toda compreensão, o que é dito adquire também sua determinação, através de uma complementação ocasional do seu sentido. Mas essa determinação através da situação e do contexto, que completa o falar até uma totalidade de sentido, que é a única que faz com que o dito seja dito, não é algo que convenha ao falante mas ao que foi expressado.[...] Na medida em que compreendemos, estamos incluídos num acontecer da verdade e quando queremos saber o que temos que crer, parece-nos que chegamos demasiado tarde. Assim é certo que não existe compreensão que seja livre de todo preconceito, por mais que a vontade do nosso conhecimento tenha de estar sempre dirigida, no sentido de escapar dos nossos preconceitos. No conjunto de nossa investigação evidencia-se que, para garantir a verdade, não basta o gênero de certeza, que o uso dos métodos científicos proporciona. Isso vale especialmente para as ciências do espírito, mas não significa, de modo algum, uma diminuição de sua cientificidade, mas, antes, a legitimação da pretensão de um significado humano especial, que elas vêm reivindicando desde antigamente. O fato de que, em seu conhecimento, opere também o ser próprio daquele que conhece, designa certamente o limite do ‘método’, mas não o da ciência. O que a ferramenta do ‘método’ não alcança tem de ser conseguido e pode realmente sê-lo através de uma disciplina do perguntar e do investigar, que garante a verdade. (GADAMER, 2002, p. 707-709).*

## ESTUDOS DE CONTEXTO E FENOMENOLOGIA

A idéia deste capítulo é oferecer ao leitor uma panorâmica que elucide as principais características da vida cotidiana da área pesquisada. A re-construção deste “contexto” se baseou em estudo etnográfico do início de anos 90, resultados de *survey* sócio-demográfico em 120 domicílios, diversas entrevistas transcritas, observação participante e “acompanhamento de domicílios”, entre algumas das técnicas de metodologias qualitativas desenvolvidas pela equipe do Núcleo de Estudos em Ciências Sociais, Ambiente e Saúde da UFBA (ECSAS)<sup>1</sup> da qual faço parte<sup>2</sup>. Como integrante

---

<sup>1</sup> Criado em 1993 e registrado como núcleo de pesquisa no sistema de informação do CNPq. Entre as pesquisas

da equipe e da produção coletiva do ECSAS tomo a liberdade de transcrever algumas partes da última versão de descrição da área de estudo escrita por Rabelo, Alves e Souza (1999), por ser um texto que sintetiza vários desses estudos<sup>3</sup>.

Segundo Lévi-Strauss (1988), a dicotomia entre “coisa” e “representação” no processo de conhecimento é interdita ao sociólogo ou, no mínimo, “um estado provisório e fugitivo do desenvolvimento da sua ciência”. Para se compreender convenientemente um fato social, diz ele, é preciso apreendê-lo *totalmente*, enquanto “fato social total” isto é, de fora, como uma “coisa”, mas também desde dentro e de sua subjetividade, resgatando a própria visão do “indígena” (nativo). Ou, no mínimo, acrescentaria aqui, a partir de um olhar *gadameriano*, desde uma ótica do observador que busca iluminar sua compreensão da experiência nativa.

---

realizadas das quais participei e se aproveitaram alguns dados para esta tese menciono: 1) “Signs, Meanings and Practices Related to Mental Health”, financiada pelo IDRC e coordenada pelo Dr. Naomar Almeida Filho (Investigador Principal), entre 1991-1995; 2) “Processos de Fragilização e Proteção à Saúde Mental na Trajetória de Mulheres de Classe Trabalhadora Urbana”, financiada pela FCC e CNPq (Processo 521717/95-7), sob a coordenação de Paulo César Alves e Maria Gabriela Hita entre 1994-1997; 3) “Esterilização feminina e Arrependimento em Classe trabalhadora” (Projeto inicial de doutorado) que se transformou em atual pesquisa sobre Arranjos familiares extensos matriarcais (1997-2003). Todas essas pesquisas foram realizadas no contexto do bairro do Nordeste de Amaralina, em Salvador.

<sup>2</sup> Entre as técnicas qualitativas aprimoradas pela equipe se encontram algumas guias de observação específicas no acompanhamento de pessoas e domicílios, o calendário de vida de mulheres, etc. Para que a presença do pesquisador no cotidiano dos grupos estudados seja bem aceita, e lhe confiem segredos familiares e individuais, é necessário desenvolver certo tipo de empatia e aproximação mútuas que só são possíveis com uma boa dose de tempo, criatividade, paciência, assiduidade e continuidade das visitas. É quando o pesquisador deixa de ser visto como aquele “estranho invasor das suas privacidades” e passa a ser enxergado como aquela pessoa conhecida da casa, muitas vezes esperada, com a qual se torna agradável conversar e desabafar, alguém que os escuta, mesmo que nenhum benefício material possa lhes trazer; um amigo da casa. Por outro lado, numa relação de proximidade e contínuo contato, a restituição da informação coletada dá-se naturalmente; o diálogo constante e descontraído sobre os temas pesquisados com os informantes é um meio importante de controle da qualidade da informação. Pela restituição, re-colocação de velhas perguntas ou comentários sobre acontecimentos passados em distintos momentos e conjunturas vitais na vida dos entrevistados, o pesquisador pode observar o que o entrevistado subtrai, apaga, reafirma, confirma, dissimula, renega, nega, se se contradiz ou acrescenta informações. Estas formas de atuar observáveis apenas em contatos desenvolvidos ao longo do tempo são fonte de novos dados, e estas vias variadas de reagir operam como espelho que revelam ao pesquisador os sentimentos, atitudes, caracteres, contradições, etc. de seus informantes. Este é um meio relativamente seguro que permite ao pesquisador comparar as seqüências de uma mesma informação, objetivar a subjetividade dos informantes e a própria, assim como mensurar, comparar e acompanhar a produção da memória dos informantes, reduzindo parcialmente os eternos riscos de manipulação pelos entrevistados e a indesejada presença das pre-noções do investigador, de forma a lhe permitir produzir uma maior distancia reflexiva (nunca a ideal ou total) entre o observador e observado e entre os discursos e realidade do observado.

<sup>3</sup> Aproximações etnográficas mais detalhadas sobre o Nordeste de Amaralina podem ser encontradas em Hita (1994; 1995; 1997a; 1998b; 1999); Iriart (1992); Nunes (1993); Rabelo (1997) e Souza (1995). Para uma abordagem psicológica sobre a criança na família no mesmo bairro, ver Bastos (2001).

Nesta tese, mancomunada com essa concepção, procurei reconstruir uma certa “objetivação” dos “sujeitos” estudados mediante a seleção, composição e apresentação de distintos trechos de uma pluralidade de narrativas de meus informantes, procurando traduzir a riqueza de perspectivas, as distintas posições e a variedade de relações travada por cada um dos membros que compõem este contexto e as duas redes de parentesco matriarcais estudadas. Interessou focar-me nas suas relações antes que nos próprios indivíduos, e nestes, na medida do necessário, para chegar àquelas<sup>4</sup>.

Através do uso das narrativas dos nativos pretendi lançar luz sobre meu objeto de estudo ao reconstruir seus modos específicos de *estar-no-mundo*<sup>5</sup>. A descrição etnográfica densa no estilo geertziano adotado neste trabalho busca transcender o destaque de observações meramente empíricas pretendendo atingir realidades mais profundas que permitam ilustrar algumas conexões de sentido importantes da “experiência” dos atores e deste “contexto” sobre temas do campo de estudos da família e gênero entre populações pobres do Nordeste brasileiro. O principal objetivo da tese foi construir, e oferecer ao leitor, uma densa etnografia contemporânea sobre dois modelos de família extensa matriarcal (negra) em contexto de pobreza, partindo da apresentação de multifacetados trechos narrativos criteriosamente articulados – apesar de não serem sempre analisados desde as diversas janelas interpretativas às que esses dados abrem possibilidades, pela vastidão de temáticas que deles emergem. A riqueza e complexidade dos dados falam por si mesmas e têm maior valor que qualquer intento parcial e limitado de análise em direções que fugiriam ao foco escolhido nesta tese. A marcação em negrito de boa parte das narrativas dos entrevistados ao longo dos capítulos etnográficos tem a função de destacar aqueles trechos mais significativos na demonstração de argumentações centrais desta tese. Tais argumentações, entretanto, podem ser apresentadas em outro capítulo, independente do momento da sua primeira aparição nas narrativas. A lógica priorizada na análise nem sempre é a cronológica, mas se oferece, no Apêndice A, dados desta ordem no intuito de facilitar ao leitor sua incursão no mundo das duas famílias analisadas nos próximos capítulos.

---

<sup>4</sup> Concordo com a proposta inovadora da teoria de Sistemas de Niklas Luhmann que aponta para a importância do estudo das relações e não mais da “ação social” como a teoria sociológica clássica o vem fazendo. Para uma identificação desta questão, ver Izuquiza (1990).

<sup>5</sup> Conceito básico da fenomenologia. Ver Schutz e Luckmann (1973) e Schutz (1993).

Nesta tese o esforço analítico se restringe basicamente a iluminar o objeto de estudo, ou seja a elaborar uma melhor compreensão do modelo de família extensa matriarcal em contexto de pobreza na Bahia. Não disponho de dados estatísticos muito precisos sobre este modelo familiar (apenas algumas possíveis estimativas que se analisam adiante), mas ele certamente apresenta um indiscutível valor simbólico na formação da cultura e identidade baiana das pessoas de qualquer classe social, especialmente, dos grupos negros mais empobrecidos (CARNEIRO, 1936; HARDING, 2000; LANDES, [1947] 1967; LIMA, 1977; MARCELIN, 1996; SEGATO, 1985, 1990; SILVERSTEIN, 1979; WOORTMANN, 1987).

Parto do uso intensivo do discurso (em relatos privados<sup>6</sup>) dos informantes mediante interpretação fenomenológica e hermenêutica gadameriana e geertziana<sup>7</sup> de suas narrativas, para, através da voz dada a essas personagens, poder acessar uma compreensão mais profunda sobre o estilo de vida de comunidades como a estudada e o modelo matriarcal familiar extenso em particular. O estilo de vida, modalidades de interação e complexa rede de fatores intervenientes na construção social da identidade popular em comunidade negra e pobre de Salvador, como é a do Nordeste de Amaralina, são fundamentais para compreender como um modelo de família extensa matriarcal se insere neste contexto, se diferencia de outros arranjos e modelos familiares tidos como hegemônicos (ou não), e se legitima como um modelo familiar tão aceitável quanto outros com os quais convive e interage simultaneamente no mesmo contexto, não parecendo ser visto pelos próprios nativos, segundo minhas hipóteses, como um modelo desviante ou de menor valor social, por exemplo, ao de uma família patriarcal ou chefiada por homens. Por isso o estudo do contexto é imprescindível, sendo indispensável detectar como esse modelo se insere, opera, qual a sua significação e como se inter-relaciona com seu entorno e com a sociedade mais ampla da qual faz parte.

---

<sup>6</sup> Cornwell (1984 apud CASTRO, 2000) distingue o relato “privado” do “público”. O relato público remete a grupos de significados compartilhados que legitimam supostos sobre a natureza da realidade social. Em um relato público as pessoas sabem que, não importa o que digam, o dito será sempre aceitável pelos outros (idéia próxima do que denomino de “representações dominantes” ou “modelos hegemônicos”). Portanto, este tipo de relato reflete só parcialmente a experiência das pessoas. Os relatos privados, entretanto, estão vinculados com a experiência pessoal e os sentimentos dos indivíduos, surgem quando o indivíduo é convidado a pensar e responder desde um contexto de interação onde se considera apenas seu próprio ponto de vista. A captação de um ou outro relato está associado diretamente ao tipo de metodologia utilizada para sua captura. Os primeiros surgem como respostas a perguntas diretas feitas pelo entrevistador, os segundos quando estes convidam seus informantes a contar suas histórias livremente.

<sup>7</sup> Ver Gadamer (2002) e Geertz (1973).

As narrativas selecionadas, e o contexto social do qual emergem e no qual fazem sentido, exibem um rico conjunto de signos, imagens e metáforas através do qual os indivíduos podem modelar e comunicar suas “experiências” a outros indivíduos, interpretá-las e significá-las. O estudo intensivo da narrativa de tão somente “um” indivíduo ou grupo familiar, devidamente realizado, seria suficiente para captar e dialogar com uma série de comportamentos e visões de mundo que são tidos como o “padrão” do contexto social no qual esse indivíduo esteja inserido, independentemente da sua especificidade como pessoa, não havendo, em princípio, necessidade de recorrer a técnicas quantitativas para obtenção dessa informação de teor mais estrutural<sup>8</sup>. Entretanto, não foi apenas isso o que fiz ao priorizar um estudo de dois casos de família extensa matriarcal, pois, disponho também de uma extensa base de dados – quantitativa e qualitativa – sobre o Nordeste de Amaralina (da qual apresento uma síntese neste capítulo) que permitem melhor associar as conexões de sentido entre a especificidade do modelo matriarcal e os elementos compartilhados neste ou em outros contextos da realidade nacional.

Vale ressaltar que o objetivo desta tese não foi o de oferecer explicações causais do fenômeno estudado nem generalizações a partir da construção de dados de dois grupos familiares extensos e respectivas trajetórias de vida. O que interessou foi desconstruir a partir destes dados e de um novo olhar da realidade, uma série de supostos que têm pairado no campo de estudos da família e gênero, buscando com isso colaborar na re-edificação do campo levando em conta supostos até então excluídos, como por exemplo, o da singularidade de um modo de operar próprio dos modelos extensos matriarcais presentes no Nordeste brasileiro. Este modelo não pode ser entendido unicamente como marca da “feminilização da pobreza”, nem interpretado como desviante em relação ao modelo tido como hegemônico. Parto do pressuposto de que para devidamente compreender e interpretar (desde uma acepção *weberiana* de ciência interpretativa<sup>9</sup>) a “experiência” de diversos grupos sociais, a interpretação hermenêutica de narrativas é um poderoso instrumental e o escolhido para esta tese, por me permitir um bom acesso à percepção que os indivíduos têm do mundo em que vivem, proporcionando elementos sobre como nele se situam.

---

<sup>8</sup> Sobre potencialidade de técnicas qualitativas de pesquisa ver Alves (1995, 1997, 1999); Bericat (1998); Castro (1996, 2000); Castro e Bronfman (1999); Guba e Lincoln (2000); Jelin, Llovet e Ramos (1999); Menéndez (1997, 2001) e Van Velsen (1967).

<sup>9</sup> Ver Cohn (1979).

A “experiência”, categoria central em toda análise fenomenológica, é definida por Rabelo, Alves e Souza (1999) como uma categoria que remete a hábitos, conhecimentos e práticas que se dão nos, e através dos, corpos, os quais intervêm na realidade por meio da dialética entre: a) nosso enraizamento original no mundo da sociedade e da cultura (*embodiment*<sup>10</sup>) e b) nosso engajamento com o futuro mediante nossos projetos, elemento característico da ação humana e que faz da ambigüidade a marca definidora de nossa existência. Nas palavras destes autores:

Problematizar a idéia de experiência significa assumir que a maneira como os indivíduos compreendem e se engajam ativamente nas situações em que se encontram ao longo de suas vidas não pode ser deduzida de um sistema ordenado de idéias, símbolos ou representações. ‘O conhecimento através do qual se vive não é necessariamente idêntico ao conhecimento através do qual se explica a vida’, observa Jackson (1996:2). O caráter fluído, multifacetado, e sobretudo, indeterminado da experiência escapa tanto aos cientistas sociais, que buscam decifrar códigos operantes subjacentes às práticas, quase sempre de modo inconsciente, quanto àqueles que explicam as práticas pelas idéias ou representações expressas *a posteriori* pelos atores. Em uma perspectiva fenomenológica [...] A idéia de experiência enquanto modo de estar no mundo nos remete diretamente ao corpo, como fundamento de nossa inserção no mundo. É o corpo que fornece a perspectiva pela qual nos colocamos no espaço e manipulamos os objetos; pela qual os objetos e o próprio espaço ganham sentido para nós. É por ter um corpo – ou ser um corpo – que estamos situados, que somos irremediavelmente seres em situação. Antes de constituir um objeto – nosso corpo que miramos no espelho, o corpo do outro cuja figura avaliamos, ou o ‘organismo’ sobre o qual intervêm as ciências biomédicas – o corpo é dimensão do nosso próprio ser. A subjetividade, portanto, não se refere a uma consciência que paira sobre o mundo e o avalia à distância: é sempre uma consciência-corpo ou corpo-consciência, o que equivale também a considerar o corpo como ele mesmo, perpassando por uma dimensão subjetiva, de sentido. Assim o corpo é o *locus* em que se inscrevem e se mostram as várias dimensões da vida (experiências passadas, projetos e esforços concretos para intervir na realidade). Tais dimensões não se superpõem e nem se perdem na história; via uma síntese espontânea, integram-se em um esquema corporal que expressa uma modalidade particular de ser no mundo. É nesse sentido que, seguindo Merleau-Ponty, podemos falar do hábito como uma *praktognosia*, um modo de conhecimento e intervenção na realidade radicado no corpo. O hábito é uma forma de compreender o mundo bem distinta de uma apreensão intelectual que produz representações ou idéias: trata-se de uma compreensão que expressa antes um modo de ajustar-se a uma dada situação, que é logrado pelo corpo (Merleau-Ponty, 1994). O corpo, entretanto, não é apenas o *locus* do hábito, mas o movimento de realização do projeto. Não só somos seres em situação, como também somos seres continuamente voltados para transcender a situação, orientados para o futuro. Ser um corpo é, de fato, não apenas ter uma situação, mas estar sempre a ultrapassá-la rumo a novos estados ou modos de ser, pois o corpo vivido é corpo em ação antes que corpo contemplado (Sartre, 1997). É essa dialética entre nosso enraizamento original no mundo da sociedade e da cultura e nosso engajamento com o futuro, característico da ação, que faz da ambigüidade a marca definidora de nossa existência. (RABELO; ALVES; SOUZA, 1999, p. 11-13).

---

<sup>10</sup> Ver Csordas (1990, 1993, 1994). Csordas (1993, 1994), trazendo a discussão de Merleau-Ponty (1994) a respeito da percepção para a esfera da antropologia, propõe colocar a “experiência encarnada”, o *embodiment*, como ponto de partida para a participação humana no mundo cultural, por ver o corpo como “condição existencial onde cultura e self se encontram” (1993, p. 136). O autor parte da idéia de percepção e atenção como algo que se inicia no corpo e o relaciona ao conceito de *habitus* de Bourdieu, como aquele princípio gerador e estruturador das práticas e representações, aproximando este conceito ao de pré-reflexividade de Merleau-Ponty. Para que um *habitus* seja compartilhado por um grupo, é preciso que os agentes que dele participam compartilhem o mesmo sistema de ação e representação. O *habitus*, além de facilitar as interações sociais entre “iguais”, marca ao mesmo tempo a posição diferenciada de cada sujeito enquanto ser pertencente a um determinado grupo, instituição ou tradição. Por sua vez, Mauss (1974) ao conceituar as técnicas do corpo como “maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (1974, p. 211) coloca o corpo como instrumento que corresponde à cultura em que o sujeito está inserido. O corpo assim, é mais que um instrumento, ele é a condição de possibilidade no mundo dos agentes.

## A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO E A POBREZA URBANA EM SALVADOR

Marcada por importante passado histórico, a cidade de Salvador foi descrita na década de 30 pelo antropólogo Donald Pierson (1971) como “uma cidade medieval cercada de aldeias africanas”, o que já ilustrava a ocupação espontânea dos vales e encostas pelos pobres (a maioria negros<sup>11</sup>), enquanto os grupos privilegiados (em sua maioria constituída de brancos) ocupavam as cumeadas do relevo urbano. A esse padrão de ocupação seletivo acrescentou-se, neste século, um movimento gradual de decadência de áreas nobres dando lugar a mudanças na imagem e composição de sua população. A expansão urbana passou também a ocupar áreas planas antes desocupadas ao longo da orla marítima, mediante a abertura de novos assentamentos, clandestinos ou planejados, pela via de invasões e loteamentos.

A partir da década de 50 acontece em Salvador uma importante mudança e reativação econômica com a implantação da Petrobrás. A cidade passou a ser base de moradia de seus trabalhadores mais qualificados. Nas décadas seguintes esse processo se solidifica com o surgimento do Centro Industrial de Aratu (CIA) e, na década de 70, com o Pólo Petroquímico; representando uma importante abertura ao estancado mercado de trabalho de décadas anteriores, o que impulsionou, por sua vez, uma importante dinamização dos setores de serviços e comércio. Do ponto de vista urbanístico a cidade viveu um processo de modernização planejada com a abertura de novas vias de circulação através da construção de grandes avenidas de vale e a ampliação do sistema de transporte, propiciando uma valorização do solo urbano, que passaria a ser ocupado diferencialmente por novos atores emergentes. De um lado, levas de imigrantes do meio rural e seus descendentes, que, buscando no centro urbano novas oportunidades de trabalho e melhorias de vida, deram início à instalação de grupos pauperizados em áreas desocupadas da cidade (as chamadas “invasões”, algumas das quais deram origem a novas “favelas” ou bairros populares). Estas ocupações ocorreram sem a devida infra-estrutura, através de arrendamento, pagamento de foro, aluguel ou

---

<sup>11</sup> A Bahia é tida como o estado brasileiro de maior concentração de população negra. Muitos estudiosos utilizam a junção das categorias de “pardos” e “negros” do censo, para designar as populações de descendência da raça negra ou africana, estipulando-se ser este contingente por volta de 80% da população baiana.

simplesmente, e na maioria dos casos, pela tomada do espaço. Este foi o caso do bairro do Nordeste de Amaralina, que é o contexto de estudo desta pesquisa. De outro lado, setores médios provindos de bairros decadentes da cidade, que passaram de áreas residenciais a zonas comerciais saturadas (hoje o centro histórico), ou classes em ascensão econômica, buscando áreas novas de urbanização planejada e ainda em processo de valorização imobiliária, procuraram investir na melhoria de seu padrão de vida, transferindo-se para áreas costeiras da cidade. Dessa maneira foram nascendo e se erguendo os bairros de classes médias, e média alta, da Pituba, Stiep, Piatã, Patamares, Itapuã, Vilas do Atlântico etc. se expandindo cada vez mais pela costa norte da cidade (onde classes privilegiadas têm casas de veraneio) ao longo da, chamada hoje, “linha verde” da Bahia.

Esse processo de modernização e consolidação de padrão urbano aconteceu por vezes sob o jugo de uma característica ação repressiva do Estado na defesa de certos interesses imobiliários, disciplinando e contendo o crescimento descontrolado de ocupações populares em certas regiões da cidade. O primeiro grande pico de crescimento ocupacional popular ocorreu entre 1950-68. Nos anos 70 a expansão de Salvador já tinha se consolidado em torno de três grandes vetores bem diferenciados: 1) a orla norte, área valorizada, onde se concentram a riqueza, a área industrial e turística da Bahia, 2) o centro geográfico da cidade com conjuntos habitacionais de classes média baixa e populares, 3) o subúrbio ferroviário e periferias com parcelas mais pobres da cidade<sup>12</sup>. Depois disso, nos anos 80, novas ocupações ocorreram, ainda que em áreas menores, forçando uma utilização mais intensiva do espaço, e provocando maior deterioração das condições já precárias de habitação em muitos dos bairros populares já existentes. Nos anos 90, inicia-se ao longo da linha verde a construção de importantes e luxuosos empreendimentos hoteleiros, solidificando a faceta voltada ao turismo como uma importante atividade econômica da cidade.

---

<sup>12</sup> Estudo sobre favelas no Rio de Janeiro identificam a seguinte periodização e fases das mesmas: a) anos 30, início do processo de favelização do Rio e reconhecimento da existência das mesmas pelo *Código de obras* de 1937; b) anos 40: primeira proposta de intervenção, com a criação dos Parques Proletários; c) anos 50 até meados dos 60: período de expansão das favelas por ausência de uma proposta governamental voltada para elas; d) meados dos anos 60 a 70: período das remoções, coincidindo com o período do regime autoritário; e) anos 80: período de urbanização das favelas cariocas (VALLADARES, 2000, p. 26). Acredito que guardadas as devidas diferenças, esse estudo para o Rio aponta diretrizes gerais que espelham em boa medida o processo vivido por favelas ou assentamentos populares também em cidades como a de Salvador. Na Bahia um marco importante de re-urbanização ao interior de bairros populares teria se iniciado eficazmente a partir da década de 90, com a integração dos mesmos ao sistema planejado de esgotos da cidade (o projeto governamental Bahia Azul) iniciado na década de 90 na cidade e chegado a habitações populares apenas no final dessa década.

## DESCRIÇÃO DA ÁREA: O NORDESTE DE AMARALINA

O Nordeste de Amaralina é um bairro popular situado próximo à orla marítima em área central e sudeste da cidade de Salvador. Com uma superfície de 250 hectares, está limitado por bairros de classe média como Rio Vermelho, Pituba e Amaralina, e se espalha sobre seis pequenos montes. Está dividido em 3 grandes regiões: Vale das Pedrinhas, Santa Cruz e Nordeste. O bairro do Nordeste de Amaralina (doravante denominado Nordeste) é um típico exemplo de invasão, com áreas recentemente ocupadas<sup>13</sup> e zonas já assentadas de invasões anteriores. Até os anos 80 em torno de 60% dos residentes do Nordeste era composto por migrantes, muitos provenientes de áreas rurais. Este dado vai se modificando com o aumento do percentual dos filhos de migrantes nascidos já no bairro, diminuindo-se progressivamente a participação de migrantes na área.

O núcleo inicial de ocupação do bairro data de aproximadamente 1957 e desenvolveu-se a partir do loteamento de Ubaranas, onde o retardamento da ocupação dos lotes possibilitou a "invasão" de alguns terrenos e áreas adjacentes pertencentes a fazendas, na época já em adiantada fase de decadência. Atualmente, devido às modificações já citadas na ocupação da cidade, o Nordeste é limitado em alguns trechos por avenidas básicas do sistema viário da cidade de Salvador, pelo Parque Municipal da cidade, por edifícios, nas proximidades da Pituba, e por casas, dos lados da Amaralina e Rio Vermelho (ver mapas da área nos Anexos A e B).

As especificidades geográficas deste tipo de invasão são resultantes de longos processos de parcelamento do solo (venda de posses e conseqüente retalhamento de cada uma dessas parcelas em fatias menores). Mas a expansão do bairro e de zonas mais ricas que o rodeiam ao longo das três últimas décadas se deu, no entanto, de forma mista: através da compra de terrenos de antigas fazendas loteadas ou da invasão e ocupação do terreno vazio, simplesmente. As áreas de invasão antigas foram posteriormente regularizadas pela Prefeitura. Invasão ocorrida na região, em 1980, chamada Nova República, já começava a ultrapassar timidamente os limites do Parque da Cidade no

---

<sup>13</sup> Nova República nos anos 80 e o Boqueirão no início dos anos 90.

final dos anos 90. A área do Nordeste se caracteriza por altas concentrações de construções em que quase a totalidade do terreno disponível se encontra hoje edificado. Os contornos do bairro estão bem demarcados. Por isso a expansão horizontal é restrita, predominando sua extensão pela ocupação dos espaços ainda vazios ou a resultante da edificação de um segundo ou terceiro andar sobre as lajes das casas já existentes.

O comércio local é intenso. Basta dar uma caminhada pelas ruas do Nordeste para ter uma idéia da vitalidade da economia informal ao seu interior: muitas casas transformam-se em vendas improvisadas de bebidas e gêneros alimentícios expostos nas janelas ou barraquinhas perto da moradia; muitas casas penduram pequenas placas anunciando o tipo de serviço oferecido: professor de banca (reforço escolar), costureira, cabeleireiro, manicure, venda de geladinhos (um tipo de picolé de suco de frutas), doces, etc. Todos esses produtos e serviços estão à disposição dos que transitam pelas ruas do bairro. Nas áreas de ocupação mais antiga observava-se a existência de um comércio mais institucionalizado com lojas de materiais de construção, panificadoras, mercadinhos, serviços mecânicos de automóveis, barbearias, etc. Nas regiões de invasão mais recente predominava a casa de negócio na própria residência, geralmente tipo quitanda ou botequim.

Com exceção das avenidas principais, em que se concentra o comércio local, o cenário do Nordeste é dominado por pequenas casas espremidas umas contra as outras, ao longo de ruas estreitas e sinuosas (ver imagens do bairro no Anexo B). As casas se diferenciam pelo tamanho e pela qualidade do material de construção utilizado. As construções costumam ser bem precárias, e na maioria dos casos não passam de pequenos cômodos sem divisões internas, predominando a edificação em alvenaria de tijolos aparentes, o que transmite a impressão de estarem inacabadas ou em processo de construção. Outras edificações eram feitas em barro ou eram barracos improvisados à base de papelão, tábuas e pregos, em arranjos provisórios à espera de obtenção de recursos de seus proprietários para dar-se início a construções mais sólidas.

A tendência à verticalização da área, como já foi mencionado, é marcante. Muitos proprietários “batem laje” na sua casa para construir um segundo ou terceiro pavimento, seja para aumentar o número de cômodos da família, ou para criar uma nova residência a ser ocupada por um filho casado ou família de algum parente. As construções crescem sem muita preocupação com os detalhes

técnicos, desde que se ponha bastante brita nos alicerces e sejam obedecidas determinadas normas, a quebra das quais provoca, via de regra, conflitos com a vizinhança pela ameaça que representa uma “má” construção para a segurança geral, que, devido à topografia do terreno em distintos morros, facilita os deslizamentos de terra. Algumas normas básicas de construção parecem ser compartilhadas por todos: homens, mulheres e crianças. Muitas mulheres, em particular, são bem familiarizadas com as particularidades de materiais de construção: nomes, custos, usos. Não é raro serem elas as que assumem as funções de arquiteta, tesoureira e administradora da construção de suas casas, ou, até mesmo a de pedreiro, sempre que for necessário. A construção da casa, erguida pouco a pouco, passo a passo, dia a dia, é um dos mais importantes projetos familiares no meio popular; nele se investem recursos materiais, horas de trabalho, planejamento, negociações familiares, renúncias, abandono ou retomada de planos e desejos. O projeto da casa, como bem o ilustram os próximos capítulos, significa muito para o pobre brasileiro que faz de tudo para lograr conquistar o sonho da “casa própria”. Conseguir erguê-la exprime a vida dos que a habitam, refletida nos sacrifícios necessários para sua obtenção, e por vezes, até a perda da paz familiar e bom convívio com a vizinhança.

O Nordeste de Amaralina faz parte do subdistrito de Amaralina (cód. 6) do Distrito Sanitário Barra/Rio Vermelho, distrito que compreende as regiões administrativas VI (Barra), VII (Rio Vermelho), VIII (Pituba) e parte da região administrativa I (Garcia e Campo Grande). Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) são agrupados e publicados por Distritos Sanitários e não sub-regiões que os compõem, por isso, para obter algumas informações mais específicas do bairro foi preciso recorrer a dados não publicados e montagem de tabelas a partir das micro-regiões que compõem a área de estudo<sup>14</sup>.

Estatísticas nacionais ilustram o grande abismo existente entre as populações do Sul e Sudeste brasileiro quando comparadas às do Norte e Nordeste. Por exemplo, quanto à cor ou raça, os resultados do Censo Demográfico 2000 apontam para um aumento da auto-declaração dos negros e pardos no Brasil como um todo, o que pode estar indicando uma mudança nos padrões de identificação e auto-classificação do brasileiro. O maior percentual de brancos se concentrou em

---

<sup>14</sup> Agradeço a Angelo Sampaio, bolsista de IC pelo PIBIC/ CNPq desta pesquisa, a coleta e sistematização dessa informação junto ao IBGE e SEI.

Santa Catarina (89.3%), ficando a Bahia com a maior enumeração das pessoas que se declararam negras e pardas (73,2%) (dados publicados no Jornal A Tarde de 21/12/2002). Sobre o abismo racial, e no que concerne especificamente às mulheres, no Brasil, as mulheres brancas ganham, em média, exatamente o dobro do que recebem as negras e pardas. Enquanto as brancas ganham R\$ 492, as negras e pardas recebem R\$ 246. Segundo dados da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD) apenas 0,7% das empregadoras são negras; e a maior parte das mulheres que empregam outras pessoas é branca (80,1%). Outro dado importante é o referente à mortalidade infantil. A mortalidade infantil caiu de maneira generalizada em todos os Estados brasileiros e de forma mais acentuada no Nordeste. Mas, mesmo com esta forte queda, a região do Nordeste continua com níveis muito elevados de mortalidade infantil, quase o dobro dos percentuais encontrados no Sudeste, Sul e Centro-Oeste. Em 2000, a taxa de mortalidade infantil na região Nordeste era de 44,73 por mil nascidos vivos, enquanto no Sudeste foi de 21,28, no Sul de 18,87 e no Centro-Oeste de 21,61 (Jornal A Tarde, 21/12/2002).

Dentro desse contexto geral que caracteriza a cidade de Salvador como uma cidade Nordestina com significativos índices de pobreza, passo a descrever outros dos dados apenas para o bairro da pesquisa. O Nordeste de Amaralina, segundo dados recolhidos no IBGE, tem aproximadamente 13.689 domicílios (particulares permanentes), com uma população aproximada de 53.756 habitantes distribuídos nas três regiões citadas. Desses domicílios, 80% são de casas próprias e já quitadas, 17% de residências alugadas e/ ou apartamentos e os 3% restantes, cômodos ou residências ainda em aquisição ou cedidos de outra forma. A população jovem, com até 19 anos, compõe 40% do total dos 53.756 habitantes e é em geral dependente economicamente dos adultos ou idosos de seus domicílios. Boa concentração de habitantes encontra-se entre as coortes de idade de 20 a 49 anos com 50% do total da população. Deste contingente, 68,8% são responsáveis pelos seus domicílios (auto designados “chefe da família”). Pessoas acima de 50 anos formam um reduzido percentual de aproximadamente 10% dessa população. Entretanto, e em relação ao reduzido percentual da sua participação populacional, o grau de chefia domiciliar é significativamente alto nessa coorte etária: em torno de 30,4 % das chefias são de pessoas acima de 50 anos (e aproximadamente 65% das pessoas que têm essa idade são os responsáveis de seus domicílios).

A chefia feminina declarada em Salvador é das mais altas do país; e nesta população em particular, é em torno de 38,24%<sup>15</sup>. Dos 13.689 domicílios, 47,6% têm até três moradores e os 52,4 % restantes acima de quatro moradores, com 10,2% acima de sete moradores e 42,1% entre quatro e seis moradores. É significativo o percentual de lares unitários, com quase 10% dos domicílios.

Nos últimos anos, apesar das aparentes melhorias nas condições de vida de muitos dos domicílios, mediante consolidação e amadurecimento de novos núcleos familiares (hoje independentes dos de origem) e da visível melhoria dos materiais na construção dos barracos e casas das ruas visitadas ao longo dos últimos 10 anos, e de melhorias nos níveis de educação e renda indicados pelo IBGE, a população pode ser caracterizada como das mais pobres na cidade de Salvador, com elevados índices de desemprego e categorias menos rentáveis de tipos de emprego. Em 2000, a população acima de 5 anos de idade indica uma elevação significativa do seu índice de alfabetização que sobe ao patamar de 88%, mas a grande maioria da população não tem mais do que quatro anos de estudos. O índice de desemprego é elevado e dos mais altos do país. Entre outubro de 1996 e junho de 2003 houve uma taxa de 28,6% de desemprego<sup>16</sup>, com uma renda média de R\$ 427,43<sup>17</sup> no Nordeste de Amaralina. Segundo o IBGE, no ano 2000, o rendimento nominal mensal dos chefes de domicílios no Nordeste de Amaralina é de R\$ 315,13. Esse diferencial pode ser resultado das diferentes metodologias de obtenção do dado em cada fonte. Já em Salvador, dados do censo 2000 revelam que a Bahia tem a 22ª pior renda familiar do país (Jornal A Tarde, 12/01/2003). Enquanto a renda média dos chefes de família nas grandes metrópoles é de R \$ 1.190,00, a das cidades entre 5.000 e 10.000 habitantes é de R \$ 410,00 (Jornal A Tarde, 30/11/2002). Com estes dados fica evidenciado o nível de pobreza de Salvador, Bahia e em especial o Nordeste de Amaralina, comparados a dados de outras capitais.

Pesquisas variadas apontam a fragilidade de dados sobre renda (por variados motivos relacionados a sua coleta) questionando sua confiabilidade, se tomados isoladamente, para uma boa caracterização das populações em estudo. Motivo pelo qual este dado é tomado como parcial, e analisado junto a outros na construção do perfil da população do Nordeste de Amaralina. Sabe-se que em grupos

---

<sup>15</sup> Adiante retomo o tema da chefia feminina em maior profundidade.

<sup>16</sup> Em junho de 2003, Salvador apresenta taxa de desemprego de 30%, SP de 20%, BH de 19,1% e Porto Alegre de 17,6%. Fonte: SEP. CONVÊNIO SEADE-DIEESE; FEE-FGTAS-SINE/RS; STDH/GDF; CEI/FJP/SETAS/SINE-MG; SEI/SETRAS/UFBA; DIEESE – SEPLANDES/PE.

<sup>17</sup> Fonte: PED RMS-SEI/SETRAS/UFBA/DIEESE/SEADE.

populares a renda de um domicílio pode ser composta, além da do chefe da casa, por um conjunto amorfo de rendimentos de outros membros do lar que se encontrem trabalhando (filhos, companheiras/os etc). Essas pessoas podem ter trabalhos e rendas fixas ou contribuir com receitas de “bicos” – trabalho autônomo e ocasional. Outras fontes de renda podem ainda ser resultante de atividades paralelas do chefe ou de outros dos membros às de um emprego fixo, mesmo e quando o destino dessas receitas possa nem sempre destinar o uso coletivo e restringir-se, em muitos casos, apenas a uma utilização individual.

Os dados do IBGE sobre a renda dos chefes de domicílios no Nordeste de Amaralina em 2000, apresentados na Tabela 1, a seguir, apontam que a grande maioria dos chefes, 56,74% deles, ganhava até dois salários mínimos (sendo que destes, 67,46 % eram chefes mulheres e 50, 11% chefes homens). O percentual de responsáveis que ganhavam entre 2 e 5 salários mínimos foi em torno de 24,7 % (onde 14,82% eram mulheres e 29,78% homens). Foi significativo o número de chefes que se encontravam nesse censo sem nenhum rendimento, em torno de 12% (14,31% das mulheres e 10,54% dos homens). Apenas um percentual de 7,21 % ganhava acima de cinco salários mínimos (3,41% das mulheres e 9,57% dos homens). Dessa rápida análise se percebe o caráter popular do bairro e os melhores salários de homens em relação às mulheres nessa comunidade.

O tipo de ocupações mais freqüentes identificados entre as mulheres do Nordeste, segundo os depoimentos de estudos etnográficos e resultados de survey do ECSAS realizado a 120 domicílios em 1992, foram as de lavadeira, faxineira, cozinheira, babá, empregada doméstica, baiana de acarajé, quitandeira, gari, merendeira. Entre os homens, predominam as ocupações de servente, biscateiro, porteiro, vigia, mecânico, motorista, pedreiro, pescador, barraqueiro, garçom, balconista, *office-boy*, ambulante, serralheiro, gari, guardador de carros em bares e empregado público ou de firma, entre outros.

Quanto ao saneamento básico, era comum em todo o bairro o sistema de valas cavadas nas vias públicas, cobertas por lajes de concreto, para onde eram canalizadas as águas servidas das edificações. Nas regiões de invasão mais recentes os dejetos costumavam correr em valas a céu aberto. Isto foi modificado no final dos anos 90 quando se realizou um maior esforço para integrar o bairro ao sistema centralizado de esgotos da cidade, forçando os moradores a canalizar e introduzir

vasos sanitários na maioria das residências. O sistema de coleta de lixo, quando começaram os contatos da equipe de pesquisa, era mais precário do que atualmente, existem ainda alguns lixões próximos às habitações onde ainda é jogado o lixo, ficando ali depositado por dias até ser recolhido. A rede de abastecimento de água potável e a rede de distribuição de energia elétrica cobriam praticamente todo o bairro desde os anos 80.

**Tabela 1: Rendimento nominal mensal dos responsáveis pelos domicílios do Nordeste de Amaralina segundo o sexo.**

	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Total</b>
Até 1/2 salário mínimo	77 (0,91%)	134 (2,56%)	211 (1,54%)
Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	1485 (17,56%)	2061 (39,38%)	3546 (25,90%)
Mais de 1 a 2 salários mínimos	2675 (31,64%)	1336 (25,52%)	4011 (29,30%)
Mais de 2 a 3 salários mínimos	1370 (16,20%)	446 (8,52%)	1816 (13,27%)
Mais de 3 a 5 salários mínimos	1148 (13,58%)	330 (6,30%)	1478 (10,80%)
Mais de 5 a 10 salários mínimos	707 (8,36%)	146 (2,79%)	853 (6,23%)
Mais de 10 a 15 salários mínimos	57 (0,67%)	22 (0,42%)	79 (0,58%)
Mais de 15 a 20 salários mínimos	26 (0,31%)	6 (0,11%)	32 (0,23%)
Mais de 20 salários mínimos	19 (0,22%)	4 (0,08%)	23 (0,17%)
<b>Sem rendimento</b>	<b>891 (10,54%)</b>	<b>749 (14,31%)</b>	<b>1640 (11,98%)</b>
<b>Total</b>	<b>8455 (100%)</b>	<b>5234 (100%)</b>	<b>13689 (100%)</b>

Fonte: IBGE, Resultados do Universo do Censo Demográfico 2000

Especificamente no Nordeste de Amaralina encontra-se o 9º Centro de Saúde localizado na parte Sul do Bairro, o 15º Centro no Vale das Pedrinhas e um posto de saúde localizado em Santa Cruz. O Centro de Saúde Mental Osvaldo Camargo localizado no Bairro do Rio Vermelho é a principal referência em Saúde Mental para a região. Nos bairros vizinhos de Amaralina e Pituba localizam-se clínicas particulares conveniadas que também atendem ao Sistema Único de Saúde (SUS) (SEMEC, CATO, SOMED etc.) que também atendem a população do Nordeste de Amaralina. Existe um bom número de escolas de ensino primário e médio no seu limite, havendo também creches e pré-escolas.

Nos limites do Nordeste encontram-se também vários espaços de culto religioso, freqüentados pelos seus moradores e aos quais se recorre com freqüência em casos de doença: terreiros de candomblé, diversas denominações pentecostais, casas de umbanda e centros espíritas mais ortodoxos, além de igrejas católicas, uma das quais atrelada à renovação carismática.

Quanto à participação em associações, depoimentos de antigos moradores se queixavam da corrupção e descaro de alguns de seus líderes. Um exemplo disso foi o depoimento de um líder comunitário que ressalta o seu trânsito fácil com políticos, e que dizia ser o proprietário do centro comunitário (construído com dinheiro fornecido por um desses políticos), justificando a sua atitude de apropriação pela falta de participação e de esforço do povo na construção do mesmo. Mas havia outro tipo de participação na comunidade, além da religiosa e a de associações, muito citada pelas mulheres: era a participação nas “caixas de dinheiro”, dispositivo criado pelos moradores para obter um pequeno crédito outorgado pelos participantes da mesma. A escolha dos participantes era criteriosa, nem todos passavam na seleção. Todo mês, cada participante colaborava com uma quantia fixa de dinheiro, e a arrecadação total era doada ao primeiro na lista até chegar a vez de cada um. Com as quantidades recolhidas, muitos deles financiaram melhorias nas suas habitações. D. Cida parteira era assídua participante desse sistema de crédito comunitário.

### *Identities, differences and lifestyles in the Northeast of Amaralina*

Elemento importante para entender o Nordeste de Amaralina depreende-se da própria história de constituição do bairro. Amaralina vem de Amaro, nome do dono de uma grande extensão de terras que, loteadas, também deram origem aos bairros mais ricos limítrofes: Amaralina e Pituba. Tal momento genético remonta a uma origem comum e, simbolicamente, registra um certo estado de indiferenciação de identidade (que parecia ser reeditada quando alguns moradores, os mais antigos e estabilizados, "preferiam" nomear suas ruas com o nome que elas têm na sua continuação na Pituba, e não com os nomes que elas ganharam ao interior do bairro). Não obstante, tal pretensa igualdade foi perdendo a força com o processo de desenvolvimento e crescimento do bairro, onde seus filhos

se sentem cada vez mais “Nordeste” e cada vez menos “Amaralina”, o que se nota até mesmo nas referências recorrentes dos mais jovens ao afirmar: "eu sou do Nordeste", ou "eu moro no Nordeste". A estratificação ao seu interior é grande e um marcador importante é o da antiguidade no bairro.

Em “Os estabelecidos e os outsiders”, Norbert Elias e John Scotson (2000) desenvolvem uma interessantíssima reflexão teórica e etnográfica sobre estudos de comunidade no campo dos Estudos Culturais. O foco desse estudo foi as relações de poder no interior de um bairro de classe trabalhadora industrial da Inglaterra após a Segunda Guerra Mundial. O local, denominado Winston Parva, não se auto-percebia como uma comunidade relativamente homogênea, apesar dos seus habitantes não apresentarem significativas diferenças de classe, *status* ou condições sócio-econômicas e culturais – numa direção muito similar à observada no Nordeste atualmente. Uma grande virtude desta obra é sua produtividade teórica e reflexiva resultante de seu ecletismo metodológico que, pelo tratamento de fontes diversas (observação participante, entrevistas, estatísticas oficiais, relatórios governamentais, documentos jurídicos e jornalísticos), permite alcançar o conjunto de pontos de vista (e de posições sociais) que formam aquela figuração social que Elias nos descreve magistralmente. Mediante o uso da triangulação metodológica (combinação de diversas metodologias) ele buscou compreender a natureza dos laços de “interdependência” que hierarquizavam, separavam e uniam indivíduos e grupos sociais naquele contexto.

Para Elias e Scotson (2000), *Establishment* e *Established* (Estabelecidos) são palavras que designam grupos e indivíduos em posições de prestígio e poder: “a minoria dos melhores”. Um *established* se auto-percebe e é reconhecido como uma identidade social, cujo poder se funda no fato de ser um modelo moral para os outros pela combinação singular que faz da tradição, autoridade e influência. Os que estão fora desta sociedade ou identidade são os *Outsiders* (os Excluídos), um conjunto difuso de pessoas (não propriamente um “grupo social”) unidas por laços menos intensos do que aqueles que formam o *Establishment*. Segundo Elias, a relação “Estabelecidos–Excluídos”, baseada em relações de diferença e desigualdade social, é uma propriedade geral de toda relação de poder, que as explica e ilumina em todos os seus níveis: familiar, local, cultural, nacional, mundial ou intercontinental. Um termo complementa o outro,

nega o outro por defini-lo como seu oposto mas, e ao mesmo tempo, o une, indissociavelmente a esse outro pelo laço tenso e desigual de “interdependência” que os constitui e define mutuamente. Na comunidade estudada por Elias, os “estabelecidos” fundavam sua distinção e poder em um princípio de “antigüidade” em relação aos “excluídos”, que eram estigmatizados por atributos associados com a anomia, como a delinqüência, a desintegração e a violência. Os “estabelecidos” se identificavam como os moradores mais antigos de Winson Parva, e eles projetavam sobre os mais novos, uma série de desqualificações indicando com isso a presença de dois mundos sociais diferentes. Essa é uma das virtualidades de toda relação de poder, no entender de Elias, e que se expressava naquele contexto mediante o uso da força física, a violência e o assassinato.

A mesma divisão que Elias encontrou no bairro operário inglês do pós-guerra, foi encontrada nos estudos etnográficos sobre o Nordeste de Amaralina atual. As diferenças entre moradores antigos e mais recentes não pareciam ser apenas materiais (os primeiros geralmente tinham melhores casas), elas pareciam ser também de ordem simbólica (os novos carregam a responsabilidade pelo estigma do bairro como "violento"). Entretanto, entremeados pelas áreas mais assentadas, de vizinhança estabilizada, há inúmeros segmentos de pobreza antiga quase tão carentes quanto os recém-chegados de novas invasões, onde a presença da violência – bem o indicam relatos mais privados se contrapondo aos públicos – é tão presente nestas áreas como naqueles espaços das novas invasões. A concepção e os relatos públicos que os moradores vão apresentando sobre o próprio bairro é uma das formas de expressão de sua identidade social enquanto grupo e expressam bem como ele é visto pela sociedade. Este princípio de poder e identidade que operou entre “Excluídos” X “Estabelecidos” descrito por Elias – similar ao princípio hierárquico descrito por DaMatta (1978, 1987a) – também opera ao interior das redes de parentesco estudadas como se verá em capítulo seguinte, respondendo a diferentes posicionamentos e lutas de poder, que já não mais, apenas, destaca os elementos da primazia ou antiguidade no grupo.

No discurso dos moradores sobre o passado evidenciam-se características contrastantes com a sua história mais recente. De um lado há uma atitude de idolatria da tranqüilidade do passado que se contrapõe à violência crescente da atualidade, mas há um reconhecimento de uma evidente melhora de condições estruturais que facilitam a vida cotidiana e melhoram as condições de vida desses moradores.

Tinha mata; aquela areia alva, no Vale das Pedrinhas era horta, tinha cachoeira de boi... Faziam azeite ali... era aquele cheiro! Vendia leite e flores na cachoeira. Por cinco vinténs recebia aquela quantidade! O veio descia até a Igreja da Pituba, Nossa Senhora da Luz. Água limpa! O pessoal ia lavar lá. **Também tinha a fonte: um olho d'água muito forte, usada nas lavagens da Igreja, o povo dizia que fazia milagres. O pessoal vendia dessa [água] para beber e curar.** Gostosa! Deram fim a fonte. Acho que fizeram o prédio em cima da fonte. Esse rio entrava dentro do parque da Pituba toda. Havia muitas tartarugas. Tinha jacaré. Jacaré ainda tem [...] <sup>18</sup> Com toda essa sujeira, mas tem uns pobres de uns jacaré coitado que eu num sei como é que ele se arruma com a sujeira hoje em dia... anda por ali correndo do povo e o povo se embarçando nele... Mas aquilo tudo ali era um lago, menina, que fazia gosto. Aí tudo era horta. (D. Matilde, 52 anos).

Não havia tantas casas no Nordeste, era matagal, mais isolado. O ônibus chegava só até a Amaralina, o resto era a pé. (D. Ana, 40 anos).

Isso aqui era mato, que a gente vinha procurando pau de lenha, que não tinha nem fogão. Num, num existia fogão pra pobre, não, tá entendendo? Tem 23 anos que eu comprei o primeiro fogão que foi aqueles fogão jangada, se lembra?... Era mato puro, até a Pituba mesmo. Mas era tudo uma carraspana aqui. Até pra arranjar um pau de lenha, essa mata tinha vez que a gente não achava um pau de lenha. Que era todo mundo catando lenha, dentro dos mato pra cozinhar panela. Tudo de panela preta, ninguém nem tinha uma panela branca. [...] **Eu acho que melhorou tudo. Não tinha água encanada, botaram. Aqui a Senhora tem luz, tem água também, lá em cima [na invasão] tá tudo atrasado.** [...] Foi chegando gente, foi morando, foi, como é que diz, **construindo essa Pituba aí. Fazendo casa pra branco, aí arranjava emprego. Porque não tinha, quando eu passei pr'aqui não tinha muito negócio de emprego não.** Essa construtora [construções] aí... chamada Parque Júlio César, né? Pois é, quando começou a fazer era aquela dificuldade, a gente sei lá, não, não tinha, não tinha branco pra pagar empregado não, sabe como é? Depois que foi construindo foi aparecendo, aí foi arranizando emprego, foi que o povo foi se empregando. Essas menina-moça tudo, sabe como é. Elas antes trabalhavam na Barra, Canela, etc. [e agora mais perto, pela Pituba]. (D. Tereza, 54 anos).

A concepção que os moradores têm do próprio bairro é uma das formas de expressão de sua identidade social enquanto grupo, a qual passa a ser matizada pela posição que se ocupa no bairro. O discurso dos moradores mais antigos evidencia características contrastantes do passado em relação à história mais recente do local. O processo de identidade parece dar-se por polaridades. Comparam-se as condições atuais positivas – como maior urbanização, acesso aos serviços e transportes etc. – com as dificuldades do início da sua ocupação. Com relação aos aspectos negativos da atualidade, identificam o aumento da marginalidade como o maior problema, mas falam também da sujeira e da elevação do custo de vida, da fofoca e brigas com vizinhos, entre outros.

---

<sup>18</sup> Nas narrativas, os colchetes (“[...]”) são usados para indicar: a) um corte da fala do indivíduo e seguinte continuação com outro trecho da entrevista; ou b) para indicar algum comentário ou explicação do pesquisador facilitador da compreensão das falas nativas, as quais buscou-se editar da forma mais próxima possível ao modo falado; cortando-se em geral as interrupções do entrevistador para melhor reconstituição da lógica e visão mais integrada de cada informante. Os parêntesis (“( )”), quando no meio do texto destas narrativas, indicam alguma pergunta, incitação importante, do entrevistador ao entrevistado.

A proximidade física do Nordeste de Amaralina à Pituba, um bairro de rendas mais altas e dos mais modernos de Salvador<sup>19</sup>, permite aos moradores a constatação permanente das diferenças sociais que os identificam no conjunto da sociedade como classe desprivilegiada. Da imagem estigmatizada e negativa associada às invasões, como símbolos da pobreza e degradação social, buscam fugir os moradores mais antigos e estabilizados do bairro. É explicitando a existência desta marginalidade e conferindo-lhe exterioridade que eles se afirmam como diferentes. Neste sentido utilizam o modelo operativo do princípio hierárquico polarizado em processos de identificação descrito por DaMatta (1978, 1987a) para a sociedade brasileira, no qual, no caso dos menos privilegiados ou mais pobres se tendem a destacar contrastes morais<sup>20</sup> e econômicos. Este procedimento é utilizado tanto para hierarquizar iguais quanto para igualar diferentes. Ao se falar do outro, do qual ego pretende distinguir-se, se tende a erguer discursos mais generalizantes e estigmatizados. Pelo contrário, quando o discurso é sobre si mesmo, se tende a apresentar posturas matizadas, relativas e mais flexíveis. Desta maneira, observou-se que na maioria dos moradores da invasão, em situação de maior carência, ao contrário dos moradores mais antigos e estabilizados, tendeu a predominar uma maior identificação com o local e a destacar laços com a comunidade de vizinhança (permeados de conflitos, alianças e reciprocidade), num processo, ora de negação do aumento da violência, ora de cumplicidade com alguns setores marginais da coletividade. Em alguns casos, chegando a uma visão mais crítica e esclarecida em relação a esse tipo de problemas.

O processo de identificação descrito, entretanto, não é tão polarizado como parece à primeira vista. Entre os moradores mais antigos e estabilizados há também posturas mais tolerantes e integradoras frente aos "invasores", vistos como "delinquentes". Isto ocorria, normalmente, entre aqueles que têm interações mais intensas com a invasão pelas atividades desempenhadas (são donos de bar ou comércio, agentes de saúde, parentes ou amigos de infância de algum marginal conhecido, etc.). E entre moradores de invasão também se encontraram posturas tão estigmatizadoras dos seus vizinhos como as encontradas em velhos assentamentos ou áreas mais antigas. O seguinte fragmento de

---

<sup>19</sup> As inter-relações cotidianas com a Pituba ultrapassam a esfera simbólica da auto-identificação pelo mero contraste de classes opostas. A proximidade física outorga a ambos bairros uma história comum e interação de mútua necessidade, reciprocidades e constante ameaça, seja pelos vitais laços econômicos nas relações empregador/ empregado, seja pela inimizade e conseqüências adversas da criminalidade tão próxima.

<sup>20</sup> Entre os tipos de critérios morais mais usados, DaMatta cita valores tais como: a intimidade, a consideração, o respeito, o favor, assim como apreciações éticas e estéticas generalizantes como: limpo, bem apessoado, correto, sagaz, bom, de fino trato, etc.

discurso é elucidativo dessa polaridade do processo de identificação que afirma a capacidade de "honestidade", e de "trabalhador" daquele que está falando:

Ói, eu vou te contar, Deus vai me perdoar, mas eu não sei não, mas esse negócio de invasão... O povo diz assim: 'ah! que tem gente que precisa', mas eu digo: que nada [...] Sabe o que é isso? Hoje em dia é muita sabedoria, é muita ganância. Eu vou te contar! [...] Tem gente ali que tem casas boa e se aproveita da invasão. Pega as casa que tem, aluga, vende, diz que é necessitado, que é miserável. Não! É sabedoria! Precisava que nosso governo antes fizesse, tomasse uma atitude com essa invasão e acabava logo com essa bagunceira! **Porque, sabe que tem muita coisa ali? Tem ali muita coisa mermo. Muito ladrão safado que tem ali dentro. E o povo agora aprendeu a cooperar com gente safada [...] É trabalhando que se consegue as coisa. É com muito esforço, gente! Né assim à toa com sabedoria.** (D. Francisca, 55 anos, moradora antiga).

Assim como em outros tantos estudos realizados com populações de classe trabalhadora, a construção de identidade articula-se aqui em torno dos eixos da família e do trabalho, como valores fundamentais que orientam a vida dos indivíduos (DUARTE, 1986; SALEM, 1981; SARTI, 1996a, 1996b; WOORTMANN, 1987; ZALUAR, 1982, 1985). Reconhece-se a “pessoa direita” como aquela que, em uma atitude oposta à do vagabundo e do ladrão, trabalha para sustentar a sua prole.

Outro aspecto importante para a construção da identidade do bairro é o estilo de vida dos habitantes do Nordeste, que é marcado pelo grande peso dos contatos sociais com a vizinhança. Os laços sociais com os vizinhos e parentes que moram nas proximidades são marcantes, e há uma ampla rede de relações com o bairro. As ruas são amplamente ocupadas e compartilhadas, sendo um espaço de sociabilidade por excelência para crianças, que passam o dia a brincar nela, ou para os adultos que estão de passagem ou param para beber, jogar cartas e dominó; ou os que, sentados na frente das casas, ficam a observar o movimento da rua. É na rua que as pessoas se encontram, fofocam, contam suas histórias e se fazem novas relações. Parentes costumam se visitar com frequência dentro das casas, especialmente as mulheres (filhas, netas, sobrinhas) que mantêm relações mais estreitas entre si e são as principais responsáveis por manter vivas as ligações das suas redes de parentesco, mediante visitas freqüentes e trocas de serviços, informações e ajudas mútuas.

Apesar da intimidade que parece reinar entre pessoas que moram próximas, nem sempre se avaliam as visitas de vizinhos ou parentes de modo positivo. Há regras implícitas relativas a tais visitas que são atualizadas pela importância de critérios como o da *consangüinidade* e o da *consideração* neste contexto, podendo operar uma e outra numa mesma direção (tornando alguns parentes mais

próximos que outros) ou na direção contrária (tornando parentes inimigos e vizinhos mais próximos). Entrar nas casas, onde nem sempre há uma sala separada da cozinha ou do quarto, pode ser considerado como invasão de privacidade, a menos que se trate de uma visita rápida quando a porta está aberta ou quando se justifique por se estar ajudando uma amiga ou parente em algum serviço doméstico. A franquia da casa é permitida apenas nas relações mais íntimas, e ocorre principalmente entre as mulheres, que se visitam com maior frequência, quando os maridos não estão presentes. Para os homens, a visita nas casas é menos comum; eles preferem encontrar seus amigos em espaços públicos, na rua, nos bares, e em locais de jogo. Apesar da reserva quanto à casa, é habitual ver duplas ou grupos de pessoas conversando no portão, na frente da casa, no jardim e na rua.

Aqui também todo mundo é amigo, **mas eu não vou na casa de ninguém, nem ninguém vem.** Agora, se eu tiver numa boa ou gritar, todo mundo acode. Acode. Mas dizer de eu ficar de casa... de entra e sai... (D. Maria da Ajuda).

Porque lá no lugar que eu moro **converso com todo mundo, mas na casa das pessoas nenhuma eu vou. Nem vai na minha casa, nem eu vou na dos outros.** E... aí, já evita muitos problemas, não? (Damiana).

Não, ela [a amiga] não vem assim porque ela uma vez ela disse: ‘Ói, Clarice, enquanto cê não vir na minha casa eu não vou na sua’, mas nós conversa até tarde da noite, fica até uma hora aí [na calçada] conversando. Agora porque eu não vou lá [na casa da amiga], **eu não vou lá que eu não me dou com o marido dela, o marido dela, não me dou não, nunca brigamos, mas eu tenho vergonha quando eu tô numa casa que o marido chega.** Aí ela pergunta: ‘Clarice porque cê não vem aqui?’, eu disse: ‘Ah, eu me acho tão acanhada quando eu tô assim conversando que o marido chega, aí eu não vou, eu evito de ir’. Eu não vou na casa de Nega [a irmã] porque quando eu to lá que Tonho chega, eu fico morrendo de vergonha, não gosto. (Clarice).

Nesta vida em que se vive de modo tão próximo uns dos outros, em que as relações se tornam íntimas quase forçosamente, em que os dramas pessoais convertem-se quase sempre em dramas públicos, em que as pessoas observam e são observadas com uma intensidade dificilmente repetida em outros contextos, a cooperação e a solidariedade sob uma lógica da dívida de Mauss do dar-receber-retribuir (se dá apoio ao vizinho e parente para receber o deles posteriormente), constituem apenas uma das facetas da convivência entre as pessoas, que de fato caracteriza-se por uma boa dose de ambivalência, tensões e conflitos, expressas nas visões discordantes que uns e outros erguem sobre o mesmo bairro:

**Essa história de que pobre se ajuda é mentira.** Aqui se você tiver é porque tem, se não tiver então ninguém tem. **Eu era muito besta, o que me pediam, eu dava, agora eu digo: não tenho não.** Deus diz: ‘Faz por ti e eu te ajudarei’, cada um tem que fazer por si.[...] A gente não deve confiar em vizinhança, não vale a pena. Aqui se você tiver com fome, você morre porque ninguém lhe dá um prato de comida. (Neide, 21 anos).

**Aqui os vizinho**, aqui não pode ver o outro sentir uma dor de cabeça, né? **Dá, dão muita força mesmo, dá muita força, isso aí é, é a realidade**, entendeu? Então, tá o motivo que eu digo a você que eu não quero sair daqui, porque, sei lá, se amanhã ou depois eu sentir qualquer coisa aqui, eu vou ter uma grande ajuda, certo? (Chica).

A fofoca<sup>21</sup> é uma das razões de queixa dos moradores do bairro (embora eles não se eximam de fazer parte das redes que as veiculam). Uma das maiores razões de brigas entre amigos é a quebra de confiança; a revelação de um segredo a terceiros; a criação de intrigas em um grupo de amigos, parentes ou com um parceiro, quer seja marido ou namorado. Os mexericos revelam também uma outra área de tensão nas relações de vizinhança, qual seja, a animosidade existente entre moradores mais antigos, gozando em geral de uma situação financeira melhor, e os “invasores”, moradores da Nova República ou Boqueirão (HITA, 1994). Os que vivem na área de ocupação mais antiga procuram distinguir-se dos seus vizinhos, construindo uma identidade que se opõe à dos favelados – descritos por muitos como “sujos”, “ladrões”, “povo ruim” –, ao passo que os moradores da área de invasão utilizam duas estratégias diferentes na construção de sua identidade: por um lado, procuram maximizar seu status mediante um discurso que minimiza as diferenças existentes no interior do bairro, ressaltando que são todos iguais e solidários; por outro lado, tentam também se distinguir de seus vizinhos, afirmando que moram na invasão – fato inquestionável – e são pobres, mas são pais e mães de família, pessoas limpas e trabalhadoras, ao contrário de muitos que estão ao seu redor, tidos por “vagabundos” e “desocupados”.

**Aqui não tem um melhor do que o outro, tudo é igual.** Quando tem um que quer ser melhor, acontece que é escusado, deixam falando sozinho. (Bemvinda, moradora da invasão).

Elas ficam tomando nota da vida dos outros, se tiver dez trabalhando tem muita. [...] O povo aqui não se dá o respeito, a gente tá dentro de casa e ouve o que quer e o que não quer... **Eu acho triste, porque a gente é preto, pobre, mora em invasão, tem que dá moral.**[...] Vizinho é bom, bom-dia, boa-tarde, a palavra de Deus não quer. Num presta não, distância é melhor. (Feliciano, moradora da invasão).

É. Aqui era um lugar muito bonito, aqui era bom também. Nós todo sossegado. A gente safa... Deixava as coisa, encontrava, eu tinha um bocado de roupa por aí, fazia... corda de secador. [...] Hoje em dia tá essa bagunça aí danada. **E aí o povo aí começou a chegar nessa invasão, fazendo essa bagaceira, essa lixarada, esse malcheiro que ninguém suporta, essa bagaceira... Aquilo ali era tão limpinho.** [...] Agora eu quero dizer a você o seguinte, o pessoal das invasão daqui... Ah! eu não posso comprar um terreno. Agora invade o terreno dos outros. Mas com oito dias que tá dentro daquele barraco, você passa vendo televisão já nova que compraram dali. Já compraram televisão, compraram geladeira, já compraram móvel não sei de onde, já compraram não sei o que... Por que não faz pá comprar seu terreno? [...] E o povo agora aprendeu a cooperar com gente safada, essa menina... **A gente tem que trabalhar, né? É trabalhando que se consegue as coisa. É com muito esforço, gente [...]** Esse mundo tá errado. (Madalena, moradora da área mais antiga e consolidada).

---

<sup>21</sup> Para um trabalho pioneiro sobre o tema da fofoca ver Gluckman (1963).

## *A violência no Nordeste de Amaralina*

A violência e o temor perpassam o cotidiano das pessoas, que convivem com o desconforto de presenciar, com alguma regularidade, cenas de agressão, quer praticadas pela polícia ou por “bandidos”, pela vizinhança ou alguém da própria família: ocorrem casos de estupro e abuso sexual; ameaças de linchamento, brigas entre vizinhos ou casais que podem culminar em danos físicos mais ou menos graves; roubos e violência entre gangs, etc. Sobre tais assuntos, se costuma falar em um tom de voz mais baixo, por medo de ser acusado de invasão de privacidade, ou mesmo de delação, o que pode, em certos casos, trazer conseqüências muito drásticas, podendo levar até à morte.

As batidas policiais, inicialmente comuns apenas na área da invasão e hoje por todo o bairro, revelam os excessos da corporação, cujos representantes muitas vezes entram no bairro atirando pelas ruas a esmo, abusando assim da sua condição de autoridade mantenedora da ordem. Se, por um lado, as batidas policiais amedrontam todos – mesmo aqueles que em tese nada devem à polícia ou à justiça, pois os policiais procuram impor sua força indistintamente, intimidando qualquer um que esteja em seu caminho –, por outro lado, há aqueles que avaliam positivamente a atuação dos policiais, acreditando que a realização freqüente desse tipo de ação tornará a área mais “limpa”, graças à captura e morte de ladrões, traficantes e viciados em drogas.

Eu acho que melhorou, porque não tem mais aquele tipo de ladrão que tinha, aquela quantidade de ladrão, certo? Você vê aqui, essa casa minha aqui dorme assim ó, tudo aberto ali, entendeu? Apesar de que ladrão nunca me perseguiram aqui em nada, certo? Mas perseguiram aos outros, então a gente se incomoda com isso, entendeu? **Então hoje, por exemplo, melhorou, a polícia fez, a limpa mesmo aí, aí melhorou.** (Decinho).

**A única pessoa que faz violência quando chega aqui é as polícia, não sabe? Chega assim, não chega assim calmo, chega assim na violência.** Mas as própria pessoa da rua, não. Às vezes quando acontece alguma coisa por lá que eles têm às vezes que dizer, tudo, tudo é Nordeste, né? Às vezes chega aqui atirando logo. **Já vem de lá atirando. Às vezes quando pega uma pessoa, bate muito, espanca muito. É isso. Tinha dia aqui que nem uma criança, nem ninguém, nem criança, nem adulto, ninguém podia ficar na rua, que a violência era demais.** Violência estava demais. Agora que parou um pouco. (Julina).

**Aí pega, o vagabundo, tem uma criança ali, mata na cara das crianças. As crianças vê aquilo, fica revoltado. Eles tão matando nas vistas. Você tá assim, eles tão chegando, procurando saber documento. Se não tiver documento na hora, eles tão atirando, atira, mata, deixa o corpo. Aí as criança pega, fica tudo ali e vê. A polícia é primeira violência aqui. (Gessê).**

**Criança eles batem também. Se ele pegar uma criança no meio de um adulto, ele pega, eles bate, eles faz malvadeza, algema, certo? Acha que uma criança de 8/9 anos é pra sair algemada da polícia? Não é. É pra eles pegar pelo braço e levar, né? Eles algema, eles dão pontapé, eles bate. (Eliana).**

A polícia, entretanto, não é a única a promover cenas de violência no bairro. Não raro, aparece algum cadáver em um pequeno rio, nos limites com o parque da cidade ou em algum terreno baldio da redondeza. Não é raro que jovens endividados pelo não pagamento da aquisição de drogas, sejam violentamente retirados de suas casas e assassinados publicamente. Supostamente, tais cadáveres, segundo os moradores, são vítimas de disputas entre quadrilhas ou bandidos rivais. Evita se falar de grupos de extermínio, que parecem também operar, em alguns dos casos. Excedem os relatos de homens que já “mataram pais de família” por desentendimentos no bar, brigas por desavenças ou dívidas de droga, e que trocam tiros e fazem retaliações a seus inimigos, ferem ou matam aqueles que acreditam ser informantes da polícia ou inimigos pessoais. De todo modo, os moradores da região conhecem “seus bandidos” e buscam uma convivência pacífica com eles.

Os fracos não faz nada, só fica assustado, chora porque perdeu uma coisa de valor, o rico, vai pra polícia. Por isso é que assalto aqui tá mais perigoso do que lá fora.[...] Aqui ninguém gosta de ‘ninguém’ porque se todo mundo juntasse e fizesse um abaixo-assinado pra ter policiamento direto, até acabar com a gang toda... **Mas se fizer isso, a mesma pessoa que assina vai pro marginal e diz: tal pessoa tá fazendo assim, pra polícia vir aqui, e aí o marginal vem e te mata.** (Neide, 21 anos, moradora de invasão).

**Tem uns que andam errado, tem seus vícios, mas me dou bem com o pessoal, eles tem os problemas deles lá, não se relacionando comigo e meus filhos, faço de conta que não tá existindo nada.** Antes ser amigo do que dar de difícil com eles. **Quem mora numa área dessa tem que ser amigo de todos, quer seja bom, quer seja ruim.** Não vou dizer que a gente viva fazendo junto as coisas que eles querem, mas se dando de uma certa maneira, de que não fique dúvida, de que goste, de que não goste, sempre gostando de todo mundo. (Adalgisa).

Falo... meu nome é Téó. Tenho trinta anos. [Eu] Não tinha... mãe e pai/ não fui criado por eles, sempre com minha vó. De ter [chance de melhorar], tem, né? [É] Só a gente suspender a cabeça e... num procurar andar com certo tipo de elemento. E procurar um trabalho e... e se elementar só com os parente, né com... negócio de amizade de rua... **De ter vontade... Dá vontade. Mas minha chance é pouca, eu num tenho mais... Eu mermo, num tenho/ ma/ nem mais vontade mais de viver, porque como esse mundo é mermo, aí. [...]** Ah, depois do perdimento de minha vó, minha mãe, minha irmã, véi... Do que aconteceu... de minha família aí... Perdi minha mãe... ela é assassinada. Perdi minha irmã, assassinada. Aí... agora minha vó... [eu estou] um pouquinho desgostoso. **Eu tento [me] controlar, mas não consigo** E... no perder dela aí... meu mundo começou a mudar... beber... várias coisas/ a piorar as coisas. Era bebida, procurar confusão... até hoje anda assim/ de vez em quando tomo umas duas, procuro confusão... **hoje em dia... meu sistema é só é esse, nervoso até hoje... Meu sistema é que eu não tenho mais nada a perder.** É, tem que tocar a vida pra frente se não... como é que se diz/ é... aqui nesse bairro que nós mora mermo... não dá mermo, tem muita gente, vizinhança, gente perseguindo... aí a gente fica abalado com... certo tipo de coisa. Ou a gente procura fazer

loucura ou... procura acalmar... mas num... mermo tempo... é o sistema... **Minha cabeça é... mais fazer besteira... Que eu com minha vó, ela me controlava, me regulava, falava... Era aquilo... Mas... depois do perdimento de minha vó aí... [Tenho] muitcha preocupação. Tem de ter, né? Nesse mundo hoje aí tem que ter muitcha preocupação... Nesse mundo que nós veve aí... a gente tem que... ou a gente respira o ar ou sujeira... uma coisa ou outra. Se misturar com sujeira, vai ter que se... se alimentar com sujeira... então, se for um bom ar... vai ser um bom ar. [...][Eu] conheço! Muitcho bem, o cara que matou minha irmã. [Ele] passa por junto de mim... de vez em quando .... Ah! Eu sinto muita raiva [dele]! E o pior é que um dia... Peço que um dia não teje... é... com/ com a mente fora do lugar que... aí vai ser eu e ele... e mais alguém que tiver junto. Porque a justiça não quer fazer nada, então... A própria justiça vai ser das nossas mão mermo. Eu não peço que meu irmão, nem meus parente nenhum... faça não, mas... que eles tudo tão novo, mas eu...[Quando o assassino da irmã o vê] Realmente ele corre... várias vezes ele corre/ ele corre muito. Eu espero que... mas se um dia quem corre cansa, um dia a casa cai... Que o que ele fez com minha irmã... quando acontecer eu e ele de frente cara-a-cara... eu acho que eu não vou conseguir... é... ouvir nem a palavra dele... num vou conseguir. Não vai ter nem explicação. Antes eu me segurava, que minha vó pedia, e agora... Não tem mais não. Não tem não. Não tem nem envolvimento com família nenhuma, então... Mas um dia, o dia dele chega. Se não for pela justiça de Deus... vai ser por a minha. Não, mas é isso mermo. É porque eu sô novo assim, mas... pra mim o mundo já acabou... como vivo. Mal começou e... já acabou... por aí... e ninguém vai tirar mais isso de minha cabeça... Fui um cara muito revoltado da minha vida. (Téo, 26 aons, neto de D. Cida e com várias entradas na prisão, 27/01/2000).**

Em decorrência dos riscos oferecidos – tanto pelas invasões da polícia, quanto pela atração do mundo do crime – a rua, embora seja o local disponível para as crianças brincarem, é vista também como um espaço perigoso, especialmente quando os filhos se distanciam de casa e da vista das mães. Quando os meninos entram na adolescência, a preocupação se redobra, uma vez que o fascínio exercido pelas drogas e pelo “crime” – uma promessa de ganho fácil, embora sujeito a riscos, em um contexto marcado pela pobreza e, em grande medida, pelo desemprego – é uma ameaça real. A presença de um adolescente ou jovem envolvido no tráfico de drogas nas diferentes composições familiares é bem mais comum do que se costuma reconhecer em “relatos públicos”.

Olhe aí, agora já passa de mães que não têm controle com os filhos, os próprios filhos. Elas deixa à vontade. As mães não ligam pra eles. Não dão atenção. Elas acham que dá comida. Porque muito deles nem no colégio vão. A criança dorme o primeiro dia na rua. A mãe não faz uma procuração... dele. Dorme o segundo, o terceiro, ele já começa a fazer o que ele quer, fica dono do seu nariz. E aí o vício leva eles. [...] Aí já começa a perdição, eles vão pra rua e já vão ficando por lá. (Eunice).

**Criança criada na rua fica muito solta, rebelde e não quer entender o que a mãe acha errado, aprende muita coisa ruim.** Tem muitas mães por aí, que os filhos passam o tempo brincando, bulindo com os outros, aí começa os vícios nas esquinas; **as meninas perdem a virgindade ficando na rua até a madrugada.** (D.Ana, 40 anos).

**Homem é pior, né? Homem não chega nem a vinte anos porque morre hoje ou deserta logo. [...]** É, as mulher ainda passa... demora mais. Mas homem, um homem, um homem desse aí, poucos que não são viciado, até cheirar cola... pra homem fica fácil, porque logo, logo, se acaba... **Menino nascido e criado aqui dentro.** Outra coisa, esse movimento todo que você vê aí, é a luta pela sobrevivência deles, vai pra feira, trabalha, rouba, faz tudo, né? (Paraíba).

Hoje você vê que a droga, tá, explodiu pra qualquer lugar, você vê que até um queimado que você der à criança hoje, tá com a droga, né? Então a gente não tem nem como prender, como dizer ‘eu não vou ter meu filho na rua’. **Hoje mesmo eu tô com o meu ali, tem 16 anos, mas eu tenho medo, ele não comete, ele nunca me disse, mas não é por isso que eu vou ficar com minha cabeça despreparada, que ele tá um menino normal, não. [...] Eu mais tenho medo é desse tipo de roubo, de se envolver com roubo, essas coisas, eu tenho maior medo, então eu crio os meus [filhos] que não se vicia, que enquanto eu puder lutar, pra ajudar a eles, eu tô lutando.** (Ceíça).

Filho homem? Isso daí eu já tô cansada de falar. [...] **Quando ele sai pá rua e demora, já tô cheirando na boca pra saber se tava cheirando cola e perguntando ‘cê tava fazendo isso? você tava na rua, você fez isso não foi?’** Eu não pergunto se ele tava, não, pergunto se ele fez, ‘você tava fazendo isso’. Pra ver se ele me confessa. (Neneca, 29 anos).

O temor de que crianças e adolescentes, permanecendo na rua, entrem em contato com o crime, as drogas, o sexo e a prostituição, constitui uma inquietação sobremaneira presente para as mães, especialmente para as que trabalham fora e não podem exercer uma vigilância constante sobre os filhos. A violência não se limita, porém, ao crime, ao roubo, ao tráfico e o ambiente da rua. Está presente no cotidiano, nas relações entre homem e mulher, entre pais e filhos, entre vizinhos, padrastos e enteados, tios e sobrinhos, etc; dentro das casas. Embora sejam em geral mais brandas, essas manifestações de violência não deixam de ser relevantes. Os homens, usualmente sob o estímulo da bebida alcoólica, costumam demonstrar sua valentia com os companheiros de bar ou, o que é mais comum, batem em suas esposas, filhos e parentes quando voltam para casa. Mulheres discutem e chegam a agredir-se fisicamente por causa de “fofocas”, de disputas entre crianças, ou porque foram traídas e abandonadas. De forma mais tímida que os homens, também elas batem em seus companheiros em atos de defesa ou agressão por elas provocadas; e nos filhos de forma legitimada pela comunidade. Os jovens agredem seus irmãos ou parentes mais novos, estes aos animais ou objetos da casa, agredindo-se uns a outros, de forma indistinta, e na medida da força de cada quem.

**O pessoal aqui bebe muito. Todos os dias. O pessoal bebe muito, consome muita bebida. Uns procura briga, apanham ou batem.** (Eunice).

**Violência entre casal tem muita, a gente escuta mulher gritando, é comum. Eu nunca apanhei, mas meus irmãos batem, é só as mulheres [deles] pisarem na bola, responder pra eles, porque eles são muito machão, a mulher fica pra eles como tipo um filho, tem que obedecer.** (Eliana, 37 anos, moradora invasão).

**Aqui em casa é pau quase todo dia, é meu irmão com a mulher, é meu cunhado que bate na minha irmã com uma violência que eu nunca vi, é pau de sair sangue; mas ninguém interfere pra não ficar inimigo dele ou dela, no outro dia eles estão aos beijos. Se é comigo, meu pai quando chega, resolve tudo.** (Neide, 21 anos, moradora invasão).

**Nós botou [o companheiro] na delegacia das mulê. [Pra] Ele sair [de casa]... porque todo dia ele dormia com, com uma faca pá me matar e eu com uma pá matar ele, aí nem ele tinha coragem de [me] furar,**

**nem eu [a ele].** Eu dizia [a ele]: ‘Ói, um dia o cão pode atentar...’ [ameaçando-o]... [e] Aí eu fui na delegacia da mulher, dei queixa pr’ele sair de den’de casa, só que ele não foi, que ele tem medo, [de] chegar lá [na delegacia e] ele apanhar. Ele não foi! (Marizete, 37 anos, pessoa carente em área antiga).

[O problema da briga com o vizinho foi o beco] E da laje que é daí, da barraca que a gente já fez, né? Bateu a laje e tudo. Ele [vizinho], acho que ficou com raiva, [e] veio me xingar [...] **Foi a primeira vez que ele saiu pá me xingar, né?** Tem discussão, mas por causa de outras coisa, mas vim prá frente da minha casa foi a primeira vez. **E na segunda, eu já disse a Gago [marido] que eu vou preparar um bocado de pedra [e] vou deixar aqui, que eu vou quebrar os óculos dele de pedra no dia que ele parar aqui na frente pá me xingar. Eu vou socar pedra daqui, que eu vou estourar ele todinho na pedra.** (Marizete, 37 anos, moradora área antiga).

Lá é uma cachorrada, é uma fuxicada. Os palavrão, na rua. É mais a Alzira, mulher de acarajé que provoca. Tem outra vizinha também encostado também, as filhas dela. Tem outra de frente também que é aquele futuqueiro, mas eu não me metia não. Eu não me metia não. Só ficava escutando. [...] **Era uma vez ou outra que era comigo também [a briga]. Por causa de menino, era mais por causa de menino. [...] Ela [uma vizinha] deu uma pedrada, deu uma pedrada em meu neto. Uma pedrada mesmo, pra matar o menino.** Pegou na coxa do menino, fez uma arrocho. Deu a pedrada porque disse que o menino tava batendo no menino dela. Quer dizer que ela não, não teve paciência de chegar pra mim, nem dizer o que foi que o menino tava fazendo, não é? Ela deu uma pedrada no menino. (Bemvinda).

**Violência aqui tem demais.** Até os próprios adultos, até os próprios vizinhos não têm paciência com as crianças, bate. **Eu mesmo tenho filho que já teve perna quebrada.** (Eliana, 36 anos).

Às vezes um menino, o filho, tá brigando com outro aí. A mãe segura o menino aí manda o menino bater no outro, o filho dela bater. Quer dizer que ela segura o menino, o menino tá sem proteção, ela chega manda o filho bater, como desse Daniel mesmo, aquele dali. **Tava brigando com o filho de um cara aqui, o cara mandou o filho dele passar um pau.** (Valfredo, 34 anos).

Sendo a violência tão constante, a manifestação de agressividade no comportamento é considerada como algo cotidiano e tende a ser “naturalizada” (HITA, 2000), especialmente para os homens adultos ou rapazes, que têm que “provar sua virilidade” e se impor perante os outros como um “macho” que merece respeito<sup>22</sup>. Espera-se também que os pais, na educação dos filhos, façam uso de alguma violência, importante para corrigir os desvios de comportamento das crianças. Aqueles pais que não usam a força, ou não ameaçam usá-la, para fazer valer sua

---

<sup>22</sup> Inspirado em de Beauvoir, Josep-Vicent Marqués (1997) afirma que não se nasce “homem”, mas torna-se um. Para ele, na realidade nem homens se parecem tanto entre si, nem são tão distintos das mulheres como tentam o apresentar muitas das dicotomias analíticas de gênero, ainda que, consente, sejam essas dicotomias as que o sistema patriarcal procura demarcar e definir como modelo ideal de identidade. Este é um modelo hegemônico no qual muitos homens procuram refúgio (sob o princípio subjacente de sentirem-se ser já muito importantes por ser homens), mas que tantos outros o adotam como uma desagradável imposição que gera-lhes angústia (sob o princípio subjacente que “devem ser importantes” mas ainda não o são como espera o modelo). Quase ninguém logra alcançar como tal ou na sua integridade o modelo, o que pode e costuma gerar muita angústia, diz este autor. Como qualquer modelo, na prática ele é bem menos operante ou “hegemônico” do que se costuma pensar, e cada vez são mais raras as exceções que o adotam totalmente. Não podemos confundir, ainda que muitos o façam, entre o ser e o dever ser. Mesmo assim, todo modelo, e o hegemônico em particular, é fundamental, por que a grande maioria dos homens apela ao mesmo na construção de sua identidade, seja para refugiar-se nele, opor-se ou ir-se diferenciando do mesmo, mas em todos os casos o modelo igualmente opera como importante referencial desde o qual se realizam as diversas construções e afirmações de identidades masculinas, sejam elas subordinadas, hegemônicas, alternativas ou híbridas etc. (ver também Vale de Almeida [1995]).

autoridade perante os filhos, na visão dos moradores do Nordeste, são considerados negligentes: o resultado pode ser a criação de crianças de vontade débil, ou excessivamente voluntariosas, que demonstram pouco respeito com relação aos mais velhos.

**Eu tenho um sobrinho que ele é pirracento. Ele pirraça a gente aqui. [...] Aqui dentro de casa, qualquer uma de nós que falar, ele resmungo e fica respondendo na grosseria. Acho que foi por causa de mãe. É rebelde. Eu digo assim. Porque mãe fazia muita vontade a ele. Ele ficou aqui direto com mãe até hoje, desde quando ele nasceu. Mãe que faz as vontade a ele. Vira assim que ele quer fazer, ele faz. [...] A avó fazendo as vontade, fazendo vontade. Aí cresceu e está nesse ritmo. (Moema).**

Acho que a porrada indireita, porque falar, você fala, fala, fala, e eles continua fazendo a merma coisa, entendeu, eu não gosto de bater, eu sou a pessoa que menos bate aqui, num bato muito nos menino não, mas também quando eu pego eu desconto esse tempo que eu não bati. [...] Depois da porrada muda. Num muda por concreto não, mas mudar eles muda. (Neneca, 29 anos).

### *Famílias e trajetórias femininas*

Vários estudos que comparam famílias de “classe trabalhadora” e de “classe média ou alta” brasileira têm utilizado e se apropriado da matriz que defende certa dualidade de padrões de relacionamentos entre estes grupos, considerando tratar-se de dois modelos com lógicas operacionais distintas e contrapostas uma à outra. Assim, classes médias e altas compartilhavam representações mais psicologizantes (tendências à interiorização, subjetivação) permeadas por um código individualista, enquanto grupos populares, em uma postura mais holista, lançariam mão de representações mais hierárquicas e relacionais que os anteriores. No contexto popular a família é tida como um dos mais importantes espaços de construção da identidade, pelo que vigoraria o modelo hegemônico e hierárquico de família entre a “classe trabalhadora” ou pobre do Brasil. (BARROS, 1987; DAMATTA, 1978; DUARTE, 1986; SARTI, 1993, 1996a, 1996b; VAITSMAN, 1994; VELHO, 1986).

Relembrar o modelo parsoniano de família nuclear dos anos 50 nos EUA – construído como o herdeiro oposto do modelo extenso patriarcal do passado com uma pretensa postura democrática e vista por muitos como receptáculo do auge do processo evolutivo do individualismo encarnado na sociedade norte-americana – pode ajudar a elucidar, e identificar elementos dos modelos tidos

no Brasil como da “família hierárquica de classes trabalhadoras”, onde os papéis de homem e mulher, como no modelo parsoniano, são claramente distinguidos e complementares<sup>23</sup>.

A família no contexto do Nordeste, apesar de comportar certa diversidade de arranjos, é compreendida como uma unidade hierárquica. O lugar de cada membro da casa (avó/ avô, pai, mãe, filho, neto, sobrinho, criança em circulação, filho de criação, etc.) é fixado por características que fazem parte da realidade visível dos seus membros (idade, sexo, consangüinidade, grau de parentesco etc.). As divisões no interior da família tendem a ser claras e pouco ambíguas para seus membros. Como a idade é um fator importante e, muitas vezes, a pensão de um idoso pode ser a única fonte de recursos familiar, o idoso neste contexto pode chegar a gozar de um grande prestígio na estrutura familiar. A chefia familiar idosa vem crescendo. Ela é a mais elevada, em números relativos e percentuais, em relação ao contingente da sua mesma faixa etária: enquanto 67,1% das pessoas acima de 60 anos são chefes de família, apenas 35,9% das pessoas entre 20 e 49 anos são os chefes no Nordeste de Amaralina (ver dados de Tabela 9 adiante). A experiência acumulada e as atividades desempenhadas ao interior da unidade doméstica pelos idosos são muito apreciadas. O respeito aos mais velhos e o amor à mãe é tido como um padrão esperado de comportamento e signo de normalidade. Aquele que agride a mãe ou uma avó é tido como sofredor de algum distúrbio (RABELO; ALVES; SOUZA, 1999; HITA, 1997a). Certamente, em boa parte dos lares os homens são considerados superiores às mulheres e crianças. E é sempre aos mais adultos que cabem as principais decisões relativas a assuntos familiares.

Embora não constitua realidade vivida por todos, e não seja nem sequer o modelo estatisticamente mais representativo, a família nuclear de tipo *parsoniano* (ou elementar) permanece como referência dominante no campo das representações e se faz presente, por momentos, em representações e relatos públicos de lares matriarcais como o estudado. De acordo com a norma ideal, esta família nuclear deve ser composta por um pai/marido trabalhador, responsável pelo sustento da prole, respeitado e valorizado na medida que cumpre a contento seu papel de provedor e pode representar o lar perante a comunidade; por uma mãe/esposa cujo papel

---

<sup>23</sup> Observe-se, entretanto, que a nível de funções e distribuição de papéis sociais, o tal modelo democrático parsoniano não parece diferir em praticamente nada do descrito como hierárquico para o caso brasileiro popular. O que estaria divergindo é a postura mais individualizante da sociedade norte-americana e a forma de vivenciá-lo.

é complementar ao do esposo, usualmente encarregada da gestão da casa e dos cuidados com os filhos; e pelas crianças que, enquanto são jovens e vivem às expensas dos pais, devem-lhes obediência e respeito, e das quais se esperaria, mais tarde, se necessário, a manutenção dos pais, como forma de retribuição.

A família, dentro deste modelo ideal, pode ser analisada à luz da oposição entre casa e rua proposta por DaMatta. Nessa acepção a casa é o domínio do interior, da intimidade, do descanso e da ordem: “o código fundado na família, na amizade, na lealdade, na pessoa e no compadrio”; ao passo que a rua é o do exterior, lugar da ação, do imprevisto e do trabalho: “definida pelas leis universais, impessoalidade, ameaça à integridade moral e corporal”. (DAMATTA, 1985, p.51). O papel da mulher, desde este modelo ideal, seria, portanto, desempenhado basicamente no interior da casa, ao contrário do homem, que deveria ganhar na rua o sustento da família. Na literatura sobre família se afirma que haveria uma distinção entre as ordens pública e privada, correspondendo cada uma, respectivamente, ao domínio do homem e ao da mulher. No nosso estudo do Nordeste, apesar das diferentes manifestações e uso do espaço por homens e mulheres, consideramos que essa dicotomia de teor analítico é pouco produtiva, pois a nosso ver, tanto uns, como outros constroem suas identidades e inserção no mundo a partir do entrelaçamento de ambos domínios em suas vidas. Ainda que, faz-se preciso reconhecer, muitos dos relatos recolhidos no bairro apontam justamente nessa direção da dicotomia de domínios:

**Casamento, minha filha, é a boa união.** Que meu marido é um pão de cada dia, viu. Quando ele sai, ele abre aqui a peça e ele olha. Ele abre a geladeira. Se tiver faltando uma carne, uma galinha. Nem que ele tivesse sem um vintém no bolso. Mas ele diz ‘Tome aqui, Moema, vai comprar aqui’. Graças ao meu bom Deus, eu sou bem casada. (Moema).

**Os deveres dele, ele cumpre tudo na risca. O dever dele é botar a comida dentro de casa, pra gente, dá um maior apoio à gente porque a gente que é a família dele. O resto eu resolvo. É tomar conta das meninas, tomar conta da casa.** Quando as meninas sair e ele chega e pergunta: ‘cadê fulano?’ Eu digo: ‘foi pra tal lugar’. (Eneditê).

Eu não admito assim, que ninguém me piraça. **A coisa mais revoltada que eu acho na minha vida é uma mãe falá pra uma filha e a filha responde a mãe.** Aí me dá um nervoso e eu bato. Não gosto que responda. (Dagmar).

A despeito de este ser o modelo de família normativamente esperado, conforme já observado, na prática ele não se concretiza totalmente. Um dos primeiros elementos que parece perturbar o modelo ideal é o fato de que as mulheres, cada vez mais, deixam a casa para, tal qual o homem,

trabalhar na rua (mesmo que a rua seja a casa de outra família). No bairro, a maior parte das mulheres engaja-se no mercado de trabalho, formal ou informal, ainda que algumas abandonem o emprego após o nascimento do primeiro filho, como também mostram Salém (1981) e Sader (1988). Isto acontece, especialmente, no contexto de crise econômica prolongada que vivemos no Brasil, embora a tendência da mulher a se empregar seja um fenômeno de escala mundial (SEGALEN, 1981) e anterior à segunda onda do feminismo identificada com os anos 50 e 60 do último século (as mulheres, e famílias inteiras, sempre trabalharam desde antes da revolução industrial). Contudo, mesmo que as mulheres estejam inseridas no mercado de trabalho, não podemos dizer que elas se tenham liberado das suas tarefas de dona de casa e mãe. Mesmo quando tem um emprego, ainda cabe à mulher responder pelo cuidados com a casa e os filhos, mantendo jornadas mais pesadas de trabalho, a comumente denominada de dupla jornada de trabalho. O seu emprego, portanto, não altera tão radicalmente o papel de dona de casa, pois ela permanece ligada ao domínio doméstico. O que as mulheres podem fazer, e freqüentemente fazem, é recorrer às suas redes de apoio para conseguir dar conta das diversas demandas que recaem sobre si, contando normalmente com a ajuda de uma avó, mãe, ou filha mais velha. Procuram, também, conciliar suas tarefas geradoras de renda com o papel de dona de casa, desenvolvendo atividades no interior do domicílio, como lavar roupas, manter uma pequena venda, fazer costuras; ou realizando tarefas que ocupem apenas alguns dias da semana, como as faxinas, desobrigando-as de estar demasiado tempo ausentes do lar e distantes dos filhos menores.

Eu chegava tarde, porque sempre, quando eu comecei a vender acarajé, eu sempre vendi de noite, porque os meus filhos tava tudo pequeno, não tinha um pra tomar conta do outro, sabe como é? Às vezes tava de parto, não podia ir, sabe como é? **Eu não ia deixar pela casa dos outros [...]** **Aí ela [uma filha] tava pequenininha deixei com a tia, porque a tia tava amamentando, então todas duas podia mamar o leite da outra, aí eu chegava e deixava lá, mas às vezes eu deixava mais era em casa, tudo tomando conta do outro, deixava a mamadeira pronta, sabe como é que é?** (Bemvinda).

**Minha filha mora aqui com a filha dela, ela faz faxina, foi, eu fiquei com a filha dela.** Depois de amanhã ela vai de novo, eu fico. (Letícia).

Era uma vida muito agitada. **O pai me deixou com filho, né? Eu sozinha pra criar. Botar no colégio... todo mundo depois, peguei, botei pá casa de minha mãe. E ela olhou, tomou conta, eu sempre trabalhano no restaurante... Trabalhano nas casa das família, né?...** Trabalhava de dia, restaurante de noite, lavano prato, essas coisa. (Benta).

**É ela [a avó] que cria porque quando eu tive Cleide e Daniela, eu trabalhava.** Então era um trabalho que eu não podia ficar com ela, eu trabalhava de zeladora no Júlio César, como eu lhe falei. Aí então, eu não ia pagar uma pessoa pra tomar conta deles. (Damiana).

O trabalho feminino começa cedo nesta comunidade, de uma amostragem de 120 mulheres do Nordeste de Amaralina, 46% começaram a trabalhar antes dos 13 anos (com marcado percentual entre os 8 anos); 36% entre 14 e 18 anos e apenas 18% após 19 anos. O tipo de trabalho exercido é uma extensão do papel de dona de casa; a maioria das mulheres do bairro emprega-se como doméstica, cozinheira, lavadeira, faxineira, babá, todas, atividades ligadas ao cuidado com a casa e as crianças. E embora o salário nessas ocupações seja reduzido, as mulheres acabam reconhecendo algumas vantagens extra-salariais, ligadas à dinâmica clientelística que em alguns casos ainda opera nas relações entre patrões e empregados domésticos: elas recebem roupas, eletrodomésticos usados, indicação de emprego para outros membros da família, ajuda para construção da casa, e podem também obter ajuda ou conselhos sobre a melhor forma de lidar com certas instituições burocráticas. A lembrança que essas mulheres têm do primeiro trabalho é em geral bastante positiva e associada a uma conquista de independência econômica da família e de maior autonomia pessoal, como um período da vida em que os ganhos podiam ser aplicados em si mesmas.

Trabalhei no Santo Antônio Barra... trabalhei com uma moça dois anos ou mais. D. Zefa, era um pessoal, não era daqui não. **Ela me ajudou bastante, mas me ajudou demais, ela que me ajudou comprar aqui.** (Clarice).

**O barraco caiu. O barraco caiu, foi no chão, nós ficamos desabrigado. Quando teve uma chuva que... que arrasou tudo... Aí nós fomos pedir abrigo na secretaria do estado e tudo. Não encontramos. Meu patrão pediu, lá o chefe lá, o... foi num jantar tarde à noite. Pediu. Disse: 'É uma, uma... senhora que trabalha comigo e ela não tem meios, e o barraco dela caiu. Tô vendo a hora de botar ela com os filhos lá na garagem do carro, não sei quantas pessoas'.** (Joana).

No Nordeste, a crescente autonomia da mulher parece indiscutível: é visível no cotidiano das famílias, e tematizada em conversas e relatos:

Aquilo, minha filha, é... é porque o homem sempre tem uma autonomia, de que ele é homem. [...] Nunca pode se viver com mulher nenhuma que ela não aceita. **E hoje principalmente. Que hoje ela trabalha, ela ganha o mesmo dinheiro que ele ganha, ela tem a mesma idéia.** Naquele tempo, da minha mãe, que meu pai que tinha que dar comida a ela, que ela não sabia fazer nada, somente olhar filho e olhar casa, ela se assujeitava a tudo isso, mas hoje não. **Hoje ela deixa o menino dentro de casa e vai, e veste uma calça e vai pra rua trabalhar. Ganhar um salário o mesmo que eu ganho, ou mais. Então ela não vai se assujeitar a isso.** (Léo).

**É, eu acho que as mulher tão mais independente, não é? É mais difícil uma mulher dizer que vive sob mando hoje. Não é não? Eu mesmo posso dizer que nem dependo, que uma vez ou outra que eu peço qualquer coisa, tá entendendo?** Pela vontade dele mesmo, uma vez ou outra que manda uma bobagem pra mim. Diz que não pode, que não tem, sempre com choradeiras. Eu também me escuso até de ficar pedindo, né, que eu

sei que é obrigação dele ter e dar, não é eu ficar pedindo, me humilhando, né? **Daí eu me viro em trabalhar, pra eu ter em minha mão.** (Bemvinda).

A crescente independência econômica da mulher parece colocar em cheque o papel do homem na família, fato que tem sido bastante debatido por estudiosos do tema (DUARTE, 1986; SALEM, 1981; SARTI, 1996a; WOORTMANN, 1987; ZALUAR, 1985). Os dados do Nordeste confirmam a tese de que não se pode deduzir, a respeito da inserção da mulher no mercado de trabalho, que o papel masculino tenha sido transformado em elemento dispensável. Malgrado, como reconhece Zaluar, haja uma tendência geral de “diminuição da importância da figura masculina em favor da expansão do feminino” (1985, p.97), não se despojou o homem de classe trabalhadora de sua autoridade na família, o que se pode observar no fato de que, nas famílias em que o pai não está presente para exercer seu papel, o filho mais velho ou o irmão da mãe são em geral chamados a representar a figura masculina. É o homem que representa a unidade doméstica ante os outros, impondo uma certa autoridade sobre o meio. No bairro, muitas mulheres em cujas casas não há homens sentem-se mais vulneráveis e menos respeitadas, o que não quer dizer que não façam frente a esta situação.

Eu acho que é. Sei lá. Eu acho também se a gente for abaixar a cabeça pra todo mundo. Nego sabe, esse bairro aqui é um bairro de gente ruim. Tem muita gente boa, mas tem muita gente ruim. **Tem uma mulher que mora ali com os filhos, sem homem, entendeu? Então nego gosta de se aproveitar: é mulé. Todo mundo qué mandá, mas não é assim não.** Não é assim não. Meu menino, esse que saiu daqui, era um menino danadinho, mas ele é menino. Agora esses menino maior, bate no meu filho. Eu não quero que ninguém bata. Porque eu acho assim: o que os meus filho fizé, pode vir a mim que eu sei agi. Eu bato, tando errado. Eu, eu que quero batê. Eu que quero xingá, mas os outro da rua não. (Dagmar).

**Ah, pra mim um pai é muito importante. Porque a mãe sempre passa a mão pela cabeça e o pai não. Quando o pai de meus filho, quando meu marido era vivo, meus filho não era assim como é hoje não.** Eles num era, eles num era rebelde não. Eles são rebeldes. Mas eu garanto a você, se o pai tivesse aqui eles num... Se ele dissesse assim, se eu lhe disser uma coisa você não acredita, cinco e meia eles já tavam se arrumando pra dormir. **Eles tinha medo dele.** (Neneca, 29 anos).

**Eu acho que um pai é uma coisa importante, né, porque ajuda também na criação, os menino respeita mais, que sempre as criança respeita mais os pai, inclusive os meu mermo, eu não, quando eu tinha meus filho, eu não batia nem nada, bastava dizer ‘quando seu pai chegar cê vai ter, vai castigar você’, eles tinham medo do pai** e o pai não batia, ele não era homem de bater nos filho. (Maria da Luz).

A ruptura de alianças conjugais e formação de outras novas, é outro fator que marca a dinâmica de muitas famílias do bairro. Woortmann (1987) defende a idéia de que a perda de emprego do homem é a causa mais direta de dissolução do laço conjugal nas classes trabalhadoras. Entretanto, ainda que possa haver uma boa dose de pragmatismo na decisão das mulheres de se separarem de seus parceiros, certamente não é este o único fator decisivo. Encontramos no bairro

casos de mulheres que, mesmo independentes financeiramente e insatisfeitas com seus parceiros, relutavam em separar-se; e esta hesitação não era creditada a razões de natureza meramente pragmática:

Depois que essa, que tem catorze filho com ele, deixou ele, aí ele deixou de trabalhar, né? Desempregado. Pra não dar comida aos filho, e foi se elevando a vida dele assim, né? Comendo, bebendo, **a mulher trabalhava, ia dando a ele, achava casa, comida, dormida. E ele foi gostando daqui e dali, né? [...]** **Elas trabalha de doméstica. [...]** **E as mulher que ele arranjou foi umas mulherzinha, coitada, muito boa. Umas mulher que suporta tudo dele, entendeu?** Então, ele continua na mesma. Ela dá um tudo a ele, mas quando ele quer, ele briga com elas. Passa dois, três dias sem ir lá, entendeu? Na casa dela, entendeu? Sabendo que ele é precisado delas, e não ela dele, que ela pode arranjar um outro e fazer o mesmo, dar na mão, entendeu? (Léo, comentando sobre um amigo).

**A gente se unia muito, mesmo ele bebendo assim, mas ele era muito obediente a mim. Eu ganhava o dinheiro, trabalhava, fazia o dinheiro, ele ia fazer compras. Ele voltava, me ajudava a fazer a venda. Ele tava parado, abandonou o trabalho por causa da bebida. Era pedreiro. Depois que ele abandonou, aí ele ficava dentro de casa me ajudando.** Tinha dia que tava muito bêbado, aí não fazia nada, ficava deitado, sem querer comer. Mas quando ele melhorava, aí ele metia os peito comigo e procurava ajudar, ia pra... [Feira de São] Joaquim fazer compra, levava feijão, passava ia pro ponto mais eu. (Bemvinda).

Por outro lado, as mulheres usualmente vivem a situação de perda do marido e de infidelidade conjugal como uma experiência intensamente dolorosa (HITA, 1998b). A expectativa de serem abandonadas e a experiência da separação para as mulheres, ainda que seja relativamente comum, é sempre motivo de grande sofrimento. No Nordeste, apesar de muitas mulheres demonstrarem insatisfação com o casamento, nem sempre a separação chega a se configurar, de fato, como uma alternativa viável. A justificativa oferecida para a manutenção dessas relações insatisfatórias repousa na situação dos filhos, na dificuldade ou necessidade de sobrevivência econômica, mesmo quando os maridos contribuíam irregularmente para o sustento da família. É importante considerar, porém, que os maus-tratos físicos excessivos, dirigidos contra ela ou contra seus filhos, configura-se em uma das razões relevantes para que a mulher venha a romper com uma relação conflituosa. A preocupação do tipo de relação conflituosa entre os filhos de parceiro um anterior, com o novo parceiro da mãe (enteados), é uma constante, e de forma mais marcada no caso das filhas mulheres, onde a convivência das filhas da mulher com um homem não consanguíneo, é vista com frequência como uma verdadeira ameaça.

Ela veio pr'aqui escarreirada dele [quando se separou]. Porque ele batia, judiava, queria matar. (Bemvinda, sobre uma vizinha).

**Os filho nenhum ligava pra ele não, que ele era meio grosseiro.** Os pai quando é grosseiro com os filho, aquele que quer tudo certinho, aquele. Sempre tem os pais grosseiro, entendeu? Ela fazia a feira, mas aquilo tinha que ser

limitado pelo gosto dele e não pela dona da casa, entendeu? [...] **Esse problema todo, que ele era muito exigente. Só separou por causa disso, que a mulher não guentou mais. Já tava doente, coitada. Queria usar a criatura à pulso, sem condições.** Pessoa grosseira que às vezes a gente nem imagina, né? Nem imagina muitas coisa que acontece, né? (Léo, sobre um amigo).

Que... não relaciona não, com ele [o filho] não, entendeu? Eles são, ele é assim, eles chegam, vão perguntar uma coisa, conversar, tal, ele sempre não deixa eles falarem. Então eu me dano com ele, me dano mesmo, mas não tem jeito. Tem pessoas com a cabeça ruim, é ruim mesmo, né? [...]0 Ah, ele vai vira, quebra o pau pro meu lado, aí quebra o pau, teve um dia que eu tava falando: 'Já era, tô saturada, sabe? **Tudo cansa, sabe?**' E aí eu digo a você, **vou pegar meus filhos e me mandar. Porque por tudo cansa, né? Se vê que uma coisa tá prejudicando os filhos, a gente tem mais é que sair, eu acho que prejudica eles, e como prejudica.** [...] **Briga constante, é uma briga, é uma briga desgraçada dentro de casa, quando tão dentro de casa o pau quebra.** (Eunice).

**E lá eu morava com o pai dessa menina aí, mas ele era muito ruim, muito espancador de mulé e eu trabalhava pra me manter. E ele trabalhava de negócio de pescaria, mas era muito perverso, tá entendendo?** Era muito perverso e só vivia me entucalhando e eu tinha que vender na feira e não queria que eu conversasse com os homens na feira. Se eu comprava na mão desses homem, vendia a homem, comprava na mão dos homem, não era pra conversar com homem, não? Aí ele ficava me dizendo que ia me cortar toda de facão, que não sei o quê. **Aí eu me invoquei, larguei tudo lá e vim embora. Larguei ele lá. Trouxe os filho tudo. Trouxe, meus filho eu trouxe! Agora deixei uma casa lá, ele pegou e vendeu. Foi. Aqui quando eu cheguei, eu lavava roupa, eu me empregava nas casas assim, mas não podia ficar nas casa, porque não tinha quem tomasse conta dos meus filhos.** (Bemvinda).

Nos casos de separação, em geral a casa e os filhos ficam com a mulher. Os filhos são, antes de tudo, filhos dela. Depois de separados, o pai tem relativamente pouco contato com seus filhos, no máximo contribui com uma ajuda financeira bastante eventual. Isto se dá, particularmente, nos casos de famílias em que as mulheres tiveram várias uniões com homens diferentes e filhos de diversos pais. É interessante notar, a este respeito, que muitas mulheres se vangloriam de não se terem “rebaixado” para pedir auxílio aos seus ex-companheiros para sustento dos filhos em comum. Mas a paternidade neste contexto parece passar por outros critérios. Apesar da elevada instabilidade conjugal e dos homens engravidarem muitas mulheres distintas, e elas terem filhos de distintos parceiros, o ato de “registrar um filho”, mesmo que não se esteja unido à mãe da criança, por parte do homem, é tido como um bom exercício de sua paternidade. É visto como “um bom pai”, mesmo quando seja pouco o que se possa diretamente oferecer a esse filho, aquele homem que reconhece sua paternidade e lhe dá seu nome no “registro”. Pois, registrá-lo, é inseri-lo na sua rede de parentesco, e essa criança pode legitimamente se relacionar, receber apóio e até exigí-lo, em alguma medida, das outras mulheres pertencentes à rede do que o assumiu e registrou. Num contexto onde as redes de parentesco são tão importantes e onde as mulheres têm um papel tão central, há homens que se vangloriam de que seus filhos recebem das mãos das mulheres de sua própria rede consangüínea. É comum, quando a família do homem tem melhores

condições do que a mãe da criança, que as avós paternas tomem esses netos para “criá-los”, protegendo-os e oferecendo-lhes o sustento que as mães nem sempre podem oferecer-lhes.

**O pai deles não registraram eles, quem registrou fui eu, nem isso ele fez. Não registrou. [...] Convive com outra família. Não registrou, não ajudou a criar, não fez nada, né, não ajudou criar, não registrou, quem registrou fui eu, tudo regis... todos quatro quem registrou fui eu, pá estudar, tinha que botar na escola. Eu registrei e num ajudou nada, se tivesse ajuda da parte dele... (Benta).**

Entrevistador: ‘Dina, e o seu, o pai dos seus filhos, por exemplo, ele lhe ajuda ou não com as crianças?’

Dina: **‘Quando tem e quando quer dar. Não posso nem dizer que ele ajuda, quem mais ajuda sou eu que tou trabalhando, né? Quando eu não tou, aí mãinha, né, todo mundo ajuda um pouquinho’.**

A crescente independência financeira da mulher e a existência de uma relativa instabilidade conjugal, nas famílias de classe trabalhadora remete-nos a outro tipo de arranjo doméstico bastante comum no Nordeste: famílias compostas pela mãe com seus filhos, freqüentemente nascidos de várias uniões diferentes. Trata-se das “díades maternas” na expressão de Woortmann (1987). Em geral, as mulheres sozinhas com filhos precisam muito mais do apoio de pessoas da família, contam em geral com o auxílio da mãe ou de filhas mais velhas para o cuidado com as crianças pequenas e com a casa. Quando, após a separação, ou como mães solteiras, elas ficam sem moradia, ou não conseguem manter-se sozinhas, uma alternativa é voltar a viver com suas famílias de origem. No caso de uma nova união, se a mulher não tem sua própria casa, é possível deixar os filhos com sua mãe, para viver na casa de seu novo companheiro. Ao contrário, se ela fica com a casa quando se separa, mesmo que constitua uma nova união, tende a manter seus filhos consigo. Neste caso, o novo marido poderá encontrar dificuldades para exercer sua autoridade perante os filhos que são exclusivamente de sua mulher, o que gera algumas tensões na família, conduzindo, por vezes, a um rompimento. Assim, mais uma vez voltará a prevalecer um arranjo em que a mãe é o chefe da família.

**Esse é o pior problema da casa! É o respeito. Como pai é ruim. Pior é padrasto. Ainda é pior... E você como padrasto... tudo que acontece de ruim... é o padrasto... o padrasto não pode tocar na mão/ não pode tocar a mão porque aí vai dizer: ‘ah, você não pode bater porque você não... não é pai’. Muitas coisas já aconteceu aqui por isso. Aí pronto... e perdi esse/ o respeito totalmente. E... porque... filha mulher... ainda é pior, porque filha mulher tudo que acontece... Neneca [companheira] mesmo tem um problema da porra com essa... essa Leandra [filha de Neneca]. Ela [Neneca] Diz que eu tenho relação [sexual] com/ que eu tenho relação com Leandra... Isso eu nunca tive/ eu/ é/ p / pessoa que já disse a ela: eu prefiro ter... relações com as pessoas de lá da... da vida... fácil, de que com a filha dela. Eu já disse isso a ela várias vezes, mas ela... continua... (Gilson, 39 anos, genro de D. Cida, 31/01/99).**

Com Gilson **eles não respeita, porque quando eles [filhos de Neneca] veio pro poder dele, eles tavam tudo já grande.** Já tudo conhecia o pai, conhecia tudo, então ele acha, eles acha que ele não deve obedecer, eles não respeita ele. (Neneca, 29 anos).

Eles [os filhos dela] não obedeciam [ao seu terceiro marido] porque ele só andava bebendo, quando pegava algum, era pra dar aquelas porradonas, e eu não agüentava ver, entendeu? Uma vez mesmo ele bateu em um que desmaiou, aí pronto. Eu achei que não devia. E hoje ele não bebe mais, mas tá vivendo sozinho na barraca. (Bemvinda).

### *O modelo extenso de família*

A família extensa é um outro tipo de organização doméstica e a mais comum no Nordeste de Amaralina. Este tipo de arranjo é formado por ao menos um dos pais (normalmente a mãe), vivendo com os filhos e netos. Famílias em formação, que ainda não conseguiram construir sua própria casa, e em que crianças pequenas dificultam o trabalho da mulher, podem optar por permanecer um certo período com a família, em geral da mulher, até que se possam capitalizar para a realização do projeto da casa própria. É de se esperar também que mulheres separadas, que precisem trabalhar para garantir o sustento da família, contem com mais apoio se permanecem na casa dos pais, um irmão, um parente ou até amigos. Assim, observamos que, no Nordeste, as famílias absolutamente não estão isoladas de sua rede de parentesco, rede esta que se constitui em um ponto de apoio essencial. Como diz Durham,

o grupo de relações primárias, especialmente a unidade doméstica, e o grupo de parentes mais próximos constitui ainda, mesmo no universo urbano, a unidade fundamental de vida social, pois é a única na qual a participação continua a envolver, necessariamente, a totalidade da pessoa. (Durham, 1978, p. 189-190).

De fato, é no bairro, e em especial no grupo de parentesco e na rede de relações mais próximas, que se conhece o indivíduo por suas peculiaridades, suas qualidades, seus defeitos, sua história. As redes de parentesco e vizinhança podem ser instrumentalizadas no âmbito da rua e penetrar no domínio da burocracia e das relações impessoais, para a obtenção de emprego, favores, conexões com instituições, etc. Mas é no âmbito da casa, da teia de relações construídas em torno da família e com base nela, que o indivíduo se percebe como pessoa.

Em quase toda família extensa existe geralmente um filho de criação ou alguma criança da rede de parentesco em circulação pelas distintas casas de parentes aos quais pertence. No Nordeste de Amaralina são geralmente as mulheres e as famílias com “melhores” condições econômicas no bairro as que “criam” filhos de outras mulheres (consangüíneos ou não). Como aponta Fonseca (1995), a prática da “adoção à brasileira” (“falsificação ideológica da paternidade”) ou a do “filho de criação”, que ocorre paralela à adoção legal, é a prática de dar o próprio nome a esse “filho criado” no registro de nascimento, o que acontece, com frequência, bem tardiamente. Este fenômeno difere daquele chamado por ela de “circulação de crianças”, que pode acontecer de forma simultânea na mesma família que “cria” filhos de outros. A circulação de crianças não renega a paternidade biológica e é em geral um mecanismo que se dá entre consangüíneos. Neste outro caso, a criança mantém a identidade dos pais biológicos, e a dos adotivos é adicionada àquela, passando a se ter *“várias mães” ou responsáveis pela sua criação*. Os contatos com pais biológicos não são rompidos. A relação entre mãe adotiva e genética não é necessariamente excludente como poderia se supor. O amor maternal aqui não se inscreve nos valores de um cuidado psicológico como o seria o de classes médias de outros contextos. As noções do bem-estar da criança e de responsabilidade materna não implicam a necessidade de co-residência entre geratriz e filho. A fragilidade infantil deve ser entendida antes em função das privações materiais e de sobrevivência antes que por critérios emocionais e psicológicos. Ao contrário do que pensa ou suporia uma representação dominante e ocidentalizada sobre maternidade, *“a circulação de crianças ocorre porque as crianças são desejadas e queridas”* e representam um valor em si mesmas e não o contrário, comenta Fonseca (1995)<sup>24</sup>.

As crianças que circulam corporificam a idéia de família como valor. Um filho, nesse meio, é uma riqueza que pode servir para solidificar laços com a sogra ou para gratificar a própria mãe (avó da criança). Várias circunstâncias e adversidades podem levar uma mãe a ter que dar seus filhos, ou algum deles, em determinadas conjunturas. Esta noção de criança como riqueza se afasta daquela noção preconceituosa que vê na pobreza famílias “quebradas” e incompletas, estados de anomia, e esta prática como indício de abandono ou falta de amor materno. Apesar da

---

<sup>24</sup> Ver Nancy Scheper-Hughes (1992) e sua tese da falta de amor materno no Nordeste Brasileiro. Ver também uma boa crítica a esse olhar da sua ex-aluna L. A. Rebrun (1999) em sua etnografia sobre o amor na cidade de Caruaru (cidade de pleno sertão nordestino, em Pernambuco). Ver também L. A. Rebrun (1994), sobre antropologia das emoções e doenças no Nordeste Brasileiro.

criança pequena ter valor pela sua graça, é enquanto adulta (em teoria ao menos), que ela apresenta maior valor para a rede de parentesco, nos seus anos propriamente produtivos. Nesta lógica, o afastamento da criança da mãe seria uma etapa apenas temporária do processo. Dar um filho, neste contexto, não significa, como se acredita, o seu abandono. Durante a infância e mesmo quando estes filhos crescem, o contato com as mães é freqüente, mães e filhos se procuram e voltam a se relacionar sem maiores ressentimentos, aparentemente. Os significados que estas práticas têm são bem distintos aos que parecem vigorar em idéias de certas classes médias.

Os problemas de privação econômica nos contextos em que esta prática costuma ocorrer e os aqui estudados são inegáveis, mas a miséria em si mesma, pouco a explica. Esta prática da circulação, como mostram estudos históricos e o aponta Fonseca (2000) em seu estudo, tem sido comum, também, entre outros grupos sociais mais abastados. Ela vem ocorrendo ao longo, pelo menos, dos últimos dois séculos na história brasileira, pelo que não pode ser associada, acrescenta Fonseca, a teorias como as de “estratégias de sobrevivência” dos anos 60. Essa é uma prática que carece ser entendida e explicada, cujo significado precisa ser integrado a um modelo cultural que lhe dê inteligibilidade. No modelo matriarcal estudado adiante, estes elementos, tanto o da circulação de crianças da rede consangüínea como a “criação” de filhos não consangüíneos, parecem ser centrais para a operação deste sistema de parentesco.

Uma primeira aproximação à importância dos lares de tipo extenso na composição domiciliar dos lares no Nordeste o indica o seguinte quadro de dados do IBGE sobre a presença de “outros parentes” ou não parentes e a posição ocupada por esses membros da casa para além das posições tradicionais do “pai, mãe e filho” de grupos puramente nucleares (ver Tabela 2).

Dado interessante sobre este tipo de informação é a apresentada por Parry Scott (2002) quando a associa à variável da responsabilidade dos domicílios por sexo. Ele encontrou que este tipo de composição extensa dos lares é mais comum em lares chefiados por mulheres do que por homens. Na sua análise de domicílios chefiados por mulheres do Censo Demográfico 2000 a presença de pais, mães, netos, netas e outros parentes (ou não parentes), é mais marcado para mulheres responsáveis (25,4% do total dos participantes) do que para domicílios chefiados por homens

(5,2%). Enquanto para os lares chefiados por mulheres uma de cada três pessoas na sua família não seria marido ou filho, para os homens, apenas uma de cada oito pessoas não é esposa ou filho. Isto aponta, segundo Scott, para uma clara evidência de um maior acionamento das redes sociais mais ampliadas para o sustento e a convivência por parte das mulheres do que os homens.

**Tabela 2 - Relação dos habitantes do Nordeste de Amaralina com a pessoa responsável pelo domicílio, segundo o grau de parentesco.**

	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Pessoa responsável	8464	5237	13701	25,49
Cônjuge ou companheiro(a)	1208	6960	8168	15,19
Filho(a) ou enteado(a)	12054	11690	23744	44,17
Pai, mãe ou sogro(a)	71	320	391	0,73
Neto(a) ou bisneto(a)	1909	1813	3722	6,92
Irmão ou irmã	573	649	1222	2,27
Outro parente	1111	1282	2393	4,45
Agregado(a)	132	161	293	0,55
Pensionista	24	23	47	0,09
Empregado(a) doméstico(a)	4	51	55	0,10
Parente do(a) empregado(a) doméstico(a)	1	3	4	0,01
Individual em domicílio coletivo	4	12	16	0,03
<b>Total</b>	<b>25555</b>	<b>28201</b>	<b>53756</b>	<b>100,00</b>

Fonte: IBGE, Resultados do Universo do Censo Demográfico 2000.

### *Composição familiar no Nordeste de Amaralina em estatísticas*

Entende-se a “família” como podendo, ou não, formar uma “unidade de produção”, mas sempre como um âmbito de “reprodução social” e de “consumo”, onde se estabelecem complexas e dinâmicas relações sociais entre seus membros. O domicílio onde costuma se reunir indica ser - a família – um espaço de convivência<sup>25</sup> de um conjunto de pessoas ligadas por laços de sangue, parentesco ou dependência, que estabelecem relações entre si de afeto, solidariedade, tensão e conflito. Um espaço de divisão social – sexual e geracional – do trabalho, no qual a vivência do jogo de poder se cristaliza na distribuição dos direitos e deveres de cada indivíduo. Adoto essa

<sup>25</sup> Co-residência nas definições de Unidades Domésticas ou não co-residência, se se pretende lidar com o amplo campo de redes sociais que extrapola os limites de uma única casa.

concepção de família combinando a aceção de Bruschini (1990) com a de Jelin (1994), atrelada ao conceito de *curso de vida*, desenvolvido por pesquisas sócio-demográficas (GOLDANI, 1989; HAREVEN, 1978; OJEDA: 1989)<sup>26</sup>. Desde esta perspectiva, parte-se do pressuposto da existência de uma variedade de arranjos familiares que extrapolam o modelo nuclear tradicional (ou elementar). Cada arranjo doméstico transversal (em um dado momento) é entendido como resultado de uma variedade de combinações de arranjos anteriores. Isto é, um mesmo grupo familiar, ao longo da sua história, pode passar por etapas “nucleares” (pai, mãe, filhos), “compostas” (incorporação de sujeitos não parentes), “extensas” (incorporação de outros parentes além dos do de um núcleo básico), “incompletas” (ausência de filhos ou de algum dos cônjuges) etc. Em suma, o esquema analítico proposto pelo conceito *curso de vida* caracteriza-se por captar dinâmicas familiares e pessoais nas trajetórias de indivíduos, ao longo do tempo, incorporando dimensões como a) temporalidade, b) variação na seqüência de eventos e c) transições vitais; enfim, tratando as trajetórias do ciclo vital como processo.

Nesta seção sintetizam-se de modo mais preciso e quantitativo alguns dados de um survey realizado pelo ECSAS em 120 domicílios do Nordeste de Amaralina em 1992<sup>27</sup> sobre o perfil familiar encontrado no bairro. De forma complementar, também se recuperam no final deste capítulo dados do Censo Demográfico do IBGE 2000 sobre Famílias Chefiadas por Mulheres (FCM), que ajudam a

---

<sup>26</sup> Este esquema analítico procura superar algumas das limitações da perspectiva modelística-normativa do conceito de “ciclos de vida” de grupos familiares (FORTES, 1966, *apud* GARCIA; MUNÓZ; OLIVEIRA, 1982); a qual pressupunha que as distintas etapas de composição e dinâmica reprodutiva vivenciadas pelas famílias respondia a um esquema fixo e linear (inspirado no modelo de família nuclear norte-americana dos anos 50s). De forma resumida poderíamos descrever estas etapas em quatro grandes momentos: 1) A sua formação – com o casamento dos esposos; 2) A expansão – com o nascimento e crescimento dos filhos; 3) A contração – pela saída de filhos adultos que formam novos lares; e 4) A dissolução – pela morte de algum dos cônjuges. Para os estudiosos do tema, este conceito de *ciclo vital* deixava muitas coisas fora da sua estrutura, entre outras a própria visão de que a família não segue em todo e qualquer grupo o modelo nuclear. Teríamos que pensar na concepção mais ampla de “distintos arranjos domésticos”, nos quais nem sempre estas etapas são seguidas e muito menos de forma linear. É assim que partir da noção *curso de vida*, permite incluir uma série de transições vitais familiares, que nem sempre se enquadram no modelo anterior, tais como uniões consensuais e fecundidade pré-marital, em etapas de formação; os divórcios e separações como elementos disruptores nas etapas de dissolução etc.

<sup>27</sup> Tratou-se da pesquisa “Processos de Fragilização e Proteção à Saúde Mental nas trajetórias de mulheres de classe trabalhadora urbana”, realizada no ECSAS sob a coordenação do Dr. Paulo César Alves e Maria Gabriela Hita, e com apoio da Fundação Carlos Chagas, CNPq e PIBIC/UFBA (1993-1997). A pesquisa constou de duas etapas, uma quantitativa e outra qualitativa. A primeira, consistiu na realização de uma amostra representativa por conglomerado e de forma sistemática de 120 domicílios (uma em cada três casas) de uma das quatro regiões do bairro popular (em Salvador-BA) em que se realizou a pesquisa. Dados mais detalhados sobre o perfil dos indivíduos que compuseram essa amostra e sobre as trajetórias das mulheres entrevistadas ver em Hita (1997a). Não se apresentam aqui essas informações porque preferiu-se trazer dados mais sintéticos a partir do censo 2000 do IBGE e priorizar os relatos de tipo privado de entrevistas a profundidade do que relatos “públicos” captados mediante o questionário daquele *survey*.

melhor fundamentar as estimativas sobre o possível percentual de chefia feminina na nossa amostra. Com isto se visa melhor situar e aproximar o leitor à dimensão que o arranjo matriarcal extenso pode estar ocupando na diversidade de arranjos familiares que encontramos nesta comunidade.

Assim sendo, e como se observa na Tabela 3 e 4, encontrou-se que no Nordeste o tipo de arranjo doméstico mais significativo estatisticamente falando foi o que denomino de famílias “extensas”, formadas por mais de um núcleo familiar ou inclusão de outros parentes. Encontramos que 51,6% das famílias viviam em arranjos extensos<sup>28</sup> no momento da entrevista.

**Tabela 3 – Tipos de organização familiar no Nordeste de Amaralina.**

	Total	%
Famílias Extensas	62	51,6%
Família Nuclear Pura	42	35%
Família Incompleta	13	10,8%
Domicílio Unipessoal	3	2,6%
Total	120	100%

Fonte: Survey ECSAS, 1992.

**Tabela 4 – Relação dos habitantes do Nordeste de Amaralina com Ego (mulher entrevistada).**

	Total	%
Ego (mulher da casa entrevistada)	120	16,78%
Companheiro ou marido	78	10,90%
Filhos	298	41,54%*
Pais, avós, sogros e netos	96	13,43%**
Irmãos, cunhados, genros, noras	62	8,67%
Tios, primos e sobrinhos	40	5,60%
Não parentes	21	2,94%
Total	715	100%

\* Filhos do casal: 66,1%; só dela: 25,8%, só dele: 6,1%, outro: 2%.

\*\* Os netos compõem, isolados, mais do que o dobro da soma das outras categorias.

Fonte: Survey ECSAS, 1992.

<sup>28</sup> Incluí neste percentual o das “famílias compostas” (4.5%) que se caracteriza normalmente por um arranjo extenso mais um elemento que não é parente, e o de “Díade materna”, classificação utilizada por Woortmann (1987) (7,1%) que é uma forma específica de arranjo extenso, o de dois núcleos incompletos sem a presença de nenhum elemento nuclear pela ausência dos parceiros (avô, mãe e netos).

A família extensa pode estar composta por avós, pais, irmãos, filhos casados, netos, tios, sobrinhos ou até mesmo o filho de apenas um dos parceiros de um grupo nuclear (completo ou incompleto). No caso do filho de apenas um dos parceiros, apesar de aparentemente manter a estrutura nuclear, ela não é resultante da união atual, sendo computado como extenso. Ao analisar o tipo de parentesco de cada membro do domicílio *com ego* (a mulher que respondeu o questionário), das pessoas que moram nos 120 domicílios estudados (sejam eles nucleares, extensos ou incompletos), i.e. de um total de 715 indivíduos, ego representa aproximadamente 17% da população (geralmente a “dona da casa”, mas não exclusivamente); “seu companheiro ou marido”, compõe 10,9% da população recenseada; “filhos”, 41,5% do total. Interessante, contudo, nesta categoria, é perceber que ao seu interior – i.e. tomando os 100% destes filhos – ela se distribui em 66,1% como filhos do casal; 25,8% como filhos somente dela; 6,1% são filhos somente do companheiro e 2% somente de um ex-companheiro dela e que ela “cria”. A categoria “pais, sogros, avós ou netos de ego” representa 13,43% da população (nesta categoria o grupo dos netos isolado é mais do dobro de todas as outras categorias juntas); irmãos, cunhados, genros e noras formam um contingente de 8,67%; tios, primos e sobrinhos conformam 5,60% da população e “não parente” ou “outro tipo não citado” 2,94%. Estes dados apontam para a diversidade de indivíduos que compõem o arranjo “extenso” de família.

Como sugere a Tabela 4 (e os dados sobre chefia feminina apresentados adiante), supor que o casal nuclear dos arranjos familiares extensos ou o “homem” sejam sempre os “responsáveis destes domicílios” pode conduzir a grande erro. Isso vai depender de uma série de fatores como de quem seja a propriedade da casa, de quem provenham a maior quantidade de receitas, em quem resida a autoridade etc. A chefia pode ora ser a de um filho casado, ora a de uma mulher idosa, ora do homem em arranjo nuclear ou de tipo extenso. Como nesse *survey* de 1992 não se perguntou quem era o chefe do domicílio é impossível, a *posteriori*, se obter dados precisos sobre o perfil da chefia nessa amostra. Acredito, entretanto, segundo estimativas que apresento adiante, que a proporção dos lares extensos chefiados por mulheres deve ter sido bem próxima, senão levemente superior, à dos lares chefiados por homens neste contexto de estudo e que há possivelmente mais mulheres idosas compondo este tipo de arranjo do que homens.

O arranjo nuclear (pai, mãe e filhos) é significativo e considerado o “modelo ideal” por muitos dos moradores do Nordeste: 35% da amostra estudada vivia, no momento da entrevista, em arranjo nuclear puro (ver Tabela 3). Tampouco seria correto afirmar *à priori* que estes lares sejam “sempre” chefiados por homens, e isso é o que talvez venha apontando o censo de 2000 (no território nacional) quando aponta que enquanto 89,5% dos homens responsáveis vivem com cônjuges, somente 15,6% das mulheres responsáveis de domicílios vivem com cônjuges indicando a chefia feminina mesmo quando com parceiro ao seu lado. Isto já indicaria uma clara mudança de valores e maior tendência ao reconhecimento público dessa informação, o que pode estar associado a uma maior aceitabilidade da igualdade entre gêneros como, também, da crescente dificuldade de encontrar emprego no país, o que ameaça cada vez mais o papel de provedor e chefe de muitos homens. Por outro lado, estudos na zona da mata pernambucana apontam que  $\frac{1}{4}$  dos informantes prefeririam declarar coresponsabilidade domiciliar, se existisse tal categoria, i.e., definiriam a chefia familiar como “compartida” se essa possibilidade fosse oferecida pelas escolhas do censo e não como sendo do “homem” ou da “mulher” (SCOTT 1998, *apud* SCOTT, 2002). É possível que em muitos desses casos ainda se atribua a chefia principalmente ao homem.

Assim mesmo, suponho que no arranjo nuclear puro predomina a chefia masculina e uma maior concentração de mulheres “casadas formalmente”. Analisando o estado civil das donas de casa entrevistadas no survey de 1992 (ver Tabela 5), encontrou-se que 20,8% delas declararam ter casamento formal ou “de papel passado”. A participação das mulheres “unidas consensualmente” nesta amostra foi em torno de 41,7%. Dado curioso na comunidade, e em direção similar ao de etnografias sobre populações negras na Jamaica e Eua (CLARKE, 1972; STACK, 1974), apontam a prevalência do casamento formal depois de vários anos de convivência e nascimento de vários filhos do casal, em fase mais maduras e estáveis do grupo familiar.

**Tabela 5 – Estado civil das mulheres entrevistadas no Nordeste de Amaralina, 1992.**

	Total	%
Casadas “no papel”	25	20,8%
União consensual	50	41,7%
Solteiras	21	17,5%
Separadas	12	10,0%
Viúvas	12	10,0%
Total	120	100/%*

\*Só 13 mulheres não tinham filhos, e destas, oito eram solteiras.  
Fonte: Survey ECSAS, 1992.

Ao somar o percentual de 35% de arranjos nucleares puros ao de arranjos de famílias “extensas” que contem ao seu interior algum arranjo nuclear (ainda que nem sempre o da entrevistada, nem o do chefe), i.e, que contam com uma estrutura de pai, mãe e filhos, este percentual sobe então para aproximadamente 74% da amostra. Isto pode ser lido como que em 74% dos lares entrevistados encontrava-se alguma estrutura de família nuclear. A impossibilidade de se seguir estritamente o padrão tradicional “puro”, ao que parece, deve-se, entre outros fatores, ao desemprego, baixos salários, dificuldade de obtenção de casa própria, instabilidade de uniões conjugais, fatores culturais, etc. Via de regra, o modelo puro é logrado em determinadas fases muito curtas do curso de vida das famílias (geralmente nem no início, nem no final do curso doméstico). O modelo de famílias nucleares puras apontaria para um momento de aparente maior estabilidade econômica desses arranjos em relação ao de suas famílias de origem e antes deles voltarem a se tornar extensos pelo nascimento de netos ou união de algum filho iniciando um novo grupo dependente da casa dos pais.

Estatísticas recentes apontam para o acelerado crescimento do número de lares chefiados por mulheres, identificado normalmente como aquele composto por “mães solteiras” ou “sem companheiro”, vivendo com seus filhos, incluídos no que aqui denominei de “arranjo de famílias incompletas” (onde faltam um dos parceiros ou os filhos). A presença dos lares com a mulher como chefe nesta condição, na nossa amostra do Nordeste de Amaralina, foi em torno de 19, 2% – ou 23 mulheres entrevistadas – isto é, levando em conta a total ausência de um homem adulto nesses lares, portanto, tratando-se esse de um valor sub-estimado. Incluiu-se neste percentual os 2,6% que não tinham filhos e viviam sozinhas e os 6,6% de “díades maternas duplas” (segundo a concepção de

Woortmann<sup>29</sup>) que apesar de terem características de família extensa por incluírem três gerações (e foram igualmente incluídas em aquele percentual), também têm características de arranjos de mães sozinhas, no caso, em dupla geração. Se tomássemos apenas modelos “nucleares” incompletos teríamos 12,6% (ao contrário dos 19,2% calculados) da nossa amostra. O arranjo de apenas um dos parceiros, com seus respectivos filhos, representou 10,8% da amostra total. De 13 lares, apenas um era do pai com seus filhos, os outros 12 eram da mãe com seus filhos (ver Tabela 3).

Quanto à questão de mulheres sem companheiro, ainda que acompanhadas muitas vezes da própria mãe, há um conjunto de 19,2% das entrevistadas, com filhos, vivendo em lares de tal tipo, sem a presença masculina de mesma geração (união) ou ascendente (parceiro da mãe). A falta de companheiro é acentuada se consideramos os dados do estado civil das entrevistadas (que podem estar sozinhas, mas vivendo em arranjos onde existem núcleos de outros parentes), 37,5% das entrevistadas – destas 82,2% com filhos – declararam não ter companheiros (ver Tabela 5). Pois, 17,5% das informantes se declararam solteiras; 62,5% estavam unidas ou casadas e 20,0% separadas ou viúvas. Note-se que só 11% das 120 mulheres declararam não ter filhos, o que indica um significativo percentual de solteiras (mais de 60%) tendo filhos: 13 de 21. Entre as mulheres sem filhos também havia mulheres declaradas casadas, unidas ou separadas, as 5 restantes das 13 sem filhos. Se excluirmos as 8 solteiras sem filhos, tem-se que 30,8% (37 mulheres) estavam sem companheiros e tinham filhos.

Veja-se que se tivéssemos calculado o percentual de “outras mulheres sem companheiro com filhos” desses domicílios, provavelmente esse percentual poderia ser mais elevado. Seria esse percentual de

---

<sup>29</sup> Segundo os dados de Woortmann (1987) sobre chefias femininas no bairro de Alagados – importante favela de Salvador – infere-se que a chefia feminina não era, nos meus próprios cálculos, inferior à ordem dos 35% na população por ele estudada nos anos 70 (Observe-se que nossos dados sobre o Nordeste de Amaralina referem aos anos 90 e os do censo 2000 publicados pelo IBGE adiante já indicam um significativo aumento destes percentuais, o que é um indicativo da chefia oculta se associada apenas “à solidão de parceiros”). A seguir apresento as classificações e percentuais indicados por Woortmann no seu estudo de 155 domicílios, com respectivas composições domésticas: Família elementar (correspondendo ao que designo de arranjo nuclear puro): 46,45 %; Díade materna: 21,20% (mães solteiras ou sem companheiro que denominei de famílias incompletas); Díade materna dupla: 5,16 (parte do que denomino família extensa) ; Família elementar mais filhos da filha: 6,45% (parte da família extensa nos meus dados); Família extensa doméstica (matrilocal): 7,50% Família elementar mais parentes da esposa: 9,67; Família elementar mais parentes do marido: 2,28 e Mulher vivendo só: 1,29 (WOORTMANN, 1987, p.62). Para calcular os 35% mencionados somei os valores de 21,20% e 5,16% das díades maternas aos 7,50% das famílias extensas matrilocais. Como ele mesmo indica, mesmo em famílias nucleares pode acontecer casos destes serem chefiados por mulheres (se forem elas as donas da casa e seus maridos/ companheiros estiverem desempregados). Estes dados apontam para a complexidade do fenômeno em questão, e os problemas de uma adequada medição e captação do que seja a chefia.

30,8% o mais aproximado aos das chefias femininas nessa amostra? Ou será que esse percentual ainda pode ser considerado sub-estimado ao se levar em conta a possibilidade de mulheres declaradas unidas poderem ser chefes de seus lares? As mulheres chefes idosas em arranjos extensos estariam incluídas nesse percentual? Estas questões são impossíveis de serem resolvidas, agora, por não terem sido objeto de estudo nessa amostra. Por isso preferiu-se trabalhar em próxima seção com dados do Censo Demográfico no ano 2000 referentes ao bairro do Nordeste de Amaralina com os dados que foi possível coletar e estavam disponíveis para sua consulta até o momento. Acredita-se que mesmo com a auto-declaração da chefia pelos informantes o dado da chefia feminina possa possivelmente ainda estar subestimado ou oculto em certos casos, principalmente em grupos extensos com ampla presença masculina adulta em que o relato público pode levar informantes a afirmar uma chefia masculina no lugar de reconhecer abertamente uma feminina, mas isso é um suposto que mereceria ser estudado mais detidamente futuramente.

Por outro lado, a “instabilidade conjugal” assim medida estaria também subestimada, pois as mulheres detectadas nesta situação de “solidão” – seja ela fruto de uniões que nunca se consolidaram ou resultado de separações sucessivas – seria ainda mais elevada se a esse percentual de 30,8% de mães de família sem parceiros, calculados para o momento da entrevista, fosse anexado o conjunto daquelas outras que voltaram a se unir, uma, duas, três e até 6 vezes como declaram algumas das informantes da pesquisa, e que foram computadas como unidas no momento da entrevista. Com esta consideração, esse percentual de “instabilidade conjugal” se elevaria para 50,8% (20% dessa amostra declarou ter passado por mais de uma união e foram computadas como “unidas” ou “casadas”). Desde uma perspectiva temporal de trajetórias de vida, esse percentual poderia considerar-se também subestimado já que é possível que futuramente algumas das mulheres mais jovens (metade da nossa amostra tinha menos de 35 anos) estivesse ainda vivendo sua primeira união nesse momento. Estes dados apontam em seu conjunto para um elevado índice de “instabilidade conjugal” no contexto estudado.

## FAMILIAS CHEFIADAS POR MULHERES (FCM)

O crescimento acelerado dos domicílios chefiados por mulheres nas últimas décadas, normalmente associado à idéia de famílias de mulheres sem companheiros, é tido como uma das principais revelações das estatísticas nacionais e mundiais mais recentes. Entre os fenômenos que tem contribuído para o crescimento da chefia feminina destacam-se os de origem cultural, econômica e sócio-demográfica. Possivelmente este incremento esteja de fato acontecendo devido a uma série de modificações nos modos de vida das famílias contemporâneas, com grande incremento de separações, divórcios, re-casamentos, formação de domicílios unitários, etc. Entretanto, acredito que o fenômeno da chefia feminina sempre existiu, e me parece que ele pode ter estado sub-estimado. É possível que parte desse diferencial do incremento se deva também a que apenas agora ele está sendo medido e visualizado mais adequadamente. Isto não pode ser simplesmente tratado como resultado de um fenômeno novo e emergente em si mesmo, que sem sombra de dúvida o é. Parece-me que o é também por emergir como novo “fato conceitual”, passando a ser mais estudado, independentemente de sempre poder ter existido.

Vários estudos têm associado os lares chefiados por mulheres à idéia da chamada “feminilização da pobreza”, por serem identificados com os mais vulneráveis da sociedade e aqueles que sofrem maior carência econômica (BARROSO, 1978; BASTOS, 1989; CASTRO, 1990; GOLDANI, 1994; JELIN, 1994; NEUPERT, 1988; OLIVEIRA, 1992b, 1996; OLIVEIRA; BERQUÓ, 1990). Ao que parece, a maioria desses lares se encontrem em situações de desvantagem em relação àqueles chefiados por homens, é o que indicam a análise das estatísticas. Deve-se observar, entretanto, que a maioria desses estudos tendiam a definir a chefia feminina como a associada a famílias monoparentais em domicílios caracterizados pela ausência masculina adulta, o que nem sempre é o caso. Um outro tipo de chefia feminina, e a que interessou estudar nesta tese, é a chefia familiar feminina em lares extensos, domicílios que nem sempre, dentro do contexto de extrema pobreza em que estão inseridos, são os mais vulneráveis.

O tema da chefia familiar é complexo. As imprecisões e ambigüidades de definição dificultam uma medição precisa do fenômeno. Em alguns estudos demográficos este conceito vinha associado ao

critério do rendimento do principal provedor da unidade doméstica, o que parecia ser automaticamente projetado sobre o homem adulto e suposto provedor da casa: pai e esposo (GARCIA; MUÑOZ; OLIVEIRA, 1982). Visto que em domicílios populares o orçamento familiar pode estar sendo composto pela colaboração de vários membros, simultaneamente, a identificação do chefe pode não resultar apenas deste critério. No censo brasileiro, para se determinar a “chefia familiar” (ou responsabilidade do domicílio, o que não sempre significa a mesma coisa, aponta Parry Scott [2002]) se adota o critério da auto-identificação pelos entrevistados, um membro da unidade doméstica entrevistada é que determina quem é o “responsável” pelo domicílio. Esta é, provavelmente, uma forma de medição menos problemática, em certo sentido, mas que, por outro lado, não garante um preciso controle da sua extensão. Possivelmente estão se misturando critérios distintos, não explicitados ou distinguidos, do que se entenda por “chefia” ou “responsabilidade pelo domicílio” em cada caso pelos respectivos entrevistados. Numa sociedade patriarcal como ainda é a brasileira, ao menos no campo simbólico e dos relatos públicos, é bem possível que a captação da chafia familiar feminina ainda possa estar sub-estimada.

Outros critérios que interferem na definição da chafia são a propriedade da casa e o da autoridade familiar em relação aos outros. Woortmann (1987), em seu estudo dos Alagados ilustra várias situações em que a definição de chafia variaria a depender da situação de cada grupo familiar, se a autoridade da família esteja centrada no homem ou na mulher, a posse da casa seja de um ou do outro, a responsabilidade última pela família ou filhos seja da mãe ou homem da casa etc. Ele aponta que na sociedade baiana o percentual de chafia feminina estava subestimado quando realizou o seu estudo nos anos 70. Cada caso de chafia precisaria ser analisado em suas particularidades com metodologias propícias para isso. A polêmica sobre o que significa ser “responsável” ou “chefe”, ao que parece, não se resolve com dados censitários, porque os valores e hierarquias vividos pela população quando pensa sobre suas famílias não podem ser completamente desvendados com dados desta qualidade. Não creio que apenas perguntar seja suficiente para garantir uma adequada medição da chafia domiciliar, e menos em entrevistas de contatos únicos e impessoais como os de um questionário ou censo demográfico. O problema do que se pretende medir e como fazê-lo ao se pensar o fenômeno da chafia familiar, precisa, ao nosso ver, ser melhor discutido pelos órgãos públicos competentes e estudiosos do campo, a fim de se acordar conjuntamente, a formulação de indicadores mais confiáveis.

Dados recentes apontam que a Bahia está entre os primeiros estados do Brasil em termos do aumento de lares chefiados por mulheres, que confirma a tendência verificada em toda a América Latina. Dados dos censos de 1991 e de 2000 indicam que o crescimento desse fenômeno teria sido de 35,3% ao longo da década. Segundo publicação da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) sobre o último censo, o estado baiano estaria atrás apenas do Distrito Federal (32,8%), Rio de Janeiro (31,2%), Amapá (28,9%), Pernambuco (28,3%) e Sergipe (27,9%), com um percentual de 27,1 % de chefias femininas no estado. Este crescimento foi mais significativo em zonas urbanas do Brasil (35,3%) do que nas rurais (17,7%) (dados publicados pelo Jornal A Tarde de 02/06/2002). Entretanto, quando se considera a informação por município, as capitais da Bahia e de Pernambuco aparecem como a segunda e terceiras cidades com maiores índices de chefia feminina, apenas precedidas por Porto Alegre, com 38,2% de chefes mulheres. Segundo dados do Censo Demográfico (IBGE) Salvador apresentou, em 2000, o percentual de 35,9% de chefias femininas (ver Tabela 10). Diferença importante, entretanto, são os índices de qualidade de vida entre as cidades do sul e nordeste. A média de anos de estudos dessas pessoas em Porto Alegre é de 8,7 anos e a renda média é superior à nacional que é de R\$1.101,20. Já em Salvador a renda média da capital é de R\$ 657,81. No Nordeste de Amaralina, em específico, a renda média dos chefes não supera os R \$ 427,43 e sabe-se que a das mulheres, em geral, é inferior à masculina. Apesar das melhorias educacionais e do aumento das rendas dos chefes de domicílio na Bahia na última década, mais da metade dos responsáveis de domicílios no censo de 2000 (53,9%) possui apenas três anos de estudo –nível de estudo que compõe o chamado analfabetismo funcional. Para o conjunto do País, essa porcentagem é em torno de 34,7% (Jornal A Tarde, 02/06/2002). Embora as mulheres chefes predominem entre as pessoas “responsáveis de domicílios” com mais anos de instrução, isso não redundou, como tem sido observado, em vantagens financeiras para elas, pois ao analisar as rendas, percebe-se a tendência contrária à da escolaridade e uma maior vantagem masculina especialmente. Interessante para nossa pesquisa são os dados das chefias domiciliares por faixa etária e sexo que Parry Scott sintetiza a nível nacional, e dados dos quais recuperei apenas os específicos para o estado da Bahia na Tabela 6 a seguir:

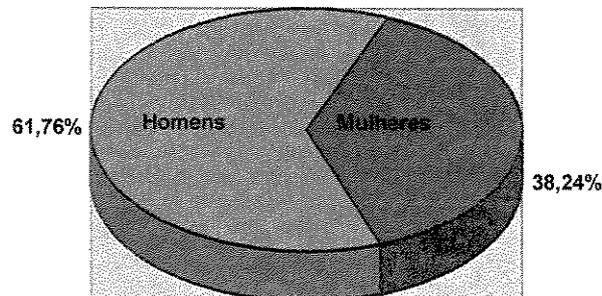
Do total de domicílios, aqueles que são chefiados por pessoas abaixo de 20 anos de idade não chegam a representar nem 2% da população em nenhum estado do Norte ou do Nordeste; e em todos eles é mais comum meninas jovens (até 19 anos) assumir domicílios do que rapazes na mesma faixa etária. No período de 20 anos

até em torno de 45 anos, a predominância clara é de chefia masculina, e a partir de 45 as mulheres novamente são proporcionalmente mais propensas a serem as chefes de domicílios. São os conhecidos efeitos de maior longevidade feminina, da diferença de idade entre homens e mulheres casadas, e da maior tendência masculina de entrar em re-casamentos após separação ou viuvez. Na idade que representa o auge das capacidades físicas para produção, os chefes são masculinos. Posteriormente são mulheres. As mulheres separadas, que crescem em todo o Brasil em relação às viúvas, ao que parece, estabelecem menos do que homens uma co-residência com novos cônjuges, costumando formar unidades familiares de cooperação entre elas e os seus filhos sem a presença do marido. (SCOTT, 2002,p.15).

**Tabela 6 – Percentual dos responsáveis por domicílios na Bahia por sexo segundo algumas faixas etárias.**

<b>Faixa etária</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
<b>10 - 19 anos</b>	1,2%	1,3%
<b>25 - 29 anos</b>	10,5%	6%
<b>40 - 49 anos</b>	22,2%	20,8%
<b>60 - 64 anos</b>	5,9%	8,5%

Fonte: IBGE 2001<sup>a</sup> (Segundo tabelas de Scott [2002]).



**Figura 1 – Responsáveis pelos Domicílios no Nordeste de Amaralina por sexo.**

Nota: Total de domicílios = 13.689

Fonte: IBGE, Resultados do Universo do Censo Demográfico 2000

Este gráfico foi elaborado a partir da coleta de dados sobre o bairro, junto ao IBGE da cidade. O percentual de chefias femininas declaradas no Nordeste é superior ao da região metropolitana, na ordem de 38,24%. Como os dados de chefias por sexo e faixa etária deste bairro não estavam ainda disponíveis para consulta se procurou inferi-los (na Tabela 11 adiante). Este cálculo se realizou sobre dados disponíveis do Nordeste de Amaralina a partir de percentagens aproximadas por idade e sexo para o total do Estado da Bahia da Tabela 6, acima, e os correspondentes à Região

Metropolitana de Salvador na Tabela 7, a seguir, que apresenta esta informação detalhadamente por sexo, segundo as diversas faixas etárias<sup>30</sup>:

**Tabela 7 - Pessoas responsáveis pelos domicílios na Região Metropolitana de Salvador, por sexo e grupos de idade, em 2000.**

Grupos de idade	Pessoas responsáveis pelos domicílios (Pessoas)			Pessoas responsáveis pelos domicílios (Percentual)		
	Total	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher
<b>Total</b>	796.456	510.522	285.934	100,00	64,10	35,90
<b>10 a 14 anos</b>	271	171	100	0,03	0,02	0,01
<b>15 a 19 anos</b>	5.922	3.579	2.343	0,74	0,45	0,29
<b>20 a 24 anos</b>	42.316	29.896	12.420	5,31	3,75	1,56
<b>25 a 29 anos</b>	81.964	60.235	21.729	10,29	7,56	2,73
<b>30 a 34 anos</b>	106.434	75.992	30.442	13,36	9,54	3,82
<b>35 a 39 anos</b>	113.554	77.046	36.508	14,26	9,67	4,58
<b>40 a 44 anos</b>	109.806	71.292	38.514	13,79	8,95	4,84
<b>45 a 49 anos</b>	91.076	57.602	33.474	11,44	7,23	4,20
<b>50 a 54 anos</b>	72.391	44.369	28.022	9,09	5,57	3,52
<b>55 a 59 anos</b>	50.818	29.371	21.447	6,38	3,69	2,69
<b>60 a 64 anos</b>	41.946	22.829	19.117	5,27	2,87	2,40
<b>65 a 69 anos</b>	31.293	15.770	15.523	3,93	1,98	1,95
<b>70 anos ou mais</b>	48.665	22.370	26.295	6,11	2,81	3,30

Obs: Domicílios particulares permanentes  
 Fonte: IBGE, Resultados do Universo do Censo Demográfico 2000.

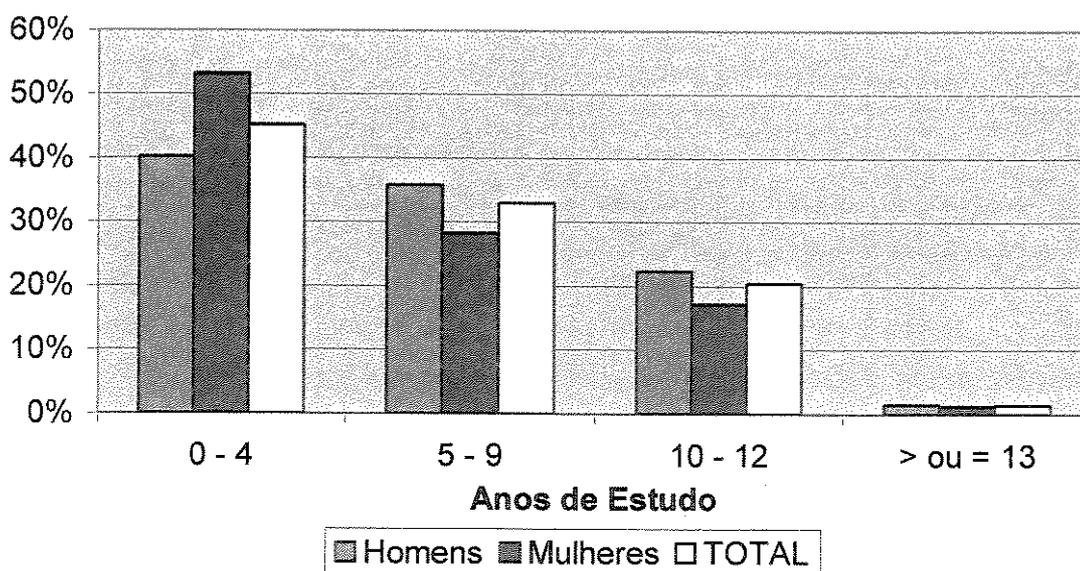
Nas tabelas e gráficos a seguir apresento os principais dados coletados sobre chefias no Nordeste de Amaralina no ano 2000. Quanto aos anos de estudos dos responsáveis de domicílios por sexo, na Tabela 8, encontrou-se o seguinte perfil, predominando, em números relativos, a chefia feminina entre as pessoas com menos anos de estudos:

<sup>30</sup> Pretendo relacionar futuramente os dados de chefia feminina por faixa etária com os estudos nacionais sobre geração. Ver Berquó (2000), Britto da Motta (1998) e Debert (1997, 1998).

**Tabela 8 - Anos de estudo dos responsáveis de domicílio por sexo no Nordeste de Amaralina.**

	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>	<b>TOTAL</b>
0 - 4 anos de estudo	3399 (40,20%)	2781 (53,24%)	6180 (45,21%)
5 - 9 anos de estudo	3031 (35,85%)	1476 (28,26%)	4507 (32,97%)
10 - 12 anos de estudo	1887 (22,32%)	899 (17,21%)	2786 (20,38%)
13 anos de estudo ou mais	128 (1,51%)	67 (1,28%)	195 (1,43%)
<b>TOTAL</b>	<b>8445 (100%)</b>	<b>5223 (100%)</b>	<b>13668 (100%)</b>

Fonte: IBGE, Resultados do Universo do Censo Demográfico 2000



**Figura 2 – Anos de estudo dos responsáveis pelos domicílios no Nordeste de Amaralina, segundo o sexo.**

Fonte: IBGE, Resultados do Universo do Censo Demográfico 2000

Na Tabela 9 e nos dois gráficos correspondentes (Figura 3), a proporção da população masculina e feminina de habitantes no bairro é mais próxima nas primeiras faixas etárias. Em etapas mais avançadas de idade esse diferencial vai se distanciando com predomínio da população feminina<sup>31</sup>. Fenômeno similar é o que acontece, em números relativos, com as chefias domiciliares, ainda que não é o que apontam os números absolutos, pois as chefias familiares entre 20 e 49 anos representam 68,8 % das chefias. Em números absolutos; entretanto, somente 35,9% das pessoas nessa faixa etária são chefes de domicílio. Entre o contingente mais maduro de pessoas, acima de 50 anos obteve-se uma chefia familiar em torno de 30% da população. Mas quando este dado é

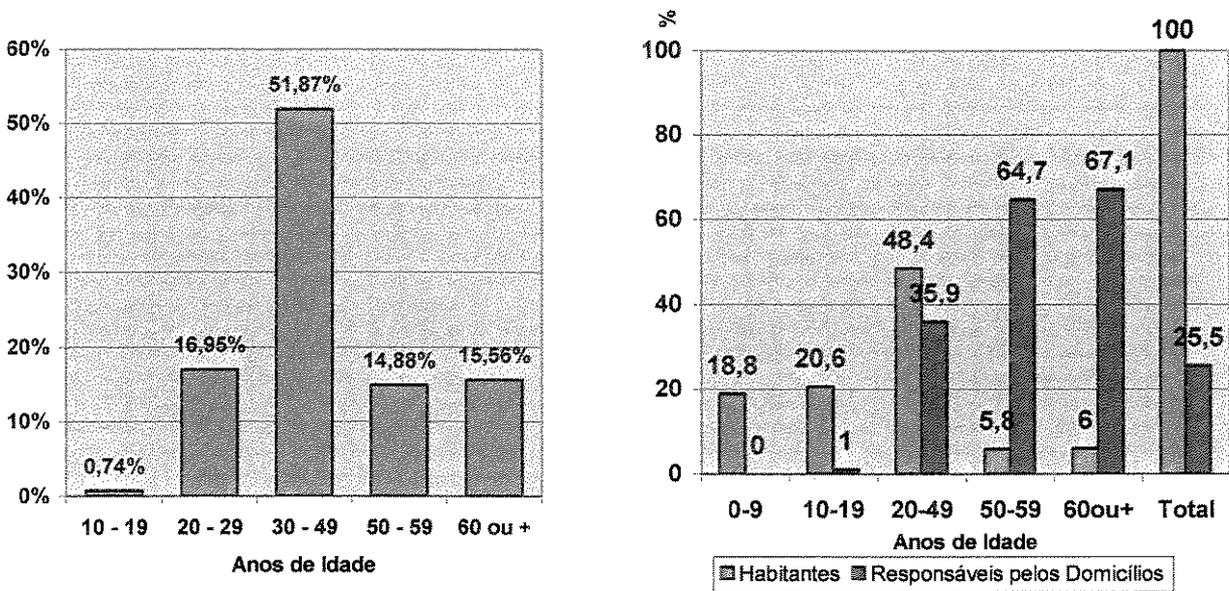
<sup>31</sup> Dados sobre a maior “solidão feminina” idosa e sobre chefias em idades avançadas no Brasil ver em Berquó (1986, 2000).

comparado ao interior das respectivas faixas etárias, tem-se que 65% ou mais das pessoas com essa idade são chefes de domicílios. Estes dados são reveladores do tipo de composição familiar e participação dos idosos neste contexto de estudo. Os dados indicam a grande proximidade das chefias com o avançar dos anos, sendo superada pela feminina entre os mais idosos. É possível que em contextos de pobreza como o Nordeste de Amaralina essa tendência se veja acentuada.

**Tabela 9 - População do Nordeste de Amaralina por sexo e faixa etária (absolutos e percentuais) e responsáveis pelos domicílios por faixa etária.**

Faixa etária	Habitantes				Responsáveis pelos domicílios		
	Homens		Mulheres		Total		% do Total de hab.
		% do Total		% do Total			
<b>0 – 9 anos</b>	5192	51,4%	4913	48,6%	<b>10105</b> (18,8%)	0 (0%)	<b>0%</b>
<b>10 – 19 anos</b>	5452	49,2%	5628	50,8%	<b>11080</b> (20,6%)	102 (0,7%)	<b>1,0%</b>
<b>20 – 49 anos</b>	12281	46,8%	13967	53,2%	<b>26248</b> (48,4%)	9420 (68,8%)	<b>35,9%</b>
<b>50 – 59 anos</b>	1402	44,6%	1745	55,4%	<b>3147</b> (5,8%)	2037 (14,9%)	<b>64,7%</b>
<b>60 ou mais</b>	1228	38,7%	1948	61,3%	<b>3176</b> (6,0%)	2130 (15,6%)	<b>67,1%</b>
Total Geral	25555	47,5%	28201	52,5%	<b>53756</b> (100%)	13689 (100%)	<b>25,5%</b>

Fonte: IBGE, Resultados do Universo do Censo Demográfico 2000



**Figura 3 – À esquerda, “Responsáveis pelos domicílios por faixa etária”; à direita, “Porcentagem de habitantes por faixa etária e da participação dos responsáveis por domicílios nos totais das faixas etárias”.**

Fonte: IBGE, Resultados do Universo do Censo Demográfico 2000.

Na Tabela 10 se resume a evolução das chefias familiares em Salvador, em percentuais, por faixa etária e sexo nos anos de 1987, 1996 e 2000. Nota-se o aumento da chefia feminina em todas as faixas etárias, e, de forma mais acentuada, em coortes mais maduras, quando a chefia de homens e mulheres praticamente se equipara. No Nordeste de Amaralina o percentual de chefia feminina é superior ao de Salvador, e supomos que esse diferencial possa se concentrar entre mulheres acima de 50 anos de idade, fase do curso vital familiar que costuma coincidir com os das famílias extensas. Com base nesses últimos percentuais da Tabela 10 para o ano 2000, o diferencial do Nordeste e dados analisados sobre chefias para a Bahia, projeto na Tabela 11 uma “estimativa” aproximada da distribuição dos dados do Nordeste por sexo e faixa etária.

**Tabela 10 – Chefia familiar por sexo e faixa etária, em 1987, 1996 e 2000, na Região Metropolitana de Salvador.**

Faixa Etária	1987		1996		2000	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10 – 19	0,39%	0,19%	0,41%	0,04%	0,67%	0,30%
20 – 49	54,73%	14,53%	51,78%	14,98%	46,7%	22,13%
50 – 59	11,39%	4,85%	9,66%	5,06%	9,26%	6,21%
60 ou +	7,20%	6,64%	9,44%	8,11%	7,66%	7,65%
Total	73,79%	26,21%	71,74%	28,26%	64,10%	35,90%

Fonte: Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF)/IBGE 1987 e 1996; Dados do Universo Censo Demográfico/IBGE 2000.

**Tabela 11 – Valores estimados para a distribuição da chefia familiar, por sexo e faixa etária, no Nordeste de Amaralina em 2000.**

Faixa Etária	Homens	Mulheres	Total
10 – 19	0,30%	0,40%	102 (0,7%)
20 – 49	44,56%	21,64%	9420 (68,8%)
50 – 59	7,90%	7,50%	2037 (14,9%)
60 ou +	9,00%	8,70%	2130 (15,6%)
Total	61,76%	38,24%	13689 (100%)

A partir da análise apresentada sobre o fenômeno, cálculos sobre a amostra de Woortmann, e o que se logra inferir da nossa amostra de 1992, é possível que aproximadamente 25 domicílios (40%) dos 62 domicílios ou 51,6% denominados “extensos” na amostra do Nordeste de Amaralina em 1992, pudessem estar sendo chefiados por mulheres naquele momento. Acredito, entretanto, apoiada no conjunto geral de dados apresentados e especificamente aqueles por faixa etárias e sexo na Bahia, assim como por aqueles sobre a prevalência de chefias femininas em lares de tipo extenso com outros parentes e não parentes que aponta Parry Scott (2002), que é bem possível que esse percentual estimado das chefias femininas supere o das masculinas nas idades mais avançadas e em arranjos de tipo “extenso”.

## REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS

Partindo de todos esses dados me pergunto, portanto, como poderíamos descrever ou entender o modelo familiar da pobreza no Brasil contemporâneo? Se é que se pode ainda falar de apenas um

ou de algum modelo hegemônico. Será possível continuarmos a pensar em um modelo resultante de matrizes e combinações de outros modelos passados? Será profícuo pensar o modelo de família extensa e popular descrita como um tipo de sobrevivência arcaica de modelos patriarcais tradicionais extensos? Como um reflexo diluído, alterado e adaptado à pobreza de um modelo “nuclear” ocidental e hegemônico do mundo ocidental presente? Será que os dados aqui apresentados não apontam para algo distinto? Um tipo de contra (ou sub)-cultura, com uma lógica interna própria e alternativa aos modelos por nós conhecidos ou divulgados como hegemônicos no passado e no presente? Um modo distinto e alternativo de estar no mundo fruto de combinações estruturais e culturais diversas que apontam para a diversidade de modelos familiares ao interior mesmo de grupos populares?

A pergunta inicial desenvolvida aumenta o nível de complexidade da análise quando a estas questões se introduz uma nova: aquela das tensões não resolvidas entre os distintos níveis de análise dos relatos nas distintas pesquisas nacionais: isto é, se meramente uma análise de representações, ou se também uma de práticas sociais. Como explicar e entender, por exemplo, as diversas experiências, trajetórias e formas de arranjos familiares entre grupos pobres do Brasil em distintas regiões e realidades nacionais como, por exemplo, as aqui apresentadas?

Tem sido aceita a tese de que a entrada do mundo ocidental na modernidade teria sido marcada por uma crescente consolidação do individualismo sob o império de valores como o da liberdade e igualdade, e que esta ideologia estaria atrelada a uma determinada teoria da pessoa. Por outro lado se reconhece que a difusão deste processo, assim como a noção de pessoa se contrapondo à de indivíduo, decorrente deste movimento, tenha tido manifestações diversas e específicas em contextos sociais e momentos históricos determinados, mediante sua imbricação com processos e modelos preexistentes em diferentes contextos (DAMATTA, 1978, 1987a; DUARTE, 1986.). Nesta direção, procurando mostrar como se consolida e particulariza a sociedade brasileira no movimento ocidental geral, DaMatta (1978) afirma que é no âmbito da “relacionalidade” que se podem sintetizar as contradições de uma prática duplamente orientada que combinaria, de uma forma específica e concomitante, elementos de um individualismo e igualitarismo da vertente liberal com os de uma matriz fortemente hierarquizada e tutelar, indicando a faceta profundamente hierárquica e complementar da sociedade brasileira.

Nesta direção caminham muitos dos trabalhos produzidos na antropologia e na história brasileiras, destacando aspectos simbólicos e morais da família brasileira, priorizando o estudo das representações e de modelos hegemônicos. Com distintas ênfases e matizes, eles balizam a existência de um tipo de identidade nacional própria (nacional ou de classes) que se distinguiria e seria “relativamente” autônoma dos modelos “estrangeiros importados”, fazendo uma boa e criativa adaptação daqueles à realidade autóctone. É extensa a literatura que descreve e argumenta a favor do surgimento de uma identidade própria nacional como o resultado desse processo particular de articulação entre a ordem capitalista industrial atual e um passado escravocrata e patriarcal da sociedade brasileira. Tal imbricação tem sido reiteradamente ressaltada como marca da formação histórica da sociedade brasileira desde Freyre, Buarque de Holanda, Antônio Cândido etc. aos escritores contemporâneos, resultando disto, para a atualidade, um tipo de modelo híbrido familiar entre o hierárquico extenso do passado e o nuclear democrático do presente.

Se nas classes médias da sociedade norte-americana a lógica dominante seria a de um processo de crescente individualização e conquista de autonomia nas relações interpessoais e familiares, em sociedades como a nossa, e em especial em grupos de classe trabalhadora, se destacariam elementos de uma leitura não individualista da cultura, isto é, uma ênfase em um tipo de identidade ou totalidade superior às das unidades individuais, caracterizados pelo prisma da teoria hierárquica de Louis Dumont (1992), e ordenada sobre valores relacionais diferenciadores resultantes de um sistema moral de reciprocidade - constituído pelas obrigações de dar, receber e retribuir – e de complementaridade (DAMATTA, 1978; DUARTE, 1984, 1986; SARTI, 1996a, 1996b). Associada a esta visão é forte a influência da matriz antropológica que defende uma certa hegemonia do “*modelo nuclear hierárquico*” entre pobres urbanos.

Outro tipo de estudos sobre família, preocupados com o campo das práticas, experiências, trajetórias e material mais factual do que moral sobre a família, tem-se concentrado em identificar e demonstrar variações empíricas de formas de organização familiar presente na realidade brasileira tanto no passado como no presente (ver CORRÊA, 1982, 1990a; FONSECA, 1995, 2000; MARCELIN, 1996; SAMARA, 1983, 1987; WOORTMANN, 1984, 1987, 1990). Estes

estudos levantam novas hipóteses de análise e questionam a “hegemonia” de certos “modelos” ao apresentar os inconvenientes de um olhar restritivo que terminaria por “excluir” uma série de variações familiares que estariam sendo “diluídas” desde uma perspectiva moral ou simbólica da matriz dominante. Nesta direção, recupero as palavras de Mariza Corrêa (1990a<sup>32</sup>):

Enquanto isso, o que podemos fazer para analisar a família é, primeiro, reconhecer que, seja no que se refere a seus integrantes (pais, mães, avós, cunhados, ou seja qual for o termo usado para designá-los), seja no que diz respeito a sua forma (‘nuclear’, ‘extensa’, ‘patriarcal’, ‘matriarcal’, etc), ela tem assumido feições as mais diversas e o fato de estarmos acostumados a um tipo de família – o mais popularizado pelos meios de comunicação de nossa sociedade – não significa que ele seja o único existente, ou que tenha sido o mesmo de sempre. E, em segundo lugar, distinguir claramente os níveis nos quais se faz essa análise: o nível estatístico, ou censitário, isto é, as regras de convívio que parecem reger o comportamento da maioria das pessoas, numa sociedade, é diferente do nível simbólico, da família imaginada como ideal, ainda que as pessoas não vivam de acordo com essa imagem onde se projetam suas crenças religiosas, suas tradições e suas utopias. Quando Gilberto Freyre fala da ‘família patriarcal brasileira’, está dando voz a um mito da classe dominante açucareira do nordeste e o fato de reconhecermos isso não deve nos impedir de reconhecer, seja sua importância enquanto mito organizador das expectativas de uma camada social, seja sua força de disseminação na sociedade mais ampla, nem de analisarmos a maneira como a maioria das pessoas efetivamente organizava o seu convívio, através da análise de outros dados. (p.3).

Em uma posição distinta à de Corrêa, mas complementar, apontando também dois níveis de análise distintos e fundamentais nos estudos de família, DaMatta (1987b) comenta:

Mas sem discutir as variadas e dramáticas significações associadas à ‘família’ como valor e categoria sociológica será certamente impossível entender alguns problemas importantes. Um deles (certamente um falso problema central em muitas análises clássicas e recentes da questão) relaciona-se a tal diversidade de tipos de família, no caso brasileiro. Existe uma intensa discussão entre os autores que aceitam a tese da família patriarcal, tal como a imaginam pela literatura de Gilberto Freyre, e aqueles que negam essa realidade, seja para acentuar a relação direta entre dominação e patriarcalismo familístico, seja para demonstrar que essa forma de família estava conspicuamente ausente nas camadas subordinadas e entre os escravos. **Em um certo sentido, muito preciso, todos têm razão. Há diversidade, mas há também o poder dos modelos dominantes que fornecem paradigmas sociais fundamentais para toda a população, que pode ou não atualizá-los de modo aberto e concreto.** (p. 126, grifo nosso).

A complexidade do problema em torno a esta temática torna imprescindível definir o que se entende por família e de que família se está falando quando se inicia qualquer estudo, assim como explicitar qual é o nível de análise utilizado. Ambos níveis de análise, o simbólico e o que chamo

---

<sup>32</sup> No texto “Para uma história social da Família” (1990); e em “Repensando a família patriarcal brasileira” (1982), Corrêa indica a representatividade de lares de “mulheres sozinhas com seus filhos” – chefes de família – na época colonial, que questionam o modelo patriarcal como o mais adequado para se abordar essa diversidade de formas empíricas familiares existentes no passado. Levanta-se a hipótese de que o modelo freyriano de um nordeste coronelista de “Casa Grande e Senzala” pudesse não ser o dominante em um sudeste cafeicultor. Novos estudos sobre os cafezais paulistas da época da colônia levantam certas questões ao modelo patriarcal freyriano defendido como o hegemônico para o resto do Brasil. Outro estudo que também abordam estas questões são o de Eni de Mesquita Samara (1983) e os de Robert Slenes (1999).

de “prático”<sup>33</sup>, são igualmente fundamentais para o estudo da realidade social. É necessário admitir, entretanto, que partem de distintas definições do que se entenda por família, respondem a distintas perguntas e formas metodológicas de abordar o problema, apresentando, em consequência, resultados também diferenciados. Essa diferenciação aponta para estudos de teor diferente sobre família. Imperdoável é confundí-los, ou em nome e primazia de um destes níveis, ofuscar e negar as reflexões que advém do outro. O desejável é fomentar o diálogo entre estas duas posturas ou, melhor ainda, se buscar combinar ambos níveis de análise, simbólico e prático – o que não é de todo fácil distinguir e devidamente analisar. Esta é a perspectiva com a qual esta tese se associa. Nesta direção se procurou sintetizar aspectos macro e micro da realidade social, elementos objetivos e subjetivos nas trajetórias e narrativas dos informantes, como aspectos interconectados e retro-alimentadores um do outro: os das representações dominantes – ou relatos públicos, de um lado – e as representações sobre práticas e experiências vividas – relatos privados – por outro lado; como dois níveis que se interceptam e parecem afetar-se mutuamente.

Desde estudos que privilegiam apenas o estudo das práticas de forma puramente empirista se tenderia a afirmar que “a família”, enquanto tal, não existiria, pois ela seria vista apenas como uma formulação conceitual falha, incapaz de incorporar em um modelo a diversidade de características adotadas em sociedades e épocas distintas. Desta perspectiva se tenderia a uma excessiva relativização de todas as formulações de ordem mais geral e conceitual, afastando-se delas e postulando que nenhum tipo de teoria sobre família seria possível. Do outro lado, o dos estudos que priorizam as representações e modelos ideais familiares no imaginário social, tende-se a cristalizar e reificar certos valores (por certo existentes e operantes na realidade social) que ofuscam e pareceriam desconhecer a convivência e operação de uma série de outros valores e práticas bem diversos que também interferem nas práticas das pessoas, desconhecendo-se o fato de que tampouco existe total adequação entre discursos e práticas.

Em direção similar à de Corrêa, Claudia Fonseca (1995, 2000), em textos que problematiza a organização familiar entre pobres do sul brasileiro, questiona a validade de um modelo explicativo para diferentes tipos de famílias do contexto por ela estudado no sul brasileiro. Fonseca identificou que devido aos momentos de rupturas familiares, os pais dividem a

---

<sup>33</sup> Vários autores tem abordado a tensão entre representações e práticas nos estudos de família; ao respeito ver Corrêa (1990), DaMatta (1987b), Duarte (1984,1986), Salem (1989), entre outros.

responsabilidade e cuidado das crianças com uma grande rede de sociabilidade na qual a família está inserida. A partir da prática observada da “*circulação de crianças*” entre sua rede de parentesco e vizinhança, a responsabilidade sobre essas crianças, torna-se coletiva. Esta é uma prática bastante difundida entre famílias pobres (e não apenas pobres), e uma que é muito comum no contexto de estudo analisado do Nordeste de Amaralina, onde as crianças permanecem sobre a guarda de um parente, preferencialmente alguém da rede de relações da mãe, e podem estar circulando por diferentes casas ao longo das suas vidas. A criança não é propriamente “dada em adoção”, e não é tida apenas como “filho” de quem o cria, sua filiação é considerada, em certa medida, “coletiva”, da rede à qual essa criança pertence.

Por tudo isto, volto a colocar a questão em outros termos: será factível, como defendem alguns autores, tratar esses arranjos como variações de um modelo padrão tido como o hegemônico ideologicamente falando? Ou será mais produtivo, para a nossa análise em particular, tratar cada tipo de modelo familiar como próprio e alternativo ao tido como hegemônico? Essas são, na realidade, duas formas de ver o mesmo fenômeno. Pela dificuldade de muitas famílias atingirem o modelo nuclear apresentado como o ideal ou esperado não me parece ser muito produtivo continuarmos a falar de um modelo de família entre grupos populares nos moldes do modelo nuclear do tipo *parsoniano*, com pai, mãe e filhos, cujas funções estão claramente pré-definidas entre estes membros; se, em realidades como a do Nordeste brasileiro, o que a realidade apresenta é uma diversidade de arranjos bem mais complexos de relações onde a presença e papel exercido por outro tipos de parentes introduz novos ingredientes e modifica as formas de interações intra-familiares. É isto o que se procura fundamentar nos próximos capítulos etnográficos para um dos modelos de nossa amostra. Por isso, partindo do estudo pormenorizado e etnográfico do modo de estar no mundo do modelo matriarcal estudado, considero a segunda aceção mais frutífera – e defendo a necessidade de outorgar-se legitimidade conceitual a esta forma alternativa e própria de ser de alguns tipos de famílias.

## CAPÍTULO II – MÃE-VÓ-BISA NA CASA DE MÃE DIALUNDA: CHEFIA FEMININA EM ARRANJO MATRIARCAL EXTENSO

*La cultura es un discurso, un lenguaje, y como tal no tiene principio ni fin y siempre está en transformación, ya que busca constantemente la manera de significar lo que no alcanza a significar. Es verdad que al ser comparado con otros discursos de importancia como el político, el económico, el social; el discurso cultural es el que más se resiste al cambio. Su deseo intrínseco, puede decirse, es uno de conservación, puesto que está ligado al deseo ancestral de los grupos humanos de diferenciarse lo más posible unos de otros. De ahí que podamos hablar de formas culturales más o menos regionales, nacionales, sub-continetales y aun continentales. Pero esto en modo alguno niega la heterogeneidad de tales formas. Un artefacto sincrético no es una síntesis, sino un signifiante hecho de diferencias. (La isla que se repite. ROJO, 1989, xxvi-xxvii, apud MARTÍNEZ-ECHAZÁBAL, 1998, p. 107).*

Neste capítulo e na seção “Casa de Mãe Dialunda” do capítulo IV<sup>1</sup> se descrevem os principais *habitus* familiares desta casa, apresentando ao leitor os principais personagens e respectivas histórias desta saga familiar<sup>2</sup>, identificando as posições que os mesmos ocuparam no passado e ao longo do tempo na cotidianidade da família, e nas suas relações com a matriarca, chefe da casa e da família. É através destas distintas trajetórias do grupo que se busca demonstrar como opera o *princípio de matrifocalidade* em arranjos matriarcais, que remete àquela força centrada na mulher e base de todo arranjo familiar matriarcal, isto é, à relação diádica mãe-filhos.

### APRESENTAÇÃO DO CENÁRIO

As relações deste grupo familiar estão centradas na figura da matriarca, Mãe Dialunda (Didi para alguns), uma mãe-de-santo e baiana de acarajé que vendia quitutes e delícias no largo de

---

<sup>1</sup> Sugiro a leitura dessa seção imediatamente após a conclusão deste capítulo, antes de passar ao do outro grupo familiar.

<sup>2</sup> O romance *Os Buddenbrook* de Thomas Mann (2000) me iluminou a pensar as duas famílias como *sagas*. O romance de Mann narra a ascensão e a decadência de uma família burguesa alemã através de quatro gerações e é uma metáfora exemplar das contradições e dilemas daquela classe, além de uma brilhante crônica em torno da vida e costumes dos seus personagens. Agradeço a Maria Filomena Gregori a sugestão de sua leitura, na banca de qualificação. Este livro e o *Morte em família* de Mariza Corrêa (1990b) ajudaram-me a flexibilizar a forma de organizar os dados desta tese.

Amaralina. Conhecido também como Abrigo de Amaralina, foi este um dos primeiros, e mais tradicionais, locais de vendas de acarajé da cidade de Salvador em passado recente. Na atualidade, o local tem perdido mercado e freguesia com o surgimento e a fama das baianas de Itapuã e do Rio Vermelho: Regina, Cira e Dinha com suas distintas filiais em outros pontos da cidade. Hoje o mercado é disputado por outros vendedores que não seguem tradições de candomblé, inclusive até por homens(!).

No tabuleiro de Mãe Dialunda, encontrava-se acarajé (com seus complementos: camarão seco, salada, vatapá, caruru, pimenta), abará, pescadinha para petisco (peixinho pequeno, seco, frito), bolinho de estudante, rapadura, cocada preta, cocada branca, pé de moleque, etc. O ambiente entre as baianas no largo era curioso de observar; falavam alto, diziam grosserias, estavam a registrar e comentar sobre todos que passavam na rua ou sobre suas formas de reagir frente aos clientes e os que entram em interação com elas. Esta é uma sociedade de amigas rivais, que compartilham o modo de ver o mundo, momentos de solidariedade e exercem jogos de poder e manipulação do espaço nas pequenas e cotidianas disputas: vivem a se xingar, mas nunca deixam de rir juntas. É interessante a expressão popular, muito ouvida nesta comunidade e na cidade de Salvador para referir-se a algum bate-papo ou briga escandalosa, com tapas e xingamentos: “fulano rodou a baiana”.

Mãe Dialunda e a maioria dos seus filhos, netos e bisnetos são de pele bem escura<sup>3</sup>. Os “diferentes” e mais discriminados ou marginalizados neste grupo com rígida estrutura de poder são as pessoas de cor mais clara (morenos em geral) e que não têm laços de sangue direto, i.e., pessoas estranhas, afins e o filho de criação. Como na família da parteira, também nesta família, a posição de filho de criação revelou-se de maior discriminação<sup>4</sup>, o que evidencia a premência do critério do “sangue” na definição última do parentesco.

---

<sup>3</sup> Ver fotos deste grupo, no Anexo E, e de Mãe Dialunda e Dalva trabalhando, no Anexo D.

<sup>4</sup> Os filhos “criados” costumam ter os mesmos direitos que os outros no seio familiar cotidiano, mas não os mesmos deveres; via de regra, são mais exigidos, é comum ouvir testemunhos tecidos de abusos, trabalhos domésticos intensivos e, freqüentemente, de maiores graus de violência (seja física ou simbólica). No nosso estudo, observou-se que os filhos de criação não entraram na partilha ou direito à herança da casa, como alguns dos filhos de sangue das “matriarcas”, em nenhuma das duas redes estudadas, sendo este bem interdito a esta posição estrutural do parentesco.

A essência do parentesco passa pelo sangue, mas também pelo princípio da *consideração*. O princípio da *consideração* parece ser um terceiro termo do sistema de parentesco – junto ao de consangüinidade e ao de afinidade – mediante o qual se acionam mecanismos de seleção, integração e exclusão, intermediando as relações de afinidade, amizade, vizinhança, apadrinhamento ou pertencimento a uma mesma *turma*<sup>5</sup>, transformando o parentesco fictício em efetivo ou operante. Ele dilui a eficácia do princípio do sangue e institui a modalidade da “escolha” através da qual o *parente* “em princípio” pode tornar-se um parente efetivo. Pela *consideração* se pode tornar um afim em parente próximo, isto é, um não parente passar a ser considerado como “parente fictício”, *como se fosse* consangüíneo, mas também é um princípio pelo qual se selecionam algumas pessoas da rede de parentesco que são mais significativas na interação dos indivíduos. Dessa forma, na condição de um “parentesco por *consideração*”, encontram-se todos os indivíduos que conformam uma determinada rede de cooperação mais próxima. As redes sociais agem dinamicamente em fluxos e refluxos de alianças e desavenças entre os envolvidos, com distintos jogo de interesses, tipos de escolhas (coletivas ou individuais) que vão configurando o perfil de cada saga familiar.

Quando comecei esta pesquisa de doutorado, em 1997, moravam na casa de Mãe Dialunda dois dos seus seis filhos – os dois caçulas – (o *considerado* filho de criação, Betinho, e “Ibijara”<sup>6</sup>, casado), a nora Dalva – mulher de Ibijara – e sete netos: os quatro pequenos de Ibijara e Dalva e outros três adolescentes que Dialunda criava desde pequenos (filhos de Antônio Alberto, o “Betão”). Mãe Dialunda também criou duas netas (filhas de Nancy), mas que já tinham deixado a casa em 1997, sendo que uma delas voltou várias vezes a ser acolhida novamente após esse ano (ver Figura 4 da árvore genealógica da família – genograma – com a identificação da posição

---

<sup>5</sup> Agier (1990) em pesquisas no bairro da Liberdade, em Salvador, sobre a influência dos valores familiares na produção do sentimento comunitário fala que “a turma” é uma forma importante de identificação para jovens no bairro. As “turmas” constituem uma rede densa de relações quase-familiares, nas quais valores como os da fidelidade, generosidade, solidariedade e honra organizam diversas atividades do grupo, funcionando estas turmas como redes dentro da rede. Nestes grupos de identidade a *consideração* pode ser mais operante que o princípio de sangue.

<sup>6</sup> A maioria dos nomes foram trocados e alguns até escolhidos pelos próprios informantes, que se divertiam surpresos com minha insistência em guardar certa confidencialidade no trabalho escrito final; eles manifestavam que preferiam portar os próprios nomes; mas o de “Ibijara”, por determinação de Mãe Dialunda, não fui autorizada a trocá-lo de forma alguma, pois ele foi escolhido por seu “caboclo” que apareceu a Dialunda várias vezes desde a gravidez deste filho até o dia em que o batizou com esse nome. Dialunda contou estar esse nome associado a idéia do índio mais bravo de todos: “o terrível que se esconde nos canaviais”. Conta também que o padre da igreja da Pituba não queria batizá-lo com esse nome, mas que o fez após Dialunda ameaçar procurar outra igreja para o batismo.

ocupada por cada membro). Contudo, é praticamente impossível definir um número fechado dos habitantes desta casa pela sua alta mobilidade. O número de pessoas oscilou constantemente durante toda a pesquisa e distintas fases do curso de vida deste grupo doméstico, variando ao longo dos meses e até numa mesma semana, por vezes, em função das rotinas diferenciadas e dos movimentos de reintegração ou afastamento de seus distintos membros (sejam eles parentes ou não), das visitas por temporadas longas de conhecidos ou filhos de santo etc.

No contexto estudado, são geralmente as mulheres com melhores condições econômicas no bairro que criam filhos de outras mulheres (consangüíneos ou não). Na nossa pesquisa sobre matriarcalidade a prática da circulação de crianças não somente está presente mas aparece como um dos seus elementos fundamentais na operação deste sistema cultural. Filhos, netos, bisnetos ou outros – afins ou meros conhecidos – vão e vêm, circulando contínua e intensamente pelo espaço físico da casa de Mãe Dialunda e o da configuração de casas a ela ligadas na cidade de Salvador e Itaparica – isto é, outras casas pertencentes a outros membros da rede familiar desta matriarca – seja buscando proteção e abrigo da generosa, mas também dura, Mãe Dialunda – que lhes dá teto e comida sem distinção – ou se afastando dela por brigas, conflitos ou outros motivos.

Mãe Dialunda sempre foi a principal fonte de renda da casa e ocupou, ao menos nas últimas décadas, a posição onipresente de pai, mãe e avó, quando todos ao redor eram seus dependentes. Essa relação de mando, dependência e proteção dos seus é a que dizia fazê-la feliz. Entretanto, nos últimos tempos, era comum ouvi-la reclamar dos netos e dos problemas da sua casa, talvez porque sentisse o peso da velhice, aumentando sua impaciência e cansaço com seu entorno. Esse sentimento derrotista era trazido por seus netos que afirmavam não conseguir ela levar as rédeas de sua casa como em outros tempos, apontando nova transição no ciclo vital desta saga familiar: a fase de perda do vigor e auge da força matriarcal de Mãe Dialunda fundada na sua autoridade, que parecia diluir-se à medida que ia se flexibilizando e perdendo sua característica rigidez anterior.

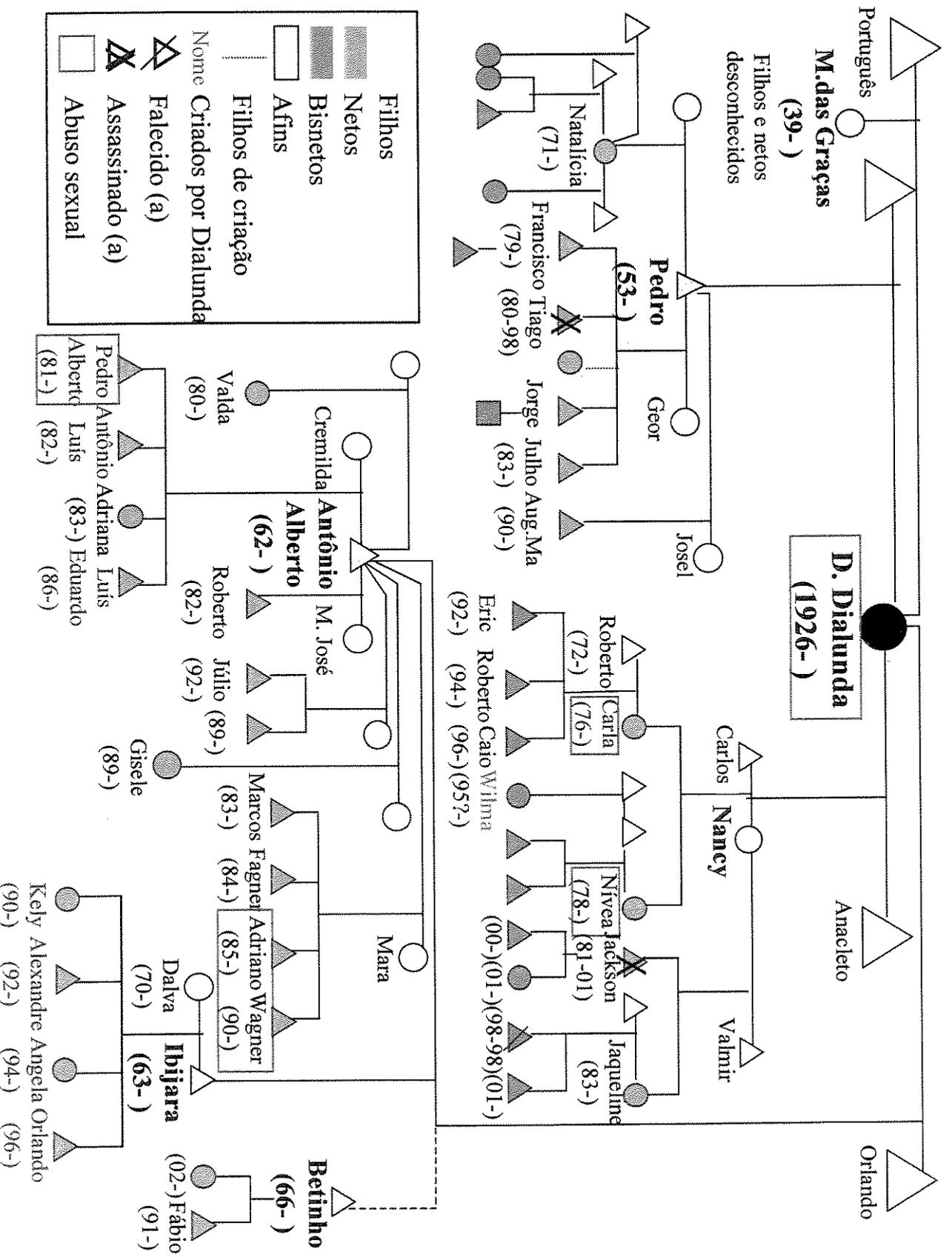


Figura 4 – Genograma da família de Mãe Dialunda

Vó tem personalidade muito forte. Sempre foi muito decidida. Agora acho que ela está diferente. Ficou lerdada. Ela resolvia 'as coisas' rápido. Quando queria uma coisa era aquilo mesmo. E agora ela deixa os outros bagunçar, às vezes ela quer que façam alguma coisa e não faz [fazem] e deixa por isso mesmo! Vó hoje não é mais quem ela era antes... **Vó era muito brava! Minha mãe tem marca no corpo. Ela era assim de pegar na rua, assim, na frente de quem tivesse, e bater de pau, do que fosse. Agora ela [es]tá diferente! Todo mundo [es]tá vendo... Vó [es]tá diferente! Não sei se [é] por causa da idade!** Que ela não é quem ela era, ela era assim... violenta mesmo!. (Carla, neta criada 26/7/99).

**[Meus filhos] não foram criados apanhando, não criei eles apanhando, mas se merecer, apanha. Fui eu o pai e mãe que eles tiveram. Quem criou eles fui eu, sem pai!** ('-Sem pai? E seu Orlando?') Ah, não! Quando ele procurou mulher... que pra botar na minha cara, eu disse: 'a porta da rua é a serventia da casa'. Os meninos era tudo pequeno! É! De 11 anos para baixo. **Dai em diante não tive mais ninguém! Pra não dar padrastró a meus filho que eu não queria que padrastró tocasse a mão nos meus filhos... Não queria que ninguém desse o que comer a meus filhos pra dizer depois: 'ah, teus filhos come nas minhas costas...'** Não dava! Nunca! Não, não. Não quis mais ninguém! Nem por fora! (D. Dialunda, 22/02/99).

Seu sucesso econômico como baiana de acarajé e mãe-de-santo é fruto do trabalho da coletividade, resultado de uma produção familiar conjunta que ela conseguia mobilizar. Observar a movimentação e produção doméstica dos quitutes era como observar o funcionamento de uma pequena indústria (ou comércio) domiciliar, onde quase todos os integrantes estavam ocupados e desenvolvendo atividades ligadas, direta ou indiretamente, à venda; seja aprontando os elementos necessários à preparação dos alimentos, à organização do lar ou à sobrevivência do grupo doméstico. Diferente de outros lares visitados, no de Dialunda até os homens colaboravam com atividades domésticas como o catar camarão, descascar coco, catar feijão, fazer compras, jogar fora o lixo, lavar panelas e pratos e até varrer a casa ou lavar suas próprias roupas. Muitos ajudavam diretamente na venda, carregando o tabuleiro e as caixas de quitutes, facilitando o troco dos clientes, etc. Em casa, Mãe Dialunda ordenava e todos acatavam seus desejos, mesmo a contragosto. A diferença entre esse e outros lares consiste em que no seu a renda familiar dependia desse tipo de trabalho coletivo. Dialunda estava sempre a coordenar, controlar, vigiar e agenciar as atividades alheias em cada uma das fases ou cuidando dos elementos necessários para o cozimento e o preparo dos seus quitutes e trabalhos solicitados por terceiros. O seu trabalho era auspiciado por pequenos serviços dos seus dependentes. O controle, a autoridade, e o domínio que a matriarca exercia se manifestava também sobre a vida mesma dos que moravam em sua casa, tornando as relações quotidianas bastante "disciplinadas" e carregadas de certos graus de tensão em diversos momentos. A liberdade individual era conquistada pelos distintos membros dessa família mediante afastamento – temporal – da sua casa.

O trabalho infantil é um recurso muito utilizado como estratégia de sobrevivência no contexto de estudo, mas ele tem um status e valoração moral bastante diferenciado daquele do “trabalhador” adulto, positivamente valorado na comunidade e desejável a partir dos 16 anos ou mais. Não é vergonhoso que uma criança pequena trabalhe, mas tampouco é desejável; e fazê-lo indica o menor status social do seu grupo de parentesco. No caso desta matriarca, como também no da outra família, o retardo da entrada no mercado de trabalho dos seus dependentes menores e o investimento na educação de todos (como estratégia de ascensão social), assim como o fato de ambas serem as proprietárias das suas casas, são indicativos das suas conquistas e da melhor condição econômica e de vida que estas famílias tinham em relação a outras menos favorecidas da vizinhança, condições que elas puderam propiciar aos seus com seu trabalho e esforço.

Nesse lar, as crianças são poupadas, inclusive, do trabalho doméstico. Já os adolescentes, apenas tiveram afrouxamento de tarefas quando houve condições de pagar ou ocupar a outras mulheres para fazerem o serviço da casa. À medida que os filhos e netos – de ambos os gêneros – vão crescendo eles são exigidos a assumir certas tarefas e uma participação mais engajada no processo da produção familiar. Entretanto, percebemos que os homens, quando vão se tornando adultos e começam a trabalhar em outro tipo de atividades fora da casa, passam a ser menos “exigidos” na dinâmica familiar. É nesta fase de transição da adolescência masculina para a vida adulta – transição talvez marcada em alguns pelo início da paternidade e do papel mais consolidado de “trabalhador” – que começa a aparecer a “resistência” às tarefas domésticas, produzindo certas “tensões” e necessidade de negociação para re-definição das posições ocupadas por esses membros no interior do lar, dos seus direitos, deveres e novas responsabilidades. Curiosa observação, neste grupo bem mais do que no da parteira, é que o dinheiro obtido pelo trabalho desses homens tem, via de regra, um destino de “uso mais individual” e não de complemento da renda familiar. Em alguns casos, sequer chegam a colaborar com a compra do leite, roupas ou gastos mínimos dos próprios filhos, deixando esse encargo para a avó – matriarca – da casa. Na maioria das vezes, é a própria Mãe Dialunda, com seus contatos, que consegue esses trabalhos para filhos ou netos. Entretanto, na maior parte do tempo, observamos que os homens da casa estão “desempregados”, vivendo às custas da mãe/ avó e/ ou “vagueando” pela rua. Eles se acostumaram ao papel dependente, o que, em certa medida parece ser consequência

da própria forma de criação e do “excesso de proteção” com que Mãe Dialunda afaga seus “protegidos”.

Ela [Mãe Dialunda] é responsável [pelos filhos de Ibijara], que desde quando Ibijara pode tar trabalhando, Dalva de dentro de casa, Ibijara não dá nada, não sustenta... então, pode se dizer que **ela é a mãe, o pai e a avó dos meninos. Porque é que ela sustenta tudo? Ela é a responsável! Porque remédio é com ela, roupa é com ela, comida é com ela, tudo! Colégio é com ela. Tudo é com ela.** É responsabilidade pra ela também! Apesar dela não... não era para ela estar com essa responsabilidade porque, não tem precisão para isso, né? Mas o que se pode fazer? (Betinho, filho de criação 30/01/00).

**Porque ele, Ibijara, que tem mulher e filhos, é homem preguiçoso e sabe que Vó não vai deixar seus filhos passar fome.** Teve um trabalho de quatro anos e nunca deu um tostão na casa de Vó. Ninguém sabe que ele tem ou não [dinheiro]. Conta de banco parece que tem. Não compra nada, nem roupa, nem nada. (Carla, neta criada 26/01/99).

Muitas são as características “estruturadas e estruturantes” (no sentido de *habitus*<sup>1</sup>) dessa casa, e se destacava especialmente aquela da presença e da convivência nada agradável de casos ou intentos de abuso sexual na trajetória de vários dos seus membros, principalmente na infância ou adolescência. O trauma sexual vivenciado inicialmente pela avó e matriarca do grupo, Mãe Dialunda, pareceu-me que se reproduziu ao longo das gerações dos seus filhos e netos de formas distintas. Eles pareciam repetir um modelo de comportamento que parecia ser uma das marcas registradas deste grupo familiar. Os indivíduos dessa família envolvidos nessa situação pareciam-me operar como peças de um jogo pré-definido, porém em constante atualização, em um aparentemente interminável círculo vicioso de relações sexuais não escolhidas a priori, das quais era complicado escapar; como se lhes fossem impostas pelo destino ou “carma” dessa saga familiar numa circularidade similar a que relatam as histórias de García Marquez em “Cem anos de Solidão” (1967). Eram práticas e relações sexuais que se repetiam configurando um modelo que parecia ser incorporado na vida desses atores, e em alguns casos até aceito, integrado e resignificado no complexo campo do desejo sexual. Mãe Dialunda declarou ter sofrido abuso

---

<sup>1</sup> Para Bourdieu:

O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que re-traduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto de escolhas de pessoas, de bens, de práticas. [...] Assim como as posições das quais é produto, os *habitus* são diferenciados; mas são também diferenciadores. Distintos, distinguidos, eles são também operadores de distinções: põem em prática princípios de diferenciação diferentes ou utilizam diferencialmente os princípios de diferenciação comuns. O *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas – o que o operário come, e, sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem as diferenças entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar etc. (1997, p 21-22).

sexual com 13 anos pelo filho do patrão onde trabalhava e com quem teve sua primogênita. Suas filhas, netas e o neto Pedro têm relatos de experiências similares de estupro ou intentos de abuso sexual na família. No caso deste neto, foi essa uma experiência marcante da sua orientação e desejo sexual posterior. A filha primogênita de Dialunda dedicou-se à prostituição, iniciando sua vida sexual também aos 13 anos, quando deu a Dialunda, então com 26 anos, sua primeira neta.

Outro elemento característico e atrelado ao anterior é a presença de um elevado grau de agressividade e violência nas relações do grupo familiar. Aqui a violência, como no resto do bairro, é tida como algo natural e elemento cotidiano na vida das pessoas<sup>2</sup>, a qual vai sendo exercida e reproduzida pelos mais fortes e também pelos mais fracos, atingindo até objetos, móveis, roupas e brinquedos da casa, onde poucas coisas conseguiam perdurar sem serem destruídas ou desaparecerem em lapsos curtos de tempo. Os casos de extrema violência vividos nesta família foram os dos assassinatos de dois netos de Mãe Dialunda envolvidos no tráfico de drogas, situações de desgaste e tensão familiar que em diversos momentos significou verdadeira ameaça à segurança de outros membros da parentela e da própria Mãe Dialunda.

A força e o determinismo das mulheres por um lado, e a instabilidade conjugal ou procriação (de filhos) de distintos parceiros e parceiras, por outro, são características marcantes na história dos membros desta estirpe e do modelo matriarcal estudado (homens mulherengos, mulheres autônomas e independentes que, como a mãe e a avô Mãe Dialunda, não quiseram se submeter a um único homem – ou mulher, no caso masculino – ao longo de suas vidas).

---

<sup>2</sup> O uso da violência nesse contexto (e quando para a educação dos filhos) é claro exemplos do tipo de mecanismo pelo qual o grupo modela seus indivíduos à sua imagem, o que mereceria todo um estudo específico nesta direção. Isto pareceria apontar para o território citado por Lévi-Strauss (1988) e Mauss (1974) no campo etnológico das técnicas corporais na busca de inventariar e descrever todos os usos que os homens, e neste caso em grupos populares, fazem dos seus corpos. Apesar de pouco se conhecer sobre a diversidade de possibilidades do estudo deste instrumento universal, que é o corpo humano com a disposição particular de cada um, sob a forma de experiências vividas, diz Lévi-Strauss, ele permite tornar cada homem sensível à solidariedade que o une a toda a humanidade, e acrescenta: “O esforço *irrealizável*, a dor *intolerável*, o prazer *inolvidável* são menos função de particularidades individuais do que de critérios sancionados pela aprovação ou desaprovação coletivas”. (LÉVI-STRAUSS, 1988, p. 12).

## ATOS E PRINCIPAIS PERSONAGENS DESTA SAGA FAMILIAR

### PRIMEIRO ATO

#### *Vida de Mãe Dialunda no passado*

Mãe Dialunda, mulher negra, forte e poderosa, é melhor representante da figura da matriarca do que D. Cida parteira. De forma mais definida e clara, sua existência esteve atrelada ao exercício do seu poder e vontade, nunca se submetendo, aparentemente, a homem ou pessoa alguma, definindo ela própria as rotas do seu destino desde menina-moça.

Desde que iniciou sua vida religiosa no candomblé e lhe foi designado o abandono da profissão como empregada doméstica para dedicar-se à venda de acarajé e trabalhos de santo, sua vida econômica e prestígio na comunidade melhoraram muito. Nunca dependeu de ninguém, mas talvez só nessa fase da vida sua força e autonomia econômica tenham se evidenciado mais. O principal instrumento para exercício de poder sobre os outros consistia na sua forma de manipular e se relacionar com o dinheiro, atraindo sempre seus dependentes junto a si, concedendo-lhes vontades e afagando-os quando seguiam seus mandatos, e restringindo ou impossibilitando o acesso a bens àqueles que *considerava* menos ou que se opunham a ela em alguns momentos da vida. O direito à comida e à moradia na sua casa era outra das forma de controlar e exercer esse poder. Como dona e chefe da casa, decide quem pode ou não ser acolhido no seu teto. Ela tinha uma idéia clara do que esperava e desejava para seus descendentes e de quais eram os caminhos a adotar para isso, motivo pelo qual procurou proteger seus filhos e netos, quando mais jovens, da necessidade de trabalharem para se sustentar, tentando incentivar o amor pelo estudo e, posteriormente, pelo trabalho – o que nem sempre conseguiu.

Pelo seu temperamento, forte e autoritário, a convivência no lar pareceu-me ter sido bastante complicada para seus descendentes, que aprenderam a amá-la e *respeitá-la*<sup>3</sup>, mas que, para isso, sempre precisaram reprimir seus próprios desejos e individualidades para se adaptar ao modelo da matriarca. Ao que parece, a maioria dos processos de independência de cada um dos seus filhos e netos foi conflituosa e difícil, pois Mãe Dialunda não gostava de ver suas “crias” crescerem longe dela, nem tomarem caminhos próprios distintos dos que ela projetava. Entretanto, passados os momentos de atrito e afastamento mútuo, uma vez consolidado o processo de independência de alguns de seus descendentes, as relações de afeto puderam ser reatualizadas e re-estabelecidas em novos termos pela própria Mãe Dialunda, que parecia estar sempre a testar e colocar à prova os seus *considerados* nesses complicados e tensos “ritos de iniciação” à vida adulta. Ela se orgulhava muito e passou a *considerar* mais alguns dos que encontraram finalmente seu próprio caminho, como foi o caso da neta Carla depois do seu casamento.

Um modelo relacional predominante no seu lar até o presente é o que esta senhora estabeleceu com outras mulheres externas ou sem laços de sangue (as “outras” ou “excluídas”). Como ela sempre trabalhou fora da casa, precisou ser substituída por outras mulheres nos afazeres domésticos e cuidado dos filhos. Na casa de Mãe Dialunda, sempre existiram essas outras mulheres – sem laços de sangue – as quais ajudavam Dialunda no cuidado da casa e da venda (fossem elas empregadas, noras ou mocinhas que se integraram em conjunturas específicas como filhas de santo ou alguma protegida). Mesmo com a presença dessas mulheres, sobre quem parece recair a maior quantidade de trabalho, todas as pessoas da família, independentemente do sexo, tiveram igualmente que participar dos afazeres domésticos. Essa inserção por estrutura de parentesco, idade e sexo, assim como o grau de exigências na execução das tarefas de cada um deve ter variado ao longo dos anos a depender da quantidade de trabalho e recursos humanos em cada momento.

Com filhos adultos, a presença de noras na casa de Mãe Dialunda passou a ser constante no curso desta saga familiar, assim como o subsequente afastamento ou “descarte” dessas mulheres

---

<sup>3</sup> O respeito é o contraponto da consideração. Consideração é o que tem o superior ou mais velhos com inferiores ou mais novos; respeito é dos mais novos para com os mais velhos denotando cada categoria posições diferenciadas na estrutura social.

quando se tornaram problemáticas para a conservação do sistema (ou quando seus filhos se separam delas e assumem novas parceiras). Mãe Dialunda usou serviços domésticos pagos, possivelmente quando seus filhos eram ainda pequenos para ajudá-la. O cuidado e o zelo com os filhos e netos foram uma das suas principais preocupações na vida, para o que sempre contou com o apoio de outras mulheres.

A relação de Mãe Dialunda com suas noras parece responder a um modelo estabelecido que combina aspectos de exploração econômica do seu trabalho, associado a certa ambigüidade emocional, a qual varia em função do temperamento, da personalidade e da relação impressa por cada uma das pessoas implicadas. Essas mulheres sempre foram, no presente e no passado, a principal força de trabalho na casa e, portanto, pessoas centrais neste grupo, suas principais aliadas. A posição estrutural das “noras” na *casa* (família) de Mãe Dialunda, como mulheres adultas e trabalhadoras, por um lado, como “estranhas” (sem vínculo de sangue), por outro, faz da sua posição no interior do grupo um espaço de ambigüidade e fragilidade, produtor de tensões e constantes re-negociações. Era esse um tipo de relação que oscilava entre movimentos de aproximação e distanciamento simultaneamente, de *consideração*, *respeito* e igualmente, de discriminação, por mais paradoxal que isto possa parecer. Essas mulheres são tratadas e identificadas, em certos momentos, e frente a certos conflitos, como verdadeiras “estranhas”, como alguém que não pertence totalmente ao grupo dos que estão “dentro” da família, e por vezes como verdadeiras inimigas (ou *outsiders* nos termos de Elias e Scotson, 2000<sup>4</sup>).

O acesso ao teto e à comida não deve ser visto, neste caso, como um privilégio, visto que nesse lar todas as pessoas que Mãe Dialunda costuma abrigar (sempre abrigou desconhecidos de ambos os sexos por diferentes motivos) têm o direito a alimento, roupa e moradia de forma indistinta. As noras, entretanto, como mães de seus netos, têm por isso, em relação a esses outros “estranhos”,

---

<sup>4</sup> *Establishment* e *Established* (Estabelecidos) são palavras que designam grupos e indivíduos em posições de prestígio e poder: “a minoria dos melhores”. Um *establishment* se autopercebe e é reconhecido como uma identidade social, cujo poder se funda no fato de ser um modelo moral para os outros pela combinação singular que faz da tradição, autoridade e influência. Os que estão fora dessa sociedade ou identidade são os *Outsiders* (os Excluídos), um conjunto difuso de pessoas (não propriamente um “grupo social”) unidas por laços menos intensos do que aqueles que formam o *Established*. Segundo Elias e Scotson (2000), a relação “Estabelecidos–Excluídos”, baseada em relações de diferença e desigualdade social, é uma propriedade geral de toda relação de poder, que as explica e ilumina em todos os seus níveis: familiar, local, cultural, nacional, mundial ou intercontinental. Um termo complementa o outro, nega o outro por defini-lo como seu oposto, mas, e ao mesmo tempo, o une, indissociavelmente a esse outro pelo laço tenso e desigual de *interdependência* que os constitui e define mutuamente.

um certo reconhecimento, direitos, privilégios e *consideração* diferenciada, mas, ao lado dos próprios filhos e netos que carregam o mesmo sangue de Mãe Dialunda, ocupam visivelmente uma posição desprivilegiada. A posição de cada membro no lar é hierarquicamente definida nesse *campo* de família matriarcal e varia em função de muitos fatores pessoais como certas preferências da matriarca e fatores como idade, sexo, personalidade e trajetória de cada um, posição que obviamente varia a depender das relações e situações específicas de cada momento do curso de vida do grupo familiar. Aproprio-me aqui da noção de *Campo* – e campo de poder – de Pierre Bourdieu (1997), que concebe o espaço social como campo de forças cuja necessidade se impõe aos agentes nele envolvidos, um campo de lutas, de enfrentamento, onde cada agente usa meios e fins diferenciados conforme a posição de cada um na estrutura desse campo de forças, seja no sentido de conservar ou transformar essa estrutura. A relação entre as “posições” e as “tomadas de posições” dos distintos atores variam, onde cada agente constrói seu próprio projeto de vida em função de sua percepção das possibilidades disponíveis oferecidas pelas categorias de percepção e apreciação inscritas no seu *habitus*, por sua trajetória e também, dirá Bourdieu, em função da propensão a acolher ou recusar, tal ou qual desses possíveis interesses associados a sua posição no jogo de que se participa.

Devido ao forte temperamento e autoritarismo de Mãe Dialunda, qualquer relação no seu lar, mesmo com os seus filhos ou netos protegidos e preferidos, tornava qualquer convivência difícil e cheia de atritos. No caso específico destas mulheres, as noras, devido a sua forma ríspida e discriminatória de tratamento, o fardo pareceu, ao meu olhar, ser bem maior. Este era claramente o caso da nora que morava na sua casa desde 1989. A experiência de Dalva foi diferente da de noras anteriores, pela nova fase em que se encontra o grupo familiar e pelas especificidades dos relacionamentos neste caso em particular. Foi essa tensão constante da relação de Mãe Dialunda com “outras mulheres” *outsiders* o eixo central escolhido para revelar a identidade deste grupo na descrição dos distintos momentos dos “atos” adiante.

A pessoa que mais trabalhava nessa casa, desde que acordava até se deitar, sem muito descanso, folga, ou condição de criar algum projeto próprio de vida, era visivelmente a nora de Mãe Dialunda, Dalva, mulher amargurada, carregada de frustrações e ressentimentos quando a conhecemos. Ela é de cor morena mais clara que a da grande maioria dos parentes de Mãe

Dialunda, alta, graúda e extremamente gorda (devia ter antes do ano 2000 entre 130 a 150 kg). A sua aparência geral era bastante descuidada tendendo para o desleixo na forma de se vestir, pentear e se situar no mundo; parecia ter perdido o interesse pela vida e toda a vaidade feminina, ao menos nos domínios privados da casa, onde passava a maior parte do seu tempo. As filhas de D. Cida, da outra família estudada, afirmavam lembrar-se de uma outra Dalva, bem cuidada, bela e mais magra quando era solteira, julgando ser ela uma pessoa fracassada e “caída no desprezo” (termo da etimologia popular utilizado para referir-se a certos tipos de depressão crônica) devido aos sinais que emitiam a falta de cuidado com seu corpo e as suas distintas reações comportamentais bem conhecidas pelos fuxicos e fofocas no bairro e que ela contava sem receio.

O vínculo de Dalva com Mãe Dialunda durante algum tempo evidenciava uma dura relação de opressão e exploração econômica de Mãe Dialunda a sua nora – a qual não paga em dinheiro seus serviços, mas que, em contrapartida, a vestia e alimentava, a ela e a seus quatro pequenos filhos. A relação de dependência não era unilateral; era mútua, criando do lado de Mãe Dialunda uma contra-dependência igualmente nefasta, ficando ambas as mulheres ligadas quase que umbilicalmente por meio de laços de ordens distintas: necessidades mútuas satisfeitas por esse vínculo, por um lado e impulsos mutuamente destrutivos, como parte da guerra de interesses e do círculo vicioso de relações em que estão inseridas, por outro. Esta situação produzia, de ambos os lados, uma complexa e ambígua mistura de sentimentos: por um lado, de agradecimento e identificação profunda, mas por outro, de rancor, desconfiança, ressentimento, impotência e esgotamento emocional – a interdependência mútua assinalada por Elias e Scotson (2000) que define o estabelecido em relação ao excluído no sistema de poder em questão.

Essa relação entre sogra e nora é o modelo que se repetiu ao longo dos anos nessa casa. As mulheres de seus outros dois filhos mais velhos também passaram um tempo vivendo na casa de Mãe Dialunda e, pelo que se conta, a relação não parece ter sido muito diferente da que observei dar-se com Dalva. Mãe Dialunda protegia e dava teto a seus grupos familiares e, em contrapartida, exigia uma dependência e total obediência dessas mulheres, em regime de trabalho semi-escravo. Pelo temperamento de Mãe Dialunda e a forma autoritária e discriminante de tratar os que estão sob seu jugo, as relações eram hierarquicamente definidas, polarizadas, com alto grau de conflito. A maioria das suas noras terminou cortando relações com Mãe Dialunda. Por

sua vez, Dialunda apenas manteve relações de “relativo distanciamento”, *consideração* ou *respeito* mútuo com algumas das noras atualmente unidas a seus filhos – filhos homens pelos quais afirmava derreter-se de amor e orgulho – indicando que quando um dos “afins” rompia o vínculo com um de seus filhos ou consangüíneos, esse “outro” não só deixava de ser *considerado* parte da família de Mãe Dialunda como passava a ser tratado em geral, na sua visão simbolicamente conformada pelos princípios e imagens do candomblé, como um tipo de traidor ou inimigo mortal. A maioria das noras que se separaram de seus filhos, mesmo vinculadas ao grupo pelo fato de serem as mães de sangue de netos que Mãe Dialunda criava, tornaram-se grandes inimigas suas, com as quais a matriarca desenvolveu relação de marcada hostilidade.

#### PRIMEIRA PERSONAGEM CENTRAL:

***Mãe Dialunda (mãe-de-santo, baiana de acarajé,  
75 anos, três uniões, cinco filhos e um de criação)***

Mãe Dialunda era a chefe daquele extenso grupo familiar. Mulher de idade avançada, aproximadamente com 75 anos, raça negra e mãe-de-santo do candomblé, vivia dos seus trabalhos rituais e da venda de acarajé como “baiana” no largo – abrigo – de Amaralina. Mãe Dialunda nunca foi gorda, mas tampouco “tão magra – comentava com tristeza – como agora”; se caracteriza principalmente por seu temperamento forte e agressivo, com um tom de voz grave e autoritário que sobressaia no ambiente. Muitas vezes falava gritando ou se impondo pelo tom e altura da voz e usava muito o modo verbal imperativo; usava frases curtas e as pronunciava de modo cortante. Nas entrevistas, com muitas pausas, falava parecendo estar apresentando verdades inquestionáveis e profundas, mesmo se tratando de assuntos cotidianos; dando a impressão de que estava a nos trazer conhecimentos que iam, naquele momento, sendo ditados por alguma voz que somente ela ouvisse quando fechava os olhos e ouvia seu coração. Era sua forma de pensar e se concentrar!

Entre dez palavras proferidas pela sua boca, invariavelmente dois ou três eram palavrões (insultos) dirigidos a terceiros. Nos primeiros contatos, custava-me entender seus jeitos tão ásperos, rígidos e grossos usados para se referir aos seus ou interagir com eles e, ao mesmo tempo, muito controlados e cuidadosos para falar comigo. Em um mesmo momento, ela era capaz de intercalar duas frases, uma suave para mim, com outra de tom áspero ou com algum “xingamento” a algum neto próximo que pegava um doce sem seu consentimento, que estivesse brigando com alguém ou “aprontando” alguma “traquinagem” na rua (acusado por alguma queixa de vizinho). A agressão também era assiduamente direcionada para sua nora se esta lhe “filara” algum cigarro – ambas fumavam compulsivamente – ou se não lhe retornara o troco de alguma compra, acusando-a sem rodeios e em frente a mim, de ser uma “ladrona, esfomeada e morta de fome”. Ela estava acostumada a humilhar seus dependentes e exigia obediência cega a seus mandatos e vontades, sem discussão, fossem eles razoáveis ou não.

Parecia ser a única que decidia tudo na casa e era a sua opinião sempre consultada no lar de outros familiares, amigos e conhecidos. Em sua casa era ela quem determinava os castigos ou agrados para todos e designava como os netos deviam ser educados, até mesmo daqueles cujos pais habitam a casa e se ressentiam de falta de autoridade para exercer a própria paternidade/maternidade.

A criação deles [os filhos] são [sic] muito mau, minha filha. **Porque uma, eu não posso falar nada, eu não posso dizer nada, eu não posso escolher o que eles quer[em]. Eu não posso mandar nele[s]. Porque, porque cada dia que passa, aí a criação de D. Dialunda é totalmente diferente.** As crianças só faz o que quer. Ela só faz o que ela quer. Quanto mais ela [es]tá em casa, aí piora. Kely mesmo [a própria filha que tinha 10 anos] [es]tá de uma rebeldia danada. [Es]Tá crescendo, oi!... oi!... [es]tá uma mocinha! Então fazer uma coisa para mim é uma dificuldade, ela [Mãe Dialunda] tem que bater. Principalmente se na frente dela, ela não faz. Qualquer coisa que eu reclame com ela [Kely], ela chora, pra ver a avó dela me esculhambando, me xingando. Que ela me xinga mesmo. Me chama de tudo quanto é nome ruim, ela me xinga. Me esculhamba. Então não tenho liberdade... Nem Ibijara [o pai dos meninos] pode mandar neles. **Mãe Dialunda já bateu em Ibijara por causa deles.** Ele não pode falar. Ele vê uma coisa errada e ele tem que ficar na dele. Porque Alexandre [outro filho] é rebelde, e ele [o pai] não gosta das coisas que Alexandre faz. Ele quer falar. Mas Dona Dialunda gosta de cobrir o erro dos meninos. Com os neto[s] ela é liberal. Cheia de vontade! Por mim ela faz o que quer. Quando ela [es]tá retada, ela fala: ‘perepepé’... [reclamando com os netos], daqui a pouco ela [es]tá fazendo a mesma vontade. Faz o que pode e o que não pode!... Que isso, eu não posso dizer que não. Ela faz o que pode e o que não pode. De fazer a vontade dos neto. Ajuda todo mundo. Pensa em todo mundo, só não pensa nela. (Dalva, nora, 30/01/00).

Difícil foi saber ao certo a idade exata de Mãe Dialunda, que, ao longo dos últimos dez anos, continuou afirmando ter sempre ao redor de 64 ou 65 anos de idade. Essa confusão pode ser

resultado do seu orgulho e vaidade feminina de Oxum (ou como ela a denominou em certa ocasião: sua “Senhoridade” – tempo de feita – de Oxum<sup>5</sup>). Dizia ser filha de Oxum-Apará (seu orixá). Mas este problema de identificação da sua idade está associado, claramente no seu caso, às falhas da sua memória – resultava-lhe complicado recordar com precisão a idade exata e até mesmo o nome, por momentos, de filhos e netos com os quais convivia diariamente. Datas do seu passado ou o nome completo dos membros da sua extensa rede familiar nem sempre conseguiu lembrar com a mesma rapidez ou destreza de D. Cida, mais idosa do que ela.

Mãe Dialunda teve cinco filhos de quatro homens distintos e um filho de criação, mas jamais me contou, explicitamente sobre este filho de criação. Algumas vezes ela afirmava ter cinco filhos, outras, seis, indicando certa ambivalência para com este filho “criado”, que foi sempre tratado com maior discriminação e rigidez. Até o ano 2000 ela chegou a conhecer pelo menos 26 netos e 11 bisnetos, alguns dos quais ela mesma criou. Este número está mudando constantemente com o surgimento de novos bebês. De temas desagradáveis Mãe Dialunda evitava falar; colocava barreiras ou era supereconômica ao dar a informação solicitada, transformando qualquer pergunta nessa direção em um momento constrangedor pelas suas respostas cortantes e curtas. Boa parte da leitura etnográfica sobre vários aspectos da sua vida familiar foi produzida a retalhos, fruto de observação constante e estudo das suas reações, assim como pelo cruzamento e enfrentamento de depoimentos de distintos membros do seu grupo familiar.

Mãe Dialunda dizia ter boas lembranças da infância junto aos pais, os quais “souberam educá-la e amar”, afirmou: “porque a educação dos filhos é a casa dos pais”. Moravam no interior da Bahia, na cidade de Serrinha, e seu pai, “Seu Manoel Viera da Silva”, homem caboclo, filho de mulher índia, esteve empregado na Leste brasileira; sua mãe, “D. Maria Vieira Teles da Silva”, mulher

---

<sup>5</sup> O candomblé, ritual hierarquicamente organizado com linhas de autoridade e responsabilidade claramente reconhecidas, é estratificado em dois níveis: pelo princípio de antiguidade ou “senhoridade” como por eles denominado (tempo de experiência ritual na feitura do santo) e pela função designada para o indivíduo por seu Orixá. O candomblé, estruturalmente, é dividido em posições específicas por sexo, com certas funções designadas para as mulheres e outras, para os homens. Segundo Silverstein (1979), existem duas maneiras para afiliar-se a um terreiro: através da iniciação (filhas/os de santo) ou aceitação de vários títulos honorários e posições executivas dentro do templo. De forma geral, a primeira categoria é composta predominantemente por mulheres, com posições mais permanentes, e a segunda, por homens, com funções mais esporádicas, auxiliares e honoríficas. O candomblé se reproduz incorporando novos membros à família de santo em linha de parentesco ritual com vários graus de comprometimento, motivo pelo qual se considera a mãe-de-santo como a mãe de todo mundo. (Ver também Lima (1977; 1998).

negra como ela, trabalhava na roça, em “trapicho” de fumo e fazia crochê em casa. Pela família humilde, conta Mãe Dialunda, teve uma infância “nem boa, nem ruim”, porque tinha que trabalhar desde pequena na roça e na casa dos outros ajudando a mãe e a sua família com seu ganho.

[A relação com seus pais] Também era muito boa, porque nós não temos a liberdade, a mau criação. Porque antigamente não se podia responder a pai e mãe. Se fazia o que se podia. [...] Criança **sempre gosta de ter essa liberdade, de criança, e eu nunca tive, nunca tive. Trabalhando brincava, mas também trabalhava. Tinha que trabalhar para comer, vestir e calçar.** [...] Meus pais eram humildes. Nós... dentro de casa... nós tudo trabalhava. Pra se manter e ajudar eles. Por isso nós tínhamos uma relação muito boa. Graças a Deus. (Mãe Dialunda, 10/01/96).

Os pais de Dona Dialunda só puderam criar quatro dos 13 filhos que tiveram. Ela foi a caçula. E um desses quatro que eles criaram. Pela diferença de idade dela com os outros três (duas irmãs e um irmão), não chegou a conviver muito com eles durante a infância na casa de sua família de origem, pois seus irmãos já tinham formado seus próprios núcleos familiares nas redondezas ou viajado a trabalho. Mas voltaram a compartilhar moradia e experiências conjuntas em outras fases de suas vidas adultas, chegando a co-habitar o mesmo espaço residencial e a visitar-se com frequência. Os irmãos restantes, muitos que ela nem conheceu, foram dados para criação ou começaram cedo a trabalhar, perdendo ela todo contato com estes outros depois da infância.

Eu, pequena, só não gostava de apanhar do meu pai. Agora, eu fui uma criança muito travessa, eu não era... queta E apanhei muito da minha mãe, **porque ela tinha que me ‘exemplar’**. Porque eu era terrível! Eu batia muito nos outro. Fazia o que não devia... E **eu tinha que apanhar**. Mas minha mãe foi uma boa mãe. Meu pai também! E fui uma menina... que meus pais gostavam de mim. Era a caçula. Só tinha eu na casa de criança. As outra tava tudo mulher. Já tinha ido embora, cada qual na sua casinha. Eu era sozinha, mas era terrível!! (Mãe Dialunda, 22/02/99).

Na infância, ela morou na casa da avó materna – mulher negra que a avó paterna, índia, discriminava – e com uma tia, irmã do seu avô materno. A seu avô ela não chegou a conhecer. Mas bem cedo “Didi” deixou seu núcleo familiar: quando tinha oito anos, veio com uma família abastada para Salvador, trabalhar em casa de família ou “casa de branco”, pelo que recebia roupa, alimentação e um ganho destinado à sua mãe. Talvez por tratar-se de trabalho, pelo seu temperamento e por nunca ter rompido o laço com sua família de origem ela não fala de ter sido “criada” em outra casa, apesar da tenra idade.

É esta uma relação de exploração econômica infantil muito comum ainda hoje no Nordeste Brasileiro e que é geralmente vista de ambos lados como de “apoio” e ajuda econômica a famílias em situação miserável que não tem como alimentar e vestir suas crianças. As mulheres entrevistadas que trabalhavam como empregada doméstica desde crianças geralmente identificam essa fase como a de uma “família de criação”. Vale lembrar a associação da idéia de “criado” à de um serviçal da casa, com toda a ambigüidade de sentimentos que estas relações produzem. No caso de Mãe Dialunda e na representação do seu passado, ao contrário do discurso da maioria de outras mulheres entrevistadas do bairro na mesma situação, não existe nenhuma dúvida quanto à forma de se referir a essa experiência passada; foi para ela apenas uma relação de trabalho.

Mas, antes de mudar-se para Salvador, morando ainda em Serrinha, ela já ajudava na casa de parentes dessa família. Quando morreu sua patroa de Serrinha, que “não era muito rica, mas a tratava muito bem, e lhe dava tudo o que precisava e queria”, ela foi trabalhar na casa “dos portugueses”, a família Peres, com a qual ficou pouco menos de dez anos de sua vida, comentou – até os 16 anos aproximadamente, afirmara em outra ocasião.

Esses portugueses tinham uma fábrica de chapéu no Pelourinho e hoje o filho é dono de uma madeira, gerenciada pelo sobrinho, pois nunca se casou, contou-me Mãe Dialunda. “Didi” gostava da família, principalmente de duas das filhas que lhe ensinavam a ler e escrever na escolinha que improvisaram em um galpão em Serrinha onde também iam outras cinco crianças. Depois tiveram um salão de aulas na sua residência, em Salvador, mas na cidade ela não voltou a estudar. Essas duas mulheres e respectivos descendentes sempre visitaram Mãe Dialunda no abrigo de Amaralina.

De quem Dialunda não gostava nada era do irmão dessas “patroínhas” que, naqueles tempos, conta ela, abusou sexualmente dela e é o pai de sua filha primogênita: Maria das Graças (Aninha). Isso aconteceu por volta dos seus 13 anos. A sua primeira relação sexual foi com esse homem, e é uma experiência que recorda com ressentimento. Ela evita recordar ou falar mais do que necessário a respeito. O “Português” – nunca diz seu nome – foi considerado o seu primeiro companheiro, dizia terem co-habitado – ou mantido relações sexuais com esse homem – por volta

de cinco anos (tempo durante o qual ela era muito namorada, “não tinha juízo”, e saía com outros, segundo suas declarações feitas em tom muito brincalhão).

[Eu] namorava, muito. Era muito paquerada também. Lá em Brotas, na Machado de Assis, na Chácara S. Geraldo, você não alcançou, não! Sabe onde é? Ficava ali perto da Ladeira de Pedra, na Av. D. João VI. **O [meu] primeiro namorado? Me lembro! Foi um sargento do exército.** Eu queria muito bem a ele, ele me queria muito bem, mas só que Deus não queria. Também quando acabou, acabou. Ele era ciumento demais! É. **Fora dele? [fazer sexo] Só foi com o português, que eu fui morar com ele, engravidei logo.** (Mãe Dialunda, 10/01/96).

Na casa dos portugueses [eu] já namorava e tudo, e o filho de português achou que devia me tirar de dentro de casa, aí... **Ele me deu uma casa. Eu disse a ele que não queria. Nem pra filha dele, eu nunca quis. Eu não gostava dele, dava um corno nele como o diabo... Eu só tive uma [filha, com ele]. Era eu engravidar e mandar embora [abortos]... [Quando quis] Eu disse vou-me embora, e fui-me embora. Quando eu saí não dei [a]té logo a ninguém...** A ajuda [que tive] era minha cabeça, minha cabeça decidiu, era isso mesmo. Minhas amigas me davam muito conselho: que eu não me separasse, que era gente que tinha recursos... mas só que eu não gostava... não tinha conselho... nunca senti falta. Graças a Deus! [...] [Eu] Não pensava muito. (Mãe Dialunda, 10/01/96).

Tive outros paqueras sim... **eu tive uma grande paixão, mas essa grande paixão morreu.** A gente namorou assim, ele era apaixonado por mim, eu era apaixonada por ele, mas só que ele não sabia. Eu sabia por intermédio de outras pessoas que ele conversava, mas eu não conversava. Mas até que a gente namorou uns dias, mas só que **uma bala perdida matou ele.** Ali, na Fonte Nova. O tiro pegou na cabeça, entrou de um lado, saiu do outro. Porque a gente tava conversando, aí eu disse: ‘[a]té manhã’, tudo bem... aí eu saí, quando vou subindo... [Foi] Terrível! Eu nem sei nem como foi que eu me senti, e quase que é... eu... também... né? **Que tenho pra mim que fosse esse sargento, que namorava comigo. (-‘A senhora acha?’). Acho! E eu dizia sempre a ele: ‘Tenho certeza que foi você que matou’... só que eu nunca abri minha boca; uma bala perdida! E ficou por isso mesmo!** Mas eu não sofri demais não... porque não era... porque maior sofrimento é quando a pessoa convive, né? Mas eu não tinha muito juízo, tanto fazia seis como meia dúzia [‘homem é como biscoito, larga um e aparecem dezoito’, afirmou ela, em outra ocasião]. (Mãe Dialunda, 10/01/96).

[Depois de acabar sua relação com o Português] Foi um período bom, maravilhoso, **trabalhava pra me manter, trabalhava pra minha mãe, que minha mãe tomou minha filha que eu... ela... não queria... que eu trouxesse minha filha.** (-‘A senhora chegou a viver com alguém depois da primeira separação?’) Depois de dois anos. (-‘Foi boa a sua segunda união? Também não?’) Não. (-‘Por quê? O que é que não gostou?’) Separei porque ele era safado. (-‘Ah... viveram quanto tempo junto?’). Cinco meses. (-‘Teve filho?’) Tive um filho só. Depois eu decidi. (-‘A senhora decidiu separar, foi? E achou melhor?’) Achei melhor. Ele era safado e eu não tinha juízo; então dois brutos não se bejam... **Eu nunca quis [nenhum tipo de ajuda dos pais de seus filhos, nenhum tipo de pensão],** porque eu sempre fui uma pessoa rancorosa: metida. **Meus problemas quem resolve sou eu. É Deus do céu e eu. Nunca quis.** Depois disso, eu fui morar com o pai dos meus filhos, desses filhos que eu tenho aí, Ibijara, Beto... **esse resto que eu tenho aí** [se referindo ao filho de criação, Betinho?]. (Mãe Dialunda, 10/01/96).

A vida amorosa de Mãe Dialunda foi muito movimentada, e não é fácil reconstituí-la detalhadamente nem identificar claramente sua idade em cada fase, pois evita contar detalhes e não recorda datas, ocultando a quantidade de homens com os quais chegou a conviver ou se unir. Sabemos ao certo que teve convivência considerável com três deles; com outros, nem chegou a morar. Fala apenas de três uniões, mas os pais de seus filhos foram quatro: O Português (pai de

Maria das Graças, Aninha), esse segundo de quem ela fala (o pai de Francisco), Anacleto (pai de Nancy, com quem não ficou claro se chegou a conviver, mas com quem tem ótima relação até os dias de hoje) e Orlando (Pai de Beto, Ibijara e que criou, com ela, “Betinho”).

De um dos parceiros (antes de Orlando) Mãe Dialunda falou com paixão. Não sei se tratava-se do pai de Francisco ou do de Nancy (Anacleto), mas afirmou que, por tê-la traído com sua amiga, ela preferiu deixá-lo. Orlando foi o companheiro mais duradouro, e o pai dos seus filhos caçulas, com quem conviveu mais tempo, mais de dez anos, afirmou certa ocasião. Apesar disso, ela se considera “mãe solteira”, com um sentimento de ter criado seus filhos sem grande ajuda masculina ou dos respectivos pais. Suas relações com os homens, pelo que conta, eram relativamente tranqüilas e, quando deixavam de sê-lo, seja pela infidelidade insuportável dos companheiros, a própria ou o desgaste da relação, ela mesma decidia separar-se deles. Ela é visitada atualmente e mantém amizade com Orlando e Anacleto, que vivem nas redondezas da sua casa com suas respectivas novas famílias. Eles, por sua vez, são visitados por seus filhos e netos tidos em comum com Mãe Dialunda.

Se, na juventude, Dialunda teve uma vida amorosa ativa, depois do último companheiro, comenta, não quis mais se unir, para não dar “padrasto” a seus filhos, e, por volta dos seus 50 anos, perto da menopausa, diz ter preferido se retirar da prática sexual. Mãe Dialunda diz ter se cansado e perdido todo o interesse pelo sexo (o que ela chegou a correlacionar alguma vez à sua cirurgia de extração do útero – histerectomia – para combater um enorme mioma que a colocou em sério risco de vida pelo tamanho que alcançara) e declara ter encontrado grande descanso em dedicar-se apenas ao trabalho e sustento da sua família, como sempre fez, e avaliou como positivo ter esquecido do interesse por sexo e “homens”. Seu discurso neste ponto, entretanto, é um pouco ambíguo:

Só tive útero virado, agora que desvirou o útero porque... saiu tudo. É fiz uma cirurgia. Aí, tirei útero, tirei mioma. Só não sei falar nada [da sua vivência sexual pós-histerectomia] depois da operação, porque... em relação a sexo, porque [fazia] muitos anos que já não tinha mais esse negócio de sexo. **Não tenho vontade porque eu acho que minha vida é muito cansada pra me lembrar e ainda ter vontade dessas coisas.** É porque a mocinha nova, enquanto ela é virgem, ela só sente problema se se encostar no homem, porque homem é bicho chato, que fica mexendo com o que não deve, mas fora disso, não, né? **E a mulher depois que ela já é mulher, ela tem lembranças, mas só você ficar longe de homem... e sua mente está cansada.** [No próprio caso, seu cansaço ficou ambíguo se o atribuiu à falta de homem ou se foi isso que a

descansou] Não tem nada ver com sexo por incrível que pareça e agora que eu tirei o útero pior. (Mãe Dialunda, 10/01/96).

Ela não reconhece ter recebido muito apoio de seus companheiros, exceto quando ficava doente e não podia trabalhar. Seus netos reconhecem e reafirmam o esforço redobrado dessa avó em cuidar e criar caprichosamente filhos, netos e bisnetos; mas alguns deles não chegam a acreditar que o papel dos companheiros de Mãe Dialunda (especialmente o de Orlando) tenha sido tão nulo como ela costuma afirmar.

Quando entrou para a vida de santo, morando com seu Orlando, por volta de 1963, Dialunda teve um grave problema de saúde. E a solução para sua doença lhe apareceu em sonho por uma entidade – Dialunda – que lhe indicou as ervas que devia preparar. Motivo pelo qual escolhemos conjuntamente este “pseudônimo” para nomeá-la nesta tese. Nesse período, ela freqüentava o terreiro do Engenho Velho de Brotas <sup>6</sup>, dirigido pelo pai-de-santo Manoel da Natividade, que costumava receber o caboclo “Neive Branco”. Nessa casa de candomblé, ela recebeu o desígnio da sua mãe ou Orixá (Oxum) de nunca mais voltar a trabalhar como doméstica. A partir dessa data, ela seguiria a vida de santo e ganharia a vida com a venda de acarajés. Ela foi ensinada a fazer o preparo da massa e comidas de santo por uma pequena menina de 11 anos, filha-de-santo de um outro terreiro:

**A minha vida de vender acarajé começou em 1965 e antes de vender acarajé, eu lavava roupa de ganho e trabalhava em casa de família; quando eu cansava da roupa, trabalhava em casa de família. Era muito pouco dinheiro. Sabia cozinhar muito, hoje em dia não sei, mas sabia cozinhar muito. Sabia tratar meus patrões muito bem, meus patrões também me tratavam muito bem. Nunca tive o que dizer de uma patroa e sempre vivi assim. Depois de 1965 pra cá é que eu estou vendendo acarajé. Foi quando eu não pude mais trabalhar em roupa, porque a ‘santa da minha mãe’ [Oxum] diz que é pra eu [...] me botaram para**

---

<sup>6</sup> Segundo Harding (2000), que escreve sobre a origem do candomblé:

A comunidade do *terreiro* era um importante espaço físico e psíquico para o que Muniz Sodré chama de ‘reterritorialização’ da identidade africana no Brasil. Os *terreiros* de Candomblé eram lugares – especialmente após a segunda metade do século XIX, mas mesmo antes – onde africanos, *crioulos*, alguns *pardos* e mesmo alguns poucos brancos reuniam-se numa experiência de redefinição da identidade negra que ia de diversas maneiras ao encontro daquela imposta de fora” (p.150, tradução nossa).

O Candomblé, segundo Harding (2000), representava um afronto ao catolicismo e às definições dominantes de negritude, um meio de construir uma experiência alternativa de humanidade, de participação na sociedade, de cidadania – tudo isso operando dentro das limitações impostas pelas hostis forças hegemônicas. As comunidades do Candomblé, ainda mais, eram espaços de transformação coletiva, aonde deidades e povos de regiões específicas da África vinham para fazer parte de uma única comunidade, de uma identidade coletiva, derivada da experiência partilhada da vida negra no Brasil. “No Candomblé, como em muitas outras religiões da diáspora afro-atlântica, um elemento central para a orientação alternativa tem sido uma intimidade com o divino evidenciada mais claramente no fenômeno da possessão ou transe” (p.154, tradução nossa).

**dentro do candomblé**, que eu não queria e me botaram, eu tinha uns 29 anos. (-‘Quem botou lá?’). O meu pai pequeno, um senhor de idade, pai-de-santo, lá em Brotas, onde eu ia... **Fui continuar meu serviço, e o santo não aceitou mais. Nem o bom dos outros, nem a roupa dos outros!** Eu fiquei pensando: como é que eu ia viver?! Mas aí o Orixá disse:... eu posso[passar] a vender acarajé e [es]tou nisso até hoje. 35 anos! (-‘Quem ensinou?’) **Uma garota de 11 anos, ela era do candomblé. Ela foi feita menina** [iniciada como filha de santo], mas não na mesma casa. Ela foi feita menina. A mãe dela “criava” elas vendendo acarajé. E elas sabiam tudo, e eu, nem lavar feijão eu sabia. Ela me ensinou, e eu aprendi, e estou até hoje [...] Ela me ensinou a fazer queijada de amendoim, queijada de coco, cocada; tudo que a mãe dela fazia, ela me ensinou. [Eu] **Gosto porque ultimamente é só o que eu sei fazer. Porque todo dia que eu for vender eu tô com dinheiro na mão, nunca me faltou o dinheiro na mão pra comprar o que comer, o que vestir, os filhos estudarem... Nunca esperei o homem dizer assim: ‘-toma aí esse dinheiro e vai pra feira, vai pra loja, vai pro armazém’.** (Mãe Dialunda, 10/01/96 e Mãe Dialunda, 10/02/99, entrevistas intercaladas).

A venda de acarajé e os trabalhos de santo no mundo do candomblé<sup>7</sup>, doravante, foram suficientes para sustentar seu grupo familiar – o qual alcançou rapidamente o estágio de arranjo extenso – e para “mal-criar” os filhos e netos, que cresceram cheios de vontades e caprichos. Nunca faltou a seus descendentes o que comer ou vestir, ainda que a liberdade deles sempre fosse cerceada pelo rígido esquema normativo desta “chefe” de família, que gostava de decidir o destino dos que moravam ao seu redor. Sempre que julgou necessário, usou a violência e o espancamento como o meio adequado de educar e “exemplar” os seus. Recebeu esse modelo dos

---

<sup>7</sup> Uma análise da documentação sobre a religião afro-brasileira do período colonial (HARDING, 2000) mostra que muitos dos elementos do Candomblé do século XIX já se encontram presentes em formas anteriores de religiosidade coletiva negra no Brasil (dos séculos XVII e XVIII). São exemplos disto: o uso de dança e música ritual, com ênfase sobre sons rítmicos e percussivos; as roupas e outros itens decorativos com funções rituais específicas; práticas de cura e de adivinhação; além de tentativas de criar e re-criar comunidade entre os seres humanos, de experimentar a comunhão com o mundo natural-divino, de encontrar espaços de refúgio para o trauma e de resistir à desumanização. Segundo esta autora, esta visão que resgata a tendência multi-étnica é relativamente recente, é o que ela procurou demonstrar ao analisar a idéia de outros autores deste campo de estudo na Bahia. Devido, em grande parte, às investigações pioneiras de Nina Rodrigues no final do século XIX e início do XX, tem sido geralmente aceito que a influência Yorubá foi predominante na emergência do Candomblé baiano. Para ele, os outros povos africanos, especialmente os Bantus, teriam se convertido à tradição superior dos Nagô devido ao domínio numérico e cultural deste povo na Bahia durante o século XIX. O viés de Nina Rodrigues ainda pode ser percebido, comenta Harding (2000), nas obras de especialistas como Manoel Quirino, Arthur Ramos, Edison Carneiro e Roger Bastide, que tendem a privilegiar as comunidades que eles percebem como as mais “autenticamente” africanas. Esta tendência acabou limitando as direções da pesquisa e da documentação do Candomblé, o que pode ter criado pontos-cegos na exploração de uma interpretação mais multi-facetada das origens da religião. Para Harding, por ex.,

[...] uma perspectiva que enfatize a importância da escravidão e de seu efeito crioulizante ou americanizante sobre o corpo africano (pessoal e coletivo) sugerirá análises do Candomblé que se focarão mais no desenvolvimento de uma tradição negra brasileira e pan-africana de orientação alternativa do que numa busca por origens africanas ‘não corrompidas’ na religião. (2000, p. 66, tradução nossa).

Ainda nessa direção, continua ela, Júlio Braga sugere que Martiniano Eliseu de Bonfim (1859-1943) – informante de Nina Rodrigues (quando jovem) e de Ruth Landes, Edison Carneiro e Jorge Amado (quando velho) – foi fundamental para o desenvolvimento do ideal da *pureza nagô*. Recentemente, entretanto, antropólogos como Yeda Castro, Vivaldo Costa Lima, Renato da Silveira e Beatriz Dantas e historiadores como João Reis e Valdina Pinto têm enfatizado a matriz multi-étnica da qual o Candomblé emergiu, enfatizando as contribuições de grupos Aja-Fon e Bantu. Para Harding, apesar da influência Yorubá significativa, o Candomblé é melhor entendido, seguindo esta última vertente, como uma síntese pan-africana e afro-brasileira. Apesar de diferenças ritual-litúrgicas expressas na diferenciação de nações – Ketu, Ijexa e Ijebu (Nagô), Congo-Angola (Bantu), Jeje (Aja-Fon) – o Candomblé compartilha uma orientação dirigida para experiências de comunhão/comunidade, refúgio/resistência e cura/alívio.

seus próprios pais, e o julgava adequado, pelo que lhe parece natural reproduzir com seus filhos e netos. E, pelo que pudemos observar das novas gerações, é um modelo que continua ativo e poderosamente interiorizado no imaginário deste grupo familiar (como no de todo o meio social em que está inserido)<sup>8</sup>. O tipo de relacionamento de Mãe Dialunda com seus filhos e netos se descreve no depoimento a seguir:

**Se precisar ela bate [Dialunda]. Ela não é de bater! [hoje]. Mas se ela dizer hoje eu vou pegar, ela bate! Oi, minha mãe, se vacilar, ela bate na minha mãe coitada! É! Filho pra ela nunca cresce! Ela mesma não deixa.** Que tem que coar a sopa... pegar panela quente mesmo, ela não deixa eu pegar [a neta que estava grávida do seu segundo filho]. Outro dia ela falou: ‘Não sei porque, mas esses meninos para mim nunca cresce!’... ela pensa que é sempre criança. **Ela fala, ela pensa assim. Se fosse por ela, a vontade dela, todos os filho e netos tava sempre na roda da saia dela. Ela gosta! Reclama, mas gosta! Gosta de ter os filhos e netos dela por perto. Porque é a felicidade dela.** [Es]Tá velha, ela se cansa, mas é a felicidade dela. Eu acho que a única coisa porque ela veve ainda é por isso, por causa dos neto. Por causa da minha filha também, que ela gosta muito, Vilma. Ela veve, ela faz qualquer coisa pelos filhos. Não gosta quem faz mal aos filhos. Não gosta que ninguém faça mal aos neto, também. (Nívea, neta criada e irmã de Carla, 30/01/00).

Nos bons tempos de venda, ela só descia duas vezes por semana de sua casa para o Abrigo para vender acarajé. Até recentemente, era obrigada a descer cinco dias e separar dois para os preparativos dos quitutes para a venda – o que já era indício do estágio de decadência em que se encontrava este grupo familiar e dos tempos mais difíceis. Em tempos passados, ela até produzia a massa do acarajé para outras baianas (Maria de Catindê, uma das mais antigas e conhecidas baianas do largo e mãe de uma ex-nora, mulheres com as quais cortou relações posteriormente), como indicador do seu prestígio e da qualidade do seu produto, assim como trabalho de obrigações religiosas. O dinheiro no passado circulava com maior facilidade no seu lar.

Na Bahia, não é necessariamente a figura da mãe biológica a que vigora nas representações... Quando se fala da “mãe” – a mulher mãe como arquétipo – muitos pensam naquela mulher que os criou, a mãe social. Em setores populares como o estudado, se pode ser *mãe de todas as crianças*, o que se traduz em certa obrigação que têm certas mulheres *de considerar como suas as crianças de outrem por elas criadas* – mesmo que esse outrem seja sua inimiga – tornando aquelas crianças suas ou “crianças de mais de uma mãe”.

---

<sup>8</sup> Sobre a violência no bairro ver Hita (2003).

Toda mãe-de-santo, afirma Silverstein (1979), como a mais importante e visível sacerdotisa do Candomblé, é a porta-voz, a representante e símbolo dessa religião na Bahia e dessa figura materna, é a “Mãe Preta”, tida como a *mãe-de-todo-mundo*, a principal responsável pela produção e reprodução do seu terreiro e grupo social<sup>9</sup>. A força de uma mãe-de-santo, tida como força inata, herança divina, cultivada e ampliada por longo, árduo e cuidadoso treinamento, é geralmente demonstrada pela habilidade de cada mãe-de-santo de mediar as relações entre as pessoas e os Orixás. A ela cabe resolver questões relativas aos santos. Na Bahia, ser mãe-de-santo significa ser uma mulher “escolhida”, indicada pelos Orixás, independente da sua vontade, pessoa que herdou e desenvolveu certas características de personalidade – como carisma, personalidade forte, inteligência aguda, autoridade, sensibilidade, capacidade de mando – para dirigir seu terreiro e manter relações com os Orixás. A fonte do seu poder<sup>10</sup>, para esta autora,

---

9 A centralidade do papel feminino da mãe-de-santo no Candomblé baiano foi claramente identificada e citada por vários teóricos do tema que descreviam os cultos como sendo primitivos, rurais, negros, africanos e talvez até de teor basicamente matriarcal (CARNEIRO, 1936; LANDES, 1967; LIMA, 1977; MARCELIN, 1996; WOORTMANN, 1987; entre outros estudiosos do Candomblé). Para Harding (2000), o papel das mães de santo (Iyalorixá) é o de ser uma memória incorporada do trabalho realizado pelos ancestrais escravizados que fundaram a tradição no Brasil. Ela é uma consciência íntima e imediata embutida no comportamento que conecta atividades e orientações presentes com a experiência das gerações passadas, uma continuação do processo pelo qual o axé – força vital ou espiritual – tem sido cultivado e transmitido entre os devotos do Novo Mundo – através do culto dos orixás ancestrais e através das responsabilidades transmitidas pelo sangue. Muitos dos escravos e libertos em Salvador trabalhavam como *ganhadores* nas ruas das cidades. Muitos destes se organizavam em *cantos* (ou grupos de trabalho) e costumavam se reunir nas ruas e praças da cidade. A rua era um instrumento de solidariedade entre escravos, libertos e pessoas livres de Salvador. Escravos e não-brancos a utilizavam como lugar de encontro. Quanto às mulheres negras, acrescenta Harding, o trabalho das *ganhadeiras* era especialmente notado pelas suas roupas bem cuidadas e por suas aptidões para o comércio e a comunicação. Em Salvador, as ganhadeiras – possivelmente as precursoras de baianas de acarajé penso eu – parecem ter estado entre os principais participantes e líderes do Candomblé.

<sup>10</sup> Para explicar o que se entende por poder e relações de autoridade que desenvolvem e rodeiam estas grandes senhoras, mães-de-santo do Candomblé baiano, adoto o conceito de poder weberiano incorporado por Silverstein (1979), que distingue o poder social do econômico, do político e militar, assim como das noções centrais de autoridade, influência, prestígio, domínio, força etc. Adoto aqui a costura conceitual que Silverstein faz de uma série de conceitos weberianos – o que, para fins desta tese, é bastante útil para ilustrar a dimensão e especificidades do poder desempenhado por uma mãe-de-santo de Candomblé:

Poder social é geralmente associado à influência, prestígio, autoridade, força, domínio, carisma pessoal, capacidade, eminência, conhecimento, direito, etc. Poder não é uma esfera isolável separada e estática; não é uma coisa que possa ser possuída eternamente. Poder somente deve ser analisado como um processo, refletindo um sistema de relações de pessoas ou grupos com os meios de produção e com outros indivíduos ou grupos. A partir desta consideração posso definir poder como a capacidade real ou potencial de uma pessoa ou grupo, independentemente de sua base, e em qualquer momento, para tomar uma decisão e leva-la a efeito, apesar de uma possível resistência. Quando uma pessoa ou grupo tem o direito de dirigir os pensamentos ou ações de outros, chamo a isto autoridade. Esta é o acesso legítimo a regras e implica que as decisões tomadas em seu nome obrigam a pessoa e grupo a acatá-las. Influência eu descrevo como o uso da persuasão, o uso de recursos morais e ideológicos para impor o Poder. Força por outro lado, é a aplicação de sanções. Poder, portanto, não é força, nem autoridade, nem influência, mas é sua síntese. Dependendo dos meios para influenciar o comportamento, o poder deve ser classificado como físico (coercitivo), econômico (utilitário) ou simbólico. Poder representa então a força que é capaz de ser aplicada em qualquer situação e suporta a autoridade que é utilizada. (p.146).

estaria muito mais na mediação exitosa que a mãe-de-santo desempenha com os Orixás, do que, por exemplo, na capacidade específica de dirigir o seu terreiro ou “família de santo”.

A mudança na vida profissional de Mãe Dialunda, que implicou na passagem do trabalho como doméstica para o da tradicional baiana com a venda de acarajés, foi, no seu caso, uma decisão de teor religioso, uma determinação do santo de sua cabeça – Oxum, quando ela foi feita filha-de-santo. O poder de uma mãe-de-santo ou pai-de-santo para alguns autores se mede pela sua autoridade sobre os filhos da sua casa (filhos-de-santo), o que também se expressa pela quantidade de cerimônias de iniciação que realizam – pelos filhos feitos. No Candomblé, fazer filhos ou filhas de santo é o mesmo que fazer nascer e criar descendentes para receber os Orixás, socializando-os nos ritos e devoções prescritas. Nesté ato de “aumentar o terreiro” pela incorporação de novos membros estaria o verdadeiro poder da mãe-de-santo (LIMA, 1977; SILVERSTEIN, 1979). Se Mãe Dialunda não chegou a efetivar com suficiente sucesso sua trajetória de mãe-de-santo ao não poder conseguir manter vivo o projeto de um próprio terreiro, ela fez, entretanto, alguns filhos-de-santo (pessoas iniciadas por ela) e incorporou o modelo ritual de família-de-santo na experiência da sua família consanguínea, sobre a qual projetou o modelo ritual.

Os dotes religiosos de Mãe Dialunda são requeridos por pessoas amigas e estranhas. Há clientes, hoje amigos da família, que costumam solicitar-lhe serviços no jogo de búzios, alguma limpeza de corpo ou tratamento de candomblé. Nunca é procurada por seus familiares mais próximos, que devem resolver seus problemas com outras mães ou pais-de-santo, como manda a tradição, explicavam-me seus netos. Muitas visitas e entrevistas que iniciei foi necessário interrompê-las pela chegada, pré-combinada ou de surpresa, seja na sua porta ou no Abrigo de Amaralina, de carros poderosos com mulheres bem vestidas, delegados de polícia e profissionais influentes, encomendando-lhe desde o preparo de comidas festivas (acarajés, abarás, caruru), até alguns trabalhos específicos para os santos ou consulta no jogo de búzios etc., serviços que ela pode realizar mesmo já não tendo mais seu próprio “barracão”. Quando ainda tinha o “barracão”, Dialunda fazia aí suas sessões de candomblé. Hoje, ela é uma mãe sem terreiro, mas, como todas no candomblé, tem relações influentes em grupos de classes mais elevadas (entre “os brancos”). E ela faz questão de mostrar isso com orgulho quando conta das viagens que fez como garota

propaganda da Bahiatura – empresa de turismo do estado da Bahia – dos filhos de santo que tem e ela “fez a cabeça” – que ela iniciou – e dos que vêm de outros estados trazendo-lhe grandes presentes ou favores, assim como da quantidade de amizades e relações com pessoas importantes que ela tem.

As pessoas que precisam de alguma coisa e acham que minha seita resolve e que eu tenho condições de resolver me procuram e Deus me dá o direito de fazer; o que tem que fazer eu faço! Gosto de fazer as coisas que eu vejo o resultado. Aquele delegado [Dr. André, grande amigo da família] é da [Polícia] Federal! Ele tava com problema MUITO GRANDE [e ele lhe perguntou]: ‘Mãe Dialunda, será que a Sra. resolve isso para mim?’ Eu digo: ‘Dr, eu vou ver. Se Deus me der o direito...’ Graças a Deus que já está resolvido! O primeiro trabalho já tem mais de ano. As outras coisinhas, tudo que ele precisa vem aqui comigo. Aí ele pergunta: ‘Mãe Dialunda, quanto é que custa?’ [Vo]cê sabe! **Que coisa de candomblé custa muito dinheiro!** Qualquer coisa dele com os filhos, a esposa, ele, vem a mim. **Cobro conforme o serviço, mas não cobro a ele. Porque Dr. André resolve muitos problemas. Se eu digo: ‘Me resolva isso para mim’. Não tem três tempos!** [...] No meu aniversário ele me deu um vestido muito bonito e me trouxe uma torta do tamanho quase dessa mesa aí [2m x 1,2m aprox.]. No Natal foi uma torta que não tinha mais tamanho. Vinho muito bom, que ele me traz, e presentes. No sábado ele trouxe um sapato. Você estava aqui? [Es]Tava! Ainda não veio hoje. É uma coisa ou outra... Ele vai empregar Ibijara. Para quê melhor? [...] E isso é mais que dinheiro! **Mais vale uma boa amizade do que dinheiro. Mais vale um amigo na praça do que dinheiro no caixa.** [E sobre sua esposa que é uma jovem advogada] Dra Andréa agora ganhou um posto no SEBRAE e, graças a Deus, é uma menina que comanda; na ordem dos advogados, nada sem ela! [Referindo-se ao poder e força da jovem advogada a quem considera e admira] E eu gosto assim de ter as minhas amizades! (Mãe Dialunda, 22/02/99).

E sobre um trabalho que ela fez para os Santos de Dr. André e um outro chamado Tito:

[Sobre aquela comida que fez no sábado para Dr. André, toda vestida de branco] Aquilo é um Omalá de Xangô. É a comida preferida de Xangô. Aí é quiabo, camarão e azeite doce Galo e cebola. Aquele branco é acaçá, feito de milho branco. Dois pratos. Um para Xangô Irá (o mais velho) e o outro para Xangô Agodô (o mais novo). Aquele que estava com quiabo é para Agodô, e o acaçá é para Irá, duas personalidades de Xangô: um mais velho e um mais novo. Não! Eu fiz para eles. Para Dr. André e Tito. Os dois são de Xangô. Foi uma oferenda para eles. Tinha que trabalhar de branco. Para Oxalá, Oxum também [trabalha de branco]. Iemanjá, Nanã, também (-‘E pode trabalhar para vários santos?’) É! Eu posso, Graças a Deus! Para todos os que quiser. Qualquer um é especial para mim. (Mãe Dialunda, 22/02/99).

Vejamos outras declarações sobre sua relação com o candomblé:

Eu acho que eu tenho como um anjo de guarda que me dá assim aquela reação, boa e maravilhosa, que me ajuda a superar tudo. Eu tenho dois advogado em cima de mim: Deus e o porteiro da minha casa: Arrancatôco. E um Exu. Ihhh... Gravou! <risos> (Mãe Dialunda, 10/01/96).

Chapadê [Sua irmã de sangue, que quando viva, também era mãe-de-santo na ilha de Itaparica] é de Xangô. A mãe-de-santo dela é que era de Xangô. E ela é de Omolu. O dono da minha casa é Xangô! [do terreiro do pai-de-santo dela em Brotas]. Eu sou uma filha de Ogum com Iansã. E tem Oxum-Apará que meu pai raspou e pintou [a cabeça dela, sua iniciação como filha de Oxum-Apará<sup>11</sup>]. O dono da minha casa é Xangô, a cumeeira

<sup>11</sup> Oxum, associada às águas doces e à vaidade, tem sua personalidade descrita na modalidade de “Oxum-Apará”

da minha casa. Alias, ele é dono da cumeeira de qualquer pessoa. Porque todos tem. Quem é que não tem seu orixá? E Ogum é meu pai! Meu pai, meu guia. Como ele é guia de qualquer uma pessoa que chamar por ele, porque ele é que abre caminho para todo mundo. (Mãe Dialunda, 10/02/99).

O pai-de-santo e dono do terreiro que Mãe Dialunda freqüentava em Campina Grande de Brotas, seu Manoel da Natividade, costumava incorporar o caboclo “Neive Branco”. Esse pai-de-santo gostava muito das netas de Mãe Dialunda, principalmente de Carla, filha de Oxum, e comentava que ela tinha o mesmo dom para ser mãe-de-santo que sua avó (o que agradava Mãe Dialunda e a cobria de orgulho e esperanças de um dia vir a ter uma herdeira de seu próprio sangue na sua família ritual), mas Carla rejeitou esse destino. Já Nívea, sua outra neta, que é filha de Ogum, se aproximou muito mais do candomblé que a sua irmã, compartilhando mais, participando e utilizando-se mais desse meio simbólico para interpretar a realidade que a circunda.

As festas de família que realizava Mãe Dialunda todo ano em sua casa apontam para seu lugar de pertencimento, que é fonte de energia, de aquisição de certo capital simbólico e que outorga distinção e reconhecimento social, onde o coletivo e o individual se misturam, reconhecem e reconstroem. Segundo Louis H. Marcelin (1996) em seu estudo sobre o Recôncavo baiano:

A festa [de família], em princípio aberta a todos aqueles que são considerados como *parentes* ou não [...], é percebida por estes últimos como sendo, ao mesmo tempo, um momento de demonstração de força e um momento de abertura ao mundo, extremamente frágil. A festa inverte a ordem cotidiana da casa e da divisão do mundo dos agentes entre o aberto e o fechado, o público, o privado, o próximo e o afastado, a mata e a casa, a casa e a rua, o conhecido e o desconhecido. Em princípio, a festa é uma porta aberta para o mundo; ela é a celebração da troca, e a cozinha, o alimento; é o elemento principal graças ao qual o acontecimento é calçado, e, ao mesmo tempo, a própria matéria de reificação da troca. A cozinha constitui um meio excelente pelo qual as lutas familiares podem encontrar suas mais trágicas expressões. (p. 296).

Tal como observado por Marcelin (1996) em todo o recôncavo baiano, Mãe Dialunda acostumou-se a “receber” gente em sua casa, oferecendo um grande caruru para seus santos, todo dia 23 de outubro, no dia de aniversário de seu filho Antônio Alberto – com cargo de Ogã em outro terreiro – que, apesar de ser o principal homenageado, nem sempre esteve presente. Nessa grande *feita de família*, ela costumava receber e incorporar seu Orixá – Oxum – e seus erês – principalmente Crispina. Sobre estas festas conta sua neta:

---

(guerreira e invejosa) na mitologia recuperada por Reginaldo Prandi (2001, p. 323-325), nela se representa o ciúme de Oxum pela beleza de Iansã (Oiá) que prendeu-a até a morte em um quarto, motivo pelo qual Oxum-Apará foi castigada por Obalá a usar as cores vermelhas e metais de Iansã.

**Dalva nunca deu Santo. Só Vó que dá Santo.** Você nunca veio num caruru aqui? Ela dá Santo nos carurus dela! 23 de outubro! E o negócio desse Erê também, que fica parecendo uma criança, né? Ela dá isso tudo no caruru. **Todo mundo vem! Gente de todo canto! Primeiro vem o Santo dela que é Oxum. E depois vem o Erê dela que é Crispina, o Erê dela.** A Santa dela vai rapidinho, vai embora, mas Crispina fica o tempo todo correndo pela casa, nela. Mexe num, mexe noutro... precisa ver! Come ali, bule com os meninos, suja o rosto, suja tudo. É um caso sério! No começo eu ficava com vergonha, com meus amigos de escola. Mas depois... [vi que] é isso mesmo! Muitos faz isso. **Um Erê é um espírito que fala e faz tudo como criança; depois que vai volta tudo ao normal. Caboclo nela é difícil!! Neive Branco é o caboclo do pai-de-santo dela. Ela o conheceu. Ele tinha roça enorme, em Brotas, ia direto lá, passava meses. Depois que morreu não voltou mais. Aquele candomblé desmanchou. As coisas de vó que [es]tavam lá ela levou tudo para Mar Grande, na casa da irmã dela. Ela tinha que ir lá para ficar cuidando. As coisas do santo. Tem um prato com uma pedra e dizem [eles do candomblé] que isso aí é um santo. O dela a irmã dela em Mar Grande cuida. Ela não tem quarto adequado para seu santo. O quarto ali na casa dela tem um bocado de coisa, e diz que tem um santo aí. Xangô está aí. Ela também tem um bocado de coisa que [es]tavam na casa do pai dela e levou para lá. Acho que lá está Oxum [em Itaparica aos cuidados da irmã].** Coisa de obrigação.[...] fotos dela de santo... Vó perdeu tudo já, não tem mais nada, [es]tá tudo jogado, ela tinha tudo organizadinho. (Carla, neta, 26/01/99).

Toda celebração é a recusa de uma condição em proveito de uma outra. Ela é, metaforicamente, a celebração de uma passagem. Poder-se-ia tentar agrupá-la em certos domínios da vida social: segundo ela exprima o conjunto dos laços partilhados por uma nação (as festas carnavalescas, as festas patrióticas analisadas por DaMatta [1978]), um grupo (festa da Boa Morte em Cachoeira etc.) uma religião (festas religiosas, ritos de passagem), uma família ou um conjunto de famílias (as festas de famílias descritas por Louis Marcelin [1996] ou estas de Mãe Dialunda ou de D. Cida no passado). O fato de celebrar aciona mecanismos sociais de aproximação das forças, dos elementos ou dos indivíduos dispersos na estrutura social, para reconstruir um “nós”; assim como reúne os mitos, os símbolos ou objetos rituais, dispersos na cultura, para construir os signos distintivos desse “nós”. A celebração, nesse tipo de festas, denominadas de família por Marcelin (1996), consiste na ruptura, cíclica ou não, da rotina, para marcar um lugar social de troca e de festividade, entre pessoas dispersas em torno de um conjunto de símbolos ou objetos rituais, os quais constroem, aos olhos dos celebrantes, um lugar social e cultural de reconhecimento. Uma celebração desse tipo resulta: 1) de um posicionamento das pessoas num *continuum* temporal – ao longo da sua experiência vivida e partilhada; 2) da construção de um lugar social a partir do qual se articula a linguagem das formas da celebração. O tempo e o espaço social são dois paradigmas em função dos quais os celebrantes dramatizam continuidades, rupturas e expectativas (MARCELIN, 1996).

A sala da casa de Mãe Dialunda, antes da reforma de 1990, que descrevo melhor no Capítulo IV, chegou a operar como “barracão”, “terreiro” ou “casa de sessões de candomblé”, por uma curta

temporada. Esse seu projeto de voltar a ter um barracão ou casa própria de candomblé é um sonho que Mãe Dialunda sempre alimentou, e a entristece perceber que lhe será impossível conquistar, apesar dos insistentes convites que recebe ainda hoje de amigos e filhos-de-santo que tem em Espírito Santo e em São Paulo, os quais a aconselham a largar tudo na Bahia e levar a vida tranqüila que merece em algum terreiro ou casa onde faça o que gosta e sirva a seus santos como manda a tradição. Mas a responsabilidade e o desejo de permanecer junto aos seus filhos e netos, dizia ela, nunca lhe permitiram tomar tal caminho.

Eu tenho vontade disso: sair daqui, fazer assim uma casinha, onde eu possa estar junto com meus santos e ter um lugar... (-'Para tratar das pessoas?') Sim, parecido. E eu preciso ficar só pra ter cabeça, quando as pessoas precisarem de mim; eu ter cabeça pra... e eu não posso... e agora eu tô achando isso um pouco difícil. [Não botou casa/terreiro] porque as pessoas nunca quis, pra poder ter tempo de criar meus filhos. **Criei meus filho, hoje meus filhos criados, minha filha me deu duas netas, o filho me deu mais três netos. Dentro de casa completou novamente a mesma coisa.** Tenho vontade de entregar os meninos, mas os meninos não querem morar com madrastra; madrastra... Deus me livre! (Mãe Dialunda, 10/01/96).

A síntese da sua vida poderia ser resumida na seguinte declaração:

**Eu não tive infância, eu não tive adolescência. Toda [a] minha infância e adolescência foi trabalhando!**<sup>12</sup> Me tornei uma mãe de família, trabalhando. Hoje estou com 63 anos [72?]. Mãe, vó e bisavó. Continuo trabalhando. Estou cansada, mas não tenho condições de me descansar. Já não tenho muita saúde e tenho vontade de criar pelo menos dois bisnetos. Mas acho que isso não vai ser possível! (-'Por quê?') Porque eu estou velha demais! (-'E já não está criando bisnetos?'). Mas não vou ver crescer!! [tom angustiado] (Mãe Dialunda, 22/02/99).

Criar seus filhos e os de outras mulheres, netos ou estranhos é visto por Dialunda como seu dever. Na cultura e no imaginário da sociedade baiana, ser mãe-de-santo, por sua vez, significa que essas mulheres, com seu trabalho fora dos terreiros e obrigações dentro do mundo do sagrado, são as principais responsáveis pelo sustento de toda a sua família (de santo e de parentesco). Para sobreviver, elas têm de criar em volta delas uma rede de relações com pessoas que têm acesso privilegiado à sociedade em constante mudança. Assim, a família de santo outorga à mulher que a conduz uma fonte de poder e autonomia muito marcantes na cultura baiana, o que é entendido por muitos autores como uma afirmação consciente da sua diferença

---

<sup>12</sup> A expressão “*eu não tive infância*”, recorrente neste contexto, é uma forma de identificar a privação material e a pobreza. Tanto as matriarcas como as filhas utilizaram muito essa expressão remetendo à idéia de que infância é coisa de rico ou classe média, onde a criança tem diversão, certa liberdade e segurança material. Uma grande diferença é preciso destacar: a trajetórias das duas matriarcas foi marcada pelo trabalho desde os oito anos de idade; elas se sustentavam e ajudavam às famílias de origem. Não foi esse o caso, porém, dos seus filhos e netos, que começam a trabalhar apenas na adolescência.

cultural. Segundo Harding (2000), Lima (1977) e Silverstein (1979) através da família-de-santo de candomblé, mulheres, homens e crianças, numa posição subordinada na sociedade, podem lutar para manter, consolidar e reconstruir as unidades básicas nas quais se reproduzem valores alternativos aos das culturas dominantes. Por isso, a família-de-santo, com as mulheres como seus pontos focais, se torna crucial para a sobrevivência e a perpetuação de um sistema cultural alternativo de valores, costumes, comportamentos e *habitus*; propiciando uma matriz simbólica (*campo*) a seus integrantes que lhes permite situar-se no mundo de maneira particular e diferenciada da de outros grupos sociais, permitindo-lhes construir seu próprio *self* e formas de ser a partir de outros padrões culturais que não os dominantes. Para Silverstein:

O Candomblé da Bahia continua até hoje a transmitir e ao mesmo tempo criar uma ideologia popular, não só dele mesmo ou das religiões afro-brasileiras em geral, mas também da mulher negra como *mãe-de-todo-mundo*. Este é um caso de inversão simbólica, na qual a posição da mulher negra e pobre é colocada em oposição à posição que ela realmente ocupa atualmente na vida cotidiana. Esta inversão simbólica, que compete analisar em outro trabalho, tem sua raiz última no fato de que a hierarquia do parentesco ritual que compõe a família-de-santo tem uma estrutura oposta ao tipo ideal da família brasileira, a família patriarcal. (Silverstein, 1979, p 161, grifo meu).

## SEGUNDO ATO

### *Vida de Mãe Dialunda e Dalva – passado recente*

Quando os filhos e netos de Mãe Dialunda ganharam autonomia, alguns deixaram a casa para seguir próprios caminhos. Alguns deles Dialunda procurou ajudar na construção das suas novas moradas. Ela tem duas filhas e uma neta na ilha de Itaparica, às quais deu terreno (exceto a primogênita, que recebeu o terreno da tia Chapadê, que a criou). Dois dos seus filhos homens e uma neta moram no mesmo bairro, em suas próprias casas, e também receberam algum apoio de Dialunda na concretização desses projetos. Sua própria casa, Dialunda dividiu-a em duas para dar o andar de cima ao filho caçula quando se uniu a Dalva, seu predileto, e mantê-los sempre junto a si – filho este com fama de preguiçoso, unido a uma mulher que é atualmente a mão direita de Mãe Dialunda.

Mãe Dialunda mostra ter orgulho da sua descendência e sempre procurou influenciar seus destinos. Ela diz ter querido incentivar o estudo em todos, mas se entristecia de que apenas três membros da sua família tivessem aproveitado a “chance” que ela lhes deu e terminaram ou estão cursando o segundo grau, com intenção em algum curso universitário. São eles: seu filho Pedro, que abandonou o curso universitário de contabilidade e trabalha, atualmente, na Petrobrás; seu neto, Pedro A., (que declarou que, quando era criança, Dialunda relutou em deixá-lo estudar nas escolas do bairro e só permitia seu estudo em “banca” dentro de casa, com as primas) e sua neta Carla que retomou recentemente seus estudos para concluí-los e tentar alguma especialização, pretendendo ser professora primária. Carla deixou o estudo quando se uniu e teve seus três filhos. Voltou a estudar recentemente, pela noite, para concluir o segundo grau com o apoio do marido e da vizinha, que cuidam de seus filhos, hoje mais crescidos e autônomos.

**Vó? Eu adoro ela! Pra mim é a melhor avó do mundo. Pra mim é. Ela faz um bocado de coisa aqui pra gente. Pra não deixar a gente assim com fome ela vai trabalhar. Pra cuidar da gente, não deixar a gente com fome, assim jogado na rua; ela não deixa a gente ficar muito na rua por causa desses meninos lá de cima, muito brigão...[as brigas de gangs] ai ela deixa a gente dentro de casa. (Kely, 30/01/00).**

Mas só, já viu como é! A mãe [dos netos pequenos: Dalva] diz que eu sou xereta com os netos! Que eu fico paparicando os netos! Mas quem gosta, né? Ela educa, eu deseduco. Eu não achei quem dê-educasse os meus, que eu não fui criada com só, né [quer dizer...seus filhos] mas...uma educa, a outra deseduca. Esse é o papel da só. Quele é boazinha. É menina meiga. Adoro minha neta. Angela é coisa gostosinha, fofinha de só, que só adora. Orlando é pintão, mas é coisa gostosinha. Meus neto são coisa gostosa da minha vida. A minha vida é meus netos! Hoje em dia vivo pra eles. Minha alegria são meus netos. (D. Dialunda, 22/02/99).

Outra das expectativas satisfeitas por Dialunda foi ter conseguido “criar” netos e bisnetos, imprimindo e re-escrevendo, nesta nova geração, sua visão de mundo, talvez corrigida e melhorada em relação à que logrou produzir com seus filhos. Seu amor e dedicação ao mundo religioso do candomblé, e seu ofício como baiana de acarajé são outros dos legados que desejou deixar em família, no sentido do “espírito de família” integrador descrito por Bourdieu (1997). Alguns de seus filhos, como Nancy e Pedro, têm envolvimento mais direto com o candomblé; sua neta Nívea e, sem sombra de dúvidas, a nora Dalva. Mas o maior desejo de Mãe Dialunda era ter uma herdeira do seu sangue no mundo do candomblé e na venda do acarajé. Ela depositou essa expectativa inicialmente na neta Carla, a predileta das mulheres, como tinha profetizado seu pai-de-santo.

A fabricação de *acarajés*<sup>13</sup> tem uma importância central no sistema simbólico afro-brasileiro; ela situa-se no encontro do religioso com o social. Fazer acarajé, no sentido da aquisição de seus ingredientes, do modo de aquisição destes, de sua preparação e de sua comercialização, é um passo obrigatório nos ritos de passagem dos candomblés. A vendedora ou o vendedor de acarajé investe provisoriamente num espaço, na rua, a fim de cumprir sua obrigação, que consiste na comercialização do produto. O trabalho do acarajé exige um investimento coletivo nas redes de parentesco espiritual e social; ele constrói lugares de referência e pertencimento para os novos iniciados. Alguns dos filhos-de-santo, após sua iniciação, podem decidir continuar o trabalho do acarajé em suas horas livres; outros continuarão através de pessoas intermediárias constituindo uma fonte relativamente certa de reforço da economia familiar. Assim, nas representações locais e mesmo regionais, o acarajé é, certamente, um dos produtos nacionais mais relacionados aos negros e às religiões afro-brasileiras. Além de sua circunscção no religioso, o acarajé constitui uma verdadeira economia familiar dos negros mais pobres da população. Como se observa na casa de mãe Dialunda, o acarajé e outros quitutes são produzidos com a colaboração dos membros da sua casa. O espaço público do ponto de venda de Mãe Dialunda no Abrigo de Amaralina entra na constituição de sua herança. Herança que sua neta Carla oscilava em assumir e não estava convencida de desejar seguir, mas, ao mesmo tempo, se sentia fortemente ameaçada e usurpada pela posição que lentamente a Nora de mãe Dialunda, Dalva, que Carla tratava com rivalidade, foi ganhando no grupo familiar. Carla aprendeu tudo do ofício, é uma excelente cozinheira e chegou a pensar em colocar um tabuleiro de acarajé com apoio de Mãe Dialunda:

Carla está aqui volta e meia. Ela penteia meu cabelo. Ajuda nas coisas da casa. Antigamente era ela que fazia tudo. Ela aprendeu tudo e vendeu só dois dias lá embaixo [no Abrigo]. **Agora que eu quero botar um tabuleiro pequeno ali e mandar pintar, para ela vender acarajé pequeno de 50 centavos, para ela ficar com dinheiro na mão, né? Mais independente e não só na mão do marido. Eu não gosto ela ficar só na mão do marido, não.** (Mãe Dialunda, 22/02/99).

Mas a neta Carla, que respeitava e reconhecia o medo que o mundo do candomblé lhe produzia, desistiu logo desse empreendimento e agora investe em terminar o segundo grau para tentar

---

<sup>13</sup> O acarajé – “pão de comer” feito de bolinhos de feijão fradinho frito no azeite-de-dendê – antigamente era feito pelas filhas de Iansã nos terreiros de candomblé, colocados em vasilhames de barro ou madeira e servidos em palhas de bananeiras. O dinheiro arrecadado era destinado ao cumprimento de obrigações de santo. Hoje é comum ser comercializado para a sobrevivência. No dialeto Yorubá acarajé significa pão de comer e é o alimento de Iansã, Santa Bárbara, e é um dos alimentos oferecidos aos orixás nos rituais de candomblé. Mas o seu nome original “akará olelé” adotou o nome “acarajé” pela forma como as baianas o ofereciam pelas ruas gritando “akara –jé” que em iorubá significa: “coma akará” (Jornal A Tarde, 25/11/2003).

entrar na universidade e tentar fazer algum concurso para ser professora do estado. Ela “espalha” seu currículo nos supermercados, qualquer lugar em que possa trabalhar para incrementar o orçamento do casal e prosseguir com seu projeto de ampliar sua casa e de sua nova família nuclear. Ela é estimulada para isso pelo seu companheiro (“homem trabalhador e de respeito”) que se esforça por pagar-lhe um “cursinho”; e eles compartilham vários gostos e projetos: a paixão pelo futebol, a construção da casa própria e também o da compra de um computador. Ele cuida dos filhos quando ela sai para estudar à noite e a apóia no seu movimento de busca de autonomia e superação pelo estudo (o que não é um tipo de comportamento masculino muito comum entre os homens observados neste contexto social, os quais se sentiriam ameaçados e ciumentos. Carla é uma bela e dedicada mulher, muito apaixonada, ao marido, e a confiança entre eles parecia ser mútua. Do candomblé ela afirmou que nunca se identificou nem fez parte dessa religião apesar de ter sido criada e crescido nesse mundo desde pequena, morando temporadas em terreiros, conhecendo bem e presenciando distintos rituais e até utilizando, no seu discurso, parte da simbologia desta matriz cultural. Ela diz:

(-‘Chapadê - irmã de Mãe Dialunda - na ilha de Itaparica tem casa? Terreiro?’) É a casa dela mesmo, tem um terreiro lá. Ela tem filhos-de-snto, isso tudo. Tem um... **eles já quiseram me levar para me envolver nesse negócio todo aí, mas eu não quis, nem quero. Porque eu não concordo, eu não acho uma coisa boa para mim, porque uma coisa é a gente olhar e estar do lado de fora. Outra coisa é a gente estar lá dentro.** Porque eu convivo aí com vó, eu sempre fui criada por vó. E quando vó foi fazer a obrigação, essa lá na casa onde foi raspar, né, eu sempre estava com ela porque não tinha quem ficasse comigo. Porque Nívea morou uns tempos com mãe. E eu nunca morei com mãe, sempre estive com Vó. Ai eu tinha que ir. Ela ficou uma vez uns três meses trancada, a gente sem ver a cara de Vó e quando ela saiu, com aquela cabeça raspada. Eu ficava assim olhando. E essa mania que tem de matar bicho, matar pombo... eu fico com pena, matar bode... que eu não gosto. Tem tipo de santo que bate o rosto no chão, sangra, é uma coisa violenta. **Eu não tenho nada contra, mas para falar a verdade, não acho certo ou errado, nem deixo de acreditar, mas fico neutra.** Não gosto de crente, coisa de demônios, até dá medo! **Gosto de Igreja católica. Acredito em Deus e pronto.** Uma vez disseram a minha mãe, que também é de santo, de cabeça raspada e tudo, que tinha uma filha que ia seguir... E que essa era eu. Quando eu soube, fiquei a noite toda chorando. (Carla, 26/01/99).

## SEGUNDA PERSONAGEM CENTRAL

### *Dalva (nora de Mãe Dialunda, mulher de Ibijara, quatro filhos)*

Quando a conheci em 1992, Dalva era muito gorda e deformada. Sua aparência geral não era muito agradável no dia a dia: faltavam-lhe dentes na boca, um olho parecia menor que o outro

pela forma dela olhar, era comum vê-la descabelada, pouco asseada e mal vestida. No lar, no dia-a-dia, usava roupas pequenas para seu corpo largo (possivelmente as roupas de Mãe Dialunda) e rasgadas, deixando aparecer sua grande barriga, indicando o pouco cuidado que vinha tendo com seu corpo. Seu temperamento era esquivo, com olhar desconfiado de soslaio, dificilmente encarando as pessoas nos olhos quando falava com elas; percebia-se nela um certo recalque e frustração na forma de atuar e se posicionar nesta casa. Quando se veste de baiana para substituir Mãe Dialunda no Abrigo, se processa, entretanto, uma grande transformação: não parece a mesma! Muda seu sorriso, o ânimo e a postura geral: fica uma mulher agradável! Até bonita! E as belas e largas roupas de baiana no seu corpo igualmente largo lhe imprimem esse ar de “força e superioridade” que se percebe no mundo de santo, onde a gordura é bem vista e apreciada, até identificada por muitos como símbolo de fartura e poder.

Dalva foi se mostrando mais simpática e acessível com o tempo, mais alegre e “despachada” do que a imaginava, mas tão frustrada como outros a viam. A sensação que eu tive, muitas vezes, é a de que ela temia Mãe Dialunda, abaixava a cabeça, acatava-a, e, quando estava por perto, Dalva trabalhava mais afoita, limpando a casa, adiantando o serviço do fogão ou descascando camarão seco, coco... facilitando operações do preparo dos quitutes que Mãe Dialunda ia vender “embaixo”; dificilmente participando das nossas conversas, mas sempre por perto ouvindo o que esta afirmava. Mãe Dialunda gostava de conversar comigo descascando camarão seco, o que, me explicava, costumava relaxá-la.

Ibijara, o marido de Dalva e filho caçula de Dialunda, era homem preguiçoso e mulherengo na percepção de seus familiares, ele freqüentemente estava desempregado. Segundo a vizinhança, tinha fama também de esturador. Soube que espiava a sobrinha nos banhos, assediava outras mocinhas que moraram na casa de Mãe Dialunda e espancava seus sobrinhos. Dalva tinha uma péssima relação marital e muita raiva desse companheiro. O ódio parecia ser mútuo. Apesar de viverem na mesma casa em 1997, estavam praticamente “separados”; cada um tinha seu próprio quarto e, há uns quatro anos, contava Dalva, cortaram totalmente o contato sexual, por determinação de Dalva, causando por vezes a revolta de Ibijara. Dalva teve quatro filhos e, ao que parece, os quatro eram dele. A mais velha é Kely, que nasceu em 1990, com seus 11 anos em 2000, Kely era uma menina magricela bem graciosa e meiga; e dormia na saleta que dá acesso

aos quartos separados de seus pais. Kely já pegou o pai todo nu, contou Dalva, tentando se aproximar da sua mãe bêbado e de madrugada. Alexandre foi o próximo filho, nascido em 1992, ele era muito respondão e briguento, e sempre arrumava confusão na rua. Ângela, a terceira filha do casal, era muito amiga da filha de Nívea – Vilma, bisneta predileta de Mãe Dialunda. O caçula, Orlando, com seus quatro anos em 2000, era de uma simpatia impar: sobressaíam-lhe a barriga inchada, tropeçava na fala e me encarava com seu par de olhos grandes e bem espertos; ele ficava sempre por perto, muito curioso com minhas visitas a casa. Era, dos netos, aquele que mais divertia a vovó Dialunda, que lhe dava um doce de coco dos que preparava e ele desaparecia para comê-lo, escondido num dos quartos, sentado atrás da porta. As quatro crianças, como o pai, são de cor bem escura.

Ibijara é o caçula. Ele é borracheiro. Não está trabalhando agora mas acho que vai trabalhar, eu acho! Tava tomando curso de vigilante com aquele delegado [Seu André]. É coisa que eu não gosto. Mas ele quer! Ele não gosta muito não, que ele não é violento. Mas Beto [Antônio Alberto] é! Ele é violento. Eu gosto muito dele [Ibijara]. Gosto muito de Dalva. Gosto de meus netos, né? Não gosto de maltrato, né. (‘-Eles lhe maltratam?’) Não! Eles as vezes são malcriados! Os netos! Os filhos não! Minha nora, minha nora me respeita muito! Ela me respeita porque eu respeito ela. As duas se respeitando, completa, né? Mas se uma não se respeita e a outra não se respeita... não existe... [Os filhos] me respeitam, Graças a Deus! Só Ibijara que é malcriado. É! Ibijara é! Mas assim mesmo ele é um bom filho. As vezes é eu que agrido ele de tapa nele...Ele é bom filho. Quando eu tenho desentendimento eu meto cacete e tudo bem (‘-A senhora bate neles?’). **Qualquer um! Eu bato em quem merecer! É Pedro, é Ninha, é Nancy... quem merecer!** (‘-Até hoje?’) Ó!!! [indicando que sim] <risos>. (D. Dialunda, 22/02/99).

De filho, eu acho que é mais Ibiara [que ela gosta]. [...] **Ibijara e Betinho ficaram em casa. Mas Vó trata Jara melhor, dá mais coisas, roupa, dinheiro**[...] [Ibijara] ficou 11 anos sem trabalhar, agora ele conseguiu um emprego, recebeu um salário e ele não deu nada. Vó compra tudo. Ele tem outra [mulher], diz que já levou ela comer acarajé no Abrigo, que Vó escarreirou ele com colher de pau querendo bater nele. **Mora aí para cima a mulher que ele está. Acho que ele não vai morar lá... porque ele é homem preguiçoso e sabe que vó não vai deixar seus filhos passar fome.** Teve um trabalho de quatro anos e nunca deu um tostão na casa de vó. (Carla, 26/01/99).

Dalva, de pele morena clara, chegou à família em 1990 quando, namorando o filho caçula de Mãe Dialunda, engravidou de Kely. Ela conheceu Ibijara num dos carurus de Mãe Dialunda:

Meu nome é Dalva, Maria Dalva Santos. Tenho 30 anos e 4 filhos. Eu não cheguei a estudar não, porque onde eu vivia era muito difícil. Vivi minha vida na casa da minha tja. Eu vim pra Salvador com 12 anos, cheguei aqui. Era muita roupa para poder lavar!<sup>14</sup> Ela [tia] trabalhava de ganho, e o marido dela era tapeceiro. Aí ela foi trabalhar nas casas de branco, e eu fiquei [...] Os filhos dela no colégio [...]aí ela não queria que eu fosse no colégio, queria que eu ficasse em casa, e as meninas tudo me ensinasse dentro de casa. Aí eu disse: também não quero! que depois as meninas ia jogar tudo na minha cara!

---

<sup>14</sup> Como comentado, os filhos são dados para criar ou trabalhar em casa de outrem – parentes ou não – para tirá-los de uma situação difícil, o que pode se traduzir em um favor prestado aos genitores por parte de quem os cria.

Aí fui crescendo... Quando eu ia fazer 20 anos, fiquei grávida de Kely. Eu conheci Ibijara aqui na rua mesmo. Vivia na casa da minha tia e eu vivia [vinha muito] aqui. É! [É] Aí do lado, onde tem um carro, tem uma garagem com portão de tauba [tábua]. Ali mesmo [indicando-me onde sua tia mora, umas dez casas para abaixo no mesmo lado e ladeira de Mãe Dialunda]. **A gente foi se conhecer, quando foi uma vez, aqui no Caruru. Eu nunca tinha vindo nesse Caruru aqui. Foi ali, nessa varanda ali, a gente pegou o prato e começou a namorar**, e aí foi. Eu gostava dele. Gostava muito! Batia! [Ela nele e depois ao contrário, ele nela] Era um ciúme desgraçado com as meninas da rua! Não! Porque ele tinha amizade e eu tinha ciúme, era aquela amizade de ficar agarrando, apertando... Aí eu não gostava! Aí eu vivi... **Mas nem tive época boa, minha filha!** [com Ibijara, o filho de Mãe Dialunda]. Fiquei grávida de Kely, mas eu ainda estava na casa de minha tia. E eu [es]tava doida para sair de lá que eu sofria muito...Aí, eu vim para a casa de Mãe Dialunda ajudar. Aí tia dizia que eu vinha aqui ficar dormindo mais Ibijara, passar o dia. Não era nada disso! Eu ficava ajudando ela nas coisas da venda, era catar camarão, cortar quiabo, essas coisas. Aí fechavam a porta lá cedo. Diziam assim: 'Vamo[s] fechá[r] cedo, agora que ela [es]tá lá, deixa ela dormir na rua'...E de manhã ela abria a porta, que era para eu poder ir lavar a roupa. Aí um dia Mãe Dialunda disse assim: '-É Dalva, eu quero ver, até quando você vai ficar nessa'. Nessa de lá pra cá, e eu com a barriga grande, de lá pra cá. **Tia chamava Ibijara de vagabundo e esculhambava ele, ela achava errado, né? que não podia ser... dele não trabalhar, que tinha a mãe dele que dava condições a ele.** Hoje em dia que ela não tem condições, que a situação é mais difícil. **Mas antes... ela tinha condições de sustentar os filhos sem ninguém dar duro nenhum! Sem ela precisar de ninguém...** [trabalhar] 'O que eu quero saber', dizia tia, 'é quando você for ter neném, o que você vai fazer?' **Mas ela não sabia que Mãe Dialunda descia para trabalhar e me deixava com um dinheiro, se eu precisasse pegar um táxi... Mãe Dialunda deixava, é! Que os filhos dela não tava trabalhando; é, quem me dava era ela. Aí eu mudei para aqui, grávida.** (Dalva 30/01/00).

A chegada de Dalva à família de Mãe Dialunda coincide com o período de uma grande reforma estrutural na casa. Esta foi dividida em duas casas relativamente independentes uma da outra, pois Mãe Dialunda decidiu alocar a família deste filho caçula, seu predileto pelo que afirmam, na parte do 1º andar, onde ela morava (embaixo havia um grande salão, cozinha e dois pátios). Para isso, ela readaptou, dividiu e construiu sobre o grande salão que havia no térreo, três novos quatinhos para ir morar com seus netos na parte baixa da casa original, com espaço suficiente para a atual sala de visitas. Esse enorme salão no térreo da casa operava como barracão e lugar de sessões de candomblé antes da reforma.

Com as reformas estruturais (ver descrições do Capítulo IV) passaram a existir duas casas relativamente independentes uma da outra: a do filho e sua nora, na laje, e a própria, com os netos, embaixo. Esta foi a divisão projetada ou ideada inicialmente, mas de fato, comentavam alguns netos, o uso, os vícios e a vida da casa parecem nunca ter conseguido institucionalizar tal divisão. Ela nunca deixou de operar como uma única casa, como se a mistura das famílias e os usos das casas voltassem a re-configurar a casa no modelo antigo, como uma coisa só, ao menos durante o dia, quando a casa de baixo é a que permanece em movimento e habitada e, apenas à noite, se dava o re-arranjo projetado na utilização dos espaços: Dalva, Ibijara e seus filhos dormiam na casa de cima, e Mãe Dialunda, outros filhos e outros netos na de baixo, cada qual em

seu espaço delimitado. Entretanto, Mãe Dialunda usava e circulava, no espaço “de cima” (a suposta casa de Dalva e Ibijara) como dona da casa que é até hoje, onde recebia clientes e fazia seus trabalhos privados de candomblé: na consulta de búzios, certas limpezas de corpo, longe do barulho e olhar de vizinhos e netos curiosos. Trabalhos para os quais recebia todo o apoio e ajuda da nora, Dalva, que era sua fiel servidora e a principal seguidora de seus preceitos, a única com permissão de entrar nos quartos do santo para a limpeza e que é, normalmente, demandada para realizar alguns dos preparativos dos trabalhos.

Dalva vende [acarajé] e ajuda vó. Limpa o quarto de Santo de vó [tem permissão para isso]. [Mas] Dalva nunca deu Santo. Só vó que dá Santo. (Carla 26/01/99).

Dalva tem uma forma de operar, entender e compreender o mundo muito similar à de Mãe Dialunda estabelecendo-se, ao mesmo tempo, entre elas, apesar dos atritos e conflitos, uma grande cumplicidade. A relação entre elas está cheia de tensões e ambigüidades, com movimentos simultâneos de aproximação e distanciamentos, identidades e ressentimentos, respeito e ódios mútuos. Algo disso pode se entrever na forma como o filho Betinho, o de criação, analisa a relação destas duas mulheres a seguir e na forma como Dalva incorpora e utiliza o imaginário do candomblé para explicar seus problemas familiares:

Em casa de vó é tudo fuxico, briga danada. Vó fala mais de frente o que pensa. Às vezes também fala por trás. É um pouco falsa. Na frente, aquele amor... Já Dalva fala tudo pelas costas. Mas a gente sabe que ela... (Carla 26/01/99).

Oh, falar a verdade, eu acho que minha mãe [Dialunda], sinceramente, de coração, acho que ela... tem coisas que dá para se entender, porque mãe já está ficando de idade, ela [Dalva] ajuda bastante. Não vou mentir, ela ajuda minha mãe bastante. Certo? Tem defeitos que minha mãe não aceita nela [o fuxico], mas... a minha mãe leva a vida desse jeito... Mas eu acho que se entendem, né? Porque minha mãe até agora não... ela aceita ela lá! (Betinho, 30/01/00).

Sem eu saber de nada, né? Mas Mãe Dialunda sabia, né? Ela é assim! Mas quem quer fazer mal pra ela sabe, óbvio, fazer! Porque Mãe Dialunda finge que não sabe das coisas. Aí Mãe Dialunda falou assim... [sobre uma prima de Dalva – Marília – que a vinha visitar e que teria sido enviada pela tia para trazer um feitiço<sup>15</sup>, e que

---

<sup>15</sup> Para os escravos negros em Portugal e no Brasil, na época colonial, comenta Harding (2000) as *mandingas* (uso de patuás), a poeira de sapatos, raízes de plantas, e outros recursos mágico-materiais, tidos como feitiços na atualidade eram elementos essenciais para o esforço de negociar um caminho através das humilhações e incertezas de sua posição subalterna como escravos ou libertos.

Confrontos e tensões coloniais eram representados materialmente, através destes objetos, num intuito de acessar e re-situar as desigualdades de poder e a arbitrariedade da violência vivida. As bolsas de mandinga eram, também, uma consistente manifestação mágico-religiosa das tensões senhor-escravo no império colonial português. Diversos documentos de várias regiões apontam como principal uso de patuás/mandingas a busca por proteção contra danos e o enfraquecimento do poder dos senhores. (Harding, 2000, p. 27, tradução nossa).

teria deixado um preparado na sala de Mãe Dialunda][...] uma ‘Pemba’ e pimenta da costa para jogar no chão da casa dela. Coisa de feitiço! Mãe Dialunda viu as coisas tudo preparada, aí ela disse assim: ‘Ói o que tá dando você brigando com Ibijara, é isso aí’. Quando ela veio me ver outra vez, Mãe Dialunda botou ela para fora... aí minha tia veio querendo me bater... E passou [o tempo]. Depois que foi um dia de ano novo, ela mandou me chamar aqui, e me pediu desculpas, pelo que ela [tia] fez comigo. Eu perdoei, que eu não fiz nada, quem fez tudo foi ela, né? Depois se eu fizer questão de pecado, hoje ando cheia de pecado, não quero nem saber!Tive meus filhos! Hoje em dia estou nessa vida miserável! (Dalva 30/01/00).

Dalva teve dificuldades com o marido desde o começo, mas afirma que os últimos anos foram os piores, quando se deu um afastamento total entre eles a ponto de ela, ele e a parentela afirmarem que eles estavam separados de fato, ainda que dividindo o mesmo teto. Cada um em seu próprio quarto tem seu respectivo equipamento de som, dizendo que a única coisa que ainda compartilhavam era o mesmo teto da casa e os filhos:

**[De não fazer sexo] tem três anos. Vai fazer quatro agora.** Foi por causa de briga. Mulher em rua. Eu não quis mais, fiquei com raiva, não quis mais conta. Mas ele sempre fica atrás. (‘-E consegue?’) Quiiii! Eu não! Nunca mais aconteceu nada! **Ontem mesmo a filha dele pegou ele em pé, ele ali, ó! [na saleta que conecta os quartos] Ele tava nuzinho. Eu botei direto pra fora, ele dormiu ali.** [...] Ninguém me pega à força! Eu briguei. Porque eu não gosto mais. Ói, quando você gosta de uma pessoa você se acaba por aquela pessoa, mas quando não gosta é porque você não gosta! Eu gostava muito, brigava com qualquer pessoa. Agora eu não tenho fogo por homem não. Sou fogosa não! (Dalva 30/01/00).

Ao que parece, era a relação de dependência e subjugação de Dalva a Mãe Dialunda um dos motivos iniciais do atrito com seu marido. Dalva, por sua vez sentia-se na obrigação de retribuir o sustento que Dialunda lhe outorgava. Como seu marido nunca a sustentou, ela se via forçada a retribuir a acolhida de Mãe Dialunda ao seu grupo familiar com o próprio trabalho. E acusava Ibijara de ser o responsável pela situação humilhações que ela era obrigada a passar.

A gente era feliz, porque ele me tratava bem, eu tratava [bem] ele. Agora o motivo da nossa briga era porque ele... queria que eu fizesse a vontade dele, fizesse o rock dele. Ele não queria que eu ajudasse Mãe Dialunda, e ela sabe disso! Não levantasse de manhã, que eu descia para ajudar ela. E ele ficava cá reclamando... Não! Não era a primeira vez que ele começou a trabalhar... E sempre que trabalhou, não deu nunca nada a meus filhos. Quem sempre deu as coisas a meus filhos foi Mãe Dialunda. **Como é que eu tenho quatro, que antes eu tinha três filho nas costa dela, que eu ia ficar aqui em cima? Como? Bebo, calço, visto. Ele não dá nada, e eu ficar sem ajudar ela? Como é que ela vai trabalhar para me dar comida, sem [eu] fazer nada?** (Dalva 30/01/00).

Dalva passou a viver amargurada e frustrada, engordando cada vez mais a tal ponto que conseguiu ocultar sua última gravidez até o dia do parto sem ninguém saber que estava grávida:

(‘-A última gravidez você escondeu até a hora do parto? Conte-me de novo como foi.’) Foi de Orlando! Porque a raiva! Quando as pessoas se mete muito na sua vida, que você acha que sua vida não interessa a

ninguém.[...] então você se acaba sozinha. Então as pessoas para dar opinião se mete muito na sua vida. Eu tava trabalhando, aqui na casa de Mãe Dialunda. Nívea também tava grávida. Eu comprei o enxoval de Vilma [sobrinha] todo, não comprei uma roupa para Orlando. [Ai todo mundo perguntava]: ‘Mas você tá grávida?’ Eu tava gorda, muito gorda, gordona mesmo! Eu digo: ‘não, não [es]tou grávida não!’ ‘Você não [es]tá grávida não?’ Eu disse: ‘Não! não [es]tou não!’ Vai um dia, volto um dia, eu vou trabalhar! ...Quando chegou de noite, minha filha, isso eu já tinha pedido a um veado [pai-de-santo da redondeza] fazer uma garrafada para matar Orlando... Quando chegou de noite ele trouxe o negoço preparado lá na garrafa. Menina, mas me deu aquela dor nas pernas! Eu já tava sentindo tudo isso aqui embaixo pesado [apontou bexiga]... Ai... peguei uma saia dela [Dialunda], botei aqui. Ai... uma moça que era minha comadre, aqui em cima, e seu Antônio... ai... mandei chamar ele e ele disse: ‘a gente vai aonde Dalva?’ ‘A gente vai para a maternidade’. Ai ela: ‘Menina, mas onde você botou esse menino? Você está grávida?’ Eu disse: ‘[Es]Tou!’ [...]. Eu acho que eu já [es]tava no dia dele nascer, né? que eu não fiz pré-natal, eu não fui para médico. (‘-Você tomou, no dia de ele nascer, a garrafada para abortar?’) Foi! Mas ele fez outra [também] para poder ficar e a outra eu não tomei! Eu acho que Orlando disse: ‘É hoje que eu vou ou eu morro, ou ela morre ou não morre, ou algum dos dois vai!’ Deu a dor, nasceu logo! Não senti nada. Nada, nada, nada! Ninguém sabia. Ói, eu cheguei pra umas duas horas da manhã. Ibijara podia pensar assim, que era um desses homem que me trazia de carro, né? Ai foi ele e Mãe Dialunda me ver. No hospital! Ai chegou lá Mãe Dialunda disse assim: ‘-Dalva, o que é que a gente faz?... Pra comprar a roupa para esse menino. Olha! Eu [es]tava com tanto ódio, com tanta raiva, eu disse assim: ‘se a senhora quiser, a senhora compra só a roupa dele sair daqui’. Ela comprou dez fraldas e um conjuntinho azul, a toquinha, o capote com jaquetinha, a calcinha e o sapatinho azul e uma manta azul. E eu disse: ‘E se a senhora não comprar eu peço a ela ou eu enrolo na minha roupa e eu levo ele para casa’. Ele gosta de bermuda aqui! [abaixo do joelho] Ele foi vestindo roupa grande [dos irmãos], então, de roupa grande ficou! Ibijara foi ver, foi direto para o berçário para ver a cara para ver se era dele mesmo. Acho que a primeira folga que eu tinha dado nele, emprenhei, não liguei. Não! a primeira transada que dei com ele. Eu levei bocado de tempo brigada com ele. (Dalva 30/01/00).

Depois do último parto, Dalva decidiu se esterilizar, e, apesar de não precisar, quis fazer plástica vaginal para apertar a musculatura. Ela afirmou não tê-lo feito com intenção de reconquistar Ibijara, mas por saúde e próprio prazer, mas declara, ambigualmente, não ter interesse no outro sexo:

Eu me opereí... não liguei [as trompas... as estrangulou], porque ligar é diferente de estrangular. Eu estrangulei e fiz a plástica. Foi assim, Daví, esse rapaz vereador que trabalha ali na Justiça... Ele tava fazendo campanha e para conseguir voto das pessoas ele tava operando, dando ficha através de médico. Então a prima de Ibijara se operou, a filha de Bididigo. Ai... ela disse a Ibijara: ‘Diga a Dalva que eu me opereí e que quem tá dando a ficha é Daví’ [...] Ai eu fiz os exames... Eu queria, né? [esterilizar] Eu já tenho quatro filho. Eu fui me operar, mas eu queria, que eu não posso tomar nenhum remédio. Podia ser que eu... ou aqui de dentro de casa, talvez, ou podia ter de fora, porque aqui de casa eu tenho certeza que não é, porque eu não tenho nada com ele. **Na rua só tive duas vezes [relações sexuais] podia ser que pegasse, porque eu não tomo nada. Se eu não tivesse operado era capaz de eu [es]tar até com outro filho.** Eu queria [esterilizar]. Ele me ajudou. Ói se fosse da vontade dele, dos filhos dele, eu só tinha Kely. Que dos filhos dele, que ele gosta, é só Kely. (Dalva 30/01/00).

[E a esterilização] foi quando Orlando fez um ano! Orlando tem quatro anos. Eu aproveitei a campanha. Tava com 26 anos. E eu fiz a plástica [vaginal] porque a plástica faz na operação logo, na mesma hora. Ele diz que não precisava, que não tinha ‘rotura’, não tinha nada não. Mas como eu já não ia parir mais, então que fechasse mais... que aí corta aquelas carnes estragadas tudo que... menina! Mas era uma dor que eu sentia... que eu gemia, chorava! [a primeira vez que voltou a transar] Eu não me arrependi não. Que foi bom; agora [es]tá bom! Eu quis fazer para ficar mais apertadinha! <Risada> Não! Eu não [es]tava pensando em ninguém não! [Ibijara] que diz que livra de muita doença também. [Es]tava pensando em mim mesma. (‘-E ele gostou?’) Gostou! Qualquer homem até gostava mesmo! <risadas!> Agora é uma dor desgraçada quando vai

de novo. Parece que a gente [es]tá perdendo a virgindade de novo! Eu levo muito tempo sem transar! Ai faz mal, porque tem que ir abrindo. Mas eu não tenho fogo por homem não. Sou fogosa não!. (Dalva, 30/01/00).

A indignação de Dalva não se restringia aos maus tratos e a outras mulheres de Ibijara; ela também se revoltava pela falta de liberdade para re-armar sua vida e falta de condições de poder arranjar novo parceiro morando na casa do seu “ex” e com ele dentro de casa. Tampouco tinha forças ou coragem para partir e tentar vida independente. O que ela realmente desejava era que Ibijara saísse da casa. Mas quando surgiu uma possibilidade de Ibijara sair da casa para assumir um espaço que seu pai lhe ofereceu na rua de trás, onde mora, Dalva, de forma ambígua, criou tanta confusão, envolvendo nela Betinho, que quem finalmente partiu para a casa de Orlando foi Betinho e não Ibijara. A infidelidade conjugal é mútua no casal, ainda que muito mais complicada e desigual para ela que mora na casa da família dele.

Tive um caso ali na Amaralina, foi questão de momento, de cabeça quente [...] Foi! [depois de uma briga] ele mandou eu arranjar homem fora. Eu me piquei para rua, um dia ‘aguniada’, fui para rua, deixei o homem fazer o que queria em mim, acabou tudo aqui [apontou o pescoço] assim roxo, namorando, aí eu larguei, mas foi assim dois dias, e eu não quis mais conta! E isso já tem mais de tempo. (‘-E Mãe Dialunda sabe?’) Sabe! Eu não escondo não! A vida é minha! (‘-E ficou chateada?’) Ó! Ela disse: ‘Dalva, não deixe Ibijara saber disso, que perepepé...’ (‘-Mas você jogou na cara dele!’) Ah, eu disse! Essa semana mesmo eu [es]tava retada... (‘-E aí?’) Ficou quieto! Não! Que ele [es]tava com mulher na rua. [Es]tava ajeitando a casa do pai para ele morar sem eu saber! Mãe Dialunda sabia, todo mundo dentro de casa sabia tudo e oh! Por debaixo do pano! [Es]tava ajeitando para ir embora. Aí um dia ele chegou aqui e eu perguntei porque que ele queria ir embora. Aí ele disse que queria ir para casa do pai para esfriar a cabeça, que ele tava desempregado, né? Para esfriar a cabeça e que depois ele ia voltar. (‘- E ele foi para a casa do pai?’) Não! Na casa do pai dele, ele deu ao irmão, aquele chamado Betinho! Hum! (‘- E você não queria que ele fosse embora?’) Não minha filha! Eu quero! [...] **Eu [es]tou dizendo que ele, eu não faço questão de viver com ele nessa situação que eu [es]tou. Ele [es]ta na rua vivendo a vida dele na rua à vontade e eu não posso. Como é que eu posso arranjar um homem com ele dentro de casa? Eu não [es]tou uma pessoa livre.** (Dalva, 30/01/00).

Dalva não é muito apreciada por boa parte da parentela de Mãe Dialunda, que a acha pessoa de intrigas e propiciadora de confusões. Outro motivo, não explicitado, creio, sejam as invejas pelo espaço por ela conquistado na casa e pela influência que consegue exercer sobre Mãe Dialunda, fomentando ciúmes e ressentimentos. Entre o final de 1999 e o início de 2000, Betinho, o filho de criação, saiu da casa por alguns desentendimentos que teve com esta cunhada; ele preferiu deixar a casa “para evitar causar maiores problemas à mãe”, afirmou. Dialunda, na época, ofendeu-se com a ida dele para a casa de seu Orlando. Por isso ela pouco – e mal – falou deste filho de criação na época da entrevista a respeito dos filhos. Para Carla, a neta predileta de Mãe Dialunda, a vida da família e de Dialunda teria começado a declinar desde que Dalva entrou na casa.

Ela faz as coisas errada e Betinho não gosta e reclama. Ela foi querer dar na cara dele. A casa dela é tudo arrumadinho, limpo. A de vó é tudo largado, xixi no chão. Ela não cuida igual. Quebra tudo! Eu não entendo isso. Porque na casa deles eles tem cuidado e na de vó não? Fico danada [...] **Desde que ela entrou ali tudo mudou. A casa era bonita. vó só andava chique, bonita. Sei lá, parece que passou um vendaval que arrastou tudo, deixou tudo destruído. Totalmente... Eu acho que ela destruiu a vida da família da gente, desde o tempo que ela chegou. Se eu pudesse eu passava uma borracha assim e apagava tudo, desde o tempo em que ela chegou, para aquele tempo não existir [...]** Minha mãe, Chapadê, toda minha família não gosta dela, porque ela só faz fuxico. Até o marido da minha mãe detesta ela; botou ela para correr da casa dele. Ela foi uma nora que parece que caiu na família errada e hoje nem o marido quer mais conta com ela. E fica esse problema, que ninguém quer. Ela ajuda vó. Ela ajuda a fazer a venda. Cuida da roupa e casa de vó. Mas acho que é obrigação dela também que ela com quatro filhos! Ela e o marido, que nem uma calcinha dá a ela, que é coisa barata, para dizer assim. Nem a ela, nem aos filhos ele não dá nada.[...] **Vó compra tudo.** (Carla, 26/01/00).

Devido ao péssimo relacionamento entre Ibijara e Dalva na casa, vez por outra acontecem verdadeiras revoluções internas, com muita agressão e violência física de ambos os lados, e muito mais graves em direção a Dalva, que aparece roxa dos espancamentos, deixando Mãe Dialunda, que intercede, em situação nada confortável. Pelo temperamento e pelo que contam os netos, por mais errados que seus filhos possam estar, Dialunda será sempre parcial: “mais pro lado deles” – filhos de sangue. Por seu lado, Dalva tornou-se uma pessoa central no funcionamento desta unidade doméstica; ela é indispensável na venda e na casa; Mãe Dialunda dependia do seu trabalho, e ela era sua mão direita. A mútua interdependência colocava ambas as mulheres em uma situação extremamente delicada e fragilizante<sup>16</sup>. O fato de Dalva ser a mãe dos netos que Dialunda tanto ama e dos quais nem cogita ver-se separada – nem tem a força de antes para criar sozinha – torna a sua relação com essa nora indispensável e complexa. É pela combinação de conflitos como esse (entre muitos outros com outros familiares), que não conseguia mais administrar, que Dialunda afirmava ter ido perdendo a paz e a saúde. Depoimentos como os seguintes ilustram as situações vividas nos últimos tempos:

Até mulher [procurando Ibijara] aqui na porta, deu pra vir. E Dalva fica revoltada. Pior que ela se revolta e enche a cabeça de vó, porque ninguém agüenta isso, né? E vó também não gosta de maltratar os filhos dela. Por mais que ela queira, ela não deixa de ser por ele e ser mais por Dalva. (Nívea, 30/01/00).

Antes ele era borracheiro. Lá na empresa de ônibus, ele botou o nome dos filho dele e botou o nome da mãe no plano de saúde dele. No lugar dele me botar, ele botou a mãe dele... acho que foi porque a gente brigou, a verdade dói, eu disse um bocado de coisa a ele[...] [E sobre briga recente] Olha eu não gosto nem de me lembrar disso. Tem hora até que eu esqueço. Porque na hora da raiva, se fala coisa... Olha, eu mesmo sou boazinha, mas eu com raiva digo coisas que me tira do sério. Eu me desabafo! Foi briga feia! **A gente discutiu, brigou, eu dei porrada nele, ele me bateu, que eu tava com a cara deformada.** (Dalva 30/01/00).

<sup>16</sup> A idéia de “fragilização” à saúde mental de mulheres desta comunidade foi trabalhada em Hita (1998b) Uma das informantes tidas como “mulheres nervosas” daquela amostra foi Mãe Dialunda. Outra delas, Dina, uma das filhas de D. Cida parteira, no outro grupo familiar.

Essa semana Mãe Dialunda chegou de viagem, eu não sei o que disseram a ela, que disseram que eu disse que ia botar veneno na comida cá embaixo [nas entrevistas com parentes ela teria ameaçado envenenar Ibijara]. Aí ela disse assim para mim: **‘Ói Dalva, eu vou deixar de ser preta para ser franca!** Do jeito que você esta vivendo aqui... ói, do jeito que tão indo as coisas, as pessoas estão com medo. Eu [es]tou amargurada, porque quem sente a sua dor é você. Não é ninguém!...’ Então, quer dizer que eu, que fiquei dentro de casa, tomando conta, ela não encontrou nada errado, nada com defeito, encontrou os neto dela [vivos!]; eu trabalhando, ninguém com fome, pra quando ela chegar ela encontrar as coisas no lugar... Oh! Que necessidade que eu tenho de colocar veneno pra ninguém? Eu disse a ela: **‘eu vou deixar de cozinhar aqui embaixo. Eu vou tomar conta da minha vida, porque enquanto eu mais faço, eu não presto’. Eu devo tomar conta da minha vida. Ela que deve tomar conta dos meus filho. Ela não [es]tá mais na idade de ficar se acabando, pra ficar tomando conta dos meus filho trabalhando. Que um dia ela não vai agüentar mais trapear [trabalhar] nessa vida.** (Dalva, 30/01/00).

Dalva enfrentava um sério dilema; encontrava-se no limite das suas forças de um lado, e de outro, não querendo perder o até então conquistado, isto é, um pedaço de chão, e um possível direito a ter uma casa própria, mas que não sabia se conseguiria se efetivar, pela fragilidade da sua situação no lar, pois, em certa medida, ficava nas mãos do seu pior inimigo, o pai de seus filhos, que é quem teria o direito legítimo a essa herança, e à vontade final dessa matriarca que decide a quem dar ou não casa e comida.

**Como vai ficar minha situação? Eu não sei, sabe por que? Porque eu sei que pro lado dela pode mudar e pode não mudar. Porque Mãe Dialunda é um tipo de pessoa muito rigorosa.** Mas eu tenho que pensar em mim. Eu não posso continuar vivendo minha vida como [es]tá[...] Então. Eu tenho aqui, meu irmão. É a coisa mais difícil eu ver. Eu tenho minha tia ali... É a mesma coisa que não ter. **Então eu tenho o quê? Só tem eu e os meu filho! [Es]tou com medo de sair!** Eu pensei que tinha arranjado um homem! Eu achei um homem, só achei para fazer três [?]filhos. **Que um homem que não assume a casa, não assume os filhos, que não faz nada, quer dizer, que é eu que assumo tudo.** (Dalva, 30/01/00).

Dalva andou fomentando a idéia de colocar um tabuleiro de acarajé próprio para ganhar seu próprio dinheiro, chegou-se a cogitar a possibilidade de um bom ponto que ia ficar livre na Universidade Católica onde Orlando (pai de Ibijara) trabalha; ele conhecia bem a baiana que queria vender seu ponto e o tabuleiro, e eu facilitaria o contato com a reitoria da Universidade. Mas ela nunca tomou as providências necessárias para conseguí-lo de fato; devia estar dividida e acuada pelo desconforto de Mãe Dialunda, pois esta possibilidade de independência de Dalva não era do interesse de Mãe Dialunda, que colocava empecilhos porque via, nessa possibilidade, a perda do seu controle sobre a força de trabalho de Dalva e sobre sua própria produção e ponto de acarajé:

(‘-Ela sabe dessa história do delegado André querer colocar um tabuleiro e arranjar um ponto para você vender acarajé?’). Sabe! Sabe. Ela disse a ele que não era pra fazer isso pra mim, não. Que ele ia me dar o curso. Ele ia pagar o curso [para trabalhar em restaurante]. **Ela disse a ele que não era para ele fazer isso**

**não, porque quem cozinhava e ajudava ela na venda era eu.** Aí ele disse que ia deixar eu para a fritura mesmo, que ia conseguir um tabuleiro e um lugar. (‘-E ela? Está gostando?’). Mas ela não vai gostar! Porque, minha filha, cada um deve procurar a sua vida. De um lado, ela entende o que eu faço, de outro lado, ela não entende o que eu faço por ela [...] Então, quer dizer... **ela protege Ibijara e me acaba. Porque eu praticamente não me ‘considero’ aqui como se fosse da família. Eu me considero aqui uma empregada.** Eu acordo de manhã aqui, desço. É fazer venda, é fazer comida, é casa, é roupa. Se eu não quiser me acabar, eu tenho que esquecer a metade, e tenho que fazer tudo. Enquanto mais você faz, mais você não presta. (Dalva, 30/01/00).

## TERCEIRO ATO

### *Desfecho familiar no presente*

Mãe Dialunda começou a sentir o peso dos anos e o cansaço da vida. Não tem mais a energia e o fôlego de antigamente. Até seus rígidos critérios normativos parecem ter amolecido. Na sua casa, se multiplicaram os problemas, principalmente a quantidade de bocas a sustentar. Ela procurava fugir de tudo isso quando ia trabalhar no Abrigo, onde encontrava paz e sossego. Ao voltar para casa, encontrava conflitos, cobranças, gritos e brigas de crianças e adultos... interações criadas em parte por ela, mas com as quais não consegue mais lidar como antigamente. Esse cansaço parece ser produzido pela fraqueza do corpo e por outros problemas crescentes de saúde: problemas de coração, diabetes, na vista, entre outros. Mas o seu desgaste é igualmente resultante do acréscimo de problemas e tragédias familiares resultantes de um grupo tão extenso os quais ela procura acobertar.

A bagunça que é a vida de vó agora não é nada do que era antes! Ela gostava assim de Natal, a família toda passar junto, nunca toda, todos juntos, mas até minha mãe vinha sexta feira santa. Todos ficavam juntos. Era uma alegria! Agora todo mundo se separou, ninguém liga mais. **Os filhos de vó são tudo... ninguém procurou ajudar ela. Todo mundo procurou viver sua vida e esqueceu que ela existe. Só procurou fazer filho, jogou os filhos nas costas dela. Ele [Ibijara], minha mãe e Alberto. Até minha sobrinha Vilma, tava morando aí. Nívea levou. Vó não queria deixar levar embora. Nívea deixou bem tempo, depois pegou [e depois tornou a deixar. Da última vez a pequena Vilma dormia no quarto de Dalva e seus dois filhos menores, os quatro compartiam a cama de casal].** (Carla, 26/01/99).

Ela está super cansada [...] Porque lá em casa é o seguinte: **não tem respeito** sobre ela. **Apesar dela respeitar, amar todo mundo, mas ninguém sabe gostar dela** [idéia de *consideração*]. Porque desde quando que não dão um sossego a ela... Nego pode até passar para mim: ‘ah, eu gosto... mas...pra mim não gosta. Pois minha mãe chega do trabalho cansada, é... no outro dia, chega tarde, né, tem direito no outro dia de dormir. **Que eu mesmo sou homem, né? quando chego de farra, qualquer coisa eu quero dormir.** Aí,

principalmente ela, que na verdade, além de ser mulher, e ela estar em certa idade. E eles abusam demais. Aqueles meninos são muito danados, não respeitam ninguém. Os de Dalva e os de Beto também, todos eles. Certo. E vai mais confusão para a cabeça dela. Ela às vezes quer descansar, quer ficar em um lugar tranqüila... e não pode. Que eles estão procurando problema, brigas, eles mesmo se brigam. Não quer fazer o que eles tem *direito* [dever] deles fazer, e aí... o pequeno tá trazendo um super problema para dentro de casa. É briga na rua! Não respeita os mais velhos, vai queixa para dentro de casa. A escola mesmo, a mãe esconde muito erro dele... [é] muito respondão... E tudo isso vai pra cabeça dela. A situação da vida que... ela está cansada e não tem mais força para trabalhar. Problemas. Dívida para pagar, sempre ha uma dívida para pagar [de netos, filhos]. Coisas para ela fazer. Então ela não descansa, não tem descanso para ela, ela não tem sossego. (Betinho, filho de criação, 30/01/00).

A sua casa mais parecia um campo de batalha onde se travava todo tipo de guerras e disputas e nas que ela sempre intercedeu<sup>17</sup>. Sua relação de tensão com a nora pareceu transfigurar-se e, aos poucos, ir fortalecendo a posição da nora que, pela sua juventude, vitalidade e capacidade de trabalho passou, cada vez mais, a substituir Mãe Dialunda na venda. Dialunda cada vez desce menos ao Abrigo para fazer o que mais a alegrava: estar no meio das outras amigas baianas. Nessa inversão de papéis, Mãe Dialunda se enfraquecia e sentia-se humilhada, pois passou a depender do trabalho e do ganho de Dalva. Do exercício do papel dominador parecia estar destinada a assumir um de maior dependência, imposto pela velhice, maior fraqueza e falta de saúde, porém o de maior autoridade seguramente até o dia da sua morte. Seus netos achavam que ela estava mais fraca e diferente e repetiam o que os médicos diagnosticavam: que se não se cuidasse não duraria viva nem mais seis meses. Nas entrelinhas dos discursos de alguns integrantes deste grupo familiar, Dalva pareceria atuar estrategicamente no sentido de criar maior discórdia e divisões no seio da família. E ao que tudo indica, provavelmente será a pessoa

---

<sup>17</sup> Curiosa é a letra da música (dos Racionais MCs) que os netos pequenos de Dialunda mais gostavam e escolheram cantar quando incitados a gravar o que quisessem:

Minha intenção é ruim,  
esvazia o lugar!  
Eu tô em cima, tô aqui,  
vamos dois esfatiar.  
Eu sou bem pior,  
do que você está vendo frente aqui.  
Não tenho dó! É cem por cento  
vendendo a primeira faz PUM!  
A segunda faz TAAA!  
Menino...eu vou na boca de fumo,  
eu vou na ponta de faca,  
Eu tenho uma missão,  
que eu não vou parar!  
Meu estilo é pesado  
e vai ser pelo chão  
E minha palavra vale tiroteio  
Muita curtição.

vitoriosa, aquela que soube agüentar, calada e pacientemente, todo tipo de humilhações, sem reclamar ou romper com este modelo relacional, que foi, até eficazmente, por ela introjetado, ela foi a que me pareceu ser a mais apta – pelo capital simbólico adquirido – na atualidade para seguir reproduzindo este sistema relacional. É possível que todo seu esforço e sofrimento finalmente tenham valido a pena.

É bem provável que Dalva termine ficando para sempre na casa de Mãe Dialunda, com seus filhos, e que Ibijara se mude para outra – como aconteceu em junho de 2003 – ou que, com o tempo, ambos aprendam a “conviver” como marido e mulher de forma mais pacífica. Em 2003 haviam claros indícios de que Mãe Dialunda estava sendo substituída por Dalva, que estava assumindo o sustento do grupo familiar. Dalva estava mais alegre, comunicativa, emagreceu mais de 20 kg, contava contente, e usando dentadura postiça que lhe devolvera um belo sorriso. Ela descia todos os dias para vender acarajé no lugar de Mãe Dialunda no Abrigo, e é quem a acompanha nas vendas de acarajé por encargos, para eventos ou festas (vide fotos no Anexo D). O poder entre as duas mulheres está agora mais equilibrado. Mãe Dialunda continua sendo a chefe da casa e principal referência de autoridade familiar, mas a posição de Dalva não é mais de servidão como a que a caracterizava quando a conhecemos, passando a opinar e participar mais das visitas da casa e mostrando satisfação com seu trabalho no Abrigo, que lhe devolveu a autoestima perdida. Quando Mãe Dialunda morrer, é provável que fique insustentável a permanência na casa dos seus outros netos e filhos que ela protegeu (os filhos de Antônio Alberto, e o irmão de criação de Ibijara: Betinho), o que dependerá das alianças ou conflitos entre eles em cada nova conjuntura. Está é apenas uma probabilidade que me pareceu plausível vir a se desenvolver no futuro deste grupo doméstico. Como a própria Dalva insinuou, com Mãe Dialunda tudo pode acontecer. Mas não só! As adversidades do meio fazem impossível qualquer planejamento ou previsão, e grupos fortes ou potencialmente vitoriosos, hoje, poderão enfraquecer-se, no futuro, a depender das vivências e do curso vital de cada um, processo que será melhor visualizado na descrição da saga familiar de D. Cida parteira. Atualmente, Dalva não tem lugar melhor para onde ir apesar do inferno que dizia ser sua vida; e, ficando, tem maiores possibilidades de terminar ganhando e herdando não só a casa de Mãe Dialunda como seus dotes e o ponto de acarajé, o que, de alguma forma, já aconteceu. Toda vez que passo pelo largo, vejo Dalva vendendo acarajé no ponto que sempre foi de Mãe Dialunda.

Por mais que Mãe Dialunda tenha insistido com suas netas para construir casa na laje da sua casa – onde moravam Dalva e Ibijara – nenhuma delas aceitou a proposta devido à proximidade e tipo de relações que seriam obrigadas a manter com essa parte da parentela, que não apreciam e não tem sido nada fácil administrar. Dalva e Ibijara, cada um à sua forma, pareciam resguardar com zelo, diferentes táticas e estratégias, o direito a esse pedaço de chão, que não pareciam estar dispostos a compartilhar com outros dos atuais habitantes. É assim que, neste caso, foi uma daquelas mulheres *outsideres* e externas, a nora, aquela que me pareceu ser a potencial herdeira da posição ocupada por Mãe Dialunda, e não uma neta ou pessoa do seu sangue, como ela esperava. Talvez isto se deva em parte ao fato de que Mãe Dialunda manteve sempre uma relação de maior proximidade e aliança com seus filhos homens do que com suas filhas mulheres, o que, ora por competição, ora por incompatibilidade de gênios, terminou por afastá-las dela. As netas se re-aproximam da matriarca atualmente, em posição estruturalmente menos avantajada que a dos próprios filhos da matriarca, possivelmente pela diferença etária. Elas por sua vez preferiram construir seus próprios espaços separados desta casa, mas foram ajudadas pela matriarca nesse projeto.

As relações de poder e luta de interesses no interior desta família são muito evidentes. No *campo* do poder, diz Bourdieu (1997), se manifesta o espaço de relações de força entre os diferentes tipos de capital – dos distintos participantes do campo. As estratégias dos agentes nas suas lutas, suas tomadas de posição dependem da posição que eles ocupam na estrutura do seu campo, isto é, na distribuição do capital simbólico específico que, através da mediação das disposições dos seus *habitus*, leva-os a perpetuar ou subverter as regras do jogo. Dalva é aquela que se submete e segue as regras. Seus filhos e netos tenderam a se subverter e afastar da matriarca. Mas essas diferentes estratégias e posições ocupadas (pelos dominantes e os pretendentes), dirá Bourdieu, também dependem do estado da problemática legítima, isto é, do espaço de possibilidades herdado de lutas anteriores, o qual tende a definir o espaço de tomadas de posição possíveis, orientando a busca de soluções e, em consequência, define a evolução do jogo de forças. Dalva, ao longo dos últimos anos foi aturando, cooperando e conquistando Mãe Dialunda, apreendendo e reproduzindo o seu modo de vida, pelo que foi, legitimamente, ganhando um espaço que a princípio nem mesmo a matriarca esperava outorgar-lhe.

## CAPÍTULO III – “SÓ EU QUE SOU AVÓ, MÃE E PAI”

### NA CASA DE D. CIDA PARTEIRA:

### OUTRO MODO DE CHEFIA FEMININA.

*Although there was always generosity in the Negro neighborhood, it was indulged on pain of sacrifice. Whatever was given by Black people to other Blacks was most probably needed as desperately by the donor as by the receiver. A fact which made the giving or receiving a rich exchange. (“I Know why the caged bird sings”<sup>1</sup>, ANGELOU, Maya apud STACK, 1974, p. xvi).*

#### APRESENTAÇÃO DO CENÁRIO

Esta rede de parentesco, como a anterior, estava centrada na figura de D. Cida, uma velha parteira, muito querida na sua vizinhança, que trouxera ao mundo muitos dos jovens que por aquelas ruas circulam. Ela trabalhou a vida inteira para o sustento do seu grupo familiar, junto a seu marido, e após a morte deste transformou-se na chefe desta família e desta *casa*, criando e mantendo filhos, netos e bisnetos até o dia da sua morte. Seu grupo familiar, um arranjo extenso quando do primeiro contato em 1992, foi se transformando ao longo dos anos. Ele se ampliou e se dividiu em novos arranjos domésticos interligados, vivendo todos, sempre, no mesmo espaço, originalmente uma única casa, agora transformada em quatro unidades semi-independentes. Foi esse processo de modificações espaciais ocorrendo de forma paralela à evolução e à dinâmica familiar, que interessou estudar e descrever na etnografia familiar de ambos grupos ao longo dos últimos 10 anos, com suas respectivas particularidades e que se retoma mais detidamente no próximo capítulo. As idas e vindas de netos e filhos, a circulação de pessoas e re-configurações espaciais nesta rede de parentesco é muito similar às já descritas na família anterior.

---

<sup>1</sup> “Mesmo que sempre houvesse reciprocidade/generosidade entre a vizinhança de grupos negros, esta foi sempre consentida pelo sacrifício da dor. Qualquer doação de um negro a outros negros deve ter sido provavelmente resultado de uma necessidade desesperadora tanto do doador como do receptor do favor. Reciprocidade que faz do “dar” e “receber” uma rica troca.” – Eu sei porque o pássaro engaiolado canta. (Tradução nossa).

Quando entrei em contato com esta família pela primeira vez, em 1992, o domicílio de D. Cida – então uma grande família extensa – abrigava sete adultos e vinte crianças/ adolescentes. Eram eles: D. Cida, então com 75 anos; Júlio, o filho deficiente mental; dois filhos de Merina (filha de criação), Dina (filha caçula de seu Diogo e D.Cida) e seus quatro filhos, Neneca (filha viúva e mais velha do casal, que voltou a se unir) com seus sete filhos e seu novo companheiro (Gilson); um neto adulto de D.Cida criado desde o nascimento (Téo) –filho de Lena – e seu filho (William), que era criado por Lena (filha primogênita de D. Cida do seu primeiro matrimônio) até sua morte, em 1990. Foi quando William e os outros seis filhos de Lena passam a ser criados por D. Cida. O atual companheiro de Dina e pai de seus quatro filhos – Doca – aparecia no domicílio eventualmente pois residia com seus pais, ele era chapista mas estava desempregado a maior parte do tempo naquela época. Para identificar cada um dos membros deste grupo familiar, idades e posições ocupadas ver o genograma familiar (Figura 5 adiante), formulado a partir do ano 2000 com inclusão de novas crianças nascidas.

D. Cida recebia duas aposentadorias: a do marido, falecido em 1985 (que era trabalhador rural e “vigilante noturno” em prédios da Pituba), e a dela própria, como parteira e agente de saúde. Julio, como encostado deficiente do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), também recebia uma pensão, devido à previsão de seu Diogo que pagou o INSS dele durante anos, antes de ser encostado por deficiência mental, e pensão que sua mãe, D. Cida, administrava.

Neneca recebia uma aposentadoria como viúva do marido falecido, que teve ofício de “guincheiro mecânico”, mas foi registrado em carteira como “servente” na empresa onde trabalhava. Neneca passou a maior parte da sua vida cuidando da casa e dos filhos. O novo companheiro de Neneca a partir de 1988, Gilson, autônomo, fazia trabalhos como “pedreiro e biscateiro” quando não estava desempregado.

Dina, por sua vez, sempre trabalhou, com faxinas, obras de construção civil e atualmente em marcenaria (polimento de móveis). Merina, que nesse período vivia em São Paulo, pouco conviveu nesta casa depois de ter seus filhos. Ela trabalhava em casas de família e trabalhou também em restaurantes. Lena, a falecida em 1990, desde cedo foi morar longe da casa, em casas de família onde trabalhava, viajou bastante pelo Brasil como dama de companhia ou empregada,

foi também cobradora de ônibus e fazia os “partos” junto à mãe. Como seu Diogo (padrasto dela) era a que mais gostava das práticas do Candomblé.

**Aí ficou a casa cheia que parei nim, nim vinte, vinte e duas criança que eu tinha aqui dentro de casa, de menor. Eu dava comida a essas vinte e uma criança. Hoje em dia já tão mais... uns já tão sobre si, outros tão coisa, mas tá tudo aqui comigo. Sempre trabalhei [de parteira], aí me aposentei, sou aposentada né? Mas inda tô velhinha assim, mas inda faço ainda, que meu bisneto quem pegou foi eu. [fez o parto]. Meu bisneto foi, peguei um bisneto e se chegar assim numa hora, tiver uma [grávida] precisando mermo, que eu vê que dá pá fazer, eu faço. Mas só que eu não faço mais, já pedi minha aposentadoria, tô aposentada porque... perdendo as força né? Porque minha idade não dá mais pra fazer certas coisa. (D. Cida, 22/01/1997).**

D. Cida, diferente de Mãe Dialunda, teve mais filhas mulheres, pois seu único filho homem, Julio, que para a tristeza de todos era deficiente mental, morreu jovem, com 31 anos em 1994. O sentimento de impotência de Neneca manifesto pela inexistência na sua família de um irmão homem saudável fica claramente evidenciada na seguinte narrativa, que não parece ser resultado da inimizade que tinha com suas irmãs senão da centralidade da figura do filho homem neste tipo de arranjo:

**Eu não tive infância. Não sei nem o que é isso... Mas minha convivência com meu pai e minha mãe foi muito boa... Nunca me faltou nada, graças a Deus. Só me faltou, sabe o quê? Mais irmão. É, mais irmão homem. Porque eu só tive um... e... eu queria ter mais irmão homem, eu queria me sentir mais... eu acho que a pessoa/ numa família com filho homem... a pessoa se sente mais protegida. E eu não tive esse irmão. E o irmão que eu tive era doente, entendeu? Irmã eu tenho um bocado... Mas... é mesmo que não ter. Todas elas. (Neneca, 23/02/99).**

A posição ocupada por um filho homem na estrutura familiar matriarcal estudada é claramente de destaque, de clara diferenciação e privilégios adicionais em relação à ocupada pela filha mulher. Isto porque operam simultaneamente o princípio da consangüinidade da família, um dos alicerces deste modelo, associado ao da “dominância masculina” (no sentido de masculinidade hegemônica<sup>2</sup>) na sociedade mais ampla em que estas famílias estão inseridas. O filho homem, ainda que simbolicamente e não necessariamente de modo pragmático, é o que representa e vincula este modelo centrado numa força eminentemente feminina, a da mãe, ao modelo social da ideologia hegemônica no qual o homem tem maior força e poder social. Como homem que é para a sociedade e como filho/ irmão/ tio/ primo (consangüíneo) para o modelo matriarcal, os filhos

---

<sup>2</sup> O termo “masculinidade hegemônica” é elaborado por Miguel Vale de Almeida (1995) em seu estudo sobre homens em Portugal. Ele define o termo como o “modelo central” que opera pela negação das outras “masculinidades subordinadas ou alternativas”, e que é o modelo da dominação masculina que inclui a heterossexualidade compulsiva [busca de várias relações sexuais com várias mulheres] e reprodutiva.

adultos da matriarca, principalmente, são por excelência os que exercem esse poder articulador e intermediário entre as relações que o mundo da família estabelece com a sociedade mais ampla. O filho homem, por isso, ocupa posição de destaque e central na díade mãe-filho. Na falta de filhos homens, esse papel também pode ser ocupado por um neto adulto, um tio, etc. Essa autoridade do parente consangüíneo é amplamente documentada pela antropologia em grupos matrilineares ou identificada como aquela posição ocupada pelo “tio” – irmão da mãe – em grupos de parentesco africanos (ver COLLIER; YANAGISAKO, 1987; FONSECA, 1995, 2000; GUYER, 1998; RADCLIFFE BROWN, 1973; SETEL, 1998; STRATHERN, 1986, 1995; TOWNSEND, 1998). Por isso, em homens consangüíneos adultos recai uma autoridade que é necessária para garantir a proteção do grupo para fora, para a rua, para a sociedade. A ausência do filho homem neste modelo é vista, por isso, como uma calamidade do destino. Isto porque os papéis de esposo e pai, que obviamente existem, não são tão operantes neste sistema, nem suficientemente valorizados como em um modelo de família nuclear. Os homens com laços de afinidade partem e deixam a casa com maior freqüência, são laços mais frágeis. O laço de sangue é indestrutível. Dos filhos pode e geralmente se espera uma eterna reciprocidade.

Quando o papel masculino é assumido pelo marido ou esposo esse é um claro sinal de afastamento do modelo matriarcal anterior ao que se pertencia e possível ascensão social, formando-se agora um novo arranjo nuclear chefiado pelo homem – que costuma ser modelo relacional bastante almejado por muitos dos homens e mulheres pesquisados, devido a sua associação a certo indicador de “sucesso” econômico. No arranjo matriarcal, esta posição masculina, mesmo existindo, é menos operante do que a posição de um homem consangüíneo da matriarca. Os homens casados ficam subordinados à autoridade matriarcal, pois os vínculos de afinidades tendem a ser mais fracos que os de consangüinidade. Em alguns casos. Porém, o princípio de consideração pode atuar em direção contrária, fortalecendo mais o afim do que o consangüíneo. É esse o papel que ocupou longamente o genro de D. Cida, seu Léo, marido de Neneca, quando era vivo.

Neste grupo familiar, as relações de conflito e alianças concentraram-se entre mulheres consangüíneas e irmãs, Neneca e Dina, que viveram na mesma casa em uma eterna disputa por conquistar o amor e a consideração do pai e da mãe. Seu Diogo, inicialmente, e D. Cida depois,

donos da casa e centro do poder doméstico, distribuíam favores e pedaços do terreno da casa aos seus aliados e prediletos. Observou-se que no arranjo matriarcal, independentemente da força exercida pelo princípio da consangüinidade, a hegemonia no mundo da casa e o exercício desse poder nas dinâmicas e relações domésticas é eminentemente feminino. As mulheres são as verdadeiras donas da casa e as que costumam ficar com ela em casos de separação, vivendo com suas respectivas proles. O homem, independentemente de ser filho, consangüíneo ou não da rede matriarcal em estudo, é aquele que tende a circular mais entre distintas casas, partindo para o de outra mulher ou da sua respectiva rede de parentesco originária (seja de linha paterna ou materna, que são acionadas, indistintamente, a depender de cada conjuntura). O espaço da casa mostrou ser um *campo* eminentemente feminino neste tipo de arranjo.

D. Cida e seu Diogo gozavam de certo status e prestígio na sua comunidade como uma das famílias mais antigas e bem estabelecidas da região. Ela, pela sua atividade como parteira, ele, pelos serviços de candomblé prestados à comunidade e pela barraca de bebidas e alimentos que tinham na frente da casa. Eles conseguiram adquirir vários terrenos e casas no Nordeste e tinham terrenos na Ilha de Itaparica, mas foram perdendo-os gradativamente no final da vida de seu Diogo, ficando apenas com a casa onde moravam. Criar filhos de outros (como Merina) é outro dos sinais de prestígio, indicador da possibilidade da família de arcar com os recursos materiais necessários para tanto. Também nesta família a filha de criação tinha mais deveres que as outras e sofreu maior discriminação, sem direito a ficar com um pedaço de chão ou casa. D. Cida e seu Diogo, sempre trabalhando, foram criando as condições para estabelecer o recurso central para a reprodução e o desenvolvimento da sua estirpe: a posse da *casa*.

[Sobre as filhas] Elas num tinham tarefas [As filhas não trabalhavam na casa]. Não! A tarefa toda vida foi minha. Não... não, porque tinha empregada... naquela época eu tinha quem fizesse. É, eu já tive... num tá vendo eu lhe dizer que eu tomava conta de criança porque tinha condição de dar, dar o amor, depois foi que eu caí no fracasso, caí no fracasso. E tô no fracasso ainda, né? que hoje em dia eu tô precisando de quem me dê, mas já tive pra dar, eu já tive pra dar. (D.Cida, 18/09/1992).

Quando seu Diogo e o marido de Neneca morreram em 1985-86 e os filhos de Lena – cinco que ela criava – ficaram órfãos e ao encargo de D. Cida em 1990, as dificuldades para a sobrevivência de todos começaram a se acumular. D. Cida não admitia pedir ajuda aos vizinhos, preferia, antes, ativar suas redes no mundo dos brancos com os quais se relacionou profissionalmente e

desenvolveu laços de amizade: o pessoal do centro de saúde, alguns médicos e políticos. Por ocasião da morte da filha Lena, recorreu a um político para fazer o enterro. Para que essa mesma filha obtivesse do pai das crianças uma pensão, recorreram ao advogado indicado por conhecidos de D. Cida e desconfiavam que essa ação judicial possa ter sido o motivo do seu assassinato pelo ex-companheiro e pai de três de seus seis filhos. O filho deficiente mental, Júlio, foi “encostado” pelo INSS orientado por um médico particular; e conseguiam empregos para alguns dos netos com seus contatos com políticos e médicos conhecidos. Mesmo aposentada, D.Cida continuou sendo procurada e consultada pela sua comunidade em diversos momentos. Ela sentia orgulho de poder ajudar os outros, outorgando conselhos de tratamentos terapêuticos, sendo uma referência importante para a vizinhança.

Mãinha não gosta [de pedir ajuda]. É bem capaz dela morrer se ela souber que... é bem capaz dela morrer. A gente vende as coisa, se tiver alguma coisa, né, se for alguma coisa no valor de trinta mil a gente vende até por cinco pá num faltar. (Neneca, 18/03/1992).

Em 1992, D. Cida acordava diariamente às 5h da manhã, se ocupava do café das crianças e mandava dez delas para a escola; preparava o almoço, lavava a roupa da casa, arrumava a casa, com a ajuda de Dina, quando Dina não estava trabalhando. Ao meio dia, D. Cida servia o almoço, descansava, terminava de lavar a roupa, costurava um pouco para a família. À noite, servia o café com pão, colocava os netos para dormir e assistia TV.

Eu vou ser franca. Eu boto o feijão no fogo, cunzinho arroz e boto um pouquinho de carne dento. Mei-dia é feijão com arroz e farinha, bebe água, pronto. Feijão com arroz puro. Quando tem carne eles nem ligam. Começa onze e meia, começo dar comida onze e meia, começam a comer onze e meia, o último que vem comer é três hora. Mas tudo tem que ser dividido por minhas mão, porque não vai deixar ninguém dividir. Senão... os menino se esquece e come duas, três vezes o mermo. (D. Cida, 18/03/1992).

[À noite] São dois, dois cruzado de pão... É meio quilo de café por dia. De manhã e de tarde. aí tem vezes também que é suco (“- Puro ou com leite?”). Que café com leite, Jorge! [entrevistador] que café com leite, que manteiga, não entra a manteiga. Eu não cozinho separado porque eu não tenho nada pra dar a eles. (Neneca, 18/03/1992).

Neneca se ocupava das tarefas domésticas para a sua família, lavava, arrumava e mandava os filhos para a escola e às vezes fazia banca com eles. Todos viviam das pensões de D. Cida e do que pudessem adquirir os que trabalhavam. O neto mais velho de D.Cida, Téo, de 21 anos em 1992, envolvido com o tráfico de drogas, tinha bastante autoridade sobre os irmãos. Também nesta família, o dinheiro, quando adquirido pelos netos, era normalmente para seus próprios gastos pessoais em roupas, diversão e drogas, dificilmente colocado para à disposição do

coletivo. Entretanto, a autoridade com os menores e para fora da casa é amplamente exercida pelos homens da casa, quando a matriarca não está ou a delega. A última palavra é sempre a da matriarca. As filhas e os netos colaboravam nas atividades caseiras, mas apenas quando muito cobrados para isso. Neste grupo o temperamento de D. Cida, diferente de o de Mãe Dialunda, era mais meigo e flexível.

[No momento da entrevista] Acho que Robson... e Tiano... e Téo parece que tá pegando um biscate aí... **Mas só que eles trabalham mas não quer ajudar ninguém. Não paga/ não sabe quanto é que custa uma luz, não sabe quanto é que custa um recibo de água... não sabe.** Táí o chão pra pagar do terreno, eles nunca puxam o dinheiro pra pagar..... Então não adianta... (Neneca, 27/01/2000).

D.Cida comenta que pouco comemorou os aniversários na família, porque a situação após a morte do marido não o permitiu. Durante algum tempo D. Cida acreditou que vivemos várias vidas (espiritismo), e não recorria a “simpatias” ou curas sobrenaturais (candomblé); tampouco atribuía as deficiências físicas ou mentais a fatores outros que não os naturais, ao contrario do seu marido. Ela dizia nunca ter recorrido à magia para questões de amor ou de trabalho. Apontava como causas para as doenças mentais a cisma, o invocamento, a obsessão e o sugestionamento. D.Cida se declarava católica e freqüentava, em 1992, uma sessão espírita no bairro, onde recebia leite para uma neta desnutrida e com problemas cognitivos, a pequena Tatiana, que ao ser entrevistada após a morte da sua avó fez a seguinte declaração sobre o papel que D. Cida tinha na sua vida, repetindo o verbo “mandar” quase 25 vezes em sua curta fala:

Ela... **mandava eu...** comprar pão... **mandava** dormir cedo... pra ir pra escola cedo... **mandava eu** comprar feijão pra ela... aí eu comprava no mercadinho... e **mandava** dormir cedo... pra/prá ir pro médico, minha vó levava no médico... fazer exame... furar o braço aqui... Aí... ela **mandava eu** ir... ir pega o livro pra ver... o que eu tinha pra fazer... **mandava eu...** eu varria a casa... **mandava** lavar os prato... **mandava** lavar roupa... **mandava** fazer um bocado de coisa. Eu lavava a roupa certa... ela **mandava eu...** eu... eu na escola pra ver se tinha aula... vê se... se/se... coisava na rua... **mandava eu** ir almoçar, tomar banho pra ir almoçar... Ela **mandava eu...** eu comprar... meio quilo de feijão, meio quilo de carne... meio quilo de osso... meio quilo de... carne de sertão pra fazer... pra botar no feijão... Quando não tinha aula pra mim. Quando não tinha aula pra mim... **ela mandava eu... mandava eu... mandava eu...** comprar... pão pra tomar café... **mandava eu** comprar... batata pra fazer frita... **mandava** botar... fazer/fazer... fritura... po/pa... é... **mandava eu** machucar... o coisa na... [interfere Neneca dizendo-lhe: -“ela quer saber como é que Mãinha era com você... se ela... se era bom... era... Se ela lhe batia] Era boa! Batia não. Ela **me dava** as coisa... **me dava** ... pra eu ir comprar... **me dava...** bocado de coisa... merenda... **dava** manga... Daniel ... pegava manga pra ela... ela **me dava...** ela **me dava...** mesa... não me batia... Antes... [quando] minha vó era viva... [Vó] Metia a vassoura nos meninos... pra eles não me bater. Pra eles não me bater... **mandava...** //vã// \*\* pro centro **Mandava eu** buscar as coisa... no centro pra ela... **mandava eu...** ir pro centro pegar os brinquedo... **mandava** um bocado de coisa... fazer. **Mandava eu...** (Nova interrupção de Neneca: -“Né mandava não, menina!”) **Mandava** fazer um bocado de coisa... **Mandava eu...** lê a blibria... pra ver o que tinha... pra ver... [Tatiana agora dorme com Lídia na cama da avó, antes dormia] No sofá. Sozinha. Ele [William] durmia no/... na outra cama do sofá. (Tatiana, 27/01/2000).

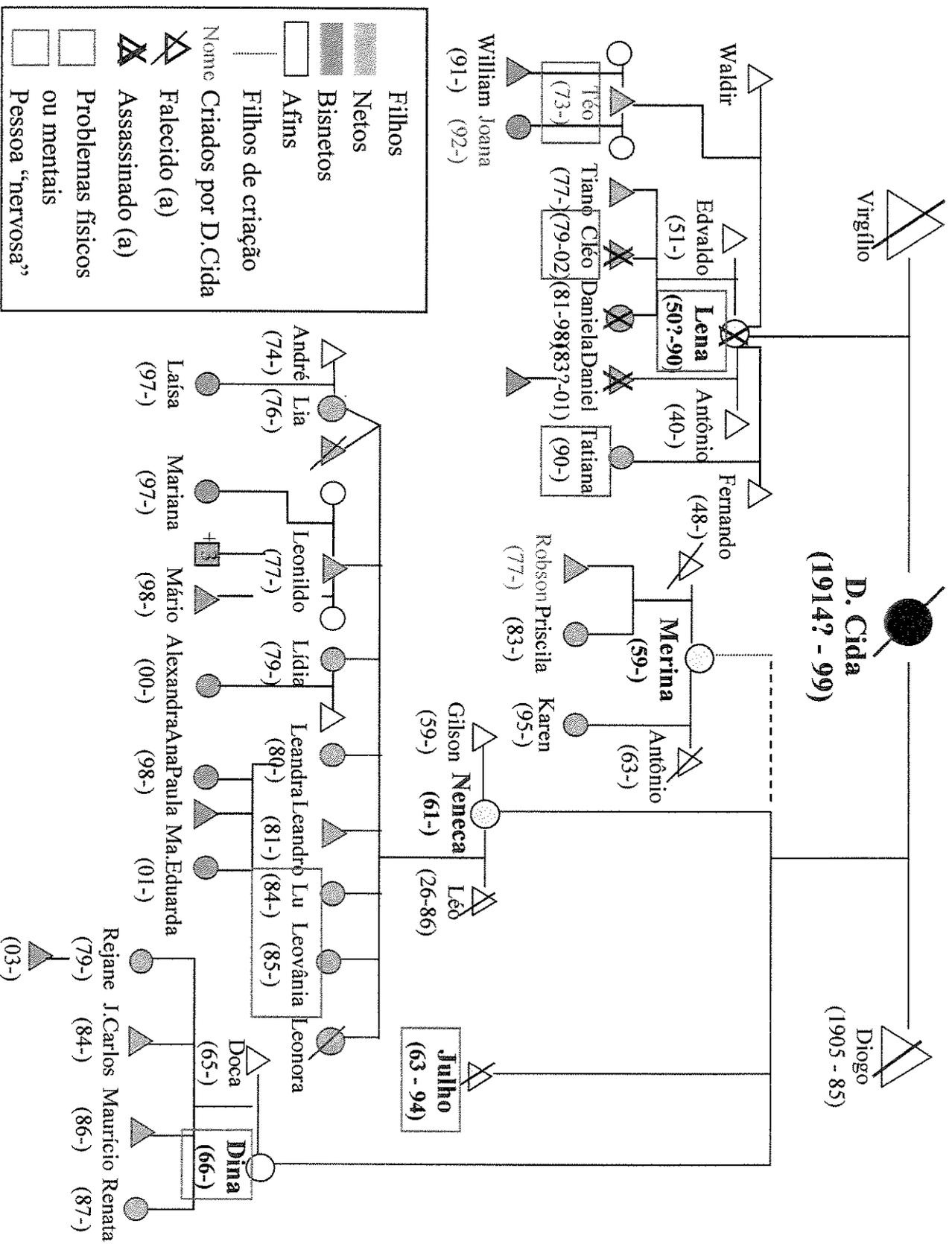


Figura 5 – Genograma da família de D. Cida.

Entre a sua vizinhança, dizia D.Cida, antes predominavam as crenças na Igreja Católica e no candomblé, que depois foram superadas pelo crescente aumento de crenças em diferentes seitas. Neneca considerava os crentes pouco sérios, como gente que se “faz passar por regenerada”, porque “se cansou de pecar”. Mas não tardou muito para que tanto D. Cida como Neneca fossem totalmente cooptadas por este discurso e passassem a freqüentar com assiduidade as sessões no bairro. Nos finais de semana, antes de morrer, D. Cida costumava descer para a Igreja Universal do Reino de Deus que se encontrava na Pituba, onde ela deixava sempre a sua contribuição em dinheiro. Havia um carro que levava os mais idosos e pessoas mais respeitadas do bairro.

Neste grupo se destaca a presença da morte trágica (assassinatos por envolvimento em tráfico de drogas e ou situações traumáticas). Como no outro grupo familiar, a presença da violência em todos os níveis é um marcador importante, principalmente entre os mais jovens, indicando a proximidade com o mundo da marginalidade e exclusão social em que tanto as famílias, e o bairro no que vivem, estão inseridos, em relação à sociedade mais ampla e vizinha de moradores abastados da Pituba e Rio Vermelho – bairros de classe média e alta que são limítrofes do Nordeste. Outro fator determinante foi uma considerável quantidade de membros -filhos e netos- com problemas físicos e mentais, característica que pareceu ir-se reproduzindo ao longo das gerações (ver genograma do grupo). Neste contexto, os indivíduos desta família entram em relações das quais nem sempre conseguem escapar, relações que vêm se repetindo ao longo das gerações, reproduzindo-se histórias que pareceriam não ter muitas oportunidades de poder se modificar.

## ATOS E PRINCIPAIS PERSONAGENS DESTA SAGA FAMILIAR

### PRIMEIRA PERSONAGEM CENTRAL

#### *Dona Cida (85 anos, parteira, viúva de dois maridos, 4 filhos e uma filha de criação, morreu em 1999)*

D. Aparecida dos S. R. T. (D. Cida) foi a “chefe da família” da sua rede de parentesco entre 1985, quando torna-se viúva e 1999, quando morre de infarte, no dia 13 de outubro, após receber uma intimação policial do vizinho. Diz-se que nasceu em Minas Gerais em 13/03/1904, e se esse dado for correto, ela teria morrido com 85 anos. Mulher forte, alta e de tez mais clara que seu segundo marido – de cor muito escura – tinha, quando a conheci, um cabelo branco bastante liso, do qual muito se orgulhava e estava sempre a pentear, encontrando-a muitas das vezes com o pente fixado no seu cabelo indicando seu hábito (ou vício como identificado pela filha), de ficar a pentear-se o dia todo. D. Cida foi uma das filhas caçulas de uma grande e pobre família mineira: comentou que teve treze irmãos por parte de mãe. Ela migrou para a Bahia com sete ou oito anos de idade, quando foi “*dada para criação*”, para trabalhar em casa de branco, “vendida” (“trocada”) por um vestido, por falta de condições de sua mãe sustentá-la. Seus outros irmãos também foram “dados para criação”, muitos dos quais sequer chegou a conhecer. Desde então perdeu todo contato com sua família de origem e começou sua vida em Salvador. Tem poucas lembranças da infância e diz ter trabalhado como doméstica na casa “adotiva” (“era vida de escravo”, contava, “até tronco tinha para castigar os empregados”), onde ficou até o seu primeiro casamento:

Minha fil... minha vida foi um romance, minhas filha num quer so... suportar o que eu passei, que eu passei fome, passei sede, passei... passei humilhação e venci. **Na minha infância, minha infância, na minha infância... eu num tive infância.** Eu num sabia o que era brincar com criança, num sabia o que era sair, num sabia o que era divertir, nem nada. Que uma criança com sete ano, oito ano, que eu vim po poder dele, né, po poder deles. Com sete ano, oito ano. Nove ano eu já enfrentava casa pra fazer serviço, todo serviço de dentro de casa: sabia lavar, hoje em dia eu faço de tudo na minha vida, tudo eu sei fazer, agradeço a ela porque tudo ela me ensinava. Aí eu sei viver, eu não tenho inimigo em cima desse mundo, não brigo com ninguém, não...

cuido de meus neto, de meus filho com amor, eu acho que... sou contra a violência, não gosto de violência, trato minha... meus neto...eles são demais! Mas eu trato só com amor, que eu acho que não tem jeito melhor no mundo que a gente se confiar em Deus e tratar com amor. (D. Cida, 22/01/1997).

Como Mãe Dialunda, ambas começaram cedo com o trabalho doméstico em casas de brancos. O casamento, como o descreveu, pareceu ser, no caso de D. Cida, a estratégia adotada para sair da casa onde trabalhava – quando fingiu ter engravidado para justificar sua partida e ser “forçada” pelo casal que “a criava” a unir-se a seu “devedor” pela suposta perda da sua virgindade, contava D. Cida na presença de alguns netos. Não é claro o tempo que ficou nesta casa, de onde saiu apenas quando casou e teve a sua primogênita (a finada Lena). Tais fatos teriam acontecido, segundo relatos da própria D.Cida, quando ela tinha 18 anos. Outras informações recolhidas, por exemplo a comparação de idade de Lena com o suposto ano de nascimento de D. Cida, porém, apontam para a possibilidade destes eventos terem ocorrido ao redor dos 30 anos de D. Cida<sup>1</sup>.

Vim [de Minas Gerais]. Aí eu casei a primeira vez, meu marido morreu, eu tive uma filhinha com ele, eu com 18 ano, ele morreu ni um acidente de carro. Ele era do exército, ele morreu queimado. E eu fiquei viúva. Com a filhinha. Aí comecei a trabalhar, trabalhava em Nazaré e ali no hospital Santa Isabel, ali eu fui aprendendo, mutchia coisa. Aí ficava no meio daquela medicina e eles tudo ali, eu fazia tudo pra eles na pensão e tudo... aí eu fui aprendendo mutchia coisa mermo... e cheguei em ponto, chegou em ponto de eu, de eu fazer um curso, e aí eu fui parteira. (D. Cida, 22/01/1997).

D. Cida lembra com carinho desse primeiro casamento que “não teve tempo de desgastar a relação”, no qual era bem tratada pelo marido, “se gostavam muito” e moravam em uma casa de aluguel em Brotas dada pelo próprio quartel em que ele trabalhava. Após a morte do primeiro marido passou muitas dificuldades com sua filha pequena, trabalhando como empregada doméstica numa pensão de médicos em Nazaré, até fazer o curso de enfermagem e parteira,

---

<sup>1</sup> Não foi nada fácil precisar uma cronologia das histórias familiares, pois parte dos dados foram fornecidos pela enfraquecida memória das pessoas mais idosas as quais tendem, como qualquer um, a reler o passado a partir de vivências e marcadores do presente e confundem marcos referencias do tempo. Sobre a idade de Lena e D. Cida, foram recolhidas distintas informações que não se encadeiam coerentemente, ficando confuso se Lena era mais velha do que se afirma ou se D. Cida mais jovem do que também se afirmava. Ao que parece, Lena teria nascido por volta de 1947 e morrido com 43 anos, em 1990, quando deu a luz a Tatiana, sua filhinha caçula. Se de fato D. Cida casou-se com o pai de Lena por volta de seus 18 anos, então ela deve ter nascido por volta de 1928 e não 1914 como se afirma. Ou então, se nasceu em 1914 –o que parece coerente com a idade por ela declarada ao longo dos 10 anos de contato e entrevistas – ela teria se casado pela primeira vez, quando nasce Lena, por volta de seus 33 anos. Se este referencial for o correto, D. Cida teve sua filha caçula, Dina, com 52 anos. Esta idade avançada de primeira união poderia ser uma explicação possível para sua baixa paridade, já que afirmou nunca ter feito uso de anticoncepcionais ou usado qualquer outro método de controle natal. Como amamentava suas filhas longamente, por mais de três ou quatro anos, isso poderia ter evitado a vinda de novos filhos. D. Cida teve quatro filhos, numa época, contexto e coorte geracional em que este dado parece ser destoante. Mãe Dialunda, ao contrário de D.Cida, iniciou sua vida sexual muito jovem, aos 13 anos, e declarou ter tido seis filhos, mas, ao contrário de D. Cida, declarou ter praticado muitos abortos e feito uso de práticas anticoncepcionais.

promovido por setor médico de hospitais públicos, no que parece ter sido um projeto piloto por volta dos anos 50.

Desse projeto, continua D. Cida, teriam sido selecionadas 40 mulheres para operar como “parteiras domiciliares”, das quais, com o tempo, só teria restado ela na sua comunidade. Ela trabalhava como assistente de médicos atrelada a alguns hospitais da cidade – o Ticila Balbino, o Iperba, o Santa Isabel e no 9º centro de Saúde – mediante seus serviços de parto domiciliar. Era chamada e só atendia casos de partos que fossem encaminhados pelos hospitais aos quais estava vinculada. Sua área de ação cobria bairros pobres de Salvador entre Itapuã e o Nordeste de Amaralina, aproximadamente 30 a 50 quilômetros de litoral. Casos de aborto só eram atendidos quando a mulher lhe confessava quem é que o tinha praticado, para controlar a prática. Visitava domicílios realizando partos, ensinando cuidados de resguardo de amamentação, aplicando injeções ou fazendo curativos de primeiros socorros. Nestas visitas era normalmente acompanhada pela filha mais velha, Lena, que aprendera bastante do seu ofício, depois, pelas outras filhas, especialmente Neneca, que preenchia os documentos para os registros de nascimento das crianças paridas, documentação exigida pelo hospital. D. Cida foi treinada como auxiliar de enfermagem e treinava estudantes de medicina a fazer o parto natural nos hospitais onde trabalhava. Também participava das campanhas de vacinação e de todo tipo de curativos nas comunidades onde circulava. Ela trabalhou como parteira até aproximadamente 1991, quando trouxe ao mundo o seu bisneto William. Nessa época, devido à idade avançada e à perda de força, ela declarou ter-se aposentado.

Foi nessa épa [época] que aí eu fui parteira, aí já, já tava viúva, aí pareceu esse senhor, que é o meu marido, aí eu tornei casar o segundo casamento. Nesse segundo casamento eu tive [ao todo] cinco filhos. Tive cinco filho, aí fui trabalhando e vivendo, aí vim pr’aquí pra [Nordesde de] Amaralina. **Eu tô aqui... vim pr’aquí em 40, de quarenta tô inté hoje. Aqui eu criei meus filho, criei meus neto e tô criando meus bisneto.** [...] O segundo casamento nós aturemos inté a morte. (D. Cida, 22/01/1997).

“Seu Diogo ” foi o pai de seus outros três filhos (ou quatro, com a filha de criação”)<sup>2</sup>. Ele já tinha seis filhos legítimos de uniões anteriores, morando com suas respectivas mães nas redondezas do bairro. D. Cida e seu Diogo moravam na mesma casa onde toda sua família mora até hoje, lugar

---

<sup>2</sup> Os filhos deste segundo matrimônio são: Merina (de criação), Maria Aparecida (conhecida no bairro por Neneca, “a lá de baixo” nos relatos de D. Cida); Júlio (o hoje falecido “doente mental”); e Dina, a caçula (tida como “nervosa” pelo grupo familiar e por ela mesma; denominada nos relatos de D. Cida como “a de lá de cima”).

onde nasceram seus outros filhos e a maioria dos netos, muitos dos quais D. Cida trouxe ao mundo como parteira. E com sua visão sobre a vida ea reprodução, diz nunca ter usado métodos anticoncepcionais nem praticado nenhum aborto: “Essa culpa eu não levo a Deus” afirmou sobre esses temas, julgando ser dos piores crimes que suas filhas ou netas cometeram em vida.

Seu Diogo trabalhava como vigia noturno em prédios da Pituba. Ele era adepto do Candomblé, e era iniciado como filho de Santo, filho de Xangô, fazendo nas horas livres “trabalhos” e dando consultas (“botava mesa”) como vidente para aqueles que o procuravam. Com o Candomblé de seu Diogo D. Cida, ao que parece e afirma, nunca compactuou – discutiam sobre as causas da doença mental do seu único filho homem, que para ele eram resultados de feitiço e que ele esperava curar. Diferentemente ela via o problema do filho Julho como questão de saúde, da qual não poderia sarar, apenas controlar e diminuir certas conseqüências. Mesmo assim, D. Cida respeitava a diferença religiosa e os modos mais violentos de educar os filhos do seu marido. Durante um tempo, D. Cida trabalhou como vendedora de cosméticos "Avon", e em outros tiveram uma venda familiar no quarto da frente da casa. Apesar de sempre ter trabalhado, mesmo antes do seu segundo casamento, D. Cida declarava que o sustento era trazido basicamente por seu Diogo e que apenas ele era o chefe da casa quando era vivo. Sua vida declinou muito depois da sua segunda viuvez.

O meu marido, ele nunca ficou parado, ele nunca ficou sem trabalho, ele era um homem que era vigia, trabalhou 40 anos de vigia, trabalhando pela noite, então quando ele ficava desempregado, ele ia intê catar papel na rua pra ter o pão pra dar aos filho, nunca foi preciso ele passar... nós passar necessidade, hoje em dia eu passo necessidade porque [sinto] a falta [da ajuda] dele, [e pela] minha idade que eu num tô güentando mais trabalhar, e os neto que tem muito na minha frente e o cargo é muito puxado. Eu tenho vinte e um neto pra eu dar comida e tenho um filho doente e eu já me sinto cansada que já não posso mais lutar, assim mesmo ainda luto, né. (D.Cida 14/10/1992).

**Trabalhar não mata ninguém não, né? Porque eu já trabalhei demais...Fazia muita coisa na rua, os partos, tudo... e os filhos aqui em casa...** Ah, eu [sempre] trabalhava... nós era unido!... eu mais meu marido era unido... ele trabalhava pela noite... e eu trabalhava pelo dia. Ele... durante o dia, ele olhava os f/ os mi/ os filhos, né? (D. Cida, 24/2/1999).

Durante o dia D. Cida trabalhava, fazendo partos, aplicando injeções, indo e vindo, enquanto seu marido andava pela rua ou ficava em casa com os filhos durante o dia. À noite era seu Diogo quem saia para trabalhar como vigia noturno em prédios da Pituba ou outros bairros de classe média alta. Este sistema de divisão do tempo de trabalho entre eles pareceu ser um acerto altamente benéfico para ambos e para a relação conjugal, que é descrita por ela, e por seus filhos,

como boa em geral, e de respeito mútuo. Segundo a filha Neneca, o pai não era ciumento e deixava sua mãe sair para trabalhar “por aí”, ressaltando a confiança que o pai depositava na sua mãe. D. Cida, em contrapartida, o respeitava, agüentando suas outras relações amorosas. Ela afirma ser da “filosofia do amor” e não “da violência” e tolerava com paciência e resignação seu jeito de ser.

Momentos críticos superados foram os da infidelidade do marido dentro da própria casa, quando seu Diogo trouxe, em duas ocasiões distintas, “outras mulheres” para morar com sua família. A prática de receber pessoas que não são da família e oferecer-lhes um teto é muito comum neste contexto, onde se “criam” crianças de outros ou amparam “por consideração” pessoas estranhas à rede de parentesco. Foi o caso da inclusão de Merina, incluída na família como filha de criação, tratada por vezes como empregada e trazida pelas mãos da pequena Lena, com nove anos de idade, quando recebera, contam na família, de uma mulher desconhecida, “essa bonequinha para ela brincar” ou, em outras versões, “achada no lixo” e trazida a casa por Lena. A circulação de crianças, e de pessoas adultas pela casa, como também se observou na outra família, foi uma prática freqüente e presente na dinâmica deste grupo familiar e de muitos dos lares do Nordeste de Amaralina.

Primeiro ele trouxe a primeira, né? A primeira ele trouxe... dizendo que era... sobrinha dele... que eu tava com um barrigão e... grávida. E dizendo que era filha/ que era... sobrinha dele, né?, então eu aceitei isso. Quando foi um dia... a minha filha... eu... eu saí, a minha filha disse/ quando chegou disse que encontrou ele... se beijando os dois... Aí eu... Sim, a filha que morreu. A mais velha. Depois eu pe/ botei ela em confissão, ela disse: “que ele tinha enganado ela, que ela trabalhava, que ele tinha enganado ela, e que... ela... era rapariga dele”. Morava com ele lá no trabalho. Na Gamboa. Ele tinha dito a ela que eu não/ é... “que eu era mulher doente... mais velha de que ele – quando eu era mais nova de que ele, né? – mais velha de que ele... que... eu não me/ não me incomodava com isso, não”. [...] Quando ele chegou em casa eu disse a ele. Né? Que ele me enganou. Enganou a menina, a criatura e... e me enganou a mim. Aí ele aqui... se achou de bravo pra botar ela pra rua, né? Disse que ... Ia mandar ela embora. [Aí] Eu digo: ‘Não, não vai embora, agora! Ela está no dia de ter menino... e ela vai ficar comigo... e você. Você vai agüentar ela... e a mim. Porque você fez o filho... e... eu sou parteira/ eu não posso dizer que vou botar ela pra rua’. Aí ele ficou dentro como que... aí... ficou inimigo dela... né? Aí eu agüentei ela até ela ter a criança. Quando ela teve a criança... aí foi embora/ mas foi embora mesmo! Que ninguém soube mais notícia nenhuma dela. Foi embora para o Rio. Isabel, o nome dela chamava Isabel. Foi embora. Nunca mais.[...] Aí ele... tornou arranjar outra. [-ao fundo Neneca comenta: ‘Achou foi pouco uma, arranjou mais’]. Arranjou outra! Passou muitos anos, muitos anos, muito anos, depois ele/ já depois de velho, ele arranjou outra! Arranjou outra/ lá pela Graça. As menina [filhas de D. Cida] que descobriu, lá pela Graça... quando ela só ta[va] com um/... perto de ter menino, ela veio pr’aqui. Ele trouxe ela!: uma branca! Aí essa, ele não disse que era nada dele, [só] que era conhecida dele de lá e tudo. Era o pai dela. Aí ele trouxe ela... quando chegou aqui ela ficou comigo aí um bocado de tempo... É! [Eu] Sabia! [que essa era uma rapariga dele]. Aí ela ficou comigo... depois então ela deu a dor de ter menino. [...] Aí ela ficou aqui dentro de casa e tudo, depois... pessoal dan/ me dando conselho, que eu botasse ela pra rua... que não dava mais pra ela ficar... aí ela arranjou um... um cara aí pra morar, com o cara... e deixou ele em paz. E deixou a mim também em paz. **Eu sempre agüentando mas... firme e na/ na/... em minha natureza que**

**não... não dava pra ... Não brigava com ninguém! Nem brigava com elas... e nem brigava com ele. Não, não dava pra eu... eu... discutir com ninguém... nem brigar e nem nada dessa vida. [...] Ele era coisa, agora eu que não dava... nunca brigava/ e nem nunca larguemos... com 40 anos que nós moramos juntos... nós é casada e... nós nunca brigamos. Nem eu e nem ele... nunca teve briga de nós, nem nunca ele separou de mim, nem eu dele. Nunca não teve nada mesmo!** Depois ele teve muitos filhos aí... tinha muitos filhos aí por aí... É tinha 21 filho! [...] Canso de dizer a elas aqui, a minha filha... se vocês agüentassem o que eu já agüentei... de homem, de marido... eu acho que... não chegava a tanto [Neneca diz: 'Eu não agüentava, não. Eu nem aguen/ óh! Nem com meu primeiro não agüentava, que tive mais de dezessete anos sócia... quanto mais com este agora'] Pois é! Todo mundo! **Essa daí, a outra de lá de cima... “elas tudo ciúma”.** E não agüentaram o que eu já passei! **E venci!** (D. Cida 26/7/1999).

Na sua forma de ver e compreender o mundo, D. Cida devia ser solidária ao marido, e no lugar de alimentar ciúmes e conflitos desgastantes, agia com tolerância, paciência e “inteligência”, porque assim, dizia ela: “ganhava sempre a parada”. Filhas e mãe recordam sem mágoa o mulherengo que foi seu Diogo. Na visão de D. Cida, o marido tem uma autoridade e um papel que não deviam ser contestados para o sucesso da relação e comentava, desapontada com o comportamento de hoje, de que : “a mulher antigamente não era como as moças de hoje”... “elas querem se igualar ao homem... e fazer o mesmo que eles”. Ela parecia ser da opinião que não se deveria trabalhar fora de casa se não houvesse comum acordo ou “autorização” do marido para isso. Entretanto, ela nunca deixou de trabalhar e sua profissão era muito prestigiada na sua comunidade, até mais do que a do seu finado marido, segundo meu entendimento. Tampouco aprovava o comportamento de suas netas e filhas para com seus parceiros, quando elas os enfrentavam publicamente e procuravam “fazer tudo que o homem faz”, como “traí-los, dando-lhes o troco pela sua infidelidade”. Assim, e apesar do discurso aparentemente mais submisso desta velha matriarca, seu exemplo de vida marca o contrário e destaca a autonomia, prazer e responsabilidade desenvolvida com sua atividade profissional como parteira e agente de saúde, que a manteve boa parte do dia fora de casa e colaborou de forma significativa para o orçamento familiar.

Ela passou a assumir exclusivamente a responsabilidade por todo seu grupo familiar após sua segunda viuvez, quando as dificuldades para a sobrevivência foram crescendo junto ao aparecimento de novos netos e a concentração de todos no mesmo espaço familiar. Apesar das dificuldades da sua trajetória ela se considerava uma verdadeira vencedora, e se entristecia em ver que nem todos seus descendentes tinham herdado a mesma atitude de luta frente à vida – ressaltando, como exceção, sua filha caçula que reconhecia, não tinha medo do trabalho, como ela. É o caso também da neta Lídia e talvez Leandra, que por falta de parceiro provedor em certa

fase das suas trajetórias, tiveram sempre que trabalhar, como a tia Dina. A neta Lia, como a mãe Neneca, logrou consolidar uma vantajosa união, com um bom e provedor parceiro, mas sempre quis e tentou trabalhar para ter os seus trocados.

Seu Diogo era considerado o chefe da família e um pai provedor porque sempre participou ativamente no sustento da sua família, mas, para isso, sempre contou com o significativo e prestigiado apoio da sua esposa. Todos seus bens (vários terrenos e casas) dizem, estavam no nome da sua esposa. D. Cida afirmou sentir-se respeitada e protegida por ele. Seu Diogo, como a maioria dos homens deste contexto social, entretanto, é lembrado e descrito como homem violento – “carrasco” na denominação da família. Quando bebia muito, já no final de sua vida e velhice, era normal agredir os filhos e a mulher. D.Cida tendia a negar a violência conjugal e descrevia seu relacionamento como pacífico e de bastante harmonia, apesar das dificuldades que relata ter sofrido junto a ele. Essa visão é confirmada pela filha de criação que viveu com eles durante a primeira fase de suas vidas, mas é matizada por Dina, a caçula, que vivenciou a proximidade do pai até o final e enfatiza certa imagem de fraqueza ou sofrimento que ela detectava na postura da sua mãe – a qual teria apanhado do marido mais do que ela costumava reconhecer, e de forma pouco reativa pelo seu temperamento:

Nós eram unido. União, nós vivia em união. Ele não fazia nada sem eu e nem eu fazia nada sem ele. Nós não brigávamos, não dava trabalho a vizinho nenhum, nem a nada. Nós vivia em união. No dia dele morrer ele, ele me disse a mim que ia morrer, aí ele tava se sentindo... mas ele era são... [...] morreu com oitenta ano, ele tinha oitenta ano, era mais velho de que eu, quando ele morreu. Mas nós vivia bem. (D. Cida, 22/01/1997).

**Às vezes quando meu pai chegava bêbado... batendo em todo mundo! <r> De/de chapéu/ como é? Com aquele chapéu... [Dina: ‘Com a/ com a aba do chapéu’] É. **Bafia em todo mundo**<sup>3</sup>. A gente ficava quieta. A gente num... não tinha televisão naquela época... só tinha um rádiozinho. A gente mesmo fa... **Ele bater em mãeinha? Não! Mãinha sempre foi uma mulher valente. Uma única vez que ele tentou bater nela, ela furou ele com um guarda-chuva. A única vez que ele tentou... Minha mãe era deste tamanho [mostrou ser mais alta que ele]... e forte. Era bonita, um corpo violão... Aí a única vez que ele tentou ela pe/ pegou [e] furou ele... Foi! Com um/ com o cabo do guarda-chuva. Aí ele: ‘Cê me tirou sangue! Cê me tirou sangue!’**. Aí pronto. Nunca mais meu pai... queria tocar na gente. (Merina, 23/01/2000).**

Ele [pai] morreu eu tava com 24 anos... minha mãe sofreu muito, até prá sustentar a gente. Até apanhar, apanhava, que hoje em dia ela não conta. Ela tem uma cicatriz nas costas que foi uma garrafada que meu pai deu, velho, bem velhinho, só você vendo, que você não dava nada por ele, ele morreu com 84 anos. Então

---

<sup>3</sup> A referência a pais violentos é uma constante em ambas as famílias. Desde os pais das matriarcas até os netos delas, o que não faltam são narrativas de filhos defendendo as mães ou irmãos da agressão de um pai bêbado ou tio violento. Doca se queixa do seu pai, mas fazia o mesmo com Dina e os filhos. Entretanto, a violência também é a das mulheres contra maridos e filhos. A violência opera como uma linguagem relacional, que vai sendo aprendida e reproduzida quase que naturalmente entre todos e diversas direções (HITA, 2003).

quando ele morreu, Mãinha ainda ficou com uma cicatriz nas costas, aqui, ó! **Prá você vê como era ruim/** tinha levado ponto. [Ele] Dizia: ‘fica sustentando vagabundo, bota essas meninas prá trabalhar, em casa de família, numa obra, alguma coisa’. Meu pai chegava bêbado em casa, já vinha do lado de fora... ele chegava bêbado dentro de casa acabando com tudo, Mãinha botava comida prá ele, ele quebrava... aquilo... a gente crescia com raiva, tomando pavor. Não era nem ódio, que ele era o pai da gente, né? (Dina, 16/03/1996).

Entre 1985 e 1990 aconteceu uma série de mortes trágicas e o rumo desta família viu-se modificado. Nesse intervalo de cinco anos morreram nesta família: seu Diogo (morte natural), o marido de Neneca (acidente de trabalho), a filha primogênita de D. Cida (violentamente assassinada) e o pequeno bebê de Neneca (inexplicado). Esta foi uma das fases mais críticas e trágicas vivenciadas por este grupo familiar. Crises e tragédias que não os abandonaram mais, e que pareceriam ter sido apenas o início de uma sucessão de novas e mais trágicas mortes neste grupo. Fui sentindo e acompanhando a tristeza e luto de cada nova perda de vidas nesta família, participando da sua dor pelas relações de amizade e respeito mútuo que fomos construindo ao longo dos dez anos de interação. Depois daquela fase se sucederam novas mortes: a do simpático irmão de Neneca com problemas mentais, Julio, e mais recentemente a de três netos de D. Cida envolvidos no tráfico de drogas, com fins trágicos e traumáticos para todo o grupo familiar. Estes últimos, todos filhos da finada Lena, que também fora assassinada violentamente.

Ele [Seu Diogo] morreu, eu fiquei. Sou viúva já há... já há dé...doze ano vai fazer. E tô aqui! Agora tô sofrendo com... guentando com neto, com os neto, bisneto. Aí parei dentro de casa, depois que meu marido pá... morreu, morreu. [E] uma filha minha, mataram uma filha minha, né? E ela... ficou com esses filho tudo aqui dentro de casa, fiquei com oito filho dela. [Da] mais velha. Esses oito filho fiquei criando, depois a outra [filha, a de criação] foi pra São Paulo, largou um, fiquei com outro. (D. Cida, 22/01/1997).

Com a morte de dois dos homens provedores e da filha Lena, D. Cida ficou sendo a única responsável de todo o seu grupo familiar e dos pequenos de Lena (cinco filhos e um neto) que ela passou a criar, junto aos dois netos que já vinha criando de antes – um filho de Lena e outro de Merina, a de criação. Pela importância no orçamento das três pensões que ela administrava, alguns serviços de saúde que ainda fazia e pela posse da casa, ela se transformou na nova chefe deste grupo familiar, de quem todos dependiam. Ela conta:

**Criei filho, criei neto, tô criando bisneto!... e tô aqui! Com a cabeça... no lugar! Com certeza! Oxênte... Oxênte... Me lembro tudo! Eu me lembro de todo mundo. Mas eu/ é porque eu/ eu que sou uma pessoa que... amava muito minha vida... não é porque eu sou cristão, não, antes de eu ser cristão mesmo amava muito a minha vida! Porque trabalhar não mata ninguém não, né? Porque eu já trabalhei demais... Fazia muita coisa na rua, os partos, tudo...** (D. Cida, 24/2/1999).

Não, pra mim... pra mim... Não tem diferença nenhuma, são as mesmas coisas... Eu como mãe...é uma forma, né? Quando Vó... é... é a mesma coisa... como bisavó, a mesma coisa! O amor que eu tenho a/ aos filho... tenho (a)os neto, tenho aos bisneto. **E... com os estranho também é a mesma coisa! Qualquer pessoa!** E eu/ e esse amor... aqui/ não é só os neto, nem só dos bisneto, **é do... do/ da consideração a todas [pessoas] que me considera.** Os meninos que nasceram comigo e tudo: ‘minha vó’ pra lá, ‘minha vó’ pra cá... (D. Cida, 24/2/1999).

É eu. Sou eu. Vó. É Vó mesmo. É, comigo é que eles [os filhos da falecida Lena] dormem, eles dormem lá comigo, comem... tudo pra eles sou eu. **A responsável deles sou eu,** não tem pai, pai [o verdadeiro] não liga, **QUE SÓ EU QUE SOU AVÓ, MÃE E PAI.** [O pai biológico deles] Já tem outra família e tem filho, ele acha que os filho de lá... só os de lá que é filho dele, os daqui ele não tem responsabilidade não, não é desses pai... ele não é pai não, sabe? É **mini-pai** ele, só assim, pra gente, que ele é pai, que a gente sabe. (D.Cida, 18/09/1992).

Como visto no outro capítulo, a “circulação de crianças” e a criação de filhos (de parentes ou não) é uma prática difundida entre famílias pobres brasileiras, pela qual as crianças costumam transitar entre as casas das avós, madrinhas, vizinhas e “pais verdadeiros”. Por isso se fala que essas crianças podem ter diversas “mães” e “pais”. Uma prática comum é a da mulher que abriga filhos de um homem parente seu – como foi o caso de William, que, sendo filho de Téo – primogênito de finada Lena criado por D. Cida – foi criado primeiro por Lena – avó paterna de William – e depois por D. Cida – bisavó paterna. Muitas mulheres criam crianças dos filhos, netos, irmãos ou outros homens de sua rede de parentesco. Este eficiente mecanismo de fortalecimento e re-atualização dos laços de uma rede de parentesco é uma forma de manifestação do princípio de consideração, variando os direitos, os deveres e as posições dos implicados a depender dos motivos que levaram a circulação de cada criança: se como demanda do adulto que as quer criar, e os pais lhe cedem o filho –criança como dádiva – ou se imposição e demanda de mãe necessitada – criança mais como fardo<sup>4</sup>. A situação dos filhos de Lena na casa apresenta distinções importantes: Téo, filho de Lena, e Robson, filho de Merina, foram tomados para criar desde o nascimento, enquanto os outros filhos de Lena só foram incorporados no grupo dos “netos criados” após o assassinato de sua mãe, sendo vistos assim quase como um “fardo”. Entretanto, a avaliação mais positiva ou negativa da criança que circula, como se observou ao longo dos anos, é variável, e depende da conjuntura e das dificuldades que se têm com elas em cada momento, podendo ser consideradas dádiva em certos momentos e fardos em outros.

Como na casa de Mãe Dialunda, D.Cida também educava e intercedia por seus netos, e tinha grande autoridade mesmo entre aqueles que eram criados pelos respectivos pais. Por sua própria

---

<sup>4</sup> Ver Fonseca (1995; 2000).

filosofia de vida, ao invés de aplicar a violência, dizia ela, os protegia e dificultava às respectivas mães o exercício de sua própria autoridade, pois a última palavra, como na outra casa, aqui também pareceu ser sempre a da avó e dona da casa, à qual os netos sempre recorriam em momentos de conflito:

Aqui ninguém apanha, aqui ninguém pode apanhar. Eu num posso recramar entendeu? Eu num posso chegar assim pá recramar, falar grosso com eles [filhos], botar no castigo, bater, querer bater, qualquer coisa de errado... eu num posso, porque vem a família toda pá cima de mim. [Eles dizem:] ‘Eu num posso fazer nada que Neneca acha ruim, Neneca quer me bater’... Vai dizer que eu bato? Eu... quando eles eram pequeno eles tavam do meu jeito, mas agora, agora mudou tudo. Aqui ninguém apanha, tô dizeno a você que aqui ninguém apanha, aqui ninguém pode apanhar, eu num posso recramar, se eu alterar a voz um pouquinho **a primeira que sobe é mãinha**: ‘Que é isso? Quê que tá aconteceno? Deixa os menino!’ Torra meu folêgo. Tudo que tá aconteceno hoje que os menino é desobediente eu só agradeço a mãinha, porque mãinha quer dar amor exagerado sabe? E esse amor num pode... menino num... você num pode botar ele no seu jeito assim... **E pá mãinha não pode ter violência não, pá mãinha, pá mãinha porrada é violência, pá ela é violência.** (Neneca, 26/07 1999).

Vovó agora/ ói! Vovó era boa... mas agora vovó tá chata! Tá... Acho que é a idade chegando... Fala de tudo... de tudo agora ela fala!, comenta... A menina tá sem calcinha... é... como é?... negócio de recibo de água pra pagar... luz... gás, quando falta... faz compra, some tudo!... As compra que ela faz/ aí os menino acho que pega, né?... troca por outra coisa... aí some tudo!, ela fica nervosa... fica de mau humor com todo mundo... tá muito chata ela... esses dias... Hoje mesmo/ ela tava acordada ou dormindo? Dormindo... Cheguei, e ela [disse]: ‘Já saiu?! Foi pra onde, menina?!... Saindo assim... Não fica dentro de casa mais!...’ Sempre dá uma... fala assim uma coisinha... Ela agora tá muito chata!... (Lia, 8/02/1999).

Ela começava a falar de cinco horas da manhã até a hora que ela ia dormir... Ela falava, tudo ela falava, tudo ela reclamava... Se tinha/ se Dina batia nos meninos lá em cima, ela tinha que subir... para reclamar com Dina, se eu batia num menino aqui, ela tinha que vir – que ela sempre tá/ ficava a favor desses netos. Ela nunca foi contra neto nenhum, por mais errado que eles tivessem, ela sempre tava falando que os meninos tava certo. Se um/um/um respondia a ela lá embaixo e a gente descia pra ir reclamar com eles, ela achava que /ela era contra a gente e a favor deles... entendeu? E a minha revolta que eu tenho mais com eles são essa: pô mais do que ela fez, mais do que mãinha/ não tinha/ não tem igual que faça o que mãinha fez! (Neneca, 27/01/2000).

A lembrança que os netos e filhos tem de D. Cida é bem similar à que se percebeu entre os netos do outro grupo familiar, mostrando serem o foco e principais responsáveis pela família. A única diferença é que neste grupo familiar, suas filhas e companheiros dependiam um pouco menos da matriarca, gerando alguns recursos próprios para os pequenos grupos. Como na outra, os gastos da casa e comida de todos sempre foram responsabilidade de D.Cida – até recentemente ao menos. O significado que o papel da mãe tem neste contexto social fica também elucidado em trechos narrativos como a seguir:

Pra mim... Ela [Avó] era... como se fosse uma mãe. Por que ela me tratava bem... me criou junto com minha mãe... Me alimentou... Só não me (teve) por quê... Me alimentou... [Me] cuidava. (Renata, 27/01/2000).

Ah, minha vó foi uma pessoa legal, sempre me apoiou, sempre me apoiou mesmo ali sempre quando eu tava precisando ela tava ali... (Leonildo, 27/01/2000).

De vovó... Deixou muitas/muitas lembrança boa, mas... que... a gente num deve esquecer. A mim mesmo... ela me apoiou, **me deu um lugar pra eu dormir**. Muita coisa boa. (Lia, 27/01/2000).

Acho que não dá/... **nem tem palavra pra falar em mãe, né?...** Eu acho assim que... eles [os netos –filhos de Lena] tão sofrendo [mais], sim... tá sentindo falta [pela morte da avó]... o quê ela fazia as coisa pra ele/ era/era ela que fazia as coisa/era ela que lavava a roupa, era ela que da/fazia comida... **era ela que botava o dinheiro dentro de casa, porque ninguém botava nada... entendeu?** Não tinha dizer que alguém botava, fulano botava... Nada disso! **Ela que fazia tudo pra família, em peso...** Então agora tá todo mundo sentindo na pele... *inclusive eu também tô sentindo na minha pele*, agora também... em geral, todo mundo... da/dos pequeno aos grande. (Neneca, 27/01/2000).

O único momento feliz que eu posso me recordar foi quando bateu a laje aqui em casa que **mãinha**, pô, ficou tão alegre, e ela ficando alegre eu também fico, porque **é a única jóia que eu tenho em minha vida**, eu tenho quatro filho, mas se um dia alguém chegasse assim e dissesse ‘prá sua mãe viver, vai ter que tirar um pedaço de você’, então eu prefiro dar do que deixar... porque é a coisa que eu mais amo na minha vida... não é tanto meus quatro filho, mas faço qualquer coisa por ela, se tiver que me jogar em baixo de um carro, dar minha alma prá minha mãe ficar viva, eu dava, **que sem ela, não sej não, viu?** Que ela me ajuda bastante..., tem momentos de raiva, de falar, ficar com cara feia, mas... me ajuda muito, nem tanto em dinheiro, quanto em palavra, pô só eu ver que ela está com saúde, prá mim é importante, prá mim não é preciso ter comida... E esse problema dele [Doca] que eu tenho que carregar essa cruz até o dia que Deus quiser... Às vezes eu penso até em sair pelo mundo e me mandar... [E não o faço] **não é tanto pelos filhos, é por mãinha, que eu penso que se mãinha não existe mais, que eu peço muitos anos de vida e saúde pra ela, se não fosse ela acho que eu já tinha me mandado, largava os meninos com ele**, mesmo que depois eu viesse buscar os meninos... (Dina 16/03/1996).

A relação com a mãe é tanto das filhas mulheres como dos filhos homens. Se o papel de pai e esposo de família não é tão obrigatório neste modelo, o de filho, entretanto, parece ser central. Filho de verdade é aquele que o demonstra e está atento às necessidades da sua mãe. Cada vez que houver conflitos, ou mesmo sem eles, o filho volta sempre para a casa da sua mãe ou origem. Foi esse o caso de Gilson e de Doca, os dois genros de D. Cida, que tinham com suas respectivas casas de origem –mães- uma relação forte e marcante e é também o que se percebe na fala de André, jovem pai, unido à Lia:

Sempre [Doca] morou aqui. Mas ele não afasta de lá da mãe dele! Ele não afasta da casa da mãe. Fica por lá... vem pra casa de noite, trabalha lá/ trabalha lá perto da mãe. Mora lá na Chapada, no Rio Vermelho. (D. Cida, 24/2/1999).

É, porque eu era muito... até hoje ainda sou muito pegado com meus pais, entendeu? Todo dia eu... tenho obrigação de ver minha mãe e meu pai. É. Todo santo dia! Ai eu passo lá antes de chegar aqui em casa... Minha mãe/ minha mãe é uma pessoa ótima, entendeu? Porreta. Dina conhece ela... Uma pessoa que... tem muito carinho pelos filhos, entendeu? E ela mesmo disse... que ela, quer dizer, ela gosta de todos mas esse/ o que ela gosta mais sou eu... Eu nunca tive uma discussão com ninguém em minha família... entendeu? Nunca teve uma desavença, sempre procurei **respeitar... e considerar**, tá entendendo? Às vezes eu tô aqui, não apareço lá, ela liga pra saber como é que eu tô... tá entendendo? Tudo isso. (Doca, 23/01/00).

Ah, meu pai... meu pai, J. M. de C, meu pai/ meu pai é... é diferente de minha mãe um pouco ele... Que ele... ele gosta muito de se divertir, gosta muito de jogar baralho... entendeu? Passa a maioria dos dia dele jogando baralho... lá perto de casa mesmo. Não bebe muito... Ele toma assim/ o que ele/ muito que ele toma assim é dois copo de cerveja e pronto, não bebe mais. Antigamente ele bebia muito... Bebia muito, às vezes chegava em casa... dia de... de sexta-feira mesmo, que ele saia do/da obra... Antes dele chegar em casa ele já passava no/numa casa de jogo... Aí quando chegava em casa às vezes chegava bêbado aí... Não conversava nem nada, todo mundo quieto que já sabia como era a bebida dele, aí pronto. **Aí começava a bater em quem tivesse na frente... Com minha mãe/ minha mãe a gente sempre protegia ela... Ele <r> ele ia pra cima dela aí primeiro tinha de bater na gente... que a gente não revidava, entendeu? Só tomava a frente pra ele num/ bater em minha mãe.** Aí quando ele tava lúcido/ficava lúcido... ele aí se acabava de chorar, chorava tanto pedindo perdão de joelho assim ó. A gente aí não agüentava, minha mãe, a gente, tudo chorando assim ó... Porque sabia que era uma coisa normal/ que não era normal o que ele tava fazendo, entendeu? Porque ele lúcido era diferente mas... minha mãe ficava rezando pra dia de sexta-feira ele não beber... Mas não tinha jeito, toda sexta-feira ele já chegava em casa de madrugada bêbado. Aí ninguém não dormia mais... Às vezes quando não podia assim, ligar, bater na gente, aí [ele] começava a quebrar tudo dentro de casa \*(arrebentar, jogar) tudo no chão... **Aí foi passando... hoje em dia aí... Deus ajudou, que ele disse que não ia beber mais, aí parou, não bebeu mais.** Aí pronto, daí pra cá ele mudou a vida de todo mundo... é... Aí vo/vo/ quer dizer... minha mãe teve mais paz, entendeu? A gente/ até ele mesmo, porque... quando ele tava bebendo era uma coisa, quando a gente chegava/ tava... são, é outra. Que ele são, ele chorava muito, ele sofria muito. Quando ele/ chegava lá/ e depois dessa bagunça toda que ele fazia ele aí ia dormir... Aí quando ele acordava de manhã que ele via fogão pelo chão, panelas pelo chão, armário, tudo quebrado... Ele aí começava a chorar, ficava de joelho pedindo perdão, aí... Por isso que a gente perdoava ele. Que aí pra ele, a gente tinha que perdoar... ainda mais que era nosso pai, né? <r> A gente aí perdoava ele. Aí... graças a Deus que ele parou... A gente morava tudo junto, ainda era/ era menino... Tinha idade de uns... treze anos. Tinha uns treze anos de idade quando acontecia tudo isso. Não, eu conhecia Dina antes. Pouco antes. Tinha doze anos de idade. (Doca, 23/01/00).

Eu já sentei, eu já sentei sozinho aqui... pra pensar... o quê que aqui tem... pra eu ficar ligado aqui [casa de Neneca]... Pra eu ta ligado aqui... **Porque eu tenho a casa de minha mãe... tenho a casa de meus parentes... e eu posso pegar e sair...** (Gilson, 31/01/99).

Porque se tiver de/de/de acontecer... se não/tiver de acontecer... não der certo/ agora, eu fico imaginando assim 'pô, vou sair daqui...', quer dizer... daria, né? Porque **me/ me/ meus parentes me apoiam, minha mãe... tenho mãe, tenho pai, entendeu?** Tenho irmão... todo mundo me apóia, ninguém me trata/ ninguém me trata mal [lá]... ninguém me trata mal, entendeu? (André, 31/01/1999).

A centralidade da figura materna fica igualmente elucidada em relatos de transgressão, quando se aponta a fuga de um comportamento esperado, especialmente naqueles que levantam a gravidade do desrespeito a essa posição consagrada que é o lugar da mãe em terra baiana. O ato de desrespeito à própria mãe é tido como dos piores indicadores usados para julgamentos sobre a moralidade de uma pessoa<sup>5</sup>. Dina, nos trechos narrativos a seguir evidencia claramente essa postura ao julgar o equivocado comportamento dos seus sobrinhos, netos de D. Cida, filhos de Lena, e dos filhos já adultos de Neneca, que tinham comportamentos moralmente repreensíveis de desrespeito a suas respectivas mães:

---

<sup>5</sup> Ver Alves & Rabelo (1997).

**Ói, os piores marginais... os piores marginais... respeita a mãe – os piores!** Eu conheço marginal perigoso que se você mexer/ olhar pra mãe dele, ele quer lhe matar! Eu conheço marginal perigoso que se você disser alguma coisa pra/ falar assim alguma coisa/ até olhar, de mal olhar, já quer matar... (Neneca 27/01/2000).

Porque o filho que não é bom pra mãe, não é bom pra ninguém... Então com mãinha... **Mãinha que criou eles, mãinha foi mãe duas vezes... duas vezes. Era mãe e vó...** Então eles não respeitava mãinha, eles nenhum! Nenhum! Nenhum dos meus parente... não respeitava mãinha... xingava mãinha... jogava as coisas, quebrava as coisa que ela tinha, roubava as coisas que eu dava a ela, o que ela conseguia, quando ela recebia dinheiro eles pegavam o dinheiro dela... [...] **Isso aí... eles não respeita a mãe que tem...** É a mesma coisa, se a mãe [deles] depois fechar os olhos e morrer... os filhos dela não acha nada em minha mão... **Porque eu penso assim: um filho pode ser miserável pra quem for... mas pra mãe?! Tem que ser bom!** A mãe pode ser uma/ uma alcoólatra, a mãe pode ser uma prostituta, pode ser uma ladrona, pode ser uma maluca, **mas o filho tem que ter amor a mãe. O filho não pode olhar a qualidade da mãe, ruim não, tem que... sei lá, tem que olhar pra mãe com o coração limpo...** Dizer: ‘**minha mãe é minha princesa**’... **O filho não pode ser ruim pra mãe.** (Dina, 29/02/2000).

## PRIMEIRO ATO

### *Neneca e Dina no passado*

Desde muito cedo na vida de Dina e Neneca, irmãs de sangue de pai e mãe, estabeleceram-se distinções de comportamento, gostos, preferências, privilégios e uma tendência a ocuparem posições diametralmente opostas na estrutura familiar. Ambas iniciaram muito cedo a formação de novos núcleos familiares com gravidez adolescente<sup>6</sup>, por volta dos 13 anos em ambos casos, sendo Neneca mais beneficiada pela “escolha” de um “bom” e provedor parceiro (que assumiu “o erro dele” e se instalou com sua nova companheira no quarto oferecido pelos sogros na casa). A maternidade de Neneca foi bem acolhida pelos seus pais e o genro incorporado pelo princípio da consideração como o filho saudável que não tiveram. Mesmo fazendo parte de um núcleo familiar dependente do paterno/materno, a posição e status de Neneca nesta rede se destacou nessa fase. Ela recordava com orgulho que de todas as filhas de D. Cida foi a única que casou no

---

<sup>6</sup> É a maternidade, antes que o casamento ou união o que indica formação de novo núcleo familiar neste contexto, o que não implica, necessariamente que este seja autônomo ou completo, pois a nova mãe pode permanecer na casa dos pais ou ir para a dos sogros sem formar um novo e separado lar. Para a definição da posição estrutural do novo núcleo formado, o critério utilizado para detectá-lo na pesquisa foi a dependência/ independência do “fogão” (panela que alimenta) da casa materna/ paterna (propriedade/ alocação) que nos indicaram se este novo núcleo é classificado como independente e auto-suficiente ou parte do de origem/ anterior. E esse mesmo critério foi o escolhido como demarcador diferenciador entre passado e presente nos atos desta família.

civil (quatro anos após ter-se unido e tido vários filhos<sup>7</sup>). Neneca, como a primogênita de seu Diogo, ganhou o direito ao terreno da casa que correspondia ao lugar onde fora antes a venda da família, onde passou a morar quando sua filha Lia tinha cerca de sete anos e Dina tinha dois dos seus filhos. Seu Diogo e D. Cida destinavam o último quartinho da residência de 2m x 2m para os novos núcleos familiares que iam se formando na sua parentela. A primeira a ocupá-lo foi Merina quando nasceu Robson, que foi sempre criado por D. Cida quando Merina viajou para S. Paulo e Robson era bebê. Depois, Neneca ocupou esse quarto com sua família e finalmente Dina, quando nasceu seu segundo filho; ali nasceram os outros dois, até fazer a laje da casa da mãe e conquistar o direito a construir a própria casa na parte de cima, então com seus 4 filhos. Percebe-se nas narrativas a maior aproximação, as alianças e privilégios que Neneca tinha com o chefe da casa na primeira fase, então seu pai:

[O pai] Me tratava bem, num me deixava faltar nada, ele num me deixava faltar nada, nada que o que eu pidisse a ele... Ele quando vinha do ban ... que ele ia receber dinheiro, quando ele vinha a primeira coisa que ele fazia era dar o meu, escondido. Se ia pa banco era eu que ia com ele, se ia pa médico, era eu que ia com ele. As vezes ele chegava bebendo assim um pouquinho, todo mundo corria, eu não, eu ficava, sempre de junto dele. Tava sempre suportando as bebida dele. Com os outro ele brigava, os outro respondia, eu num respondia ele. A gente se dava bem, e **mudou minha vida mais por isso, depois da morte dele, começou a ficar tudo diferente**. Comecei a, a mudar, até com mãinha mesmo, mãinha também num me tratava igual a ele, era diferente também. (Neneca, 21/01 1991).

Ele [o pai] me adorava e adorava meu marido também, o que morreu, o pai dos menino. Gostava tanto dele, que eu, **quando eu me perdi** com ele, que eu apareci grávida dessa mais velha minha [filha], eu pensava que ele ia me botar pra fora. Do jeito como ele tratava os outro? Eu pensava que ele ia fazer a mesma coisa comigo. Não, ele aceitou numa boa, ele só, e... ele mandou chamar ele, ele foi lá conversou com ele, **assumiu o erro dele**. Eu já tava com minha trouxa arrumada, eu digo: qualquer coisa eu tô pulano essa cerca aqui, já tô me mandano... que nada! Ele aceitou numa boa. Aí eu num quis casar logo, né? Porque eu, eu mermo que num quis casar, disse que eu num queria casar logo que eu queria agora conviver primeiro, pá depois ver se ia dar certo ou não. Aí a gente conviveu, no quarto filho eu me casei. (Neneca, 21/01 1991).

Dina, como Neneca e Merina, começou cedo sua vida sexual e engravidou de Doca aos 12 anos, que na época era garoto e tinha 13 anos. Isso aconteceu alguns anos depois da gravidez de Neneca, mas, diferente desta, o companheiro de Dina não era apreciado, pela “falta de juízo” devido à sua juventude, por ser “maconheiro” e andar em mãos companhias, motivos pelos quais Dina sofreu marcada rejeição familiar, foi severamente espancada e expulsa da casa pelo pai. Regressando ao domicílio paterno vários meses depois, com a pequena Rejane e sem a companhia do jovem parceiro que preferiu morar com seus respectivos pais, mas que continuou a

---

<sup>7</sup> O casamento tardio mostrou ser prática comum também entre grupos matriarcais negros da Jamaica (vide a detalhada entografia de Edith Clarke, 1972).

freqüentá-la, e com o que teve os outros três filhos. Nessa época Neneca e seu grupo familiar ficaram alocados no quarto da frente e Dina no dos fundos, tido como o pior por ser o menor, mais úmido, escuro, de barro batido e ao lado do fosso do banheiro da casa. Conta que se molhava bastante quando chovia.

Painho só puxou mais, que era mais carrasco [comigo], só quando eu engravidei, né. Que ele não queria de jeito nenhum, né. Me botou pra fora. Mas aí sempre tinha a mãe do lado, mesmo ruimzinha, assim mesmo, mas me deu apoio. É, nessas horas ela me apoiou. Eu saía pra rua, depois voltava de noite, né, que na época ele ia trabalhar, que ele era vigia. Aí quando ele saía sete horas, eu entrava [na casa]. Não, nunca morei na casa de Doca, não. Era numa invasão, né, que tinha um terrenozinho que Lena conseguiu, né. Eu fui invadir com ela, aí fiquei com uma casa de taipa, e ficamos morando lá. Mas aí não deu certo porque lá tinha muito marginal... Aí não dava certo comigo, não era esse meio que eu queria. [Doca só] ia lá de vez em quando. Nunca moramos juntos. [Eu morava] Sozinha. Sozinha mesmo, nunca moramos juntos.[...] Ele [meu pai] me chamou de volta [A mãe intercedia]. Falando com mãeinha: ‘ah, Cida tem que trazer Dina de volta pra cá, porque ali naquele meio passar tarde da noite sozinha pra ficar dormindo lá com essa menina. Manda vim pra cá’. Eu sei que eu vim pra casa, e a casa ficou lá à toa, depois apareceu alguém pra comprar por quinhentos cruzeiros, né. Aí eu peguei e vendi a casa. E... eu sei que eu nem sei o que eu fiz com esse dinheiro que não deu pra nada mesmo... a precisão era muita. E eu fiquei aqui na casa de mãeinha, ela me deu um quartinho pequeno de dois por dois... No que [hoje] tá Téo, é. (Dina, 27/07/1999).

Aí foi indo, foi indo, foi indo, depois eu apareci grávida de novo. Antes de Rejane completar um ano, eu fiquei logo grávida de Juruna, né?, do menino. E eu fui pro quartinho, foi um sofrimento danado <†>. Briga! [...]. **Era sempre eu sozinha! Eu e meus dois filhos! Ele só vinha de vez em quando.** Toda vez que vinha... ‘pode falar?’ [frase sussurrada] Pode falar? <Risos> Só vinha só pra transar, né? Só! E parece que era um visgo, toda vez que transava, tinha que ter um filho, né. Tinha que botar um filho. Minha menstruação, quando chegava a vim, era pra avisar que tava grávida. Só corria aquele mês só e pronto. Depois de nove meses, aí pronto. **Eu brigava muito com ele que eu queria que ele ficasse junto de mim, eu era obsecada por aquele homem...** Ah [minha família], me esculhambava, brigava comigo e tudo. Dizia que eu não tinha vergonha na cara. Talvez se naquele tempo, né, se eu ouvisse o que mãeinha falava, talvez eu não tinha sofrido tanto como eu sofri! Né? Aí o quê que acontece? Eu fiquei atrás dele, ia lá com os menino de um lado e de outro, atrás dele e ele tava com outra mulher. Aí pegava no pau com ele, brigava mesmo, me batia, só chegava com a cara toda roxa. Mas só/ só queria ter ele junto de mim, não era nem... **Batia, apanhava e batia, apanhava e batia. Mas mais eu apanhava, né, que mulher...** Aí, eu não queria nada dele, não queria que ele trabalhasse, não queria que nada, queria só ter ele junto de mim. Só o prazer de ter ele de junto de mim. Aí pronto aconteceu. [Ele não vinha] Ah, ele achava que o quê ele queria já tinha, né? Já tinha conseguido. Me pegou na adolescência, **“me tirou de casa”, me botou um filho**, então pra... ali, pra ele não servia mais. Eu pensava assim, né? E ele dizia que eu encarnava de mais atrás dele, me humilhava perante a família dele. A família dele também não gostava de mim, né, dizia que o filho dele era muito novo pra procurar família... **E era aquele sofrimento.** Era eu dentro de casa brigando com mãeinha e... a família dele comigo.[Eu] **Não tinha apoio nenhum, quem me deu apoio foi a madrinha de Rejane. Né?** Foi um atrás do outro, que sofrimento! Quatro filho, um atrás do outro, rastando... Eu enchia pneu dos outros, né, carregava areia... pras pessoa, areava panela que as pessoa me pedia, só pra botar um dinheirinho na minha mão... Mãinha fazia cocada também, eu vendia na rua... **Pra sustentar eles, depois eu fui trabalhar na obra, né, de ajudante de pedreiro, levei oito anos trabalhando de ajudante de pedreiro.** [Eu] Rejuntava, né, pastilha, trabalhava no balancinho, lá em cima, no décimo oitavo andar, e eu lá na corda rejuntando... Só pra cubrir a necessidade dos meus filhos, não deixar eles passar fome... né? Mãinha [era quem cuidava meus filhos]. Quando eu chegava, os meninos tava tudo descalço, tudo sujo, o quarto uma bagunça... Aí eu tinha que vim, pra lavar roupa, dar comida aos meninos/ porque mãeinha, no meio de tanto, né. Que Lena achou de morrer também, deixar sete filho... (Dina, 27/07/1999).

Dina sempre foi decidida e brava, de temperamento forte e batalhador, o que também produzia muitos atritos e dificuldades de relacionamento com os parentes, vizinhança e seu “meio-parceiro/namorado”. Desde cedo é identificada como portadora de comportamentos “desviantes” pela suas explosões de agressividade, taxada por todos como pessoa “nervosa”, com mais de um intento de suicídio.

[Sobre Dina] **O temperamento dela é gravíssimo.** Brava, ignorante, e tem esse negócio de dizer que não vou bater porque não é filho meu, bater, entendeu. Bate, se ela entender de quebrar essa porta aí ela vem e quebra. Ela é muito nervosa. Diz mãinha que tem problema, mas eu não acredito não, só acredito que é baixaria mesmo, baixo astral e ela quer fazer porque quer fazer e pronto. Ela é muito nervosa, não obedece ninguém, é muito grossa, sai muito, acha que a pessoa é empregado [dela], humilha muito a mãe, eu não admito em casa, por isso que ela não é muito chegada a mim. E é uma pessoa que larga o trabalho nesse horário, ela já largou o trabalho, vem chegar aqui nove, depois que os menino já tomaram café, já tomaram banho, mãinha já fez tudo, aí e que vem chegando do trabalho bota o “cú” pra cima, vai dormir e o resto que se vire. Sai de manhã a mesma coisa, se tiver teve, se não tiver não teve. A outra [irmã – Merina] pela mesma forma. A outra já disse mermo aos menino: “Não adianta porque eu não gosto de criança e não gosto de ficar em casa”. Não tem paciência com os menino e bate logo. (Neneca, 12/05/1992).

[Dina] **Com o marido também, o marido dela também. Ela briga né só com os pessoal de casa não, viu?** Ela já quebrou o braço dele já. Já quebrou, já botou ele no Pronto Socorro. Levou não sei quantos dia com o braço aí gritano com o braço, gritava mermo, doeno mermo. [Essa vez ele] Não revidou não, ele já tá acostumado. [Ela] enfrenta faca, revolve, discute com qualquer uma pessoa, pode ser marginal, pode ser quem for, ela briga, discute. Não tem medo. Uma vez tinha uma pessoa que... queria atirar nela aqui, ela foi em cima da arma. Se a gente não tira... Uma vez ela cortou os pulso, eu tava falando com Mônica [entrevistadora], num foi mãe? [...] [Doca- o pai dos seus filhos] Achava que ela tava fingindo. Mas agora já se acostumou. Agora ele não fala mais nada não. Agora ele já chega, se ela tiver brigando ele já num diz mais nada, Ninguém nem ouve a vez dele. Nem a voz dele <R>. Depois que ela quebrou o braço dele ele nunca mais falou mais nada. (Neneca, 12/05/1992).

Para D. Cida, o problema nervoso de Dina começou aos 19 anos, quando ela decide abortar uma gestação de gêmeos de cinco meses para se esterilizar. Dina afirma que seu nervoso começara muito antes, desde sua primeira gravidez, entre os 12 e 13 anos, quando foi expulsa da casa, muito maltratada pela própria família e pelo seu atual companheiro, pai de seus 4 filhos, e que naquela época não a assumiu como ela desejava. A situação de Dina no grupo familiar era inferior e com menos privilégios dos que gozava Neneca: bem casada e estabelecida, ainda que dependente do apoio dos pais.

Quando eu olho meu/ eu que eu sou prejudicada hoje por causa das... porrada... não tem mais. Ah, a cabeça, né? Que eu sinto muita dor de cabeça devido às porradas que eu tomava dele [Doca] e de Téo também, né? Téo também quando brigava com mãinha, que eu me metia, ele só batia em minha cabeça, né? Xovê... hoje eu sou inutilizada da mão também, né? De tanto ele apertar, puxar... foi um momento de ... Pode falar? Cortei os pulsos, cortei. Marrei, foi. Não, aí/ deixa eu dizer! Teve uma vez que ele me bateu tanto, me bateu tanto, que eu tava com tanta raiva dos vizinhos... olhar pra mim no outro dia/ que eu ia trabalhar/ ficar perguntando: ‘o que foi isso?’, eu dizer que era queda, que era queda... Aí eu fiz assim: ‘Sabe de uma? É, eu dando fim na minha vida vai acabar tudo isso. Ninguém vai saber de nada, os meninos tão crescendo vendo essas cenas’ —

que Rejane mais Renata, né? E os meninos, todos eles, gritavam muito e ficavam impressionado com aquilo, e **depois que eu subi pra morar aqui em cima da laje de mãinha**, aí que o sofrimento foi pior... Porque pelo menos **lá em baixo**, né?, ele tinha mais respeito a mãinha, né? É.. [lá] não ficava só, sempre/sempre tinha alguém transitando. Mas aqui em cima era só. Então era mais espancada. Tomava  *muito* murro! Aí eu vinha pelo caminho - que eu andava pela mata aí, né?, pra cortar caminho - aí eu vinha pelo caminho pensando: 'Quando chegar em casa eu vou... dar um fim em minha vida'. Aí eu peguei a gilete e ele/ quando eu cheguei em casa ele já tava... me esperando. Me esculhambando: '**Vagabunda! Prostituta! Descarada!**'. Bem que dava vontade de fazer mesmo [deixá-lo e sair com outros], né? Mas eu tinha aquele medo...'É... Se eu fizer, ele vai me matar...'. Mas ninguém gosta de maltrato. Quando eu cheguei em casa e ele tava conversando comigo, ele conversando e eu de costas pra ele, ele não tinha nem visto... aí o sangue descendo no meu braço. Eu disse: 'É, agora você vai se ver livre de mim'. Ele ficou com medo, gritou: 'Mãinha!' Subiu mãinha! Subiu Neneca! Abalou a rua... Né? Todo mundo. Ah, tem uns... tem uns cinco anos isso... Cinco anos isso... Né? Aí me levaram pro pronto-socorro, quando chegou lá, deu ponto... eu acho que eu fiz raso, que era pra fazer mais fundo, né? Aí pronto, ele passou um bom tempo, durante uns quatro, cinco meses me tratando bem... e eu sempre estranhando, né? Porque quando a gente já é avisada de uma coisa, não tem jeito. Eu sempre estranhando. Aí, quando foi um dia, ele chegou bêbado... [re-iniciou o ciclo] (Dina, 27/07/1999).

Naquela época Neneca parecia mais dedicada à maternidade do que Dina, não trabalhando fora de casa para cuidar filhos e atender seu marido. Seu marido trabalhava para uma empresa em construção civil. Ele impunha autoridade frente aos filhos e, por conta disso, Neneca não tinha maiores problemas para criar e educar suas crianças, que nasciam uma seguida da outra.

Já Dina se encontrava só, sem tanto apoio do parceiro, tendo que trabalhar para seu sustento. Dina dependia do apoio da sua parentela para deixar os filhos aos cuidados da mãe, irmã ou circulando soltos entre os espaços da casa, a brincar com os primos, situações que sempre produziram problemas de convivência, stress, cobranças sem fim e necessidade de negociações. Ela se queixava das dificuldades que tinha em administrar bem suas relações com a família, filhos e meio-parceiro, que saía com outras mulheres, as quais ela enfrentava, violentamente, ao contrário do exemplo da sua própria mãe. Com tantas responsabilidades, Dina se sentia sufocada e infeliz, enquanto Neneca recorda com saudade daquele período: um dos melhores e mais tranquilos da sua vida.

Durante esta primeira fase da trajetória familiar, em suma, pode-se concluir que Neneca ocupou uma posição privilegiada na família, enquanto Dina ocupou uma posição menos favorecida. No período em que seu Diogo era vivo e que tinha uma autoridade reconhecida no lar, ele manifestava, segundo Neneca, uma clara preferência por ela, a quem, como filha primogênita e que lograra atrair para o lar um homem provedor com sua bem sucedida união, ceder-lhe parte

do terreno da casa – o quartinho da frente – a partir do qual formaria sua própria casa no decorrer dos próximos anos.

Nem sempre é possível distinguir o que são projeções de cada personagem e o que podem ter sido fatos consumados. Notamos nos discursos mais recentes de Neneca e Dina uma constante tendência à polarização, à apresentação de versões distintas ou “aparentemente” contraditórias sobre os mesmos fatos e pessoas, etc... projetando no plano discursivo muitas das suas disputas. Seja pelo pai no passado, pela mãe na atualidade, por uma posição destacada ao interior da família, frente a parentes, pessoas externas, vizinhos, ou na mesma disputa que travaram pelo espaço físico e terreno da casa...em um movimento eterno de buscar superar a outra em tudo. Até minha presença e atenção em campo passou a ser elemento da sua competição. Suponho que pontos nodais de uma maior inconsistência aparente na informação, quando confrontados com os relatos de distintos atores envolvidos, permitem visualizar e diferenciar melhor o que sejam vivências ou construções mais subjetivas de alguns dados, o que é consensualmente tido como fato indiscutível por vários dos envolvidos, e identificar, em certos momentos, a presença de alguns segredos familiares. É curioso como Neneca diz ter sido quem ajudava o pai nos seus trabalhos de candomblé e ser, até hoje, a mais interessada e verdadeira herdeira de suas crenças, assim como afirmar ser ela, das filhas, a que ajudava mais sua mãe nos trabalhos dos partos e de saúde quando era criança. Dina recorda como *ela* era a encarregada pelo pai de ir buscar e preparar os “pós de pedras”, e algumas das “garrafadas” dos trabalhos de candomblé que eram encomendados ao seu pai. Ao mesmo tempo, confessava não acreditar nessas crenças que identificava com pura charlatanice. Mas sabendo que sua irmã Neneca acreditava, Dina mandou colocar um “bozó” (tipo de trabalho encomendado contra inimigos, com uma galinha preta morta e velas) na porta de entrada da casa de Neneca, comentou Neneca acusando sua irmã de ser a mandante do mesmo em momento de mais alta conflitividade entre as duas. A família conta que a mais interessada em Candomblé e que fazia partos com a mãe era a falecida Lena. Ao que parece todas as versões são corretas e complementares, cada uma trazendo parte do vivido por cada um dos lados implicados nas distintas interações da dinâmica familiar. Poder contrastar as distintas versões e perceber desde onde cada personagem fala (*staindpoint* segundo Haraway [1991], o saber localizado e situação do mundo de cada um) é uma das principais virtudes desta

pesquisa que procurou evidenciá-las e fazer uma análise do contexto relacional do grupo familiar a partir de distintos focos e de posições muitas vezes conflitantes.

A rivalidade entre estas irmãs e outros membros do clã de D. Cida é melhor iluminada a partir de uma interpretação do paradigma da dádiva<sup>8</sup>, já que a reciprocidade (alianças) e sua quebra (rivalidades) pode ser vista como uma relação *entre* diferentes, que não dissolve as partes separadas dentro de uma unidade maior, senão que correlaciona sua oposição e a perpetua, na competição constante das duas irmãs pela honra e dignidade, da qual nasciam seus ódios, invejas e guerra que travaram em vida. O paradigma da dádiva, segundo Caillé (1998), recupera uma nova versão do diálogo entre o caos e o pacto, sendo uma espécie de contrato social, onde a guerra de todos contra todos pode bem ser substituída pela troca de tudo entre todos e ao longo do tempo como se verá em seguintes atos.

## SEGUNDA PERSONAGEM CENTRAL

### *Neneca (42 anos, Dona de casa, 2 uniões; viúva do primeiro marido, com o qual teve sete 7 filhos)*

Neneca foi uma “informante chave” do grupo de pesquisa do qual faço parte (naquela época com um grande projeto sobre problemas mentais financiado pelo IDRC e CNPq). Ela recebia gratificações por alguns dos seus serviços e informações, sendo uma de suas funções a de guiar os distintos pesquisadores pelas ruelas do bairro e localizar novos casos de estudo com “problemas mentais”, assim como o de ser entrevistada na reconstrução de casos de doença conhecidos (do irmão e outros “doentes de cabeça” da vizinhança). O caso desta informante é um interessante indicador de problemas que se produzem muitas vezes na interação de pesquisas com a comunidade quando se usa o apoio financeiro pela informação obtida, podendo conduzir a “relações viciadas”, como percebemos acontecer com Neneca, que passou posteriormente a

---

<sup>8</sup> Ver Caillé, 1998.

“inventar” as mais variadas histórias para tentar se manter como informante chave de cada nova pesquisa. Pela sua simpatia estabeleceu fortes vínculos de empatia, e pelo bom manejo de situações afetivas, ela sempre soube potencializar seus laços de relação com pessoas externas à família, muitas vezes se posicionando como vítima, induzindo seus interlocutores a oferecerem-lhe (quando não solicitando diretamente) diferentes tipos de ajuda ou atenção, em uma postura sempre de recepção de todo tipo de apoio material possível. Este movimento é um marcador da sua personalidade que se repete na sua relação com sua parentela em geral, como acontecia com a sua mãe, sua irmã Dina, seu companheiro, filhas mais velhas (hoje casadas) – pessoas das que sempre espera ou pede algum dinheiro, ajuda no pagamento de suas dívidas, um trocado, comida, até uma banda de limão ou um pouco de sal.

Com uma facilidade e habilidade especial para a expressão oral, prazer e disponibilidade para falar, seu linguajar é dos mais ricos em imagens metafóricas. Não sei o quanto ela acreditava em muitas das histórias que me contava, embarcando em suas fantasias, ou se estas faziam parte do seu jogo e diversão, testando minha capacidade de percepção/ ou sua habilidade de convencimento. Estas situações interferiram negativamente na minha relação e empatia inicial com esta informante, talvez pela minha pouca habilidade de entrar no jogo das suas fantasias ao supor que queria me enganar. Ela parecia ficar decepcionada ao ver que eu procurava também a voz dos familiares que até então não tinham sido entrevistados e que nem toda entrevista seria feita somente com ela. Apesar da tensão e frustração mútuas de expectativas, fomos aprendendo a nos aceitar e respeitar. Demorei muito tempo para perceber que, mesmo sem serem “sempre verdadeiras”, suas histórias estavam plasmadas de imenso valor pela re-construção narrativa e metafórica da realidade da qual falava – através delas alguns segredos familiares foram sendo lentamente desencavados.

Durante a infância, Neneca tinha relação de grande proximidade, amizade, cumplicidade, mas também de marcante e declaradas disputas com sua irmã de criação, Merina. Ambas têm marcas no rosto – queimaduras e cicatrizes - resultados de brigas, acidentes e disputas naquela fase de suas vidas. Já adulta, e enquanto D. Cida era viva, pelo seu temperamento fuxiqueiro e criador de intrigas –segundo sua parentela - Neneca passa a se afastar de suas duas irmãs vivas - Merina e Dina, mantendo especialmente com Dina, sua irmã consangüínea, maior rivalidade, ciúme, inveja

mútuas e visível “inimizade”. Neneca, como D. Cida, tem um temperamento mais tranqüilo e sociável, de boa vizinhança e camaradagem com os mais necessitados da sua própria parentela, sendo mais facilmente aceita e exercendo com isso bastante influência sobre outros membros do grupo, como por exemplo, sobre seu sobrinhos órfãos de mãe. A filha de Neneca referiu-se à expressão “olho grosso” (um tipo de inveja) com a qual definia a relação estabelecida entre sua mãe e sua tia Dina. Veja-se como Neneca e Merina falavam das suas relações de infância:

Ah, eu... eu quando era pequena é... eu... a gente brigava muito! <r> Eu com/com Neneca... Dina também...e tinha Lena! A gente brigava aqui um pouquinho só. Ah, naquela época [a maior amizade era] **com Neneca. É, essa aí de baixo.** A gente era bem chegado. Saia pra escola junto, ia pra festa... era bem junto. E a finada Lena. Também, era bem chegado. A gente ia pra festa junto. É. Lena era a mais velha. Lena era mais velha do que eu. Eu já tenho 41, Lena morreu com 38, não foi Dina? [Dina interrompe e diz: ‘morreu com quarenta e... e três anos’] Ah, eu não me lembro não ... Eu era, eu era mocinha. Lena quando podia comprava anel pra mim, anel pra... Neneca. Assim, aquelas aliancinhas que tá fingindo que tá fumando cigarro de papel... Aí depois Lena foi embora daqui, né? Arranjou marido, foi embora. Aí ficou eu e Neneca. Aí Neneca ia pra... Dina era pequena, Dina é a caçula, é... Eu dava banho em Julio, meu irmão... dava banho em Dina. Eu dei banho até em Neneca! Foi. Dei / dava banho em Neneca... aí eu sempre gostava muito de cozinhar... Aí mãe falava: ‘uma cozinha, a outra varre a casa... a outra lava os pratos’. **Aí Neneca largava tudo pra mim. <R> Aí eu fazia tudo.** E mãinha era aquela luta de pegar menino [realizar partos], né? Ela era parteira, saía, as mulher aí pra pegar... toda hora, qualquer hora que chegava aqui ela ia embora pegar menino. **Aí eu ficava tomando conta da casa, das crianças.** (Merina, 23/01/2000).

Merina... eu não era muito chega/ nunca fui chegada a ela, estudamos juntas – só quando era criança, que a gente estudou junto e tal... Mas, eu vou lhe ser franca a você, ela não se dava muito bem comigo porque ela gostava muito de maltratar meu pai. E com meu pai eu me dava muito bem. Eu me dava bem demais com ele/ qualquer coisa era com ele: dinheiro era com ele/ era comigo, se ele vinha da rua – é/ ele vinha bêbado/ brigasse com mãinha, ele me chamava a mim, eu tava ali rente com ele – as outras não... Ninguém queria se dar bem com ele. Ninguém queria. Ninguém queria aceitar também ele , que ele só vivia bebendo. Merina é porque - é assim mesmo como eu tô lhe dizendo – **a gente nunca se deu bem, não era do mesmo sangue, entendeu?** Meu pai também não se dava bem com ela. Quando ele botava umas duas na cabeça começava a implicar... e essa implicância ela respondia, queria falar mais alto do que ele, queria gritar mais do que ele... **E elas tudo tinha/tinha... inveja! Eu considero isso inveja.** Porque ele se dava bem comigo e não se dava bem com elas, então elas nunca ia se dar bem comigo... E... **esse clima aí que cê tá vendo, até hoje é isso!** (Neneca, 23/02/99).

Diferente da mãe, que começou mais tarde, Neneca engravidou muito cedo de Lia, a sua primogênita, com 14 anos:

Eu tive [filho] com quinze [anos de idade]. Mas mãinha era uma pessoa que criava muito menino da rua e então o costume, nem sei, não achei nem muita diferença não. Quando começou a chegar esses menino tudo aí. (Neneca, 18/03/1992).

Seu companheiro, homem trabalhador e bem mais velho que ela, por aceitar se unir a Neneca foi bem recebido e integrado ao grupo familiar. Depois de alguns anos de convivência e do nascimento de quatro dos sete filhos, Neneca, e como parece ser o costume, oficializou sua

relação casando no civil, ato do qual muito se orgulha e que destacava como signo da sua superioridade moral em relação às outras irmãs. Entre estas era então a que tinha melhores condições econômicas e maior estabilidade conjugal, afirmando sua identidade de mãe e dona de casa.

Entretanto, esta condição de “estabilidade conjugal” e mulher “bem casada” e de atuar segundo um padrão familiar de classes altas mostrou ser mais frágil do que aparentava. Há evidências claras de que alguns dos seus filhos – aparentemente dois deles – poderiam ser de outros homens que não do falecido marido, o que teria acontecido no final do seu casamento, quando este passara a se entregar ao vício da bebida. Um deles, segundo Dina, teria sido resultado de um relacionamento extra-conjugal com seu ex-cunhado, marido de Merina, que passava uns tempos na casa de D.Cida, provavelmente no período em que Merina foi trabalhar como empregada doméstica em São Paulo. Luciana, sua filha com deficiência mental, ela declarou-me ser filha de outro homem e pode ser o fruto dessa relação. Outra filha “ilegítima” também registrada pelo seu marido pareceria ter sido uma pequena chamada Leonora, a caçula, que teria nascido por volta de 1985 e que morreu bebezinha, uns dias após a morte de seu Diogo, tida essa como uma surpresa que o pai lhe daria após sua morte:

O meu [primeiro] marido, pai dos meus filhos, se unia muito com ele [meu pai]. Ele era mesmo que... coisa e tudo... [Neta diz: ‘É. Ele se unia. Tanto é que um morreu em 85, o outro morreu em 86. Um ficou chocado com a morte do outro’] E antes dele [Diogo]/ um dia antes/ uma hora/ duas horas antes... dele morrer, ele falou pra mim assim: ‘Ói... eu vou fa/’ eu tava parida... aí ele fez assim: ‘Eu vou fazer uma surpresa, vou mandar um presente pra você. Vou mandar/ fazer uma surpresa pra você. Vou fazer uma viagem e de lá eu mando um negócio pra você’. Aí eu disse assim: ‘tá certo’/ porque eu tava pensando que ele ia pra Mar Grande, que ia trazer alguma coisa de lá pra cá, né?... Não era! A surpresa foi que... ele/ ele morreu no dia 12 de setembro, [e] no dia 27 levou minha filha! [D. Cida: ‘Levou minha neta’]. Levou minha filha! Morreu assim, ô. Eu fui pro enterro, quando eu cheguei do enterro... ela aí começou a chorar, chorar, chorar, chorar, chorar, chorar...[ao que parece foi consequência de uma queda] levei pro médico, chegou no médico ela morreu! Nem atestado de óbito eu tenho da menina!... Morreu!! Era! Leandra! Era... três meses mais ou menos... bebê. Essa era a surpresa que ele ia mandar! [E]. No outro ano, antes de comple/ dele completar um ano, meu marido morreu! (“- Foram Surpresas?”). A da menina foi! A menina foi. **A menina era linda demais!** É. Alguma coisa, alguma coisa de/ de ruim não ia dar certo... \* Sabe o que é uma pessoa ter uma filha linda? **Cê já viu uma menina linda! Dos olhos azuis...** Pode ser?! **Eu/ de/ preta! Eu preta, pobre, ter uma filha dos olhos azuis?!** Só se meu marido também tivesse os olhos azuis/ ou então alguma pessoa da família, só que eu fiz uma filha branca dos olhos azuis! A surpresa foi essa! De repente... Não, não gostei da surpresa, não. Mas alguma coisa de ruim ia acontecer. (Neneca, 26/7/1999).

Sem o explicitar totalmente ela deixou subtendida a preocupação que ela e sua família tinham com a identidade do bebê, como se este filho pudesse vir a ser a prova da sua infidelidade, e por

isso, sua morte teria sido interpretada posteriormente por Neneca como um presente do pai para a proteção da sua “respeitabilidade”<sup>9</sup>.

Em certa ocasião, Neneca comentou-me em segredo que Luciana – sua 6ª filha com síndrome de Down (algo parecido ao problema do seu tio Júlio, mas identificado por eles como “foco” na cabeça) – não era filha legítima do seu primeiro marido, ela teria sido fruto de uma relação dela com um “gringo-italiano”, dono do restaurante onde trabalhou e onde aprendeu a cozinhar (dotes com os quais diz ter conquistado seu cunhado e também seu segundo companheiro, contava faceiramente). Mas Luciana, contou Dina revoltada, é das mais escuras de todos seus filhos, como o ex-marido de Merina do qual Neneca engravidou e até mandou avisar Merina em S.Paulo via telegrama. Pensei que esse relato sobre Luciana como sua filha ilegítima de um romance com homem italiano, era mais uma das suas novas invenções, mas também pensei que essa podia ser a forma dela representar um fato real, em um processo simultâneo de revelação e encobrimento, invertendo, ocultando e também expondo alguns dos fatos da sua vida nessa narrativa. Quando a inquirei de como uma filha de italiano foi sair a mais escura de seus filhos (Neneca é morena clara), ela alegou um “vento de jeito”.

Ainda sobre seus filhos, é curioso notar que todos os seus nomes começam sempre com a letra L (muitos com Leo) e que vêm do nome do pai que os registrou, Seu Léo, ainda que o privilegio da escolha do nome era de seu Diogo, o chefe da casa quando vivo, conta Neneca. No final de sua vida, Seu Léo bebia muito e Neneca associa sua morte a um acidente de trabalho por causa de bebida. Neneca guardava mágoa dos parentes do marido. Sobre esta fase da vida Neneca comenta:

Sabe? Então eu acho que ele [primeiro marido] também num tinha amor não porque do jeito que ele me deixou. Que sem... ele bebia, ele era alcoólatra né? Eu dizia pra ele que ele num bebesse e ele dizia pra mim que a bebida era mais importante do que eu. Tanto é que foi tão importante que levou ele. **Ele preferiu beber demais, pra morrer, do que me obedecer, ficar comigo.** Eu acho que ele também num tinha esses amor todo por mim não, então **num me arrependo de num ter dado amor também, muito amor pra ele não.** Eu cumpria minhas regra, entendeu? Vivia com ele numa boa, enquanto ele num bebia, enquanto ele num

---

<sup>9</sup> Nos estudos de gênero de certas culturas mediterrâneas tende-se a identificar a “honra” masculina como o contraponto da “vergonha” feminina. No Brasil esses termos não aparecem tão freqüentemente na fala das pessoas e são termos basicamente usados por estudiosos, resgatando um modelo teórico que tem sofrido muitas críticas quando aplicado rigidamente em sociedades latino-americanas. Peter Wilson(1969,1973, *apud* REBRUN, 1999) em um esforço de criar um modelo mais próximo às sociedades americanas da diáspora africana substituiu aqueles termos pelos de “reputação”, mais aplicado aos homens e o de “respeitabilidade” mais aplicado às mulheres.

chegava em casa bêbado né? **E não me dissesse nada, que eu também não era mole, se me dizer, ouve também.** Até com esse aí, esse Gilsinho [atual nessa época], se ele me dizer, ele ouve, ele sabe, num, ô... **num ouço desaforo, de homem eu não vou ouvir desaforo.** (Neneça, 21/01 2001).

[Vivi com o primeiro marido] Treze anos. Treze anos. E foi aí que ele faleceu também. Ele morreu. Só queria saber mais de beber, bebia demais, mas era um homem trabalhador, num faltava nada pra mim nem pros menino, trabalhava, ganhava semanal, mas nunca faltou nada, nada, ele nunca deixou faltar nada pra esses filhos, nunca ficou parado três dias, se ele ficasse ele arranjava qualquer biscate para fazer, mas num ficava. A morte dele foi porque começou cair da firma, ele trabalhava no guincho lá, aí desabou um saco de cimento lá, eles enchiam muito de cimento, só aí, como ele tomou a porrada nas costa, aí começou a sentir doendo, né? [...] o coração dele estava inchado, inchou um lado do coração, né, tava inchadão. [...] Quando eu cheguei lá no Pronto Socorro [...] Eu entrei fui pra lá pro banheiro com ele, ele sentou, mas assim que ele sentou, ele morreu. Assim, ele foi sentado foi... me pediu pra eu tomar conta de um filho escurinho meu, Leandro, né, falou "tome conta de Leandro – Popó – e de Leandra" [...] Aí depois dessa morte dele começou meu sofrimento. Comecei a vender tudo, que eu tinha minhas coisinha tudo direitinho, eu tinha estante, eu tinha liquidificador, meu fogão não era esse, tinha mesa, tinha radiola, aí vendi tudo porque pegou, né? [...] Fiquei com uma pensão só dele, só minha, porque os menino não recebe nada. Disse que é porque ele era servente, aí não tem direito, quer dizer, eu não tinha direito a essa pensão, só quem tem é os meninos porque é menos de um salário mínimo. Já andei tanto... porque os pessoal diz "Ó menina, você, você consegue, que não sei o quê, os menino tem direito... a deficiente tem direito", porque todo mundo é filha dele, né? Registrada e tudo! Vou no INPS, tem uns... tem um mês mais ou menos que eu fui, não foi Lia? [...] quando eu consegui falar com... o supervisor lá o homi disse "não, porque isso é assim mesmo isso aí tá incluído o dinheiro dos menino", eu disse "ah, meu Deus, eu tenho duas menina deficiente, é [só] esse dinheiro?" Ele disse que era esse. E tem gente que diz que recebe dinheiro de menino separado. Pra quê que vai dar esse dinheiro?" (Neneça, 12/05/1992)

Frente às dificuldades econômicas e com as duas filhas menores deficientes em casa – que a impediam de se afastar de casa para trabalhar, argumentava Neneça – o jeito era depender dos favores dos familiares que trabalhavam: da mãe, do novo companheiro ou da sua filha quando casou, pois eles administravam melhor seus recursos:

[As irmãs eu tenho que] paparicar que a gente tem que paparicar, né? Porque sim. **Porque elas trabalham, eu não trabalho, entendeu? Elas vão pá rua trabalhar e eu fico em casa.** Eu tenho que paparicar e me humilhar aí.[Fico] com Medo de mãinha morrer e depois elas me botarem daqui pra fora e eu não vou ter onde morar, e eu tenho que xeretar aí, né. Elas trabalham, às vezes compra comida e eu pego escondido dela, pego mermo, quando eu não tenho nada aqui eu pego, aí, elas chega vão contar pra ver se tá faltando pra ver se fui eu que peguei, eu não digo nada, não falo nada, elas brigam muito, elas brigam muito. (Neneça, 12/05/1992).

Que minha mãe tem uma coisa... ela... o dinheiro dela não é só pra comer. Ela... tem o cigarro... Se ela tiver com um real pra comprar o pão e o cigarro, ela compra/ prefere comprar o cigarro. Jogo de bicho... o dinheiro dela vai todo nisso... Ela faz bicho, esse negócio de/de... de bicho. O dinheiro dela vai todo nisso. Aí pronto! (Lia, 8/02/1999).

Quando Neneça enviuvou e se viu sozinha com sete filhos para criar, adotou estratégia similar ao do seu primeiro casamento para sua sobrevivência: a conquista e atração de um novo companheiro que pudesse ajudá-la a se manter, sempre esperando dos outros a resolução de seus problemas materiais mais imediatos. Essa estratégia fica mais clara quando se percebe sua reprodução na vida de suas filhas e respectivas uniões. Gilson, seu novo companheiro, era,

quando conheceu Neneca, um homem casado, com dois filhos e morava com sua família na casa de sua mãe, no bairro do Uruguai (bairro de classe média baixa, de status social sutilmente melhor que o bairro de Neneca). Neneca entrou na vida de Gilson declarando guerra e enfrentando sua ex-mulher, decidida a ganhar o homem para si, o que conseguiu, afirmou, com “sabedoria, audácia, suas irresistíveis lasanhas e pratos italianos” que aprendera a fazer em um restaurante onde trabalhou naquela época. Encantado por Neneca, Gilson passou a visitá-la sorrateiramente pelas noites no quartinho onde morava com seus filhos, chegando à casa no meio da madrugada. Isso foi acontecendo até ele ir-se instalando ao longo do mês em que a conheceu, e se mudando de vez para a casa de D. Cida (no quartinho de Neneca).

Gilson, desempregado, dependia muito dos biscates e da ajuda da sua própria mãe<sup>10</sup>. Aos poucos, e com muita pressão de Neneca, Gilson foi fazendo pequenas melhorias no reduzido quartinho onde moravam amontoados com quase todos os filhos de Neneca. Com escassos recursos e espaço físico, construiu um quarto e banheiro na laje, e embaixo dividiu o espaço criando uma cozinha separada da reduzida sala. Trocou o chão de barro por um de lajotas. Rebocou e pintou paredes.

Gilson até chorar, Gilson tá chorano, nunca vi home chorar e Gilson tá chorando, não tá achano trabalho. Gilson tem profissão, Gilson é armador e pulidor, e ele não tem, tá pegano qualquer coisa. Nem bisco, ói, parece que foi uma coisa mermo que nem biscate. (Neneca, 18/03/1992).

Gilson fez segundo grau completo. Ele sabe conta muito bem, eu aprendi conta depois que eu vim morar com ele e que eu vim aprender conta de dividir de três número, de quatro número. Mas a educação, os respeito dos menino eles num respeita não. Gilson brinca, brinca, ensina o dever, quando os menino chega do colégio ele pega o caderno que ele, ele é formado né, ele é bem estudado. (Neneca, 18/03/1992).

---

<sup>10</sup> A mãe de Gilson é quem o ajuda a manter os filhos dele com a outra mulher (mulher e filhos que continuaram vivendo com a mãe de Gilson durante muitos anos, pelo que provocava “ciúmes” doentios em Neneca). Essa senhora colaborava também com alguns dos supermercados e feiras para o orçamento da família de Neneca. Era ela quem comprava os remédios e comidas especiais que o filho Gilson precisa desde que desenvolveu diabetes. Esta senhora muito magrinha, baixinha e de pele bem escura como o filho Gilson, usa óculos de algo grau, tem voz macia, meiga e baixa, indicando ser meio tímida. Costumava visitar o filho e sua nova família nos dias de domingo, porque Neneca se recusava a sair de casa para o “Uruguai”, alegando não ter com quem deixar suas filhas menores deficientes – em privado reconhecia que tinha ciúme da ex-mulher do companheiro ao qual, por sua vez, tanto rejeitava. Também na relação de Gilson com sua mãe, como a de Doca com a sua, se evidencia a relação de dependência e proximidade com os lares de origem. Quando Neneca e Gilson se separaram em 2001, ele voltou a morar na casa da mãe.

Gilson se divorciou da primeira esposa e desejava efetivar sua nova união com Neneca no Registro Civil, proposta que Neneca rejeitou para não perder o direito a sua pensão de viúva. Nela se percebiam, nos últimos anos, atitudes de rejeição ao pacífico, tranqüilo e paciente Gilson, a quem sua parentela via como um “homem “fraco”.

Pela grande quantidade de gestações e partos, o útero de Neneca ficou fragilizado, com diagnóstico médico de improvável nova gestação, o que poderia explicar a ausência de filhos do novo companheiro com o qual co-habitou mais de 10 anos em fase ainda reprodutiva da sua vida, e a quem conheceu antes dos seus 29 anos. Mesmo assim, ela voltou a engravidar em 1997 (cerca de 13 anos depois da nascimento da sua filha caçula), quando não esperava nem desejava mais ter um novo filho. Na mesma época a filha de Neneca, Leandra, e a namorada do seu filho Leonildo – Michelle – que passou a morar com eles na casinha de Neneca, estavam esperando seus primeiros bebês. Os conflitos e desentendimentos familiares eram sem fim naquele reduzido espaço de convivência. Diferentes interesses e conflitos entre distintas individualidades precisavam ser cuidadosamente administrados por seus moradores.

Dos três bebês a caminho, o de Neneca faleceu, causando grande ressentimento em Gilson e tristeza em Neneca. Várias histórias, algumas contraditórias, foram inventadas posteriormente em torno a esta situação. Eles levantaram a hipótese de estarem sendo vítimas de chantagem e que teriam sido informados por uns telefonemas anônimos por volta de 1999 não da morte, mas do roubo da criança no hospital, para ser dada em adoção, e que a pessoa teria como provar e mostrar onde o filhos deles se encontrava. Como a briga com Dina nessa época tomou dimensão inesperada, Neneca desconfiava poderem ser esses telefonemas resultantes de sua maldade. Por sua vez, piorava seu relacionamento com Gilson, pois Neneca também desconfiava estar sendo enganada por ele e alguma amante do companheiro que inventaram essa história para despistar. Mas também embarcava na argumentação e achava ser possível que seu filho estivesse vivo e, se tivesse o dinheiro que a chantagista lhe pedia, dizia, seguiria adiante para ver no que essa historia ia dar.

Gilson da C. B. Tenho 39 anos. Eu tenho dois [filhos], já fui casado. Morei [com a outra mulher] dez ou onze anos. [Aquela] Era uma relação até boa só que/ mas... **Por causa de que ela... discutia com minha mãe/ isso eu detesto** [separei]. Eu morava com minha mãe, quer dizer/ ela morava numa casa, eu morava encostado [...] Ai... larguei. Meu pai morava no Nordeste. Neneca eu... tava aqui na casa de meu pai aí... uma colega... uma

colega minha que... Uma colega daí... de... quer dizer, uma cunha/ uma ex-cunhada minha que apresentou... eu a Neneca [Ele gagueja]. Aí... nós começamos a sair... Aí... **Nem um ano/ nem um mês, aí eu já tava aqui.** <Riso>. Eu até agora não sei se era paixão roxa/ roxa ou se era... o problema que eu tava passando, aí aproveitei... e... Eu tenho ... tenho onze anos [com Neneca, vivendo]. É, mas... ficou... os três anos... os primeiros três anos, todo uma beleza, mas depois começou a... a mudar, mudar, que... A relação da gente começou a... ficar ruim... os meninos/ começou a de/ não me respeitá... não respeita nem a ela, nem a mim. **Esse é o pior problema da casa!** É o respeito. Tanto dela... Tanto dela... Tanto dela... comigo quanto... dos filhos pra comigo. É... que a dificuldade é bastante... Eu/ é/ ói... como eu disse a você... **Como pai é ruim. Pior é padrasto. Ainda é pior... E você como padrasto... tudo que acontece de ruim... é o padrasto... o padrasto não pode tocar na mão/ não pode tocar a mão porque aí vai dizer: 'ah, você não pode bater porque você não... não é pai'.** Muitas coisas já aconteceu aqui por isso. Já ouvi muitas piadas, muita indireta. Aí eles [filhos de Neneca] foram criando... criando asa, criando asa. Aí pronto... e **perdi esse/ o respeito totalmente.** E... porque... **filha mulher... ainda é pior, porque filha mulher tudo que acontece...** Neneca mesmo tem um problema da porra com essa... essa Leandra. Ela (Neneca)... ela fala/ fala demais. **E só fala coisa que não deve. Diz que eu tenho relação com/ que eu tenho relação com Leandra... Isso eu nunca tive/ eu/ é/ p / pessoa que já disse a ela: eu prefiro ter... relações com as pessoas de lá da... da vida... fácil, de que com a filha dela.** Eu já disse isso a ela várias vezes, mas ela... continua ... Eu também tomei ódio dela porque ela não faz... nada, dentro de casa. Leandra. Faz nada dentro de casa e Neneca apóia... Uma vez ela... disse a... disse a Neneca: “-Que ela preferia ver Neneca morta...caída da escada...”. Tanto é que... Neneca tava grávida de uma filha minha... juntou ela e a namorada do irmão Leonildo, a amiga [Michele, mãe de Mario]... aí, começou: Neneca grávida, [elas e Leonildo] começaram a... pirraçar Neneca - tanto é, que minha filha... Por causa de... de negócio da briga das namoradas, e ela... por que... tudo que Neneca falava ela queria bater em Neneca e aí... fui criando ódio. Hoje a... um ano atrás minha filha... faleceu... e tão eles [Leandra e Leonildo]... com o filho tudo aqui... Eu/ eu, sinceramente... eu às vezes tenho até pena de mim, vêi... e às vezes eu tenho ódio... porque uma filha minha faleceu por causa deles, e ela/ e eles tão aqui... eles que fizeram todo o drama tão aqui/ todos os dois... o filho... não é obrigado você... aceitar uma filha e um filho, não... dentro de casa/ dentro de casa [se] ele não respeita você. Não é obrigado não! Né? Não existe lei... Porque eles tão com essa mania 'por que é de menor'... Tem nada de menor! Dinho [Leonildo] não é mais de menor... Leandra [ou Mako], desde quando... ela já teve um filho, ela sabe que é pra ir... pra mim já/... não tem de menor certo... (Gilson, 31/01/99).

Neneca tinha sérias dificuldades de autoridade com seus filhos, e quando eles entravam em choque com Gilson, que procurava defendê-la, ela tomava o partido dos filhos, o que o deixava ressentido. Também aqui a lei do sangue fala mais alto do que o da afinidade. Neneca revelava comportamentos de imaturidade e mantinha com seus filhos uma relação de camaradagem e coleguismo bem distinta à de uma mãe com autoridade como Dina, por exemplo. Neneca se colocava na mesma posição dos filhos, como mais um deles, disputando um picolé ou copo de Coca-cola como se fosse menina, e não tinha sobre eles nenhuma autoridade. Ela falava muito e reclamava com eles, mas dificilmente agia. Os conflitos foram ficando cada vez mais graves e caracterizando o modo de vida deste pequeno sub-grupo familiar. Mas é com a filha Leandra, aliada da tia Dina, com quem Neneca tinha mais dificuldades de relacionamento.

[Sobre conflitos com Leandra] Alguma coisa tem, porque em branco é que não é, pra ela tá com esse ódio de mim dizendo que eu não gosto dela... tem alguma coisa aí. Olhe, eu não dou roupa a Lídia, a Lia, não dou roupa a Dinho, a Leandra, não dou roupa, não dou sapato, não dou nada, o que eu posso fazer eu faço se me pedir eu tiver eu dou, mas dar ... eu nunca dei nada os zoutros. E no que eu vou tratar as meninas melhor do

que ela? Não tenho condições, não sei o que é que tá existindo [na relação de conflito entre ambas]. (Neneca, fevereiro de 1996).

Eu... luto!... arrumo casa, varro casa, cuido de duas filhas doentes, entendeu? Faço comida... Pra eles chegarem encontrar comida pronta... Eu compro uma televisão, boto dentro de casa pros filhos meu quebrar?! Boto um telefone dentro de casa pra um filho quebrar?! Um vídeo, pro filho pegar e jogar pra cima e dizer que vai quebrar?! Quebrar uma geladeira, quebrar um fogão?!... Tem/a grande parte da igreja diz: “ah, você não pode guardar mágoa no coração” mas a gente não guarda mágoa, a gente alembra! (Neneca, 27/01/2000).

Esses menino [estão] tudo fora do eixo, num quer respeitar. As minhas filha mermo, meus filho, respondão. Agora que a fase tá pior, agora que é ruim mermo. Eu querer bater, num poder, pô eu vejo grande assim, daqui a pouco esses meni... eu quero dar uma porrada neles, eles vão [a]vançar em cima de mim, porque cê sabe que avança? Avança! Eu tenho que livrar minha cara minha filha, porque se eu num... eu já disse a mãe, a próxima agora eu vo... sinto muito, mas já... tá vendo uns cabo de vassoura alí no canto? Num tem? Alí no canto da escada, alí é pá quando começar a derrubar minhas coisa, quebrar meus copo, entendeu? Eu tinha um jarro bunito aqui em cima da mesa que André me deu [...], esse daqui chegou [referindo-se a seu filho Leonildo], ele me deve essa comédia, ele chegou e quebrou entendeu? Ele quebrou meu jarro. Eu disse a ele que ele vai me pagar meu jarro, nem que saiba... u... uma hora, mas ele vai coisar. Essa Leandra, esses copo aí, ei, tinha essa banca alí cheia de copo, ela quebrou todos, sabe o que é todos? Ela quebrou tudo, e eu vendo assim ela quebrar. [...] Ela chutou com o pé a mesa que eu recebi a mesa aqui assim, se eu num te... recebesse ela [ a mesa] aqui assim, ela ia bater direto na televisão, ela jogou pá pe... ‘Jogou pá pegar na mãe’, [e ela me dizendo:] ‘Joguei pá pegar mermo, eu te odeio!’, assim, na minha cara. Aí na hora que viu o negócio... que eu vi que o negócio tava muito quente demais... que eu não agüentei mais, mas botei ela alí no canto, mas ‘dei-lhe’. Veio pra mais de oito em cima de mim, veio Gilsinho, veio o marido de Dina, veio o marido de Lia, veio mãinha, veio os menino tudo. Na hora que eu alucinei, que eu vi tudo no chão, que eu olhei pro chão, que eu vi tanto vidro no chão, tanta coisa no chão, e ela dizer assim na minha cara: ‘Te odeio!’, aí eu vancei em cima dela, **mas dei-lhe tanto**, quando ele viu que eu ia vencer ela eles aí vançaram pra puxar em cima de mim. [...] **A pior parte de minha vida tá sendo essa agora. Esse daqui também, esse daí, chega, mexe com a criatura, a menina tá grávida dele, co é [qual é] a dele [Leonildo]? Num quer assumir ela... assume o filho, né? Procura um jeito de... agora, na gravidez dela... ele num quer, ele num quer. Isso tudo eu tô magoada com ele, inda acha a asa de mãinha: ‘Ah porque a mulher tem vinte e tantos ano [a mãe da outra filha de Leonildo, pois Neneca não gostava de Michele, que tinha 15 anos, mãe de Mário], vinte e cinco ano e ele tem dezenove’, o que tem a ver? Não! E se ele mexeu, ele tem que assumir o menino. Isso tudo me machuca, me magoa muito. Fico muito chateada com isso. (Neneca, 21/01/2001).**

Neneca não saía para se divertir na rua, apesar dos convites de Gilson e dos conselhos de D. Cida de que precisava relaxar. Não queria trabalhar alegando precisar cuidar e melhor controlar e “cuidar” da sexualidade das filhas doentes, pois temia que “algum safado”, aproveitando-se dos problemas mentais das filhas, pudesse abusá-las e vir a engravidar. Como ela ficava em casa, seus filhos deixavam-lhes os netos para ela cuidar, do mesmo modo que filhas de D. Cida fizeram com a matriarca. Neneca se queixava da sina que ela mesma delineou, a de estar-se transformando, sem o desejar, em uma nova D. Cida – situação que assumia a contragosto e pressionava seus filhos para contribuir (ao menos) para o leite destes netos e um pouco dos gastos domésticos. Quando estes não participavam, ela tampouco se preocupava em demasia por alimentar os pequenos além das suas possibilidades.

Após a morte de D. Cida em 1999, Neneca sentiu-se mais livre para seguir seus impulsos manifestos e reprimidos de uma nova vida e novos amores: separou-se de Gilson, que voltou para a casa de sua mãe, e passou a namorar um rapaz 20 anos mais jovem do que ela. Por este romance passou a ser recriminada pela irmã Dina, que agora, depois da morte de D. Cida, assumiu o papel de boa mãe de família e esposa. Neneca, por sua vez, recriminava Dina dizendo que se ela não tinha feito o desejo de D. Cida em vida – viverem de acordo a seus preceitos, em união e respeito com seus parceiros, relações solidárias entre os parentes etc. – que agora com ela morta não tinha mais sentido fazê-lo, e que por isso ela se recusava a seguir presa a seus desígnios e preferia re-fazer sua vida. Neneca, com o novo romance, exalava jovialidade, alegria e uma vitalidade que há muito tempo não se via mais nela.

Em 2002, com medo, por causa dos últimos acontecimentos ligados aos assassinatos dos sobrinhos (os dois últimos extraídos da própria residência por membros de gangue rivais ou grupos de extermínio), ela preferiu deixar a casa e ir morar com seu namorado e alguns dos filhos em Camaçari, perto da sua filha Lia, que também deixou sua casinha por causa da violência no Nordeste e na sua própria família. Até julho de 2003, Neneca não tinha voltado para sua casa no Nordeste. Dina comentou-me em 2003, que com o namorado “maconheiro” que Neneca tem, a família não aceitará que ela volte para casa. Os que ficaram na sua casa foram dois dos seus filhos: Leandra e Leandro, os dois que tem melhores relações com Dina e com os filhos de Lena que restaram vivos. As “casas de baixo”, em julho de 2003, estavam habitadas apenas pelo grupo dos jovens (maioria masculina) e o aspecto geral delas imprimiu-me uma sensação desértica, a de entrar em um lugar sem vida, sem movimento, sem móveis e sem eletrodomésticos, bem distintas de quando habitadas por D. Cida e Neneca. Havia na porta de entrada, amarrado de corda no pescoço, uma nova mascote guardiã: um filhote de pitbull preto.

Daqui a 15 anos...eu não acredito que daqui a 15 anos eu tô viva mais. Eu acho que não. Jamais! Jamais eu vou chegar/ jamais eu vou chegar a idade que minha mãe chegou... Eu não vou tá mais/não... não vou chegar à idade de mãinha não. Convivendo com essas pessoas... **mas se eu tiver fora aí eu talvez até eu viva... mais uns dias, mas aqui... eu não acredito que eu vou bater 2000.** Daqui mais uns... cinco ou seis anos é, **eu sei que tô como bisavó igual a mãinha, né?** [‘-Será? Já?'] É. [‘-Talvez mais!'] Eu tenho uma neta que vai fazer três anos, né? Agora... (Neneca, 27/01/2000).

**O amor que eu tinha era só por minha mãe. Mais nada!** Nem a filho mesmo eu não tenho mais amor... Eu não tenho amor a filho/ pra que eu ia ter amor a filho?! **Pra ficar do mesmo jeito que mãinha ficou? Aqui ó [um sinal] Aqui ó/ Eu tô/ eu tô... repetindo a mesma coisa de mãinha... eu tô indo no mesma coisa de mãinha... filho arranjar filho, largar nas minhas costas...** (Neneca 27/01/2000).

[Os netos de D. Cida vão] Eu acho que daí pra pior... E... melhorou! Quando ela era viva as coisa era pior!... do que tá agora. Mudou/muita coisa mudou. **Mudou o nervosismo... de muitas pessoas. É... agora tão começando a fazer as coisas que ela... queria! Por que pra mim não me interessa mais/ eu fazer nada. Nun/eu/o quê ela queria fazer que eu não pude (fazer)/ por que ela morreu, eu não vou fazer! Nem adianta que eu não vou fazer.** Eu queria que fizesse quando ela tava viva. Quando ela tava viva/não houve condições de fazer... **então, agora também eu não quero fazer mais nada.** E pra mim acabou. **Pra mim aí... o mundo acabou, casa acabou, filha acabou, sobrinho acabou, irmã acabou... tudo acabou pra mim! Não existe mais nada pra mim.** (Neneca, 27/01/2000).

## SEGUNDO ATO

### *Neneca e Dina em passado recente*

Alguns anos após Dina deixar o quartinho dos fundos e começar a construir na laje de D. Cida, começa a processar-se uma significativa transformação na sua auto-estima e na posição que ela ocupava na família. Dina passava agora a ser a filha com melhores condições econômicas. Ela tinha orgulho da casa que ia levantando, ampliando, remodelando, ajeitando, enfeitando, dia a dia, mês a mês, ano a ano, com gosto e dedicação.

Não, antes não podia trazer amigo nenhum na minha casa, que pergunta: ‘cê mora aonde?’, eu disse: ‘morava ali’ – ‘não posso ir lá não?’ – ‘não, não, outro dia você vai...’. Porque eu tinha vergonha! Já pensou? Tinha vergonha! Hoje não! Hoje eu tenho prazer em encontrar qualquer pessoa na rua e dizer: ‘vá lá em casa’. (Dina, 27/07/1999).

O projeto”, e investimento, de Dina no processo de construção da própria casa indica como seu grupo passou em um curto período de tempo do “nada” a habitar uma pequena e bem montada “mansão” na visão dos olhares invejosos da sua parentela e vizinhança. Foi por esta época que Doca deixou a casa dos pais e se instalou definitivamente na casa de Dina, quando ela, reclamando ele não assumir sua família e incomodada com sua violência, demonstrava desejos de romper o vínculo. Não o fez, diz, por medo dele e pela influência de D.Cida, que queria consolidar sua união com o pai de seus filhos. Apesar da conquista de uma posição de destaque na sua estrutura familiar, ela continuava sendo vista pela sua parentela com desconfiança e inveja e era acusada de comportamentos “desviantes” do padrão esperado. Ela continuava sendo menos

veloz ascensão da casa de Dina, que de forma ambiciosa e bem determinada, foi se expandindo para além do desejado pelo restante da sua parentela, o que motivou boa parte dos novos conflitos.

Nesta nova fase de independência da casa matriz matriarcal a separação das novas famílias torna-se um fato, com a compra de seus respectivos fogões e com a divisão das contas a pagar, formando-se uma nova e mais complexa configuração de *casas* no mesmo terreno da *casa* original. Os conflitos cotidianos na casinha de Neneca com seus filhos adultos e em fase de procriação marcam esta fase. A autonomia conquistada pela casa de Neneca foi relativa nesta fase, pois D. Cida continuou pagando (até o dia da sua morte) as contas de luz, água e certos gastos gerais das casas “de baixo” (dela e de Neneca), enquanto já o deixara de fazer para “a casa de cima” (Dina), que nesta nova fase apoiava significativamente, com doações materiais, a casa matriz de D.Cida. O sentimento expresso por Neneca em relação ao seu passado apontava para sua deterioração progressiva, possivelmente por se comparar, agora, com o modelo bem sucedido da sua irmã, e vizinha, que ela viu subir rapidamente e que vive agora uma situação econômica superior à dela.

[Antes] Tinha fatura, não faltava nada, a lata de farinha tava sempre com farinha, a lata de feijão tava sempre com feijão, mas foi uma tragédia. [Foi] Meu pai piorar, da gente ficar mermo sem nada dentro de casa, de primeiro do ano pra cá. Da gente vender tudo, ela vendeu o rádio, vendeu o relógio! O primeiro [a morrer] foi meu pai, um ano depois foi meu marido, não, foi meu pai, minha filha depois meu marido, depois Lena, isso tudo foi funeral, quando a gente nem bem terminava de pagar um caía em outro, nem bem começava a pagar um caía ni outro, nem bem começava a pagar aí outro caía (...) aí foi ino, foi ino, todo mundo aqui desceu que desceu de vez. (Neneca, 18/03/1992).

Foi ao entrevistar dois dos homens das casas – os companheiros de Neneca e de sua filha Lia, Gilson e André<sup>12</sup> - que percebeu-se o papel central que D. Cida sempre exerceu neste conflito e na inveja entre as duas irmãs.

É... D. Cida... é boa pessoa mas tem muita coisa que acontece... geralmente, por causa dela. Você é mãe e você não pode nem exemplar um filho seu porque se for ... exemplar um filho teu, ela se mete, quer ver... Tenho nada pra falar dela, não, só... que as brigas da casa são... Porque ... **parece que ela sempre tá de um lado de uma pessoa só...Eu acho que ela tem [preferências/ faz diferenças]...** Aí tem esse problema todo/ cria briga.[...] Aí ela tá incentivando eles brigarem... (Gilson, 31/01/99).

---

<sup>12</sup> Curiosamente este é o olhar do parente por afinidade, daqueles que se sentiam frente a certas situações mais “fora” do que “dentro” da família.

**Ela nunca foi contra neto nenhum, por mais errado que eles tivessem, ela sempre tava falando que os meninos tava certo.** Se um/um/um respondia a ela lá embaixo e a gente descia pra ir reclamar com eles, ela achava que/ ela era contra a gente e a favor deles... entendeu? E a minha revolta que eu tenho mais com eles são essa: pô, mais do que ela fez, mais do que mãeinha/não tinha/ não tem igual que faça o que mãeinha fez! **Eles deveria respeitar mais”** (Neneca, 27/01/2000)

**[O motivo do desentendimento é] Dela proteger demais. É. É ela que tem que acertar tudo.** [Gilson interrompe e diz]: “-Ela protege demais. **Ela protegendo um/ protege um, o outro não. Por isso que cria essa... inimizade entre eles, quer dizer, [muita gente] tem o ciúme.** Quer dizer... Por que ela diz que... o Cleonaldo [filho de Lena] é doente... e pra fazer o que for/ mas ela assim/ por ele é o mais bravo. Ele é o mais bravo. Aí ela... [o] protege/ [mas] ela tem medo... Eu acho que eu/ eu acho que ela o protege pelo fato dela ter medo. [Já] Téó, de primeira, era assim mas depois melhorou. Depois que aconteceu um negócio com ele... Ele não tomou... uns tiro?... melhorou/ não desrespeita mais ela, não.. E depo/ [sobre os tiros:] Eu... eu até hoje não sei... Foi em abril, vai fazer um ano. (André e Gilson, 31/01/99).

**Quem faz comigo, faz só uma vez.** A não ser mãeinha, né. Se mãeinha fizer alguma coisa comigo, jamais. Ah, cê vê que eu falo mais de mãeinha, né? **E ela apóia mais Neneca. Ah, mas sempre, sempre foi assim. Porque, ela gosta mais de Neneca. Mais do que eu. Gosta muito mais.** Não sei que é porque Neneca tá mais perto dela ali. Mas às vezes quando ela precisa das coisas ela vem a mim, né. Eu que faço por ela! De manhã, se eu bater uma vitamina tem que mandar o copo pra ela, meio dia se fizer uma comida, tem que mandar pra ela. E Neneca não é assim, e ela gosta mais. Eu sinto, a gente sente quando uma pessoa gosta mais de uma pessoa do que de outra. A gente sente. **Não, não é ciúme não. Sei lá! Deve ser ciúme mesmo.** <r> Deve ser ciúme... (Dina, 27/07/1999).

Ói, pra ser sincero, D. Cida sempre foi mais pro lado de Neneca - não sei porque. Porque é Neneca que... Aqui eu tô falando porque... Tem que dizer a verdade, né? E é uma pessoa que maltratava muito D. Cida/ D. Cida – em palavras e tudo, entendeu? Sim. Então... Dina que fazia mais as coisas pra ela, entendeu? Que o que eu comia aqui, se a gente comia, D. Cida comia também. Se a gente tomava vitamina, era obrigação o copo de D. Cida primeiro. D. Cida tomava café aqui primeiro do que os meninos. Era bem/ tratada bem, entendeu? Mas só que... ela tinha/ gostava – eu acho – mais de Neneca. Não sei porque mas... Era mais pro /pra lá, mais pro lado de lá... (Doca, 23/01/00).

D. Cida era o principal motivo da maior parte dos conflitos e invejas entre todos os familiares por ser o eixo do poder almejado por todos, a dona da casa e fonte de renda importante. Apesar da sua boa vontade, ela não conseguia administrar nem tinha condições para neutralizar o elevado grau de violência e tensões no interior do seu grupo de parentesco. Desentendimentos e conflitos constantes entre a parentela surgiam do intento de conquistar o consentimento e a proteção de D. Cida, ou para mostrar quem se preocupava e cuidava melhor dela, afagando-a ou procurando diminuir seus sofrimentos. Este foi o persistente discurso de ambas as irmãs nessa época. Os estilos de cuidado é que divergiam. Sobre os desentendimentos entre as irmãs justificava D. Cida:

**Então é o que eu acho errado hoje em dia porque eu vejo essa/ essas guerra... que aonde/ não era/ não era pra ser... essa guerra.** Pela educação que eu dei... pela forma de criar... não era pra hoje em dia eu/ eu ver... no meio delas eu/ eu tá... ouvindo certas coisas nem/ nem... agüentando isso tudo, né? [...] Não, ela [Dina] é/ como eu tô dizendo assim, ela era... ela não era assim! Ela não era assim. Foi ba/ o problema dela foi depois... Depois dessa, desse... estrangulamento de trompas. Que ela teve/ fez essa ligação. **As coisa, aí ficou... atingiu... em qualquer coisa os nervo dela, que qualquer coisa ela... se zanga. E a outra... A outra também é a mesma coisa, né?,** porque... tem muito filho... **tem filhos doente... ficou prisioneira dos filho...**

**então ela veve nervosa. Precisa de saber/ eu canso de dizer a ela: precisa é... se desligar de certas coisas mais e... cuidar de si! Porque não é por aí... Ela não vai ficar presa a vida inteira com os filho, doente...** (D. Cida, 24/2/1999).

Dina procurava resolver os problemas materiais da mãe enquanto Neneca, os afetivos. Neneca parece ter sido a filha predileta de seu Diogo no passado e quando D. Cida era viva era a mais próxima da matriarca, com a qual compartilhava uma mesma forma de ver o mundo e de se relacionar ao interior da família, o que as distanciava do modo de operar de Dina. Dina, algo ressentida, disputava com Neneca o afeto da mãe, o que parecia não estar em questão para D. Cida, quando afirmava gostar e admirar cada uma das filhas e não entender ou querer reconhecer que o ciúme entre elas pudesse ser por ela. Talvez nem para Neneca fosse este o principal motivo dos conflitos com Dina, pois, neste campo, ela sabia-se vencedora. Dina tinha ciúme do bom relacionamento de Neneca com seus pais. Neneca inveja a posição conquistada por Dina na atualidade, lugar que lhe reflete a situação financeira mais frágil e casa menos imponente que a de Dina e uma dimensão do próprio fracasso na administração da sua vida com seus filhos, que não a respeitam como o fazem os da sua irmã,

Neneca, como a mãe, se preocupa muito pelo bem estar coletivo do seu grupo familiar. Ela tem bom relacionamento com todos da família e da vizinhança, adora uma fofoca, intriga ou exagero, e sua maior qualidade é jamais ter dado as costas para as necessidades mais urgentes de sua parentela. D. Cida se identifica, em parte, com o modo solidário de ser de Neneca, mas também com o jeito empreiteiro e trabalhador de Dina e tem orgulho das qualidades de ambas. Não parecia haver no coração de D. Cida uma distinção de fundo entre estas duas filhas suas, coisa que não é possível sustentar quando entra em cena a irmã de criação, Merina. Com a filha de criação fica patente a diferenciação, o preconceito e certo distanciamento de D. Cida, que não consegue tratá-la da mesma forma que às suas outras filhas. Merina não tem o mesmo sangue, e isso se evidencia na forma discriminatória de expressarem – Neneca e D. Cida – seus sentimentos sobre Merina.

Dina foi sempre mais individualista e severa em seus juízos, esquiva e menos comunicativa, muito sensível e generosa, mas também vingativa quando não correspondida. Ela guarda sua privacidade fechando as portas da sua casa e tampando as panelas da sua cozinha ao olhar bisbilhoteiro e interesseiro da sua parentela. Esses movimentos explícitos de isolamento e seu

temperamento áspero impedem a aproximação dos parentes de sangue que se sentem agredidos com esse movimento de exclusão que Dina executa, e pela forma particular de exercer o “princípio de consideração” na escolha dos seus amigos e grupo de referência, tratando aos parentes como pessoas “estranhas” e aos amigos (verdadeiros “estranhos” para sua parentela) como irmãos.

### *A circulação de bens*

Numa lógica da dádiva baseada na trilogia *dar-receber-retribuir*, a negação de Dina a “retribuir” poderia ser vista como sua declaração de guerra ao grupo familiar, sua forma de se impor e mudar as regras do campo. Sua parentela a recriminava pois, na perspectiva da reciprocidade, Dina deveria restituir a gratidão materna: o direito de bater laje na sua casa. Talvez Dina estivesse agindo do ponto de vista de uma lógica mais economicista, distinta da lógica da dádiva, ou talvez para ela o circuito da dádiva não era eterno, nem extensível a todos os membros do seu clã, como era esperado pela sua parentela. Para Dina sua casa foi uma conquista e não uma “doação” da sua mãe a ser retribuída. O direito à laje teria sido a contra-dádiva ao seu esforço anterior de reconstrução da casa materna.

Nesta direção chamam a atenção as doações de Dina para a sua mãe – aparelhos domésticos tais como ventilador, geladeira etc. – as quais ela depois tomou de volta para evitar o mau uso desse bem pelos netos de D.Cida. Eles os trocavam por drogas. Relatos familiares associam os cinco tiros que Téo levou, numa emboscada no bairro, ao ato de Dina ter recolhido o ventilador que seu sobrinho tinha entregue a um traficante para findar sua dívida. Outro exemplo curioso foram os distintos acessos de raiva e descontrole de Dina, que quando contrariada ou distintas brigas conjugais e/ou familiares, destruía completamente bens da sua própria casa e/ou dos outros.

A quebra do processo de reciprocidade e o estado de guerra descrito nas narrativas (ver Apêndice B sobre o contexto da demanda policial) caracterizam o *potlatch* – estado de guerra – entre

distintos grupos desta estirpe<sup>13</sup>. Mas toda guerra é uma troca mal sucedida, diz Sahlins (1983), e a sua supressão nem sempre é a vitória de um e a submissão de todos, pode também ser uma rendição mútua como de alguma forma pareceu dar-se por uma temporada ao menos, após a morte de D. Cida. Os comportamentos destrutivos de Dina contra bens da própria casa, em distintos momentos da sua trajetória, ilustrados em diversas narrativas, claramente indicam o que Leffort (1979) identifica com o valor de prestígio que se liga ao intercâmbio. Este é evidente em certos casos em que os clãs lançam uns aos outros desafios de dons e procuram explicitamente a submissão do adversário, dominando-o por meio de presentes ou guerras declaradas. Chega-se até a destruição das riquezas. Em certos casos deve-se até mesmo desprender de tudo e não conservar nada: aquele que soube tudo consumir e tudo destruir é que será olhado pelos outros como chefe. Para Mauss (1988) “destruir ao dar” é colocar o outro na impossibilidade de restituir, e neste sentido o autor do *Potlatch* destrói o bem para não receber, mas principalmente põe o outro diante do desafio de, como ele, negar a riqueza... pois é um modo de afirmação, como aquele que sabe se elevar acima daquilo que possui. Rasgar os tecidos preciosos, jogar colares no mar, queimar suas casas, diz Leffort, é clara manifestação de que *não se é* esses tecidos, esses colares; “essas casas”. É certo que, o *potlatch* prova muito bem a tendência do homem em se identificar com sua propriedade, pois lhe é necessário se destacar dela, continua Leffort, mas é em si mesmo sua negação. O homem assim se desfaz de sua aparência e se põe graças a um “eu não sou isto”... em confronto com a natureza. No quadro desta confrontação, não parece que o ideal seja colocar o outro na impossibilidade definitiva de restituir, pois o objetivo perseguido não é apenas a submissão de outrem, mas a submissão da natureza, o que está sempre por ser re-efetuada.

Em quase todos os conflitos ou manifestações de ciúmes que presenciei entre Neneca e Dina nesta *casa* (e outras “guerras” que aparecem em narrativas ao interior dos sub-grupos), a luta pelo espaço físico parece sintetizar o motivo principal e latente da maioria dos desentendimentos. No

---

<sup>13</sup> Ver outras dimensões sobre quebra de reciprocidade neste paradigma holista da dádiva descritas por Firth (*apud* SALHINS, 1983) sobre as ausências de obrigações de retribuição dos maoris entre os maoris, segundo a qual uma contra-dádiva os profanaria ou anularia. Naquela cultura, diz Sahlins, havia uma única exceção a esta regra da obrigatoriedade de retribuir e que era permitida apenas ao “mestre maori da magia negra”: *tapú*, cuja “falta” seria recompensada mediante uma vítima. Nesta direção o “aprendiz de mestre” teria de matar um parente próximo, ato de sacrifício aos deuses, o que aumentaria o poder do conjuro retribuindo ao mesmo tempo a dádiva retida” sem ter lugar uma retribuição direta da dádiva inicial. Ver também o sentido que Leffort (1979) associa ao termo *Dom* (dádiva): o de *Clinching gift* de Malinowski (o dom que aferrolha) ou como os germanos, *gift*, que significa o duplo valor de dom e veneno.

conflito de janeiro de 1999, que foi denominado como o pior de todos em suas vidas, e que culminou com a demanda policial levantada por Dina contra sua irmã e sua sobrinha, tudo começou, comentam, quando Dina viu sua sobrinha Lídia, moça adulta e “dona do seu nariz”, “se agarrando” com um rapaz na praia. Dina foi contar a Neneca. Lídia, incomodada com a “intromissão” e julgamento de Dina sobre sua sexualidade, teria lhe dito que fosse cuidar e olhar da sexualidade da sua filha Rejane – que por ter perdido o ano letivo escolar levou uma boa surra – que estava namorando às escondidas um rapaz noivo de outra e teria sido vista “se agarrando” atrás da Igreja (insinuando-se a perda da sua virgindade).

Este foi o estopim de uma guerra que levaria todo o dia, com quebradeira de móveis, copos e taças de vidro. Dina atirava objetos de cima tentando acertar sua irmã e sobrinha embaixo, chamando a atenção da vizinhança com gritaria e xingamentos de ambos os lados. As mulheres “de baixo” (Neneca e sua filha Lídia) acusavam “a de cima” (Dina) de roubo, prostituição e lesbianismo, com seu companheiro como cúmplice. Tais “calúnias”, vindas da boca da sua irmã, aos gritos escancarados, para toda a vizinhança ouvir, ofenderam profundamente Dina, que ficou envergonhada de sair à rua por vários dias, com pensamentos suicidas e com desejos profundos de vingança. Tal guerra entre famílias só teria se acalmado à noite, quando Doca, que não presenciara o conflito, regressou do trabalho e tomou partido a favor da mulher, ofendido por ser acusado de “corno”. A casa parecia uma sepultura, estava toda fechada e silenciosa no dia seguinte em que passei de visita... só meses depois entenderia e conectaria os fatos. Mas a guerra continuou vários dias a seguir, com ameaças e telefonemas anônimos mútuos, bozós (encomenda de trabalho de candomblé contra inimigos) nas portas e encruzilhadas próximas, abandono temporário da casa pela sobrinha Lídia, que ficou preocupada com as ameaças de Dina e seu marido contra sua vida. (Ver no Apêndice B algumas das versões familiares sobre esta briga).

Nesse verão de 1999 e durante todo o carnaval desse ano, o conflito familiar alcançou tal dimensão, que provocou aflição e constrangimento familiar generalizados. O pessoal “de baixo” me afirmava, com impulso de revanche e tom ameaçador, ter “como provar” e “desmascarar” “a de cima” frente ao seu marido e à “polícia” com respeito aos atos de “imoralidade” daquela. A “de cima” – Dina – queria ver até onde aquelas teriam coragem e firmeza para sustentar “suas calúnias” na delegacia de polícia. D. Cida, angustiada, implorava a todos que ficassem calmos e

procurassem dirimir o conflito, aconselhando “às de baixo” a voltar atrás, evitando afirmações sobre moralidade da “de cima” na delegacia, dizendo nunca terem afirmado tais coisas, relatando apenas o acontecido. Foi isto o que fizeram depois de muitas dúvidas e sugestões de todos, ganhando as demandadas – as de baixo – pelo , pelo seu comportamento esperado e adequado na delegacia, certa cumplicidade e aprovação dos policiais. Isso enfraqueceu Dina, que ficou furiosa e exaltada na delegacia, gritando, sem habilidade de resposta às novas acusações feitas pelas demandadas quando foi inquirida. Dina não previa enfrentar as acusações com que se defrontou, chegando a reconhecer ter sido ela própria quem destruíra os bens perdidos da sua casa na guerra com as “de baixo”. Ela sentiu-se traída por não encontrar nenhuma acusação sobre as calúnias que a levaram a perder o controle. Por isso sentiu-se humilhada e incomodada com a cumplicidade dos policiais com suas parentas. Neneca, que entrou “apavorada” na delegacia, sentiu sair “triumfante” daquele impasse.

### TERCEIRA PERSONAGEM CENTRAL

#### ***Dina (37 anos, 4 filhos de Doca; marcenaria e ajudante de pedreiro)***

Dina foi se tornando uma das figuras centrais da pesquisa deste grupo familiar, inicialmente pelo interesse em pessoas com problemas de “nervoso” e esterilizadas, depois pela relação antagônica com sua irmã Neneca no *potlatch* deste grupo familiar, na luta pelo espaço e direito à casa, que foi se erguendo como um dos eixos centrais na análise do objeto de estudo desta tese. Pelo seu temperamento esquivo e desconfiado se recusava sistematicamente a participar como informante de pesquisas anteriores. O processo de aproximação a ela foi gradual, resultante de anos de visitas à sua residência, trocas de alguns presentes, que no seu caso, foram também recíprocos, e elogios a suas habilidades e logros na construção da casa. Pela empatia e confiança conquistadas passei a guardar um dos cadernos de seus diários pessoais, que vinha escrevendo há alguns anos. A intimidade que tinha com D. Cida e Neneca foi motivo do seu distanciamento e desconfiança inicial, pois temia que alguma coisa que ela contasse viesse a ser sabido “lá embaixo”, entre os seus parentes mais próximos e usado contra ela. Depois, foi cedendo, e aceitou colaborar com a

pesquisa recebendo as visitas e gravando entrevistas, reclamando quando os encontros ficavam mais espaçados. Ela consentiu que sua vida fosse editada nesta tese, o desejo de privacidade era com sua parentela, tidos como seus piores inimigos naquele momento. Ela sentia orgulho de ser objeto de estudo desta pesquisa e alimentava a idéia de um dia ver sua história publicada. Chegou a pensar em publicar, ela mesma, um livro a partir de seus diários e histórias – como o fizera Carolina Maria de Jesus (1996), uma mulher pobre e negra de Minas Gerais, semi-analfabeta, catadora de papel, que migrou para favelas paulistas e escreveu *Quarto de despejo*. Livro que dei-lhe de presente, e que leu em três dias, comentando que gostou tanto que o circulou entre amigos, com os quais o discutiu coletivamente.

Dina se mostrava uma pessoa vivaz, suave no trato, tímida e gentil; ela era muito elogiada pelos amigos que freqüentavam sua casa. A desigualdade de poder intrínseca à relação de investigação entre pesquisador-pesquisado ficou bastante equilibrada pela forma como Dina conduzia os contatos. Ela me presenteava e se mostrava extremamente atenciosa; estabelecendo mediante “sistemáticas” doações a sua superioridade frente aos outros e fortalecendo nestas trocas de favores a obrigatoriedade da reciprocidade. Meu ouvido atento e os cuidados com sua pessoa pareciam ser para ela importante e valiosa contra-dádiva, da qual parecia esperar continuar sendo beneficiária.

Em cada visita que fiz a Dina, ela fazia questão de demonstrar sua superioridade como boa anfitriã. Sempre oferecia e servia-me um café, um suco, um almoço ou lanche, como fazia com todas suas amigas e “visitas” da sua casa – mesmo e quando podia faltar para o consumo próprio – e jamais aceitava uma recusa sob grave ameaça de não prosseguir com as entrevistas, dizia brincando, fazendo-me desta forma, sua devedora. A forma de servir e apresentar o alimento oferecido primava pelo cuidado, usando suas melhores taças, pratos, toalha de mesa... cuidava de tudo nos mínimos detalhes. Em certa ocasião, no dia do aniversário da sua irmã Neneca, com quem disputava naquele momento pelo fato de Neneca ter adquirido uma linha telefônica e ela, Dina, apenas contar com os aparelhos e a extensão da linha do seu patrão, ela me presenteou com um dos dois aparelho telefônicos (em design bem moderno) idênticos que tinha na sua casa, e que seu marido tinha ganho recentemente, provocando, com esse gesto, maior ciúmes na sua irmã Neneca.

Nas palavras de Leffort:

Dar é tanto pôr outrem sob nossa dependência quanto nos pormos sob sua dependência ao aceitar a idéia de que devolverá o dom. Mas esta operação, esta iniciativa no dom supõe uma experiência primordial graças à qual cada um se sabe implicitamente vinculado ao outro; a idéia de que o dom deve ser restituído supõe que outrem é um outro eu que deve agir como eu: e este gesto em retorno deve me confirmar a verdade de meu próprio gesto, isto é, minha subjetividade. O dom é, assim, ao mesmo tempo o estabelecimento da diferença e da descoberta da similitude. Separo-me do outro e o situo defronte a mim dando a ele algo, mas esta oposição não se torna real a não ser quando o outro age da mesma forma e, por conseguinte, em certo sentido a suprime. [...] Não se dá para receber; dá-se para que o outro dê. (1979,p. 33).

Já com seus familiares Dina era mais dura, grossa, altiva e de “língua afiada”, diziam, não deixando passar nada calada. Parecia identificar-se mais com uma lógica individualista, própria de classes médias do que com a lógica holista que segundo Duarte (1986) é característica das classes trabalhadoras. Era vista, segundo os padrões familiares deste grupo, como uma pessoa “egoísta” pelo seu modo de dividir seu tempo, sua conversa, o espaço físico e o que se tinha para comer ou gastar. Dina é generosa, mas também muito seletiva no que toca aos seus beneficiados, ao quando e ao quê compartilhar, tendendo em geral, a um auto-isolamento defensivo e ao castigo ou afastamento daqueles que considera serem seus desafetos.

No campo profissional sempre chamaram a atenção as escolhas e o engajamento de Dina em âmbitos tipicamente masculinos com serviços físicos pesados: pedreiro, auxiliar de construção civil, trabalhos de marcenaria. Estas atividades lhe fizeram desenvolver um corpo forte, hábil e resistente. Até pouco tempo, Dina participava na equipe de um marceneiro especializado, seu Orlando, que se dedicava à remodelação e polimento de móveis. Seu Orlando morreu logo depois de D. Cida, e era um grande amigo do casal, tratado como um pai por Dina e Doca.

Este senhor estava casado com uma mulher doente (após derrame cerebral) e vivia com um filho que sofria de problemas mentais, pelo que, para fugir dos problemas da sua casa, passava a maior parte do seu dia na casa de Dina. Era comum encontrá-lo lá, nos distintos dias e horários em que fui visitá-la, como também a amiga do casal, Greice, almoçando, merendando, assistindo televisão ou simplesmente conversando com Dina ou seus filhos. A linha de telefone na casa de Dina, extensão da de seu Orlando em certa época, através da qual recebiam os pedidos da clientela, não parava de tocar durante minhas visitas. Segundo Seu Orlando, Dina era sua mão, pessoa da sua confiança e o melhor dos seus funcionários, pelo capricho, acabamento e trabalhos

delicados que sabia fazer, havendo serviços que só ela exercia. Sempre foi a única mulher na sua equipe. Após a morte de seu Orlando demorou um bom tempo a ser chamada para novos serviços. Os familiares de seu Orlando tiraram a extensão telefônica da casa de Dina, cuja clientela passou a ser administrada por outro dos filhos de seu Orlando, e que possuía sua agenda telefônica. Quando não aparecia serviço na sua profissão, Dina fazia todo tipo de bicos como faxinas, serviços de tapeçaria, aplicava injeções no bairro, fazia geladinhos ou comidas para vender: tudo o que fosse necessário para receber um trocado, um favor em troca, para comprar o pão e feijão do dia. Desde que Doca, em sua nova fase, passou a assumir suas responsabilidades como provedor e bom pai de família, ela passou a cuidar mais da casa e agora também dos netos que começaram a nascer a partir de 2003, trabalhando com sua equipe quando aparecem serviços de marcenaria.

Muito rebelde e temperamental desde menina, Dina foi das mais difíceis de criar, comenta va D. Cida, e das filhas, uma das que mais apanhou do seu Diogo. Com 12 anos, declara, ficou “obsecada” pelo seu atual companheiro, Doca, que também tinha 12 anos. No trecho abaixo ele conta o que faz e sua versão do início da relação com Dina:

[Sou] Doca. É... J.C.C. de C. [Tenho] 23... 24! É, 24 anos. [Dina ao fundo: ‘Tem 24 anos é?’]. Ó! Errei... 34 anos. Tô trabalhando. Eu... sou pintor. Trabalho com lataria de carro, é, chaparia e... pintura de pára-choque. Eu tenho... 7 anos e pouco. Nesse mesmo local. [...] Eu nasci... ali no... no Morro do Gato. Ali no Chame-chame. Vim pra cá pra/ pro Nordeste tinha... seis anos de idade. Com toda minha família. Aí com oito anos de idade eu comecei a trabalhar, comecei a vender leite... Acordava cinco horas da manhã, saía com... Aí, o negócio foi parando, foi parando, aí eu procurei... eu e meu irmão, a gente procurou uma distribuidora de jornais A Tarde, aí na Santa Cruz... A gente aí já passou a vender jornal. A mesma rotina. Saía de madrugada e retornava umas duas horas, três horas da/ da tarde. Sem comer, nada. Às vezes a gente nem tomava café... porque... **não dava tempo**. Eu tinha doze anos. Essa época é que eu comecei a conhecer Dina... Tempo de menino, criança mesmo... Aí pronto! Eu morava Com minha mãe e com meu pai, meus irmãos, aqui na Santa Cruz. Aí meu pai... disse que eu tinha que aprender alguma coisa, que jornal não ia dar futuro... Aí eu tenho um primo chamado Zelito que [hoje] ele tem uma oficina de carro. Aí eu... comecei a ir pra oficina com ele, de manhã cedo... Ia e voltava... à noite com ele. Carregava uma caixa de ferramenta deste tamanho! No ombro. Chegava o ombro ficar todo doendo. Ia daqui/ daqui pro Rio Vermelho, voltava, de tardinha... Comecei na oficina... me entrosei, aprendi minha profissão. **Estudo eu não fiz, negócio de estudo, entendeu? Não! Aprendi a profissão... e aí... comecei a conhecer Dina, né? A gente menino [...]** Aí com 12 anos. (Doca, 23/01/00).

Eu conheci ela aqui mesmo. Que eu vendia jornal... aí passava aqui... na frente da casa dela [tinha a venda de D. Cida], aí... conheci e aí... peguei uma amizade com/ com os menino daqui também, entendeu? [Téo]. **Uns menino direito...** Aí pronto! Aí D. Cida... não gostava porque a gente era muito novo, entendeu? [D. Cida o espantava a vassouradas] **[Quando Dina engravidou?] Pô! Isso aí foi o maior sufoco. Eu fiquei uns dias sem aparecer aqui <r> Com medo! Não! Pressão! Um bocado de coisa. Da velha... com medo! Com medo de tudo. Não tinha experiência ainda, entendeu? Nem eu, nem ela.** Aí ficou... aquele clima/ ficava com medo, não sei o quê. [...] D. Cida ficou falando um bocado de coisa... que eu *fiz um mal a filha dela, que eu tinha que casar*, não sei o quê... Eu digo: ‘tudo bem, o que a senhora fizer tá feito’. Aí ela... entendeu? Correu

atrás, tirei os papel todo. Na época eu não casei, porque [o juiz disse] eu era de menor... Aí pronto. Aí ficou [assim]/ ela tinha... de aceitar mesmo... Ficamos. A irmã dela me cedeu um pedaço de um terreno aí pra gente... ali na invasão onde tem o colégio Teodoro, ali embaixo, logo ali na frente... A finada Lena. Aí a gente, aí fez um barraquinho... ficou lá, entendeu? Morando lá. Mas... na época eu... eu gostava muito de... de andar, muito de camaradagem, entendeu? Entendeu? Eu tenho um monte de colegas, agora colega direito, os colegas tudo de família... Aí pronto. A gente saía, tal, chegava tarde, às vezes bebia... Aí não sei... o que aconteceu, aí D. Cida aí... que eu chegava lá tarde... D. Cida aí - tirou ela de lá. Eu sei que venderam o barraco, tiraram Dina de lá, botou aqui no quarto, aí teve... Aí começou/ meus pais me dá conselho, e não sei o quê, não sei o quê... que eu procurei, eu tinha de assumir... Porque eu... eu não procurei deixar... o que eu não - como é que diz?... 'Oh, porque você não deixou... aonde tava/ a menina como tava?' Sim/ Não! Entendeu? Eu não passasse do limite. Que eu passei. Então... eu passei do limite, eu tinha de assumir... Aí... que não sei o quê... [E] Eu disse: 'Não! Mas o negócio não tá dando certo, eu vou ficar um tempo aqui'. E ele: 'Não!, Cê vai voltar pra lá...' É! <r> E eu não queria. (Doca, 23/01/00).

Dina diz que naquela época “não tinha ouvidos para os conselhos maternos” que tentaavam convencê-la a esquecer Doca e re-fazer a vida sem ele, de quem engravidou mocinha e continuou a fazê-lo a cada novo ano. Mas ele morava com seus pais, não ficava só com ela e tinha outras relações. A primeira gravidez ela procurou ocultar e se desfazer do feto sem muito sucesso, pelo que, quando descoberta foi duramente espancada pelos homens da família e expulsa de casa, sendo re-integrada ao lar pela insistência de D. Cida frente a Seu Diogo meses depois.

Ah, escondi, porque tinha vergonha. Quando eu engravidei eu apertava a barriga de um jeito! Com fio, com corda de nylon, vestia uma roupa bem folgada, prá ninguém descobrir. Quando descobriam... Ah, eu tava com 7 meses. Tentei abortar. Ele mesmo [Doca] trazia prá mim remédio. **Poxa era como se o mundo prá mim tinha acabado. Sei lá, parecia que todo mundo ia virar as costas prá mim, uma tristeza**, mas hoje em dia, graças a Deus, que quando eu olho prá trás, que eu vejo quatro filho criado, quer dizer, criando ainda... Aí... não tenho muito arrependimento... **Quando eu quero uma coisa, tenho que fazer sozinha, tem que ver com os estranhos**. Porque ele [Doca] não se preocupa com nada, não quer saber. (Dina, 16/03/1996).

Dina lembrava com mágoa daquela fase da sua vida pelas dificuldades que passou com sua família e pelos conflitos que tinha com Doca. Ela atribui a essa fase da sua primeira gravidez o início dos seus problemas de nervoso e dores de cabeça, devido aos espancamentos sofridos desde menina, declarou, e não aos problemas do aborto e esterilização, como atribui D. Cida. Problemas de nervoso e angústia que a afligiam e levaram a situações extremas, como a várias tentativas de suicídio.

Apenas depois do seu quarto filho, quando já tinha 19 anos, é que Dina decide bruscamente interferir em seu destino. Cansada do peso do seu cotidiano, em grande parte devido aos muitos cuidados demandados por várias crianças pequenas, Dina não deixou passar a possibilidade de um acesso facilitado à esterilização oferecida gratuitamente à população carente naquele ano de

campanha eleitoral. Ela estava no quinto mês de uma gravidez de gêmeos. Não teve dúvidas, e decidiu abortar! Sem pensar muito, resolveu dois dos seus problemas: o da gravidez não desejada e o do atestado de não gravidez exigido para a esterilização. Ela identifica essa fase como o início da vivência de sua sexualidade de forma mais plena e tranqüila. O pior do aborto, além do risco de saúde, foi a indisposição que teve posteriormente com sua parentela, e com a mãe em particular, que recriminara seu ato como “cruel” e “coisa do demônio” e que nunca lhe perdoou esse “crime” contra a vida.

Eu estava com tanta raiva! [de Doca]. Pior que ele batia assim arrudo, sem quê nem para quê, eu não fazia nada, nada pra ele quebrar a minha cara, nada, nada, nada. Aí eu fiz assim: Ah, está certo, é assim né? Está bem! Peguei o Citotec [remédio abortivo]. Uma colega me deu, peguei coloquei. Eu fazia porque eu queria perder mesmo. Aí, aconteceu. Eu coloquei o remédio, né, eram mais ou menos umas 10 da noite, quando foi 1h da manhã: [saíram] 2 meninos! tinha uns 20 cm os dois! Já pensou que perturbação? Eu já com 4 filhos, com mais 2 capetinha do lado? Aí é que ia me desgraçar mesmo! Aí que eu ia para a sarjeta pedir esmola. Aí eu perdi! Aí mãinha... hoje ela é crente, né? Mas antes ela [me dizia:] ‘Você é miserável! Fazer uma coisa dessa? 2 menino homem!’ [E Doca] Quando ele soube [disse:] ‘que ia acabar o mundo, né, que esses 2 menino era a riqueza dele’. Porque não os 4? Porque esses 2? Só para me iludir? Para eu ficar pensando? [que agora ele ia morar com ela?] Aí eu levantei a mão para o céu. [de agradecimento]. E no outro dia mesmo eu já fui na SOMEDE, falar com Dr. Gilberto. Que eu estava menstruada, para fazer o exame, porque só fazia assim, a pessoa menstruada, para saber, né, se estava grávida ou não. Aí ele marcou a ligadura. Pedi [a Doca] para assinar o termo, ele não assinou. Disse que não ia assinar nada que eu procurasse ‘O Homem’, que eu procurasse ‘meus homens na rua’, para assinar, que ele não ia assinar. Ele estava com tanta raiva, né, estava magoado porque perdeu os menino. Aí eu disse: ‘Está certo!’ [tom de vingança] Cheguei lá e [o médico] disse: ‘Trouxe o papel?’ – [E eu respondi:] ‘Mãinha assinou!’ Ela não sabe assinar não, colocou o dedo. É! Ela assumiu. Aí ele marcou o dia, peguei e fui! Fiz a ligadura... 8 dias depois do... [aborto] ainda sangrando. Minha menstruação nunca vinha. Ai... quando eu liguei, né, esperei 1 mês para minha menstruação descer. Ai eu disse [pensei]: ‘pronto que eu estou prenha de novo!’ Eu ficava com medo já! Tinha aquela, eu já estava com aquele trauma de filho, de todo ano ter que parir [um]... acontece! Quando foi no outro mês, a menstruação veio. Quê felicidade! todo mês vindo <rindo>. Aí foi que eu comecei a transar com a mão na cabeça para não perder o juízo <risadas>... antes ficava sem ação, né? mas agora não. Aí foi indo, foi indo, foi indo... Aí depois que liguei as trompas, né, passados 3 a 4 meses depois começou a briga tudo de novo.[com Doca] [...] A mim [a esterilização] me alegrou, me deu paz, problema nenhum! A dor de cabeça que eu sentia já vinha já antes da cirurgia, não tinha nada a ver, depois que fiz a cirurgia não senti nada, não tive nada, nada, nada. Dor de cabeça que eu sentia e Mãinha pensava que era por causa disso... [não era!] Mas não foi, isso eu já vinha sentindo há muito tempo. Eu já era nervosa, eu já tinha esse problema, devido às porradas que eu tomava na cabeça, espero que não esqueça disso... Não, não, não... (Dina, 27/07/1999)

Depois dessa fase da esterilização, e até 1994, Dina morou no quartinho do fundo da casa de D. Cida. Esse quarto ficava há sete degraus de terra (todos irregulares) abaixo do nível do quarto de Neneca, na frente da casa. Depois que a casa de D. Cida foi aterrada, este desnível aumentou para 12 degraus de profundidade. Como Dina trabalhava de ajudante de pedreiro em construção civil, tinha contatos e habilidade para a compra, aquisição barata ou re-aproveitamento de materiais de construção e ajuda na mão de obra. Ela trabalhou muito em mutirões para a construção da casa de outros e os utilizou também a seu favor para fazer melhorias na casa da mãe e com isso

conquistar o direito a erguer a própria casa na sua laje. Sempre se queixou da falta de ajuda neste projeto tanto dos seus parentes quanto de Doca. Esta imagem, entretanto, parece não ser totalmente compartilhada por estes – ainda que todos reconheçam o maior esforço e investimento por parte dela na recuperação da casa de D. Cida.

Dina perdia noites inteiras de sono para aterrar os desníveis da casa, levantar uma parede, terminar um telhado. A própria utilização do espaço e a forma de construir nele não foi nada pacífica. Antes de D. Cida morrer houve muitas brigas e disputas ao redor deste tema: a distribuição e uso do espaço entre os distintos familiares. A rápida e acelerada ascensão de Dina mediante a construção da sua ampla e bem equipada casa incomodou muito Neneca, D. Cida e seus vizinhos, que faziam comentários de despeito, criticavam seus “ares” de grandeza e procuravam atingi-la com fuxicos que mostravam a desconfiança que tinham sobre o modo como ela e Doca teriam conseguido recursos suficientes para construção de tal envergadura, chegando a insinuar em certos momentos poder ter sido fruto de furtos e/ou atividades ilícitas em prostituição. Veja-se a declaração de Doca sobre a reação da sua parentela e vizinhança:

Ela [Dina] serviu tanto, ajudou tanto esse pessoal... e de uma hora pra outra esse pessoal... virou a casaca. Viraram a casaca. Sim... Essa [vizinha] da frente. **Eu acho que o problema dela é despeito.** E eu... acho que ela não devia fazer isso... É isso! [porque Dina] **Se dá bem... entendeu?** Porque... ela diz que é cristã - uma pessoa dessa não é cristã... Eu não considero como cristã, né? Porque tem uma pessoa que/ muitas pessoas aí chega e... ela pensa que não vai contar/ e diz/ aí... Porque eu não tô vendo nada aqui... **anda falando aos outros aí que a casa aqui é de barão, que não sei o quê a gente faz pra conseguir isso - ó pra aí!? Que...** “É! Botou forro de madeira... que não sei o quê, que tava fazendo uns quartos em cima, botou a grade... tá com duas linhas telefônicas”... aí óh!... Só eu que não posso?! “Já/ já/ tá querendo minha linha... que não sei o quê”. Fica falando mal... não pode! A pessoa tem de lutar pra conseguir as coisas. A pessoa ficar de braço cruzado... ou de perna aberta, não consegue, não. A pessoa tem de suar hoje. Se não suar, não consegue... Entendeu? Tem de lutar! **Mas eles não têm força e coragem pra fazer isso então fica... olhando o que os outros têm, o que os outros consegue, pra ficar criticando/ [falando] mal da pessoa.** Então, eu conheço ela a muitos anos – essa senhora aí - **eu considerava muito, considero ainda, né? que... apesar, né?! Pela idade que ela tem... eu tenho que considerar, tenho que respeitar...** (Doca, 23/01/00).

Percebia-se em Dina uma concepção aguçada do sentido de propriedade privada. Diferente da maior parte da sua parentela, ela tinha um claro projeto de vida e domínio do que precisava fazer para alcançar sua meta. Para lograr a construção gradual da sua casa, foi planejando cada fase, que guiava suas escolhas e decisões a cada momento. Tirava dos gastos em comida, roupa e transporte para aplicá-los e traduzi-los em novas paredes da sua casa, economizando cada centavo a ser gasto, inventando todo tipo de formas de reproduzir dinheiro (como o exemplo da

sua barraquinha). Estas qualidades e características da personalidade de Dina são marcadores que a distanciam e afastaram do resto do seu grupo, que parecia não compartilhar suas escolhas e condenava sua frieza e falta de solidariedade para com os seus.

A barraquinha começou assim... eu já tava morando **cá em cima**... da laje, da laje de mãinha. Aí eu fiz um... **peguei umas madeira**, né? Disse: 'vou fazer uma barraca... barraca'. É. Tem uns quatro anos ou mais... A barraca eu fiz com sacrifício... cheguei um dia do trabalho, aí fui fazer umas comprinhas, aí passei na bomboniere e comprei um saco de pipoca, um quilo de queimado e uma carteira de cigarro... Eu disse assim: 'Eu vou botar isso pra ver se vende'. Aí foi indo, foi indo, eu fiz assim: 'Ói, cês tem que ficar aí tomando conta' – pros meus filhos, né? Os outros, meus sobrinhos, batia nos meninos pra pegar coisa... **Eu esmoreci um dia, depois no outro botei de novo!** Já fui/aí já foi aumentando o dinheirinho, né? Em vez de/de/ eu botava dois reais, quando eu vinha tinha quatro, aí já ia juntando... Fui na feira, comprei laranja, manga... né? Cheguei lá, fiz amizade, as pessoas me vendia fiado também, eu trazia as coisa... A barraca já foi aumentando – foi feita por minha mão... né?... **Aí a barraca ficou feia, eu fui comprei uma na mão do/ do vizinho que tava vendendo...[de latão]**. Já tive dinheiro até pra comprar uma barraca, né? Como é que diz? Aí já foi aumentando, as mercadorias já não era mais pipoca e queimado, já botei cerveja... comprando de três em três garrafas. Comprava ali, vendia aqui... né? Só pra não dizer que não tinha... Como é que diz? Em vez de três em três garrafas, já comprava já dois engradados, refrigerante também. **Aí já fui aumentando, já fui pagando o quê tava devendo, já fui comprando fiado de novo...** né? Porque as pessoa quando vê a pessoa com a barraquinha já... aí já peguei amizade com os pracista da/ da bomboniere, já vinha com/em vez de eu ir buscar, ele já vinha trazer na porta... né?... [sobre o porquê ter fechado-a barraca] Porque roubaram... **meus próprios sobrinhos** mesmo reuniram com os amigo que fumava droga e levaram tudo que eu tinha. **Acabaram com tudo**. Neneca morando em frente, vendo tudo, e nem/ não disse nada, nem pra me chamar na hora pra eu... ver se eu conseguia recuperar alguma coisa... E aí... acabou. Fui me desgostando, me desgostando, até que... Decidi acabar... (Dina, 27/07/1999) [Em 2003 a barraca estava novamente sendo reerguida, agora em tijolo e cimento].

Foi após a construção do primeiro quartinho da casa de Dina (hoje parte de sua sala), na laje da sua mãe, que Doca começou a se instalar e participar um pouco mais do novo projeto – apesar das resistências de Dina, que se queixava do aumento da violência e bebedeiras do, agora sim, companheiro, e do pouco que ele efetivamente colaborava nesse início de conjugalidade no sustento do lar e construção da casa.

A tendência de Doca à bebida nessa época era duramente recriminada por Dina. Ele fugia do cerco desta mulher se refugiando na casa da mãe, que ocultava de Dina as bebedeiras do filho. Apesar de Doca trabalhar há anos na pintura de carros, eram reconhecidos e temidos seus contatos com a 7ª delegacia de polícia, no Rio Vermelho, onde afirmam que tinha parentes e amigos mafiosos. Um deles, seu primo, fora identificado como o responsável pelos 5 tiros sofridos por Téo em certa emboscada no bairro, por dívida de 10 reais de droga. Contam que tudo aconteceu quando Dina foi “recuperar” o ventilador doado a D. Cida e que Téo teria trocado pela droga. Devido a esse incidente, se afirmava ser Dina a responsável, em certa medida, pelo trágico

cercos e destino do seu sobrinho, que declarava só esperar que D. Cida morresse para fazer “justiça com suas próprias mãos” contra os assassinos da sua mãe e irmãos – pois enquanto D. Cida fosse viva ele respeitaria seu desejo de não vingança. Mas Doca parece ter certo poder de contenção sobre os sobrinhos pelos seus contatos com a polícia. Em diversas situações D. Cida, Neneca e a própria Dina deram indícios do medo que sentiam de Doca, e do que ele era capaz de mandar fazer com os que se lhe opunham. Sobre os netos “arruaceiros” de D. Cida, ele sempre ameaçava querer “exemplar” e colocar em ordem. Entre 1997 e 2000 Dina cogitava separar-se dele, mas ao contrário do que esperava, sua família não mais a apoiava e se aliava a Doca por considerar ser ele o pai dos seus quatro filhos e por finalmente assumir seu papel de provedor, além de que com isso pretendiam dirimir as fofocas que elas mesmas criavam sobre o novo tipo de interesse sexual de Dina, que se encontrava em fase de forte depressão.

Hoje seu desejo de separação acabou, sua relação com Doca alcançou a estabilidade desejada por ela e ambos afirmam estar mais satisfeitos com as mudanças e melhorias. Vejam-se as transformações de Doca nos depoimentos de Dina em distintas fases da sua vida:

[Sobre Doca] Ah, porque antes... hoje ele é um homem regenerado, né? Não é esse ladrão, né, nada disso! Ele tinha muito mal amizade, muito mal companhia, e eu tinha medo, ele me ameaçava de mais. O que aconteceu? Eu fui tendo o primeiro filho, o segundo, o terceiro e aí do quarto em diante, que tá com nove anos, hoje é que ele veio melhorar, arranjar um emprego. Mesmo assim, **eu tenho medo**, fico insegura!. Eu gosto dele, não tô dizendo que eu não gosto. O que eu tô achando errado é essas coisas que ele faz... ele é uma pessoa legal... só é *mão-de-figa*. Ele é um cara de cabeça muito legal, [mas] não se preocupa com nada, não quer saber se saiu de manhã e se deixou pão prá tomar café, se de noite tem. (Dina, 16/03/1996).

Na adolescência dele... assim, na infância, né?, com... doze, treze anos, ele era... aviciado... Não era totalmente aviciado, né?, que aviciado é aquele que passa a... vender pra usar droga. Ele... usava por esporte, né? Pra jogar bola, pra correr, né?, pra fazer a mente - como eles diziam, né? Aí... com treze, catorze anos, que começou a namorar comigo, né? Ele usava! E eu não... suportava, como até hoje não suporte nem cheiro de cigarro... Não suporte. Cheiro de cigarro, cheiro de bebida, me deixa virada! Eu acho que os outros bebem/ bebem e eu fico bêbada. Aí eu peguei - quando eu engravidei... aí eu falei pra ele que... né?, ou ele parava com aquilo do contrário quando a filha nascesse - que era Rejane - que eu ia sumir com ela. Tanto que quando Rejane nasceu, eu tava novinha - com quinze anos, ia fazer dezesseis... eu botei Rejane em um... em um matinho lá na casa da mãe dele, né? - que tinha uma frente assim... de mato... assim um cercado. Então, o que aconteceu? Ele tinha muitas namoradas... tinha uns amigos que iam procurar ele na porta... aí então peguei Rejane... botei assim em um papel e tentei tocar fogo. Quer dizer, ainda tentei/ tentei não! Coloquei fogo aí nos mato, né? Mas aí os pessoal vieram e tiraram Rejane - **que eu fiquei tão revoltada com aquilo, que eu não aceitava aquilo, que aquilo não era vida pra mim... Que arrependimento da gente que erra, né?... só vem depois...** Aí, com quinze anos, quando ele completou quinze anos, dezesseis... aí ele parou completamente - ainda achei que aquilo não ia acontecer, que era mentira... Né? Então ach/achei que ele aceitou muito rápido... **Ele não morava comigo, morava na casa da mãe dele; e eu sempre morando aqui na casa de mãeinha... Né?** (Dina, 29/02/2000).

E aí o tempo foi passando, com vinte e cinco anos... Ele largou completamente... Largou mesmo! **Hoje ele [Doca] é um pai de família, que tem um trabalho dele/ e antes ele não trabalhava...** ele vendia jornal... Foi eu, né?! A família incentivando ele... Então, o quê acontece... **hoje Doca é um pai de família... Hoje Doca trabalha pros filhos... E pra mim! E pra casa!** Ele não queria casar comigo... Ele não/ não me aceitava como mulher dele... A família dele também tinha preconceito de mim!... Né? Que ele tinha que casar com/ namorar com **uma pessoa clara** como tem/ tinha uma namorada dele, né?, que quando eu tive Rejane e Juruna ele tinha namorada que ele namorava na porta... E a menina era clara... Né? E... e aí... foi levando a vida e acabou com quem? - comigo! Tá com trinta e quatro anos... e eu com trinta e três. E tá aí eu com vinte dois anos... não vou nem dizer jogado fora, né? Que eu não tenho arrependimento de ter os meus quatro filhos. Tenho arrependimento, assim, da vida que eu levei... **e eu acho que daqui pra frente eu tô melhorando cada vez mais. Espero que não... que não passe por isso mais, né?** (Dina, 29/02/2000).

Ah, Doca agora tá melhor! Tá bom. A primeira entrevista que eu dei, ele tava péssimo! Mas agora está ótimo. Tá bom. É, tá um mar de rosas. Traz presente... Me trata mais com carinho, né? Me maltratava muito, mas agora tá com carinho comigo... Né? **Porque ele sabe, se/ agora não tem mais mãinha, né? Se ele fizer alguma coisa que for me maltratar, eu vou... saltar fora, e agora não tem mais pedido [da mãe- de não separar].** Não chega bêbado... né? E quando chega tomando uma... trás um presente debaixo do braço... Como trouxe um pano de mesa pra mim, né? Aí... <R> Tá botando comida dentro de casa... brigando mais eu... Ain/ainda briga, né?, por causa dos filhos. (Dina, 29/01/2000).

Já Doca comenta sobre sua atual relação com Dina:

Não, a relação [com Dina] continua a mesma. Hum? <r>Não. Paixão, paixão, não. A gente já... já...[sentiu] Entendeu? Mas de uns longos anos pra cá... [mudou]. Eu gosto muito dela, ela gosta muito de mim, entendeu? Um respeita o outro. É devido o clima! Entendeu? Devido o clima, às vezes é discussão, sobre família, entendeu? O problema de/ mesmo da família dela, que não sei o quê... Entendeu? Aí pronto, umas... [era que] Dina mesmo não deixava D. Cida faltar nada aí **embaixo...** D. Cida não sentia falta de nada. O que ela não tivesse aí... Dina tinha pra dar a ela, entendeu? É uma pessoa que sempre/ que eu acho que não fez mal pra ela... (Doca, 23/01/00).

Esta nova fase mais amadurecida do casal e de Dina em particular, indica importantes transformações na imagem e na forma como a própria Dina passou a ser vista pela sua parentela e a ver a si mesma, conseguindo se impor e fazer respeitar. Os descontrolados e destrutivos sentimentos de ódio e angústia que a atormentavam foram sendo agora canalizados a atividades mais criativas (escrever, pintar, decorar sua casa), tranquilizando-a e aumentando consideravelmente sua auto-estima e afirmação da sua nova identidade. Em 2003, evita se intrometer na vida e casa dos seus sobrinhos, com os quais procura manter relações cordiais e distanciadas, mas sobre os quais exerce também certa autoridade.

Nunca teve medo do trabalho, sua ferramenta para vencer e o principal legado que herdara da sua mãe. A maioria dos objetos e móveis em sua casa é resultado do seu próprio trabalho, de um peculiar bom gosto, pouco comum para o meio e suas possibilidades. Tudo tem um toque do seu estilo. Algumas das peças, até sofisticadas para sua casa, afirmou ter recebido de presente de

casas onde fizera serviços, outras foram remodelações e adaptações que ela mesma fizera (como uma bela mesa de centro que tinha até 1999, com um pé muito trabalhado e um tampo que improvisou). Ela re-aproveita, pega do lixo ou até pede restos de obra nas casas onde faz serviços, comentou-me, adaptando peças quebradas de ferro ou madeira e transformando-os em novos objetos de artesanato ou de utilidade doméstica (a mesa, o bar e a escada de madeira que dão à sua sala um toque diferenciado no contexto do Nordeste; os sofás ela mesmo fabricou colocando pés e recosto a bancos de carro jogados no lixo, que, por ela forrados, não se distinguem de um comprado. As cortinas, enfeites e até os quadros foram por ela confeccionados ou pintados<sup>14</sup>), tudo é fruto do seu trabalho manual. Até mesmo na parte estrutural da casa ela participou, colocando vigas, erguendo paredes. Fazia questão de mostrar, com orgulho e lisonja, a distinção de qualidade das paredes da sala que ela erguera da erguida pelas mãos do seu cunhado Gilson: toda torta e defeituosa, dizia ela. Nas paredes da sua sala havia, antes de 2003, duas interessantes pinturas de estilo primitivo-popular que ela desenhou e pintou diretamente sobre a parede, criando sobre elas marcos fictícios. A um olhar desapercibido trata-se de quadros pendurados e bastante modernos<sup>15</sup> contrastando com a maioria dos lares que penduram imagens de santos, fotografias, dizeres em frases, ou quando muito, algum quadro de flores. Veja-se a descrição de Doca sobre Dina neste aspecto da suas habilidades manuais:

[Dina] É jeitosa. A pintura até que é um... desenho... muitas pessoas chega aqui, olha e gosta. Mas se fosse parar pra ela pensar mais até que sairia melhor... né? Sairia mais bonito porque ... Ela tem inteligência pra fazer melhor... [criticando aquela que fez com raiva dele<sup>16</sup>] Ela é inteligente. Eu gosto de ver as pessoas

---

<sup>14</sup> Ver fotos da sua casa no Anexo G.

<sup>15</sup> Uma das pinturas, a que eu achei mais interessante, lembra algo do estilo surrealista de Dali ou alguns desenhos de Miró pelo colorido, com vários olhos espiando, formas dispersas e amorfas em tons azulados, pretos e vermelhos. O outro, retrata duas grandes flores alaranjadas e uma borboleta vermelha passeando entre elas. A história delas é que é mais interessante. O dos múltiplos olhos foi feito depois de uma das últimas surras que Doca lhe dera. Ela não conseguiu controlar seu impulso que foi o de se vingar, jogando todo seu ódio sobre a parede, pensando tudo o que tinha vontade de lhe fazer, e pintando aquele quadro esquisito, e em certa medida assustador, como se o estivesse “esquartejando” vivo. Agora entendemos porque ele não gostava nada do quadro, que ficava estampado na parede do corredor de entrada, como um aviso do que ela também seria capaz de fazer-lhe, dizia Dina, e um aviso para que ele não voltasse a encostar um dedo nela. Afirmou que depois disso ela nunca mais voltou a apanhar dele e que a relação melhorou bastante nos últimos anos. O outro quadro representa um momento de ternura, paz e luz na sua vida, uma bela história de amor que me contou. Em 2003 estes dois quadros tinham sido re-pintados e substituídos por novas obras, indicando a nova fase da sua vida em que se encontra, sendo o principal delas, na sua sala, uma homenagem a sua mãe morta, que antes estava representada por uma enorme fotografia em forma de quadro na principal parede da sua sala.

<sup>16</sup> E ela declarou dessa pintura:

ai a única solução que eu tinha era pegar um/uma caneta e um papel e ficar rabiscando, né? Como eu tinha qualquer tinta na mão... ficava melando a parede, depois tirava de novo, pintava, né? E então esse quadro aí na parede que eu fiz num momento de raiva que eu tava com tanta raiva com... a vez que **Doca, sem que**

inteligente, as pessoas muito ágil... pessoa prática, entendeu? Vamos dizer: “eu vou fazer aqui”, ele consegue fazer, termina! Isso é bom. Né? Ela Faz! Consegue fazer. Então isso é bom nas pessoas. Mas tem muitas pessoas que não consegue fazer e não quer que os outros façam... Isso aí não é... não... não apoio. Não, não consigo... aceitar. Porque nossa vida é lutar, entendeu? Nossa vida é lutar, (aqui) a gente luta mesmo! Ôxe! Luta pra caramba. Pouco ou muito a gente chega lá, entendeu? Mas não adianta você tá... pra os outros... tá só de olho no que você faz... botando... bom gosto... Com esse forro mesmo aí... ela fez ela fez esse forro aí, fez o de lá, fez outro aqui... Virge Maria! Esse forro aí parece... deu trabalho! Ô! Acho que esse pessoal aí na frente tudo tava rezando pra desabar! As vizinha... um bocado de gente aí... irmã dela também... (Doca, 23/01/2000)

Dina e Doca eram rigorosos e autoritários na criação de seus filhos, mas também muito mais doces e meigos do que Neneca nos últimos anos. A relação entre pais e filhos neste lar era respeitosa, ordenada e bem tranqüila, de forma geral, nesta última fase da sua vida que observei. Como as de Mãe Dialunda, eles ditam regras rígidas de convívio, sabendo impor sua autoridade. Isso faz com que sejam respeitados, pois do contrário, eles não se acuem em castigar e “conduzi-los para o bom caminho”.

Uma preocupação nesta direção foi detectada em diversos momentos em que optaram por afastar seus filhos das más influências dos seus sobrinhos, mandaram a mais velha viver com sua madrinha e o filho mais velho com seus sogros e pai de Doca, circulando estas crianças, como é costume, entre as distintas casas de sua rede social de relações. Indo e voltando. Sobre as preocupações e comportamento de Doca e Dina com os filhos, veja-se como opinam, discordam e o quê esperam do futuro da sua prole::

Dina como mãe tá sendo até agora nota dez, viu? Uma mãe/mãe exemplar, né? Exemplar mesmo! Agora que/como se diz, a gente faz filho mas a gente não.../cria o filho mas não previne o futuro dele, né? O mundo de hoje. (.) As crianças de hoje... a geração de hoje tá... Uma tristeza. **Pô, os meus filhos, graças a Deus... <r> até hoje tá na linha, né? Até hoje tá na linha.** Como eu digo/ como eu tô dizendo a você, eu tenho medo de... largar eles soltos aí na rua... Que tá fazendo medo. As crianças tudo viciada aí na... [...] Emprego tá difícil... A gente tem um trabalho, a gente tem de segurar esse trabalho... porque... não pode ficar sem ele.

---

**sem pra quê, bebendo, me deu dezessete murro na cara! Eu contando, viu?! Tome um, dois, três... aí foi indo... Aí tava com tanta raiva, eu disse assim: ‘É, vou matar esse homem, quando ele tiver dormindo eu vou matar ele!’.** Mas aí - não sei... veio na minha cabeça que era pra eu pintar a parede, fazer um quadro. E ali cada coisinha que eu tava fazendo - torto, aleijado - era o quê eu ia fazer com ele, né? Foi tirando, foi esvaziando minha mente, fiz um (enjejum) na minha cabeça, né? Sabe! Ele sabe. Não, mas ele sabe. Pra ele ali aquele quadro quando ele olha... Ele já sabe que ali foi um momento de raiva... minha, né? Que eu senti muita raiva/ hoje/ hoje eu ainda tenho muita mágoa no meu coração, e peço tanto a Deus que tire, né? Mas devido o que eu ando passando hoje. Fiz, com ele. Ele me deu tanto murro, aí a única solução que tinha foi pegar nos culhão dele... Apertei tanto, apertei tanto, que hoje em dia ele é prejudicado... dos ovos, por causa disso, né? E eu disse a ele: "Você vai ter que dormir de bruço ou então com a... um pedaço de ferro/de zinco te cobrindo. Porque se você vacilar eu corto. Eu corto teu culhão". É [Agora] Não sei. <R> Se ele fizer de novo, eu faço. **Aí também foi... um dos últimos/ últimas porradas que ele me deu, né?** Mas também ele fazia mais isso não sei nem porque. [Antes] Eu tinha medo de me separar dele porque ele me ameaçava, né? (Dina, 27/07/1999).

Porque sair dele... pra partir pra uma/uma melhor - talvez não consiga, tá entendendo? E a gente não pensa na gente não, a gente pensa em quem?-Nos filhos. Tá entendendo? Então a gente (pega), **como eu digo. Tá, tá [com a casa pronta].** Tá, e, pela idade deles, torna mais fácil, né? Agora/ quer dizer/ as coisas/ pela idade mais fácil porque... uma já, Rejane vai completar 17, o (Juruna) já tem 15... né? Maurício com 13 anos, (Renata) com 12... **já tão criados, né?** Tá entendendo? Mas... é difícil [...] É como eu falo... **Não, se eles estiverem no caminho errado... eu prefiro entregar à justiça. Logo no início. Se fosse/eu acho que pela idade... E... eu conheço meus filhos, tá entendendo? Eles não têm coragem disso não. Entendeu?** Isso aí... vem da adolescência, vem da/do/da criança mesmo \*, tem muitos meninos aí ó... com dez anos, oito anos... que os pais não liga, larga aí, doido aí, solto, andando com um e com outro, já usando droga, aviciado em droga. **Então isso... pela idade que eles estão, nossos filhos, a gente evitou, tá entendendo? E a gente puder evitar mais, ainda é melhor...** Porque muita criança aí ó, passa aí, usando droga aí - deste tamanhinho assim ó... Então não pode [possível referencia indireta a William]. Quer dizer... o pai e a mãe criar um marginal. Marginal. Não pode! Tem de levar pra justiça porque a justiça sabe o que faz... Entendeu? [...] Pra botar numa casa de recuperação enquanto é cedo, do começo, entendeu? Pra não pegar no meado... e... pra não deixar crescer mais. Porque aí vai resolver o quê? É o quê? Roubar, matar... entendeu? Andar na mão da polícia aí tomando porrada adoidado, porque... o filho... comp hoje/ diz que não pode o pai e a mãe exem/ bater em filho. E porque a justiça pode... a polícia pode...? Só a polícia que pode impe/ me impedir de eu estirar minha mão pra dar na/ na cara... pra dar em um filho meu... Não tem lei, não. Hum? É. Não. (Doca, 23/01/2000).

Que esses filhos meus... eu nunca vi como é tão... são tão revoltado assim desse jeito... Porque eu dou carinho, trato bem, né?, Agrado... mas são bruto... Esse Juruna mesmo aí - Ave maria! Esse menino é demais. Voltou, é [Estava na casa da avó paterna]. E Rejane. [Eles saíram de casa um tempo para evitar contato com primos] **Na... pra ver se melhorava mais, porque às vezes afastado... né?** [...] Que aqui eles dormiam... tarde da noite e acordava... dez horas, onze horas do dia. E lá na casa da madrinha, na casa da vó, não. Eles tinham que levantar cedo. Tinha que fazer alguma coisa, se não fizesse tavam falando... E aí... Gostaram de voltar. (Dina, 29/01/2000).

Ah, Rejane... Tava namorando escondido, né? Dizendo/jurando de pé junto dizendo que não estava namorando mas estava namorando! Namorando escondido... Com esse Paulo, né? E teve outro namorado (lá no) interior, um tal de Gessé... Que ela namorou escondido, né? Quando ele veio pedir pra namorar com ela na porta, né?, já/ o povo já sabia que tava namorando escondido. Então eu não deixei... Eu não deixei a seg/ na seguinte maneira: que... ele tinha namorada certa. Então, Rejane era só uma armaçozinha... né? Então, já pensou se ele bulisse com Rejane?! Tirasse Rejane de casa? Como é que eu estaria hoje, com minha mão na cabeça? Aí não deixei namorar com ele na porta. Sabia! Eu procurei saber, né?, pesquisar a vida dele e s/ e soube que ele tava namorando com uma menina na porta. Aí Rejane dizendo que não, que não tava namorando com ele, que não tava, que não tava. Eu disse: 'Rejane você está?' Ela disse: 'Eu não estou, não, mãinha'. Aí eu disse assim: 'Tá certo.' Aí, mandei alguém... seguir os passos dela, e alguém descobriu que ela tava namorando... Aí então, por ousadia dela, eu não deixei. Fiz com que ela terminasse. Aí demorou uns dois ou três meses... Aí descobri que ela tava de paquera com esse... Paulo. Mas não tava namorando certo, tava só de paquera mesmo com ele... Aí... Aconteceu. Mandei chamar ele aqui em casa, ele disse que não. Que era só amizade mesmo. Eu perguntei a ele: 'ó, se você tiver namorando com Rejane você me diga! Me diga porque se não... vai ficar difícil também depois quando eu descobrir.' Ele disse: 'não, não tô.' 'Cê quer namorar com Rejane na porta?' - 'não, não quero'. Eu disse: 'Porque se você quiser namorar com ela na porta, eu vou deixar.' Ele disse que não queria. Foi, ele disse que não queria namorar com ela na porta, não, queria só amizade... [Foi vista por parentes do pai abraçada na rua com ele] Chamei ela, ela continuou testando que era mentira, que aquilo era invenção... Aí eu não sabia em quem acreditar, se era em Doca ou se era nela... Aí eu disse: 'a única solução que tem é chamar Renata'. Aí foi que Renata pegou e disse... que foi verdade... Aí eu peguei fiquei dizendo a ela que ia bater nela/ não, bati nela muito! Porque ela tava mentindo pra mim, eu queria que ela me dissesse a verdade... Aí passou uns três, quatro, cinco dias... Aí Doca... me chamou de novo, fez/disse: 'Ói, Regina, é melhor chamar esse rapaz pra namorar com Rejane na porta'... Eu disse que não queria... Aí ficou... insistindo, né?, durante uns três dias... batendo na mesma tecla que era pra Rejane namorar com ele na porta... Aí eu disse: 'é, então tá bom'... Ele veio... eu perguntei de novo a ele se ele queria namorar com Rejane na porta, ele disse que não, que era só amizade. Era isso mais que me dava raiva. Aí eu peguei disse assim: 'é, então Doca conversa com/ com ele'. Aí Doca conversou com ele e ele disse que queria namorar com Rejane na porta e tá namorando com ela até hoje. ('-o que Doca falou com ele?') Ah, [Doca]

disse que é pra ele não mexer em Rejane, porque se ele mexer... que aí... que ele vai... sei lá! <r> Que vai capar ele! Que vai bater, que vai chamar a polícia, que vai casar... Aí ficou com medo. Aí eu disse a ele que/ tá bom, então é minha vez de falar. Ele vai namorar com/ele/você vai namorar com ela... então de três em três meses eu vou levar Rejane no ginecologista. Pra saber se Rejane ainda é virgem. Sei lá, né? Mesmo namorando na porta... na rua/ não, ainda não tem três meses, não. Né? Mesmo namorando na porta, mas pode ser que o dedo corra, né? (-você a levou no ginecologista?) Não, ainda não foi não. Mas eu confio nela. Até agora, né? Porque não sai pra canto nenhum. O seu namoro é naqui na porta mesmo. Aí no dia que... acontecer mesmo eu acho que ela vai me dizer, né? Que/ que eu serei a primeira pessoa. Já pensou?! É, e se não tivesse sido ele [o devedor]? Ah, e como é que eu vou saber, né? É, aí... É só no ginecologista. Aí eu tenho que ter com/tem que dar um pouquinho de confiança nela. Pra ela se abrir e ver que eu sou amiga dela, né? É, e aí...[...] Quero bem. Já pensou se acontecer com ela o que aconteceu comigo? Eu era mulher batalhadeira, né? Eu... quer dizer, também eu não escolhia trabalho, qualquer coisa eu enfrentava pra/... por eles. Por que o filho tira a vergonha da mãe, né? Se a mãe for orgulhosa, né?. Não qui/se ela ficar pisando em ovos... Aí quando parir... que tiver o filho aí vai acabar aquela vergonha toda, vai cair tudo! Aí vai começar... vender papel pra... manter os filhos. É, e aí... Que foi que eu fiz, né? Enfrentei a vida. É/não, não subi não, né? Mas tô subindo uns degrauzinhos, ainda falta bem uns... uns dezoito de/degau. Só subi dois. (Dina, 29/01/2000)

### E sobre o ciúme da filha pelo namorado:

[Eu tava] Aborrecida. Porque eu fui trabalhar... quando eu chego, aí encontro... confusão dentro de casa - Rejane dizendo que a vizinha veio pr'aqui pra porta... né?, dizer desaforo a ela... Aí eu perguntei a Rejane porquê... ela disse que <R> Que Rejane ia pegar a outra filha da vizinha pra dar porrada... E Rejane disse que não disse. Rejane dá! Rejane é ousada, Rejane é bruta, e Rejane faz... Então é por isso que eu fui na casa da vizinha procurar saber a história direito. Se foi mesmo a versão que Rejane contou. A vizinha// diz/ já contou outra história diferente. Que disse que Rejane tinha dito mesmo... que ia bater na/ na menina. E Rejane lá botando testão dizendo que não disse nada. Mas eu conheço a filha que eu tenho. E eu sei que Rejane é assim desse jeito... Eu sei que Rejane é bruta... Com ciúme do namorado. Porque depois que ela passou a namorar... Né? Não quer que ninguém olhe pra cara do/do/do namorado dela. Tava[m] olhando! Diz que a menina não pode passar... e nem olhar pra cara do namorado dela que ela quer bater. Não é só com essa menina como muitas outras. Rejane já procurou confusão... E se não cortar isso agora, vai se agravar amanhã depois. Ele não olha [as outras] porque... com medo de Rejane. Tem medo de Rejane. De Rejane brigar, de Rejane ir em cima das outras meninas... <R> Rejane é muito ciumenta, Rejane acha que... o namorado dela é só pra ela, que só pode olhar pra ela... não pode olhar pra ninguém, não pode conversar com menina nenhuma... **Ele não pode ficar sem camisa... Não sei que milagre ele chegou aqui sem camisa agora. Não po/ porque tá trabalhando. Não pode ficar sem camisa, na praia ele não pode usar sunga, tem que usar bermudão até o Joelho... Porque Rejane não quer que ninguém olhe pras pernas dele... Engraçado, namorando... imagine quando chegar a casar, viu? Quando chegar a casar aí que vai ser fogo! Que ele não vai botar a cara do lado de fora. Não vai botar a cara do lado de fora. Acha/ Não vai querer nem que ele trabalhe, acho que ela vai ter que dar na mão a ele... Né, Rejane? Vai ter que trabalhar e ele ficar dentro de casa, amarrado em cima da cama... Esperando ela chegar... Ahn? [Parece com a mãe?] <R> Não eu não sou assim, não. Eu não sou assim não. Já pensou?! Se eu quisesse só que Doca ficasse dentro de casa e eu fosse trabalhar?! Ia morrer de fome! Ia morrer de fome. Então ela tem que se conformar que a vida não é assim como ela quer, não. (Dina, 29/01/2000).**

## TERCEIRO ATO

### *Os netos de D. Cida: nova fase do conflito*

Nos últimos anos começaram a ganhar importância novas personagens na disputa pelo espaço neste grupo familiar: a geração dos netos.

Lia, a filha primogênita de Neneca, engravidou de seu atual companheiro André, um simpático jovem, visto pela parentela como bom pai e esposo; isto é, homem provedor, trabalhador e responsável. Frente ao movimento ambivalente de André assumir sua paternidade e nova família, D. Cida ofereceu ao jovem casal um pedaço do terreno da sua laje para construírem sua casinha, o que foi um passo decisivo na consolidação dessa nova união.

Eu sai/ eu comecei a namorar muito cedo, assim... aí não ligava muito pra essas coisas de dentro de casa não. Só queria trabalhar... e... namorar... Chegava do trabalho, me arrumava, e saía com André... não ficava muito dentro de casa não... Aí pronto, quando eu engravidei/ que Neneca começou a encher meu saco/ aí ficava mais nervosa ainda/ pronto, fiquei grávida... E ela: 'oh, procure um lugar pra você ficar'. E eu sempre pressionando André: 'André, minha mãe vai me botar pra fora, não sei o quê'. Aí **minha vó chamou ele... e disse que se ele quisesse fazer aqui, que ele fazia/ que não ia ter mesmo outro lugar pra ele poder ficar... ele tinha que ficar aqui...** Aí a gente tá até hoje... (Lia, 08/02/1999).

Lia foi a única neta, ainda quando D. Cida era viva,, a ganhar um pedacinho de terreno nos fundos da casa, na laje do que seriam hoje o quartinho de Téo (anterior quarto de Dina) e o banheiro do fundo da casa de D. Cida. Foi esta a estratégia de D. Cida para atrair e integrar ao grupo familiar o jovem André, “homem de família decente”, trabalhador e tido como um bom partido para se unir a sua neta – o qual ergueu sua casinha como o fizeram os companheiros de Neneca no passado.

O caso da irmã de Lia, Leandra, uma filha ocupando posição do meio entre os filhos de Neneca, foi diferente – ela não tivera a mesma sorte. Como sua tia Dina, engravidou de um rapaz tido como “vagabundo”, que saiu fugido para a Ilha de Itaparica por dívida de tráfico, filho de uma

baiana de acarajé do bairro e que nunca quis assumir a paternidade, nem chegou a registrar a filha Paulinha como sua.

Neste contexto, o homem que “registra” seu filho está exercendo em grande medida seu papel de “bom pai”, mesmo quando os contatos com a criança sejam quase nulos e nenhuma ajuda material seja oferecida à mãe dessa criança, com a qual poderá nunca mais ter relações. O contato de pais e filhos pode ser re-ativado em qualquer momento das respectivas trajetórias a depender de cada conjuntura e caso específico. É bastante comum os filhos visitarem ou viverem por temporadas em novas casas de seus pais ou avós também paternos, mesmo quando os vínculos, em geral, tendem a ser mais longos e duradouros com as mães e suas redes do que com as redes paternas. Registrar e dar o nome ao filho, por parte do homem, representa muito; é integrar esta criança na própria rede de parentesco, onde outras mulheres (mães, avós, tias) poderão olhar por ela e protegê-la no seu lugar, em determinadas conjunturas. Neste contexto, mães (e pais) de filhos homens frustram-se sobremaneira quando estes não têm coragem de assumir sua paternidade publicamente, negando-se a “registrar” um filho do próprio sangue. Um homem que “registra” um filho, ainda que não tenha condições de ampará-lo diretamente, é visto como pessoa digna e responsável de seus atos.

Mesmo sem ter sido registrada pelo pai, Paulinha foi reconhecida como neta pela avó paterna que pediu para criá-la. Leandra negou-se a entregar sua filha, mas visita e freqüenta a casa desta avó, de quem recebe alguma ajuda estratégica em certos momentos.

Leandra teve que se conformar com ter um cantinho para dormir com seu bebê na sala da casa de Neneca, apesar dos permanentes atritos e problemas de convivência que tinha com sua mãe. Ela sempre preferia, quando podia, dormir na casa das patroas onde trabalhava. Leandra, de temperamento difícil, nervosa e explosiva como sua tia Dina, é a que tem melhor relacionamento com esta tia. Existe uma interessante coincidência entre as condições de existência destas duas irmãs, Lia e Leandra, e aquelas que viveram Neneca e Dina no passado. Enquanto Leandra não tinha um quarto próprio, marido, nem uma posição privilegiada, sua irmã mais velha, Lia, ganhava uma laje onde construiu seu quarto – casinha – tinha um parceiro provedor (André), e gozava de uma posição de destaque na geração dos netos.

A morte de D Cida foi associada a uma tentativa frustrada de expansão da casa de Lia e André que terminou em briga de polícia com a vizinhança. André e Lia inicialmente tentaram se expandir horizontalmente sobre o terreno de Dina, a qual estava iniciando uma nova etapa de construção vertical da sua casa, no terceiro nível da rua. O jovem casal esperava que Dina lhes cedesse generosamente o que atualmente é seu banheiro e cozinha. Não houve negociação possível e aumentaram os atritos entre as distintas casas desta família. Outra ambição do novo casal proprietário, em arranjo familiar nuclear completo e com aspirações ascendentes em relação ao resto do grupo, era ganhar independência e privacidade do resto das casas desta configuração abrindo uma porta de entrada pela rua de trás, podendo ocasionalmente vir a “isolar” sua conexão com a casa de D. Cida e passarem a participar, assim, da melhor vizinhança da outra rua. Com isso evitariam a necessidade de acessar à sua propriedade pela entrada principal à configuração de casas (pela rua da frente), que os forçava a atravessar o corredor entre as casas de Neneca e D. Cida até chegarem ao pé da escada pela qual se tem acesso à sua casinha. Este movimento do casal de abrir uma porta para a rua de trás causou sérios atritos e indisposição com a vizinhança da rua de trás, com a qual mantinham relações cordiais até então, e que teriam adquirido deles, a preços irrisórios, a posse dos terrenos que alguma vez foram de D. Cida e seu Diogo, comenta Neneca.

[Os vizinhos] fecharam o condomínio [Fecharam a abertura que conectava as duas ruas, isolando e transformando a rua de trás em um tipo de condomínio]. Aí não deixou mais que mãinha abrisse [uma porta para aquela rua], né? Aí o que aconteceu... Lia construiu a casa dela... Tentou abrir [uma porta], [e eles] formaram uma confusão/...[O pessoal] lá, também, são prezspeiros. Aqui também! não deixa pra/ pra trás, né? Aí foi aquela confusão toda... [O pessoal d'aqui] Não se dá/ agora não se dão mais. Era uma/ uma ...[amizade] Era um metido, lá. É ele lá e a gente aqui. Quer dizer, eles lá/ aqui em casa... e aqui em casa de lá, na casa deles. Amigos. Né? Aí, quando... tentaram abrir [a porta], o marido de Lia... tentou quebrar a parede... Aí... eles do lado de lá pegaram facão, pegaram revólver... Foi uma confusão danada. E mãinha não estava aí na hora. Quando mãinha veio chegando já tava a confusão formada... Mãinha pediu pra se acalmar tudo... Mãinha pensou que já tava tudo quieto. Passado quinze dias... depois... mãinha nem esperava aí na porta... quando chegou foi intimação... Em vez de mandar pra Lia e André, mandou pra mãinha... Que a intimação veio no nome de mãinha... Mãinha recebeu essa intimação..., e veio a acontecer, né? Passou mal... eu saí correndo pra le/ pra dar socorro a ela... mas não teve jeito. Morreu. Morreu... e ficou casa, ficou parede, ficou quintal... tudo aí...[sem concluir a expansão da construção iniciada] E ela que perdeu a vida... E os neto também, né? Que também... é, os neto também que foi causador da morte dela também, né? Que... quer dizer, eles não/ não fizeram imediato, pra tirar a vida dela, né? Mas, veio matando ela aos pouquinhos... Muito bruto... Tudo aviciado... Destruía as coisas que ela tinha... Né? (Dina, 29/02/2000).

Comentam alguns que a intimação policial teria chegado no nome de D. Cida e que esta ao recebê-la no dia 13 de outubro de 1999, sofrera um enfarte e morrera antes de chegar ao pronto socorro. Outros comentam que a intimação veio dirigida ao jovem casal, que se sentiu bastante

culpado pela sua morte, apesar de todos saberem da debilidade da saúde e da avançada idade de D. Cida.

Meses depois da morte da velha matriarca não se colocava mais a responsabilidade da sua morte na conjuntura em que esta ocorreu. Os principais motivos para o declínio paulatino da sua saúde passaram a ser o sofrimento causado por situações adversas nos últimos anos resultantes da desunião entre todos e do encaminhamento de vida adotado pelos seus netos, “os principais responsáveis” na visão de Neneca e Dina. Após a morte da mãe, as irmãs passaram a dirimir suas disputas até então insolúveis, como se com a ausência de D. Cida tivesse desaparecido o principal motivo de conflito entre elas, ao menos temporariamente. Passaram então a se aliar na disputa pela casa, enfrentando juntas a ameaça pelo grupo dos netos, filhos de Lena.

**Ah... Neneca... É. Depois da morte de mãinha... mudou, né? Que ela ficou mais amiga... Mais amiga, se aproximou mais... Né? Mesmo na falsidade, mas se ap/aproximou de mim... Né? E eu tô sempre aqui pra ajudar, né? Até o dia... Vai chegar um dia que... eu num vou mais poder ajudar... Porque, né?, enquanto a... tiver aquela feridinha aqui dentro, né? No meu coração...eu vou tentar fazer... por merecer... mas depois... Se voltar tudo que era antes?! Ah, lá embaixo, que mãinha morava? Ah, depois... não, depois que mãinha morreu aí virou tudo!... Como eu tava dizendo... Virou tudo! (Dina, 29/02/2000).**

**[Agora] neto fica aí brigando por causa de/ Nem os filhos vão brigar por causa de casa, quem vai brigar é são os neto. Oh!... por que nem eu e nem Dina tamos brigando por causa de casa... Mas olhe os netos! Olhe pra eles como é que eles estão. Um/um... querendo matar uns aos outros, brigando, quebra as coisas... Mãinha não queria deixar à toa! Mas ela em vida sempre ela dizia... Que a don/os donos dali são nós duas... Não tinha outro dono. Se eles tinham uma casa deles, porque que eles saíram da casa deles?... Eles! A mãe morreu, não? mas a mãe tinha. Ela tinha, ela sempre teve casa. A mãe de Téo foi [só] mãinha... dos outros não, dos outros, os outros tem/ tem pai/ tinha pai, tinha mãe... a mãe de Téo que sempre foi mãinha! Mãinha criou Téo desde pequeno... porque que a gente atura ele? A gente atura ele por causa disso! O mais velho. Agora, os outros não. Os outros são/ são muito... revoltado demais e tá revol/ se procura um dinheiro pra fumar uma droga, não acha, quer quebrar tudo, quer bagunçar... Pegavam muitas coisas de mãinha, vendia as coisas de mãinha, é... (Neneca, 27/01/2000).**

**As coisas que mãinha tinha não tem mais, acabaram com tudo... né? Os lençóis, os vestidos dela, as coisa que ela tinha... Tem mais nada! Acabaram com tudo... Né? A única coisa que eu tirei e que eu não tô arrependida só foi a geladeira, né? Eu queria tirar tudo que tinha ali dentro, tudo, tudo, tudo. Que eu/que eu tivesse dado a mãinha... eu tirava tudo! Deixava a casa oquinha. Mas não posso... Tirei só a geladeira. Que era minha. A estante também era minha, que eu/ dava a mãinha, né?, as coisas que eu dava a ela, a cama que era... que ela/que ela dormia... até o fim... foi eu que dei a ela... Tá lá ainda, né? Lídia que dorme, que traz as amigas dela pr'ái... Traz as amigas. As amiga dela pra dentro de casa... Aí dorme aí na cama de mãinha.... É, os pequenos tá aí/entregue aos trancos e barrancos... né? Um vem tira um pedaço... outro vem e bate, outros vêm... dá carinho... outro vem (enxota)... Tai! Tão criado aí como os/... como Deus tá vendo, né?... É, meu mal é falar demais, né? Ah, eu mesmo eu não vou fazer nada! Eu mesmo, se depender de mim... de um prato de comida, eu dou. Mas, pra tomar responsabilidade não. (Dina, 29/02/2000).**

Agora que a voz de D. Cida não se faz mais valer, as estratégias de luta pela ocupação e posse do espaço adquirem novos contornos. Os grupos emergentes são forçados a estabelecer novas relações de alianças. Antigos e irreconciliáveis inimigos pareceriam estar se unindo, quando morre a matriarca, para fazer frente ou tentar expulsar o grupo emergente mais “débil” ou mal visto de netos de D. Cida (os filhos de Lena) que, no entender das irmãs, não têm o mesmo direito à posse da casa de D. Cida do que teria, por exemplo, a irmã Merina, filha de criação, mas que tampouco queriam que se instalasse na casa. Se por um lado o grupo dos netos era visto como dos mais fracos pela posição excluída que sempre ocupou nesta estrutura familiar, por outro lado, ganhava força e se impunha com brutalidade. Eram temidos pelo comportamento “estigmatizado” como altamente violento e descontrolado e pela sua imersão cada vez mais comprometida com o mundo da marginalidade e das drogas e pelo próprio fato deles não terem, como declarado, muito a perder. Este sub-grupo foi se tornando, por isso, uma contra-força a ser levada em consideração. Estes netos se encontravam em uma condição de extrema fragilidade e dependiam bastante do apoio e da solidariedade que a parentela (Dina, Neneca, Lia e Merina) podia lhes oferecer quando perderam a proteção da matriarca que os sustentava. Dois dos netos morreram depois da matriarca.

Eles brigam muito por causa de casa, né? Fica lá falando: ‘a casa é minha!’; outro diz: ‘a casa é de fulano, a casa é de beltrano, a casa é de sicrano!’. A casa não é de ninguém! A casa não/não/não tem dono aí, **o dono daí é eu e Dina – somos as duas filhas do casal.** Não tem ninguém. Porque Merina é filha de criação... né? Merina mesmo largou Robson aqui com 15 dias de nascido – foi embora pra São Paulo... Lá em São Paulo ela/ o marido foi atrás; ela teve... Priscila, depois voltou pr’aqui... ficou lá dez anos em São Paulo/ ou foi dez ou foi onze anos em São Paulo, depois voltou... foi morar lá/ arranjou outro/o marido morreu, ela arranjou outro... foi morando... mãinha sempre por aqui, a gente sempre por aqui, acontecia isso, acontecia/ teve os tiro de Téo, teve a confusão, mãinha se acabando indo pra hospital, indo pra tudo – e Merina sempre lá... nem se aproximava. Agora, depois da morte de mãinha, ela taí... A desculpa é: que tá... fazendo comida pros meninos – mas não é! Mas não é mesmo! [...] [Merina teria direito] Teria. Ela teria... Porque ela foi/ ela/ Merina/ mãinha criou ela... entendeu? Mãinha criou e ela foi registrada com o nome do meu pai! **Mas os meninos não. Os meninos não tem... nada a ver! O pai deles, o pai de Lena foi outro...** Eles era/eles maltrataram muito ela. (Neneca, 27/01/2000).

Sim [Merina] tinha... problemas mesmo...Tinha problema de entendimento com mãinha. E porque depois que mãinha morreu ela veio pra dentro de casa? E tá se dando super bem? Eu acho que... era um comboio, né? Eles tudo tava planejando/... eu penso assim! É o meu pensar. Eu acho que eles tudo tava premeditando já a morte de mãinha... Porque/que/quando mãinha era viva todo mundo era que nem um gato com rato, todo mundo brigava?! Todo mundo brigava. E agora tá todo mundo na paz... Aí é uma coisa que nem eu mesmo sei entender. [...] Sei que a mim mãinha tá fazendo muita falta! Não o dinheiro, nem comida - que mãinha não me dava nada, muito pelo contrário, eu é que dava pra ela... Às vezes eu tirava as compras aqui, que ela comprava as coisa dela lá embaixo, fazia cem, cento e cinquenta reais de compra, né? Comprava saca de farinha, comprava vinte, trinta quilo de feijão... e eles pegavam o feijão, as mercadorias que ela comprava, pra vender pra comprar droga...Eu falo. Enquanto eu tiver força na minha boca pra falar, eu falo. Enquanto eu tiver

língua, não puder falar assim... falando com as minhas palavras, né?, gravando... eu vou na canetinha escrevo tudo errado, certo, mas eu escrevo, descarrego ali a raiva que eu sinto... É isso, né? (Dina, 29/02/2000).

A raiva que eu sinto é essa, que ela [D.Cida] deveria tá aqui... pra ver isso, né?! Mas ela sempre me dizia: 'Dina, quando eu morrer vai acabar tudo isso, você vai ver, você vai ver como vai todo mundo ficar unido!', e eu dizia: 'Que nada mãinha, vai ser pior...' Ah, não. Eu queria que eles se matassem agora... Eu queria que fosse uns contra os outros... Né?! Tão numa guerra agora porquê? Porque um pega as coisa/de/do outro... Um quer ser melhor do que o outro... Né? É isso... Eles se matam assim, na droga, né? [...] Não, quero nem saber. **Se eles tiverem lá embaixo brigando... Não, não chamo mais polícia. Não, agora não chamo mais polícia** não. Se eles brigarem com revólver, com faca – com revólver não que eles não... não sei, né? – com faca, com pau... com muro, com [arma] pesada... não quero nem saber... Por mim, posso ver o mundo se acabar lá embaixo. **Ah, eu ando muito revoltada... Porque eles não tiveram consideração à mãinha... Só por isso.** [...] Às vezes as pessoas pensa assim que eu sou pior do que os/ do que todos... Como minha irmã, né?, Neneca... ela acha que eu sou a pior. Mas não... Eu sou pior porque eu não aceito... Eu não aceito as coisas que eles fazem. (Dina, 29/02/2000).

Dina e Doca não tinham medo das arruaças provocadas por estes netos e sempre que necessário os enfrentaram, chamando a polícia quando necessário. Depois da morte de D. Cida, comentam, ficou mais fácil estabelecer a ordem e o respeito desejados. Neneca e seus filhos indicavam interesses sobre o futuro da casa de D. Cida, questionando o direito daqueles netos, filhos de Lena que não eram de mesmo sangue paterno, à herança da casa. Dina declarava estar satisfeita com a casa que tinha construído e que não se importava com a briga dos outros por aquela casa. Recentemente elevou um alto muro na lateral da escada de acesso à sua casa, isolando-a da entrada geral do resto de casas e aumentando sua privacidade. Nos últimos tempos e para evitar maiores atritos com os netos que ficaram vivos, Dina decidiu deixá-los em paz e manter uma convivência mais distante, porém pacífica.

Nesta nova conjuntura houve claramente um novo arranjo das relações entre os descendentes de D. Cida. Observou-se uma re-arrumação de alianças e aparecimento de novos interessados, inclusive da irmã de criação, Merina, com a qual Neneca tivera sérios atritos no passado, e que até então se encontrava bastante afastada e relativamente independente do grupo familiar. Seu filho Robson era o que estava morando em 2003 na casa do fundo que Lia e André abandonaram com medo do aumento da violência neste bairro. Lia deixou a casa logo após o violento assassinato do seu primo Daniel em 2001 (vide recorte de jornal no Anexo C). E junto com seu marido, foi morar na casa do sogro em Camaçari. Em 2002, morreu assassinado o terceiro dos netos da estirpe de Lena, também violentamente assassinado: Cleonaldo (Ói), tido como sofredor de distúrbios mentais desde pequeno, a partir do trauma e sentimentos de culpa pela morte da sua mãe.

Nesta nova fase da família, Dina finalmente conquista a aceitação da sua parentela fortalecendo sua posição nesta estrutura e rede de parentesco. Ela é, de todos, a pessoa melhor estabelecida, tida como uma “vencedora”. Ela soube impor-se e ganhar o respeito de todos, mesmo indo contra o modelo de convivência antes estabelecido. Na última visita feita à residência em 2003, muitas coisas tinham mudado. Dina, agora vista como boa dona de casa, cuidava durante o dia do seu primeiro netinho – filho de Rejane, que engravidou e uniu-se em seguida ao companheiro. Rejane e seu parceiro viviam de aluguel em um quatinho perto da casa da mãe. Ela trabalha e ajuda na venda da sua prima Lídia, filha de Neneca, que também casou, tem filho e mora fora desta configuração de casas.

Neneca deixou sua casa em 2001, como Lia, e foi morar em um quatinho de aluguel em Camaçari com seu namorado 20 anos mais jovem, suas filhas doentes menores e o filho adulto Leonildo, que em 2003 era pai de cinco crianças de distintas mães, mas que criava com Neneca, apenas, o pequeno e doente Mário. Mário, como sua tia Leovânia (a caçula de Neneca) nasceu com problema de fenda palatina, e precisaria agendar alguma intervenção cirúrgica, já que sua alimentação é complicada, vivia doente e desnutrido, não andava nem falava como Paulinha, que tinha a mesma idade. Leovânia, a filha caçula de Neneca, devido ao mesmo problema de nascimento ficou todo o seu primeiro ano de vida internada no hospital das clínicas. Ela sofreu 3 intervenções cirúrgicas e precisava fazer uma nova devido ao crescimento, comentava Neneca. Leovânia começou a falar e andar por volta de 1992, quando tinha sete anos de idade.

## CAPÍTULO IV – A CASA NA REPRODUÇÃO DA VIDA, DO CORPO E DO ESPAÇO: LUGAR E ETHOS DE FAMÍLIAS Matriarçais Extensas

*Um estudo da construção e do uso sócio-cultural dos modos de habitar dos agentes no meio popular (ou seja, da casa), é determinante para apreendermos os sentidos das relações sociais, investidas na experiência da família e do parentesco, em sua complexidade. Sugiro que uma antropologia da experiência familiar nas classes populares, que toma como foco a casa e suas implicações na produção dos laços sociais, pode contribuir para renovar a abordagem antropológica das condições sócio-étnicas e para superar as dificuldades das antropologias regionais (e nacionais) para (re)formular seus objetos em contextos específicos. (MARCELIN, 1999, p. 33).*

No Ocidente, as palavras casa (*maison*), grupo doméstico (*maisonnée ou household*), lar (*demeure ou home*), família, entre outras, têm sido freqüentemente usadas como sinônimos, para dar conta da diversidade de experiências sociais referentes àquela interação íntima e doméstica que tem lugar em todas as sociedades humanas ao interior de uma unidade doméstica ou redes de parentesco. Todos esses termos são categorias culturais e analíticas e como tais são polissêmicos, podendo sua significação variar a depender do uso e trato dados pelo autor ou corrente teórica.

O termo casa nesta tese tem dupla significação: remete à idéia concreta de espaço físico, aquele lugar geográfico e físico no qual habitam pessoas (casa – em letra normal – designará apenas a idéia de espacialidade); e, como em DaMatta (1985), Gilberto Freyre (1992), Lévi-Strauss (1991, 1992) e Marcelin (1996; 1999), a *casa* (em itálico) designa também a idéia de grupo doméstico ou familiar, a vida dos seus membros e as interações que a compõem; aproximando-se de noções de estirpe, clã ou saga familiar<sup>1</sup>. Conforme usado aqui o termo *casa* ressalta a articulação entre essas duas dimensões, física-espacial e sócio-cultural. Para fins puramente analíticos é que por vezes precisei distinguir o uso espacial do sócio-cultural do termo – o qual sempre inclui aquele.

---

<sup>1</sup> Consciente de não se tratar exatamente de termos sinônimos, os utilizei como se fossem para tornar mais agradável o estilo narrativo, buscando evitar repetições excessivas, mas e também, por considerar que todos eles elucidam aspectos da concepção mais dinâmica de *casa* que aqui se busca fundamentar.

A noção de *casa* em Lévi-Strauss designa essas unidades “que não se deixam definir nem como famílias, nem como clãs ou linhagens”, pois, através da idéia de *casa* ele propõe articular várias dessas noções tão debatidas nas Ciências Sociais e nos estudos de parentesco. Para ele:

A casa é: 1) uma pessoa moral, 2) detentora de um domínio, 3) composta de bens materiais e imateriais, e que, 4) se perpetua pela transmissão de seu nome, de sua fortuna e de seus títulos em linha real ou fictícia, tida como legítima, com a única condição que essa continuidade possa se exprimir na linguagem do parentesco ou da aliança ou dos dois juntos. (LÉVI-STRAUSS, 1984, p.200, *apud* MARCELIN, 1996, p. 77).

Lévi-Strauss recoloca a “casa” no centro das discussões enquanto realidade física e instituição social, combinando princípios contraditórios e transcendendo-os. Louis-Herns Marcelin (1996) recupera o conceito *lévi-straussiano* e o enriquece no seu estudo etnográfico sobre o Recôncavo baiano ao investir em um conjunto novo de questões, para as quais faz uso do esquema analítico de Bourdieu, lançando mão do seu rico e complexo sistema de opostos nas suas descrições sobre o espaço. Este autor re-atualiza a idéia de *casa* ao acrescentar-lhe novas dimensões como a noção de “prática” e “processo” próprios da teoria de Bourdieu<sup>2</sup>, um novo e peculiar modo de olhar e entender as relações de parentesco em setores populares desde uma perspectiva mais dinâmica do que a que Lévi-Strauss conseguira de fato imprimir ao conceito.

No texto “La maison ou le monde renverse” (1972), Bourdieu faz uma análise das significações da casa no grupo Kabyle apontando na sua descrição uma série de opostos binários homólogos como: fogo e água, seco e molhado, cozido e cru, alto e baixo, claro e escuro, dia e noite, dentro e fora, norte e sul, este e oeste, cultura e natureza, etc., sugerindo que tais oposições são traduzíveis tanto aos contrastes existentes no universo quanto aos princípios de feminilidade e masculinidade na esfera das relações entre gêneros. Esse sistema de dicotomias por contraste, bastante fecundo para analisar distinções e especificidades de papéis sexuais em diversos contextos, tem sido utilizado por diversos autores em seus estudos sobre gênero. Entretanto, empregado sem devidos matizes e sem uma articulação dinâmica, pode empobrecer a complexidade da situação analisada sobre comportamentos sexuais ou de gênero, reduzindo-a ou adotando posturas essencializantes difíceis de sustentar<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Certamente a idéia de *habitus* é essencial e catalisadora da visão bourdiana que combina neste conceito a diacronia e sincronia, ação e estrutura. Assim sendo, os objetivos desta tese também podem ser descritos como identificar, descrever e entender os *habitus* das *casas* matriarcais observadas.

<sup>3</sup> Ver crítica ao livro “Dominação Masculina” de Bourdieu em Corrêa (1999).

Dentre os pares dicotômicos de Bourdieu, o que mais me interessa destacar é a oposição entre “dentro e fora” pela sua força analítica para representar o mundo simbólico da “casa”, onde a porta de entrada é vista como a divisora de dois mundos aparentemente opostos: o privado e o público. DaMatta (1985), em sua obra “a casa e a rua”, reproduz esta mesma dicotomia (e a enriquece com a noção de englobamento de Louis Dumont), que trata como “uma oposição básica na gramática social brasileira”, um sistema de “códigos sociais complementares”, mostrando como pelos contrastes entre mundos referenciais distintos, o da casa (fundado na família, na amizade, na lealdade, na pessoa e no compadrio) e o da rua (nas leis universais, numa burocracia antiga e profundamente ancorada num formalismo jurídico-legal), vai sendo construída a identidade e forma de relacionamentos tipicamente brasileiros (adotando o sistema da trilogia, onde destaca a “morte” como um terceiro elemento fundamental e articulador nesse movimento de contrastes identitários entre casa e rua). Para DaMatta, o caso brasileiro sintetizou de modo singular o seu lado “tradicional” (simbolizado no paradigma freyriano da casa, ou da casa como modelo para a sociedade) e o seu lado “moderno” (representado por um conjunto de leis que deveriam tornar o país uma sociedade contemporânea).

Por isso trabalhos que vão desde as abordagens de Gilberto Freyre às de Roberto DaMatta, entre outras, mostram a importância da *casa* como base da constituição do ser social brasileiro. Para DaMatta e Freyre a *casa* é tratada como mais do que um espaço geográfico ou coisas comensuráveis. Ela é também uma “entidade moral, uma esfera da ação social, províncias de positividade e domínios culturais institucionalizados, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens” (DAMATTA, 1985, p.12). A *casa* é um lugar e um mundo de *ethos* a partir do qual os “sistemas de disposições” fundamentais se constroem e configuram. E como todo lugar, a casa é presa a uma hierarquia cujos termos específicos no Brasil são historicamente constituídos nos modelos sociais e culturais constituídos pela escravatura e colonização. Restituir o sentido da casa como categoria cultural, é remeter ao lugar social e étnico a partir dos quais ela é inventada. Por isso, para uma boa compreensão das práticas e projetos familiares na sociedade brasileira é fundamental realizar um estudo aprimorado da instituição da *casa* e tratar o conceito como categoria analítica central (DAMATTA, 1985; FREYRE, 1992; MARCELIN, 1996).

Mas o que é de fato morar em meio popular e comunidades negras em pleno século XXI numa região urbana do Nordeste brasileiro como a cidade de Salvador? Em que medida um passado colonial de escravidão teria marcado os modos de ser e habitar de grupos negros na atualidade? Há modelos arquitetônicos e regras de moradia que governam seus comportamentos? Quais os valores que as sustentam?

Estudos sobre a importância e forma de se habitar as casas e sobre a importância do passado escravo no Brasil atual explicam algumas das principais características da matriz cultural da pobreza brasileira em regiões de Recôncavo baiano, onde a cultura afro-brasileira é tão marcante (AGIER, 1990; FREYRE, 1992; HARDING, 2000; MARCELIN, 1996; WOORTMANN, 1982, 1990).

Sabe-se, pela observação das formas de habitar as casas em meio popular, que os indivíduos vivendo em condições de pobreza não se distribuem nas casas com a mesma constância no decorrer de toda sua vida. A circulação entre distintas casas de uma rede de parentesco é intensa, principalmente na infância. Pela mobilidade constante na forma de se residir nas periferias torna-se difícil circunscrever certos agentes familiares numa unidade doméstica específica, pois eles circulam entre várias outras unidades de uma mesma rede de parentesco, vizinhança ou “configuração de casas”. Por isso a *casa* deve ser pensada nas inter-relações com outras casas que também participam de sua construção e rede.

A idéia de configuração remete a um conjunto de seres e/ou coisas, e traduz uma disposição relativa de posições (ou pontos em geometria) num conjunto ou um sub-conjunto, isto é, as “redes” de relações que configuram as posições de casas que se correlacionam e são interdependentes entre si. Configuração é um termo presente em obras de Norbert Elias (1994, 2001), que faz uma interessante análise da ocupação espacial, na corte francesa, e das regras de comportamento às que estava atrelada. Naquela sociedade a aparência física da casa (“hotéis de nobreza” e “palácios da corte”) era símbolo da posição e nível da casa ou estirpe no decorrer das gerações e daquele indivíduo tido como seu representante vivo. O estudo dessas casas possibilitou a Elias uma primeira aproximação à estrutura social da corte. Segundo Elias, as dimensões e a ornamentação das casas não dependem tanto da riqueza do proprietário como da

posição social que ocupa, por isso o dever de ostentação de seus moradores naquele contexto. A casa é, em certa medida, um reflexo de como os indivíduos vêem a si mesmos.

A utilização feita por Marcelin (1996) do termo *configuração de casas*, que extrapola as fronteiras de uma única unidade doméstica, nos permite identificar melhor o processo de eterna criação e recriação de laços – redes – de cooperação e troca entre as casas, e de como através das relações entre distintas casas tais laços se constroem numa estrutura de tensão entre a hierarquia e a autonomia, entre o coletivismo e o individualismo, entre os mecanismos tradicionais de socialização e impulsos modernos de consumos, etc.

A casa é para os membros que a habitam tanto uma *referência temporária*, um lugar de passagem, como uma *referência permanente* (MARCELIN, 1996). Ela é uma *referência temporária* para aqueles netos ou membros dependentes da matriarca (grupo doméstico) que aí moram, mas que estão de passagem e circulam entre várias outras casas da sua rede. Para eles a casa não é própria, mas daquela que assume a sua coordenação, o centro focal por onde transitam as relações e em quem se concentra o poder. Para estas pessoas o sonho da casa própria dificilmente se concretiza, e alguns deles sequer o formulam, são pessoas que estão sempre dependendo da sua aceitação ou integração na casa dos parentes ou afetos mais próximos em que costumam transitar. Mesmo assim, a(s) casa(s) pela(s) qual(is) circulam é(são) para eles um lugar no qual, e pelo qual, se constrói a sua individualidade mediante a complexa rede de relações e experiências familiares em que estão inseridos.

A casa é o lugar no qual os seus membros se definem como indivíduos integrantes desse agrupamento social, é um referencial de pertencimento. Por isso, a casa também é uma *referência permanente* para seus membros, pois é um “bem simbólico coletivo”, isto é, uma matriz simbólica na qual nascem a coletividade familiar e os mitos de família. Mas a casa é uma referência “mais” permanente, especialmente, para aqueles membros com laços de sangue mais próximos e bem colocados na escala de “consideração” da matriarca, aqueles que terão mais chances de se transformar em seus legítimos herdeiros e futuros proprietários de uma parte do bem construído por suas *casas*.

Pelo exposto, entende-se que a casa como construção física não pode ser separada dos corpos que a habitam e transitam, nem das relações pessoais que a modelam. Essas relações de pessoas constituem as relações domésticas dentro da unidade social e física que é a casa. Enquanto construção física e como instituição social total a *casa* se constitui em um dos melhores registros dos momentos de articulação e de mobilização de alianças intra e inter-geracionais entre seus membros e indica os ciclos de transformação que a acompanharam. No contexto analítico desta tese a *casa* foi pensada como *processo*, como um devir indissociável da permanente construção de alianças e tensões entre as pessoas que a habitam e que são traduzidas em termos das relações de parentesco.

No meio popular não se pode isolar o fato da “casa como resultado” (produto acabado) daquele da sua própria construção, processo de erguê-la e constituí-la. Toda “construção” de casas é erguida a partir dos mecanismos sócio-culturais acionados pelos valores (cosmo-visão vigente) da família e do parentesco, mobilizando sempre projetos, recursos humanos e materiais tanto individuais quanto coletivos. A decisão de construir não é uma simples operação individual. Entre os agentes, ela conduz a considerações de ordem maior como: onde construir; com quem?; com que recursos?; e em certos casos, para quem construir? Construir é sempre uma operação coletiva porque coloca em jogo as negociações matrimoniais, a organização de um território onde se exercem experiências e conflitos familiares, estratégias individuais e coletivas e se lança mão da utilização de recursos econômicos e humanos. Construir é, pois, um processo pré-configurativo da *casa*, e a *casa* é um momento de um processo complexo de invenção e re-invenção da família, da amizade, da vizinhança e da iniciação da conjugalidade nas trajetórias populares<sup>4</sup>. A noção de *casa* aqui adotada é, pois, idônea para estudar processos e experiências familiares em grupos populares (MARCELIN, 1996).

A primeira parte deste capítulo faz descrições gerais sobre o modo de construir casas em setores populares do Nordeste brasileiro. Para isso a *casa* de Mãe Dialunda foi escolhida como modelo ideal por ser o mais próximo ao descrito por Marcelin (1996) nos seus estudos do Recôncavo baiano. Entretanto, quando necessário, se apresentam informações adicionais da outra estirpe, de modo a enriquecer e estabelecer alguns paralelos e diferenciações. Na segunda parte, com dados

---

<sup>4</sup> Ver como nas narrativas aparecem e se articulam estes aspectos mencionados.

mais sócio-geográficos de cada *casa*, se objetiva transmitir as transformações espaciais sofridas no lugar e o movimento de pessoas ao seu interior ao longo do curso de vida de cada grupo doméstico. Parte-se do suposto que o ter casa e ser sua dona, é uma expressão indispensável do próprio acontecer do que denomino “matriarcalidade”, pois é através dessa possibilidade que se manifesta sua própria existência; só se pode ser chefe da família e da casa sendo sua dona e exercendo seu poder sobre esse bem. Esse poder da matriarca se exerce pela doação ou restrição ao acesso a esse bem da casa, a outros membros da família, seus dependentes, desde a centralidade e superioridade ocupada por esta figura na estrutura familiar. A “matriarcalidade” de ambas chefes fica claramente evidenciada, neste capítulo, como uma causa e consequência, simultaneamente, do acesso e construção de suas *casas*, onde a mulher “matriarca” é simultaneamente a chefe da casa e da família.

#### DESCRIÇÃO DO ESPAÇO DAS CASAS EM MEIO POPULAR URBANO BAIANO

Ao observar a forma de se habitar o espaço por famílias pobres do Nordeste brasileiro em região do Recôncavo baiano, Marcelin (1996) percebeu a predominância de um padrão recorrente na construção das casas. Esse padrão pode ser descrito a partir da planta baixa da casa de Mãe Dialunda, a qual, pela sua peculiaridade associada ao mundo do candomblé, apresentou, também, alguns espaços adicionais e específicos que a destacam e diferenciam de outras residências da sua vizinhança. Entretanto, a estrutura geral da sala, quartos e pátios, é bem similar à de muitas casas visitadas e do padrão descrito por Marcelin, motivo pelo qual se optou partir da descrição detalhada desta morada como o modelo mais próximo do tradicional (ver na Figura 6, a seguir, planta da casa).

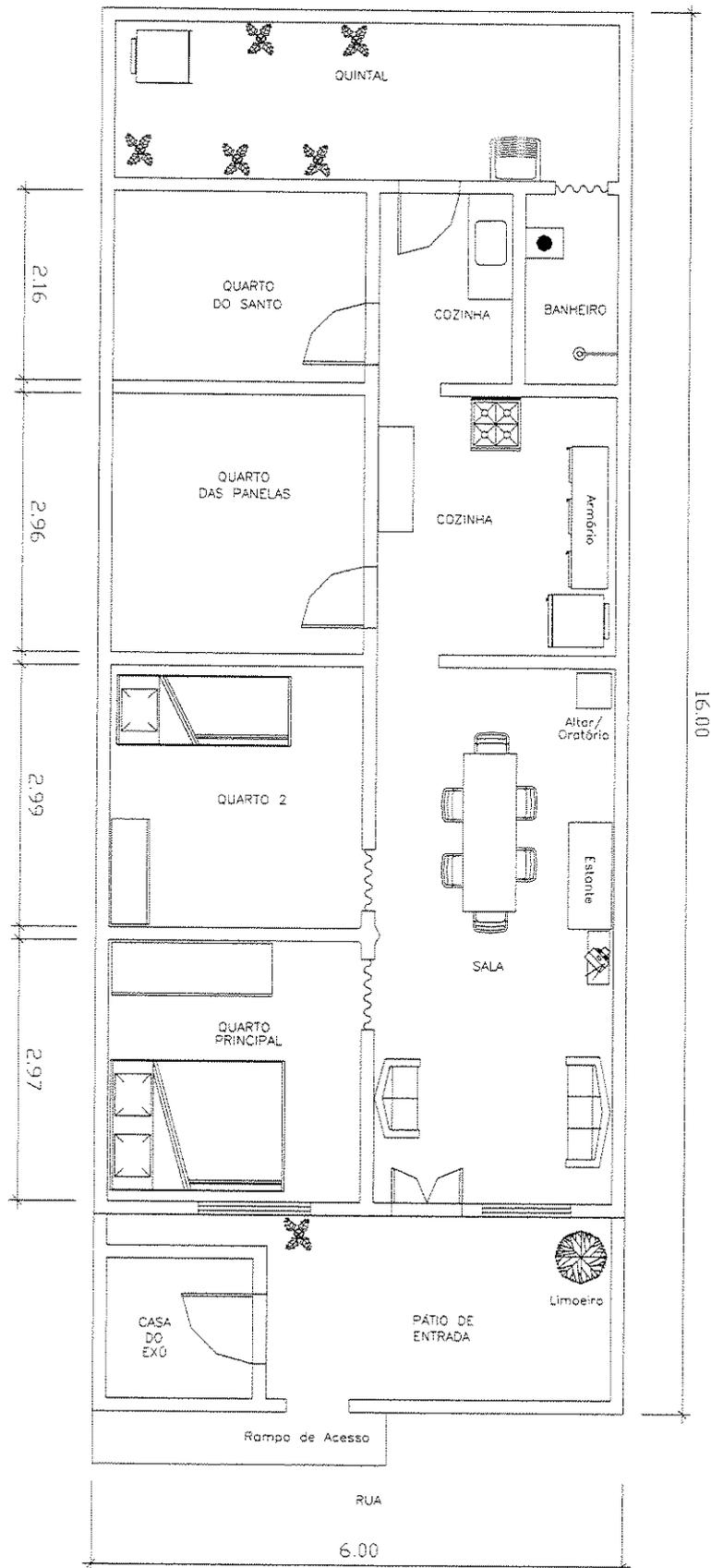
O padrão convencional de construção de casas não é totalmente rígido, e pode sofrer modificações com construções mais novas, como vem ocorrendo na casa de D. Cida, apontando certa tendência à modernização do modelo em gerações mais novas. No início da pesquisa a casa de Mãe Dialunda se destacava mais do que a de D. Cida, pelos móveis e cuidado, denotando um período de maior apogeu. Já no final desta pesquisa ela foi sendo superada pela de Dina, na outra

família, que foi se expandindo e sendo mobiliada, com retoques mais modernos, seja na estrutura como nos objetos da sua sala, indicando a ascensão deste sub-grupo familiar e o declínio, ao menos passageiro, do grupo de Mãe Dialunda<sup>5</sup>.

As casas arejadas e ventiladas são as mais valorizadas por isso as portas e janelas costumam estar bem abertas durante o dia, e não é raro, também às noites. Mas o crescente aumento da violência no bairro e a intenção de controlar os horários de movimentação externa dos seus membros, tem levado muitos moradores a trancar as portas à noite. A abertura das portas e janelas expõe a casa aos olhos dos transeuntes, sendo sua abertura sinônimo de saúde familiar, pois, a porta de entrada a casa abre caminho à comunicação social e ao contato com o público; uma porta aberta confirma a “reputação” da casa, é um sinal de que não se tem o que esconder e que se pode compartilhar. A porta de entrada é o ponto de passagem que põe em relação o “dentro” e o “fora”, o público e o privado, o profano e o sagrado. Quando a porta principal de uma casa está fechada, isso denota ausência dos seus moradores ou doença, e até mesmo um tipo de morte simbólica (BOURDIEU, 1972; MARCELIN, 1996). A casa de Dina, filha caçula de D. Cida parteira, costumava ficar fechada, com as portas e janelas que dão para a rua, lacradas e em um silêncio sepulcral (devido, em certas ocasiões, à sua ausência, mas, muitas outras, ao seu desejo de isolamento, mal visto pela vizinhança). Pela necessidade de se adequar ao crescimento populacional dos grupos domésticos e pela obtenção de outros benefícios que ela passou a valorar, como o resgate de maior privacidade; a ventilação e luminosidade da sua casa (no terceiro pavimento) e na casa da sua mãe (no primeiro pavimento) foram sendo sacrificadas, comentava Dina, nas sucessivas reformas ali realizadas. A isso está associado, também, a grande proximidade de casas vizinhas e a densidade populacional do bairro, que impedem o crescimento horizontal, forçando à expansão vertical, mediante construções de lajes sobre laje. Com isto pode vir a se dar um maior afastamento do modelo popular tradicional de se construir casas no Nordeste como o que descrevo a seguir.

---

<sup>5</sup> Ver fotos da sala de Dina, no Anexo G, e os da sala de Mãe Dialunda, neste capítulo.



**Figura 6 - Modelo popular convencional de construção de casas:  
1º pavimento da casa de Mãe Dialunda por volta de 1997.**

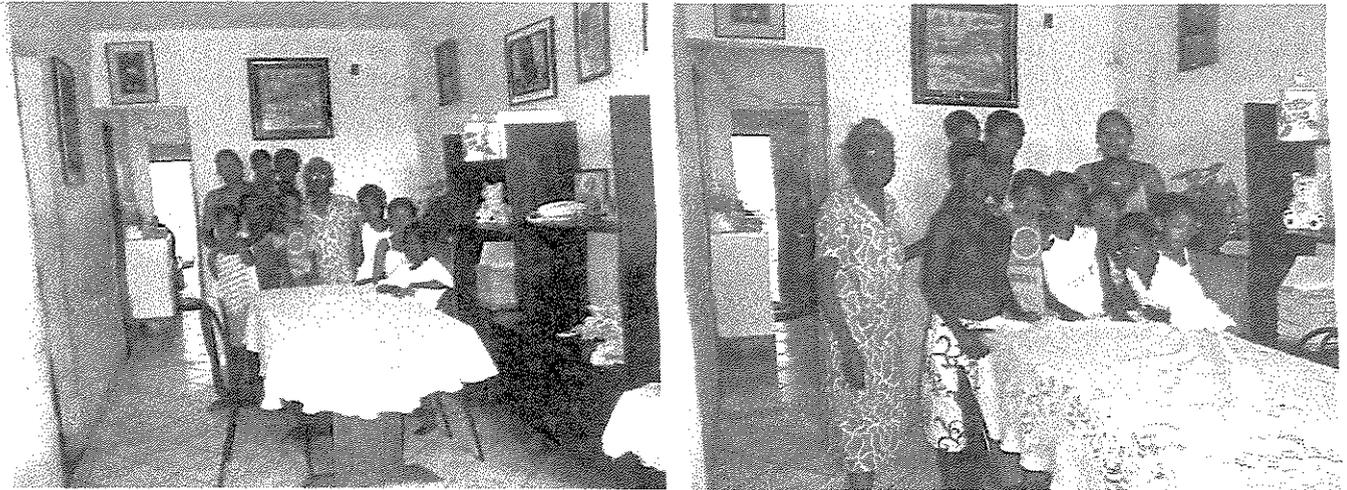
A Figura 6<sup>6</sup>, da planta da casa de Mãe Dialunda em 1997 mostra como as casas distribuem-se geralmente em superfícies retangulares cobrindo em média 7m x 16m, com 10 pés de altura, onde o espaço interior é arrumado e organizado de tal modo que o visitante ao entrar, de acordo com o grau de intimidade com a casa, atravessará por ordem sucessiva desde a varanda (ou pátio anterior): a sala/sala de jantar → a cozinha → o quintal, onde se encontra o banheiro – todos dispostos diante de si em linha reta – tendo geralmente do lado esquerdo os quartos de dormir. O interior da casa é arrumado de modo que, do lado esquerdo, as portas de entrada de cada quarto, a começar pelo quarto principal – freqüentemente o único em muitas das casas– se abre diretamente sobre a sala/sala de jantar.

A sala é o espaço privilegiado da casa onde se recebem as visitas, a fase pública da casa que dignifica a família. Nela cada unidade doméstica tende a socializar objetos ou quadros que traduzem os valores mais prezados pelos seus membros, que expressam facetas da sua identidade<sup>7</sup> (ver Figura 7 – fotos da sala de Mãe Dialunda).

---

<sup>6</sup> -Levantamento cadastral e desenhos realizados pela equipe da Hita-Engenharia –Fernando Caldas e Fátima Hita – com o objetivo de resgatar a escala e proporcionalidade dos espaços internos.

<sup>7</sup> Nas distintas casas que visitei em ambas as redes de parentesco observei os seguintes tipos de objetos nas suas paredes e salas: na sala de Dalva, nora de Mãe Dialunda, que morava no segundo pavimento, havia uma frase sobre o mundo negro que dizia: “Enquanto a cor for demarcador de diferença, haverá guerra” e um grande pôster de Jimmy Hendrix. Era comum se ouvir o barulho estridente do aparelho de som de Ibijara, a todo volume, vindo da sua sala, desde o meio da empinada ladeira de acesso a essas duas casas. Na sala de Carla, a neta de Dialunda que vive em outra casa, na rua perpendicular à da avó, ela pendurou um grupo de quadrinhos pintados por um amigo do casal sobre casarios no pelourinho. No outro grupo familiar, na sala de Neneca, vi nessas paredes e ao longo dos anos, fotos pequenas de familiares e crianças, dizeres de teor cristão com frases de amizade ou amor, calendário do ano com flores ou bichinhos e rabiscos de caneta escritos diretamente na parede (um nome, um telefone) ou recados colados com durex. Na sala de Dina há em geral quadros ou obras por ela produzidas (já descritas), entre outras peças de latão ou madeira. Após a morte da sua mãe ela pendurou em lugar central da sua sala uma enorme foto emoldurada (de uns 70 x 40 cm) da matriarca, que em 2003 tinha substituído por novo quadro que ela pintou, representando um eclipse solar pela “perda da mãe” (vide foto no Anexo G). Na sala/quarto de Lia, a primogênita de Neneca, não havia nada nas paredes, seu quarto/sala – recém construído, e com materiais de melhor qualidade que o geral: grandes lajotas brancas no chão – tinha as paredes limpas e brancas, sem nenhuma ornamentação quando a visitei. De móveis possuía estritamente o necessário: um colchão de espuma de solteiro – que servia de sofá durante o dia e cama à noite – e uma grande e colorida televisão de 29 polegadas ocupando sua sala, onde D. Cida e sobrinhas passavam a tarde a assistir programas e conversar; levando e trazendo cadeiras, a depender do movimento dessa casa (visitas especiais ou idosos sentam em cadeiras). Também no seu quarto-sala tinha, no canto oposto à escada, um fogãozinho a gás de duas bocas, junto a uma pia inox. A casa de D. Cida me transmitia sensações esquisitas de indefinição e transitoriedade, ela dificilmente me recebia lá, preferindo conversar comigo na casa da filha Neneca ou na da sua neta Lia, guardando a privacidade de seus netos homens ou talvez até me protegendo do seu olhar masculino ao evitar minha presença na sua casa e mantendo a distância considerada necessária a minha distinta classe social, e situação de mulher casada. As poucas vezes em que me recebeu na sua casa os netos mais velhos não estavam por perto. Nunca consegui observar claramente os objetos que havia na sala de D. Cida, a sua casa era a passagem para as outras duas casas, (conexão entre a de Neneca – mãe – e a de Lia – filha). A sala de D. Cida era também utilizada como quarto durante boa parte do dia pelos netos que ela criava.



**Figura 7 – Perspectivas da sala e da cozinha de Mãe Dialunda, em 2003.**

No fundo da sala, à direita, encontra-se um altar numa mesinha com santos e orixás da família. Quase toda casa tem um espaço destinado ao oratório familiar, seja este representado por um quadro, uma imagem ou um altar, geralmente no canto direito das salas. Neste altar pode-se ver a imagem de São Jerônimo (Xangô), representado pelo santo com um leão aos pés; Jesus Cristo (Oxalá); São Cosme e Damião, entre outros (ver Figura 8).



**Figura 8 – Mãe Dialunda e netos junto ao altar da sua sala, em 2003.**

No canto superior esquerdo da sala desta casa, vêm-se dois quadros com os principais orixás protetores da família fixados na parede – Ogum<sup>8</sup> e Xangô<sup>9</sup> como na foto a seguir (ver Figura 9).



**Figura 9 – Mãe Dialunda no canto esquerdo da sua sala com os quadros de Ogum e Xangô, protetores da casa, em 2003.**

Na entrada da sua sala havia, em 1997, na parede direita, um velho sofá de três lugares, meio destruído (que nos últimos cinco anos de minha observação percebi ter sido remodelado e ter mudado seu forro mais de duas vezes, investimentos que, pela movimentação de pessoas e crianças, duram pouco na sua casa, e que em 2003 vi que já nem mais existia, dando sensação de maior espaçamento). Frente a esse sofá, do lado das portas dos quartos, há ainda até hoje um sofá de dois lugares (ver Figura 10 de Mãe Dialunda sentada com duas netas que criou e bisnetos) e

---

<sup>8</sup> Ogum, sendo muito próximo de Exu, tem algumas das características atribuídas a Exu como a de abrir caminhos, ser o guia entre o mundo profano e sagrado, comentou-me Mãe Dialunda uma vez.

<sup>9</sup> Xangô é aquele que fecha os caminhos, o protetor da casa, explicava-me Mãe Dialunda. Ele é forte e poderoso. Na terra é o rei dos leões. Não gosta de defunto.

algumas cadeiras encostadas nessa parede esquerda, bem defronte da televisão, a qual costumava ficar sempre ligada, localizada na divisão da sala de estar com a de jantar, no meio da sala.



**Figura 10 – Na entrada da casa, Mãe Dialunda e as netas que "criou" (Carla e Nívea), em 2003.**

Mas a disposição dos móveis, assim como a estrutura mesma e paredes da casa, é uma coisa que está sempre em movimento e transformação, muda-se com muita frequência a posição de enfeites, quadros, mesa etc. Os mesmos móveis, costumam ser trocados ou substituídos por outros quando quebram ou aparecem melhores, colocando em circulação – na sua rede social – aqueles objetos que vão sendo descartados, mas que haverá sempre alguém a quem destiná-los. Na sua sala, além do altar para os santos e dos quadros dos dois orixás na foto de 2003, há outros quadros de paisagens e uma estante com alguns objetos de porcelana de enfeite.

Depois da sala está sua cozinha, em um espaço que se contrapõe aos anteriores. A cozinha é o lugar da sociabilidade da casa por excelência, lugar onde sempre tem pessoas da casa beliscando algo, conversando ou trabalhando. Esse é um espaço comum a todos seus membros e no qual senti mais resistências dos moradores em permitir minha aproximação, indicando ser um dos lugares mais preservados dos “estranhos”. As cozinhas e os quartos das casas foram os lugares que mais demorei em conhecer e ter acesso. Acesso forçado, por vezes, pela minha curiosidade indiscreta ao ir atrás de alguma conversa com algum dos membros que ali se encontravam. Mas,

em geral, um acesso conquistado, resultante das distintas estratégias do perguntar e da paciente espera a ser convidada para ir conhecer tais locais ou algum objeto que queriam mostrar-me, ou quando fui por eles conduzida para conversar ou gravar sobre assuntos mais privados nesses lugares. Muito ajudaram minhas insistentes perguntas sobre o espaço como assunto central de certas entrevistas, visando compreender as principais mudanças espaciais da casa e da história familiar. Na casa de Mãe Dialunda o contato anterior ao desta pesquisa foi menor e a empatia mútua precisou ser desenvolvida. O dia em que ela mesma me chamou a acompanhá-la até a cozinha, foi quando percebi que estava sendo finalmente aceita e minhas visitas, esperadas e desejadas – quando no começo eram freqüentemente remarçadas. Muitas das conversas informais se deram na passagem da sala para a cozinha, pois Dialunda ou Dalva me recebiam enquanto produziam os insumos da venda ou trabalhavam nos afazeres do lar ajudadas, sempre, por algum neto ou neta que estivessem pela casa.

Na cozinha é onde se desenvolve uma das mais importantes dimensões da intimidade coletiva: não é do agrado dos seus membros que gente de fora saiba o que se come (quando se pode comer) e nem como se come. Percebi isso muito bem nas ocasiões em que fui visitá-las em horas indiscretas de almoço ou janta, quando as portas de suas casas se fechavam e, em geral, não me convidavam a entrar. Poder comer e beber a cada dia é uma conquista cotidiana e uma benção entre gente pobre no Nordeste. Não ter nada o que comer é uma experiência carnal vivenciada por todos os meus entrevistados em ambos grupos familiares – e outros do bairro – em diferentes conjunturas de suas vidas. Uma casa onde o fogo da cozinha não se acende é tida, no imaginário popular, como uma casa morta, em crise, algo que deve ser evitado. Esta é a principal necessidade básica contra a qual se luta todos os dias neste contexto, aquela luta pela sobrevivência mínima, isto é: por ter o que pôr no prato.

O banheiro, associado ao ato de defecar, visto como sujo e repugnante, fica geralmente nos fundos da casa, mais próximo ao quintal, no extremo oposto à entrada da casa, vizinho da cozinha, com acesso pelo lado externo da casa. Antes de acontecer a reforma sanitária em toda a cidade de Salvador entre os anos de 1990 e 2000, a maioria dos sanitários no bairro eram sem latrinas, com fossas sépticas infiltrando para o terreno ou lançando esgoto em canais da rua a céu aberto, e nem sempre ocultos por divisórias ou paredes. Quando iniciei o primeiro contato com o

bairro em 1992, na casa de D. Cida o banheiro era muito precário. Tratava-se de um fosso cavado no chão, todo de barro batido, com cimento apenas em um pequeno quadrado do chão. A limpeza facial e corporal era realizada com balde e cuia, também a céu aberto, num cantinho do fundo da casa, onde atualmente existe, naquela configuração de casas, a escada para a casinha que sobe ao quarto e sala da neta Lia. Em diversas de nossas visitas à casa de D. Cida, por volta de 1992, era comum nos depararmos com um dos membros (uma criança, adolescente e até adultos) tomando seu banho naquele espaço. Na casa de Mãe Dialunda, nunca tive a oportunidade de entrar no seu banheiro, conheci apenas o da casa de cima, pertencente à nora Dalva e seu filho Ibijara, que estava perfeitamente instalado (com latrina, pia, chuveiro e porta improvisada com uma cortina), mas que se encontrava desativado e era usado como depósito das panelas desta nora nessa época. Seguramente não deviam ter feito nessa época a ligação de água, que significa um maior investimento, ou pela necessidade do espaço para um uso mais racional, como o guardar as panelas desta nora. Todos continuavam a usar o do pátio dos fundos do pavimento inferior.

O quintal no fim do terreno da casa foi freqüentemente habitado por galinhas pretas, pintinhos e outros animais, alguns deles que hoje não mais existem (cágados, gatos e cachorros). Nesse quintal dos fundos Mãe Dialunda planta ervas que usa na cozinha e em alguns trabalhos de santo. Ela tinha nesse pátio, em 1997, uma geladeira sem porta, usada como um tipo de dispensa. E também existia um tanque de lavar roupa, que ficava cheio de água parada, escura e mal cheirosa (águas “milagrosas”), que costumam ser utilizada em certos “trabalhos de santo”, para preparar os denominados “ebós” ou “garrafadas” comumente utilizados em alguns “banhos de limpeza” visando a proteção contra mau olhado ou espíritos malignos de seus clientes, rezando baixinho em língua africana, como observei. A roupa se lavava em bacias. Hoje a função ritual daquele tanque foi substituída pela pequena fonte de águas milagrosas no chão do seu atual quarto de santo (ver Figura 11, adiante). No quintal ela realiza alguns rituais de limpeza de corpo dos clientes, como o que fez comigo com ramos de folhas, quando a consultei profissionalmente.

O primeiro e principal quarto na casa de Mãe Dialunda, o da matriarca, logo na entrada da sala e do lado esquerdo, tem localização estratégica, do qual se pode espiar o movimento da rua, prevenir-se da presença indesejada de uma visita e controlar as entradas e saídas dos próprios membros da casa. Este espaço é onde têm lugar as conversas mais importantes e de maior

intimidade. Fiquei especialmente emocionada no dia em que Mãe Dialunda me convidou a entrar em seu quarto, compartilhou alguns segredos e mostrou-me fotos e roupas mais especiais. Nesse quarto há uma cama de casal, que ela comparte até hoje com os netos e bisnetos menores e com as “moças célibes púberes” da casa (segundo disse referindo-se às netas que criou ou filhas de amigas que estavam de visita). Ao lado da cama havia um armário semi-destruído, sem portas, pela falta de cuidado da sua parentela, se queixava ela. A cada ano da pesquisa sua casa foi se deteriorando progressivamente em relação a outras que ascendiam.

Enquanto no passado Mãe Dialunda dispunha de todo um quarto para guardar seus pertences (“o quarto das roupas”), nos últimos anos, sobrou-lhe apenas o reduzido armário sem portas do seu quarto – indicando o quanto perdera do seu enxoval. As roupas eram guardadas em grandes sacos plásticos, tudo amarrotado, separando as coloridas do uso do dia-a-dia, das brancas e rendadas para trabalhos de santo. Também guardava seus tesouros mais preciosos em algumas caixas de diferentes tamanhos, onde tinha seus colares e principais objetos pessoais. Embaixo do colchão da cama guardava a maior parte de seu dinheiro, proveniente da venda de acarajé ou trabalhos de santo, pois quantias menores ela carregava no seio, preso ao sutiã, para as compras do dia, para aqueles trocados presenteados aos netos e para a compra dos cigarros que compartia com Dalva. Para se ingressar no seu quarto, era preciso pedir permissão, este é um dos espaços mais respeitados e menos circulados da casa, principalmente vedado às crianças, durante o dia, como o indicavam os gritos que Mãe Dialunda proferia quando via alguém ou uma delas lá dentro. Apesar dessa clara restrição, a transgressão a esse mandato mostrou ser constante, pois ela se queixava, sempre, de que algo estava a lhe faltar e que alguém tinha ido mexer em suas coisas, perguntando desaforadamente, a um e outro, “quem foi que roubara” isso ou aquilo. Eu ficava bastante constrangida, no início, ao presenciar e ir detectando esse tipo de *habitus* familiar, que não conseguia enxergar despida de meus preconceitos de classe média, e que só aos poucos foi tomando um novo e distinto sentido na minha compreensão do modelo matriarcal de família que esta tese busca elucidar.

Depois do quarto principal de Mãe Dialunda, seguem os outros dois quartos ocupados pelos seus filhos ou netos, especialmente os que têm vida conjugal e que estivessem vivendo nessa conjuntura na sua casa. Quando cai a noite, os espaços internos da casa costumam sofrer re-

definições para o ato de dormir. Os quartos onde dormem várias pessoas, apesar de serem espaços exíguos, não são, necessariamente, espaços de promiscuidade como muitos pensam, pois obedecem a regras implícitas para sua ocupação que, paradoxalmente, supõem a exclusividade e a inviolabilidade dos espaços particulares (de micro-espaços) ocupados por cada um, como bem o indicam as preocupações e maiores cuidados com a sexualidade das filhas. Uma cama ou sofá pode ser dividido por dois ou três indivíduos a depender do tamanho e idade de cada um. Aqueles que não têm espaços nos quartos devem acomodar-se na sala, corredores ou cozinha, cujos espaços são re-definidos e re-distribuídos, cabendo a cada um o seu próprio lugar. A re-arrumação do espaço da casa durante a noite põe em relevo a divisão sexual e geracional do espaço, que são princípios que governam as relações da casa também presentes e explícitos durante o dia, mas de forma menos explícita neste período diurno. Como todos os espaços produzidos nas sociedades humanas, a ordem da casa corresponde, entre outros, aos princípios que governam as relações entre gêneros e gerações. Assim, os quartos são associados ao feminino, à idade adulta e a conjugalidade; enquanto a sala ao masculino, à infância e ao celibato, conforme aponta Marcelin (1996) em suas observações em campo.

Nas casas que observei, o lugar de dormir das crianças menores nunca foi na sala, e sim, na cama ou quarto dos pais, mãe ou avós. Aos adolescentes e solteiros é que cabe o lugar da sala; entretanto, às mocinhas que entram na puberdade ou que são jovens e solteiras, quando possível e a depender dos seus dotes para futuro mercado matrimonial segundo critérios familiares, é destinado um espaço ao lado da avó célibe, na sua cama, longe do olhar e desejo masculino sempre pronto a atentar contra seus corpos desabrochando ou já definidos.

Os quartos secundários – quando existem – transformam-se no lugar onde se exercem as interações íntimas, os lugares da conjugalidade quando há mais de uma união adulta na casa. E a sala é o lugar do celibato. As mulheres solteiras na sala ficam mais próximas aos quartos e cozinha, e os homens mais próximos à porta de entrada, num gesto e simbologia do papel masculino de protetor das *casas* e intermediário com o mundo da rua. Os mais velhos ficam nas camas e os mais jovens no chão.

Mas há na casa de Mãe Dialunda espaços específicos que não encontramos em outras residências. Até 1999 havia lá um espaço (quartinho) destinado apenas a suas panelas. Nesse espaço se depositava uma quantidade estonteante de panelas (de todos os tamanhos, formas e materiais como latão, alumínio, cobre, barro, louça, plástico etc.) penduradas nas paredes e empilhadas no chão, uma em cima das outras. Nele eram também guardados alguns objetos de rituais, velhas caldeiras e jogo de tigelas completas com pratos especiais para os trabalhos de santo. Em 2003, este espaço destinado às panelas já não existia mais como tal, e não havia mais o arsenal de utensílios de outros tempos, o qual possivelmente fora reduzido – até vendido, como se costuma fazer em momentos críticos – depois de 2000, quando Mãe Dialunda, acometida por doenças, deixou de descer ao Abrigo e começou a deixar de oferecer o caruru de outubro em que incorporava seus santos e caboclos. Esse espaço, quase defronte da sua cozinha, foi reformado, a partir de 1999, quando morreu sua irmã da ilha, também mãe-de-santo. O quartinho foi ampliado tomando parte do quintal a céu aberto e dividido em dois espaços que formam seu atual “quarto do santo” (ver fotos do quarto de santo atual nas Figuras 11 e 12). Essa reforma visou assentar seu orixá “Oxum-Apará” que se encontrava no terreiro da ilha, pois em sua casa não havia o espaço apropriado para isso: um quarto de santo propriamente – que necessitava de um espaço fechado em cuja laje não circulassem pés humanos, explicava Dialunda. Para uma visualização da planta da casa após últimas reformas, ver a Figura 16, adiante, o plano do primeiro pavimento da atual casa de Mãe Dialunda.

Na foto do seu quarto de santo se observa sobre o fundo da parede um altar cheio de objetos, santos (baixelas de barro e de louça, bacias e pratos que compõem os assentamentos dos orixás), oferendas e uma pequena fonte de água milagrosa no chão, em louça branca e azul clara, que foi naturalmente escurecendo com o limo e tempo. Na entrada do quarto está a mesa de jogar os búzios para seus clientes, que em 1997 ela improvisava na casa de cima, numa saleta interna de acesso aos quartos do segundo pavimento, onde então seu filho Ibijara e nora moravam.

No lado oposto ao quintal dos fundos, e hall de entrada à casa e atual acesso à escada da outra casa (que no passado era uma escada interna perto da cozinha e quartos dos filhos), há um pequeno espaço, que à primeira vista me pareceu ser um simples depósito de lixo, mas que fui informada posteriormente tratar-se do “quarto de exú”, ou do diabo, como me o era traduzido por

alguns de seus netos que tentavam fazer a conexão com o mundo de religião católica. Ele parece com um pequeno depósito ou dispensa, de no máximo 60 cm de altura, todo acimentado e com portinha de metal. Aí Mãe Dialunda deposita temporariamente ervas ou plantas usadas nas limpezas de corpo dos seus clientes ou outros materiais utilizados em algum trabalho de santo, e que posteriormente terão outro destino (como bozós de encruzilhadas, oferendas em terreiros etc.).



**Figura 11 – Quarto do santo de Mãe Dilaunda com seus orixás.**



**Figura 12 – Mesa de jogar búzios, no quarto de santo.**

A casa, segundo Louis Marcelin (1996), está no centro de um sistema de representações que é necessário estudar e explorar para determinar suas implicações na constituição das idéias de domesticidade, de família e parentesco. Para destacar desse sistema de representações o conteúdo social do *fato social total*<sup>10</sup> da casa, diz ele, é preciso tomar como objeto de análise o processo que leva a sua construção, a sua concretização, isto é, compreender as determinações, os códigos de conduta aos quais obedece o processo de construção, identificar a natureza dos recursos que esse processo mobiliza e, finalmente, resgatar sua profunda implicação na produção da experiência familiar no cotidiano. Instigados pela pergunta: Como você construiu a sua casa? os informantes expõem todo um conjunto de temas, indo dos circuitos de troca na vizinhança aos sacrifícios e investimentos pessoais e familiares, passando pelas rivalidades e conflitos familiares, negociações matrimoniais, produção das redes de parentesco, o nome de família, o mito familiar, etc<sup>11</sup>. (Marcelin, 1996).

## CASA DE MÃE DIALUNDA

### *Breve história da casa com suas principais transformações espaciais*

Mãe Dialunda vivia com seu Orlando e filhos na entrada ao bairro, onde fica o Beco da Cultura e localizam-se três escolas. Eles teriam ido morar na atual casa por volta de 1960. Nela nasceram muitos dos seus netos e bisnetos, alguns deles trazidos ao mundo por D.Cida parteira. A planta original dessa casa, segundo contam, era muito próxima à descrição que se fez dela em 1997, com divisões internas muito semelhantes às descritas. Mas sua família não chegou a fazer uso do espaço nessas condições, inicialmente, pois antes de entrar, fizeram uma grande reforma. Dialunda decidiu destruir as divisões do primeiro pavimento, e construir um novo pavimento na laje. Dessa forma se ampliou a sala original, transformando-a em grande “salão” (barracão, dizia ela) que era utilizado por Mãe Dialunda para suas sessões de candomblé e para as aulas de

---

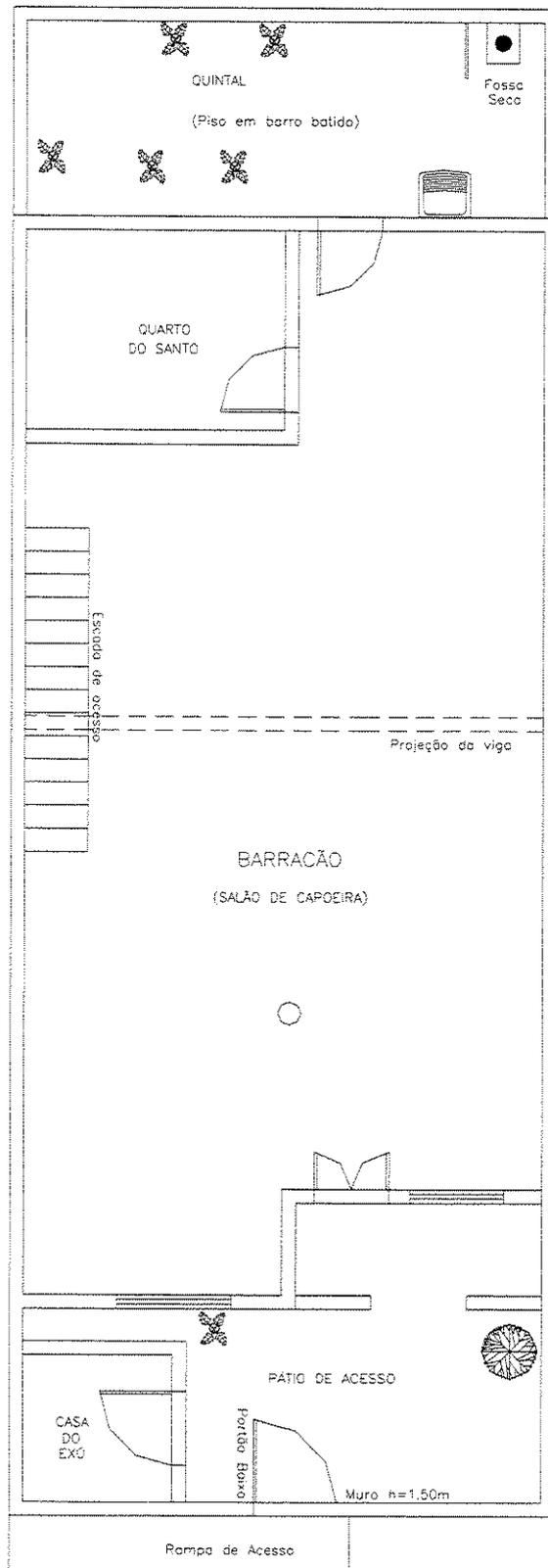
<sup>10</sup> No sentido dado ao termo em Durkheim e Mauss.

<sup>11</sup> Variedade de temas estes que podem ser observados nas narrativas das duas famílias.

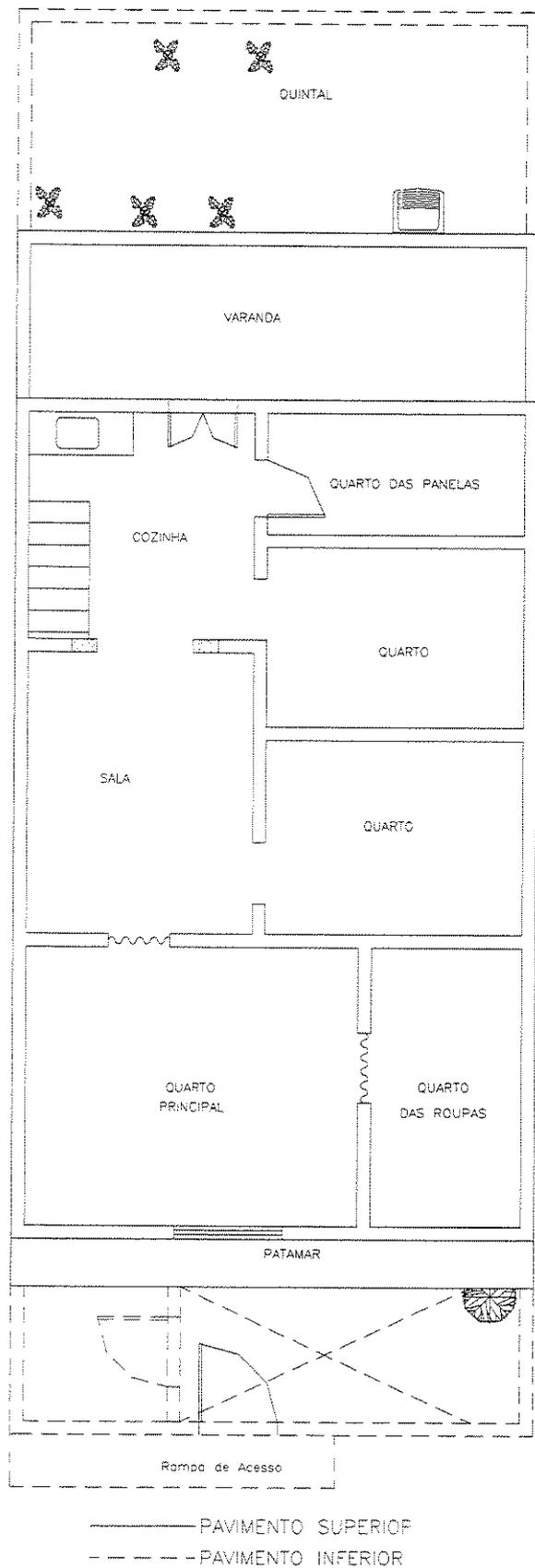
capoeira dos seus filhos, quando chegou a montar seu próprio terreiro no início da sua trajetória de mãe-de-santo. Posteriormente abandonou este projeto religioso, pelo excesso de trabalho exigido, desgaste de obrigações e problemas familiares. No segundo pavimento, conectado por uma escada interna saindo de quarto próximo à cozinha, foram construídos os quartos com área comum de conexão (ver planta da casa nas Figuras 13 e 14). Nessa reforma, como em outras, observou-se a preocupação de Mãe Dialunda de resgatar a tradição, coerente com sua postura de mãe-de-santo, procurando sempre respeitar o padrão convencional de construção, a fim de melhor harmonizar as energias da casa com o mundo do sagrado e o desejo de seus orixás. Sobre a distribuição interna dos moradores na casa, antes da chegada de Dalva, quando todos dormiam no pavimento superior, conta um neto:

Eu cheguei a dormir ali também [com irmãos e primas]. Mas às vezes era muito complicado, né? Porque eu mijava na cama. Aí eu tinha que dormir aqui, no chão [da salinha, onde dormia nessa época Kely, filha primogênita de Ibijara e Dalva]. Até os oito anos mijava. Eu acordava muito cedo, 4:30, 5hs, botava a roupa no sol, ficava esperando abrir os canais da televisão. O vício de TV era muito grande! Ficava brincando com os irmãos e fechava os canais junto comigo. **O que é sala hoje, era o quarto de Dialunda. Ela dormia só. É! Exatamente. De vez em quando dormíamos com ela na cama dela. Até uns 12 anos dormíamos com ela,** depois fomos tomando vergonha na cara e não mais. [...] Depois veio Dalva, quando começou a namorar Ibijara, boa parte da minha infância. **Teve tempo que chegou a morar só eu, vó, meus dois irmãos e Ibijara. Aí então vó só descia duas vezes na semana, fazer venda. A gente fazia um monte de coisa, lavava pratos, a roupa. Tinha vezes que ela não deixava, mas tinha vezes que ela não podia, né? A gente fazia mesmo. A gente não brigava, o mais incrível, né?** Porque hoje é difícil, é muita confusão. Sempre há uma confusão. (Pedro, neto declarado homossexual 25/7/99) [Para comparar as mudanças, ver Figuras 15 e 16].

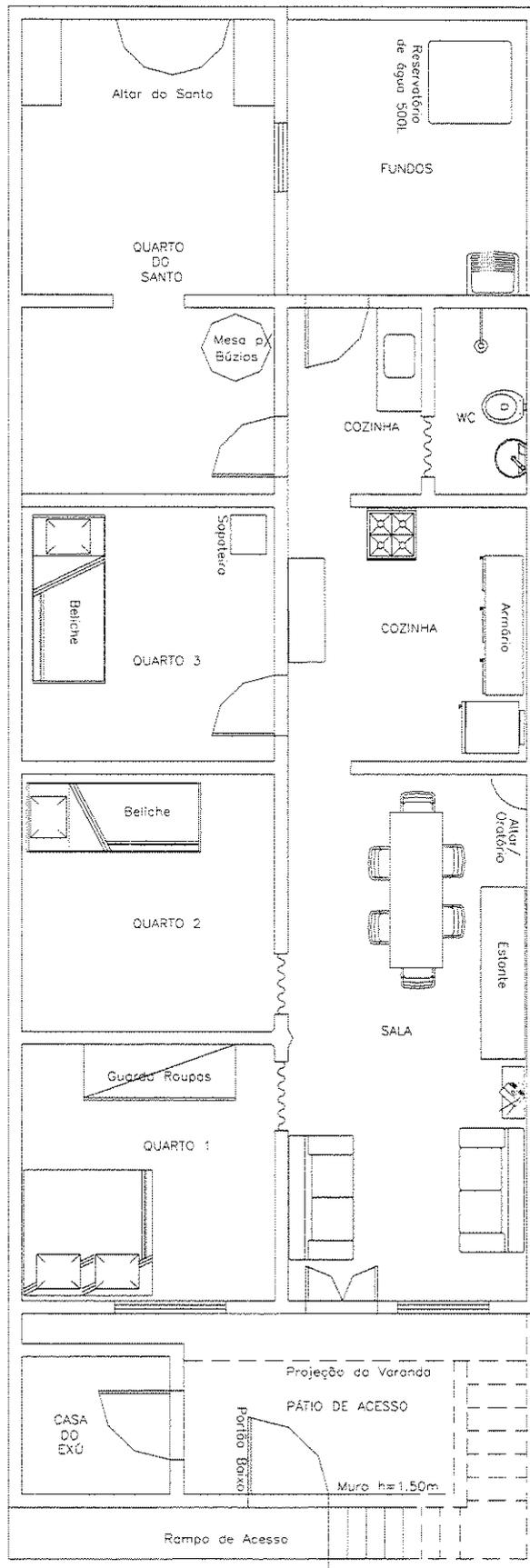
Naquela época, havia nesse segundo pavimento três quartos de dormir e dois menores (o de roupas e o das panelas) e uma pequena saleta ou corredor conectando todos. Os filhos de Dialunda dormiam no primeiro à esquerda desde a escada interna (o quarto de Ibijara no momento da entrevista), os netos no quarto do meio (correspondente em 1998 ao quarto de Dalva e seus filhos menores) e o do fundo e maior era o quarto de Mãe Dialunda (onde fica a sala em fase posterior). Do lado daquele quarto de Mãe Dialunda no passado, ficava um quartinho (espaço que atualmente é o acesso à escada externa independente), que denominavam “o quarto das roupas”, onde Mãe Dialunda guardava todas suas roupas de candomblé, panos e toalhas rendadas, brancas. Muitas das rendas ela mandava uma costureira fazer, cada uma mais bela que a outra. Perto do quarto dos filhos, onde hoje é o banheiro havia o quartinho onde ela guardava suas panelas, frigideiras, vasilhas de barro, louças e todo o arsenal que precisa para seus trabalhos e comidas de santo.



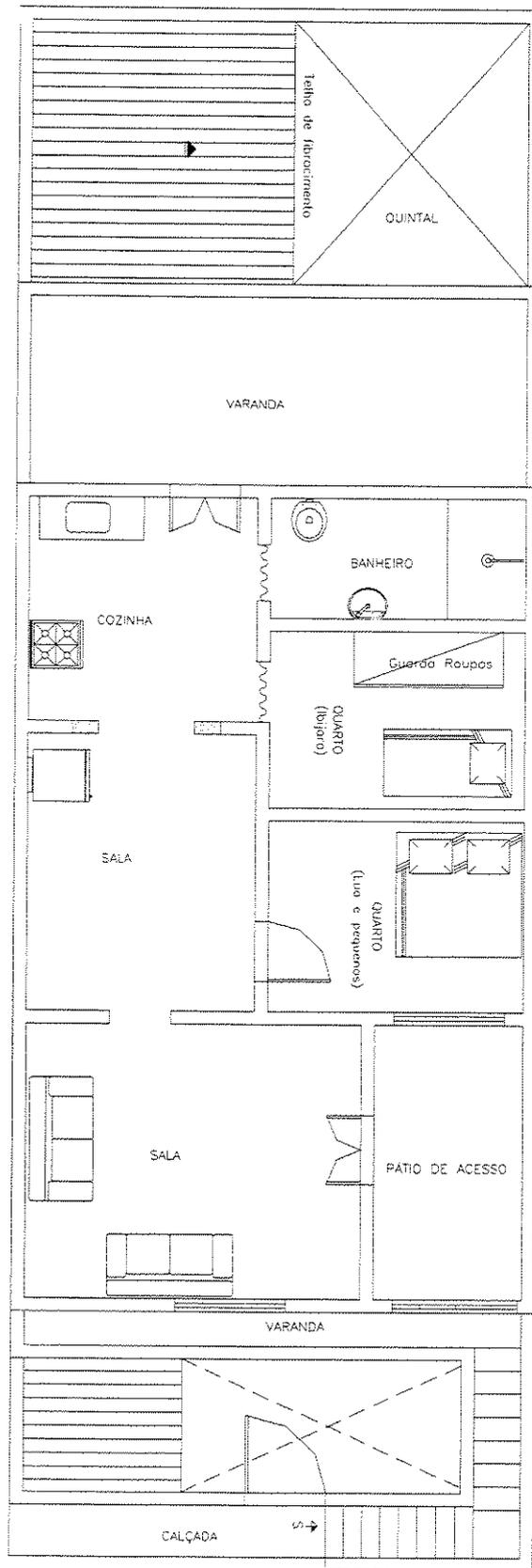
**Figura 13 – Projeto original do pavimento inferior da casa de Mãe Dialunda – por volta de 1960.**



**Figura 14 - Projeto original do pavimento superior da casa de Mãe Dialunda – por volta de 1960.**



**Figura 15 – Pavimento inferior da casa de Mãe Dialunda a partir da década de 1990.**



**Figura 16 – Pavimento superior da casa de Mãe Dialunda a partir da década de 1990: morada de Ibijara e Dalva.**

Com a reestruturação do espaço interno, a partir de 1990, passaram a existir duas casas relativamente independentes, a do filho e nora na laje, e a própria, com os netos, embaixo (ver Figuras 15 e 16). O jardim da frente perdeu espaço para dar lugar a uma escada externa para o segundo pavimento, com entrada direta pela atual sala (ou antigo quarto de Mãe Dialunda), transformando-se o quarto das roupas em cima em hall de entrada. Nesse pavimento superior ocorreram poucas reformas. O closet de roupa desaparece para dar espaço à entrada e porta da casa. O desaparecimento da escada interna, na parte de cima amplia o espaço da saleta e permite a construção de uma pequena cozinha. O antigo quarto de panelas é transformado em banheiro. Faz-se ainda uma pequena varanda aberta para o pátio dos fundos.

No pavimento inferior, o grande salão é diminuído, e são construídos, do lado esquerdo, novamente, os quartos antes destruídos, o primeiro de Mãe Dialunda, o segundo de netos ou filhos. O antigo quarto de santo, hoje de dormir, era em 1997 quarto das panelas e foi construído depois novo quarto de santo na área liberada pelo desaparecimento da escada interna. Na primeira etapa toda a área desse quarto de santo ocupava a parte inferior da laje. Na segunda etapa, de expansão, após morte de Chapadê, mãe-de-santo na ilha, se constrói parte do quarto de santo na área do pátio aberto, com teto, mas sem laje superior habitada, reduzindo-se assim o pátio dos fundos (ver Figura 15).

O uso, vida e hábitos da casa parecem ter resistido a institucionalização de sua divisão em duas residências. Ela nunca deixou de operar como uma única casa, como se a mistura das famílias e uso das casas voltassem à re-configurar a casa no modelo antigo, como uma coisa só, ao menos durante o dia, quando a casa de baixo é a que permanece em movimento e habitada, apenas durante a noite se dando o rearranjo projetado na utilização dos espaços. Dalva, Ibijara e seus filhos dormiam na casa de cima e Dialunda, outros filhos e netos maiores na de baixo, cada qual em seu espaço delimitado. Entretanto, o uso da casa de cima por Mãe Dialunda continuou sendo grande, como dona da casa que sempre foi. Também porque usava esse espaço para “botar mesa”, como um espaço mais resguardado e arrumado, onde costumava receber seus clientes para a consulta de búzios, certas limpezas de corpo ou trabalhos do candomblé, longe do barulho e olhar de vizinhos e netos curiosos. Trabalhos, nos quais era sempre apoiada pela nora Dalva, sua fiel

servidora e principal seguidora de seus preceitos, a única com permissão de entrar nos quartos do santo para a limpeza ou preparativos prévios de certos trabalhos.

A princípio Dalva morava na casa da tia dela aqui embaixo, você sabe onde é, né? Ela vinha, namorava ele, e voltava. Até o primeiro filho. Ela ficou lá por uns tempos. Até que teve uma confusão lá com a tia dela. Eles não aceitaram que ela saísse de lá para cá, vindo. Até que ela escolheu vir para aqui. Ela escolheu. Acabou vindo. **E ficou morando conosco desde 1990. É! Aí foi quando vó pensou em fazer essa divisão mesmo, tirando as escadas internas, colocando as externas, dividindo as famílias. Dalva cá [em cima, onde foi realizada esta entrevista] e nós lá embaixo. Às vezes nem parece que seja assim! E aí ela construiu aqueles quartos em parte da sala.** (Pedro, neto declarado homossexual, 25/7/99).

Observando a planta atual da casa – que modificou o lugar de acesso ao segundo pavimento – vê-se que os quartos em cima, agora, se encontram do lado direito e não do esquerdo como em modelo convencional descrito anteriormente. Antes da reforma, quando Dialunda dormia lá, o acesso para quem entrava a esse pavimento era por uma escada interna perto da cozinha, ficando os quartos posicionados, desde essa perspectiva, à esquerda e o principal deles no fundo, com vista para a rua da frente da casa. Quando Dalva é incorporada, em 1990, isto se inverte, isola-se o acesso ao segundo pavimento da casa mediante portas de entrada separadas, indicando o desejo de autonomia das casas, ao menos intencionalmente projetado. Esta reforma sacrificou parte do jardim dianteiro e o limoeiro protetor da casa, dando-lhe as configurações atuais, deixando o pavimento superior com os quartos do lado direito de quem entra, modificando, talvez, com isso – desde uma cosmovisão popular – o seu fluxo energético anterior.

A casa de Mãe Dialunda modificou seu visual e estrutura geral como descrita ao longo dos anos, acompanhando as distintas mudanças do grupo doméstico, mas essa não foi uma re-estruturação espacial tão marcada como a que ocorre no grupo de D. Cida. É mais fácil acompanhar e ver nesta casa de Mãe Dialunda o que teria sido a sua estrutura original, do que naquela. Mas o que nesta família se destacou foi a mobilização de pessoas, filhos, netos, bisnetos e estranhos. As idas e vindas das pessoas fixas ou não, e a constante chegada de pessoas por temporadas é muito maior do que na outra família. Muito se deve às atividades religiosas da matriarca desta família que a colocam em uma situação diferenciada de maior sociabilidade e comunicação com o mundo afora.

## *Circulação de pessoas no uso da casa: idas e vindas de moradores*

A mobilidade das pessoas ao interior das casas no contexto estudado é muito intensa. Movimentos de idas e vindas são constantes e dependem das distintas conjunturas e relações de aliança ou conflitos entre a parentela: saindo-se da casa da mãe para uma própria, para a de outro parente, vizinho ou conhecido, geralmente retornando à casa mãe tempos depois. A mobilidade das pessoas é constante ao longo do tempo e das distintas gerações. A densificação das relações, com os novos nascimentos, produz transformações na organização familiar que exige reconfigurações espaciais das casas e não raro, um grande aumento de conflitos. Mas o movimento de idas e vindas pareceu ser mais acirrado entre os membros da casa que não têm o direito ganho ou garantido sobre o seu terreno. A circulação de pessoas na casa de Mãe Dialunda foi constante, bem mais acentuada e intensa do que na de D. Cida. Como no outro grupo, percebeu-se um uso similar do espaço que é re-acomodado a depender das necessidades de cada conjuntura. Cada quarto, sala, sofá, cama são divididos e redistribuídos entre seus distintos integrantes. A chegada e partida constante de indivíduos, essa mobilidade e circulação humana, deve-se às distintas conjunturas vitais, isto é, ao momento específico do curso de vida de cada indivíduo, seja pela aproximação à outra parte da parentela – as mães ou pais no caso dos filhos e netos que Dialunda criou – por novas uniões, separações, trabalhos, viagens, e principalmente, as brigas com a matriarca ou com outros membros da *casa*.

Minha mãe nos deixou aqui... e vó foi criando a gente... e **fiquei aqui até quando eu tinha 20 anos**. Quando eu fiz 20 anos **eu fui embora pra casa da minha mãe**. Não deu certo por causa do meu padrasto. Eu não me relacionava bem com ele. **Ele, também, deu para se apaixonar também por mim**. E a gente ficava sofrendo. Ele ficava maltratando ela. Ele falava as coisas que queria e tentava. E fazia minha mãe sofrer que ele ficava passando as coisas na cara dela, dizendo a ela que ela me botou lá dentro porque quis. Ficava oferecendo dinheiro a ela, pra ela fazer minha cabeça pra eu ir pra cama com ele. Aí quando eu descobri isso aí, desse dinheiro aí, **eu saí de casa**. Ela tentava! Eu não sei se ela tinha medo dele ou se é porque ela gosta dele, e não quer perder ele. Ai eu saí de casa, que ela tava sofrendo, né? **E fui morar com uma amiga, por uns tempos. Depois fui na casa de uma tia**, a filha mais velha de minha Avó. (Nívea, 30/01/00).

Pedro A., ele é todo queto. Tá fazendo uns cursos. Ele brigava muito com vó. **Chegou a morar com a mãe alguma vez. Depois voltou**. Brigavam porque ele é preguiçoso mesmo e vó não gosta de gente preguiçosa. E porque uma vez teve um problema que os meninos na rua diziam que pegavam ele, que ele era gay, né? Ele ia levar a massa na Amaralina, para o acarajé. E que ele entrava nos beco para os menino pegar ele...e deu uma confusão enorme. Acabaram descobrindo que era verdade. E aí ficou todo mundo em cima dele por causa disso que aconteceu. Um fala, outro fala, queriam bater nele... tudo. **Aí ele se mandou, foi para a casa da mãe, mas depois voltou novamente. Agora foi de vez**. Vó Gosta dele. Vó gosta de todo mundo, não tem

esse que ela não goste, por mais que as pessoas... Pedro A., quando ele era pequeno, ela gostava muito dele, ela era doida por ele. Hoje gosta também, ele está estudando, mas o negócio dela é mais com Eduardo. (Carla, neta criada fala de outro neto criado na *casa*, 26/01/99).

Quando sua “neta de consideração” (não de sangue), Kendra, uma atraente garota branca, filha de uma grande amiga e mãe de santo em Vitória do Espírito Santo, passou uma temporada em sua casa, ela dormia na cama da matriarca, com Mãe Dialunda. Kendra era tratada e chamada de “minha princesa” por Mãe Dialunda, era sua “hóspede de honra” e não tratada como uma integrante do grupo, como sim o eram muitos outros “estranhos” (*outsiders*) que viveram na sua casa. Dialunda vivia a oferecer-lhe uma água de coco, um suco, todo tipo de dengo em comidas e afeto, sem que nenhuma obrigação ou serviço lhe fosse designado. Kendra se hospedou diversas vezes nesta casa antes e durante minha observação. Quando a conheci, ela se refugiava na Bahia, com Dialunda, fugindo de um namorado em Vitória (que ameaçou matá-la) e buscava se “desintoxicar” do vício da “droga”, temas que Mãe Dialunda jamais falava e se irritava quando se fazia alguma alusão à respeitabilidade da sua “neta de consideração”. Jamais Mãe Dialunda falou do assunto, quem me contava estes detalhes eram seus netos.

Meses depois, em dezembro de 1999, Mãe Dialunda retribuiu-lhe a consideração, indo ao casamento de Kendra em Vitória, quando, longe de casa, teve de ser hospitalizada por problema de pressão alta ao receber o trágico telefonema, desde Salvador, de delegados da polícia explicando-lhe a recente emboscada e assassinato do seu neto Jackson, na rua de trás de sua casa. O policial e amigo lhe ligava para informá-la de que esse assassinato nada tivera a ver com a polícia. Muitos jovens do bairro envolvidos com drogas também foram posteriormente dar as condolências à matriarca, e explicar-lhe, também, que não estavam envolvidos na morte do seu neto. Ao que parece, o assassino do neto, um amigo e colega da mesma gang, declarou-me a matriarca um mês depois, não está para contar mais histórias, pois foi vingado por outro amigo, “Graças a Deus”. “Chumbinho”, como era apelidado esse neto, no ano anterior, já estava sendo perseguido por membros de outras gangues no bairro e pela própria polícia, indicando que sua morte já era premeditada e uma forma de “limpeza de arquivo”. Nessa ocasião conseguiu fugir protegido pela saia de baiana da avó no Abrigo, onde se escondeu antes de o enviarem de táxi para a ilha. Os jovens assassinados, em ambos grupos familiares, pelo que observei do envolvimento com dívidas de drogas e tráfico de crack, estavam, pelo que contam, destinados a morrer; sabia-se com anterioridade de suas mortes, e de que isso aconteceria um dia ou outro. Por

isso, quando Chumbinho voltou ao Nordeste um ano depois, dizia sua irmã, ele foi assassinado com quatro tiros. Ela estava assistindo à novela das oito, ouviu uns tiros na rua de trás, e soube logo que podia ser ele. Esta dura realidade vivenciada pela parentela de Dialunda (e também de D. Cida), primeiro com Santiago e depois com Jackson, assim como com as prisões de Nancy e Maria das Graças (Aninha)<sup>12</sup>, é um sofrimento constante no contexto destas famílias. Até com “estranhos” considerados membros da casa, viveram-se situações similares. Sobre a presença e circulação de estranhos ao longo dos anos em sua casa contam seus netos:

Na casa da minha avó sempre teve espaço e relacionamento com um estranho. **Podia ter 12 parentes, mas sempre tinha que ter um estranho.** Esses meninos sem abrigo... teve um que morreu, teve uns dois anos. Rosenildo. **Veio com 12 e saiu com 21, ia e voltava...** Chamávamos ele de Grego. Era legal, super humilde. Ele tinha o vício da maconha. E minha avó nunca gostou disso na família, se aborrecia quando percebia, e aí ele se afastava...preferia se afastar lá de casa. Era como se fosse mais um filho, ganhava tudo que nós ganhávamos...roupa, comida. Mas lá todos trabalhavam, sempre trabalhavam. Todos os membros da família, só os pequenos que não. Era o trabalho familiar mesmo, a venda, comprar tudo. Ele ajudava, lavava os pratos assim. Outros tinha função de jogar o lixo fora, que o lixo era distante, tinha que levar no carro de mão até algum lugar. Limpar a casa. Essas coisas domésticas mesmo. Era esse. Não é porque ele era de fora que tinha diferença assim dos outros, não. **Era tratado super igual.** Ele não tinha como sair de lá [marginalidade]. Mas uma vez vó deu uma oportunidade a ele, que por ele ter desperdiçado, foi que ele morreu [Um juiz amigo da sua avó em Espírito Santo ofereceu-lhe trabalho lá, mas ele voltou a Salvador atrás da namorada, retornou e foi assassinado por um ex-companheiro de prisão]. Foi trágico porque ele traçou tudo, **já tinha dois trabalhos, carteira assinada. Tudo! Ele já era...quase uma pessoa, socialmente falando.** (Pedro A., neto criado, declarado homossexual, 02/05/01).

Esse movimento de idas e vindas aconteceu, em maior ou menor grau, com todos os integrantes do seu lar: filhos, netos e bisnetos – com exceção do filho caçula, Ibijara, que, até 2003, nunca tinha deixado Dialunda. As pessoas que partiram definitivamente, que nunca mais voltaram novamente a morar com ela, são as ex-noras, com as quais Mãe Dialunda sempre estabeleceu relações de outro tipo, de dupla dependência e exploração. Uma vez quebrada a reciprocidade entre elas, animosidades e conflitos tenderam a dominar, com relatos muito duros de brigas e disputas pela criação de netos e respectivos filhos.

Minha mãe [Cremilda] foi uma dessas pessoas que moraram lá [na casa de Dialunda]. Vó costuma ser mais visitada do que ela visitar os outros. Minha mãe se relacionou com meu pai e começou a ir mais lá, ficou se enquadrando nas funções da casa e minha mãe acabou ficando lá. E depois de ter uns dois ou três filhos, ele, que era ‘meio promíscuo’, perdão pela palavra, ele pegava várias mulheres mesmo!... tanto que ele teve filhos com outras mulheres, teve filhos até da mesma idade – que ele teve relacionamento no mesmo período, né? E nisso, minha mãe brigava muito com essas outras mulheres, por causa dele. E meu pai também, gostava muito de maltratar ela, batia nela. Eu lembro de cenas que... cenas da minha vida e do meu irmão que também estava lá... Quando as coisas ficaram realmente... pegaram, ficaram feias mesmo... entre as duas famílias, foi por

---

<sup>12</sup> Ver no genograma a posição destas pessoas na estrutura familiar.

causa da minha outra avó, que ela morreu. E quando um pai de santo que mora ali embaixo (‘-Valfredo?’) Exatamente! Ele inventou um fuxico entre minha vó e minha mãe. Ele disse que minha vó tinha feito feitiçaria. E por seu lado, minha vó soube que minha mãe estava fazendo feitiço para ela, para se vingar. [...] **Depois disso, minha irmã [Adriana] veio ficar uns tempos com minha vó** e foi quando pai a proibiu de sair de lá. **Ela sempre morou com mãe. Quando minha mãe veio pegar, para que ela fosse devolvida, meu pai não quis. Minha mãe fez uma zuada lá. Chamou a atenção da rua inteira e acabou levando ela à força.** Ela tentou arrombar a casa. Todos dentro tentando evitar. Foi...Ela tava com sede de matar todo mundo, [isso] foi em 1993. **Ela dizia que queria matar todos os filhos dela, se não podia ter nenhum...que ia matar!** Aí foi que entregaram minha irmã e ela foi embora, tal. **Aí ela foi pro seu canto e não quis mais conversa nem com meu pai, nem minha avó.** (Pedro A., neto criado, 02/05/01).

### *Novas casas no tempo: estabelecidos e excluídos*

Mãe Dialunda, como D. Cida parteira, criou um patrimônio que foi sendo distribuído entre alguns de seus filhos. Ela teve vários terrenos na ilha de Itaparica, que deu a filhos e netos, e ajudou de diversas formas sua parentela na construção de novas casas. A aquisição dessas posses foi possível porque ambas mulheres contaram no passado com uma melhor situação econômica e elevado prestígio na comunidade pela respeitabilidade de suas profissões e/ou de seus maridos ou companheiros. Um sinal deste prestígio eram as “festas de família” e “comidas” que se ofereciam em ambas famílias. Outro elemento foi o terem força e vontade de criar filhos de outrem, consangüíneos e “estranhos”.

O processo na família de D. Cida é muito similar ao desta, observou-se o mesmo ciclo e movimento de transformação da configuração da casa-mãe única para a de muitas, expressando-se nas suas sucessivas transformações estruturais o próprio curso vital deste grupo doméstico. Isto é, aquela passagem e transformação, ao longo do tempo, de uma casa (e uma cozinha, onde todos comiam da mesma panela) para diversas novas residências independentes da casa-mãe.

No caso da saga de Mãe Dialunda a transição e transformações da sua casa são mais perceptíveis em um sentido, e bem menos em outro. O processo foi mais perceptível porque as novas casas da sua rede familiar ocuparam, de forma geral, espaços diversos e distanciados daquele da matriarca, indicando clara e indiscutivelmente a formação dos novos lares. Esta foi a situação das casas dos filhos e netas que ela ajudou a construir, doando-lhes a casa, o terreno, dinheiro, material para a construção ou todo tipo de apoio necessário nestes momentos de consolidação desse importante

projeto na vida dos pobres. "Quem casa quer casa", diz o ditado popular, apontando para o desejo de independência e a importância da casa na formação de novo núcleo familiar. O processo de transformação foi menos perceptível no caso da própria residência, que se por um lado foi dividida em duas, de fato, nunca operou como tal.

Mãe Dialunda ajudou seus filhos, e às duas netas que criou, na aquisição e independência das respectivas novas casas. Mas também existem nesta família aqueles que foram excluídos. Como não há fartura de recursos, é preciso adotar critérios para distribuição deste bem na definição dos seus beneficiários. Entretanto, procurou dar a todos, instrução, considerado por ela o seu principal legado.

**Eu não estudei porque meus pais não tiveram condições de me botar para estudar. E meus filho estudaram, não são formado porque eles não quiseram! É a única diferença!** Eu trabalhei para isso, e continuo até hoje. (Mãe Dialunda, 22/02/99).

Dos seus filhos, Pedro foi o que mais estudou. A este filho que estudou, não ajudou a construir casa por que "não precisou, ele mesmo a fez", com seus recursos e trabalho na Petrobrás. Segundo a neta Carla, a mulher de Pedro sente-se a responsável pela construção da casa em que moram, entretanto, esquece que na fase em que as paredes da sua casa estavam sendo levantadas todo o novo grupo familiar de Pedro se mudou para a casa de Dialunda, permanecendo lá durante vários meses, comendo da sua panela e economizando para a construção da própria residência.

Antônio Alberto foi dos filhos (junto a Ibijara e Betinho, o filho de criação), o que permaneceu mais tempo na casa de Mãe Dialunda, chegando inclusive, a viver na casa com sua primeira mulher (Cremilda) e filhos que teve com essa companheira, três dos quais criados por Mãe Dialunda, quando ele foi morar com atual companheira. Mãe Dialunda considera ter colaborado menos na construção da nova casa de Antônio Alberto, mas deu-lhe parte de um terreno na ilha de Itaparica, dividido entre ele e a filha Nancy. Antônio Alberto foi beneficiado com outro tipo de apoio, em alimentos, lugar na casa em determinadas conjunturas, etc. Além disso Dialunda criou três dos seus filhos. Antônio Alberto era o filho homenageado nos carurus de São Cosme e Damião que Mãe Dialunda preparava todo mês de Outubro, no dia do aniversário deste filho que é Ogam em um terreiro. Era comum encontrá-lo na sua casa, de visita, comendo, tomando café e conversando com a mãe sobre assuntos de candomblé.

Mãe Dialunda deu uma casa, na boca do Rio, a Nancy, sua segunda filha, pouco antes dela ser presa com seu atual companheiro por roubo a mão armada. Nancy então abandonou essa casa, terminando por perdê-la e posteriormente se mudou com o novo e atual parceiro para a ilha de Itaparica, onde juntos construíram uma ampla e confortável casa, em terreno também doado por Mãe Dialunda. Além disso, Mãe Dialunda criou as duas filhas mais velhas de outros parceiros anteriores de Nancy. Estas netas foram, em geral, vistas por Dialunda mais como dádiva do que como fardo. A matriarca sempre pediu e decidiu quando os netos ficariam com ela, brigando pela guarda, ou cortando relações com respectivas mães por causa deles. Certamente ao assumir a criação dessas filhas de Nancy, Mãe Dialunda buscava proteger suas netas do novo parceiro de Nancy, do qual ambas as meninas disseram ter sofrido intento de estupro.

Quando ela [avó] chegou, ela [mãe] não tava mais! Eu tava chorando, segurei na saia dela, não teve jeito, ela se mandou! Eu acho que do meio que ela tá, sei lá, que já estava dependente, que não quer mais se livrar desse lugar. E hoje em dia eles ‘vevem’, sei lá, **acho que ela não é feliz porque ela tem aquela casa bonita, tem tudo, você precisa ver! Dá gosto! Tudo bom! Mas eu não vejo que ela é feliz!** Ela tem tudo, mas é uma pessoa meio prisioneira dele. Tanto assim que quando ela vem aqui ela se solta, ela apronta! Só passa a noite na rua! (Carla, 26/01/99).

Os dois filhos mais novos de Nancy com esse parceiro, Walmir, moraram, também, por temporadas, na casa de Mãe Dialunda, indo e voltando de uma casa a outra. Mas a estes outros ela “não criou”. Eles ilustram bem o processo das “crianças em circulação” descrito por Fonseca, que têm status diferente daquela criança ou adulto “criado” como mais um filho da casa, uma pessoa mais permanente ou parte mais fixa da casa (aonde todas estas diferenças – consangüinidade, permanência, consideração, trajetórias – vão definindo a posição ocupada por cada membro neste hierárquico mundo de relações intradomésticas e que varia a depender da conjuntura, consideração da matriarca, e situação particular de cada membro). Jackson, o mais novo, foi violentamente assassinado em dezembro de 1999. Mas antes disso afirmou Carla sobre seus meio irmãos:

Jaqueline e Jackson, nem sei onde eles estão. As pessoas [na ilha] vê ele num lugar e falam com minha mãe que vê ele e tudo. **Mas ele não está mais morando perto, não. Lá em Itaparica. Antes ele estava aqui ‘nesse meio’** e acho que lá também está ‘nesse meio’. Aqui tem um pessoal que comprou uma casa lá perto, na ilha. Aí os colegas foram tudo pra lá e começaram a brigar com o pessoal lá da ilha aí disseram que iam chamar ‘fulano’ lá da área, quando foi ver era ele. Aí quando viu, todo mundo daqui conhece ele, aí ele disse: ‘-não, deixe prá lá, eu conheço esse pessoal!’, aí conversou e foram todos embora. Todo mundo lá respeita ele. Mas eu acho que é porque... **é barra pesada mesmo!** Ele tem 18 anos! Em agosto faz 19! (‘-Ele saiu daqui perseguido, não foi?’) Foi! (‘-Por quem?’) Os bandidos mesmos! **Era bandido daqui. Eu acho que ele deve**

**ter comprado alguma droga e não pagou... porque tem um primo nosso, neto de vó, que morreu também por causa disso. (Carla 26/07/99).**

Também foi meu primo que se tornou uma ameaça, lá [na casa de Mãe Dialunda, indicando que Pedro A. não estava mais nela nessa fase]. O Jackson, que a polícia chegou a invadir lá para tentar achar arma e drogas. Lascaram o sofá. Chegou a ser preso durante 15 dias, mas vó soltou... que ela tem influência, né? Com esse Doutor, Sílvio, que era superintendente da polícia federal. Mas ele não quis se envolver muito por causa disso, que ele era influência forte e não podia acobertar uma pessoa que realmente estava errada. Mesmo assim, de certa forma foi conseguindo as coisas. Teve que pagar fiança e ele foi solto. Poxa... depois da morte dele, as ameaças acabaram porque a qualquer momento a polícia podia entrar lá e machucar alguém. Ou a polícia ou os amigos dele. Que uma vez os amigos dele chegou do lado de fora, apontando a arma para o lado de dentro, tentando atingir ele lá na copa. **Você sabe, atravessa a sala, a primeira, a segunda, atravessa a cozinha, para depois chegar na copa. Aí ainda tem a saída dos quartos que dá de frente para a porta.** Era muito arriscado. Mas agora não tem mais ameaça. Não tem mesmo. É! É isso aí! (Pedro A., 02/05/01).

Em 2003, Nancy, Walmir, Jaqueline e Nívea (e netos de Nancy destas duas filhas e novos parceiros), estavam novamente morando na casa de Mãe Dialunda, instalados na casa de Dalva, no segundo pavimento. Dalva comentou-me ter sido “ela” quem decidiu emprestá-la, já que estava novamente como solteira (Ibijara tinha deixado a casa como ela o desejava e foi morar com seu Orlando) e desceu com seus filhos ao pavimento inferior, junto a Dialunda. Esse seria um arranjo temporário dos distintos grupos domésticos até que aquele conseguisse construir ou comprar nova casa no Nordeste de Amaralina. Isto porque, afirmou Dalva, “nunca se sabe se amanhã não serei eu que precisarei comer da mão deles” mostrando a força da nova posição que passou a ocupar na casa e a importância da reciprocidade, do dar, receber e retribuir, como estratégia central de sobrevivência, mas acima de tudo como um modo e estilo de vida entre os pobres e um tipo de comportamento especialmente descrito como característico em etnografias de grupos negros no Caribe e Estados Unidos. Nesta nova fase da vida de Dalva seu prestígio se consolida por ser a pessoa que passa a vender o acarajé no Abrigo e a trazer dinheiro para dentro da casa. Mãe Dialunda continua com os trabalhos de santo e com a venda em ocasiões especiais como festas encomendadas.

Dos netos, Dialunda apoiou com material e terrenos as netas por ela criadas, filhas de Nancy, depois de terem parido, se unido e formado novos núcleos familiares com seus companheiros e filhos. O caso de Carla foi complicado no início, quando ela se opôs à vontade da avó, decidiu levar avante sua primeira gravidez e uniu-se ao homem por quem havia se apaixonado (um caso próximo ao de rapto da noiva em descrições antropológicas). Foi expulsa de casa e perdeu a criança devido ao espancamento que sofreu de seus tios (Ibijara e Betão). Carla tinha 15 anos e

foi obrigada a circular por várias casas até chegar finalmente na que seria a sua: primeiro foi para a ilha na casa da mãe, depois tentou a casa da sogra, até passar a viver de aluguel. Veja-se como foi tensa sua estadia pela casa da sogra e como nesta fala fica clara a forte relação que há entre mães e filhos e o tipo de expectativas maternas que se alimentam sobre os filhos em vários casos:

Primeiro, com quatro meses de grávida fui na casa da minha mãe. Mas o marido dela ficava alegando a comida, e meu marido ia lá fim de semana e ele não gostava.[...] aí fui morar na casa da minha sogra. **Mas a gente nunca se deu bem porque ela tem ciúme dos filhos.** Os outros nenhum trabalha e ele [seu marido] sempre dava as coisas a ela. Mas depois que arrumou família, que tinha que dividir, e ela queria tudo para ela [...] Ele ficava do meu lado que via que ela tava errada. E ela [sogra] falava todo dia, para ele alugar uma casa e me tirar de lá. Ela ali falando, falando. Um dia eu consegui esse quarto aqui. Vó me ajudava a pagar o aluguel, no começo, depois nós ficamos pagando. Quando a gente veio embora ela [sogra] começou a chorar. **Porque ela queria que ele me colocasse num quarto, mas não que ele viesse comigo.** Aí ela quis que a gente construísse uma casa em cima da casa dela, enorme!. Mas eu não quis! [Mãe Dialunda lhe fez a mesma proposta na laje de Ibijara e Dalva, mas ela tampouco quis]. Eu não tinha planos de construir aqui. Tanto que paguei sete anos aluguel. Ela pedindo para fazer lá. Aí nós comprou aqui. Rachou com a comadre, madrinha de Eric [seu filho primogênito], o terreno. A parte de lá é maior, ela só aceitava se fosse assim. E o dinheiro foi meio a meio, certinho. Mas como eu estava tão necessitada, pagando aluguel, aceitei. Tem 1 ano que compramos[...] E foi construindo, aos pouquinhos[...] Fizemos a fundação aqui. A gente não podia fazer no nível da rua [Se sobe uma estreita e empinada escada até chegar ao simpático “quartinho” de Carla e Roberto] porque a casa aqui em cima não tem alvenaria. Se a gente fosse cavar aqui ia ter que construir aqui e a de lá [vizinha], que se não, a de lá fica toda rachada. A gente fez assim mesmo. Graças a Deus, a gente está bem agora. Apesar de ter três filhos! Deus ajuda que a gente está bem sem ter dificuldade nenhuma.[...] **Vó também me ajudou assim. Às vezes ela dava um saco de cimento, 100 blocos. Meu pai também. No trabalho de Roberto também, ele pegava sempre o dinheiro adiantado...Sei que a gente construiu e agora tamo querendo construir os quartos em cima. Vamos fazer. Se Deus quiser, vamos fazer!** (Carla, neta criada, 26/01/99 e 30/01/01. Entrevistas intercaladas).

Dialunda fala sobre a casa desta neta, indicando sua preocupação em não deixar que ela fique totalmente “na mão do marido” – ajudando-a com suas doações materiais de modo a manter o equilíbrio nas contribuições e garantir maior independência a Carla:

**Eu não gosto ela ficar só na mão do marido, não.** Agora eles estão fazendo a casinha deles ali, né [...] **Quando ele botava 100 blocos, eu botava 200!** Tavam construindo. Ele não pode dizer nunca que foi ele sozinho, que foi ele que fez aquela casa, e que Carla não ajudou. A minha parte, é a da minha neta, né? **Se ele botar comida dentro de casa, ela tem o que comer, e se não, ela tem sempre, pois ela tem vó! Se ele der o que vestir a ela, ela tem roupa, se ele não der, ela tem roupa, pois ela tem vó!** (D. Dialunda, 22/02/99).

No caso da neta Nívea:

[Vó] tá querendo que eu venda **uns terreno que eu tenho lá na ilha, ela me deu pra dividir, pra mim e meu irmão, eu e Jackson.** Ela quer que eu venda esse terreno [Para construir no 3o pavimento, na laje da casa de Ibijara e Dalva]. Só que eu não tô querendo morar aqui. Eu quero morar lá na ilha. Eu quero morar lá porque aqui está me dando muito trabalho. Porque quando eu estava com ele [Etiê – companheiro nesse momento e pedreiro que fez a reforma do quarto de santo] lá... é uma coisa totalmente diferente. Desde que ele veio pr’aqui, ele está se juntando com uns amiguinhos dele aí... fica botando coisa na cabeça, aí acaba

fazendo as coisa errada... sai, bebe, bebendo ele fica muito chato, abusado, fala demais, dizendo umas coisas que não deve, não respeita as pessoas, procura briga, em vez dele sair, não, ele se mete no meio... Aí pronto, eu fico preocupada, que eu tenho minha vida, tenho minha filha. E mesmo que não aconteça nada com ele, as pessoas podem querer se vingar e se vingar em mim, se vingar nela [a filhinha de outro parceiro de Nívea, Vilma]. Ele [o atual companheiro] quer que eu vá pra casa [da mãe dele] pra lá, lá na 'Santa Cruz' [Essa casa da mãe dele é na laje da cunhada dele]. Eu não tô querendo ir porque eu não agüento [brigas com a cunhada]. (Nívea, neta criada e irmã de Carla, 30/01/00).

Mas também há neste grupo aqueles que não receberam apoio como os outros. Parece ter sido este o caso da filha primogênita, Maria das Graças, conhecida por "Aninha" com a qual Dialunda nunca se relacionou bem e parece ter cortado relações, devido a escolhas de vida moralmente condenadas. (Dizia-se ter transitado pelo meio da prostituição e era recriminada por não ter criado nenhum de seus distintos e inúmeros filhos nem netos, alguns deles vivem hoje no Rio, nas famílias dos respectivos pais).

O marido dela [tia Aninha] bebe muito! **Ela não tem filhos lá com ela. Ela tem filhos, mas nenhum ela cria, não.** Então [quando morei com ela.] lá era uma dificuldade, quem me ajudava um pouquinho era o marido da minha tia Chapadê, essa que faleceu, irmã da minha avó. Já morei com ela [também]. E minha tia, Maria das Graças, sofria muito também por causa de marido. Ela não é assim... uma ótima pessoa, mas também, o marido tava bebendo e ela é 'cristã' [pareceu-me, pela risada e tom irônico ao se referir ao termo, mas não tive certeza, de ser essa uma forma oculta de referir-se à vida como prostituta da sua tia]. Ele ficava esculhambando ela, fica até hoje esculhambando ela. E ele é muito errado, muito errado mesmo. E ela é uma pessoa muito sofrida também, assim... sofre muito com ele. Ninguém da minha família gosta dele. Nem vó, nem ninguém. Primeiro, porque ele bebe, segundo, ele maltrata ela. Ele é o tipo de homem que bebe para fazer besteira. Já andou com outros homens. Você está entendendo, né? [relação homoerótica] Depois ele chegava em casa e queria ela, queria pegar ela à força, fazer as coisas. Ela até parece mais velha do que minha avó, se você vê ela [...] **E a vida dela era na casa dos irmão... 'de igreja', né? Que ia de manhã cedo e só chega de noite.** E eu ficava o dia todo só. Tinha que fazer as coisas dentro de casa. Fazer as coisas para o marido dela, que eu não tinha obrigação nenhuma... ('Ela tem irmãos de Igreja?') Tem! Têm vários! <risos>. Ela ficava lá. A vida toda. O dia todo na casa dos 'irmãos de igreja'. Fi... fica, todo dia era uma coisa... uma confusão! (Nívea, 30/01/00).

Pelo que contam, "Aninha" teria recebido o terreno onde tem casa na ilha de Itaparica da sua tia Chapadê (irmã de Mãe Dialunda, a outra mãe-de-santo), com quem conviveu boa parte da sua infância, quando criada no interior por esta tia e pela avó materna. Mãe Dialunda nunca quis a casa que o Português, pai desta filha, teria lhe prometido.

Betinho, seu filho de criação tampouco tem casa própria nem terreno e passou os últimos anos circulando entre as casas das distintas namoradas e a de Mãe Dialunda. Talvez por não ser de seu mesmo sangue, ela não pretenda dar-lhe mais do que ele já recebeu: um lugar na sua casa, educação, alimento e roupas, enquanto ela viver.

**Betinho é diferente. Betinho trabalha, Betinho nunca respondeu a ela, trata ela muito bem, sempre ajudou ela. Fazia comida, arrumava a casa, fazia a venda dela e tudo.** E Ibijara sempre foi preguiçoso, nunca gostou de fazer nada. E ela sempre fez mais por ele. É uma diferença enorme. É a mesma coisa que Pedro A., Luis e Eduardo. Ela é... com Eduardo e Pedro, uma maravilha, faz tudo que eles quer, mas com Luis, ela não gosta muito [...] Betinho cuidou de mim e Nívea, fazia mingau, a comida, cuidava da roupa, lavava prato, ajudava na venda, nunca gritou. Ibijara sempre foi preguiçoso, gritava com ela, dá esporro. **Vó não brigou com Betinho. Mas sempre tratou diferente.** Ele e Ibijara eram muito amigos antes de Dalva chegar ali. Hoje eles se falam, mas não é como antes. Ela começou a criar fuxico. Hoje todos brigam [...] Eu acho que ela [Dialunda] não gosta muito de Betinho. Ele morava lá e saiu porque não se dava bem com Dalva. (Carla 26/01/99 e 30/01/01, entrevistas intercaladas).

Em 1999, Betinho foi acolhido por seu Orlando (ex-marido de Dialunda), mas tudo indica que não se tratou de uma doação de casa, apenas de uma estadia temporaria, como mais uma das suas fases de circulação. Algum tempo depois fui informada de que Betinho deixara a casa de Seu Orlando para ir morar na casa de sua nova namorada. Quando acabou seu romance, voltou para a casa de Mãe Dialunda:

Morei lá [casa de Mãe Dialunda] até fevereiro [99] e me mudei para casa **do meu pai**. Tem um espaço lá. **Dividiu pra mim e outro irmão por parte de pai.** É uma casa, com dois quartos, uma sala, uma cozinha, um banheiro e uma varanda. Aí a gente dividiu. Eu fiquei com a cozinha, um quarto e o banheiro. E ele ficou com as outras partes. É tudo em baixo. Só que meu pai tinha outra casa de aluguel, que é no mesmo vão e ele está morando na outra casa e dividiu essa com a gente. (Betinho, filho de criação, 30/01/00).

Os netos homens que ela criou, filhos de Antônio Alberto, são o outro grupo de excluídos neste processo da casa. Talvez pelos conflitos e indisposições entre Mãe Dialunda e a mãe destes, nem é sempre possível permanecerem na casa da avó, sendo expulsos por temporadas, embora sempre recebidos e alimentados apesar de terem saído. A situação de exclusão ao interior do grupo fica evidenciada por um estigma que eles terminaram incorporando, o estigma de ser “diferente” e menos “dignos” de herança, em situação similar, talvez, à dos “netos órfãos” de D. Cida. Este movimento de exclusão destes netos, vivenciado por ambas matriarcas em certas conjunturas como um fardo, em outras como dádiva, pareceria estar associado à forma como chegaram à casa, suas trajetórias e a de suas respectivas mães, “jogadas ao desprezo” após abandono dos seus parceiros.

O acesso ou restrição ao bem da casa responde a critérios de gênero, geração e consangüinidade em ambos grupos. Notou-se uma clara tendência a priorizar a herança das casas, ou construção das próprias, para as mulheres antes que para os homens (até mesmo quando inexistente o laço de sangue, como é o caso de Dalva, a qual parecia finalmente ter conquistado o direito à sucessão de

Mãe Dialunda<sup>13</sup>); aos mais velhos (filhas e netas primogênicas) e aos que têm laços de sangue. Neste sentido ficaram fora, em ambos grupos, os filhos de criação. Também excluídas foram duas filhas primogênicas das matriarcas, de primeiras uniões, quando estas últimas ainda não tinham construído seu patrimônio. Este fato parece indicar um critério adicional na definição dos excluídos: mostra que os filhos beneficiados foram os “primogênicos” dos pais que ajudaram as duas matriarcas a erguer-se na vida, e sugere que a linha de consangüinidade paterna também opera na definição de respectivos herdeiros.

Mas estes critérios devem ser tomados principalmente como guia de ação e fonte de expectativas, pois a própria dinâmica das *casas*, como se viu, pode modificar-se consideravelmente com a morte das matriarcas. Como o mostram as distintas trajetórias e o peso que tem a negociação individual na re-definição do poder e força dos grupos emergentes ao interior da casa, não apenas estes critérios não são determinantes como também outros critérios podem vir a predominar ao longo do tempo.

O fato dos excluídos do projeto de construção das próprias casas serem os netos mais jovens e homens tem relação com a falta de recursos para poder apoiar esta nova geração. Destaca-se neste grupo o neto Pedro Alberto (filho de Antonio Alberto), que teve uma vivência homossexual. E é de todos, o que adquiriu escolaridade mais elevada (preparava-se para o vestibular e desejava seguir jornalismo ou turismo), rapaz bem informado e inteligente com diversos cursos de teatro e idiomas (falava com fluidez e ensinava o inglês, falava alemão, e tinha noções de espanhol e italiano). Pedro demonstra uma clara consciência do seu problema sexual e de cor, assim como grande ressentimento, dirigido ao próprio pai, pelo fato de não terem, ele, sua mãe e irmãos, casa própria. Veja-se como se misturam os problemas pessoais de sua vida, e identidade, com as expectativas frustradas de ter casa no seu depoimento:

---

<sup>13</sup> E ter se elevado à categoria de parente por consideração. Em 2003, Ibijara sai da sua casa e a nora fica. Sobre sua nora dizia Mãe Dialunda, no trecho já apresentado em outro capítulo:

Gosto muito de Dalva. Gosto de meus netos, né? Não gosto de maltrato, né. (‘-Eles lhe maltratam?’) Não! Eles às vezes são malcriados! Os netos! Os filhos não! Minha nora, minha nora me respeita muito! Ela me respeita porque eu respeito ela. As duas se respeitando, completa, né? Mas se uma não se respeita e a outra não se respeita...não existe...Os filhos me respeitam, Graças a Deus! Só Ibijara que é malcriado. É! Ibijara é! Mas assim mesmo ele é um bom filho. Às vezes é eu que agrido ele de tapa nele...Ele é bom filho. Quando eu tenho desentendimento eu meto cacete e tudo bem (‘- A senhora bate neles?’). Qualquer um! Eu bato em quem merecer! É Pedro, é Ninha, é Nancy...quem merecer! (‘-Até hoje?’) Oh!!! [indicando que sim] <risos> (D. Dialunda, 22/02/99).

[Meu pai] conversava com ela [mãe] achando que a gente tem raiva dele, que ele sentiu um peso na consciência, de hoje nós não termos uma casa, que era pra gente já estar em uma. E ele sempre comentava com minha mãe essa questão mesmo do problema que eu tive, sexo mesmo [homossexualidade]. Ele tentou resolver isso de forma... tentando botar a culpa em mim, disse que aconteceu. Eu tive outros problemas também. Eu cheguei a “usar” [abusar sexualmente] alguns dos meus irmãos nesse período. Eu tinha 12 anos de idade. E ele botando a culpa em mim. Foi os [irmãos] pequenos, de parte de pai, os outros, da outra família. E minha mãe sempre encurralava ele, que ele que é de mais idade que tinha mais responsabilidade do que eu. **Ela foi franca com ele e disse que ele não foi responsável quando ele deixou seus filhos sobre a face da terra, sem teto e sem nada. E nós fomos sempre criados por vó e ele se achava no mérito disso.** Mas na verdade a pessoa que deve ser realmente privilegiada por nós, netos que estamos grandes, e temos todo um agradecimento a ela, porque ela realmente foi uma pessoa que se esforçou e eu tenho muita admiração, é por vó. Apesar de tudo e todas as coisas. Ela sempre foi carinhosa, ela sempre gostou mesmo assim. (Pedro, neto, 02/05/01).

Numa dessas eu tava andando com um colega meu. E meu pai tava num bar, nos viu e veio nos acompanhar e começou a me questionar. [Ele veio perguntar] ‘Se eu tava feliz com a vida que tava levando’. Eu não tinha uma resposta para dar porque isso não parava no que ele achava [o julgamento que o pai fazia dele], nem no que se passava realmente lá. Ele não sabia... E eu comecei a ficar nervoso com seu questionamento. E ele disse: ‘você acha que tá certo? Você está feliz com a vida que está levando?’ E eu disse: ‘Tô!’ Eu fui irônico. É melhor do que viver na pressão! Pressionado por uma coisa que não fazia mais parte da minha realidade. Essa questão da sexualidade [porque já tinha superado...]. E por isso se deu de eu estar na casa de uma prima [circulando pela casa de Natalícia] que um dia foi na casa dele [Natalícia na casa do pai de Pedro A.] e disse [ela a ele]: **“Você, com uma casa tão grande e seus filhos todos estão lá em casa?”** Quatro filhos mora lá embaixo, na Emídio Pio. Aí ele [o pai] falou isso, dessa situação [e voltou a lhe perguntar mais violentamente]: ‘Você está feliz com essa situação? Porque eu quero saber o que responder às pessoas’. Aí eu fiquei muito magoado por que ele estava preocupado no que as pessoas estavam falando, e não comigo, o que eu estava sentindo ou se passando comigo. Eu fiquei realmente zangado. **Aí eu disse a ele: ‘Você tem alguma previsão de vida para mim? Se você tiver, eu me mudo para lá, para a sua casa’.** Aí ele disse: ‘**Você tinha, você teve o da sua avó, você teve de mim’.** Aí eu disse: ‘Eu não aceito o *teve*. Eu quero uma solução!’’. Aí quando ele disse TEVE e insistiu nisso, eu peguei e dei as costas para ele, fui embora com meu amigo. Ele pegou, tentou me agredir fisicamente se achando agredido pelo fato de eu ter dado as costas para ele. Mas ele primeiro tinha me magoado mostrando que a opinião dos outros era mais importante para ele do que eu pensava ou sentia. Segundo, **porque ele estava me dando esperanças passadas, de coisas que eu poderia ter conseguido, obtido. Só que eu não estava pensando nisso, eu tava pensando no agora.** Só que ele não quis. Ele não quis responder, tentou me agredir. Eu saí correndo, ele correu atrás de mim. Meu colega fugiu de medo, de tão brutal que ele estava. Acabei me escondendo em um bueiro lá. Essa noite eu ia dormir na casa de vó e acabei dormindo na laje da casa do amigo, para mãe dele não se assustar e pensar que era coisa mais grave. Eu dormi na laje sozinho. Eu não quis mais papo com meu pai. Isso já foi em 1998 [...] E eu fiquei muito chateado com meu pai que ele uma vez disse para [bijara], que quando a gente crescesse, eu e Luis, que ele ia precisar botar uma arma na cintura para se defender da gente. **Porque ele já tinha a consciência pesada de que nós não aceitamos ele muito bem, por causa da gente não ter uma casa, por ser humilhados na frente dos outros. A gente tinha uma fama horrível de sugadores de sangue, essa coisa. O pessoal falava sempre. Porque meu pai cometeu esse delito de deixar a gente com nossa avó, né? Porque na realidade não era obrigação dela. A obrigação dela era os filhos e não os netos, né? Então todo mundo sempre se queixava de que a gente era criado por vó, de que minha vó era explorada por Beto, pelos filhos de Beto... Esse tipo de coisa era muito chata, chata mesmo.** Mas aos poucos a gente foi superando, superando... Depois eu fui procurando onde ficar, com minha mãe, Luis também escolheu assim. Meu relacionamento com os outros irmãos sempre foi bom, Mas a minha suposta madrastra colocava sempre os filhos contra nós, porque ela se sentia ameaçada de perder a casa para nós. Nós sempre conversamos numa boa. Ele ergueu a casa com a ajuda da sua mulher. A única ajuda que minha vó tinha é que ela sempre alimentou eles, sempre deu comida. Porque ele estava sempre querendo trabalhar em função da casa e comida assim, era segundo plano. Teve até um período em que eles foram morar lá, na casa de vó, foi questão de meses. Eles não tiveram estabilidade boa, por causa de vó – o relacionamento. Porque vó sozinha para sustentar tanta gente. E às vezes eles queriam mais do que minha vó podia. Às vezes terminavam falando coisas que se tornavam fofocas e não dava certo, então o melhor foi cada um tomar seu rumo. (Pedro A., 02/05/01).

Para fechar esta seção sobre a *casa* de Mãe Dialunda, apresento em forma de entrevista um interessantíssimo diálogo que presenciei e gravei em 2000 com um casal desta família – a neta Nívea e seu parceiro, pai de dois de seus quatro filhos, em 2003. Eles estavam, nesse exato momento, negociando o projeto de onde, como e com que recursos construir sua moradia e nova família. Estava em questão se seguiriam mesmo juntos ou não.

Pelo que foi possível observar em campo e em ambos grupos familiares com jovens casais em formação, é fundamental e decisivo para o sucesso da união desejada o contar com recursos como um terreno, um quarto, enfim, o direito a esse pedacinho de chão (mesmo que na casa dos pais ou familiares) onde o jovem casal possa tentar construir o sonho de formar um novo núcleo familiar, de forma mais ou menos independente. Foi também possível observar como a vida daqueles que não tem essa possibilidade concretizada termina impossibilitando a conservação das suas uniões, sonhos ou projetos. As aglomerações de muitos indivíduos em grupos extensos, sendo todos forçados a compartilhar um pequeno e exíguo espaço, costumam tornar-se altamente conflituosas. Os interesses individuais dificilmente conseguem ser respeitados pela coletividade, pois o espaço real é pouco e os interesses de uns costumam ir de encontro com os dos outros.

No diálogo a seguir pode-se observar uma das formas que costuma adotar a negociação entre namorados, em grupos populares, quando enfrentam o dilema de formar, ou não, novo grupo familiar, toda vez que um filho a caminho institui esse dilema (Nívea estava grávida do primeiro filho de Etiê nesse momento). Neste contexto, é o momento da gravidez que geralmente desencadeia o tipo de situação que exige uma resolução: seguir juntos ou separar, formar uma nova família a três ou apenas de mãe e filhos, em casa própria diferente ou na de parentes. Decisões que dependem das trajetórias, desejos, negociações e principalmente dos recursos para se formar um núcleo separado. É em momentos como o da seguinte entrevista que se podem mais claramente captar os interesses do homem (de não perder sua liberdade) e os da mulher (de garantir a sua segurança e do futuro filho), e momentos em que costumam ser mais claramente explicitados, quando ambos lados avaliam as possibilidades, interesses e recursos de formar um projeto de vida conjunto.

Veja-se, no seguinte trecho de entrevista, a riqueza de elementos que aparecem nesse processo de negociação sobre a formação e manutenção da conjugalidade e como a casa ou o projeto de sua construção consolida ou desmancham tal sonho:

### *Negociação Nívea (N) - Etiê (E)*

E: Eu quero morar na minha casa, que é herança!

N: [Dirigindo-se a mim] Não é herança ainda, que a mãe dele [sogra] ainda tá aí, né?

E: É herança! Porque ela não toma mais conta da casa. São duas casas. Eu tomo conta de uma e meu irmão da outra. E ela mora na ilha. Minha mãe mora na ilha, a gente mora só. Eu e ela tava lá embaixo, só. Agora acontece um problemazinho, que quando minha irmã era, tava viva, sempre tinha uma conversinha, chegava que a casa é minha, a casa é minha... comigo! (N: Ah! Eu até esqueci de falar da irmã dele!) Ai brigava ela e meus dois irmão! Eu sempre procurei sair fora do bolo. Eu não olhava para cara deles para dizer: rapaz! tomem vergonha, meu pai lutou tanto para ter e vocês estão brigando pelo que nem botou! E sempre eu procurando me sair e quem levava a pior, levava, né? Sou eu. Que agora...Deus levou minha irmã, faleceu, e agora acalmou. Morreu a menos de um mês! [ Ele falou ter morrido de Câncer. Nívea riu e ele perguntou a ela de quê que ela ria...] [...]. Então minha senhora, uma, eu sou uma pessoa muito calma. Certo? Mas se me tirar do sério, uma verdade é dita... **sou pessoa calma e procuro me controlar, mas se me tira do sério, só o exército para me parar.**

Eu: Você não está gostando daqui? [casa de Mãe Dialunda/ do Nordeste]

E: Daqui? Oi, eu conheço essa meleca há muito tempo e aqui nunca prestou e nunca vai prestar. E no lugar que a senhora sai [referindo-se à rua], de noite, encontra três, quatro, cinco [sujeitos] limpando as armas. Então, um lugar desse, do jeito que eu sou, não dá para mim. Porque se eu ficar aqui, vai terminar um me matando. Então o melhor é ficar em um canto certo. Quer dizer, **eu quero ficar na minha casa.** Ela por causa da minha cunhada, não quer. Eu acho que não tem nada a ver, né? Eu acho que tudo começa como também tem um fim. Mas ela fica com medo de eu ir falar e eu ter problema com meu irmão. Mas se todo lugar que a gente for tiver uma conversinha, uma coisinha, a gente nunca vai parar em um lugar certo!

N: Não! Porque, porque a mãe dele não gosta de mim. Aí acontece, ele vai ter um problema com o irmão dele, vai acontecer o quê? Dizer que foi culpa de quem? Vai dizer que foi a minha culpa, né?

E: Você não deve dizer um negócio desse!

N: Eu não devo? A gente tem que falar a verdade!

E: Você não deve dizer um negócio desse! Porque lá na minha família, você não gosta de ninguém.

N: E ninguém gosta de mim! Como é que eu vou gostar das pessoas que não gostam de mim?

E: Como é que, se a senhora [se dirigindo a mim], se chega assim, num lugar e não fala com ninguém! Alguém vai falar com a senhora?

N: Eu não falo porque eu vi, só pelo jeito da pessoa tratar a gente pela primeira vez que a gente vê que a pessoa não gosta. Só pelo jeito! **A mãe dele não gosta de mim. E o irmão dele mais velho não gosta de mim. O irmão caçula, fala assim, um pouquinho comigo, mas ele não gosta de mim.** Então...Agora eu não falo, nem pouquinho, nem poucão, não dou nem bom dia, nem boa tarde. **Ninguém gosta de mim!** [Falou toda exaltada!]

[Sobrinhos de Nivea presentes na entrevista, interrompem gritando em coro e apoiando a tia: - Bravo! Bravo!]

N [...] A irmã dela, nem me conhecia ainda, me botou no meio da briga deles e ainda me xingou! Não quero mais conta com ninguém! Ele tá dizendo que depois que a irmã dele morreu que melhorou um pouquinho...Ele nem sabe, porque nem pra lá eu fui, depois que ela morreu. Nem sabe o que vai acontecer!

E: Mas pelo que eu desço lá, pra mim tá bom [...] **Eu acho que, eu tenho o que é meu, para ir procurar “aventurar”, tentar o quê? Tendo uma casa grande, boa, deixar de ter um lugar bom pra intentar viver, pra fazer um barraco de tauba, para fazer uma coisa? Uma, que eu tou desempregado, mas lá [na casa da mãe], Graças a Deus, nunca me faltou comida e...sempre aparece algo para eu fazer**

Eu: E aqui tá faltando?

E: Também não! **Mas... É melhor tar no que é nosso!**

N: E a ilha?

E: **Isso vai ser dela!** Mas só que tem um porém. **Que a gente vai pra lá “tentar” fazer alguma coisa. Não! É melhor a gente ficar no que a gente [já] tem e...?**

N: Não! Não é meu! É teu! [a casa da mãe dele]

E: Ouça! Não é meu! Ainda não é meu!

N: Então Pronto!

E: Vai ser herança! Só que lá ninguém pode mandar em ninguém. Você nem sai, nem deixa sair!

N: Pode! **[E se] Sua mãe chegar lá e me botar para fora? Você acha que eu vou continuar lá? Não Vou!**

E: Isso que ela não faria! Ela pode ter o que for. Mas isso ela não faz!

Eu: E daqui a uns anos se você não quer mais? O que ela faz? e o filho?

E: Mas é o que eu tou falando com ela! Eu falo com ela. **A gente tá aqui. Procurar o quê? primeiro a gente procura ajeitar a vida. Já tem o terreno? [na ilha] quando puder separa o dinheiro e chega lá. Nem que seja fazer, deixar a mãe dela tomar conta. Puder alugar, aluga. A gente fica cá. Quando a gente quiser ir...vai. Se não der jeito mesmo aqui, a gente vai lá!**

Eu: Ela fica com medo de não dar certo! E ela ficar sem nada!

N: É...eu ficar sem nada!

E: É! Mas esse é o medo dela! **Mas ela não entende... que a coisa que eu mais quero é poder dar, eu queria dar uma casa a ela! Mas eu estou desempregado!**

N: Mas também... porque [lá na ilha] ele não vai ter lugar com quem se misturar lá! Porque ele tem uns amigos que não vale nada! Ta? É falso! Com ele. E ele fica chamando meu irmão, meu irmão! [...] **ENTÃO EU TÔ QUERENDO IR LÁ NA ILHA QUE É PRA PODER , QUE ELE LÁ...**[Ela gritou, pois ele a interrompia]

E: E ENTÃO, SE NÃO DER , VOCÊ VAI MUDAR? DE QUALQUER [JEITO]?

N: **NÃO VAI SE MISTURAR, LÁ NÃO VAI ACONTECER...**[se calmado] nada do que acontece aqui, não vai ter cunhada para poder [...]

E: Eu já conversei com ela. **Se for o caso, conseguindo o dinheiro para construir... Eu vou pra lá. Eu vou fazer a casa. E ela fica lá! E se der certo eu fico, se não der, eu vou embora!**

N: **Assim que eu conseguir construir, nem que seja um quartinho, eu vou me mandar pra lá, porque eu quero distância da cunhada dele... Eu não vou implorar para ele ir. Se ele quiser ir, ele vai! Eu vou aceitar numa boa! Vou querer, vou agradecer muito a Deus, mas também, ficar na casa dele, eu não vou ficar!** Porque vai ter problema...porque não é todo dia que a gente tá a fim de comer pão! Então um dia me cansa,né? E no dia que eu também der para abusar ela? [...] Então eu disse a ele. **Eu tou indo amanhã pra ilha, vou ver o que vai acontecer, que Deus vai me ajudar! vó diz que vai me ajudar! mãe diz que vai me ajudar!** Então! E por ele não querer ficar lá, eu não vou implorar. Eu não vou implorar a ele, eu já disse a ele, eu não vou impedir ele ficar aqui. **Mas também, ir para a casa dele eu não vou!**

E: Não me diga isso!!

N: E aqui também não quero, porque aqui está pertinho da Santa Cruz. Ele sai daqui para se misturar com aqueles amigos[...] E lá na ilha, daqui que ele chegue aqui...e ele vai querer gastar

transporte do jeito que esse aí é unha de fome?? Se ele for para a ilha, não vai querer ficar gastando transporte só para vir aqui ver os camaradas dele. [ameaçando:] E se ele for sair, é pra voltar no mesmo dia, porque se ele vir aqui, para voltar no outro dia, dormir comigo é que ele não vai! Porque eu não sei que ele ficou fazendo aqui...

E: Agora senhora, a senhora quer saber de uma coisa? [se dirigindo a mim] **Se ela não quer ficar dentro do que é meu. O que eu vou fazer no que é dela?** [...] [mais discussões...!] É. [Nós] **Tamos juntos! Assim... Um lado encosta e o outro separa.**

N: Ele não tem paciência comigo, eu fico nervosa, porque aqui é muita zuada, muita agonia, sim, aí é rádio, é menino, é televisão, é tudo! Aí tem hora que me dá...uma doidice. E tem hora que ele fala comigo, eu grito com ele, sem que e nem pra quê, né? Que às vezes eu grito com ele que depois eu me arrependo. Faço ignorância com os outros, mas é porque minha cabeça fica muita azoada, muita coisa, ai ele acha ruim!

Algum tempo depois desta entrevista, Nívea teve o bebê, ele construiu o barraco que ela queria, moraram juntos e depois ela separou de Etiê. Mãe Dialunda achou melhor, não o considerava um bom parceiro para a neta. Nívea voltou para a ilha, e voltou a engravidar de Etiê, o que magoou a avó. Nívea ficou dois meses na casa de Mãe Dialunda quando teve o bebê e regressou a ilha, deixando sua filha primogênita de anterior parceiro com Mãe Dialunda, a qual impediu que levasse a menina. Em 2003, ela estava novamente na casa de Mãe Dialunda, esperando o quarto filho de um novo parceiro.

## CASA DE DONA CIDA PARTEIRA

### *Breve história e descrição da planta original da casa*

A ocupação da casa do grupo familiar de D. Cida teria se dado inicialmente por volta dos anos 50, quando D.Cida, viúva e com uma filha pequena de primeiro matrimônio (Lena), se une a seu Diogo. Os primeiros assentamentos no bairro foram fruto de invasões ao longo das distintas décadas, onde moradores mais antigos adquiriam maior prestígio em relação aos mais recentes, habitantes de novas invasões.

Quando Lena (a primogênita do primeiro matrimônio de D.Cida) tinha aproximadamente dez anos, contam, aparece na família a “primeira filha de criação”. Nunca ficou clara a história da chegada de Merina para a casa de seu Diogo e D.Cida. Segundo versão familiar bastante repetida, Merina foi dada de presente a Lena, na rua, como se fosse uma bonequinha. Contam que uma “suposta” verdadeira mãe de Merina buscou-a por volta de seus 15 anos, quando tentou iniciá-la em vida de prostituição. Depois da chegada de Merina, vieram os filhos do casal, Neneca, Júlio (com problemas mentais) e Dina, a caçula. Téo, o primeiro neto de D.Cida e filho primogênito de Lena – enteada de seu Diogo – foi criado pelos avós desde o nascimento, sete anos após o nascimento de Dina, a filha caçula do casal. Lena não morava mais na casa há um bom tempo. Ela conviveu pouco tempo com suas outras irmãs nesta casa, pois, pela diferença de idade com relação aos outros filhos de D. Cida, morava nas casas onde trabalhava como doméstica, depois, na sua própria casa. Até ajudou Dina a construir um barraco perto do seu quando esta engravidou de Rejane e foi expulsa de casa por seu Diogo. Assim, estas teriam sido as primeiras configurações de pessoas a ocupar a casa na sua fase inicial, distribuídas em um espaço que dizem ter sido muito bonito e bem cuidado, amplo e cheio de flores, quando eram crianças, bem antes de conhecê-lo em 1992. O terreno da casa, posicionado em um morrinho na entrada do bairro do Nordeste de Amaralina, no passado, tinha todo um mesmo nível e distribuição espacial próxima à da planta da Figura 17.

Ter casa onde morar é um dos principais projetos de vida na pobreza. E poder obtê-la é uma conquista e sonho de todo pobre, um sinal de destaque em relação aos que não a tem e que também sonham com ela, como o aponta o depoimento de D. Cida no início da sua vida no bairro:

**A melhor, a épa [época] minha mais melhor, feliz, foi quando eu, quando eu vim morar aqui no Nordeste, aqui pra mim foi bom, aqui eu criei meus filho, aqui eu consigui casa, que eu não tinha casa, né? Vivia em casa de aluguel, consegui casa e criei meus filho aqui e vivi... e vivo bem ,Graças a Deus. Eu vivo, com toda tribulação eu num, num me queixo da vida não. Eu sou feliz, Graças a Deus, sou uma mulher feliz, sinto... feliz. Sinto com Deus, com Jesus, que tudo comigo eu acho que depende da gente confiar, que vence. E peço muito a Deus, peço mu... falo muito, digo aí as menina minha, que seja como eu, seja vencedora, não derrotada. Eu num sou derrotada, sou vencedora, porque tudo que eu quero, eu venço, em nome de Jesus. <R>. (D. Cida, 22/01/1997).**

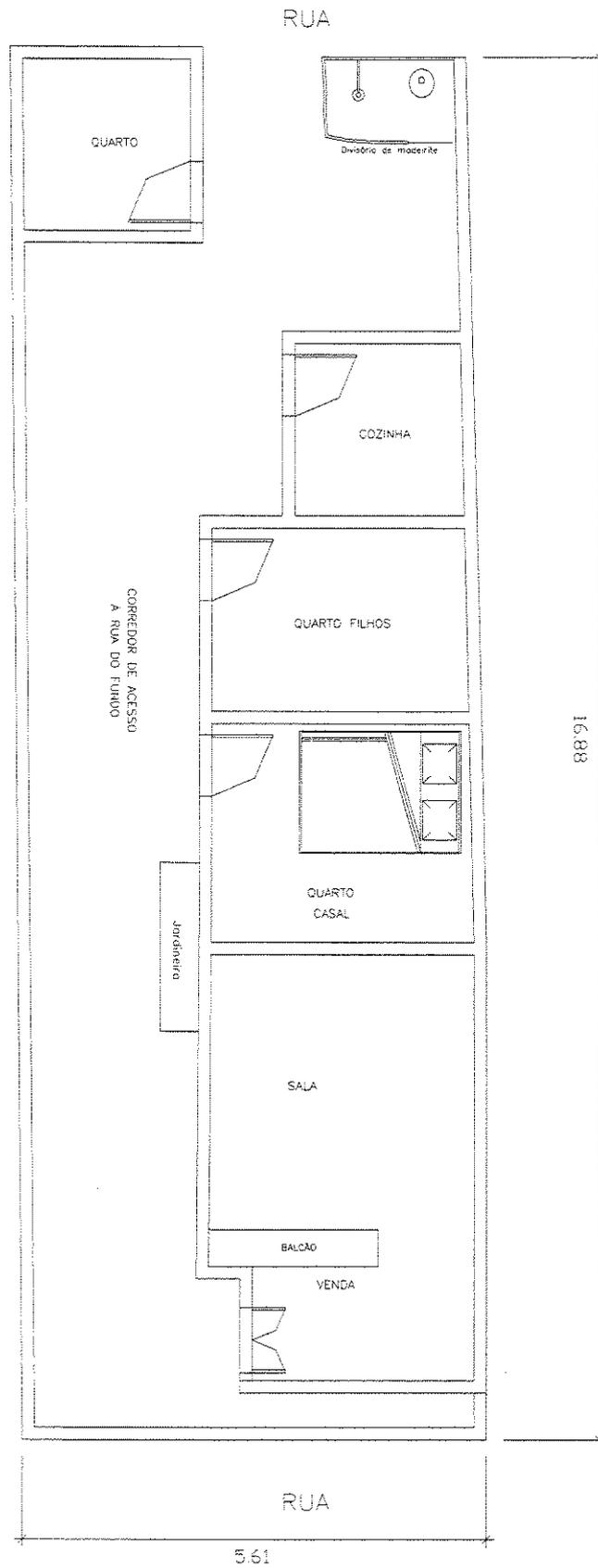


Figura 17 – Casa de D. Cida por volta da década de 1950.

Ter mais de uma casa é sinal de prestígio e sucesso em contexto de pobreza. D. Cida e seu Diogo tiveram várias casas. E no caso deste grupo familiar, a perda sucessiva das casas por seu Diogo, que as trocava por dívidas de bebida, deixou-lhes apenas o patrimônio da casa habitada para ser dividida entre alguns dos seus descendentes.

Minha mãe... nunca bateu numa mulher [amantes do marido]... ela falava: **‘o importante é que eu sou casada com ele, a casa eu é que tenho’ – que meu pai era dono de muitas casas aqui... uma avenida de casas... acho que tinha umas oito casas.** Onde é a padaria, ali na casa de Zezita, era de painho. Na casa de Benito, tudo aí era dele... Aí ele era dono de muitas casas, então as mulher ficava muito de olho no... nas coisas que ele tinha, né? Quando/ quando Neneca/ mãinha foi ter Neneca, ele pegou... deu por bagatela. Meu pai vendeu por bagatela. Aí quando mãinha chegou da maternidade, aí ele falou que tinha vendido as casas... Aí, até hoje essas casas ainda pertencem à minha mãe porque... ele não deu... carimbo, ela não/ não carimbou, porque ela era casada com ele. Estão no nome de mãinha, até hoje. Até hoje. Não sei nem cadê esses papéis. Já deve ter sumido na/ **quando caiu a casa...** O homem tinha um medo danado de mãinha tomar... as casas. Aí foi levando, foi levando, minha mãe não fazia questão por nada, Aí deixou pra lá... Mas o homem tinha um medo danado! [Mainha] Falava: ‘Essas casas aí, minha filha, tudo é sua, se eu quiser, mover um dedo... essas casas volta tudo pra nós. Eu não assinei nada, só seu pai que... vendeu’. Minha mãe falava. Aí/ mas eu não quero fazer isso não... que eu tenho pena dele também, que é pai de família [...]. (Merina, 23/01/2000).

Como no modelo convencional das casas, os cômodos nesta casa se construíram um seguido do outro, enfileirados ao longo de um terreno de aproximadamente 6m x 17m. (vide Figura 17) Trataram-se inicialmente de quatro grandes quartos precariamente construídos, de barro batido, enfileirados um atrás do outro e do lado direito do atual terreno que passou a incorporar posteriormente o corredor ou ruela de uso público, que conectava a rua da frente e a rua de trás da casa.

O primeiro dos cômodos era destinado à parte social da casa, talvez este espaço tivesse sido, em algum momento, uma sala mas depois operou como bar que o casal mantinha para complementar a renda da casa. Depois de 1985 esse quarto foi destinado ao grupo familiar de Neneca. O espaço que lhe segue foi sempre o quarto de D. Cida, com cama matrimonial, compartilhada com filhas, netas ou crianças na ausência do marido – quando trabalhava à noite ou quando enviuvou. O espaço seguinte, onde dormiam os filhos solteiros, era onde operava em 1992, a cozinha da casa. Provavelmente o quarto e último espaço, junto ao banheiro, deve ter sido a cozinha na primeira fase da casa, quando Neneca e Dina eram crianças, como é o de costume segundo o modelo de construção popular analisado. Mas pela posição da casa no morro e a constante ação erosiva das chuvas escorrendo o barro do chão, deteriorando o estado geral da construção da casa, esse último cômodo foi bastante prejudicado, e foi afundando em relação aos da frente da casa. Foi

sendo destinado, quando começaram a aparecer os netos, para a conjugalidade secundária, isto é, para uso das filhas e netos com seus parceiros.

Merina foi a primeira a ocupar esse quarto dos fundos, quando nasce Robson. Permaneceu nele apenas por alguns meses, indo morar em São Paulo, inicialmente sozinha, e deixando o filho e o marido morando na casa da sua própria parentela, isto é, D. Cida e suas irmãs. Tanto Robson, como Téo (filho de Lena), foram criados por D. Cida desde bebês. Merina pouco viveu na casa depois de ter filhos, mas ia e vinha sempre que fosse necessário. A segunda filha a ocupar o quarto dos fundos foi Neneca, com seu marido e filhos, que ali ficaram pelo menos até terem seu quarto filho, quando casaram no civil, por volta de 1980, e se deslocaram para o quarto da frente onde estava o bar. Quando morre seu Diogo, em 1985, ela dizia ser a dona, por direito adquirido e doação explícita do pai, dessa parte do terreno. Foi a época em que Dina passou a ocupar o quarto dos fundos, saindo da sala ou cozinha da casa da mãe para um quarto mais privado. Ela já tinha dois dos seus filhos e teve os outros dois alojada nesse quarto, que só deixaria por volta de 1995, quando começou a construir sua casa na laje da mãe. A partir dessa época o quarto passa a ser ocupado por Téo exclusivamente, que não o comparte com ninguém.

No final da casa, ao fundo do terreno e no limite com a rua de trás, separado por uma meia parede inicialmente, ficava o fosso do banheiro (apenas um buraco no chão) sem as quatro paredes ou divisões que guardassem a sua privacidade para o interior da casa. Ver na Figura 18, uma foto dessa parte posterior da casa, próximo ao banheiro, com uma perspectiva desse último quarto habitado hoje por Téo, onde se observa a neta Tatiana e bisneto William de D. Cida lavando suas roupas.

Para o irmão Júlio, com problemas mentais, foi construído um quartinho separado, no pátio dos fundos, frente ao banheiro e do lado esquerdo. Isto deve ter acontecido logo depois dele entrar na adolescência, por volta dos anos 80, fase em que começou a despertar para a sexualidade, que precisava ser mais bem controlada pelo bem das crianças da casa, já que argumentos racionais com ele nem sempre operavam. Nessa fase, contam, o controle da sua doença tornou-se mais complicado pelos seus diversos acessos de violência, descontrole e fugas da casa. Ele era ridicularizado pelas crianças da rua e tratado com crueldade por pessoas que se aproveitavam da

sua demência. Na adolescência os problemas com Júlio se multiplicaram, ele foi atropelado uma vez, caiu de uma moto outra, foi espancado várias vezes na rua e em diversas ocasiões voltou nu e sem roupa para casa; isso quando não desaparecia por dias, forçando seus pais e irmãs a “correr ruas” pela cidade inteira atrás de notícias do seu paradeiro, informando o sumiço no rádio ou buscando pistas com algum vizinho que o tivesse visto circulando no centro da cidade, perdido em algum lugar. Várias foram as ocasiões em que ele sumiu, por dias, indo parar até em cidades vizinhas. Nesse novo quartinho precariamente construído, de maderite e papelão, D. Cida e sua família conseguiam controlar mais o desvario de Júlio, ao mantê-lo mais calmo, ou até preso, quando necessário. Júlio também passou longas temporadas fora da casa, internado em hospitais psiquiátricos, quando a família respirava aliviada, embora se queixasse dos maus tratos a que ele era submetido naquelas instituições, que nem sempre – tratamentos e medicações receitadas, quando seguidas – tinham a eficácia desejada.



**Figura 18 – William e Tatiana frente ao primeiro quarto de Dina dos fundos da casa de D. Cida.**

Em 1992, o primeiro quarto da casa, onde passou a morar Neneca, se encontrava no nível da rua da frente. Era esse o local mais limpo e bem apresentado da casa. Com as chuvas, o terreno de

barro batido foi sendo destruído pela constante erosão, havendo uma diferença de uns 10 a 12 degraus, totalmente irregulares entre a porta de entrada e o final do terreno. Lembro que era necessário atravessar algumas tábuas para não escorregar quando tinha chovido muito, e era preciso fazer certos malabarismos para entrar até o final da casa, pois já nessa época os degraus da época do seu Diogo estavam totalmente desfigurados, e certa parte da casa era quase que preciso ser escalada para ser transitada.

Meu pai chegava bêbado em casa, já vinha do lado de fora, **que essa casa era tão baixinha, que tinha doze degraus pra sair pro lado de fora, você vê como entulhou tanto que só tem um degrau [agora]...** ele chegava bêbado dentro de casa acabando com tudo, mãinha botava comida pra ele, ele quebrava... aquilo... a gente crescia com raiva, tomando pavor. Não era nem ódio, que ele era o pai da gente, né? (Dina, 16/03/1996).

Com o tempo, o terreno foi nivelado, parte do chão cimentado, e o longo corredor esquerdo a céu aberto fechado com telhado (obscurecendo e perdendo parte da ventilação, mas ganhando-se a possibilidade da construção no segundo nível). Tenho a impressão de que essa passagem para a outra rua era pública e que esta família incorporou ao seu terreno.

### *Circulação de pessoas no uso da casa: idas e vindas de moradores*

Movimentos de idas e vindas de pessoas ao interior da casa são constantes nesta família, similares aos descritos na *casa* de Mãe Dialunda. Como lá, percebeu-se ser esse deslocamento mais intenso entre aqueles membros com menor força ou ocupando posição mais baixa na hierarquia familiar, aqueles aparentemente menos propensos a serem os futuros herdeiros da casa ou parte dela em determinadas configurações relacionais. As disputas pelo espaço neste grupo familiar foram mais claras e explícitas e se traduziam nos distintos desejos por ocupar um determinado lugar ou posição no grupo doméstico – ainda que transitório – ocupando um quarto, um sofá ou uma cama na casa, ou saindo dela para constituir suas novas famílias separadas do grupo doméstico, com recursos próprios ou dos novos parceiros.

Foi interessante observar com relação a geração de netos a ocupação da cama de D. Cida, que ela compartilhava com duas de suas netas (filhas de Neneca) em fases distintas da nossa pesquisa.

Primeiro com Lia – a neta que depois se casou – depois com Lília, sua irmã, que também se casou alguns anos depois. Houve uma determinada fase em que ambas irmãs disputavam entre si uma banda da cama da avó, chegando ao extremo de terminarem dormindo quatro mulheres de três gerações distintas, no ano de 1997, quando nasce Laísa – filha de Lia e André – na mesma cama matriarcal: D. Cida em um extremo, Lília no meio, Lia e a bebê do outro lado da cama, segundo contavam divertidas a avó e Neneca.

(‘-Lia e Lília brigam pela cama da senhora?’) É! Inté hoje. **Porque a Lília mora/ dorme comigo. Fica lá com a mãe... mas de noite ela dorme aí comigo. Então Lília... E Lia também dormia comigo...** [mas] *quando se perdeu*, porque arranjou um marido... saiu e deu lugar a... a Lília. Deu lugar a Lília, Lília que mora comigo aí. **Aí vive que elas briga por causa de/ por causa disso. Tem ciúme por causa de eu.** É. Eu gosto de meus neto tudo... meus filho/ meus neto... tudo. Eu como avó eu... **eu considero todos eles** que tudo/ os menino tudo... **tudo me tem de consideração, né?** Dina levou uns dias sem deixar os menino descer, sem vim aqui em baixo... mas eu nada tenho a ver... depois, então, agora, já tá vindo/ os menino vem... as vez ela manda... os menino aqui... (D. Cida, 24/2/1999).

É interessante observar que se inicialmente a cama desta avó foi um espaço por ela cedido/ acolhendo e resguardando a respeitabilidade das netas mais velhas, numa estratégia de proteção da sua sexualidade da proximidade masculina do padrasto (e primos); este espaço, entretanto, passou a ser disputado pelas netas como lugar de privilégios e de acesso a um poder e relação de proximidade com a “matriarca”, que, por sua vez, lhes outorgava uma posição mais elevada do que a de outros membros que não tinham lugar em camas ou quartos, como foi o caso de Leandra, outra das filhas de Neneca. Como a casinha de Neneca estava superlotada, Lia, primeiro, Lília, depois, passavam para a casa da avó à noite. E foram casualmente estas as netas que tiveram uniões mais bem sucedidas no começo de suas vidas adultas. Lia engravidou, ao que parece, para prender o namorado, homem trabalhador tido como bom partido, com quem namorava há muito tempo. Lília, ao contrário e diferente da maioria das mulheres nesse contexto, casou-se primeiro. Lília tinha fama de ser namoradeira e desperdiçar bons pretendentes, casou-se por volta de seus 22 anos, e teve sua filha depois do casamento. Ela foi deste conjunto de netos a mais escolarizada: pretendia ser professora primária ou entrar na universidade. Quando casou, foi morar em outra casa, de aluguel, com seu parceiro. Em 2003, Lília tinha em sua casa uma venda de alimentos, onde empregava a sua prima Rejane, filha primogênita de Dina. Em 2003, Rejane tinha se unido ao namorado depois de engravidar e foram morar sozinhos em um quarto alugado. Dina cuidava de seu bebê enquanto Rejane ia trabalhar na venda de Lília.

Tenho vinte [anos]. Estudo. Tô fazendo primeiro ano agora. [De] formações gerais. E... eu espero conseguir entrar na faculdade... que eu quero fazer Direito. Mas se não der, eu quero fazer magistério mesmo. Coisa mais próxima, né?...[Agora] Tô fazendo... eu trabalho... com doce, tortas, salgados... essas coisas. **Durmo... [Na cama da vó, após sua morte] com Tatiana, a menor [filha de Lena], a neta dela [D.Cida] menor. Ah, minha relação com ela [D. Cida] é que todo mundo sabia. A gente dormia junto. Sempre quando eu chegava, ela era que abria a porta. Ela que... ela. E... depois da morte dela... me senti só! Aí foi que eu chamei ela [Tatiana] pra dormir aí - a gente dorme junto aí/ Mas ainda me sinto só! Um pouco. Porque... uma criança do lado da gente <pequeno R> não ajuda em nada... Dorme, dorme, dorme... ela de um lado, eu durmo do outro... assim... Mas eu tô me acostumando.** [Falar] De minha vó? Aai... sei lá, é tanta coisa que... dela... que não dá pra cê falar assim... Ah, [de] minha mãe... [eu me dou mais] Com minha mãe. Nem com um nem com outro [da casa], só com minha mãe. Me endoidei com meus primos, minhas irmãs... Só com minha mãe [me dou bem]. [O dia a dia] Vai levando... dá pra ir levando. Tá um pouquinho as /né lá... assim pra gente conversar, contar as coisa, nem sai junto. Só com mãe, ela mesmo, conto tudo a ela/ janto [lá] mas... Era, todo mundo. Aii/a gente. [Como era] Que eu lembro? Quando eu era criança, com minha vó e minha mãe? Ah, [vó] se preocupava muito com a gente... só... pelo que eu lembre, só. Quando eu comecei a namorar foi um primo meu que fez eu namorar/ pagar ABC... essas coisas... Negócio de pagar ABC. ABC era dar... beijo na boca, essas coisa... Aí pronto. Foi o primeiro e o último. [Eu] Tinha quinze. [Neneca não reclamava] Não, até hoje ela não reclama assim não... Era esse [primo] que passou agora. [Robson] <pequeno R>. Ele que botou eu pra namorar/ quer dizer foi por que [eu] quis, né? Mas, mas pouca... [As brigas com irmãs eram] Ah, negócio de uma pegando as coisa da outra, uma fazia fofoca da outra com mãe, era sempre assim...[E] **Vovó/vovó/vovó brigava muito também com a gente. Minha mãe não falava nem tanto como ela falava né. Por exemplo, se a gente saísse ou fizesse alguma coisa de errado, minha mãe não falava tanto como ela falava, ela falava o dia todo, ela falava. Aí até quando... minha mãe se retava também aí começava a brigar com a gente... mas era mais ela, minha vó se preocupava mais com a gente/ todo mundo do que as própria mãe da gente.** [Sobre Gilson, novo companheiro de Neneca] Ah, no começo a gente não aceitava não, aí depois... quando ele veio/ ele pediu a minha vó <pequeno R>, pra namorar com minha mãe/ a gente começava a dar risada/ ele era muito brincalhão... aí a gente foi se apegando a ele, se apegando, aí... tá até hoje. [Ele é] legal, né? Ta fazendo ela feliz até agora. Não traz tristeza. Tá legal. (Lídia, 27/01/2000).

Outros casos de mobilidade espacial observada nesta nova geração foram o dos diversos netos de D. Cida que saíram diversas vezes da casa, indo, por algum tempo, morar com grupos de “amigos”, alguns tidos como “maconheiros” da redondeza, quando não conseguiam viver pacificamente, na casa de D. Cida, indo e voltando a depender do grau de conflito e brigas entre eles mesmos ou com resto de parentela. O mesmo tipo de movimento ocorreu com Leonildo, filho de Neneca, que mais de uma vez tentou alugar casinha própria com a mãe do seu filho Mário, garota pela qual estava muito apaixonado na época, e com a qual chegou a viver na casa de Neneca em 1996. Esta união com Michelle, entretanto, Neneca nunca aprovou, terminou fracassando. Depois Leonildo foi tentar a sorte no Rio, sem muito sucesso. Ele parece ser dos mais namoradores e instáveis entre os homens deste grupo familiar. Em 2003 já tinha seis filhos de mulheres diferentes e apenas Mário, que é doente, circulou pela casa de Neneca. Mário tem o mesmo problema de lábio leporino de Leovânia, filha caçula de Neneca, menina desnutrida, com problemas de fala e que aprendeu a falar e andar com quatro anos, quando em 1992 se iniciou o contato com esta casa.

Leandra e Lídia, filhas de Neneca, passavam meses ou temporadas morando nas casas dos “patrões” onde trabalhavam como domésticas, voltando para sua casa alguns finais de semana. Esta estratégia de viver na casa dos “patrões” era a mais desejada por Leandro, a filha do meio de Neneca e com menos “espaço e possibilidades”, dentro desta estrutura familiar, de ter seu próprio cantinho. Pelo seu temperamento é a que teve mais atritos com a mãe e sentia-se em paz quando valorizada ou protegida por alguma “patroa”, o que produzia ciúmes em Neneca. Depois da sua primeira gravidez com um jovem que saiu fugido do Nordeste e que recusou-se a registrar como sua filha; Leandro deixou de dormir nas casas onde trabalhava, pois Neneca não se dispunha a “criar” esta neta, exigindo de Leandro que cuidasse da filha às noites. Neneca e D. Cida insistiam em que filhas e netas cuidassem e criassem seus próprios filhos, exigência que não era cobrada dos filhos, sobrinhos ou netos homens - os quais tinham maior respaldo destas mulheres que assumiam os filhos destes com maior facilidade para que fossem trabalhar ou aceitando neles, ficar pela rua até tarde. No caso de Leandro, cada movimento de sair para trabalhar implicava toda uma pressão e negociação com a mãe e outras mulheres da casa (a mãe Neneca, irmã Lia, a tia Dina ou a avó D. Cida) para que “olhassem” por Paulinha na sua ausência, motivo pelo qual levava sua filha consigo para os pagodes que freqüentava e alimentava-a apenas a peito, para não ter trabalho, sendo recriminada pela sua irmã Lia.

**Leandra, como mãe? Eu acho que... ela nunca devia ser mãe. Ela maltrata muito essa menina dela.** Ela chega tarde da noite, de madrugada, com essa menina na mão... a menina tem nem um ano... Ela leva a menina pro pagode... bate na menina... só quer dar a mama à menina. A menina já come tudo... ela só quer dar a mama... Quando tem um dinheiro na mão não pensa em comprar as coisas primeiro pra menina... pensa primeiro pra ela... E é besteira que ela compra: bolacha recheada, jaca, geladinho, picolé... Como mãe eu acho que ela não... não é boa não, viu?... Ela não cuida da menina direito, ela só sabe mesmo dar banho na menina, arrumar e sair. Só isso que ela sabe... arrumar a menina e sair... mas negócio de/quando chega domingo de no/sexta-feira de noite, essa menina sofre na mão de Leandro... pra/a menina tem que dormir a hora que ela quiser, pra ela poder sair... e pra menina dormir ela tem que bater... a menina, dia de domingo, fica aí o dia todo... a menina/ela não faz um/um suco pra dar à menina... Fica só a menina no peito, no peito, no peito... tem vez que eu subo, trago ela pr'aqui, dou/ bato um prato de comida, dou a ela, ela come todinho, todinho... e Leandro não faz isso. Ela diz que é preguiça... Eu acho que ela não... e a avó da menina [de lado de pai] já pediu [para criar], se ela quisesse ver a menina que ela ia ver a menina, qualquer hora, ela trabalhando, né? [Eu, no lugar dela] Deixava... com a mãe do pai... a mãe do pai da menina... deixava lá... se ela quisesse pegar a menina. Acho que [Leandra] visita... ela sempre fala de D. Bernadete... **Só o pai da menina que ela não vê, né?, que não mora aqui... Foi embora ele. Foi... não quis não, nem disse/ e disse até que não era filho dele... dele...** e a menina... saiu a cara dele. Ele foi embora aí pra uma ilha que os cara queria pegar ele... por causa de dívida... que ele também usa droga... essas coisa... aí foi comprando, num pagou eu acho... Todo mundo conhece. Minha mãe avisou ela: ‘Leandra, não se envolve com esse rapaz, que esse rapaz... usa tóxico, usa isso, usa aquilo...’ Ela: ‘Ah... que não sei o quê...’ Aí ela: ‘Só porque a senhora tá falando demais eu vou engravidar’. Assim mesmo! Engravidou mesmo! **Aquilo ali... nem como filha nem como mãe ela é boa não.** (Lia, 8/02/1999).

Os deslocamentos espaciais dos filhos de Dina foram bem distintos aos dos casos relatados acima, eles seguiram outros critérios e preocupações. Os dois filhos mais velhos de Dina deixaram sua casa durante temporadas mais difíceis, em que havia menos dinheiro para sustentar todas as bocas e por desejo e decisão de respectivos pais. Dina e Doca decidiram protegê-los e ajudar na formação do seu caráter, afastando-os de más companhias (proximidade da droga, no caso do menino) e namoros tidos como nada convenientes no caso de Rejane (pois seu primeiro namoro foi com rapaz que era “comprometido” e não a levava a sério). Rejane foi enviada a morar com sua madrinha, na Amaralina, e José Carlos (apelidado Juruna) com seus avós paternos. Este afastamento se deu também como precaução deste subgrupo familiar contra certas ameaças dos sobrinhos que D. Cida criou, que devido aos atritos e enfrentamentos constantes com Dina e Doca, teriam ameaçado vingar-se em seus filhos.

### ***Principais transformações espaciais no surgimento de novas casas***

Porém o movimento não é exclusivo das pessoas, também é do ambiente físico que os acolhe. As mudanças impressas na casa deste grupo familiar chamaram especialmente minha atenção. Este processo de reforma constante e renovação das casas é uma característica que marca invasões populares como esta. Durante os anos de pesquisa que circulei pelo bairro percebia-se a toda hora essa tendência. Sempre havia uma ou mais casas nas distintas ruelas do bairro que estavam a modificar o visual externo (e interno) dos seus lares. Seja pela derrubada de divisões, criando novas, mudando portas, entradas, cores de paredes ou construindo sobre lajes. A construção para cima, nas lajes, é o movimento mais visível devido à densidade populacional, que favorece a verticalização do bairro pela falta do espaço – na perspectiva horizontal – que já se encontra quase totalmente ocupado (ver imagens do bairro no Anexo B). Todo este movimento estrutural imprime a cada momento uma nova e flutuante identidade nas casas. Ao se observar as mudanças, na ampliação e/ou divisão do espaço original, está a se observar e acompanhar, ao mesmo tempo, o processo de desenvolvimento dos diversos ciclos vitais pelos quais passam cada grupo familiar, isto é, suas trajetórias.

Esta mobilidade dava-me a sensação de que a estrutura das casas, o espaço, em si mesmo, tivesse vida e movimento próprios, independentemente dos corpos que o habitam, até que fui percebendo a intrínseca relação de um com o outro, de como a casa expressava e manifestava as mudanças dos seus moradores. Era como se este movimento me informasse sobre o incômodo pairando no ar com tudo aquilo que permanece parado, como se a permanência intacta das casas fosse sinal de fracasso, anormalidade ou doença da qual seus moradores buscam escapar, em constante ensejo de destaque e diferenciação da vizinhança, de outros mais pobres, de moradores em novas invasões, estigmatizadas como pessoas mais carentes que os mais estabelecidos, dos marginalizados ou excluídos como mães solteiras ou abandonadas (como são definidos muitos dos arranjos matrifocais, ou lares chefiados por mulheres). Entre eles essas diferenciações e hierarquizações na estrutura do bairro, sutis ou inexistentes a um observador pouco sensível, são quase idênticas às descritas em Elias e Scotson (2000) na sua etnografia sobre bairro operário inglês no pós-guerra.

Sempre que possível, se torna imprescindível um contínuo investimento na manutenção deste prezado patrimônio que é a casa, já que devido à baixa qualidade dos materiais, desníveis de terrenos e falta do devido controle na aplicação de regras corretas de construção, sabe-se que a ação das chuvas, o calor excessivo e o tempo são suficientes para roer as estruturas, paredes e telhados do lugar de moradia, sem devida manutenção. Foi esse o caso deste grupo familiar, quando por volta de 1993, parte do teto da casa de D. Cida caiu. Veja-se o depoimento de Dina apontando essa deterioração da casa e o processo de *re-construção* dessa casa.

Conto. Começando de lá de baixo, né? É... Eu morava num quartinho, né, como eu acabei de falar, num quartinho dois por dois, apertadíssimo, com quatro filho, né. Doca quando ia lá que queria... não tinha como, né. Mesmo assim insistia, viu. Era brigando, insistia. [Ele] É! Gostava nada, era que nem cachorro no cio. <R> Aí eu peguei chamei Neneca, mãinha. Neneca é Aparecida José [como a mãe]. **Chamei elas e Merina também pra reunir e a gente bater laje, que a casa tava preste a cair, quando chovia parecia uma piscina...** Mas ninguém quis, todo mundo. Merina também não quis não. É assim, é boazinha e tudo, mas também... é ruimzinha. Tem um lado dela. Aí eu fiz assim: 'Ah, cês não querem fazer não, né, então eu vou fazer'. Mãinha disse: 'que nada! Você é maluca! Fazer nada disso, **vai querer quebrar a parede aí, vai cai a casa mais ainda! Deixe como está!**' Eu disse: 'não'. Mas aí eu insisti. Fui, dei o dinheiro que eu recebi na obra. Eu tinha feito uma empreitada aí de/de rejuntamento de/de azulejo de banheiro. Aí eu peguei um dinheiro, aí comprei um saco de cimento, uma vara de ferro, três latas de brita e três de areia. Eu mermo cavei o buraco, comecei a fazer os toco, né, eu sabia lá fazer!. Na casa de mãinha, lá embaixo. É. É, no qua/ mas era isso, era... **Eu cavei o buraco porque, quem descia pra o meu quarto tinha que ser/ um metro de/ de/ pra descer, né? Porque a casa de mãinha foi aterrando, aterrando, aterrando, mas o quarto onde eu morava não, né. Não dava pra aterrar. Tanto que quando chovia, enchia de água, tinha que tirar de balde que enchia muito, né. E pra entulhar a casa de mãinha eu tive que pedir na obra, o rapaz pra trazer dois**

**caminhão de/ de barro, pra entulhar a casa – que a casa era baixa demais!** E se o vizinho, né, comia alguma coisa, jogava pro outro lado de cá. Porque era mermo que um chiqueirozinho. Aí eu peguei, cortei as paredes, fui fazendo, depois não agüentei mais, chamei o vizinho, porque lá em casa/ aqui em casa com tanto homem, tanta gente e ninguém me ajudava. Aí o vizinho que mora aí do lado, Alfredo, aí veio, me ajudou à cavar uns três buracos... Eu disse: **‘não, cê cavando, o resto eu faço’.** Porque o ruim era cavar, né, pra mim que era mulher é difícil. Aí eu peguei enchi os toco todo, e mermo assim, **máinha brigando: ‘Não! Deixe como está! Não quero negócio de buniteza, não! Já tô no fim da vida; deixe como está!’.** Aí eu disse: **‘não’.** Tá bom. Quieta eu tava, e **aquele negócio me enraivando, esse povo nem me ajudava e nem deixava eu fazer sozinha...** Aí, parou uns tempo, durante quinze dias. Aí vai eu pra obra de novo, que a obra tinha parado/ que já fui pra outra, ali perto do/do Imbuí. Aí foi que eu recebi um dinheirinho... Bom mesmo. Aí comprei o material. Aí ficou faltando, que eu já tinha enchido já os pilares todos, só faltou as correntes em cima. Aí disse: **‘Pô, quem vai me ajudar?’.** Peguei e fui pedir a dona Mári. Ela me deu um cheque de cem reais. Eu comprei o resto do cimento, né, e seu Orlando ainda, dessa vez ainda não chegou. Aí comprei oito sacos de cimento, comprei areia, comprei brita... E os ferro que tava faltando, porque os outros eu pedi os pessoal na rua, né, se eles tinha um pedaço de ferro em casa. **Muitos vizinhos aqui me ajudaram.** (Dina, 27/07/1999).

Neste grupo familiar as sucessivas transformações da casa foram imprimindo um novo aspecto ao conjunto que o afastou consideravelmente do padrão popular convencional de construção, indicando uma mudança de valores e expectativas, no caso de Dina ao menos, com aspiração de ascensão social bem próximos aos das classes médias. A mudança de valores também ocorreu no campo religioso, que se transitou de uma inicial simpatia com o mundo do candomblé em Neneca, e com o espiritismo e cristianismo em D. Cida, para nova religião pentecostal, mãe e filha passaram a freqüentar e fazer parte da Igreja Universal do Reino de Deus nos últimos anos de vida de D. Cida, contribuindo religiosamente com parte de suas mirradas pensões.

Em 1992, o grupo de D. Cida ainda operava como uma grande família extensa. Todos comiam da sua panela e Neneca já se dizia proprietária do quartinho da frente, mas não tinha os recursos suficientes para operar como núcleo independente.

[...]E no dia que ele morreu mermo, antes dele morrer ele primeiramente conversou comigo, disse a mim um monte de coisa. Disse que ia fazer uma viaje e que nessa viaje ele ia mandar uma surpresa de lá pra cá pra mim. **Eu ficava pensando que, que ele tinha uns terreno lá ni... tinha não, tem um terreno lá em Mar Grande, eu pensava que ele ia lá vender e ia me dar minha parte né? Mas, ele me deu isso aqui pr’eu morar, que aqui era um, um bar.** (Neneca, 21/01 1991).

A casa nessa época, toda construída no térreo, teve seus espaços internos bastante modificados até a configuração atual da mesma. A casa matriarcal ocupada inicialmente por D. Cida, seus netos (seis filhos de Lena após seu assassinato, um filho de Merina e um bisneto) e o grupo familiar de Dina até ela se mudar à laje, sofreu grandes reformas. O corredor externo de passagem entre duas ruas foi incorporado à casa, ampliando os espaços internos e, mediante a laje

construída, potencializando o crescimento para cima. O corredor frente aos dois quartos do meio na atual casa de D. Cida, pela derrubada da parede frontal de um deles, transformou-se em pequena sala em “L” (sala e ante-sala de jantar e TV, que viram quartos à noite). A fossa séptica improvisada como banheiro no fundo do terreno (um buraco de terra com borda de cimento na superfície e sem paredes), após o quarto de Dina e atualmente de Téo, foi transformado no final dos anos 90 em um banheiro com latrina, isolado por paredes e com conexões sanitárias para a rede de esgoto da cidade<sup>14</sup>. Dina está convencida de ter sido a responsável de todas as melhorias e mudanças na casa da sua mãe e ao menos da primeira etapa do seu próprio lar. Seus parentes e companheiro reconhecem o maior empenho e dedicação a este projeto por parte de Dina, mas seus relatos claramente apontam a importância do coletivo nesse processo. Todo ato de construção é sempre coletivo, ao envolver negociações matrimoniais e familiares, organização do território, utilização de recursos econômicos e humanos (incluindo a posse e distribuição do terreno, material de construção, trabalho, idéias, etc.). E os relatos de Dina o ilustram bem, ao indicar a importância do mecanismo de mutirão ao qual recorreu diversas vezes, colocando feijão, cerveja, pipocas ou agrados para todos aqueles que estivessem dispostos a participar da sua festa e ajudá-la. Seu maior ressentimento foi para com os seus parentes, de quem ela esperava maior apoio e colaboração. Ver principais transformações no térreo desta configuração de casas na Figura 20 e comparar com Figura 19 próxima à planta original da casa. A que conheci em 1992.

---

<sup>14</sup> O projeto “Bahia Azul”, iniciado no começo da década de 90, objetivou fazer melhorias sanitárias na cidade de Salvador mediante imensa reforma sanitária pela instalação de coletores e interceptores de esgotos nas regiões de vales da cidade – que eram anteriormente lançados ao mar. Nessa primeira etapa se consolida o sistema convencional de esgoto (baixo terra e com tubos de um metro ou mais de largura). O projeto sanitário de reformas é finalizado no final da década de 90, quando seus efeitos chegam às zonas periféricas da cidade, às favelas e bairros populares, que pelo tipo de construções, falta de espaço e dificuldades próprias dessas localidades são impossíveis aderirem mediante projeto de canalização convencional (tubos de mais de um metro à profundidade de seis metros abaixo da terra). Para estes casos foi adaptado um sistema superficial e condominial de esgotos, de teor comunitário e não individual, com tarifas reduzidas e tubos bem menores que são conectados ao sistema convencional. É quando ocorre o processo de adensamento de ligações sanitárias ou de adesão ao sistema de esgoto sanitário da cidade de forma massiva. Isso foi claramente perceptível neste bairro, e outros similares, com o aparecimento e multiplicação de latrinas e surgimento de paredes nos banheiros. Isto é finalmente logrado, quando depois de fracassados intentos anteriores, nesta nova etapa, se acionou grande equipe de trabalhadores sociais da Empresa Baiana de Águas e Saneamento (EMBASA) sensibilizando a população mais carente e foi imposto por lei a obrigatoriedade de adesão ao sistema de esgoto sanitário da cidade. Eram recorrentes no Nordeste de Amaralina as brigas entre vizinhos por este tema do esgoto. Tanto dos que não queriam aderir e continuavam fazendo seus banheiros com fossas sépticas com esgotos a céu aberto, produzindo infiltrações nos terrenos adjacentes, prejudicando com frequência os vizinhos mais próximos, pela exalação de odores desagradáveis; como daqueles que seguindo a lei, buscavam aderir, mas precisavam do consentimento do vizinho para que suas tubulações passassem pelo terreno do outro, pois, do contrário o vizinho desconforme poderia destruir seus investimentos nessa direção.

Na Figura 20 se pode observar já duas casas distintas e separadas. A de cor azul é a casa ocupada por Neneca e seu grande grupo familiar: sete filhos e novo companheiro de Neneca após sua viuvez em 1986, Gilson. Ele é pedreiro e com seu próprio trabalho ao longo dos 13 anos de convivência juntos, colaborou para fazer melhorias no quarto de Neneca e transformá-lo em casa, como o indicam as Figura 20 e 21 em azul, em dois pavimentos. O casal foi lentamente transformando esse espaço, dividindo-o em cozinha e sala inicialmente, construindo depois sobre a laje um outro quarto, quartinho e banheirinho, tudo em espaços muito exíguos e apertados de uns 3m X 4m.

Que quando eu cheguei assim, **isso aqui não era nada, isso era um quarto...** num quarto, todo mundo dormia... junto... **Dividimento, eu que dividi**, era um quarto. Era fundo, era uma/umas camas, só... Aí cheguei fiz isso aqui... Pronto, **e agora todo mundo dorme no seu quarto...** Isso! É. [E] Aqui tem um... até videocassete tem aqui... uma coisa que não tinha! Não tem muita [coisa]... não tem... E eu ti/tinha televisão hoje porque... foi minha mãe que deu... porque eles tem televisão, tem sofá bom... **tem videocassete, vídeo... eles não tinha isso... ela não compreende nada disso. Quer dizer, ela/ela podia botar a mão pro céu... e me apoiar... não ela me tratar mal...** quer dizer... eu posso sair hoje e eu num/eu como eu digo, eu num devo nada... nem/deve nada; eu posso sair... Livre. Que eu não devo nada a ela, nem ela a mim nada... Que eu do jeito que ela/que ela faz... **ta se vendo que foi por que/ era por causa da casa...** que cê mora treze ano com a pessoa... a pessoa não faz nada... tem/ só faz dar comida, como se fosse tudo... eu chego, venho... **comecei fazer... as coisa... hoje tá essa casa aí/ não é 'casa', mas é uma casa que... que antes era...** [...] Eu já sentei, eu já sentei sozinho aqui... pra pensar... o quê que aqui tem... pra eu ficar ligado aqui... Pra eu tá ligado aqui... **Porque eu tenho a casa de minha mãe... tenho a casa de meus parentes... e eu posso pegar e sair...** Graças a deus, tenho profissão, não ia ficar apertado por isso... Às vezes eu penso o quê que tem de eu ficar... ligado aqui. É... Eu tenho que descobrir, porque... (Gilson, 31/01/99).

Dina trabalhava em construção civil e, após a morte do pai e declínio progressivo do estado da casa da mãe, foi a mais empenhada em fazer melhorias e recuperar seu estado geral, conquistando com isso, o direito a um pedaço do terreno na laje da casa da mãe. Assim, por volta de 1994-1995, começou a surgir a independência deste novo grupo doméstico:

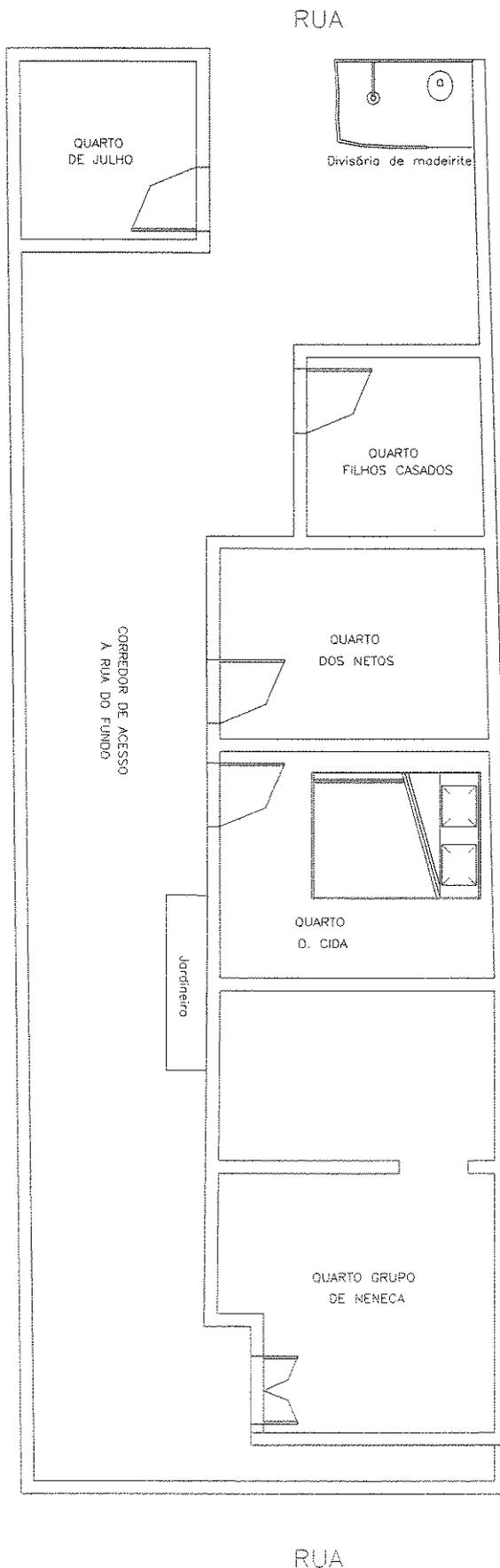
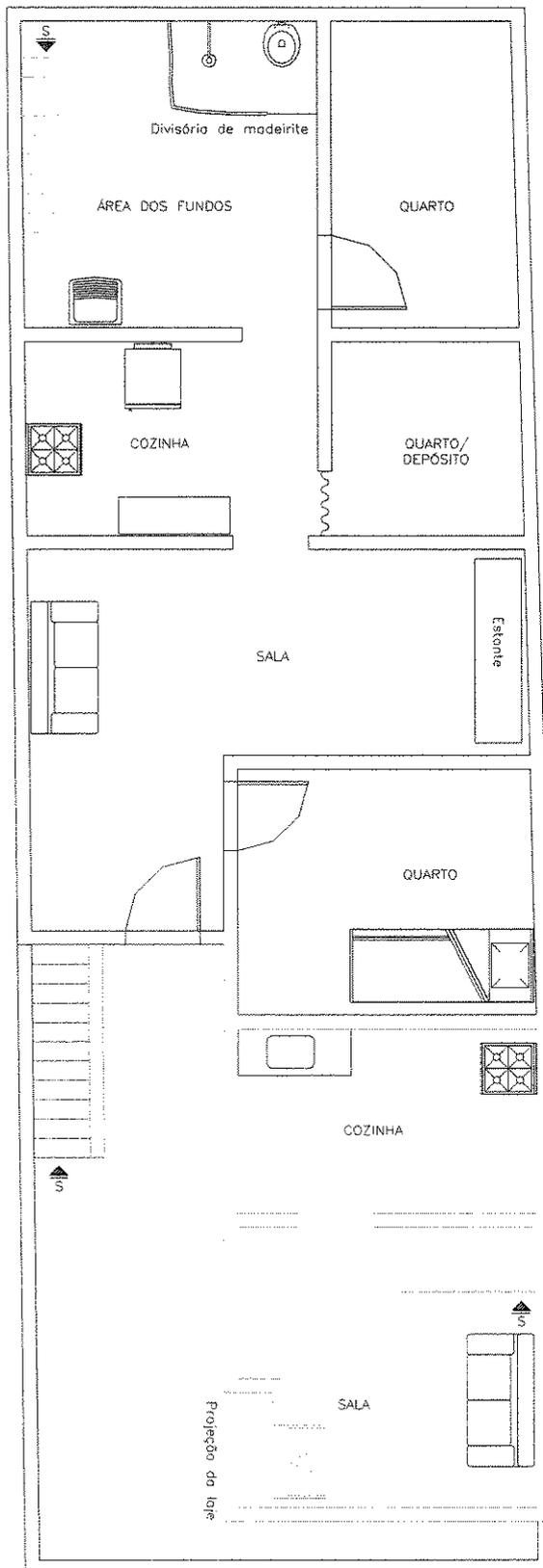
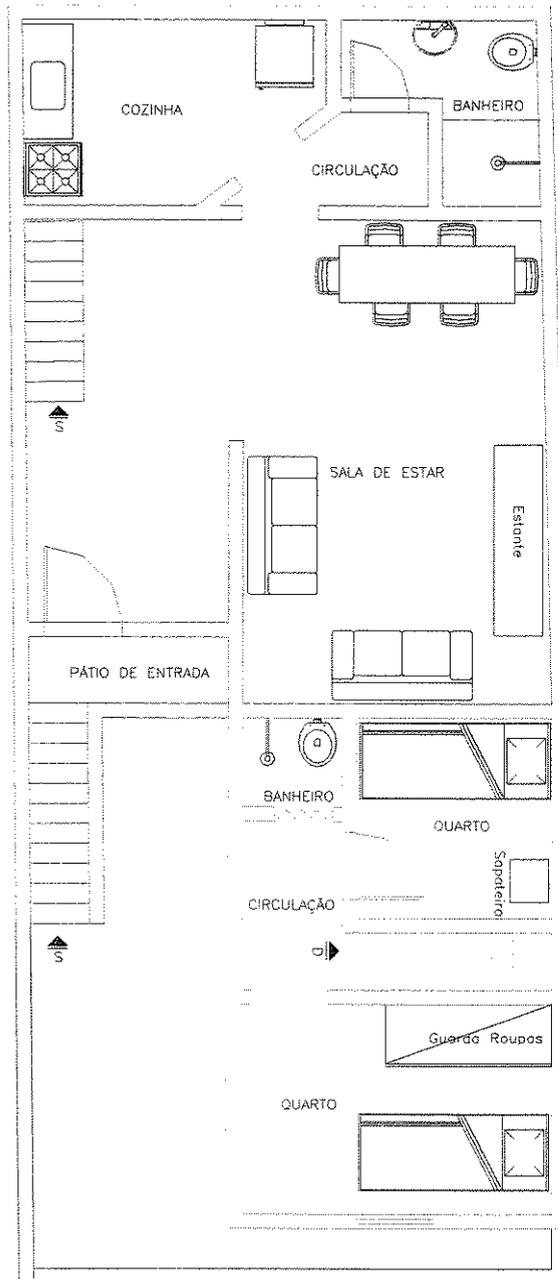


Figura 19 – Casa de D. Cida por volta de 1985.



CASA 1 – PROPRIETÁRIO: LUIZ / A  
 CASA 2 – PROPRIETÁRIO: DINÁ  
 CASA 3 – PROPRIETÁRIO: D. CIDA

Figura 20 – Térreo da casa de D. Cida a partir de 1996.

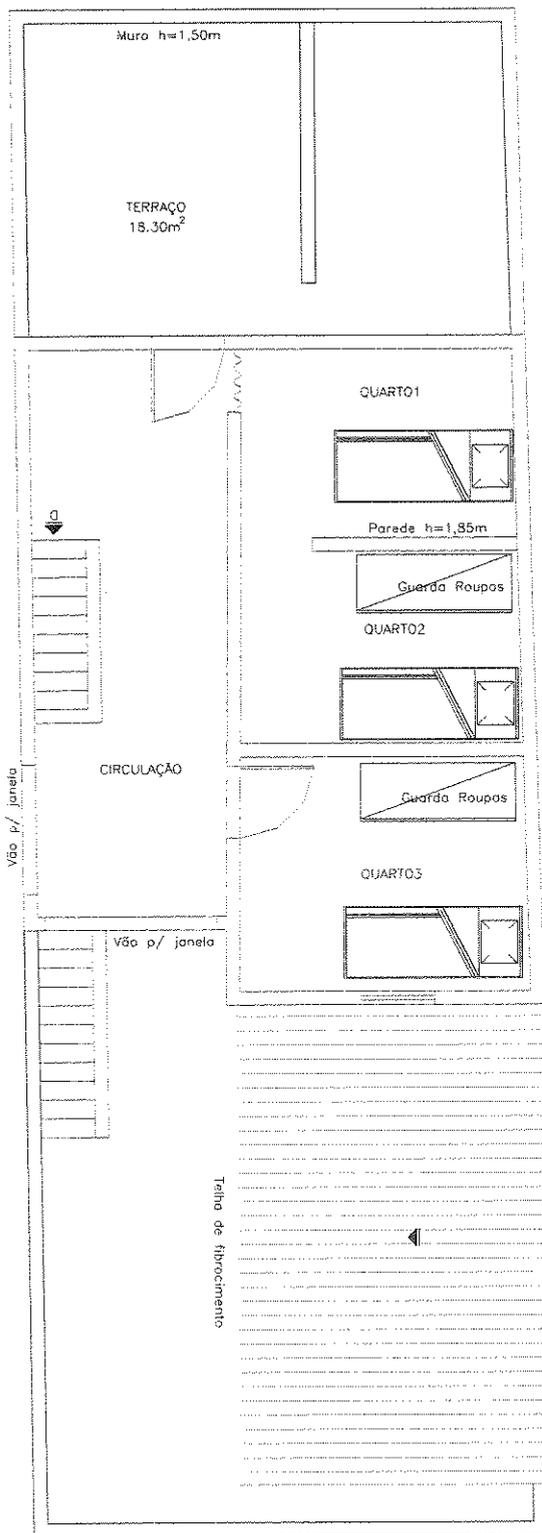


CASA 1 - PROPRIETÁRIO: MILEICA  
 CASA 2 - PROPRIETÁRIO: DIANA  
 CASA 3 - PROPRIETÁRIO: D. CIDA

1° ANDAR

RUA

Figura 21 – 1º andar da casa de D. Cida a partir de 1996.



CASA 1 -- PROPRIETÁRIO: LUIZ L. V.  
 CASA 2 -- PROPRIETÁRIO: JENIA  
 CASA 3 -- PROPRIETÁRIO: D. CIDA

2° ANDAR

RUA

Figura 22 – 2º andar da casa de D. Cida a partir de 1996.

Aí foi indo, foi indo, foi indo [as primeiras reformas para a casa não cair], depois, seu Orlando perguntou: 'Dina, o quê que tá precisando aí em sua casa, que eu posso lhe ajudar?'. Aí eu disse: 'Não precisa não, seu Orlando'. Aí... Comecei trabalhar com ele. Eu disse: 'não precisa não'. Ele disse assim: 'Ó, menina, você primeiro tem que fazer seu quarto, faça sua parte, deixe os outros pra cá'. Aqui em cima, ainda não, era lá embaixo, é, lá embaixo. Aqui foi agora, foi agora. Aí fiz as correntes assim. É, tem [uns] cinco anos, é. Aí, eu fiz assim, é então eu vou colocar só as correntes em cima. Ele disse assim: 'ó, então faz o seguinte, eu vou pegar um serviço bom, cê topa trabalhar comigo?'. Eu disse assim: 'Eu nunca trabalhei com esse negócio de verniz, com cera, negócio de lixar madeira'. Ele fez assim: 'menina, o trabalho é fácil. **Vai ser difícil pra você que é mulê, né**'. Eu disse: 'não, não tem importância não'. Peguei fui. A primeira vez que eu fui passei mal, fui parar no pronto socorro com o cheiro do (tiner). Eu falava, o cheiro subia, né. Aí o segundo dia também, o terceiro dia eu fiz assim: 'Ah não, eu vou continuar que eu vou conseguir'. Aí trabalhando com ele, ele recebeu um dinherinho, acho que quinhentos reais, cruzeiro, né. Reais ,né? Aí me deu cento e setenta reais. Foi, foi isso mesmo quinhentos reais, foi. Aí me deu cento e setenta, eu sei que eu comprei num instante, eu comprei o material, né. Ficou só a laje. E mãinha brigando: 'deixe como está, né'. As pessoas vinha me ajudar, ela ficava no meio do caminho, num queria sair, não queria botar o fogão pro lado de cá/ pro outro lado pra desocupar o lugar pra botar os bloco... Era uma consumição danada. **Neneça também era só sotaque, dizendo que eu tava fazendo aquilo ali com o dinheiro que os homens me davam na rua, que eu era prostituta, né. Foi um sofrimento.** Acontece... Aí eu peguei e conheci Paulinho, um rapaz que é do depósito, dono do depósito. Ele fez assim: 'Ó, menina, cê quer bater sua laje?'. Eu disse: 'quero'. 'Então você compra a prestação, você me paga quando você puder'. **Mas Doca sempre amarrando/ já tava trabalhando nessa época.** [Doca] Aqui?! Vinha, depois que eu conheci seu Orlando e as pessoa/ os vizinho aí que se aproximaram de mim, aí ele começou a vim, de dois em dois dias de três em três dia – mas ajudar em nada! **Não arriava a mão pra nada! Malmente dava um dinheiro pra comprar comida pros menino... parecendo que os menino era só porco, vivia só de comida. Não dava uma sandália, andava descalço, os meninos, não tinha roupa pra vestir...** Aí eu sei que eu comprei o bloco, ficou só a roncarina pra comprar... também, outro sufoco. Eu disse: 'é, já viu ninguém bater laje sem/ só de bloco? Nunca vi isso'. Aí só imprecando, né. 'Cuidado, que esse negócio de bloco eu não confio não!'. Mas como é que eu ia poder bater laje de cimento armado, se eu não tinha condições? Tinha que ser assim! Aí era brigando comigo, eu ficava danada. 'Vou largar tudo aí e vou me embora!'. Aí, no outro dia, eu ficava quieta, antes de trabalhar eu tinha que carregar areia e botar pra dentro de casa pra sair sete horas da manhã pra ir pra obra. Era um sufoco desgraçado <r>. **Aí eu peguei bati a laje de mãinha toda, né.** Ela dizendo: 'Se você bater essa laje aqui, daqui eu não saio'. Eu disse: 'mãinha, você tem que sair! Como é que vai bater laje com a senhora dentro do quarto?'. Ela dizia que não saia dali. Eu disse: 'É, mãinha, então eu vou botar esse plástico aqui... Mas a senhora tem que sair. Se bater um bloco na cabeça da senhora?!'. Ela dizia que não saia. Mãinha também é um pouquinho ruimzinha, viu. Sofri muito! **E se hoje eu tô passando pelo que eu tô passando agradeça ela que me fez assim, ouviu? Eu dizia a ela: 'mãinha, Doca não presta, eu quero largar Doca'. Ela dizia que não, que ela suportou de painho esse tempo todo, e que eu tinha que suportar também.** Que já viu mulher solteira, mulher e ficar com/ com filho pendurado, parando de um e outro?. **Eu disse: 'não, mãinha, vou largar não**'. [Aí] amanhecia com a cara inchada [de espancamento], pra ela [que] queria minha felicidade... né? **Mas antes apanhar do marido do que apanhar dos outro da rua...** E aí eu ia levando minha vida. Consegui bater a laje desse jeito mesmo com ela de baixo, pedindo a Deus que não caísse uma massa na cabeça de mãinha. **Bateu a laje e disse [a] mãinha: 'Não pode dormir aqui no quarto hoje' – [e] ela dormiu no quarto! Quer dizer, Deus abençoa, né?** [pela teimosia da mãe]. **Bati laje em toda a casa dela – deixa eu vê... as duas sala, cozinha, dois quartos, né. Uns cinco vão, todo.** Menos no meu quarto que eu dormia, e nem no quarto de Júlio que era meu irmão, né. Não, o de Júlio é onde era o banheiro. Cê sabe onde é lá embaixo, né? É, ali que era o quarto de Júlio. Que os menino fazia a maior bagunça. Coitado de mim e dele, né. Não! É porque a gente sofria... muito, né. Ele já morreu, descansou, mas eu continuo sofrendo até hoje. Não sei nem... Ah, tô indo pra cima com dificuldade. **Quando eu penso que eu dou um pulo pra cima, neguinho vai e me puxa, eu desço de novo, aí vou começar de novo, aí dou, pulo um degrau, aí daqui a pouco quando vou subir outro, aí pum, descer. Tá um sufoco danado.** Aí eu peguei e disse, pra mãinha: 'aí, mãinha, a casa tá boa aí'. Aí ela disse assim: 'ah, então venha pra cá, né, cê já não fez sua casa aqui, quer passar a dona da casa, então venha pro lado de cá'. Era um sofrimento danado. Que eu já tinha batido laje na casa dela. **Ela disse que eu queria passar a [ser] dona da casa dela. Eu disse: 'não minha mãe**'. Dona, passar dona na casa dela. Porque eu não bati a laje na casa dela?! Então ela queria que eu ficasse... **Não, ela queria que/ achava que eu queria mandar na casa dela.** Então, é. Aí eu fiquei lá no quartinho. Aí Doca: 'Aí, você fazendo o bom pros outros e você morando aqui dentro desse chiqueiro! Por isso que eu não venho

aqui! Esse mau cheiro danado! Os menino vai no banheiro, defeca aí, larga aí tudo aí à toa. Por isso que eu não venho'. Então, eu achava aquilo que ele tava falando certo, mas não era nada disso, ele queria sair de mim mesmo. Doca. Aí quando choveu, teve um dia que choveu pra caramba, trovoada e em cima do telhado, lá do meu quartinho, endireitando as coisa, botando plástico. E eles tudo cá no bem bom, né. Não ouvia nem a chuva cair, porque laje, nem escutava. E eu lá no fundo. Os menino dormindo junto com os piolho de cobra. Sim. Né, aí eu tinha que levantar pra/ ficava com o olho aberto porque os rato também entrava né, se deixava eles fazia a festa, era rato, era barata, era tudo, uma bagunça danada. Aí vai eu... enfrentar a minha vida. Aí mãinha se sentiu tão humilhada com aquilo, né. Sei lá, não sei se foi humilhação dela ou se ela doeu mermo o coração, né, ela sentiu, que os vizinho entrava e amostrava, ó a casa como é que ta bonitinha! E meu quarto lá no fundo. Aí **ela pegou quando cheguei do trabalho, ela pegou e falou comigo: 'ó, bate sua casa em cima da laje aí'. Em cima da tua laje, depois de ajudar? Aqui é minha. Embaixo: a laje de mãinha.** Aí eu cheguei assim: 'Ó, mãinha, não quer falar com Neneca? Se Neneca quiser subir... ela faz a casa dela lá em cima, e eu fico na frente, que na frente eu abro uma vendinha pra mim... e dá muito bem'. Era. É. [Falei de] Dar a laje pra Neneca, eu disse: 'Não, mãinha, porque ela tem mais filho, e a venda pra mim/ a casa da frente pra mim é melhor, que vai fazer uma/ botar uma venda e vai beneficiar todo mundo. Todo mundo vai/ vai ter uma ajudinha'. Aí eu peguei fui/ [E mãinha]: 'Fale com ela!'. Aí **peguei fui falar com Neneca. Neneca não quis! Disse que não, que eu era muito esperta. 'Você é muito esperta, não tem casa nenhuma pra dá a ninguém aqui não. Vá construir a sua lá em cima'**. Então ela achou o seguinte: que a laje era grande, e que eu não tinha condição de construir a casa, né? Eu também fiquei assim pensando: 'meu Deus do céu, eu vou subir, vou construir com quê, se eu não tenho quem me ajude?'. Mas só que foi engano. (Dina, 27/07/1999).

Desde aproximadamente 1995, quando Dina começa a construir sua casa (iniciando a construção com um quartinho, que hoje é parte da sua sala) e D. Cida a envelhecer, Neneca e Dina adquirem seus respectivos fogões e passam a ir alimentando seus próprios filhos, dividindo-se a grande família extensa, em três novos núcleos. De um grande grupo familiar em terreno comum, passou-se a vários núcleos, no mesmo terreno, onde quartos e espaços do que era uma única casa, foram sendo divididos e transformados em novos lares, os quais, com as sucessivas transformações e construções vão deixando poucos rastros daquela casa única e original. Posteriormente, por volta de 1997/98, D. Cida cede outra parte da sua laje para a neta primogênita, Lia, que, ao engravidar de parceiro provedor, André, teve as condições e recursos de levantar sua própria casa, atraindo para esta *casa* o braço de um homem trabalhador e de respeito, formando-se o quarto grupo doméstico ou *casa*, que marca nova etapa do curso vital familiar. Foi assim que se teve início o processo de construção de novas *casas*, cuja independência é sinalizada pelo aparecimento de fogões separados. Essa transformação espacial, dentro do mesmo espaço inicial da casa mãe matriarcal, no mesmo terreno, mas com casas agora bem diferentes, re-arrumando os grupos e pessoas a ocupá-las, aponta como se deu a importante transição familiar de um núcleo matriarcal extenso para o de vários novos núcleos familiares mais independentes, o que foi sendo resultado da decisão, ordens, desejos e vontade da matriarca, associado às possibilidades de independência da sua parentela e distintos jogos de forças de cada subgrupo.

Como Dina é ambiciosa, habilidosa, empreiteira e tinha relações no mundo da construção, rapidamente foi expandindo-se sobre grande área da laje da casa da mãe e adquirindo à força o direito à própria. Naquela época, Dina tinha uma barraca de quitutes na frente da porta de Neneca, próxima à venda onde no passado fora D. Cida e seu Diogo que vendiam para o bairro coisas similares, onde vendia cerveja, refrigerantes, doces, biscoitos, salgadinhos etc. Por isso, Dina tinha pretensões iniciais sobre o terreno onde ficava o quartinho de Neneca (a venda no passado). Frente à negativa da irmã de trocarem os respectivos terrenos, seu projeto de casa foi adotando nova configuração, indicando como todo projeto de vida das pessoas vai sendo produzido pela experiência em curso e não como resultado de um claro e definido projeto original que depois se coloca em ação. É a própria ação e curso da mesma, e distintas negociações que se faz no tempo, o que possibilita o surgimento de determinados projetos de vida e o que delinea seus contornos e direção. Não se pode nunca saber de antemão, nem exatamente, como se apresentarão as coisas no futuro, mas se não se o vai desenhando a partir de certas possibilidades e recursos conquistados no presente e a partir do passado (trajetórias de cada um), nunca se chegará às metas que expectativas e desejos de indivíduos projetam sobre seu futuro. O passado e futuro ficam interligados pelas ações que vão sendo adotadas em um suposto presente, que depois de acontecido, se torna imediatamente passado

**Aí fiz assim/ aí peguei fiz um quartinho, um vãozinho, não tinha telha, cubri com um plástico preto, né? Era a felicidade! Nesse dia eu/eu fiz até pipoca, fiz arroz doce, pra mim era um... pô, morar num quartinho desse aqui de... de três por/ três por dois. Aumentou né, que era dois por dois, aumentou. Oxente, os meninos dormindo tudo lá amontoado... Peguei subi, aí, antes de eu subi, cheguei pra ela e perguntei: 'Neneca, cê quer subi? Você sobe, eu fico aí em baixo'. 'Não!'. Eu disse: 'é, não vou ficar insistindo não, não vou insistir mesmo'. Teve uma hora que eu fiquei pensando assim: 'mas como eu [sou] besta, né? Fazer a casa e dar pros outro de mão beijada?... Peguei subi, vim morar aqui em cima, quando a chuva dava, o plástico subia! Eu tinha que puxar o plástico, porque não tinha telhado. Né? Um sofrimento danado... <r> Fui crescendo/assim, depois que eu fiz a casinha aqui em/ o quartinho... aqui em cima, Doca começou a chegar, né? Chegando de/ de beirinha. Pra todo efeito foi ele que construiu. Mas só que não foi ele que construiu nada, quem construiu fui eu! Num tinha escada pra subir não, era escada de [obra]/ de madeira! Cê vê, né, subir com os menino... pequeno, porque a casa não tinha escada... Aí eu peguei fui trabalhar, disse assim: 'vou trabalhar no ponto de fazer essa escada aqui'. No ponto pra fazer escada!... Aí eu peguei trabalhei - também nesses dias não comprei nada! Disse assim: 'Ói, vai comer pouco...'. Comprei umas/ umas <r> Comprei umas tripas de galinha, né, na/ na/ no abatedor vende, né, tripa de galinha. Aí com o pauzinho a gente enfia, né, <r> E fica que nem torresmo/ com arroz fica gostoso né, douradinho. Aí passou durante quinze dias comendo assim, carcaça de galinha também, né, asa, percoço, né, o miúdo da galinha. Só não a cabeça! <r> Aí foi indo, foi indo, foi indo, depois comprei soja também. Eu disse: 'É, não, tem que comer assim porque eu quero fazer essa escada. Como é que vai ficar subindo desse jeito em escada de pau, em tempo de cair?!'. Aí eu peguei falei com o rapaz, perguntei quantos sacos de cimento dava pra fazer a escada, ele disse que cinco sacos de cimento dava. Comprei o ferro, né/ e mãinha brigando! Aí pronto, ela [brigava] Porque eu acho assim: que ela não gosta de/ Não/ ela gosta e quer me ver com a sandália rastando, mas se eu botar um sapato – não quer, porque/ Não sei por que! Não é só ela, como todo mundo, né, de minha família. Se ver eu com o sapato quebrado, pra ela é a maravilha, 'Dina é**

a boa, minha filha é maravilhosa', mas se eu comprar o sapato, e perguntar: 'quanto foi? Cê gasta dinheiro em besteira, em comprar sapato caro'. Só comparação. Aí eu fiz assim: 'Ói, sabe de uma?! Já to acostumada a isso mesmo, e vou fazer essa escada'. Fiz a escada, não era pra ninguém subir nesse dia na escada. Bateu a escada era umas uma hora da tarde, quer dizer, que até no outro dia não podia ninguém subir. Uma hora da tarde terminei de bater a laje/ a escada, quando foi sete hora da noite, Téo tava subindo na laje. Né? Por cima da escada, a escada mole, né? Ainda bem/ Graças a Deus que já tava mais... secou... rápido o cimento. [Foi] Assim, pra cima da laje, pra fumar droga, aqui em cima da laje, né? Quer dizer, que ele tava fazendo já de *foice*, né?. Foi o que/ mais eu quis... **construir a casa [o] mais rápido possível. Mesmo assim foi devagarinho, quer dizer, menos de um ano a casa já tava pronta, né? Mas pra mim parecia que foi uma eternidade. Foi! Eu sozinha, sozinha mesmo! Sozinha mesmo!** Não foi de dizer assim que tinha ninguém pra dizer assim 'tome um saco de cimento', não. Seu Orlando me ajudou muito, muito mesmo, isso aí eu não posso negar. Seu Orlando é a pessoa que arranjou trabalho pra mim, uma pessoa como meu pai, né? Quer dizer, eu vejo nele o pai que eu perdi, né? Me ajudou muito, em cimento, em areia mesmo. **E outras pessoas/ outros vizinhos aí daqui da rua mesmo que eu pedia, o pessoal pegava e me ajudava, né? E eu sozinha ficava até quatro hora, cinco hora da manhã/ às vezes via até o dia clarear, enchendo as correntes/ sozinha! né? E Doca dormindo... bêbado! Sozinha!** (Dina, 27/07/1999).

Dina continuou a erguer e aumentar o seu invejado patrimônio. Fez, inicialmente, o segundo quarto no seu primeiro pavimento (hoje sala) e, à medida que erguia e derrubava paredes, foi dando-lhe a configuração atual. Todo esse primeiro pavimento de sua casa era inicialmente distribuído apenas pelo pequeno hall de entrada, onde estava o quadro que assustava Doca, um quarto, uma saleta, cozinha e banheiro. Na busca de maior privacidade, a área de cima na laje da sua casa, usada como um pátio e parte social da casa, foi invertida com os quartos de baixo. Em 1997 eu conheci esse espaço em construção no seu terceiro pavimento, onde ela recebeu o grupo focal do projeto de pesquisa sobre arrependimento da esterilização entre mulheres dessa comunidade, e ela sentia todo orgulho de mostrar a sua casa. Anos depois esse agradável e arejado espaço passou a ocupar dois quartos e uma varanda para frente da rua, perdendo luminosidade e ventilação. O pavimento de baixo foi transformado em uma ampla e agradável sala de três ambientes, cozinha e banheiros melhor definidos e montados. Ver a parte em vermelho da Figura 21 (e várias fotos da sua sala no Anexo G).

Recentemente, em 2003, os dois quartos iniciais no terceiro pavimento – e segundo de Dina – foram reduzidos dando lugar a um terceiro quarto (para separar os dois filhos homens da filha mulher que ficou em casa) e notamos uma abertura de parede perto da escada, para uma nova pequena área de pátio dos fundos que limita o terreno doado pela matriarca, em principio, à neta Lia, indicando, seguramente, novo movimento deste ambicioso casal de se expandir sobre essa parte do terreno, quando esta neta abandonou em 2002 sua casa.

Em pouco mais de quatro anos seu pequeno, asseado, cimentado e arejado quarto “de cima” foi transformado em uma pequena “mansão” quando comparada à casa de Neneca e à de D. Cida. A casa de Dina tem hoje duas salas e hall de entrada, cozinha e banheiro em um primeiro nível da sua casa (Figura 21, em vermelho) e três quartos, com pequeno pátio para trás e minúscula varanda para frente da casa em cima, no terceiro pavimento do terreno. Nesta nova configuração do terceiro pavimento, sua casa pareceu voltar a se aproximar ao modelo popular de construção de casas, com quartos à esquerda e o principal de frente à rua. Ver Figura 22, em vermelho.

Depois que eu fechei todinha [o quarto inicial da sua casa] aí não tinha como não pagar um pedreiro pra levantar as parede, que eu não sabia naquela época, né. Não sabia, foi que... eu peguei amizade com Greice, né, essa moça que chegou aí, nesse instante. Foi que ela disse assim: ‘Ó, Dina, eu tenho um cunhado que ele tá vindo pra cá pra Bahia... por esses dias. Você fala com ele que ele vai construir sua casa’. Eu disse: ‘Ó, Greice, mas eu não tenho dinheiro’. Ela fez assim: ‘Não, menina, cê acerta com ele, talvez, até pra você, ele nem cobre’. Eu disse: ‘Não. De Graça também eu não quero’. Foi que ele chegou, aí falou assim: ‘não, você é tão legal, o pessoal fala de você muito bem’. Foi que ele fez a casa. Quer dizer, se ele cobrasse quinze reais um dia de uma pessoa, pra mim ele cobrava sete e cinquenta. Sempre assim me ajudando, né. E, meio pro fim, não tive nem como agradecer a ele, né. [Pois ele morreu] Ele construiu a casa... num piscar de olho. Mas sempre assim, com implicância e com olho grande [dos outros]. Mas pra mim... né? caindo doente, me recuperando, trabalhando... foi que eu fiz... É, com Greice ficou a amizade. É, aí eu disse assim: ‘**Pô, pra quê uma casa grande dessa se eu não tenho móveis, não tenho nada pra botar dentro de casa?**’. **Porque os móveis que subiu... pro quartinho, foi os caixotes de tomate, né?** E as/ os/ os ripão e os madeirite... Que era a minha cama. Eu disse: ‘É, não tem mesa não, vou começar a enfeitar a casa, né? Qualquer jeito aí...’. **Peguei comecei a recortar papel de revista e colar na parede... dizendo que era quadro... A mesinha era uma lata de/ de tinta... das grandes, né? Com uma tábua quadrada em cima, forrava com uns pano de crochê – que eu fazia crochê/ faço crochê – e botava um jarrinho de lata de óleo... com areia e umas plantinhas dentro. Enfeitava a casa. Eu disse: ‘É, já tá com cara de casa. Já não tá mais com cara de <r> de quarto. Já tá com cara de casa’.** Não tinha banheiro aqui em cima ainda, aí tinha que descer... pra ir no banheiro lá embaixo. Às vezes neguinho fechava a porta, eu ficava batendo pra... fazer necessidade... Né? E aí foi indo. Minha vida. Com muita dificuldade/. Não tinha cozinha...ia cozinhando de/ de/ de fogareiro porque não tinha... fogão, né? Depois eu fui no lixo, achei um fogão de quatro bocas – só funcionava só duas. Né? Mãinha me emprestou o bujão dela – brigando, mas emprestou. Aí eu comecei a cozinhar aqui em cima. Não tinha panela, aí os vizinhos me arranjaram uma panela – **oxente, eu tava feliz da vida! Que eu já tinha já... quem não começou/ quem começou de nada, né?, pra quem tem hoje... Aí foi indo. Né? Hoje já tem! É, hoje! Não, antes não podia trazer amigo nenhum na minha casa, que pergunta: ‘cê mora aonde?’**, eu disse: ‘morava ali’ – ‘não posso ir lá não?’ – ‘não, não, outro dia você vai...’. **Porque eu tinha vergonha! Já pensou?! Tinha vergonha - hoje não! Hoje eu tenho prazer em encontrar qualquer pessoa na rua e dizer: ‘vá lá em casa’.** Nunca pensei em ter..., uma geladeira - já ta começando, né?, por aí, pra não dizer o resto das coisas, né? Uma geladeira/ eu já tive/ duas geladeiras, como uma eu dei a mãinha, que mãinha não tinha, aí fiquei sem nada. Depois consegui comprar – que os meninos quebraram a dela – comprei uma de segunda mão, dei a ela de novo – fiquei sem geladeira. Agora tem uma lá em baixo que era minha que eu dei pra ela, né? Que pra mãinha eu faço tudo. E comprei uma – de segunda mão. Cem reais... comprei. Hoje eu tenho geladeira, já tenho mesa, tenho sofá... (Dina, 27/07/1999).

Para contrastar esta versão de Dina, é interessante analisar um relato similar desta transformação da casa feita por Doca, que indica como cada sujeito, desde sua posição e visão da situação vivenciada, oculta, evidencia ou dá relevância e coloração distinta no seu relato a um mesmo

conjunto de acontecimentos que todos compartilhem, transformando sua versão, ligeira ou totalmente diferente à contada pela outra personagem envolvida no processo em questão. Este tipo de contraste permite melhor visualizar a riqueza do emprego de um método hermenêutico de interpretação de narrativas utilizado nesta tese na reconstrução das distintas trajetórias de vida, a partir do alinhamento e confrontação das diversas narrativas dos distintos informantes em cada grupo familiar.

[É] bom, [tô] me sentindo bem. <r> É, tem que gostar porque... a gente, pô, a gente sofreu muito, a gente lutou muito pra chegar numa bobaginha [sic] dessa que a gente chegou. Entendeu? Quer dizer, bobaginha [sic] porque... **muitos aí quer ter e não tem, né? Um teto pra botar... a cabeça embaixo. Apesar de ser aqui... que é na propriedade da mãe dela, mas ela tem direito, né?** Que a gente... veja bem. Quando eu comecei a trabalhar nessa... oficina que eu trabalho – na São Paulo Pára-choques... **então... a gente morava num quartinho lá embaixo, pequenininho, apertadinho. Pequeno mesmo! Eu, ela e os meninos.** E D. Cida tinha uma casinha baixinha assim que quando chovia ninguém conseguia dormir. Nem de uma parte nem de outra porque... vazava tudo, entendeu? Então aí, Dina trabalhando, eu comecei a trabalhar nessa empresa - já tava com um ano lá. Aí fiz um acordo. Não, dois anos. Eu fiz acordo... e Dina trabalhando, né? **A gente aí pegou o dinheiro, começou a comprar material e... metendo mão aí na casa de D. Cida - veja bem! E aí começamos.** Pepepê/ jogar pra frente aí... Gilson ajudando, trabalhando aí, **mas... tava sendo pago pra trabalhar...** Os netos dela – alguns – ajudando mas... dando uma gratificação a eles. Trabalhando/... Aí pronto, a gente circundou[?] a casa de D. Cida, deixou em ponto de laje... E aí/ não, na escavação! Gilson começou na escavação. Depois parou. Teve problema, pá/ com Neneca, briga, isso e aquilo... Aí pronto, os pedreiros metendo mão aí, deixou em ponto de laje, a gente aí: entrou a laje, mediu tudo, meteu a laje aí... **E sem ninguém querer ajudar!...** Aí tudo bem... Bateu a laje, aí D. Cida consentiu que a gente... ficasse/ montasse laje... Ninguém quis ajudar. **A gente aí fizemos um quartinho aqui** – a gente subia numa escada de madeira, de lá... de baixo pra cima. Uma escadinha largando os pedaço... Pronto. E aí... começou aí, pegou um pedreiro aí – rapaz que trabalha bem... pronto! Fez essa escada aí. [Aí] a gente começou a levantar as parede devagarzinho, devagarzinho e... começou a ter [má] sorte da/ da família aqui querendo pegar parte da laje, pegar daqui, pegar daquilo... A gente não deixou... Aí metemos logo mão na parte [toda dessa laje]/ fizemos a parte, ficou todo mundo... morando... A gente aqui, né?, e os meninos. Inclusive até... a Greice – uma colega da gente – veio duas sobrinhas dela do interior que não tinha onde ficar, ficou junto com a gente. Ficou aquele bololô danado, entendeu? Aí pronto, a gente fez uma parte, depois... fez outra parte da laje... Pronto, aí começou... Teve a revolta aí da família dela... da irmã, né? Sobrinha/ e da outra filha, aí voltando, foi até D. Cida contra ela, contra mim... Por causa disso... entendeu? E... Sim... Porque eles não achava/ que a gente não podia fazer/ mas a gente/ ela teve/eu não!/ ela, né? Tinha todo o direito porque... ela levantou a casa de D. Cida – fez tudo – que ninguém queria fazer... Entendeu? E a/ **D. Cida consentiu que a gente fizesse a nossa/ uma casinha aqui em cima... Aí fez. É. Porque. Né isso? Né isso?! Então [eles pensam assim:] ‘porque ele não podia – a gente – metê mão sem D. Cida ordenar’.** [Mas] **D. Cida deu a oportunidade, [da troca de terrenos?] falar pra ela que ela se virasse. Já deu o barracinho lá, já pronto. Só faltava a laje. Isso e aquilo... pra ela lá. E disse que aqui a gente podia fazer o que a gente quisesse aqui. Que ela tá morando debaixo de um teto agora e ‘eu agradeço, que é junto’...** Pronto, aí começou a fazer... Pronto, aí... Não [brigas com]... a filha dela não [Lia e André]... [A briga da denuncia policial] Foi [com] a Lídia/ não teve, briga não! Ela que ficou com uma esculhambação de xingamentos, entendeu? Que ficou... sem falar na mãe/ ficou de mal, desde quando... né? Voltou a falar [conosco] depois que D. Cida faleceu, né? A Neneca. Foi ! Com Dina Não falava não. E com os menino... Então, não podia negar, né? **Não podia negar a voz a ela. Porque só tem ela e Dina...** Ma/ Merina é irmã, mas não é de sangue não. D. Cida/ D. Cida criou Merina. Merina tinha mãe... e aí D. Cida/ Merina foi achada bebê, que D. Cida achou. Entendeu? Então, criou Merina... **Mas irmã mesma é elas duas. Merina? Não, ela vem passar pro dela aí... Fica aí embaixo aí... É, e ela tem filho aí também... O Robson. É, é. Tem a menina [Karem]... (‘e a casa de D. Cida agora vai ficar para os netos?’).** É... Vai ficar... pro/ pra eles mesmo. **Dina mesmo não vai querer nada... Deixa eles aí morando. É, o fu/ Aqui... o negócio às vezes tá indo bem/ eu gosto – entendeu? – eu gosto de paz!**

Entendeu? Mas às vezes dá revolta... Porque se eu pudesse eu tinha saído daqui... Porque viver com parente é o negócio mais chato que existe no mundo... No meio de parente, no meio de gente brigando – ôxe! Ninguém se entende, mas isso [das brigas] não/ nunca acaba não. (Doca, 23/01/2000).

Mas surgiu um quarto núcleo familiar: o da primeira neta de seu Diogo, Lia, a primogênita de Neneca, a quem D. Cida cedeu um pedacinho de laje da sua casa por volta de 1997. Esta parte da casa se localiza no final do terreno, acima do quarto onde se aloja Téo e o banheiro da casa de D.Cida.

[Sobre André] pra mim ele é uma pessoa boa, né? Não me incomoda... Não...a situação dela... Ela parece que ficou logo de barriga... que tava de barriga, ele trabalh/ ele trabalhando, morava na casa do pai dele... **então eu fiz a proposta a ele, disse a ele se ele quisesse... fazer um... um cantinho pra eles, que eu dava o terreno... que eu dava o quintal, ele batia a laje, fazia em cima.** Aí ele concordou, fez... foi caprichoso, fez a casa... e ela [Lia] mora lá... Saiu das costas da mãe, que era uma briga danada com a mãe, a mãe não... A mãe brigava muito com ela, brigava muito com ele... que nã... Porque morava tudo aí nesse/ nessa casa aí da frente... tudo aí, jogado aí... uma agonia aí... Por estar tudo junto. **Aí eu separei. É.** (D. Cida, 24/02/1999).

O casal construiu a escada de acesso à laje onde antes ficava o quartinho de Júlio. Lia, como sua mãe – e pela doação do terreno por parte da avó, numa clara estratégia familiar de expansão e melhoria da casa e de atrair um homem provedor para a rede de parentesco – conseguiu consolidar sua união e levar esse parceiro a assumir sua paternidade e nova família, formando um novo núcleo familiar independente dos anteriores. André, nessa época da gravidez, mostrava ambigüidade em ficar junto a Lia e já estava com uma nova namorada, que Lia despejou da sua vida, enfrentando-a de “barrigão” pronunciado, contava ele divertido, que também se queixava do “ciúme” doentio da sua parceira, mas que de modo ambivalente parecia reconhecer ter sido esse movimento da esposa e oferta de D. Cida algo que naquele momento o convenceu de ficar com ela. Mas se queixava do excesso de ciúme e dominação das mulheres nesta parentela.

Aqui, quanto mais a gente... tem tempo, mais a gente se/a gente/ cada um vai se separando... por que eles não se amam/ quer dizer, são tudo/com muito/ auto/ [André completa]: Autoritário! [Gilson retoma:] Muito autoritário! Quer mandar... [em] nos homem./ A maioria das mulher daqui. É... parece que [‘-é coisa de família?’] Sim. Quer mandar nos... Ói... Lia tá esses dias...[diz André:] Lia, ela tem/ eu não sei se é um problema que ela tem que diz... que diz/ dizem... ciúme doentio, entendeu? Mas... dizendo ciúme doentio, eu acho que esse negócio de ciúme... eu acho que isso aí já é um... uma doença, entendeu? Lia. Porra, Lia... meu deus do céu! Ela tem um ciúme horrível! Lia tem... ciúme de mim com minhas irmãs, tem um ciúme de mim com minhas primas... tem ciúme de mim com as irmãs delas... tem ciúme de minhas amigas, em relação a homem e mulher... entendeu? Que eu não gosto de muita agonia comigo... negócio de muita amizade, de muito... bafafã comigo – meu negócio é ‘oi-oi’... entendeu? É... ela tem ciúme se < > eu corto o cabelo/ Lia tem ciúme... Se... chegar um dia de sábado e eu chegar pra ela: ‘Ói, Lia... vu’mbora em tal lugar?’, ou dizer assim: ‘Ói, Lia, eu vou sair com os amigos, vou tomar umas duas, entendeu?’, ela aí cria problema... se eu passar do horário ela cria problema... entendeu? Lia tem ciúme! Ói, eu acho que/ a/ em relação à menina é ciúme também... Como é que ela/ ela/ ela abre a boca e diz que... que eu só ligo pra menina? [a filhinha de

dois anos] – isso aí pra mim é um ciúme, quer dizer... eu tenho que dar assistência à criança/ ela ta/ ela ta agindo, pra mim... dia-a-dia, entendeu? A criança veio ao mundo agora, negócio que você fica com mais... negócio mais delicado, né? E o adulto tem... suas horas necessárias pra... aquele clima gostoso <f>. Ciúma mesmo. Ela... e é o tipo da coisa, ela... num se chega às pessoas... Eu acho que é assim... Desde quando mulher/ desde quando a mulher se envolveu com... com homem – ou pra casar, ou pra noivar, ou até namorar... ou até que seja amigo, eu acho que a pessoa tem que procurar saber com quem chegar à família daquela pessoa, entendeu? Por mais que a família seja ruim... entendeu? Por mais que a família seja ruim a pessoa tem que demonstrar... o seu jeito de ser, né? Não importa os outros. E Lia, ela não se chega a minha família nem... acho que esse/ esse tempo que eu to com Lia – vou fazer oito anos – se Lia foi lá em casa umas sete vezes – na casa de meu pai – foi muito. Quer dizer, pra menina ir lá eu tenho que pegar e levar. **Quer dizer, meus pais fica reclamando, porque... a menina tá... a menina só vai lá em casa quando eu levo... quer dizer, minha tia fica pedindo pra eu deixar a menina lá, passar um dia lá, mas eu não posso... Se Lia não se dá com minha família?** Quer dizer, pra não deixar a menina lá e/ que eu trabalho... d'aqui a pouco Lia manda alguém pegar... nego não vai querer dar a menina ou, do contrário, ela vai dizer alguma coisa – que ela diz mesmo... entendeu? Ela abre a boca e diz mesmo, então... pra evitar as coisas, né? Ela aí... cria problema mesmo [Gilson retoma:] Esse aí é o problema de Neneca, também é assim. Eu não saio pra canto nenhum, eu fico só de/do trabalho pra dentro de casa. Como eu não tenho muito o que fazer/ como eu não vou bater baba... se ir/ meu irmão mora ali... se eu sair daqui pra casa do meu irmão... Neneca procura fazer o maior... o maior enxame [vexame]... Ali na casa de meu irmão. Aí ela diz: 'É, pode pegar sua roupa e ir pra casa do seu irmão...' que/ que/ que besteira... Como é que pode, rapaz? A pessoa não tem segurança de nada. Eu mesmo não tenho segurança de nada aqui... eu não sei nem... Pô, rapaz, eu na/ eu, sinceramente, eu não sei nem o que é o amor... eu sei o que é convivência, conviver com a pessoa, mas amor mesmo eu não sei... (André e Gilson, 31/01/99).

Sobre seu ingresso e permanência neste novo grupo de parentesco, André elaborou o seguinte relato, respondendo à pergunta feita a ele e Gilson, no intuito de melhor compreender a sua posição no grupo e visão dos acontecimentos por estes atores que se definiam como *outsider* com respeito a esta parentela, sobre o porquê da permanência deles nessa configuração de casas, se eram tantas as queixas (e conflitos por eles relatados com suas mulheres e respectiva parentela):

Pra mim/prá mim... não tem/num/num/num tem nada de mistério, entendeu?, não tem nada de mistério. Eu acho assim... Lia tá, fez uma filha minha, entendeu?... É. **D. Cida me cedeu esse pedaço aí... a gente fez esse/ esse barraquinho aí pra passar umas chuvas**, que isso aí... é pra passar uma chuva mesmo, **que se tivesse uma condição, não estaria morando [ali]... entendeu? É... mas é isso. Já estaria... com o meu mesmo...** entendeu? Já estaria com o meu. Mas não tem negócio de mistério, não. Porque se tiver de/de/de acontecer... se não/tiver de acontecer... não der certo/ agora, eu fico imaginando assim 'pô, vou sair daqui...', quer dizer... daria, né? Porque **me/ me/ meus parentes me apoiam, minha mãe... tenho mãe, tenho pai, entendeu?** Tenho irmão... todo mundo me apóia, ninguém me trata/ ninguém me trata mal [lá]... ninguém me trata mal, entendeu? Agora eu vou dizer: 'Pô, vou largar... Lia...' ou do contrário, eu vou ter que alugar... um quarto pra eu morar ou vou ter que voltar pra casa de meu pai, com essa idade, eu tenho 24 anos, vou ter que voltar pra casa de meu pai... entendeu? **Então... [prefiro] vou fazer uma/ uma tentativa dessa aí? É... [e é por isso que] só fica aqui.** Agora, se um dia eu ver que não dá... aí eu vou pra Jacarepaguá... não é? Meu pai é dali... entendeu? Não tem negócio de/de... Que nada! [...] Você vê as coisas que eu falo/ as coisa que eu falo/ tem tudo a ver com Gilson. Quer dizer... o jogo, entendeu?, é um jogo! Elas duas é um jogo. São filha e mãe – é um jogo, entendeu? [As duas, segundo eles, têm ciúmes doentios, e são muito dominadoras, por serem as donas da casa]. (André, 31/01/1999).

O jovem casal construiu uma sala/cozinha, brm iluminada e projetada, com grandes lajotas brancas no piso, paredes pintadas de branco, tornando o espaço um ambiente agradável, onde

costumavam subir D. Cida, Neneca e as irmãs de Lia para assistirem TV, e conversar com a nova mãe e dona de casa, que ficava impaciente com o desejo e imposição do marido dela não trabalhar fora de casa para poder tomar conta da filhinha Laísa. Mesmo assim, ela transgredia este mandato, e ia trabalhar, quando podia, escondido dele, que ficava chateado quando descobria. Outras vezes Lia fazia geladinhos e coisas para vender sem sair de casa para não perder sua prezada independência, pois, apesar do marido dar tudo o que ela pedia, dizia, “não tem nada como ter o que é seu”, seu próprio dinheirinho.

A nossa relação agora de família é melhor do que... a de namorado, como era antes/ brigava, ele era lá e eu cá... aí ele ia de/ saía de lá mesmo e eu daqui também me sa/saía/ Quando era no outro dia era briga direto... eu acho que agora tá melhor que a gente senta, conversa... e pronto... resolve. [A relação sexual é boa]: Eu acho que é. [Outro] filho? Não... agora não... Vixe!... nem sei... Acho que quando Laísa tiver uns cinco anos... pode ser... Mas agora... dois anos... [Sobre trabalho] Ele também não quer que eu trabalhe. Não sei. Não sei também o quê que ele pensa... sempre pergunto a ele, ele sempre me diz: pra quê trabalhar se ele tá trabalhando?, tá... num tá passando fome, num tá vivendo... **Antes, quando eu namorava, tudo bem, né?, com ele... ele trabalhava... ninguém mandava na vida de ninguém/ mas agora... ele diz que... bota tudo dentro de casa, num tá faltando nada, pra quê ir trabalhar?** A menina pequena... a menina ficando esperta agora... então [que] é melhor ficar dentro de casa. **Aí eu tô saindo, fazendo essas faxinas... ele nem sabe.** Não... Ele sabe... mas ele não sabe, não... que eu chego antes dele... só se alguém contar... Só quando eu apareço assim com dinheiro, né? Que... sexta-feira, mesmo... quinta-feira mesmo, eu fui e fiz a faxina... aí... a moça falou: 20 reais... ele... me perguntou de quem era o dinheiro que tava ali debaixo. Eu digo: ‘é meu! ... que eu fui fazer um negócio hoje pra moça’. **Aí ele ficou: ‘ah, a menina ficou com quem?’** **Aí eu: ‘eu levei a menina’.** **Ele pergunta logo: ‘Quem é? Quantas pessoas têm na casa?’.** **Aí eu: ‘É um casal...’** sempre/ mas sempre a mulher sai e deixa o marido dela lá, mas sempre o marido dela fica lá dentro do quarto... é... ele não sai não... nem me pede nada, me dá o transporte assim em cima da mesa e entra... Fala mais nada. **Mas eu queria trabalhar pra ter... um dinheirinho... sempre é bom!... Ele [André] me dá. Sempre ele me dá... quando eu peço... agora mesmo eu tô devendo... nota de roupa, sapato... ele pega e me dá... pra eu pagar. Mas é... muito bom a gente ter o que é nosso na mão... Roupa ele me dá/quando eu quero comprar uma coisa... ele me dá o dinheiro...** (Lia, 8/02/1999).

E sobre sua mulher Lia trabalhar, André argumentava:

Não... trabalhar fora, é claro, todo mundo tem que trabalhar, entendeu?... No lance do trabalho... foi o que eu falei pra ela!... Ela tava trabalhando no Nordeste, ela/já tava já gestante, entendeu? Aí veio teve a criança, eu disse: ‘É, Lia, já que cê já vai sair desse trabalho aí...’ – e fez tudo certo pra ela sair – ‘Cê vai sair... você dá um tempo dentro de casa, você vai ter a menina, entendeu?, vai dá um tempo dentro de casa, **porque você sabe como é... seu pessoal lá... entendeu? Quando/nego bota na cabeça pra querer espancar, pra querer fazer, querer acontecer, faz mesmo! Então cê dá um tempo dentro de casa... entendeu? Pra gente não tá chegando do trabalho, tá encontrando a menina... tomando porrada, do contrário... nego fazer, fazer o que faz, entendeu?’** A casa que é assim cheia, agonia, o pessoal faz mesmo! O pessoal/ ‘Cê dá um tempo dentro de casa aí que... o pouco que eu tô ganhando tá pra gente manter aqui a casa... dá pra gente botar as coisas dentro de casa e dá pra sobrar... alguma coisa’. É como de fato, entendeu? É como de fato dá! Ainda sobra... Mas não empato dela trabalhar, não... Eu acho que... sei lá!... De/ ela não deve/ ela/ sei lá, viu?! Negócio/ lance de trabalhar aí agora... Ela/ eu fiquei, imagine!... Esses cara aí... quer dizer, que são jovem aí... ela se envolvendo com certo tipo de coisa aí... a menina/... é mulher, entendeu? Lia vai sair, certo? mas ela [filhinha] fica aqui com Neneca, mas... sempre... tem aquele descuido, né?... aí a menina tá no meio da rua... como as três vezes aí, até Lia aí, na frente mesmo, passa bicicleta... às vezes cê... fala com a pessoa da bicicleta que... é pra... passar mais devagar, quer dizer... a pessoa vem a você, quer brigar com você, quer

fazer, quer acontecer... Tem essas coisas aí... Ô!! Quer dizer, ela vai dar um tempo dentro de casa... **mas se ela quiser trabalhar, e dizer que vai trabalhar eu não vou impedir, né? Que a galera... Eu disse a ela... se ela for trabalhar... ela assuma a responsabilidade do... do/ do fato do quê o que ela vai deixar a menina/ o quê acontecer... Entendeu? Porque meu medo é esse... porque meu medo é esse. É a menina, entendeu? Não fosse a menina...** (André, 31/01/1999).

O espaço do quartinho de Lia e André era pequeno, e quiseram negociar uma expansão para o lado da casa de Dina, solicitando-lhe que esta lhes cedesse parte da sua cozinha e/ou banheiro para completar a independência total da sua casa da de D. Cida, o que foi motivo de novos conflitos entre toda a parentela (ver Figura 21, em verde).

Frente à negativa de Dina, este casal projetou continuar construindo para cima o seu banheiro e cozinha e fez movimentos de abrir porta de entrada para a sua casinha independente da das outras casas, em parede dos fundos que dava acesso à rua de trás, provocando a briga com vizinhança da outra rua (relatada no capítulo anterior). Movimentos estes que coincidiram com o desencadeamento da morte de D. Cida, motivos pelos quais a obra de expansão foi interrompida e a propriedade do terreno desse terceiro pavimento ficando indefinida (ver Figura 22).

A ambição e rápida expansão sobre o terreno das casas por parte de Dina e Doca inicialmente provocaram desconforto geral, invejas, disputas e jogo de forças entre os distintos subgrupos desta rede de parentesco. A casa de Neneca no térreo ficou com uma área menor e uma família bem maior para ocupá-la que a de Dina com grupo familiar menor. A narrativa da neta Lia é clara evidência dos distintos interesses em jogo sobre esse espaço da casa, que me foi sendo relatado nas distintas versões e etapas do conflito.

É! Eu acho que é o *olho grosso*. Entre ela [Neneca] e Dina. Porque Dina mesmo quando discute fala: 'que vocês tudo tem que ficar debaixo do meu (teto)!, que não sei o quê...', sabe? Acho que é mais o olho grosso... Dina é mais... olho grosso... **Porque o certo era Dina ficar com a casa de cima... minha mãe com aquela que tá ali, e [e o espaço lá] pra meu quarto, vó com a do meio e Merina, a mãe de/ a outra filha de vovó, com a/a laje de cima. Dina não tem motivo de... Minha vó pediu a ela e ela não deixou... [Merina] fazer a casa dela.** (Lia, 8/02/1999).

As narrativas a seguir também apontam para um conjunto divergente de expectativas sobre o que seria uma possível nova configuração e uso legítimo do espaço segundo o desejo da matriarca, quando viva, ou dos grupos que se sentiam perdedores e que apontavam na direção de que, se Dina não se dispunha a ceder o banheiro e cozinha por ela construído com seus próprios recursos

para o grupo de Neneca (isto é, para ser incorporada pela casa da neta Lia), que ela deveria ao menos levar em conta a necessidade de considerar os interesses da outra irmã e mais amiga sua no passado recente, Merina, para vir a construir a própria casa no terceiro pavimento e laje de Dina, onde Dina estava já projetando a construção dos quartos da sua casa. No relato de Dina se detecta a postura divergente dessa posição de como deveria ser distribuído o espaço das casas de baixo. Esses relatos expressam as distintas posições ocupadas por cada membro nesta parentela (com distinta força e recursos, materiais e simbólicos, de impor a própria vontade) neste campo de luta familiar pela ocupação do espaço da casa matriarcal. Neneca também tinha interesse em disputar o espaço da casa da mãe, após sua morte, ela buscava agora a aliança de Dina e dizia que nem Merina, nem os netos filhos de Cristina, teriam direito a herdar a casa matriarcal, que devia ser dividido apenas pelas duas irmãs de sangue e filhas de seu Diogo, tentando excluir os netos filhos de Lena e Merina, dessa nova negociação. E que, se fosse o caso de Merina ter algum direito, pretendiam ela e Lia, que Merina viesse a construir para cima da laje de Dina. Esta, por sua vez, não querendo outorgar o direito a terceiros sobre sua respectiva laje, insinua que o direito à casa por parte de Merina e dos netos que já moram naquela casa é legítimo, porém restrito ao espaço de baixo, começando a desfazer-se da aliança pretendida inicialmente por Neneca e associando-se agora a este novo grupo, na direção que esta configuração foi adotando no ano de 2003. As narrativas a seguir ilustram bem as diferentes expectativas e conflitos que a distribuição e lutas pela ocupação do espaço foi produzindo e como a configuração das novas casas foi se re-definindo a partir destas negociações.

É! separando a entrada de um e do outro... De outro, né? ('-E Neneca... vai continuar construindo para a frente?') É, eu espero que sim, né? Dou a maior força a ela, né? Peço a Deus, né?, que assim como ele tá me ajudando, que ajude ela também, a todos nós, né? **Agora só vai/ não é só deus dizer assim: 'eu vou ajudar', ela tem que ter força! Porque se não tiver força, como é que pode?! Encoste a porta Rejane!... Tem... Né? Espero que deus dê força a ela... pra que ela consiga também... É. É, só nós três mesmo [Neneca, Lia e Dina que tem mais força]. **Aqui dentro de casa eles/ eles [os netos, filhos de Lena] só podem contar com nós três. Mais Lia, né? Mais Lia!** [do que Neneca] Mais Lia, Lia/ **a gente que ta... sustentando eles lá embaixo... né?** Porque eles não fazem nada mesmo, Tatiana mais William ta...[Sobre a divisão da casa] **Aí embaixo?** Eu não sei, lá embaixo... Não sei, né? Neneca tem a parte dela, Lia também tem a dela lá, né? **Aí vai ficar entre eles e Merina, lá embaixo. É... Agora engraçado... quando mãeinha era viva: nada disso, né? Nada disso acontecia. Ninguém [fazia] lavagem [de] uma casa pra ela, ninguém fazia uma comida... ela se acabava sozinha. Agora depois que morre todo mundo ta querendo tirar um pedacinho, né? É/ é, não tão o quê?! Tão querendo. Um quer ser mais do que o outro: 'a casa é minha', 'eu também tenho direito'. **Aí tão brigando, lá... (tão em) briga... Então tem briga. Ela também tá brigando aí [Neneca]... ('-e Lia também?') Também! Todos aí tão querendo... Um pedacinho. <r> Quem não tem direito (lá embaixo) sou eu, né? Eu/eu... Quem não quer sou eu, eu tô conformada é com o quê eu tenho. Né? Não to conformada muito porque não é aqui que eu quero viver não, viu? Eu quero melhor pra mim [sair do Nordeste]. Quero. É, mas aí... Não, mas... eu falo assim que não vou sair assim como eu tava querendo... sair******

assim [antes], porque eu queria sair, o quê?, pra... Eu [dizia que] saía e levava mãeinha comigo, nem que saísse arrastada, amarrava ela e saía arrastando... Mas aí agora, depois que ela morreu, não. Tem que ser devagar. Vou primeiro/ vou construir o meu ideal. Construir uma casa pra mim - não sei aonde, mas eu vou - pra depois eu sair. Aí quando eu sair. O terreno de Itapuã tá [continua] lá. Eu sem trabalho também, né?, tá ficando difícil. Se eu conseguisse alguém que comprasse isso aqui pra mim... Agora, hoje? [Quem vai querer?] Eu fui fazer uma faxina, tal, fui lavar uma roupa... De uma moça ali na Amaralina. Aí eu fico... Tô fazendo geladinho, né?, Pra comprar o pão - porque o pior da vida é o pão... Que é um real de manhã, um real de tarde...Né? Eu [vendo] Ah, uns... uns vinte, vinte e cinco [geladinhos], né? Por dia. É barato. Dois e cinquenta, três reais. Sai. Vem comprar! E Greice também, a minha amiga, tá levando pro trabalho dela, tá vendendo. Aí domingo ela traz. Hoje mesmo ela trouxe dois reais e sessenta. Né? Já é uma ajuda. Ela levou 26 geladinhos.Vendeu todos. Né? (-leva em geladeirinha?). Não, leva num saquinho amarrado. (Dina, 29/01/2000).

Eles brigam muito por causa de casa, né? Fica lá falando: ‘a casa é minha!’, outro diz: ‘a casa é de fulano, a casa é de beltrano, a casa é de sicrano!’. A casa não é de ninguém! A casa não/ não /não tem dono aí, o **dono daí é eu e Dina – somos as duas filhas do casal**. Não tem ninguém. **Porque Merina é filha de criação...**[...] [-Merina teria direito?] Teria. Ela teria... Porque ela foi/ ela/ Merina/ mãeinha criou ela... entendeu? Mãinha criou e ela foi registrada com o nome do meu pai! **Mas os meninos não. Os meninos não tem... nada a ver! O pai deles, o pai de Lena foi outro...** Eles era/eles maltrataram muito ela. [...] Eu não vou dizer pra você assim: ‘ah, a morte de mãeinha foi causada por causa da briga de vizinho, [por] causa de... de porta de Lia...’. Isso aí foi uma desculpa. Não teve... eu acho assim... foi uma desculpa. Eu não culpo ninguém, não tenho raiva de ninguém... entendeu? Me dou com todo mundo, todo mundo que falar comigo, eu respondo... A morte dela foi causada mais por raiva... entendeu? Pelos... problemas dos neto dela mesmo... são/ eram muito desobediente, não respeitava ela... se queriam xingar, xingavam ela mesmo. Era! Passava a hora de dormir... entendeu? Ficavam pela rua... Vinha bêbado, queria quebrar tudo, é bagunçar tudo, pegava as coisa dela pra vender... na rua... entendeu? Ela comprava um liquidificador, pegava pra vender, se tinha um bujão de gás, pegava pra vender. Então tudo aquilo foi... apertando o coração dela, né? E aí, quando veio aquela intimação que... o chegado momento dela morrer, aí... viu?... a morte foi essa desculpa. **Assim... Ela [Merina] tá aí, ficando aí, tá dormindo aí, tá ficando... mais tempo. E... os filhos/ os filho/ os filhos dela também tá. Tá! Uma coisa que eu... Eu/e/eu/me/revolto.** Merina mesmo, ela vinha pra’qui sempre, mas ela nunca vinha pra casa da/casa de mãeinha, vinha sempre pra casa de Regina, nunca ficava cá embaixo na casa de mãeinha. Ficava sempre lá na casa de Regina. Não levava nem oito dias aqui. Às vezes mãeinha caía doente... só ficava de horário médico... Num instante todo mundo soube arranjar um biscate... pra fazer... entendeu? Quando ela tava viva ela queria isso, ela queria que todo mundo fosse trabalhar. Os menino dizendo [muda o tom da voz] ‘não vou trabalhar, não; a senhora tem mais é que se lenhar pra me dar comida. A senhora tem mais é que... que/ que morrer! Os bom morre, os ruim fica’. Falava essas palavra assim pra ela. Agora tá todo mundo... Aí tá... procurando trabalho. Todo mundo ta procurando trabalho. Pra mim tanto faz eles trabalhar como não trabalhar, pra mim tanto faz eles ir preso como não ir preso - porque eu não vou me incomodar. É como eu tô lhe dizendo: se eu puder ajudar pra não deixar morrer de fome, eu ajudo, mas... as outras coisas não. **Não vou pagar mais água, não vou pagar mais luz, entendeu? Não vou fazer nada, porque... quem fazia era ela... em vida. Mãinha morreu, continuou a mesma coisa, todo mundo continua a mesma coisa** - não mudou nada aí! Nada! O que mudou aí foi isso que eu to lhe dizendo... é Merina ficou aí mais tempo, ta ficando mais tempo... Quando eu precisava dela pra fazer uma coisa dentro de casa, pra ajudar mãeinha, levar os meninos no médico - ela nunca estava... Entendeu? [Merina quer] **A casa! E casa era/ é... Como é?... A pessoa faz muita questão, entendeu? De um pedacinho de terra. E ela não vai sair daí nunca. Ela vai ficar aí... sempre aí, com os menino. Agora que mãeinha já se foi, vai ficar aí. Ali vão morrer... vai matar uns aos outros, vai matando uns aos outros assim, brigando com... Mas é [briga] por causa da casa.** [Merina antes] **Não vinha.** Porque/ porque não gostava dela [mãinha]. Porque não gostava. Se os menino não trabalhava é porque não gostava de mãeinha. Se... Merina não ficava mais tempo aí porque ela também não gostava de mãeinha... Se ninguém/ se os meus filhos não obedecia minha mãe... [era] porque eles não gostava de mãeinha/ Então, agora não adianta sentimento. Se eu pudesse... no enterro/ porque fui eu que andei pa/ pra enterrar mãeinha, eu que caminhei pra enterrar mãeinha. Se eu pudesse eu não via ninguém chorando no enterro. Porque eu... via logo que era falsidade. (Neneca, 27/01/2000).

A filha Lídia discorda da mãe Neneca sobre seus julgamentos familiares e diz:

Não, eu não acho nada disso não, mas... não sei, o que eu posso fazer... Essa é a opinião dela, né? Eu não concordo com a opinião dela, não... Acho que não foi isso e que essas coisas são assim... Eu acho que não foi nada disso... que aconteceu no final das contas... Realmente ela reclamava, falava, repetia/ essas coisas assim, mas... dizer que a gente não gostava dela...[o tom da frase aponta a idéia de que isso não é verdade]. (Lídia, 27/01/2000).

Após a morte da matriarca, alianças e conflitos entre os moradores da casa adotam outras configurações e o espaço passa a ser disputado seguindo novos critérios, que não mais as determinações matriarcais<sup>15</sup>. Depois de um tempo e pelo aumento da violência na casa (ver no Anexo C reportagem sobre morte de neto de D. Cida em contexto de greve policial em Salvador), em julho de 2001, Lia e André resolvem deixar a casa e ir morar em Camaçari, junto à rede de parentesco de André, onde recomeçam novos projetos de vida. Algum tempo depois, Neneca e suas filhas menores é que abandonam a casa e vão para Camaçari, a quarto de aluguel, morar perto da filha primogênita. Assim, Dina e Doca se consolidam como o subgrupo mais forte e respeitado desta família, passando a manter relações mais cordiais e solidárias com resto de sua parentela, mas com o distanciamento por eles desejado. Neneca e Lia vão se enfraquecendo e decidem, ao menos temporariamente, abandonar suas respectivas casas, fugindo da crescente violência familiar e perigo pelo assassinato sucessivo de dois filhos de Lena, que ocorreram em 2001 e 2002, dentro da mesma casa de D. Cida. Antes deles, em 1998, foi a vez de Daniela. O grupo dos netos sobreviventes e dois filhos de Neneca passam a viver e dominar o terreno das casas de baixo. Téó continua até hoje morando só, ou com namorada da temporada, no seu quartinho dos fundos. Robson, filho de Merina, passou a ocupar a casinha de Lia, possivelmente resguardando o interesse e possibilidade desta terceira irmã de criação a alguma parte do terreno. Talvez para vigiar a laje dessa casinha, evitando que Dina continue a se expandir sobre esse espaço, no qual, em 2003, já havia, com abertura de porta, tentado se apoderar de uma parte desse pátio dos fundos. Esta pequena casinha no fundo da casa, depois de ser abandonada por Lia e André, foi primeiramente ocupada por Leonildo, outro filho de Neneca, mas ele também foi recentemente morar com sua mãe Neneca e seu filho Mário, em quarto de aluguel em Camaçari,

---

<sup>15</sup> Para Sahlins (1983) a idéia indígena de *hau* (o espírito das coisas) é conceito fundamental sobre a dádiva, onde o princípio vital da pessoa que “dá” seria o verdadeiramente trocado num *kula* (circulação de presentes), e onde a troca deve ser vista como ato e não fato. Desde aqui entendo que “um espaço” outorgado nas “casas matriarcais” seria clara expressão do *hau* ou mana destas casas matriarcais, o próprio ser destas “casas” (clãs, estirpes), onde cada nova modificação espacial, ao longo dos anos seriam emanações e objetivações desse complexo processo de trocas.

junto ao novo namorado da mãe e suas duas irmãs doentes e menores. Leonildo nunca teve boa relação com Dina, nem com Téo e Tiano, atuais netos dominando a casa de D. Cida. Quem ficou morando na casa de Neneca foram, em 2003: Leandro (que em 2003 estava melhor vestido e com cabelo pintado de loiro) e Leandra (Mako), os dois filhos de Neneca que sempre tiveram melhor relacionamento com os primos, filhos de Lena e com a própria Dina. Leandro tinha um bom relacionamento com todos, mas o seu preferido e melhor amigo foi sempre Téo, a quem ele muito admirava, comentou em uma entrevista.

## CONCLUSÃO: QUAL É O LUGAR DO HOMEM NO MODELO MATRIARCAL?

Políticas públicas e de desenvolvimento sustentável que procurem atacar a pobreza e promover o acesso aos direitos humanos mais básicos para maiores contingentes populacionais são de pouca eficácia quando não partem de um genuíno conhecimento das realidades, contextos e populações a que se destinam. Uma boa compreensão da complexa e diversa realidade social demanda boas percepções de como vivem, pensam e reagem distintos agrupamentos sociais em seus diversos contextos, e para isso, é importante dar voz aos “nativos” para que expressem a forma como eles mesmos organizam seu universo de significados; numa postura de abertura à alteridade da diferença cultural. Não basta incorporar vozes e falas fora de seu contexto, pois elas só fazem sentido na sua relação com ele. É identificando como distintos grupos organizam seus valores culturais, práticas e vivências específicas – desde marcadores sociais como os de classe, gênero, geração, etnia, religião etc, nos mais diversos segmentos sociais nos que se inserem, como por exemplo, nesta tese, o das relações de parentesco em grupos pobres e negros do nordeste brasileiro – que se pode construir parte desse conhecimento

Penetrar o domínio do parentesco e das *casas* é adentrar no mundo de estratégias individuais e coletivas, na esfera onde se exercem relações de afeto, conflito e poder; de lutas e estratégias pela conquista de uma posição e um espaço nas casas em suas ambivalências, contradições e paradoxos. A pesquisa etnográfica sobre relações de parentesco em dois arranjos matriarcais extensos realizada no Nordeste de Amaralina buscou iluminar diversos desses aspectos. Pressuposto da pesquisa é que práticas, representações, experiências e trajetórias individuais, em suma, que pessoas e seus grupos familiares não são passíveis de serem reduzidos e compreendidos desde um único ponto de vista e desde uma única matriz (ideológica, teórica, metodológica) geral, homogênea ou hegemônica. A apresentada aqui é apenas uma versão entre outras, de construção parcial desta realidade. Desde uma etnografia do pensamento como definida por Geertz (1998), e parafraseando-o, não se procurou exaltar a diversidade desse modelo em relação a outros por si mesma, mas procurou-se tratar essa diferença com seriedade, considerando-a um objeto de descrição analítica e

de reflexão interpretativa. Desde aqui se endossa a necessidade de investir em abordagens que ampliem seus marcos teórico-metodológicos em perspectivas mais integradas de análise, capazes de combinar métodos e teorias de forma a tentar lidar com vários níveis simultâneos da realidade social na sua complexa e processual interação, capaz de captar as especificidades, semelhanças e diferenças de cada cultura. Nas palavras de Geertz:

O obstáculo maior à integração da vida cultural é a dificuldade em fazer com que pessoas que vivem em mundos diferentes possam influenciar-se reciprocamente de uma forma genuína. Se é verdade que existe uma consciência coletiva, e que esta consiste na interação de uma multiplicidade desordenada de perspectivas nem sempre comensuráveis, a vitalidade dessa consciência coletiva dependerá, então, de que sejam criadas as condições para que essa interação possa ocorrer. O primeiro passo para a criação dessas condições é a aceitação de que existem diferenças, e diferenças profundas; o segundo é compreender quais são essas diferenças; e o terceiro é construir algum tipo de vocabulário capaz de formulá-las publicamente – um vocabulário através do qual econométricos, epigrafistas, citoquímicos e iconólogos possam explicar um ao outro, de uma maneira verossímil, o que são e o que fazem. (1998, p. 242).

Quando comecei a organizar as experiências e trajetórias dos dois grupos de parentesco matriarcais estudados, dois clássicos da Antropologia foram particularmente valiosos, como fonte de algumas das interpretações desenvolvidas aqui. A re-leitura dos “Nuer” de E. Pritchard (1993) inspirou reflexões que esbocei sobre o uso do Espaço e do Tempo em ambas as *casas*. O “Ensaio sobre a Dádiva” de Mauss (1988), de forma mais direta, imprimiu o tom da análise das interações, conflitos e alianças ao interior destas *casas*, num paralelo próximo à matriz de uma “economia simbólica (doméstica) de bens em circulação”: a circulação de dons e contra-dons que se dá no intervalo de tempo em que ocorre entre a dádiva e a retribuição. Com esses esquemas em mente fui ordenando a descrição dos principais dados. Neste marco fez sentido pensar no que chamei na introdução de “força simbólica circulante” (FSC) – que estaria depositada nas figuras matriarcais, traduzível na noção de *casa*. A *casa* pode ser vista como um dos mais importantes bens (dádivas) em circulação; almejada e disputada pelos membros integrantes destas configurações domésticas. A posição de destaque e autoridade legítima que exercem essas duas “matriarcas negras” em suas redes reside, entre outras coisas, no seu “mana” expresso no poder de decisão, vigente até sua morte, sobre a circulação deste dom precioso sancionado no imaginário popular pela representação coletiva de “*quem casa quer casa*”: isto é, o direito a ter um lugar no mundo, uma casa (ou pedaço dela), o espaço físico da moradia. A matriarca neste modelo familiar, como proprietária legítima dos terrenos e casas em que todos vivem, é quem

tem a última palavra e quem decreta o destino desse bem, ela é quem administra a utilização do espaço, manipulando, oferecendo, tomando e redistribuindo-o a depender das conjunturas e relações ao longo dos anos entre os distintos membros de seu grupo familiar extenso. Elas são as figuras centrais que determinam, em última instância, as regras de herança e sucessão; são as donas e chefes das suas *casas*. É pela e através das suas *casas* que elas exercem sua matriarcalidade.

Uma retribuição a esta dádiva do pedaço de chão recebido se expressou em melhorias coletivas impressas na construção desse bem coletivo que permitiram a processual modificação entre o que inicialmente era a casa das mães e passou a dividir-se em mais de uma: as casas dos filhos e netos. Dons e contra-dons não são apenas de ordem material, podem ser também de ordem afetivo (espiritual, etc), e ocorrem no transcurso das relações estabelecidas entre a parentela, sejam estas de aproximação ou de distanciamento às expectativas projetadas sobre cada membro. Na circulação deste outro bem também muito almejado – expresso como o afeto da mãe – foram sendo tecidas relações de alianças e cumplicidades, interesses e obrigações espontâneas, conflitos e disputas. Nestas relações o que parecia estar constantemente em jogo, negociado a todo momento, era é uma certa posição, reconhecimento e prestígio ao interior do grupo e fora dele; mediado pela relação direta com estas mulheres que centralizam a autoridade dos seus grupos.

Entre as principais coisas trocadas que entram em circulação – tais como o afeto da matriarca – aquilo que é dado e recebido deverá ser posteriormente retribuído, sob ameaça de instalar-se um conflito aberto (*potlatch*). Também circulam pelas casas crianças e pessoas da rede de parentesco modificando o mesmo uso do espaço físico. De fato tanto as pessoas circulam pelo espaço, como este entre elas; o espaço também se move, simbolicamente falando, ele se transforma e re-adapta a partir da dinâmica e trajetória dos seus habitantes ao ser transferido em distintas conjunturas a distintas pessoas.

A “dádiva” da “casa”, do direito a ela, foi, sem sombra de dúvida, um dos bens de troca mais valorizados nas relações de reciprocidade destes grupos extensos observados durante o longo trabalho de campo; um bem a ser dado, recebido e retribuído, conquistado, rejeitado, ou usurpado, construído e destruído, transformado e traduzido no próprio “*hau*” (alma) da matriarca,

um bem a ser cobiçado e dos principais motivos de conflitos familiares. A posse de uma casa faz de seus proprietários pessoas “respeitáveis”, e portadores legítimos do nome da *casa* matriz. Quando um membro do grupo doméstico parte para a construção da própria casa significa uma conquista individual, mas também um logro coletivo, de ordem grupal, pois supõe certo apóio e recursos da coletividade. Ser capaz de mobilizar “mutirões” para construir a casa própria e erguê-la mostra ao mundo o quanto se é respeitado pelo meio, o grau do relacionamento social deste indivíduo e seu grupo familiar, a sua importância e integração à comunidade. A separação da casa matriz traz também consigo, simultaneamente, além da sensação de força e conseqüente prestígio grupal (sinal de sua FSC), um sentimento de ruptura e distanciamento do novo sub-grupo familiar que se diferencia do grupo matricial, impedindo à casa matriz, no dia de amanhã, de poder dispor do mesmo modo dos recursos a ser gerados a partir desses membros, da sua força de trabalho ou energia que passarão a ser canalizados para a nova casa.

A vida doméstica em setores populares, como pode ser observado, se produz e expressa na linguagem das redes de apoio entre seus distintos integrantes. Essas redes sociais são articuladas pelas posições que cada um ocupa na família e nas casas de uma dada configuração, a qual ocorre em territórios histórica e socialmente construídos. As relações de reciprocidade e hierarquia que se estabelecem nas distintas configurações de casas matriarcais, compreensível dentro do “paradigma” da dádiva – como entendido por Caillé (1998) – se baseia no suposto de que a condição humana se origina de um estado de dívida. O homem encontra-se na obrigação de restituir o que deve às pessoas com as quais ele interage – Deus, pais, família, sociedade... – em especial, com aquela que lhe deu a vida: a mulher, a mãe. Na lógica deste sistema de trocas, e neste modelo matriarcal em particular, é dessa dívida originária que se funda a exigência de dar e retribuir num movimento circular eterno de dom-contradom. Negar-se a participar deste circuito de reciprocidade obrigatória no seio familiar é visto como ingratidão e renúncia ao desejo de formar parte da rede, um ato de desrespeito e negação de retribuição à figura da mãe (tida como uma das piores faltas morais que se pode cometer). Uma participação ativa na configuração de parentesco a que se pertence implica em se ter uma devida *consideração* pelo seu grupo. A palavra *consideração* denota que se reconhece ter recebido o que se recebeu e que por isso se entra ativamente no circuito de reprodução simbólica da família, do parentesco e da sociedade, mesmo quando as regras deste sistema hierárquico produzam e legitimem discriminações e

desigualdades, que, “em geral”, não parecem ser vividas por eles como injustas. Para a matriz holista e hierárquica matriarcal a diferenciação de posições, direitos e deveres de seus respectivos membros é necessária, é uma forma desta matriz operar, a qual antes do que excludente, tem a capacidade de ser inclusiva, desde certo olhar, ao trazer para seu seio o outro – diferente – fazendo-o participar da sua comunidade.

O princípio da consideração em bairros populares como o estudado e neste modelo matriarcal em particular, “une” o próprio ao próprio ou o semelhante ao semelhante – parentes de sangue – e , no caso de parentes por consideração, “transforma” o outro, em “próprio”; assim como (associado ao princípio da hierarquia) estabelece posições e diferenças ao seu interior. O princípio de consideração é um princípio de reconhecimento, seleção e parentesco, pois ele constrói e delimita as fronteiras da proximidade social, as da interioridade e da exterioridade. Ele constrói o idêntico e o diferente; o próximo e o distante: é um princípio de legitimidade. A consideração estrutura o jogo social da sociabilidade, estabelece critérios de “avaliação” e de “escolha” de cônjuges, amigos, compadres, e define o próprio destino dessas relações (MARCELIN, 1996).

A eficácia da reciprocidade das trocas para uma melhor sobrevivência na pobreza como meio complementar de enfrentar a escassez de recursos é o que apontam muitas das pesquisas sobre o assunto. Lógica subjacente a este sistema é a crença de que quanto mais se dá aos outros, mais chances há de se receber em troca. Esta é uma regra implícita da lógica da reciprocidade que foi mostrando ser muito eficaz em situações de pobreza nas quais sempre se precisa do outro para sobreviver. Nestas regras de obrigações mútuas no eterno circuito de reciprocidade se expressam sentimentos de generosidade e egoísmo simultaneamente, onde é comum desenvolver-se laços de alta competitividade e agressividade, solidariedade e amizade. Um fator capaz de diminuir a solidariedade numa rede de parentesco é a mobilidade social. Existe uma ameaça de as pessoas que conseguiram subir na hierarquia sócio-econômica desdenharem ou esquecerem completamente seus parentes mais pobres. Sempre existem aqueles que, ressaltando o quanto a mais participaram em certos projetos ou realizações familiares, desconhecem a participação de outros, afastando-se de sua rede com discursos que destacam sua generosidade e sacrifícios sofridos não retribuídos, diferenciando-se dela pelo destaque exacerbado da sua lealdade e

superioridade em relação aos outros. Este foi o caso de Dina, filha de D. Cida, e de parentes por parte de pai das filhas de D. Cida.

No seio popular o cuidado das crianças é outro dos domínios e o mais recorrente de reciprocidade ao interior das redes de parentesco e vizinhança. Pedir a um vizinho ou parente para “dar uma olhada” na casa e filhos enquanto se está ausente, ou deixá-los em suas casas para tomar conta é um “direito” que têm todos os participantes de uma configuração. Do outro lado pode ser visto como um “dever” receber essa criança ou de bom tom prestar o serviço solicitado. O que no caso de um vizinho poderia ser entendido como a prestação opcional de um serviço, entre parentes de uma mesma configuração de casas, entretanto, de acordo com o código de condutas da ideologia familiar parece se traduzir em termos de direitos e obrigações.

Por seu lado, no modelo estudado, as crianças são muito valorizadas e desejadas, e se têm direitos sobre elas na rede de parentesco em que nascem. As responsabilidades paternas e maternas são compartilhadas com outros e não exclusivas dos seus genitores. É muito comum a responsabilidade ser transferida a outros indivíduos. Neste contexto, o critério para definir o cuidado e criação das crianças depende menos da vontade ou possibilidades reais dos seus pais biológicos do que do ciclo vital das residências, do tamanho das moradias, emprego, entre outros fatores. Nesta situação, o princípio da consideração (associado a maioria das vezes ao de sangue) é o que prevalece, pois é comum se “criar” crianças de parentes pelos quais se tem especial consideração. Com isto os laços de obrigações, alianças e dependências mútuas ao interior das redes sociais de relações se estreitam, e as obrigações de reciprocidade futura se garantem em certa medida. Entretanto, “criar filhos de outros” não é uma tarefa para todos, é preciso ter “aptidão” e “recursos” para exercer essa função. Nem todos os membros da família estão sempre aptos a assumir esta educação e nutrição das crianças, tarefa em geral assumida por mulheres da rede de parentesco ou vizinhança em fase de ciclo vital mais maduro, com casa, disposição e condições econômicas para fazê-lo. É o caso das duas bisavós D.Cida e mãe Dialunda, que criaram filhos e netos, e o de Neneca em fase mais avançada de sua vida.

Para a moralidade popular o direito à criança pode ser maior para quem a “cria” e “nutre” do que para quem o traz ao mundo, ao contrário do que costuma muitas vezes ser sancionado pelas leis

do Estado. Quem sustenta e cria a criança cumpre uma função materna e tem, por conseguinte, direito ao *status* de mãe (ou pai), mas nunca se a confunde com quem pariu. De forma geral, os distintos “pais” e “mães” destas crianças em circulação (genitores e de criação) não chegam a lutar por seus filhos, ainda que tensões e conflitos sobre este domínio sempre existam. O que vigora é uma idéia de maternidade social que opera simultaneamente com a biológica, podendo se expressar ser filho de “mais de uma mãe” e “não apenas uma” (a biológica, a de criação, a de consideração, etc). Coisa similar ocorre com os pais, ainda que em uma posição de menor força do que com a mãe. Isto ocorre pelo papel menos central que exerce a figura paterna neste modelo. Neste sistema, em que as crianças circulam (a depender da conjuntura) por distintas casas da sua rede, o contato dessas crianças com respectivos genitores (mãe e pai) não se perde, geralmente são mantidos e atualizados em distintos momentos do ciclo vital.

Outro aspecto relevante sobre o parentesco relacionado à circulação de seus membros entre distintas unidades é que a responsabilidade de prover comida, cuidados, roupas, morada e socialização de crianças pode se espalhar e distribuir por muitas casas da rede de parentesco. Por isso a família nem sempre pode ser reduzida ao estudo de uma única casa ou unidade doméstica, pois, essas fronteiras costumam ser muito mais fluídas e difusas nesse contexto. Uma pessoa pode dormir em uma casa, alimentar-se em outra, guardar suas roupas ou objetos pessoais em uma terceira. Ou viver em uma casa uns tempos e noutra em outros, circulando entre distintas unidades. A circulação das pessoas ao interior das casas é constante e a configuração e composição doméstica oscila freqüentemente. A noção de “rede” de parentesco associada à de família permite observar melhor a trajetória grupal e individual dos membros de uma certa configuração de casas. Este padrão de residência e a cooperação na organização familiar das pessoas envolvidas em uma rede de parentesco, com seus conflitos, rinhas, rupturas, alianças e solidariedades próprias são indicativo da constância, permanência, estabilidade e poder coletivo que exerce esse tipo de configurações de casas na comunidade. A composição doméstica de uma única casa costuma revelar em geral muito pouco sobre a organização doméstica e cooperação estabelecida entre mulheres adultas próximas de uma rede de parentesco que se distribui em geral entre um conjunto de casas. A idéia de “rede de parentesco” para além dos limites de uma casa, integrando um conjunto de casas que participam de sua configuração é bem mais poderoso neste sentido.

Se o peso da “maternidade social” parece prevalecer ou ao menos operar simultaneamente ao da maternidade biológica, pode-se deduzir que numa ética de “maternidade” em setores populares como o estudado, a socialização das crianças é compartilhada e responsabilidade mais da rede do que dos seus genitores. A mulher que cria seus filhos e os de outros é o protótipo da “Mãe”, uma mãe de “todos”. Este é um elemento presente e central no sistema que denomino de “matriarcalidade”, uma maternidade social exercida por uma rede, ainda que sob a vigilância e responsabilidade de mulheres aptas para essa função. Neste sistema não basta a idéia de “maternidade” como *cuidado*, ela passa também pela idéia da mãe como *provedora* dos seus filhos e de toda a rede que a matriarca ampara. Ela é a mulher forte e apta a responder às necessidades básicas dos seus parentes, aquela que oferece teto, comida, roupa e proteção para a mínima sobrevivência dos seus.

A centralidade, força e autonomia conquistada na trajetória destas matriarcas, foco principal da relação diádica mãe-filho; e a instabilidade conjugal (e procriação de filhos a partir de distintos parceiros e parceiras dos membros neste modelo), são características presentes que atravessam as trajetórias dos distintos indivíduos nas duas estirpes observadas: homens mulherengos, mulheres autônomas e independentes que transitam por várias relações de conjugalidade. A relação monogâmica ocorre apenas de maneira temporária e circunstancial. Homens abandonam companheiras e filhos, mulheres expulsam parceiros de suas casas, mas os filhos, mesmo quando deixam a casa materna, sempre voltam a ela – adultos ou casados, estarão sempre perto de sua rede de parentesco, pela dívida eterna que os une às suas mães. A família se origina e permanece estável, neste modelo, a partir dos elementos da díade mãe-filhos; nesta família o pai pode ou não participar, pois a paternidade, fundamental para a procriação, não tem lugar ativo na díade. A constatações e articulação deste conjunto de fatores é o que chamei nesta pesquisa de “matriarcalidade”.

Ao longo dos capítulos etnográficos no contexto estudado foram sendo apresentados os principais elementos que retomei nesta conclusão na re-definição de matriarcalidade que iluminaram a forma como opera o princípio relacional de matrifocalidade, entendendo a este princípio como uma ideologia subjacente do modelo, e, portanto, algo mais geral e abrangente que pode operar, inclusive, em outros arranjos familiares não matriarcais. Defini a matriarcalidade a partir da

centralidade de relação diádica *mãe- filhos* que se traduz na prioridade de relações de consangüinidade sobre as de afinidade e na presença da instabilidade conjugal nas relações de casais. Aqui o papel de autoridade masculina central é exercido pelo consangüíneo (filho, tio ou irmão das mulheres), e não tanto pelo pai ou esposo, que também estão presentes neste modelo. Para se exercer o papel central da “matriarca”, além de ser o centro focal na díade mãe-filhos, é preciso também ser a dona da casa e ter posses para sustentar todo o grupo familiar e ampla rede de parentesco a ela atrelada. A mulher matriarca precisa ser chefe da casa e da família.

Para uma mulher tornar-se matriarca, neste contexto, seria necessário: 1) ser a chefe da família; 2) ter a propriedade da casa (a qual circula basicamente entre mulheres); 3) recursos materiais para prover ampla rede de parentesco; e 4) força, autonomia e determinação que se elucida nas suas trajetórias. Ambos os casos analisados tiveram uma relação precoce com o mundo do trabalho e ambas tiveram importantes transformações profissionais muito marcantes e satisfatórias em um momento de suas vidas. É possível que a força, autonomia, independência e auto-estima conquistadas por elas esteja relacionada em alguma medida também ao tipo de atitude e atividade profissional que elas exerceram, em atividades destacadas e prestigiosas na sua comunidade. Pensar na matriarcalidade, como uma forma de chefia feminina particular, sustentada pelas posses da casa, recursos e força aponta para a diferença e menor vulnerabilidade deste tipo de arranjo quando comparado a lares chefiados por mulheres que se viram simplesmente “abandonadas” pelos companheiros ou que nunca os tiveram e parecem ter menos recursos para enfrentar as adversidades da sua condição de chefia em situação de maior desamparo. A chefia matriarcal, ao contrário, tem o poder de criar os seus filhos e os de outras mulheres, o que lhe outorga prestígio e maior força, elevando o seu papel de mãe ao de *mãe-de-todos*, com paralelo similar ao de família de santo de candomblé. Mulheres emergem como matriarcas como um produto do meio, das relações e circunstâncias de suas vidas, o que é claramente visualizado nas articulações que vão se fazendo ao longo de suas trajetórias de vida, tais como a importância dos recursos conquistados (salários, pensões, posse de uma casa para herdeiros), a possibilidade de criar filhos próprios e de outras mulheres (criação de filhos e circulação de crianças), as transformações de sua casas, que, em contexto de pobreza, tenderam a se converter em uma configuração de arranjo familiar extenso; a chefia familiar da casa e da família.

A herança da terra e propriedade da casa passa principalmente de mulheres para mulheres neste modelo, dificilmente antes das mais novas se tornarem mães. Gênero, consangüinidade, consideração e geração se destacaram como os principais critérios de seletividade de a quem dar ou deixar de dar casa. Mas essa matriz de critérios não é estática e mostrou ser bem mais complexa, podendo variar a depender de cada caso e trajetórias pessoais, jogo de forças e outras variáveis que intercederam na luta pela posse da casa. Em termos gerais se observou que a prioridade dos que ficam com a casa está com as mulheres, primogênicas da principal união da matriarca e filhas consangüíneas. Neste caso se encontram as filhas e netas. Caso diferente foi o da nora de Mãe Dialunda, em que os critérios do gênero e consideração contrabalançam o da não consangüinidade. Os excluídos da herança da casa foram em geral os homens, filhos de criação e filhas primogênicas quando provenientes de união anterior da matriarca, indicando um importante fator sobre o peso que exerceu seguramente o homem e companheiro que mais as ajudou a levantar o seu patrimônio, o pai ou avô das principais herdeiras por ela escolhidas. Tal como observado por Radcliffe-Brown (1973), o caso de mãe Dialunda e D. Cida são um claro exemplo de modelo matriarcal, pois a descendência, herança e sucessão estão na linha feminina de parentesco, o casamento ou tipo de uniões predominantes observado foi o matrilocal e a autoridade sobre os filhos é exercida principalmente pelos parentes da mãe.

A interpretação que faço dos elementos que compõem o modelo matriarcal, entretanto, diverge em vários aspectos de interpretações anteriores, que, desde uma perspectiva etnocêntrica tendiam a projetar sobre este sistema uma idéia de desorganização familiar associado à produção de patologias e desvios em relação ao padrão tido como esperado, desejado ou universal; procedimento que não procede e do qual se marca devido distanciamento. Problemas de marginalidade, violência exacerbada ou outros presentes nestes grupos não são exclusivos ou caracterizadores deste modelo, ou seja, o modelo não se define a partir desses elementos como se pensou em algum momento no estudo de famílias negras; situações nas que estão inseridas algumas das pessoas que vivem em condições de pobreza e exclusão social, independentemente do tipo de família à que pertençam. O fato de nestes grupos haver maior quantidade de pessoas que noutras torna mais visível esta ordem de problemas, mas não faz dessa associação uma relação de causalidade verificável em si mesma. Essa foi outra das vantagens do estudo deste

modelo em particular, pois pela maior amplitude da sua rede de parentesco e quantidade de membros ao seu interior, situações gerais vivenciadas na comunidade também compartilhadas por membros de modelo não matriarcais, foram passíveis de uma melhor elucidação e integração à nossa compreensão dessa realidade.

Por outro lado, a centralidade e importância da autoridade do homem consanguíneo (tio, irmão da mãe ou propriamente o filho da matriarca) é um aspecto relevante observado no estudo etnográfico feito, também aqui com significados distintos aos propostos por Malinowski, Radcliffe-Brown e Zelditch que defendiam teses patriarcalistas para contestar hipóteses pouco sólidas de sociedades matrilineais em seus estudos e teses sobre este tipo de organização doméstica para sociedades africanas e da Nova Guiné. Nossa pesquisa busca por sua vez recuperar a idéia de matriarcalidade, que nada tem a ver com aquela visão romântica e falsa de matriarcado socialista. Isto é, não se defende que em sociedades primitivas este tipo de organização tenha existido ou prevalecido. O homem, e especialmente o filho adulto, tem um papel central neste modelo protegendo o grupo e exercendo um papel de mediador deste modelo para fora, na sua interação com a sociedade mais ampla. Entretanto, esta autoridade e esfera de ação masculina não invalida a autoridade materna, se subjeta a ela, que na hierarquia de valores deste sistema é a autoridade suprema.

Desde esse distanciamento de perspectivas anteriores me propus realizar uma re-invenção do significado do conceito de “matriarcado” e da relação estabelecida entre variáveis tradicionalmente utilizadas para analisar o que aqui busco re-atualizar na idéia de matriarcalidade. Muitos estudiosos, para escapar dessa cilada que associou modelos matriarcais de famílias negras a estados de anomia, desorganização familiar e negatividade por um lado, ou a um perigoso essencialismo atrelado a características próprias de uma raça, por outro, têm preferido abandonar a polêmica idéia de “matriarcado”, perdendo-se com isto, ao meu ver, um instrumental analítico poderoso para entender e melhor designar uma série de achados empíricos tão recorrentes em outros estudos de Norte e Centro-América, África e Bahia sobre famílias negras, que vale a pena recuperar desde outro olhar e novo significado, para poderem ser comparados entre si, detectando e analisando diferenças e semelhanças históricas e culturais de diferentes contextos.

O modelo descrito nesta tese não é tomado como o único ou característico de uma essência ou modo de ser tipicamente negro ou da pobreza, ainda que venha sendo apontado em vários estudos como um modelo muito recorrente nestes agrupamentos. Este é sim um modelo comum a um bom grupo de pessoas que vivem neste contexto, um modelo que opera simultaneamente, ao lado de outros com os quais se relaciona, construído a partir da experiência subjetiva dos membros destas famílias, das crenças e normas que orientam seus comportamentos, assim como das estratégias, valores e opiniões que dão conta das lógicas que governam suas práticas no cotidiano, o que se constitui numa caracterização específica e particular a este meio, conjuntura social e grupo estudado. Há mais de um modelo de família para grupos pobres e negros, mas este mostrou ter uma importante dimensão na sociedade baiana e como tal, mereceu um tratamento específico e diferenciado.

Uma pergunta relevante que emerge desta pesquisa e nos permite esboçar um par de novas indagações é: qual é o lugar que ocupa o homem neste modelo matriarcal marcado pela centralidade da figura materna?

Ao contrário do que se acostuma pensar, em arranjos matriarcais a presença masculina costuma ser elevada e significativa, diferente da traduzida ou denominada “ausência do homem e do pai” em teorias de matriarcado negro, ou daquela outra idéia esboçada por Woortmann (1987) de ser este um “terreiro onde o galo não canta”. Homens adultos, companheiros, filhos ou genros – e que são pais, pelo que não se os pode caracterizar como lares marcados pela ausência de pais – têm a principal função de “proteger” com sua presença e força masculina o grupo frente à sociedade. Eles também exercem como pais, filhos e esposos outras funções específicas nestas redes, ainda que dependentes e subjugadas ao poder e organização doméstica do sistema matriarcal – o que implica que a autoridade máxima e poder está centralizado nas mãos destas amadurecidas matriarcas, mas não que eles tenham uma presença nula ou insignificante. Nos arranjos extensos matriarcais observados a presença da família nuclear se apresenta geralmente como um núcleo dependente da configuração extensa onde a chefia é feminina. Quando a situação econômica desse núcleo se estabiliza uma forte tendência é a sua separação e independência do grupo matriarcal. Possivelmente esse novo núcleo independente voltará mais

adiante a adotar uma configuração extensa ao crescerem filhos e ingressarem netos na vida da nova casa, reproduzindo-se, muitas vezes, de modo bastante similar, o modelo onde se nasceu e viveu.

No modelo matriarcal, como foi visto, as crianças pertencem a suas redes de parentesco antes que aos seus genitores. Quando uma mulher engravida fora de uma união estável, ela geralmente informa quem é o pai, o qual tem várias alternativas e modos distintos e possíveis de exercer sua paternidade: a) negá-lo publicamente alegando poder ser filho de outro homem – negação da paternidade que a comunidade geralmente sanciona, mas, em certos casos, também aceita como normal e justificada, o que leva esta criança a ficar mais ligada e restrita à rede de parentesco materna; b) uma segunda alternativa é reconhecer e assumir perante a comunidade a sua paternidade dando o seu nome e uma identidade social também paterna a esse filho – este é o comportamento esperado e o principal dever de um pai, o que está longe de significar ser ele o principal responsável da criação e manutenção desse filho, especialmente em contextos de escassez de recursos e dificuldades tão grandes para a sobrevivência. O homem nesta situação costuma participar economicamente em momentos específicos e esporádicos como o do parto, momentos difíceis etc. Prover os filhos é indiscutivelmente responsabilidade das mulheres e suas redes de parentesco, ou do homem em um outro modelo familiar como o nuclear; c) uma terceira alternativa para o pai biológico consiste em assumir a paternidade materialmente, isto é, se tornar um ativo provedor desse filho – diretamente ou mediado pela ação das mulheres da sua rede de parentesco – o que não significa assumir a relação com a mãe de seu filho; d) outra possibilidade bastante desejada pelas mulheres em geral consiste em o homem assumir o novo grupo familiar, a relação com a mãe da criança e futuros filhos formando um novo lar (dependente ou não do grupo matriz). A alternativa a ser adotada dependerá de vários fatores, desde o tipo de relação estabelecida com a mulher que engravida, idade dos genitores, condições materiais, temperamento e interesses do casal em se unirem e formar novo lar.

O reconhecimento público da paternidade<sup>1</sup> é a forma de manifestação por excelência da paternidade e responsabilidade masculina neste sistema, pois garante a suas crianças uma abertura para a sua rede de parentesco, onde geralmente outras mulheres poderão oferecer o

---

<sup>1</sup> Stack [1974], em seus estudos de comunidades negras nos EUA, constatou que 70% dos homens no gueto o fazem.

necessário apoio, ou a mãe da criança lançar mão desse apoio no cuidado de seus filhos. Negar-se a “dar seu nome” é falta grave dentro da moralidade popular, visto como falta de responsabilidade e de virilidade. A paternidade, assim, neste sistema, passa mais pela demanda e reconhecimento biológico do genitor do que pelas suas obrigações morais como provedor, outorgando ao nascido, com este reconhecimento público, com o nome do pai, a bilateralidade, isto é, uma abertura para a rede de parentesco do homem, além daquela outra que todo indivíduo sempre terá e será geralmente a mais ativa: a da própria mãe. Mesmo quando a mãe da criança venha a se juntar a um novo companheiro e possa até receber ajuda deste no sustento de seus filhos, a obrigação e laços para com as crianças das redes de parentesco paterna dificilmente se rompem e costumam se re-atualizar constantemente a depender dos indivíduos e conjunturas. É muito comum, inclusive, que filhos de homens da família sejam criados e amparados por mulheres da sua rede (a avó ou bisavó paterna da criança, uma tia etc) sempre que estas sejam mais bem estabelecidas que a própria mãe da criança ou sua rede. A criação ou circulação de crianças é por vezes uma demanda da própria mãe da criança e outras vezes uma exigência das mulheres da família paterna que reclamam seus direitos sobre a criança quando observam e julgam que a mãe não os está provendo adequadamente, podendo levar a tensões e conflitos em torno do destino dos infantes.

O fato do homem não ser o principal provedor dos seus filhos (principalmente quando não co-habita com a mãe desses filhos) não é tido como uma falta em si mesma, apenas como algo indesejável – e desde uma ideologia dominante que opera simultânea e paralelamente ao princípio de matrifocalidade – ou um claro sinal de orgulho e superioridade nos casos de homens bem sucedidos que podem exercer esse papel. Quanto maior for a ajuda que o homem dá a seus filhos e mulher(es), maiores serão seus direitos nessa(s) rede(s) de parentesco e mais firme será a legitimidade da sua paternidade frente à comunidade. Como bem apontava Woortmann (1987), casos de poliginia, como de poliandria seriada, podem igualmente estar operando dentro de um sistema matriarcal como o analisado. Assim, mesmo quando o pai não cumpre o papel de provedor e não mora com seus filhos, ele fornece uma identidade social, elemento fundamental para a integração social da criança.

Quando o pai não fornece sua identidade social, do ponto de vista material ou na prática, muitas vezes pouca coisa muda. A centralidade da relação mãe-filhos não é afetada na sua essência, apenas se restringe a amplitude de redes dessa criança, a qual é vista como uma responsabilidade da mãe ou das mulheres da sua rede. Nesta direção pode-se formular uma interessante hipótese de análise. É bem possível que muitos dos homens inseridos neste modelo e contexto social sintam uma paradoxal e ambígua pressão: se, por um lado, o sistema matriarcal centrado na díade mãe-filhos libera o homem do exercício de uma “paternidade responsável” (enquanto provedor – e desde uma prerrogativa de um modelo patriarcal); por outro, esta situação da condição masculina vivenciada neste contexto talvez gere, simultaneamente em alguns casos, a pressão contrária proveniente do peso das representações dominantes da sociedade maior da qual fazem parte, que associa o papel do provedor a um valorizado indicador de status social e trajetória bem sucedida do homem que o pode exercer. A impotência, frustração, perda de espaço e poder masculinos em sociedades modernas tem sido identificados como alguns sentimentos determinantes do aumento da violência masculina, muito presente em contextos de crônica restrição econômica e de falta de condições de vida. É possível que a ambígua e paradoxal situação experimentada pelos homens neste modelo matriarcal com respeito a frustradas expectativas de exercer o valorizado papel social de provedores e principais responsáveis do sustento de suas famílias, assim como a perda de espaço e poder masculino em relação a um modelo dominante possa estar afetando a sua forma de inserção no mundo, a maneira de se perceberem e entenderem como pessoas. Pode ser que isso seja um fator de fragilidade em alguns, mas pode ser também um fator de “empoderamento”, fortalecimento ou proteção para outros a depender do modo como articulem essa questão nas suas vidas, do modelo que mais opere em suas representações, se o matriarcal vivenciado ou patriarcal dominante. Como sabê-lo? As respostas seguramente variarão a depender dos indivíduos: de suas trajetórias, experiências, significações projetadas em vivências, expectativas e desejos, o que poderá variar também em um mesmo indivíduo em distintos momentos de sua vida. Esta é uma hipótese que valeria a pena desenvolver futuramente e que aponta diretamente para a presença e operação do que na introdução chamei de princípio relacional de matrifocalidade que, como Landes (1967), Marcelin (1996), Woortman (1987) e outros, suponho ser um modelo de representações bastante presente e generalizado, na sociedade baiana, mas que para sua devida compreensão precisaria de um outro tipo de estudo diferente ao desta tese. A pesquisa que desenvolvi apenas parte do suposto de que os indivíduos neste modelo

são portadores tanto de representações gerais da sociedade como das que emergem diretamente do sistema matriarcal vivenciado (e que denominei princípio relacional de matrifocalidade), as quais nem sempre caminham na mesma direção. A pesquisa objetivou elucidar como esse princípio opera e se diferencia de um modelo nuclear patriarcal, por isso se escolheu para sua melhor identificação e descrição o estudo aprofundado de dois arranjos familiares matriarcais onde este princípio está presente, e a partir dos quais se partiu para re-definir a idéia de matriarcalidade.

A paternidade neste modelo, sem estar ausente, adota formas de expressão distintas menos centrais que, por exemplo, a de filiação que opera mais fortemente no imaginário masculino neste modelo analisado. O lugar que o homem ocupa neste modelo diádico mãe-filhos é central e o mais privilegiado depois do da mãe: o do filho homem.

À luz do hiato relacional “mãe-filhos”, e ao comparar as posições ocupadas por homens e mulheres, de distintas gerações, em arranjos domésticos matriarcais, os dados da etnografia levaram-me a pensar que as mulheres (filhas no início de suas trajetórias, mães e/ou avós no meio ou fim de suas trajetórias) cumprem em geral um ciclo completo de identidade previsto para este gênero neste modelo, conquistando, à medida que seu curso de vida avança, transcender da posição subalterna de filha para aquela superior da identidade “popularmente valorizada” da “mulher como mãe”, figura central e focal da rede de relações neste arranjo familiar estudado. Se na juventude recebem apoio das redes para criar seus filhos, pareceria ser que é quando elas se tornam avós que muitas logram alcançar a estabilidade, independência e autonomia para oferecer o seu apoio e ajudar a criar os filhos das suas redes. É no papel de avó (ou com a maturidade, experiência e condições necessárias para isso), que algumas destas mulheres, quando forem mulheres bem sucedidas economicamente em suas vidas, poderão chegar ao poderoso e prestigiado cargo de matriarca familiar.

Os homens, por sua vez, pareceriam nunca sair totalmente, dentro deste modelo, do seu papel de filhos, papel que se em relação ao das filhas mulheres se apresentou como privilegiado, por outro lado, pareceria apontar certa impossibilidade de autonomia frente a suas mães, já que nem sempre parecem poder herdar (como as filhas) e muito menos vir a ocupar o prestigiado papel de

“chefes” do seu grupo familiar se continuarem atrelados a estes arranjos domésticos de tipo matriarcal, onde a centralidade é feminina e não masculina. A opção deles, no melhor dos casos, é vir a transitar para um outro modelo onde possam vir a ser os chefes, deixando de ser nesse caso um modelo matriarcal.

Neste modelo matriarcal o lugar central do homem se exerce no lugar do filho, que deve sua reciprocidade antes à mãe do que a suas companheiras ou filhos, como se demonstrou na etnografia. O papel do filho é central e operacionalmente mais importante do que o de pai ou esposo, porque pelo seu vínculo de consangüinidade eterno (em oposição ao de afinidade do homem esposo) é nele, como membro permanente da casa, que as mulheres depositam suas expectativas e esperanças de proteção e autoridade que a sociedade projeta na figura masculina desde uma ideologia patriarcal ainda vigente. Assim, os filhos funcionam nestes casos como o elo que articula este modelo matriarcal de família a um outro mais geral e patriarcal vigente na sociedade em geral. O modelo matriarcal dialoga e se inter-relaciona com o patriarcal. Esta hipótese e as outras aqui esboçadas mereceriam novos estudos que melhor detectem e descrevam como se interconectam e influenciam mutuamente práticas e representações em seus diversos níveis de complexidade, articulação e contradição. Afortunadamente o impulso nos estudos atuais sobre identidade masculina, sobre a presença e ausência de sentimentos e experiências de homens em diversos campos vem preenchendo lacunas dos estudos de gênero que certamente caminharão na elucidação de muitas destas questões em um futuro próximo.

Espera-se que o conjunto de elementos, constatações e reflexões reunidas nesta tese sejam de utilidade para incentivar outros pesquisadores do campo a realizar estudos que lhes permitam vir a formular algum tipo de generalização, certas comparações e extração do que possa haver ou não de universal em algumas das descrições aqui apresentadas. A busca de universais é uma atitude necessária e desejável a toda produção científica, sempre que possível e quando se reúnem os elementos teóricos e empíricos suficientes para tanto. O presente estudo, baseado em dois grupos familiares, a partir de uma densa descrição etnográfica, por seu caráter minucioso e olhar atento ao sentido das relações quotidianas estabelecidas entre os informantes, desde uma certa interpretação dos dados apresentados, permite lançar uma série de novas perguntas e questionamentos a vários supostos tidos durante longo tempo como intransponíveis no campo dos

estudos da família. Essa foi a principal intenção deste estudo: fundamentar alguns desses questionamentos antes que se preocupar pela elaboração de apressadas generalizações sobre o modelo estudado ou responder muitas dessas questões, assim como formular novas perguntas e pistas de desenvolvimento de novas hipóteses. Entretanto, a profundidade do estudo permitiu elaborar um certo grau de generalização empírica sobre o modo de operar do princípio de matrifocalidade em arranjo familiar matriarcal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. Espaço urbano, família e status social. **Caderno CRH**, Salvador, n. 13, p. 39-62, jul./dez. 1990.

ALMEIDA, Heloisa Buarque et al. (Org.). **Gênero em Matizes**. Bragança Paulista: EDUSF/CDAPH, 2002.

ALVES, Paulo César. A perspectiva de análise social no campo da saúde: aspectos metodológicos. In: CANESQUI, A. Maria (Org.). **Dilemas e desafios das ciências sociais na saúde coletiva**. Rio de Janeiro: HUCITEC/ANPOCS, 1995. p. 63-82.

ALVES, Paulo César. Some dilemmas and challenges for Social Sciences in Brazil. In: BRICEÑO-LEON, Roberto; SONTAG, Henz R. **Sociology in Latin America**. Colonia Tovar/Venezuela: ISA Regional Conferences for Latin America, 1997. p. 89-100.

ALVES, Paulo César. La antropología médica em Brasil y el problema de la interdisciplinariedad em los estúdios sobre salud. In: BRICEÑO-LEON, Roberto et al. **Ciencias Sociales y salud en América Latina: un balance**. Caracas: Fundación Polar/FLACSO/ Ed. Libris, 1999. p. 187-196.

ANDERSON, Michael. **Elementos para a história da família ocidental, 1500-1914**. Lisboa: Querco, 1984.

BARROS, Myriam Lins de. **Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

BARROSO, Carmem. Sozinhas ou mal acompanhadas: a situação das mulheres chefes de família. In: ENCONTRO NACIONAL DE POPULAÇÃO, 1., 1978, Campos de Jordão. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 1978.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia (Rito Nagô)**. São Paulo: Nacional, 1961.

BASTOS, Ana Cecília de Souza. **Modos de partilhar: a criança e o cotidiano da família**. São Paulo: Ed. Universitária Cabral, 2001.

BASTOS, Maria Durvalina Fernandes. **Mulheres chefes de família: condições de vida e representações sociais**. 1989. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontífica Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

BERICAT E. Estrategias y usos de la integración. In: \_\_\_\_\_. **La integración de los métodos cuantitativos y cualitativo en la investigación social: significado y medida**. Barcelona: Ariel, 1998. p.103-146.

BERKNER, Louis. The stem family and the developmental cycle of the peasant household: an 18th century Austrian example. **American Historical Review**, v. 77, n. 2, p. 398-418, 1972.

BERKNER, Louis. The use and misuse of census data for the historical analysis of family structure. **The Journal of Interdisciplinary History**, Massachusetts and London, v. 5, p. 721-738, 1975.

BERQUÓ, Elsa. Pirâmide da solidão? In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS E DO PROGRAMA DE POPULAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS (ABEP), 5., 1986, Águas de São Pedro, SP. **Anais...**

BERQUÓ, Elsa. **Os idosos no Brasil: considerações demográficas**. Campinas: UNICAMP/NEPO. No. 37. Outubro de 2000. 68p.

BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.

BOURDIEU, Pierre. La maison ou le monde renverse. In: \_\_\_\_\_. **Esquisse d'une Théorie de la Pratique**. Genève: Librairie Droz, 1972. p. 45-69.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papius, 1997.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Chegando para a idade. In: LINS DE BARROS, Myriam (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BRUSCHINI, Cristina. **Mulher, casa e família**. São Paulo: Vértice/FCC, 1990.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: feminism and the subversion of Identity**. New York – London: Routledge, Chapman & Hall Inc., 1990.

CAILLÉ, Alain. Nem holismo nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 5-38, out. 1998.

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. **City of walls: crime, segregation and citizenship in São Paulo**. 1992. Tese (Doutorado em "Filosophy in Anthropology") – Graduate Division of University of California at Berkeley, 1992.

CARNEIRO, Edson. **Religiões Negras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

CASTRO, Mary G. Mulheres chefes de família, esposas e filhas pobres nos mercados de trabalho metropolitanos (regiões metropolitanas de São Paulo e Salvador, 1980). In: ENCONTRO NACIONAL DE POPULAÇÃO, 7., 1990. **Anais...** São Paulo: ABEP, 1990.

CASTRO, Roberto. En búsqueda del significado: supuestos, alcances y limitaciones de los métodos cualitativos. In: I. SASZ; S. LERNER (Org.). **Para comprender la subjetividad: investigación cualitativa en salud reproductiva y sexualidad**. Cidade do México: El Colégio de México, 1996. p. 57-85.

CASTRO, Roberto. **La vida en la adversidad:** el significado de la salud y la reproducción en la pobreza. Cuernavaca-México: CRIM/UNAM, 2000.

CASTRO, Roberto; BRONFMAN, Mario. Problemas no resueltos en la integración de métodos cualitativos y cuantitativos en la investigación social en salud. In: BRONFMAN, M.; CASTRO, R. (Coord.). **Salud, cambio social y política:** perspectivas desde América Latina. Cidade do México: Edamex, 1999. p. 49-64.

CLARKE, Edith. **My mother who fathered me:** a study of the family in three selected communities in Jamaica. London: George Allen & Unwin, 1972 [1957].

COHN, Gabriel. **Crítica e resignação:** fundamentos da sociologia de Max Weber. São Paulo: Taq, 1979.

CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira (notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil). In: ALMEIDA, K. de et al. **Colcha de retalhos:** estudos sobre a família no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.13-38.

CORRÊA, Mariza. Para uma história social da família no Brasil. 1990a. 10p. Mimeografado.

CORRÊA, Mariza. **Morte em família:** representações jurídicas de papéis sexuais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990b.

CORRÊA, Mariza. O sexo da dominação. **Novos Estudos Cebrap**, n. 54, p. 43-53, jul. 1999.

CSORDAS, J. Thomas. Embodiment as Paradigm for Anthropology. **Ethos**, n. 18, p. 5-47, 1990.

CSORDAS, J. Thomas. Somatic Modes of Attention. **Cultural Anthropology**, v. 8, n.2, p. 135-156, 1993.

CSORDAS, J. Thomas. Introduction: the body representation and being-in-the-world. In: \_\_\_\_\_ **Embodiment and experience:** the existential group of culture and self. New York: Cambridge University Press, 1994.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DAMATTA, R. **A casa e a rua.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

DAMATTA, R. **Relativizando:** uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987a.

DAMATTA, R. A família como valor: considerações não-familiares sobre a família à brasileira. In: MENDES ALMEIDA et al. **Pensando a família no Brasil:** da colônia à modernidade. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987b. p. 115-136.

- DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e curso de vida. **Estudos Feministas**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, 1997.
- DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Antropologia e velhice**: textos didáticos, Campinas, n. 13, 1998.
- DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações**. São Paulo, EDUSP, 1992.
- DUARTE, L. F. Pouca vergonha, muita vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras. In: ENCONTRO NACIONAL DE POPULAÇÃO, 4., 1984. **Anais...** São Paulo: ABEP, 1984, Vol. 1.
- DUARTE, L. F. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- DURHAM, Eunice. **A caminho da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert. Estruturas de habitação como indicadores de estruturas sociais. In: \_\_\_\_\_. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 66-84.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FONSECA, Claudia. **Caminhos da Adoção**. São Paulo: Cortez, 1995.
- FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.
- FRAZIER, Franklin. **The Negro family in the United States**. Chicago: University of Chicago Press, 1939.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. 31. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992 [1933].
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GARCIA, Brígida; MUÑOZ, Humberto; OLIVEIRA, Orlandina. **Hogares y trabajadores en la ciudad de México**. Cidade do México: UNAM/ El Colégio de México, 1982.
- GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures**: selected essays. Nova York: Basic Books, 1973.
- GEERTZ, Clifford. Como pensamos hoje: a caminho de uma etnografia do pensamento moderno. In: \_\_\_\_\_. **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 220-245.
- GLUCKMAN, Max. Gossip and scandal. **Current Anthropology**, v. 4, n.3, p. 307-316, 1963.

- GOLDANI, Ana Maria. **Women's transition: the intersection of female life course, family and demographic transition in Twentieth Century Brazil.** 1989. 288f. Tese (Doutorado em Demografia) – The University of Texas-Austin, Austin, 1989.
- GOLDANI, Ana Maria. Retrato de família: o caso do Brasil. 44 p. Mimeografado apresentado na ANPOCS, 1994, Caxambu, MG.
- GUBA, E.G.; LINCON, Y.S. Paradigmas en competencia en la investigación cualitativa. In: C. DENMAN; J. HARO (Comps.). **Por los rincones: antología de los métodos cualitativos en la investigación social.** Sonora: El Colégio de Sonora, 2000. p. 113-146.
- HANNERZ, Ulf. **Soulside: inquiries into ghetto culture and community.** New Cork: Columbia University Press, 1969.
- HARAWAY, Donna. **Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinención de la naturaleza.** Madrid: Universidad de València/ Instituto de la Mujer/ Ediciones Cátedra, 1991.
- HARDING, R. E. **A refuge in thunder: Candomblé and alternative spaces of Blackness.** Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 2000.
- HAREVEN, Tamara. Cycles, courses and cohorts: reflections on theoretical and methodological approaches to the historical study of family development. **Journal of Social History**, v. 12, n. 1, p. 97-109, 1978.
- HEALEY, Mark. Desencontros da tradição em “Cidade das Mulheres”: raça e gênero na etnografia de Ruth Landes. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 6/7, p. 153-200, 1996.
- HERSKOVITS, Melville. **The myth of the Negro past.** Boston: Beacon Press, 1941.
- HITA, Maria Gabriela. **Etnografia: uma aproximação etnográfica à realidade do Nordeste de Amaralina: um bairro popular da cidade de Salvador.** 1994. 50 p. Relatório de pesquisa para discussão interna de equipe do ECSAS.
- HITA, Maria Gabriela. **Mulheres nervosas na pobreza: perspectivas de emancipação feminina?** 1997a. 101p. Relatório final de pesquisa entregue à FCC pelo projeto “Saúde Mental e Processos de Fragilização na Trajetória de mulheres de classe trabalhadora urbana”.
- HITA, Maria Gabriela. Família e pobreza: modelo único hegemônico?. **Población y Cambio Social: Revista Latinoamericana de Poblacion**, México, Prolap, v. 1, n. 1. Disponível em: <www.prolap.unam.mx>. Acesso em: 06/06/1997b
- HITA, Maria Gabriela. Identidade feminina e nervoso: crises e trajetórias. In: ALVES, Paulo C.; RABELO, Miriam C. (Org.). **Antropologia da Saúde: traçando identidade e explorando fronteiras.** Rio de Janeiro: Relume Dumará/Fiocruz, 1998b. p. 179-213.

HITA, Maria Gabriela. Família, pobreza urbana e saúde: na busca de relações mais plenas. **Revista AntHropológicas: Família, Sexualidades, Saúdes**, Recife, Ano IV, v. 9, p. 30- 54, 1999. Série Família e Gênero.

HITA, Maria Gabriela. Esterilização e raça: pontos para refletir sobre a sexualidade brasileira. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS BRASIL, 500 ANOS: MUDANÇAS E CONTINUIDADES, 12., 2000. **Anais eletrônicos...** 1 CD-ROM.

HITA, Maria Gabriela. Exclusão e estabelecimento de violência na conformação de identidade social urbana. Trabalho preparado para II Seminário Internacional, I Norte-Nordeste: Homens, Sexualidade e Reprodução: Tempos, Práticas e Vozes. Recife, 17 a 20 Junho 2003. Mimeografado.

IRIART, Jorge A. Bernstein. **A construção social do problema mental na infância em uma comunidade da classe trabalhadora de Salvador**. 1992. 151 f. Dissertação (Mestrado em Medicina Preventiva) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992.

IZUQUIZA, Ignacio. **La sociedad sin hombres de Niklas Luhmann o la teoría como escándalo**. Barcelona: Anthropos, 1990.

JELIN, Elizabeth. Las Famílias en América Latina. In: SALINAS, Cecília et al. **Famílias siglo XXI**. Santiago de Chile: ISIS Internacional, 1994.

JELIN, Elizabeth; LLOVET, J. J.; RAMOS, Silvina. Un estilo de trabajo: la investigación microsocial. In: **Proposiciones, historias y relatos de vida: investigación y práctica de las ciencias sociales**. No. 29, Santiago de Chile: Sur ediciones, 1999. p. 130-146.

JESUS, Carolina M. de. **Quarto de despejo: antologia pessoal**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967 [1947].

LAQUEUR, T. **La construcción del sexo: cuerpo y género desde los griegos hasta Freud**. Madrid: Cátedra/Univ. de Valencia, 1994 [1990].

LASCH, Cristopher. **Refúgio num mundo sem coração: a família: santuário ou instituição sitiada?** São Paulo: Paz e Terra, 1991.

LASLETT, P. Família e domicílio como grupo de trabalho e grupo de parentesco: comparações entre áreas da Europa Ocidental. In: MARCÍLIO, Maria Luíza (Org.). **População e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1984 [1972]. p. 137-170.

LEAL, Ondina Fachel; FACHEL, Jandira M.G. Aborto: tensión y negociación entre lo femenino y lo masculino. In: LERNER, Susana (Org.). **Varones, sexualidad y reproducción**. Cidade do México: CEDDU/El Colégio de Méjico, 1998. p. 303-318.

LEFFORT, Claude. A troca e a luta dos homens. In: \_\_\_\_\_. **As formas da história: ensaios de antropologia política**. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 21-35.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. Clan, lignée, maison. In: \_\_\_\_\_. **Paroles Données**. Paris: PUF, 1992.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Maison. In: BONTÉ et al. **Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie**. Paris: PUF, 1991.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Perspectivas do Homem/ Edições 70, 1988. p. 9-45.
- LEWIS, Oscar. **La vida**: una familia puertorriqueña en la cultura de la pobreza: San Juan y Nueva York. 4. ed. Cidade do México: Joaquín Mortiz, 1975 [1966].
- LIEBOW, Elliot. **Tally's Corner**: a study of Negro street-corner men. Boston: Little Brown, 1967.
- LIMA, Vivaldo da Costa. **Família-de-santo nos candomblés jeje-nagôs da Bahia**: um estudo de relações intragrúpis. 1977. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1977.
- LIMA, Vivaldo da Costa. Liderança e sucessão, coerência e norma no grupo de candomblé. In: MOURA, Carlos Eugenio Marcondes de (Org.). **Leopardo dos olhos de fogo**: escritos sobre a religião dos orixás. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998. p. 33- 82.
- LIMA, Vivaldo da Costa. **Família-de-santo nos candomblés jeje-nagôs da Bahia**: um estudo de relações intragrúpis. Salvador: Corrupio, 2003.
- MACHADO, Etielma Ayres. **Narrativas, trajetórias e consideração**: um estudo sobre família e relações raciais em unidades domésticas no complexo da Maré – Rio de Janeiro. 1998. 130f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – IFCH, Unicamp, Campinas, 1998.
- MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.
- MALINOWSKI, B. **The family among the Australian Aborigines**: a sociological study. New York: Schocken, 1963 [1913].
- MANN, Thomas. **Os Buddenbrooks**. São Paulo: Nova Fronteira, 2000 [1922].
- MARCELIN, Louis HERNES. **A invenção da família Afro-Americana**: família, parentesco e domesticidade entre os negros do recôncavo da Bahia, Brasil. 1996. 325 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.
- MARCELIN, Louis HERNES. A linguagem da casa entre os negros no recôncavo baiano. **Mana: Revista de Estudos em Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 31-60, 1999.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1967.

MARTINEZ-ECHAZÁBAL, Lourdes. O culturalismo dos anos 30 no Brasil e na América Latina: deslocamento retórico ou mudança conceitual? In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998. p. 107-124.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Família e sociedade na Bahia do século XIX**. São Paulo: Corrupio, 1988.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia e Antropologia**. v. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. cap. I-IV, p. 211-233.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Perspectivas do Homem/ Edições 70, 1988 [1950].

MENÉNDEZ, Eduardo. El punto de vista del actor: homogeneidad, diferencia e historicidad. **Relaciones**, México, v. 17, n. 69, p. 239-270, 1997.

MENÉNDEZ, Eduardo. De la reflexión metodológica a las prácticas de investigación. **Relaciones**, México, v. 88, n. 22, p. 119-163, 2001.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

NEUPERT, R et al. Os arranjos domiciliares das famílias matrifocais. In: ENCONTRO NACIONAL DE POPULAÇÃO, 6., 1988, São Paulo. **Anais...** p. 247-267.

NIEMEYER, Ana Maria. **O lugar da pobreza: moradia e controle de espaço na favela São Paulo: 1972-1977**. 1985. 437 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

NUNES, Mônica de Oliveira. **Da clínica à cultura: uma etnografia da relação terapêutica no contexto PSI na Bahia-Brasil**. 1993. 220 f. Dissertação (Mestrado em Medicina Preventiva) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1993.

OJEDA, Norma. **El curso de vida familiar de las mujeres mexicanas**. Cidade do México: UNAM/ Centro Regional de Investigación Multidisciplinar, 1989.

OLIVEIRA, Maria Coleta. Família e modo de vida nas classes trabalhadoras em S. Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE POPULAÇÃO, 8., 1992a, São Paulo. **Anais...**

OLIVEIRA, Maria Coleta. Condição feminina e alternativas de organização doméstica: as mulheres sem companheiro em São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE POPULAÇÃO, 8., 1992b, São Paulo. **Anais...** v. 2. p. 157-177.

OLIVEIRA, Maria Coleta. A família brasileira no limiar do ano 2000. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 55-63, 1996.

- OLIVEIRA, Maria Coleta; BERQUÓ, Elza. Família no Brasil: análise demográfica e tendências recentes. **Ciências sociais Hoje**, São Paulo, 1990.
- PARSONS, T.; BALES, R. F. (Org.) **Family, socialization and interaction process**. London: Routledge & Kegan Paul Ltd, 1956.
- PARSONS, Talkot. Cidadania plena para o americano negro? Um problema sociológico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Ano 8, n. 22, junho 1993. p 32-61
- PIERSON, Donald. **Pretos e brancos na Bahia**. São Paulo: Nacional, 1971 [1942].
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PRITCHARD, E. Evans. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- RABELO, M.C.; ALVES, P. C.; SOUZA, I. **Experiências de doença e narrativa**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1999.
- RABELO, M. C. **Saúde mental: agências terapêuticas e redes sociais**. 1997. 154p. Relatório Final para o CNPq.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald; FORDE, Daryll (Org.). **African systems of kinship and marriage**. London: Oxford University Press, 1960 [1950].
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. O irmão da Mãe na África do Sul. In: \_\_\_\_\_. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 27-45.
- REBRUN, L. A. Swallowing frogs: anger and illness in Northeast Brazil. **Medical Anthropology Quarterly**, v.8, n.4, 1994. p 360-382
- REBRUN, L. A. **The heart is unknown country: love in the changing economy of Northeast Brazil**. California: Standford University Press, 1999.
- REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos Malês**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SADER, E. **Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SAHLINS, Marshall. El espíritu del don. In: \_\_\_\_\_. **Economia de la edad de la piedra**. Madrid: Akal Editores, 1983 [1977]. p. 167-202.
- SALEM, Tania. O casal igualitário: princípios e impasses. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 3, n. 9, 1989.

SALEM, Tania. Mulheres faveladas, com a venda nos olhos. In: FRANCHETTO, B.; CAVALCANTI, M. L. V.; HEILBORN, M. L. (Org.). **Perspectivas Antropológicas da Mulher**, no. 1, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 57-92.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SAMARA, Eni de Mesquita. Tendências atuais da história da família no Brasil. In: ALMEIDA et al. **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil**. Salvador/Rio de Janeiro: EDUFBA, 2004.

SARDENBERG, Cecília. Mães e filhas: etapas do ciclo de vida, trabalho e família entre o antigo operariado baiano. **Cadernos CRH**, Salvador, n. 29, p. 21-47, 1998.

SARTI, C. A. Família y gênero en bairros populares de Brasil. In: GONZALEZ, Soledad (Org.). **Mujeres y relaciones de género en la Antropología Latinoamericana**. Cidade do México: PIEM/El Colegio de México, 1993.

SARTI, C. A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas: FAPESP/Editora Autores Associados, 1996a.

SARTI, C. A. A família como referência moral no mundo dos pobres: onde fica a lei?. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 10., 1996b, Salvador. **Mimeografado**.

SCHEPER-HUGHES, Nancy. **Death without weeping: the violence of everyday life in Brasil**. Berkeley: University of California Press, 1992.

SCHNEIDER, D. M. **A critique of the study of kinship**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1984. Mimeografado traduzido para o português por Daniela Manica para cursos e uso interno da Unicamp: Cap 9: Uma história de algumas definições de parentesco e Cap. 14: A suposição fundamental no estudo do parentesco: o sangue é mais denso do que a água.

SCHUTZ, A. **La construcción significativa del mundo social**. Barcelona: Paidós, 1993

SCHUTZ, A.; LUCKMANN, T. **Las estructuras del mundo de la vida**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1973.

SCOTT, R. Parry. **Mulheres chefes de domicílios e trabalho em ambientes distintos no Norte e Nordeste. 2002**. Mimeografado elaborado para a mesa sobre chefias femininas da ABEP 2002. 22p.

SEGALEN, Martine. **Sociologie de la famille**. Paris: Armand Collin, 1981.

SEGATO, Rita Laura. Inventando a Natureza: família, sexo e gênero no Xangô do Recife. **Anuário Antropológico**. 1985, p. 11-56.

SEGATO, Rita Laura. Iemanjá em família: mito e valores cívicos no xangô de Recife. **Anuário Antropológico**, Brasília, 1990, p. 145-190.

SILVERSTEIN, Leni. Mãe de todo mundo: modos de sobrevivência nas comunidades de Candomblé da Bahia. In: CARVALHO, J. M. de et al. **Religião e Sociedade**. n. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 143- 169.

SIMMEL, Georg. Sobre a sociologia da família. In: \_\_\_\_\_. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 1993 [1895]. p. 19-40.

SLENES, Robert W. Lares negros, olhares brancos: história da família escrava no séc XIX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.8, n. 16, p. 189-203, 1988.

SLENES, Robert W. **Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava – Brasil, Sudeste, século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SMITH, R.T. The matrifocal family. In: GOODY, J. (Coord.). **The character of kinship**. New York: Cambridge University Press, 1973.

SOUZA, Iara. **Na trama da doença: um estudo sobre redes sociais e doença mental**. 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995.

STACK, Carol B. **All our kin: strategies for survival in a black community**. New York: Harper & Row, 1974.

STOLKE, Verena. Sexo é para gênero, assim como raça para etnicidade? **Estudos Afro-Asiáticos**, Salvador, n. 20, p. 101-119, 1991.

STRATHERN, Marilyn. **Gender of the gift**. Berkeley: University of California Press, 1986.

STRATHERN, M. Necessidade de pais, necessidade de mães. **Estudos feministas**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 1995. p. 303-329.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim de século, 1995.

VALENTINE, Charles A. **Culture and poverty: critique and counterproposals**. Chicago: University Press, 1968.

VALLADARES, Licia. A gênese da favela carioca: a produção anterior às Ciências Sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 15, n. 44, p. 5-31, out. 2000.

VAN VELSEN, J. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: BIANCO, Bela Feldman (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas**. Global Universitária. 1967.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociabilidade – uma experiência de geração**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

VICENT MARQUÉS, Josep. Varón y patriarcado. In: VALDES, Teresa; OLAVARIA, José (Org.). **Masculinidad/es: poder y crisis**. Santiago do Chile: FLACSO/Isis, 1997. p. 17-30.

WEBER, Max. La comunidad doméstica. In: \_\_\_\_\_. **Economia y sociedad**. México: Fondo de Cultura, 1983 [1922]. p. 289-293.

WOORTMANN, Klass. Casa e família operária. **Anuário Antropológico**, São Paulo, n. 80, 1982.

WOORTMANN, K. A família trabalhadora. **Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, p. 69-99, 1984.

WOORTMANN, K. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/CNPQ, 1987.

WOORTMANN, K. **Mulher, casa e família**. São Paulo: Vértice/ FCC, 1990.

YANAGISAKO, S. J. Mixed metaphors: native and anthropological models of gender and kinship domains. In: COLLIER, J.; YANAGISAKO, S. J. (Ed.). **Gender and kinship: essays toward a unified analysis**. Standford: Standford Univ. Press, 1987. p. 86-118.

ZALUAR, Alba. As mulheres e a direção do consumo doméstico: estudo de papéis familiares nas classes populares urbanas. In: ALMEIDA, M. S. K. et al. **Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 161-184.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZELDITCH, M., Jr. Role differentiation in the nuclear family: a comparative study. In: PARSONS, T.; BALES, R. F. (Org.) **Family, socialization and interaction process**. London: Routledge & Kegan Paul Ltd, 1956. p. 307-352.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A - CRONOLOGIAS RESUMIDAS DAS FAMÍLIAS

### FAMÍLIA DE MÃE DIALUNDA

**1926**

Nasce Dialunda no interior.

**1933**

Dialunda migra para Salvador para trabalhar em “casa de família”

**1939**

Aos 13 anos Dialunda tem relações sexuais com filho de patrões e nasce sua filha Maria das Graças.

**1945**

Dialunda sai de casa de Portugueses. Mora alguns tempos com sua irmã Bididigo e sua mãe que ajudam-a a criar sua filha.

**1951**

Aos 26 anos é avó. Sua filha primogênita começa a engravidar

**1953**

Nasce seu segundo filho de Dialunda de um novo parceiro.

**1956**

Possível união com Anacleto, pai de Nancy.

**1961**

União com Orlando, pai de Betão, Ibijara e Betinho.

### **1965**

Problemas de saúde revelaram-lhe o desejo de seu santo seguir a vida do povo de santo. Começa sua iniciação como filha-de-santo e baiana de acarajé, com diversos rituais ao longo dos anos. Frequentava o terreiro de seu “pai” no Engenho Velho de Brotas, também frequentado, dizia, pelas famílias de Carla Perez e Alexandre – cantores baianos.

### **1966**

Betinho, filho de criação, é incorporado ao grupo doméstico

### **1975**

Extraí mioma do útero e decide viver em abstinência sexual.

Provável ascensão ritual de Dialunda a mãe-de-santo . Provável mudança de casa para atual local de residência, que sofreria primeira reforma adaptando-a a operar como terreiro.

### **1976**

Provável separação de Orlando e Mãe Dialunda.

Nasce Carla, neta que passará a criar desde o nascimento.

### **1978**

Nasce Nívea. Irmã de Carla criada por Dialunda

### **1983**

Nancy perde casa da Boca do Rio e é presa junto ao seu companheiro Walmir por acusada de ser cúmplice do roubo a mão armada de Waldir.

### **1984**

Cremilda e Antonio Alberto moram com Dialunda

Nacem Pedro Alberto, e outros netos que ela passará a criar.

**1988**

Dialunda se ausenta 4 meses em viagem ao Rio de Janeiro, deixando a casa ao encargo dos filhos e nora. Ao voltar encontra-a totalmente desestruturada. Possível separação de Cremilda e Antônio Alberto e mudança deste filho para outro grupo familiar.

**1989**

Dalva engravida de Kely, une-se a Ibijara e instala-se em casa de Dialunda.

**1990**

Grande reforma dividindo as duas casas. Vão nascendo filhos de Dalva e Ibijara que Mãe Dialunda cria.

**1992**

Primeiro contato com a casa mediante survey realizado ao bairro. Visitas freqüentes de diferentes pesquisadores da equipe. Varias entrevistas e observação do cotidiano da família até 2003

**1997**

Início contato com esta pesquisa de doutorado, com visitas mais sistemáticas a este domicílio, nas que se observou imensa mobilidade das pessoas ao seu interior.

**1999**

Novas reformas da casa. Agora no atual quarto de Santo para trazer santos da ilha. Reforma realizada por Etiê. Ex-companheiro de neta Nívea.

**2000**

Ano intensamente marcado por idas e vindas de Jaqueline e Jackson.

**2001**

Morre assassinado o segundo neto de Dialunda, perto da sua casa, enquanto ela estava visitando amigos em Vitória do Espírito Santo.

## **FAMÍLIA DE D. CIDA**

### **1985**

Morre seu Diogo, segundo marido de D. Cida que cede quarto da frente a Neneca  
Dificuldades financeiras obrigam a família à venda de utensílios da casa em distintos momentos  
(até 94)

### **1986**

Morre Léo, primeiro marido de Neneca.  
Neneca se une a Gilson

### **1990**

Nasce Tatiana, filha de Lena, com problemas no coração.  
Morte de Lena - D. Cida assume a criação dos filhos e neto de Lena.

### **1991**

Téo leva tiro na boca, por briga de dominó.  
Últimos partos realizados por D. Cida que se aposenta.  
Incêndio na casa e queda de um telhado.

### **1992**

Começa a reconstrução da casa de D. Cida.  
Leovânia, com 6 a 7 anos de idade, começa a falar e a andar. [Nasceu com problema de fenda palatina, ficou internada durante todo o seu primeiro ano de vida em HC e fez diversas cirurgias]  
Cleonaldo começa a manifestar problemas pelo trauma da morte da mãe.

### **1994**

Dina recebe laje de D. Cida e inicia construção de sua casa que amplia ano a ano.

### **1996**

Lia recebe laje para erguer casa.

## **1998**

(jan) Morte de Daniela no aniversário de Laísa

(mai) Téo recebe cinco tiros de parente de Doca

## **1999**

(jan) - Briga entre Neneca, Dina e Lúcia com Demanda policial entre familiares.

(mar) - Polícia invade a casa a procura de armas. Téo e Robson presos por três meses.

(jul) - Dina denuncia Cleonaldo por apedrejar seu telhado.

(out)- Demanda policial de vizinhos contra família por abertura de parede e morte de D.Cida

## **2000**

Leonildo viaja para o Rio de Janeiro.

Separação de Gilson e Neneca.

(out) - Téo é preso por tráfico de drogas - pena de 6 meses a um ano e meio. Mas fica preso por quatro meses devido a bom comportamento.

Dina volta a estudar, na 5ª série em escola próxima a das filhas para vigiar namoro da mais velha.

## **2001**

Morre Daniel.

(jan) - Neneca inicia namoro com rapaz de 18 anos.

Lia abandona sua casa (após a morte de Daniel) e vai para Camaçari e Leonildo ocupa sua casa

## **2002**

Morre Cleonaldo.

Saída de Neneca para Camaçari, junto com Leonildo e pequenos

Tiano e Téo, filhos de Lena, assumem casa de D. Cida

Robson, filho de Merina, vai para casinha de Lia

Leandro e Leandra assumem casa de Neneca

## APÊNDICE B – VERSÕES FAMILIARES DA BRIGA E DA DEMANDA POLICIAL DE FEVEREIRO DE 1999

“Não havia necessidade de uma coisa dessas... Mas como... como elas não tem... fé em Deus... então deve... no mundo e... do mundo eu não posso dizer nada porque.../ Se elas/ se elas se entender... pode parar isso. Se não for, pode continuar... Eu achava que elas devia parar, né? [...] Não! Eu tô dizendo isso **porque justamente essa guerra, essa briga deles...** a mim não me atinge... porque eu agora eu tô na minha, né? Não vão me atingir/ não sou contra nem a favor de uma nem contra a outra... então eu fico por fora... deixa eles...resolver os problema deles... São adulto...É a única [coisa] que eu podia fazer era... orar e pedir a Deus por... por ela viver bem. Essa/ essa briga delas são... passageira/ de/ é... é de costume elas brigarem daqui a pouco tão tudo bem... [...] Por causa de filho elas se desentender!? Eu não tô/ não entendi nem por que foi... eu não entendo, eu sou uma pessoa que não posso nem contar o que foi/ tava na igreja, quando cheguei de lá vi elas... discutindo aí, nesse discutimento, ela começou a quebrar as coisas delas aí em cima e... final das contas teve inté... polícia. Teve inté envolvido em... em polícia, foram... que nunca foram pra canto nenhum, foram agora! Nisso aí... É. Eu não se/ eu não sei nem o que é que vai resolver... Não resolve nada! [Motivo do desentendimento?] Quem sabe... Elas tem/ **a de lá de cima** tem amizade, né?, com... Com gente que não... Que não... Que não... que [nós] não sendo de... de acordo. Aí começa as fofoca, um dá conselho; ‘faça isso, faça aquilo’ aí... começa a guerra. **Eu penso que elas devem tomar vergonha. Deve tomar vergonha e... se entender, que elas são irmã.** Que elas são irmã, são parente, são sobrinha... e não deve/ não deve ir no conte dos outro! **A de lá** enche/ a/ a/ as amiga enche a cabeça dela: ‘faça isso, vamo fazer isso, fazer isso’, **mas a de cá** também pela mesma forma... então... ou vão pra cá. Porque... **a de lá** diz que foi dar parte **da de cá...** foi com as amiga dela.... Dar parte dessa de cá, dar queixa dela... Foram ficar lá na polícia... **A de lá** também vem com conselho da/ de quem vem dizer a ela... aí veve assim, desse jeito. É falta de entendimento. A mim não! <R> A mim não me atinge porque se quiser me atingir não vai atingir porque eu não vou dar/ dar ouvido... Não... **Se elas quisessem ver o meu bem... então elas faziam por viver. As duas. Que é o que mais me agradava a mim é ver a união. Da família. Então se não tem união, então elas não querem amizade minha.** Não querem coisa comigo. Não é/ elas não tão olhando meu lado, tão olhando elas! Né? Porque

querem guerra. Então... O que achava que elas deviam querer era... querer é paz! Entre as duas.” (D. Cida, 24/02/1999).

“Eu tava aqui na hora, vi tudo como começou... Ela [Dina] chegou nervosa, batendo na filha... que a filha num/num/ não passou de ano. Aí pronto, ela como houve as coisas demais achou que tavam falando alguma coisa dela... Mas esse pessoal daqui... sempre/ sempre tem essas confusão aqui, se resolve no outro dia, com tudo se falando. E **dessa vez a coisa foi feia mesmo**. Eu ia me envolvendo, ela disse que não era pra me meter que se não ia sobrar pro meu lado... Então deixei pra lá... Que sempre a gente quer vê... as coisa... numa boa, né? Deixa/ mandaram deixar pra lá... Mas elas não quiseram... Aí se envolveu Doca, os filhos de Dina... Aí só ficou Lídia e Neneca. Neneca mandando Lídia entrar, e Lídia discutindo com... com Dina. Vovó nem tava/ nem tava chegando. Vovó só subiu na hora que/ pra segurar ela, que ela disse que queria se matar, querendo cortar os pulsos. É... Ela [Dina] dizendo querer se matar!: ‘**Vou/ vou me matar!... Que só assim vocês ficam com a casa!...**’ Aí eu não sei, né?... Foi uma confusão retada.” (Leonice, 08/02/1999).

“Foi isso que eu tô lhe dizendo. Começou porque... Lídia tinha saído... ido pra praia. Lídia sabe do segredo dela, ela sabe do segredo de Lídia... Aí, ela foi comentar, foi falar da filha dela conversando discutindo lá com Rejane, ela aí falou que não queria Rejane junto com Lídia porque/ porque não queria Li/ Rejane sendo resenha. Falou. **Resenha** é ficar falada na boca de todo mundo. Lídia ouviu, eu falei: ‘ói, Lídia, cê tá ouvindo, né? Então cê procure o máximo possível evitar de sair com as filhas dos outro’. Dina [achou que falavam dela]. Aí chamou mãinha, chamou Lídia, aí [...] Aí ela começou a esculhambar Lídia. Aí Lídia aí começou, ela aí começou a jogar as coisas em Lídia, Lídia disse: ‘eu não vou sair’. ‘Saía daí, Lídia’. Ela: ‘Não vou sair daqui não, não vou sair porque eu não falei nada a ela’. Não xingou ela, porque essa educação eu dei pros meus filhos, nenhum... todos eles respeita tanto minha mãe, quanto ela. Não xingou ela, não disse nada. Ela começou a jogar as coisa, jogar, jogar, jogar, jogar... de lá pra cá [O quê?] Ah, tudo dela! Tudo: garrafa... tudo que/tudo/jogava como se fosse pra cortar, entendeu? Pra pegar na pessoa, essas crianças tudo aí. Laísa não quer saber/ não sobe nem **lá em cima**. Quando ela passa aí, ela faz... bota a mão assim na cabeça de medo. Aí o pessoal subiram... foram dêsapartar ela, esse pessoal daí, esse pessoal do exército[?]. Foram acalmar ela, eu digo:

‘óí, eu não vou, porque se eu for lá aí vai ser pior ainda’. Foram, foram **lá em cima**. Tá testemunha aí, todo mundo viu... viu que foi ela mesmo. Pronto, acabou. Ela aí se acalmou, disse que ia embora, ia arrumar as coisas – foram embora. Fiquei sentada assistindo minha novela, saí, [Me disseram:] ‘saia, menina’, aí eu cheguei saí, depois voltei fiquei assistindo a novela. Daqui a pouco eu tô aqui... me entra três policial aqui dentro... Nesse mesmo dia. Era de noite! Era nove e tanta. Aí o policial mandou que eu descesse aí. Eu disse: ‘Eu não vou sair de dentro de minha casa, não. Se o senhor quiser o senhor entra que a gente conversa aqui dentro’. Aí ele entrou, conversou, depois foi que eu saí... aí eu comecei a passar o caso a ele, ele disse: ‘é, só pode ser louca. Essa mulher aí é louca’. Eu digo: ‘É louca mesmo. Agora eu digo ao senhor, porque o marido dela/ não quero conta com ele, que ele mentiu, [?], que ele não viu nada, ele não tava aqui... e ele disse que viu e que tudo quebrou ali fui eu que subi pra quebrar’... Foi [Doca disse]. Eu olhei pra cara dele e disse: ‘Mas rapaz... cê tá mentindo... um homem com quase quarenta anos mentindo!’. Ele: ‘Foi! Eu vi tudo’ – ‘Você tem certeza?’ – ‘Tenho’ – ‘E se/ isso/[?] prova a você que não fui eu que fiz isso?’. Ele: ‘Mas não tem prova nenhuma!’. ‘oh, tudo bem...’. Fiquei na minha calada... [...] Foi embora o policial... Aí, eles disse que ia dar intimação, e que não sei o quê... **Aí deu essa intimação de mim... Desde o momento que ela/ que ele mandou os policiais vim aqui dentro de minha casa que eu disse: ‘Pra mim tá morto. Morto e enterrado! Tanto ele como ela...’** [E na delegacia] Aí virou pra mim fez assim: ‘A senhora tem alguma coisa pra dizer a ela?’. Eu digo: ‘Não’. ‘Então a senhora procure sair dali, porque ela tem uma mágoa muito grande e ela pode fazer qualquer coisa contra a senhora’. [...] Foi. **Aí ele me disse a mim, o delegado mesmo: ‘pode procurar sair de lá... procure um lugar/ se a senhora tem condições de alugar uma casa, a senhora alugue, porque ela/ pode fazer uma coisa pior...’. E pode mesmo!** Porque uma/ uma irmã que chega pro homem/ pro marido de uma irmã. [Você falou das amizades dela?] Nada! Não toquei/ cês não me falaram? Nada, não toquei nada. Na hora não precisou não. Não. Aí começou, ela perdeu [na delegacia], aí começou [com ameaças] Foi! Na frente dele. Foi. Ela baixou a moral. Pronto. Aí pronto, vai ver que ela perdeu o cuidado, né? **Vai ver que ela perdeu aí começou a fazer porcaria, a botar aqui na porta... Botou um bocado de macumba aqui na porta e eu quieta [foi] semana passada** (‘-Em pleno carnaval?’) Foi. Que dia foi, Gilsinho, que apareceu aquele bozó aqui? Cê se lembra da data? Semana de carnaval. Apareceu dois. Não, antes da segunda. Aí ela começou a botar. Botou o primeiro, botou o segundo... Todos foi ela que botou! Depois botou/ apareceu umas vela lá vermelha, outra preta

que [...] foi a irmã de Greice que botou. Eu vi mais mãinha aqui ela botar! Eu vi. [É] De Exu/ fez trabalho pra Exu/ tanto é que não pegou em mim, pegou em meu sobrinho... Porque no mesmo dia ele foi preso. No mesmo dia. É. [Em mim] não pode. Não pega nada de ruim pega em mim. Eu tô protegida! <r> Eu mesmo me protejo. Eu mesmo sei quando tem alguma coisa de ruim pra acontecer comigo, eu já sinto antes. Como agora mesmo. Não pega nada. Eu sinto quando tem alguma coisa que vai acontecer... com a minha família – como agora – **eu tô dizendo a você que tá pra acontecer uma coisa de muito grave, de muito ruim... Não sei com que/ foi/ qual das três famílias mas/ das quatro famílias, mas que tá pra acontecer tá. É, pode ser. É/ coisa... Eu não/ não/ não tenho raiva, não tenho nada, só não quero mais contato, tá entendendo? Porque se fez isso comigo pode fazer coisa pior... E eu já passei por coisa pior que eu nunca tive coragem de dar intimação a nenhum/ nunca fui na delegacia, cê acredita?**” (Neneca , 22/02/1999).

“É. [...] Eu fui pra praia em fevereiro, eu e meus quatro filhos... quando eu chego na praia, encontro Lúcia e um rapaz, que eu não sei nem quem é esse rapaz. Aí ficamos lá conversando e tudo, Lúcia veio embora. Veio embora, aí quando eu cheguei aqui em casa, no domingo mesmo/ Quando foi uma segunda-feira de manhã, que eu ia pro médico pra ver o negócio do pé... aí tá Pireco falando com Lúcia: ‘Ó, Lúcia, tá todo mundo aqui na rua sabendo que você tava atrás da/ das pedras lá com um homem’. Aí ela perguntou: ‘Quem foi que disse?’ – ‘Foi Dina’... Aí eu peguei, saí e perguntei: ‘Ôxe, que conversa é essa? Eu disse alguma coisa?’ – ‘Disse sim, você disse!’. É uma coisa que eu não falei. Aí começou a Lúcia, né, que tem uma boca porca, me esculhambou toda... Me disse coisa que eu fiquei horrorizada com as palavras que ela tava dizendo. É. Coisa que a mãe deveria corrigir a filha – ‘não faça isso que ela é sua tia, você tem que aprender respeitar’. Mas não, ela tava influenciando a menina dizer as coisas né. Aí, era uma esculhambação danada, ela disse que minha filha tá atrás do colégio, né... Que minha filha não era mais virgem. Aí meu marido disse que se eu não tomasse uma providência que ele ia embora. [E eu] Doida que ele fosse... <R> Foi. Disse que se eu não tomasse uma providência que eu ia/ que ele ia embora, largar eu com quatro filho aí... [a providência era] A denúncia. Peguei, fui na sétima, dei uma queixa... né? Elas da/ desde a primeira intimação ela rasgou... primeira intimação. Eu voltei na sétima de novo, trouxe a segunda – mesmo não querendo fazer isso, que era minha irmã, né? Mas tinha uma pessoa do meu lado, me empurrando que eu tinha que fazer

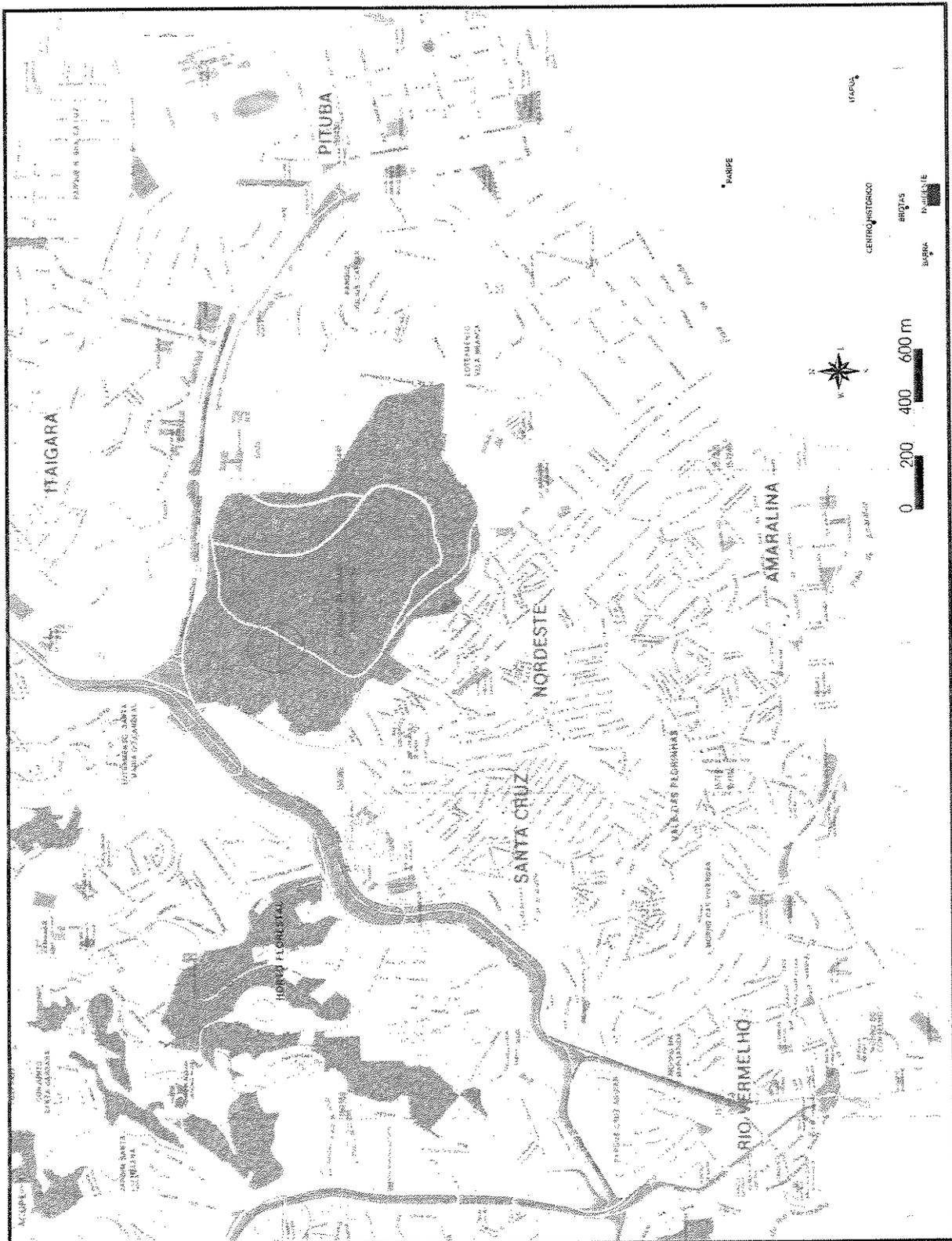
isso, se não ela não ia me respeitar mais. Aí eu fui, o oficial de justiça veio, trouxe a intimação, ela assinou e no dia que foi, ela negou tudo, disse que não falou nada disso, que ela gosta muito de mim. Não pode ser assim, né? A pessoa tem que sustentar o que fala. Que ela gosta muito de mim e que... quer dizer, que eu passei como mentirosa. Mas, graças a Deus, depois dessa intimação, tá tudo numa boa, né. Ela até que chega a falar comigo, mas meu coração ainda... me magoou bastante. Não quero mais.” (Dina, 27/07/1999).

“[E se Dina deixar a casa?] **Pra ir embora pra... onde? (-Ela disse que ia para Itapuã) E vai nada!! Queeee!! <R> Nem/ nem a daí vai nem essa vai... nenhuma das duas. Porque tenho certeza que elas não vão pra canto nenhum... (-E se fosse verdade, a senhora sairia com ela como ela disse?)** Eu é que não vou sair de **minha casa, né? Que não! É que/ isso aqui é meu, isso aqui... não vou sair pra dar... elas que ache que deve sair/ que deve sair pra dar lugar ao... ao que não presta!** Tem essa carga aqui minha... Se eu tenho uma carga grande... Porque essa/ es/ esses/ esses neto que mora comigo... eu não só tenho só os dois pequeno. Tenho é eles todo!” (D. Cida, 24/02/1999).

“(-Você contou que queria se mudar daqui!) É! Mas eu comprei, eu comprei o terreno em Itapuã, né? Foi três mil e quinhentos reais. Doca pediu as contas do trabalho, né. Quatro ano de emprego, né, pediu as conta. Ele?! Ele é pintor de pára-choque. É. São Paulo Pára-choques, ali perto do Ibama, no Rio Vermelho. Né, ele pegou pediu as contas, o rapaz deu. O rapaz deixou o terreno por dois mil reais, ele deu todo, né. Mas aí, o outro quinhentos que ele recebeu – comprou os material, mas não pude meter mão, porque não tem quem/ tinha que pagar mão de obra. E o terreno tá lá, né. Não, tá invadindo não. Tá tudo capinadozinho, tudo cercado, né. Eu vou saí daqui, mas às vezes eu fico assim pensando: **se eu sair, e mãinha como é que fica? Só se [eu] levar ela amarrada. Né, [só se] amordaçar ela e levar ela assim mesmo. É, mas isso eu não vou fazer, não. <r> Ah, eu penso. Ela eu levo, né. Já imagino quando ela fechar os olhos, o que será dessa casa aqui? Se não tão respeitando ela em vida, imagina quando morrer. Aí vai virar bagunça mesmo.**” (Dina, 27/07/1999).

# **ANEXOS**

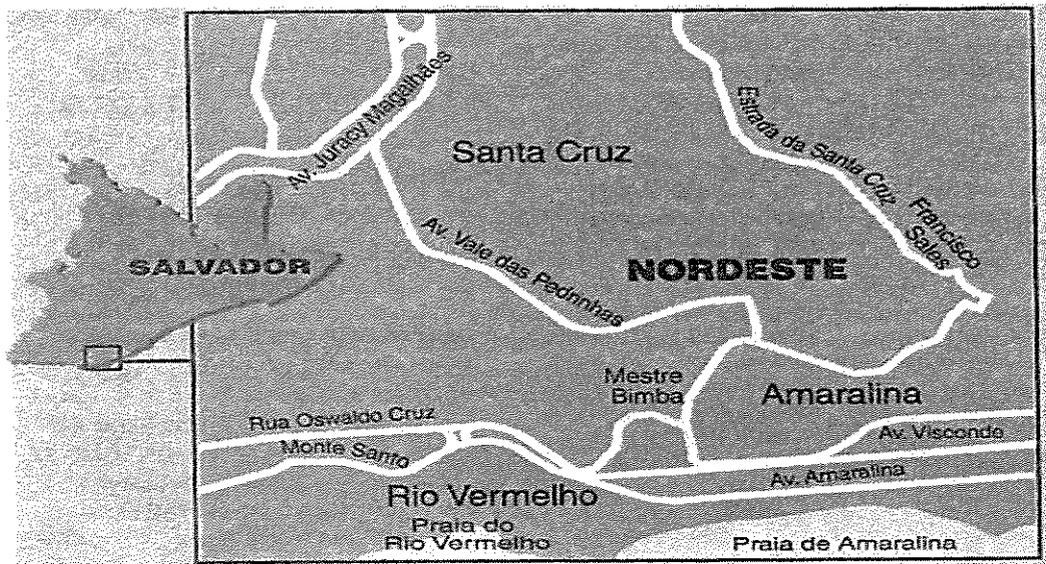
# ANEXO A – MAPAS DA LOCALIZAÇÃO NORDESTE DE AMARALINA



Fonte: CONDER - INFORMS

## ANEXO B – O NORDESTE DE AMARALINA NOS JORNAIS

### ONDE FICA



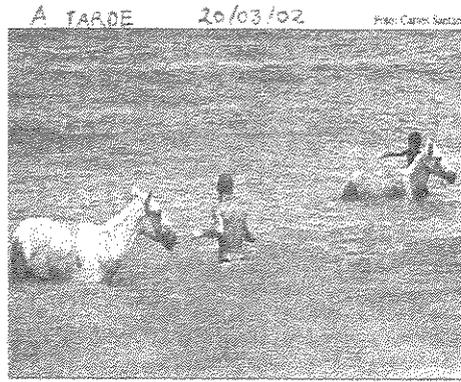
Editoria de Arte/A TARDE



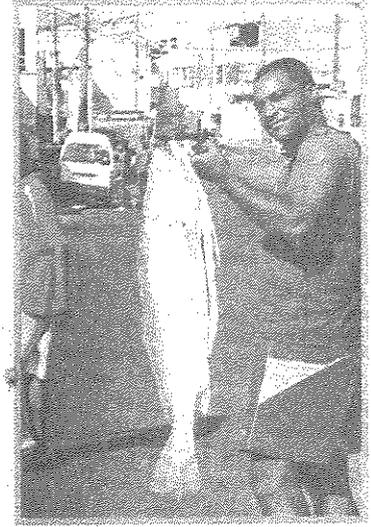
*O Nordeste de Amaralina é palco de uma disputa sangrenta entre quadrilhas rivais*



(Nordeste de Amaralina)



A sujeira do pêlo dos animais é ameaça à saúde dos banhistas

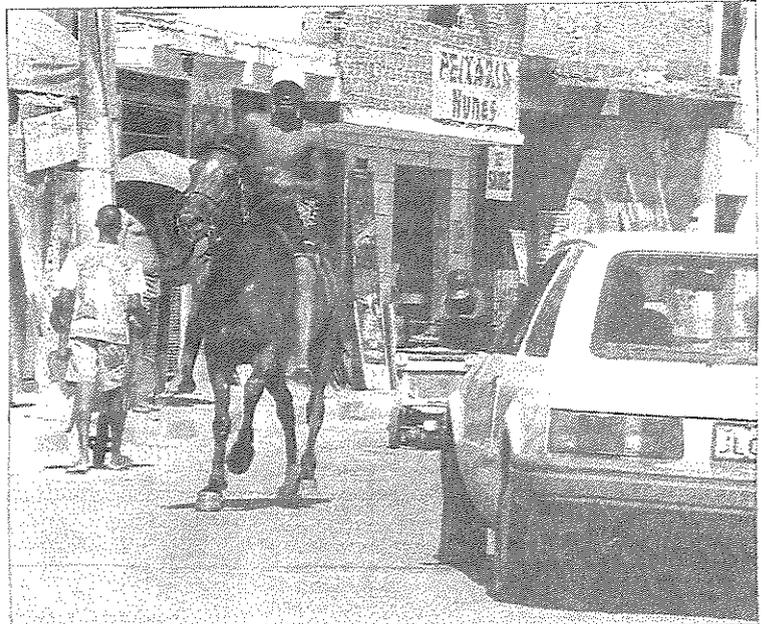


Nordeste de Amaralina

## Banho de verão

Na Praia da Pituba, os cavalos tomaram o lugar dos tradicionais banhistas, nesses últimos dias de verão. Indiferentes ao movi-

mento de banhistas, ontem pela manhã, cavalos e cavaleiros aproveitaram o sol pré-outonal para um relaxante banho de mar.



Moradores querem maior integração entre a comunidade e o policiamento para prevenir crimes

## ANEXO C – A VIOLÊNCIA NO NORDESTE DE AMARALINA

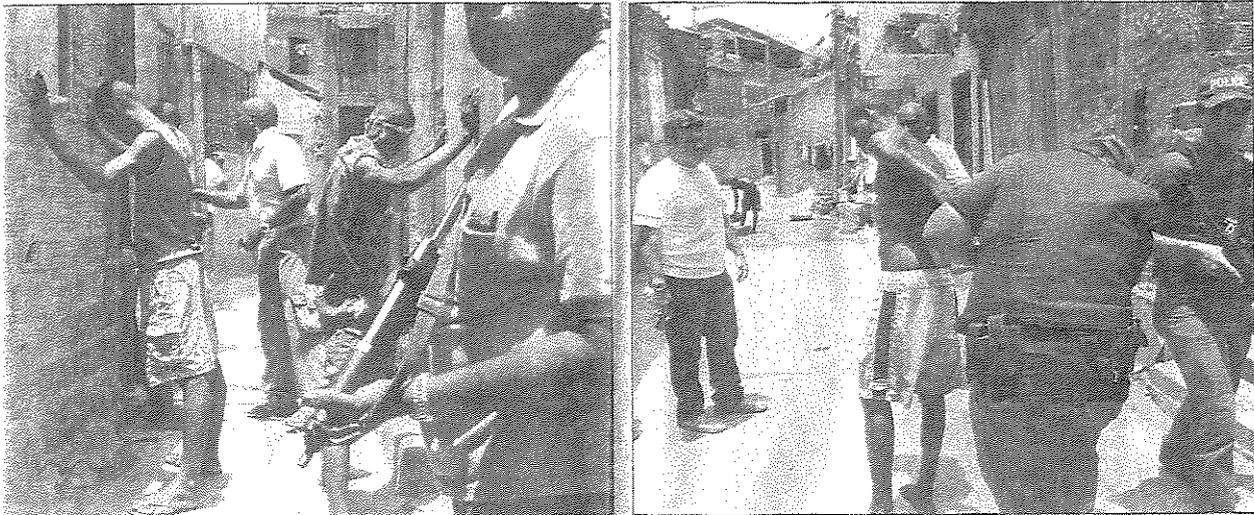
# Lei do mais forte no Vale das Pedrinhas

0 - Polícia

A TARDE

policia@atarde.com.br

Salvador, sábado, 8/3/2003



Policiais da 7ª Delegacia, à procura dos criminosos, ocuparam várias ruas do Alto de Santa Cruz e diversas pessoas foram revistadas, mas não conseguiram êxito na operação

## Crianças vítimas de guerra entre quadrilhas



**Balas perdidas** Luis Davi Santana, 2 anos, recebeu cinco tiros e está em estado grave. Eldson Silva Nascimento, 7 anos, foi atingido por dois tiros e está se recuperando. Os dois foram vítimas de balas perdidas durante um tiroteio na Rua São Jerônimo, bairro Santa Cruz, perto da orla marítima de Salvador. A polícia atribui o tiroteio a uma guerra de quadrilhas. Policiais ocuparam várias ruas do bairro à procura dos bandidos. PÁGINA 10

## Gangues retomam guerra no Nordeste

Foto: Geraldo Ataide



A Rua da Arábia é um dos novos campos de batalha e enfrenta assaltos, tiros e toque de recolher

# Quadrilhas em luta no Nordeste de Amaralina

**VIOLÊNCIA**  
Moradores temem pela vida com o avanço da guerra entre traficantes

FLÁVIO OLIVEIRA

A guerra de quadrilhas de traficantes de drogas no Nordeste de Amaralina ganhou novos campos de batalha, as ruas da Arábia e da Coreia do Sul. A denúncia foi feita por moradores e comerciantes locais, assustados com a escalada da violência: assaltos a estabelecimentos comerciais, ameaças a moradores, trocas de tiros e toque de recolher.

"Aqui, trabalhadores e pais de família não podem ficar fora de casa depois das 21 horas. Os meninos ficam armados, usando drogas livremente, como se fossem

cigarros ou bebidas", afirmou o eletricitário E.D.S., 33 anos, que pediu para não ser identificado. "Eles dominam a área e a polícia nunca faz nada", afirmou.

Segundo o eletricitário, as duas ruas — que ligam o Vale das Pedrinhas ao Nordeste de Amaralina e à Chapada do Rio Vermelho — passaram a ser palco das quadrilhas no início do mês de junho. "Eles começaram com fogos de artifício, bombas e rojões. Já nessa época utilizavam de violência, jogando os fogos uns nos outros e nas residências. Dois trabalhadores tiveram as pernas queimadas. Depois, começaram os assaltos. Eles roubaram bombas do armazém Duas Irmãs e assaltaram outros estabelecimentos. Agora, já usam armas de fogo", historiou.

Outro morador da Rua da Arábia, A.C.S.F., 55 anos, declarou que os residentes ainda não conseguiram identificar as quadrilhas

e seus respectivos líderes que estão "guerreando" nas ruas da Arábia e da Coreia do Sul. "Só sei que são meninos de 13 e 14 anos e que moram em outras ruas", disse.

## Novos grupos

Paulo Portela, chefe do Setor de Investigação da 7ª Delegacia — responsável pela área —, afirmou que esta guerra deve estar acontecendo entre novas quadrilhas. Segundo ele, os principais grupos de traficantes e assassinos do local já foram desarticulados pela polícia.

"O movimento agora é o de remanescentes que querem formar novos grupos. Mas como a polícia se mostrou enérgica, esse movimento vem sendo feito com menos violência. No domingo, final da Copa, houve apenas dois tiros, que não pegaram em ninguém. Há quatro anos, com certeza, teria havido mortes", afirmou o investigador.

# Mais um jovem é vítima de "justiçeiros"

## ENCAPUZADOS

Vítima foi retirada de casa à força e morta no Nordeste de Amaralina

CRISTOVÃO RODRIGUES

Integrantes de um grupo de extremistas executaram a vítima no madrugada de ontem, na Baixa do Areal, Nordeste de Amaralina — um dos bairros mais violentos de Salvador, que foi retirado à força de dentro de sua casa, quando dormia no lado da mulher e do filho de um ano. Segundo relato dos irmãos da vítima, três homens, dois deles encapuzados, usavam cofetes da Polícia Civil. Um terceiro homem ficou na porta da casa, e um quarto no volante de um Corsa de quatro portas, de "cor preta ou verde", segundo vizinhos.

Uma tia de [redacted] informou que, inicialmente, os matadores acompanharam a porta de sua residência. Como se verificaram que a pessoa procurada não estava naquele local eles se retiraram e seguiram em direção à casa de [redacted]. Pai de [redacted], eles arrombaram a porta e pontapé e gritaram que eram policiais. Todos acordaram assustados, inclusive as crianças. Os criminosos, após identificar os quatro filhos de [redacted] disseram: "É esse aqui, vamos levá-lo".

Os apelos de [redacted] e dos seus familiares para que parasse a sua vida foram em vão. "Ele vai pagar com a vida a dívida que causou", teria dito um dos assassinos. Sabendo que iria morrer, o rapaz, em prantos, implorou aos irmãos: "Pelo amor de Deus, cadêtem bem do meu filho". Depois, os familiares de [redacted] ouviram alguns dis-

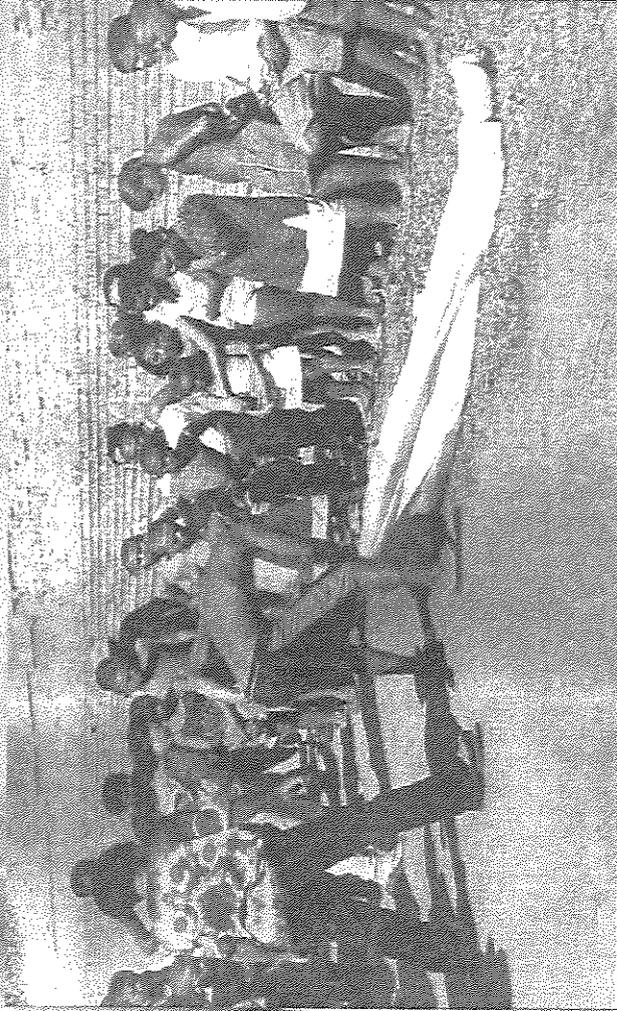
paros, mas, aterrorizados, se movimentaram dentro de casa. As primeiras horas da manhã de ontem, os parentes de [redacted] encontraram a seu corpo nos fundos da Escola Anita Barbadão, situado no bairro, a poucos metros da casa.

Policiais foram ao 7º Delegacia não reconheceram a vítima por passagem naquela unidade. O chefe do Serviço de Investigações, [redacted], revelou que um irmão da vítima tem entrada no 7º DP acusado de assalto. Messores do local, que não quiseram se identificar, denunciaram [redacted] por telefone, dizendo que ele era envolvido com o tráfico de drogas. Os policiais suspeitam que o crime teria sido motivado por uma dívida de tóxico.

### Cofetes

Os policiais descartaram a hipótese de que os matadores estivessem usando cofete da Polícia Civil. "Não, acreditamos nessa versão", comentou um agente. Apesar da greve da polícia balança, iniciada ontem, agentes da 7ª DP iniciaram as investigações, visando identificar os assassinos. "Para o reconhecimento dos matadores, é necessário que os familiares da vítima falem a verdade sobre [redacted]. Não adianta esconder nada, dizendo que os criminosos usavam cofete da Polícia Civil", argumentou Portela.

Dezenas de curiosos, principalmente crianças, foram ver o corpo de [redacted] que foi coberto por um lençol. Peritos do Departamento de Polícia Técnica detectaram perfurações de bala nas costas, rosto e pescoço da vítima. Ao fazer do corpo, os peritos recolheram algumas capotas de fígado e gradas de pistola tipo PT 380 [redacted] e [redacted], fabricada.



Tráfego sobre o corpo de Daniel, com um lençol, observado por moradores da Baixa do Areal

## Traficantes disputam espaço

A vida dos moradores do Nordeste de Amaralina, Santa Cruz e Vale dos Pedrinhas é marcada por tragédias provocadas pela guerra de quadrilhas, que disputam espaço pelo controle do tráfico de drogas. São dezenas de mortos e feridos, a maioria pessoas inocentes, que acabam vítimas de balas perdidas durante os confrontos armados entre bandos rivais.

No último segunda-feira, o bisneto Edvaldo Queiroz dos Santos, 54 anos, foi atingido por uma bala perdida no pescoço, quando almoçava, na porta de sua residência, na Rua Margari-

da, no Areal do Nordeste. Ele morreu a caminho do Hospital Geral do Estado. A bala foi disparada por um dos membros das duas quadrilhas que trocavam tiros, naquele momento, no Areal.

Segundo informações não confirmadas pela polícia, a troca de tiros, começou quando as duas quadrilhas se encontraram acidentalmente. Uma delas retornava da Rua 11 de novembro, depois de tentar assassinar um adolescente, que foi socorrido em estado grave para o HGE.

Na noite daquele mesmo dia, outras três pessoas baleadas chegaram entrado no Setor de Emergência do HGE, vítimas de disparo de armas de fogo.

A guerra entre as quadrilhas nasce de uma rixa entre membros de diferentes ruas, distritos e bairros. A rivalidade aumentou com a chegada das drogas e a briga passou a ser pelo controle do tráfico na região. Segundo informações de investigadores do 7º Delegacia (Rio Vermelho), a disputa envolveria três quadrilhas, sediadas nas Ruas Ipiranga, Boqueirão e Castanha.

## ANEXO D – MÃE DIALUNDA E DALVA TRABALHANDO



## ANEXO E – FAMÍLIA DE MÃE DIALUNDA



Mãe Dialunda e netos.



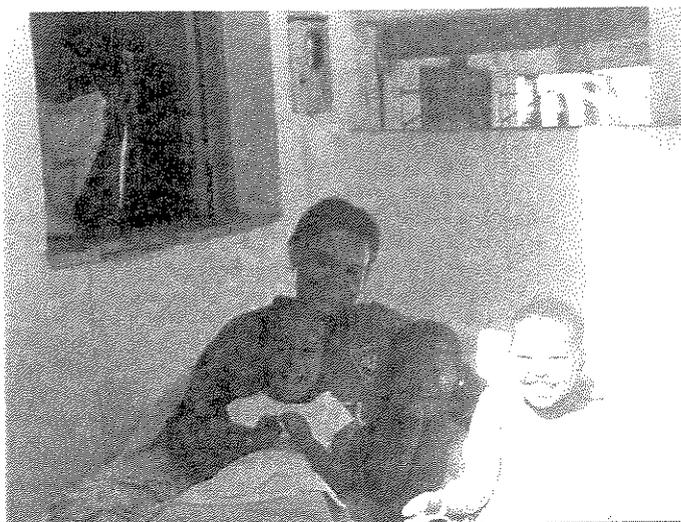
Sentados, da esq. para a dir.: Ângela, Kendra, Pedro A., Vilma, Kely, Dialunda e Alexandre. Em pé: Luís Eduardo, Orlando e Dalva.



Na parte superior, da esq. para a dir.: Nívea, Pedro A., Kely, Gabriela e Dalva. Na parte inferior, da esq. para a dir.: Alexandre, Ângela, Orlando, Luís Eduardo, Vilma e Dialunda.



Nívea e sua filha Vilma.



Carla e seus filhos: Caio, Roberto e Eric.

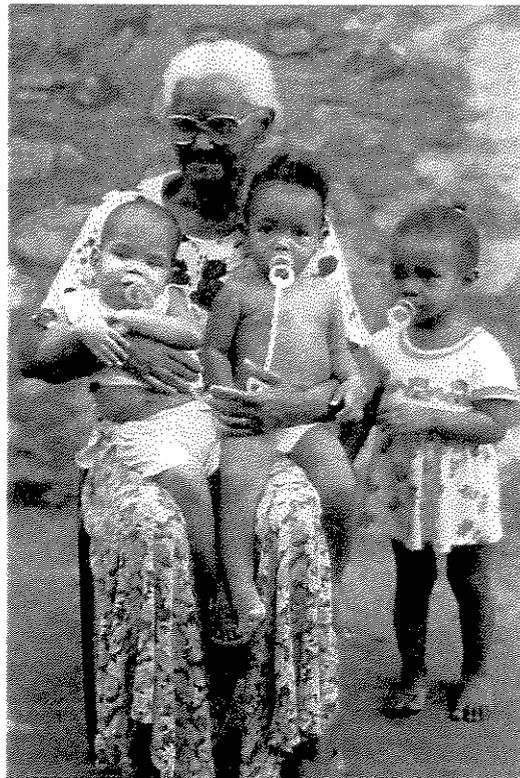


Dalva e seus filhos: Alexandre, Orlando, Ângela e Kely.

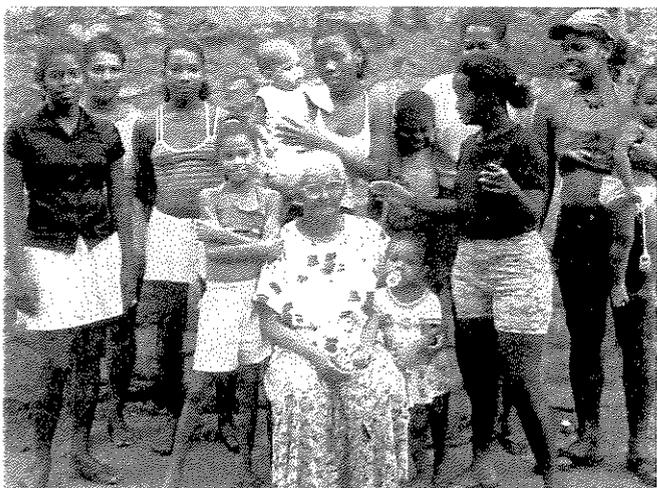
## ANEXO F – FAMÍLIA DE D. CIDA



Em pé, da esq. para a dir.: Gilson, um vizinho, Lídia, Neneca (com Paulinha no colo), Renata (à frente das duas), Tatiana, Leandra (com um bebê no colo), Lia, Maurício, André, Dina, Doca e Lú. D. Cida aparece sentada à frente. William agachado.



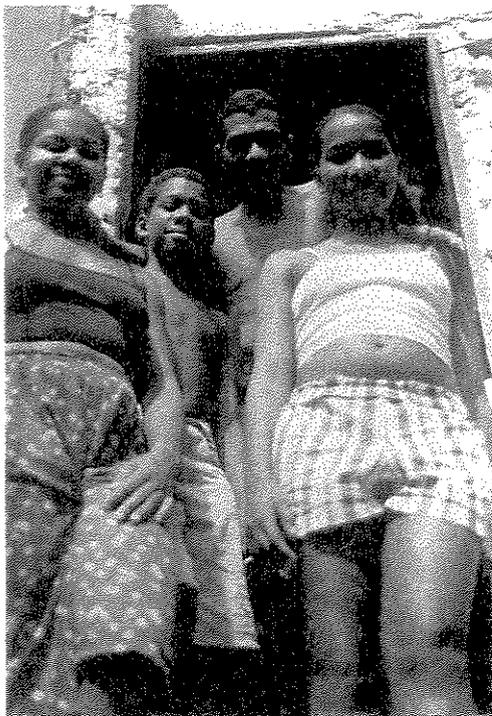
D. Cida com Mário e Paulinha no colo e Láisa ao seu lado.



Ao fundo, da esq. para a dir.: Lídia, a mãe de Mariana, Renata, Michele (com Mário no colo), William, Neneca, Lia (com Paulinha no colo). Na frente, da esq. para a dir.: Tatiana, D. Cida, Láisa e Lú.



Em pé, da esq. para a dir.: uma vizinha, Renata, Neneca, Lú, Maurício, Leandra (com Paulinha no colo) e Doca. Sentados: Tatiana (segurando Láisa), Roson, André e D. Cida.



Na casa de cima, da esq. para a dir.: Dina, Maurício, Doca e Renata.



Da esq. para a dir.: Gilson, Neneca, D. Cida, Dina e Doca.

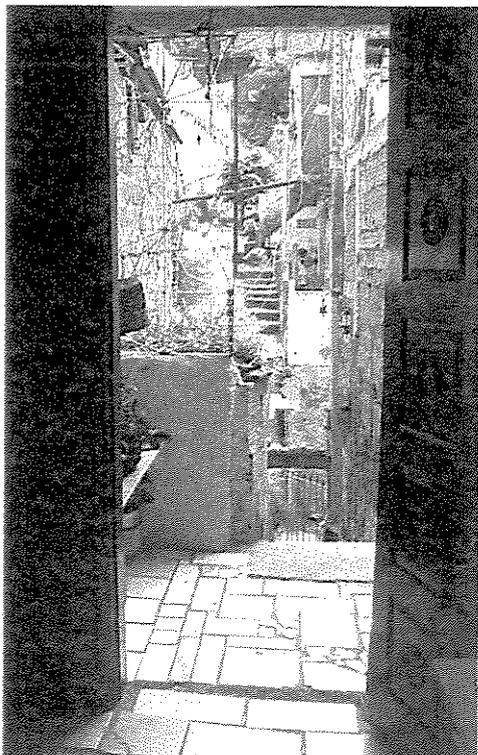


Em pé ao fundo, da esq. para a dir.: Renata, Lédia, Lia, Maurício, Lú e Cleonaldo. À esq. de D. Cida, Tatiana, à sua dir., William. As crianças: Paulinha, Mário e Laísa.



Na casa de baixo: na porta à dir., Neneca e Lú (de costas), ao pé da escada de Dina, Renata.

## ANEXO G – SALAS DA CASA DE DINA



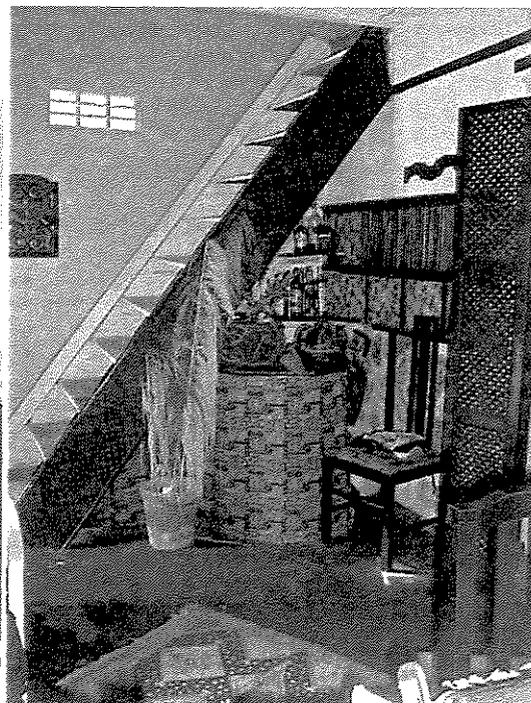
Vista para a rua da entrada da casa de Dina.



Dina entre a sala de jantar (ao fundo) e a de estar (à frente).



Sala de estar com quadro representando a morte de D. Cida (um eclipse) ao fundo.



Bar e acesso ao 1º andar da casa de Dina.